



DEIXA
ELA
ENTRAR

JOHN AJVIDE LINDQVIST

GLOBOLIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Deixa ela entrar

Deixa ela entrar

John Ajvide Lindqvist

Tradução do sueco
Marisol Santos Moreira

GLOBALIVROS



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Copyright © 2004 John Ajvide Lindqvist
Copyright da tradução © 2012 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com Ordfront Förlag (Estocolmo)
e Leonhardt & Høier Literary Agency A/S (Copenhague).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original: *Låt den rätte komma in*

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editor responsável Camila Saraiva
Assistente editorial Lucas de Sena Lima
Tradução Marisol Santos Moreira
Preparação Silvia Massimini Felix
Revisão Erika Nakahata e Carmem T. S. Costa
Capa, fotomontagem da capa e projeto gráfico retina78
Crédito da epígrafe da página 187 trecho de *Romeu e Julieta*,
tradução de Bárbara Heliodora. © Pepeeeme Traduções e Serviços Ltda, gentilmente cedido pelas
Empresas Ediouro Publicações.
Editor Digital, Erick Santos Cardoso
Produção para ebook, S2 Books

1ª edição, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindqvist, John Ajvide

Deixa ela entrar / John Ajvide Lindqvist; tradução do sueco de Marisol Santos Moreira. São Paulo: Globo, 2012.
2.615 kb; ePUB

Título original: *Låt den rätte komma in*
ISBN 978-85-250-5294-0

1. Ficção sueca I. Título.

12-07143

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura sueca 839.73

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 – 05346-902 – São Paulo – Brasil

www.globolivros.com.br

Para Mia, minha Mia

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Primeira Parte](#)

[Quarta-feira, 21 de outubro de 1981](#)

[Quinta-feira, 22 de outubro](#)

[Sexta-feira, 23 de outubro](#)

[Sábado, 24 de outubro](#)

[Segunda Parte](#)

[Quarta-feira, 28 de outubro](#)

[Quinta-feira, 29 de outubro](#)

[Sexta-feira, 30 de outubro](#)

[Sábado, 31 de outubro](#)

[Terceira Parte](#)

[Quinta-Feira, 5 de Novembro](#)

[Sábado, 7 de novembro](#)

[Sábado, 7 de novembro \(noite\)](#)

[Sábado, 7 de novembro \(madrugada\)](#)

Quarta Parte

Domingo, 8 de novembro

Domingo, 8 de novembro (noite)

Domingo, 8 de novembro (noite/madrugada)

Segunda-feira, 9 de novembro

Quinta Parte

Segunda-feira, 9 de novembro

Terça-feira, 10 de novembro

Quarta-feira, 11 de novembro

Quinta-feira, 12 de novembro

Epílogo

O LUGAR

Blackeberg.

Faz a gente pensar em trufas de coco, talvez em drogas. No filme *Ett anständigt liv*. [1] Talvez em estação de metrô, em subúrbio. Depois não há muito mais em que pensar. Existe gente que mora ali, assim como em outros lugares. É por isso que Blackeberg foi construída; para as pessoas terem um canto para morar.

Não é um lugar que foi crescendo naturalmente, não mesmo. Aqui tudo estava dividido em unidades desde o início. As pessoas tiveram de se mudar para o que já existia ali. Edifícios de cimento em tons terra, jogados no meio do verde.

Quando essa história acontece, faz trinta anos que Blackeberg existe como lugar. A gente poderia imaginar um espírito pioneiro. Mayflower; uma terra desconhecida. O.k. Imaginar as casas desabitadas esperando por seus moradores.

E lá vêm eles!

Marchando pela ponte de Traneberg com o brilho do sol e os sonhos no olhar. O ano é 1952. As mães carregam seus filhos nos braços ou em carrinhos de bebê, levam-nos pela mão. Os pais não trazem enxadas nem pás, mas sim eletrodomésticos e móveis funcionais. Provavelmente cantam alguma coisa. “A Internacional”, talvez. Ou “Se vi gå upp till Jerusalem”, [2] dependendo da preferência.

A coisa é grande. É nova. É *moderna*.

Mas, na verdade, não foi bem assim.

Eles chegaram de metrô. Ou de carro, camionetes de mudança. Um de cada vez. Entraram aos poucos nos apartamentos prontos e trouxeram coisas. Organizaram tudo em divisórias e prateleiras pré-fabricadas,

deixaram os móveis alinhados no piso de linóleo. Compraram coisas novas para preencher os espaços vazios.

Quando tudo estava pronto, levantaram os olhos e contemplaram a terra que lhes foi concedida. Saíram dos prédios e descobriram que toda a terra já estava aberta e revolvida. Era só se sujeitar ao que havia ali.

Havia um centro. Havia parques enormes para as crianças. Havia amplas áreas verdes bem ao lado. Havia muitas calçadas.

Um lugar bom. As pessoas diziam isso umas às outras à mesa da cozinha mais ou menos um mês depois da mudança.

— Viemos para um lugar bom.

Só *uma* coisa estava faltando. Uma história. No colégio, as crianças não podiam fazer nenhum trabalho escolar sobre o passado de Blackeberg, já que tal passado não existia. Não, mintu. Havia a história de um moinho. De um grande industrial do rapé. Construções antigas e estranhas lá embaixo no lago. Mas isso aconteceu muito tempo atrás e não tem nenhuma relação com o presente.

No lugar onde está agora o prédio de três andares, antes era só mato.

As pessoas estavam fora de alcance dos mistérios do passado; nem sequer tinham uma igreja. Um lugar com dez mil habitantes sem uma igreja.

Isso diz algo sobre a modernidade e a racionalidade do lugar. Isso diz algo sobre o quanto se estava livre dos fantasmas e do terror da história.

Isso explica em parte o quanto se estava despreparado.

Ninguém viu quando eles se mudaram.

Quando a polícia finalmente conseguiu localizar, em dezembro, o motorista que levou a mudança, ele não tinha muito o que contar. Em seus registros de 1981, lia-se apenas: “*Dia 18 de outubro: Norrköping para Blackeberg (Estocolmo)*”. Lembrou que eram um homem e sua filha, uma graça de menina.

— Ah, espere... Eles não trouxeram quase nada. Um sofá, uma poltrona, uma cama. Serviço fácil, nesse sentido. E... bem, eles queriam que a mudança fosse de madrugada. Eu disse que ficaria muito mais caro com o adicional noturno. Mas não teve problema. Era só a gente fazer de madrugada. Isso é o que importava. Aconteceu alguma coisa?

O motorista da mudança ficou sabendo do que se tratava, quem ele levava no caminhão. Arregalou os olhos e viu suas anotações.

— Caramba...

Sua boca se contorceu numa careta, como se ele tivesse ficado com nojo da própria caligrafia.

Dia 18 de outubro: Norrköping para Blackeberg (Estocolmo).

Havia sido ele quem levava os dois. O homem e a menina.

Ele não ia contar pra ninguém. Nunca.

PRIMEIRA PARTE

Feliz daquele que tem
um amigo como esse

*Problemas de amor
causam muita dor,
rapazes!*

Siw Malmkvist,
“Kärleksgrubbel”

*I never wanted to kill, I am not naturally evil
Such things I do
Just to make myself more attractive to you
Have I failed?*

Morrissey,
“The last of the famous international playboys”

Quarta-feira, 21 de outubro de 1981

— E isso aqui, o que vocês acham que é?

Gunnar Holmberg, comissário da polícia de Vällingby, segurava no alto um saquinho plástico contendo um pó branco.

Talvez heroína, mas ninguém arriscava dizer alguma coisa. Ninguém queria parecer suspeito de conhecer esse tipo de coisa. Especialmente se tivesse um irmão ou um amigo do irmão que mexesse com isso. Que injetasse heroína. Até mesmo as meninas estavam caladas. O policial sacudiu o saquinho.

— Será que é fermento em pó? Farinha?

Um burburinho dizendo que não. O policial não podia sair dali achando que a turma do 6º ano B era um bando de idiotas. É verdade que era impossível afirmar o que havia no saquinho, mas a lição era sobre drogas, então dava para tirar certas conclusões. O policial se virou para a professora.

— O que a senhora ensina na aula de economia doméstica?

A professora sorriu e encolheu os ombros. A turma caiu na risada; o policial era legal. Alguns dos meninos tinham até tocado em seu revólver antes do início da aula. Não estava carregado, é verdade, mas ainda assim...

O peito de Oskar fervia. Sabia a resposta da pergunta. Doía-lhe não falar quando *sabia*. Queria que o policial olhasse para ele. Olhasse e lhe dissesse algo depois que ele desse a resposta correta. Era uma burrice fazer isso, Oskar sabia, mas mesmo assim levantou a mão.

— Diga.

— É heroína, não é?

— É, sim. — O policial olhou para ele com simpatia. — Como você adivinhou?

Todos se viraram em sua direção, curiosos com o que ele iria dizer.

— Bem, é que... eu leio muito, só isso.

O policial balançou a cabeça, aprovando.

— Isso é bom. Ler. — Ele sacudiu o saquinho plástico. — Não se tem muito tempo para leituras quando se toma isso aqui. Quanto será que custa um desses, o que vocês acham?

Oskar não precisava dizer mais nada. Recebera o olhar e a atenção que queria. Até pôde dizer para o policial que lia muito. Era mais do que tinha esperado.

Sonhou acordado. Com o policial que ia em sua direção depois da aula e estava interessado nele, sentava-se ao seu lado. Então ele contaria tudo. E o policial entenderia. Faria um afago em seu cabelo e diria que ele era um menino bom; abraçaria Oskar e diria...

— Dedo-duro de uma figa.

Jonny Forsberg cutucou Oskar de lado com o dedo. O irmão de Jonny andava com uma turma que usava drogas e Jonny sabia um monte de palavras que os outros garotos da turma aprendiam rapidamente. Jonny provavelmente sabia o valor *exato* daquele saquinho, mas não dedurava. Não ficava de papo com policial.

Era hora do intervalo e Oskar parou perto de onde os casacos estavam pendurados, indeciso. Jonny queria bater nele — qual seria o melhor jeito de escapar? Ficar no corredor ou ir para fora? Jonny e os outros saíram em disparada para o pátio da escola.

Isso; o policial ficaria com a viatura no pátio e aqueles que tivessem interesse podiam olhá-la de perto. Jonny não ousaria ir para cima dele enquanto o policial estivesse ali.

Oskar desceu para a entrada da escola e olhou pela vidraça. Toda a turma estava, como ele tinha previsto, em volta da viatura. Oskar também queria estar ali, mas nem pensar. Alguém daria uma joelhada nele, outro puxaria sua cueca para cima, que ficaria enfiada bem no meio da bunda, com polícia ou sem polícia.

Mas de qualquer forma ele teve uma prorrogação, nesse intervalo das aulas. Foi para o pátio da escola e deu a volta, indo discretamente para os fundos do prédio, até o banheiro.

Lá dentro Oskar aguçou os ouvidos e tossiu, limpando a garganta. O som ecoou entre os sanitários. Rapidamente, tirou da cueca a Bola do Mijo, um pedaço de espuma do tamanho de uma tangerina que ele cortara de um colchão velho, com um furo para enfiar o pênis. Cheirou a espuma.

É, ele já tinha se mijado um pouco. Oskar lavou a espuma debaixo da torneira e a torceu, tirando dela o máximo de água.

Incontinência. Era esse o nome. Havia lido sobre isso num folheto informativo que pegara escondido na farmácia. Era mais um problema de mulher velha.

E meu.

Havia paliativos à venda, estava escrito no folheto, mas ele *não* usaria a mesada para passar vergonha na farmácia. E não ia de jeito nenhum contar isso para a mãe; ela sentiria tanta pena dele que Oskar ia ficar doente.

Ele tinha a Bola do Mijo e ela funcionava, contanto que a coisa não piorasse.

Passos lá fora, vozes. Com a bola apertada na mão, Oskar deslizou para dentro de um sanitário e se trancou ali, ao mesmo tempo que a porta do banheiro se abriu. Ele subiu sem fazer barulho na tampa do vaso e se encolheu, de forma que os pés não aparecessem caso alguém olhasse por debaixo da porta. Tentou não respirar.

— Pooorco?

Jonny, é claro.

— Porco, você está aí?

E Micke. Os piores. Não, Tomas era mais sacana, mas quase nunca participava quando havia socos e arranhões. Esperto demais para isso. Provavelmente estava puxando o saco do policial agora. Se a Bola do Mijo fosse descoberta, seria Tomas quem realmente se aproveitaria disso para humilhá-lo durante um bom tempo. Jonny e Micke dariam um soco e pronto. De certa forma, ainda bem que...

— Porco? A gente *sabe* que você está aqui.

Eles sentiram a porta. Sacudiram a porta. Golpearam a porta. Oskar passou os braços em volta dos joelhos e trincou os dentes para não gritar.

Saiam daqui! Deixem-me em paz! Por que vocês não me deixam em paz?

Agora Jonny falou com voz de veludo.

— Ô, porquinho, se você não sair daí agora a gente vai ter que te pegar depois da escola. É isso que você quer?

O banheiro ficou em silêncio por um instante. Oskar respirou com cuidado.

Eles atacaram a porta com chutes e socos. Foi um estrondo e o trinco envergou para dentro. Ele devia abrir, ir até eles antes que ficassem zangados demais, mas não conseguia.

— Pooorco?

Ele tinha levantado a mão, afirmado que existia, que podia alguma coisa. Isso era proibido. Para ele. Eles inventavam um monte de desculpas para justificar por que Oskar precisava ser torturado; era gordo demais, feio demais, nojento demais. Mas o problema verdadeiro era o simples fato de ele existir, e cada lembrança da sua existência era um crime.

Provavelmente eles só iriam “batizá-lo”. Enfiar a cabeça dele no vaso e puxar a descarga. Independentemente do que fossem aprontar, sempre era um grande alívio quando tudo terminava. Mas por que Oskar não levantava o trinco, que se abria de qualquer jeito, e deixava que eles se divertissem?

Olhou para o trinco que se dobrou e saiu do gancho produzindo um estalo, olhou para a porta que se escancarou batendo na parede do sanitário, para o sorriso triunfante na cara de Micke Siskov, e ele sabia.

Porque o jogo não era assim.

Ele não levantara o trinco e eles não tinham pulado para dentro do sanitário em três segundos porque as regras do jogo não eram assim.

O êxtase do caçador era deles, o pavor da vítima era de Oskar. Uma vez que ele fosse capturado, a diversão se acabava e a punição em si era mais uma obrigação a ser cumprida. Se Oskar desistisse cedo demais, havia o

risco de eles colocarem toda a energia deles na punição, e não na caça. E isso seria pior.

A cabeça de Jonny Forsberg apareceu.

— Escute aqui, você precisa abrir a tampa do vaso pra cagar. Agora grite que nem um porco.

Oskar gritou que nem um porco. Fazia parte. Se ele gritasse como um porco, às vezes eles podiam deixar a punição de lado. Ele se esforçou mais que o normal, com medo de que durante a punição eles o obrigassem a abrir a mão e, com isso, descobrissem seu segredo nojento.

Ele franziu o nariz imitando um focinho de porco, grunhiu e gritou, grunhiu e gritou. Jonny e Micke riam.

— Porra, porco. Mais.

Oskar continuou. Apertou os olhos e continuou. Cerrou tanto os punhos que as unhas entraram nas palmas das mãos. Continuou. Grunhiu e berrou até sentir um gosto estranho na boca. Então parou. Abriu os olhos.

Eles tinham ido embora.

Oskar continuou sentado, encolhido em cima da tampa do vaso, olhando para o chão. Uma mancha vermelha no ladrilho embaixo dele. Enquanto olhava, caiu no chão mais uma gota de sangue do seu nariz. Ele arrancou um pedaço de papel higiênico do rolo e tapou o nariz.

Isso acontecia quando ele ficava com medo. Seu nariz começava a sangrar, assim, sem mais nem menos. Isso ajudava em algumas ocasiões quando eles iam lhe bater, pois desistiam ao ver que ele já estava sangrando.

Oskar Eriksson estava sentado todo encolhido com um pedaço de papel numa das mãos e a Bola do Mijo na outra. Sangrando e se mijando, falando demais. Vazando por todos os buracos do corpo. Não demoraria muito e também começaria a se borrar nas calças. Porco.

Ele se levantou e saiu do banheiro. Deixou a mancha de sangue onde estava. Tomara que alguém veja a mancha, que fique pensando nela. Que ache que alguém foi morto aqui, já que alguém *tinha sido* morto aqui. Pela centésima vez.

Håkan Bengtsson — um homem de quarenta e cinco anos com um começo de barriga protuberante, os cabelos rareando e domicílio desconhecido para as autoridades — estava no metrô olhando lá fora pela janela, estudando aquilo que seria seu novo lar.

Um pouco feio, é verdade. Norrköping era uma cidade mais bonita. Mesmo assim, esses subúrbios da parte oeste não se pareciam em nada com os subúrbios de Estocolmo que ele vira na tv; Kista, Rinkeby e Hallonbergen. Este aqui era diferente.

“próxima estação: räcksta.”

Um pouco mais arredondado, mais suave. Embora aqui houvesse um arranha-céu de verdade.

Ele esticou o pescoço para ver até o andar mais alto do complexo de salas comerciais da empresa Vattenfall. Não podia se lembrar de um edifício desse tipo em Norrköping. Mas também nunca estivera no centro da cidade.

Era na próxima estação que ele saltaria, não era? Olhou para o mapa das conexões do metrô colado nas portas. Isso. Era na próxima.

“cuidado com as portas. elas serão fechadas.”

Será que alguém estava olhando para ele?

Não, havia bem poucas pessoas no vagão, todas concentradas em seus jornais. Amanhã trariam notícias sobre ele.

Seus olhos pousaram num cartaz de anúncio de roupa íntima. Uma mulher numa pose provocante de calcinha de renda e sutiã. Um absurdo. Por toda parte pele desnuda. Como é que se permitia uma coisa dessas? O que isso fazia com a cabeça das pessoas, com o amor?

As mãos de Håkan tremiam e ele as repousou sobre as pernas. Estava extremamente nervoso.

— *Será que não existe mesmo um outro jeito?*

— *Você acha que eu ia submetê-lo a isso se houvesse outro jeito?*

— *Não, mas...*

— *Não existe nenhum outro jeito.*

Nenhum outro jeito. Restava apenas fazer. E fazer direito. Ele consultara o mapa no catálogo telefônico e escolhera uma área verde que provavelmente servia, depois arrumou a bolsa e partiu.

Arrancara o logotipo da Adidas com a faca que agora estava na bolsa entre seus pés. Isso foi uma das coisas que deram errado em Norrköping. Alguém se lembrou da marca da bolsa e depois a polícia a encontrou num contêiner onde Håkan a jogara, não muito longe do apartamento deles.

Hoje ele levaria a bolsa para casa. Devia cortá-la, fazê-la em pedacinhos, jogar tudo no vaso e dar descarga. Era assim que se fazia?

Como é que se costuma fazer?

“parada final para todos os passageiros.”

O metrô vomitou sua carga e Håkan seguiu os outros com a bolsa na mão. Ela pesava, embora a única coisa ali dentro que tinha algum peso fosse o cilindro de alta pressão. Ele se esforçou para andar normalmente, não como um homem a caminho da própria execução. Não devia chamar a atenção das pessoas.

Mas as pernas pareciam chumbo, queriam se fundir com a estação. E se ele apenas ficasse ali? E se ficasse imóvel, não movesse nenhum músculo e não saísse dali? Esperasse que a madrugada viesse, que alguém o notasse, telefonasse para... alguém que iria buscá-lo. Que o levaria para outro lugar.

Continuou andando num ritmo normal. Perna direita, perna esquerda. Não podia falhar. Coisas terríveis aconteceriam se ele falhasse. O pior que se podia imaginar.

Lá em cima, nas catracas, olhou ao redor. Seu senso de orientação espacial era ruim. Para que lado estava a área do bosque? É claro que ele não podia perguntar a ninguém. Tinha que arriscar. Ande, acabe logo com isso. Perna direita, perna esquerda.

Deve haver outro jeito.

Mas ele não conseguia pensar em nada. Havia certas condições, certos *critérios*. Essa era a única maneira de obedecê-los.

Håkan fizera isso duas vezes, e nas duas não fizera direito. Em Våxjö foi menos grave, mas ruim o suficiente para que eles fossem obrigados a se mudar. Hoje ele faria tudo certinho, e seria muito elogiado.

Carícias, talvez.

Duas vezes. Ele já estava condenado. Que importância tinha uma terceira vez? Nenhuma. A punição da sociedade provavelmente seria a mesma. Prisão perpétua.

E a punição moral? Quantas voltas com a cauda, rei Minos?

O caminho do parque mudava de direção mais à frente, onde o bosque começava. Deve ser o bosque que ele tinha visto no mapa. O cilindro de alta pressão e a faca esbarravam um no outro. Tentou carregar a bolsa sem sacudi-la.

Uma criança apareceu no caminho, à sua frente. Uma menina de uns oito anos voltando da escola, com a mochila batendo no quadril.

Não! Nunca!

Isso já era demais. Não com uma criança tão pequena. Melhor com ele mesmo, até cair duro no chão. A menina cantarolava alguma coisa. Ele apressou os passos para se aproximar dela, para poder ouvi-la.

*Du lilla solskjen som tittar in
igenom fönstret i stugan min... [3]*

As crianças *ainda* cantavam isso? Talvez a menina tivesse uma professora antiga. Que bacana que essa canção ainda existia. Ele queria ficar mais perto para ouvir melhor, tão perto a ponto de sentir o cheiro do cabelo da menina.

Diminuiu o passo. Não devia aprontar nada. A menina saiu do caminho do parque e continuou por uma trilha no bosque. Provavelmente morava nos prédios do outro lado. Como é que os pais a deixavam andar assim, totalmente sozinha? Era muito pequena.

Ele parou, deixou a menina ganhar distância e desaparecer no bosque.

Continue andando, menina. Não pare para brincar no bosque.

Ele esperou talvez por um minuto, ouviu um tentilhão cantando numa árvore ao lado. Depois foi atrás da menina.

Oskar voltava da escola para casa, com a cabeça pesada. Sentia-se pior quando conseguia escapar do castigo *deste* jeito: imitando porco ou qualquer outra coisa. Pior do que se tivesse sido castigado. Ele sabia que era assim, entretanto não conseguia aceitar o castigo quando a hora chegava. Era melhor se rebaixar e fazer qualquer coisa. Zero de orgulho.

Robin Hood e o Homem-Aranha tinham orgulho. Se Sir John ou Doutor Octopus lhes pusessem numa situação difícil, eles cuspiam na cara do perigo mesmo que não houvesse nenhuma chance de escapar.

Mas o que o Homem-Aranha sabia, afinal de contas? Já que *mesmo assim* ele sempre conseguia escapar, apesar de ser impossível. Ele era um personagem de história em quadrinhos e precisava sobreviver para o próximo número. Tinha os poderes de aranha; Oskar, o grunhido de porco. Qualquer coisa servia para sobreviver.

Oskar precisava de consolo. Teve um dia de cão e agora teria a compensação. Apesar do risco de encontrar Jonny e Micke, foi para o centro de Blackeberg, até o supermercado Sabis. Arrastou-se pela rampa em zigue-zague em vez de subir as escadas. Juntava forças. Precisava ficar calmo, não suar.

Tinha sido pego uma vez por pequenos furtos no Konsum, um ano atrás. O segurança quis ligar para a mãe de Oskar, mas ela estava no trabalho e o menino não sabia o número de lá, não sabia, de jeito nenhum. Durante uma semana, Oskar ficara agoniado a cada toque do telefone, mas em vez disso veio uma carta, endereçada à sua mãe.

Uma idiotice. Até dava para ler “Polícia da Província de Estocolmo” no envelope, e naturalmente Oskar abriu a carta, leu sobre seus crimes, falsificou a assinatura da mãe e enviou a correspondência de volta para confirmar que tinha lido. Talvez covarde, mas burro, não.

Sobre ser covarde. Será que era uma covardia o que ele estava fazendo agora? Encher os bolsos do casaco de chocolates Dajm, Japp, Coco e Bounty. Para finalizar, um saco de balas entre a barriga e o cós das calças. Foi ao caixa e pagou por um pirulito Dumle.

No caminho de casa, andou com a cabeça erguida e passos leves. Ele não era o porco em quem todo mundo queria bater, era o Grande Ladrão que desafiava os perigos e sobrevivia. Podia enganar todos eles.

Depois de cruzar a entrada do pátio do prédio, Oskar estava seguro. Nenhum dos seus inimigos morava no pátio, um círculo irregular no interior do círculo maior da Ibsengatan. Uma fortaleza em dobro. Aqui ele se sentia em segurança. Aqui nesse pátio nada de ruim jamais lhe acontecera. No geral.

Aqui ele crescera e aqui tivera amigos antes de entrar na escola. Foi só no quinto ano que Oskar começou a ser excluído de verdade. Quando o quinto ano estava acabando, foi nomeado o bobalhão da turma e isso contagiou até mesmo colegas que não eram da sua turma, que telefonavam cada vez menos chamando-o para brincar.

Também foi nessa época que Oskar começou com o álbum de recortes. Aquele que estava em casa e com o qual ele iria se deliciar agora.

Vruuum!

Um zunido e alguma coisa bateu em seus pés. Um carrinho vermelho- -escuro movido a controle remoto deu ré para longe, virou-se e subiu a ladeira em direção à porta do prédio de Oskar em alta velocidade. Atrás das urzes à direita da entrada do pátio estava Tommy com uma antena comprida despontando da barriga; ele riu.

— Peguei você de surpresa, não foi?

— Ele anda bem rápido.

— É. Quer comprar?

— ... quanto?

— Trezentos.

— Não dá. Não tenho.

Tommy chamou Oskar com o indicador, deu meia-volta no carro na ladeira e fez o brinquedo descer numa velocidade de carro de corrida. O carrinho parou derrapando na frente dos seus pés, e Tommy apanhou o brinquedo, deu uma batidinha nele e disse em voz baixa:

— Custa novecentos na loja.

— É.

Tommy olhou para o carro, em seguida olhou para Oskar de cima a baixo.

— Duzentos, vai? Olhe aí, está novinho em folha.

— É, ele é bem bonito, mas...

— Mas?

— Não.

Tommy balançou a cabeça aceitando, pôs o carrinho no chão de novo e comandou o brinquedo para o meio dos arbustos de forma que as rodas grandes e cheias de protuberâncias sacudiram. Deixou o brinquedo dar a volta no lugar onde se limpavam tapetes, ir para a rua e depois subir a ladeira.

— Posso provar?

Tommy olhou para Oskar, pensando se ele merecia ou não, depois entregou o controle remoto e apontou para o lábio superior do menino.

— Levou porrada? Você está com sangue. Aqui.

Oskar passou o indicador no lábio, uns pontinhos marrons ficaram agarrados.

— Não, eu só...

Era melhor não contar. Não adiantava nada. Tommy era três anos mais velho. Durão. Só aconselharia que ele revidasse e Oskar diria “claro”, e o único resultado seria cair ainda mais no conceito de Tommy.

Oskar comandou o carrinho durante um tempo e depois ficou olhando enquanto Tommy dirigia. Desejou ter duzentos contos para que pudessem fazer *negócio*. Fazer algo juntos. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e sentiu os doces.

- Quer um Dajm?
- Não, não gosto de Dajm.
- E um Japp?

Tommy tirou os olhos do controle remoto e sorriu.

- Você tem os dois?
- Tenho.
- Surrupiou?
- ... é.
- O.k.

Tommy abriu a mão e Oskar pôs nela um Japp, que Tommy enfiou no bolso de trás do jeans.

- Obrigado. Tchau.
- Tchau.

Chegando em casa, Oskar esparramou todos os doces na cama. Começaria com o chocolate Dajm para então comer os pedaços duplos e arremataria com um Bounty, o favorito dele. Depois as balas, que limpavam a boca.

Oskar arrumou os doces fazendo no chão uma fileira que acompanhava a cama, na ordem em que seriam comidos. Na geladeira, achou uma cola-cola pela metade com um pedaço de papel-alumínio tapando o gargalo, obra da sua mãe. Perfeito. Ele gostava *mais* de coca-cola meio sem gás, especialmente com doces.

Tirou o papel-alumínio e depositou a garrafa no chão ao lado dos doces, deitou-se de barriga para baixo na cama e examinou a estante de livros. Uma coleção quase completa da série *A hora do arrepio*, completada aqui e ali com *Suspense da hora do arrepio*.

A maior parte da coleção era composta de duas sacolas de papel com livros que Oskar comprara por duzentas coroas através de um anúncio no *Gula Tidningen*. Pegara o metrô para Midsommarkransen e seguira a descrição do caminho até encontrar o apartamento. O homem que abriu a porta era gordo, de tez amarelada e silvava ao falar. Felizmente ele não

convidou Oskar para entrar, apenas levou as sacolas com os livros para o corredor, recebeu as duzentas coroas com um aceno de cabeça, disse “Divirta-se” e fechou a porta.

Então Oskar ficou preocupado. Fazia meses que ele procurava pelos números antigos dessa série nos sebos de quadrinhos da Götgatan. Ao telefone, o homem dissera que se tratava justamente dos números antigos. Tudo foi fácil demais.

Assim que Oskar ficou fora da vista do homem, pôs as sacolas no chão e examinou o conteúdo. Não tinha sido enganado. Quarenta e cinco livros, do número 2 ao 46.

Essas revistas não estavam mais à venda. Só duzentos contos!

Não foi estranho ter ficado com um pouco de medo do homem. O que ele tinha acabado de fazer era nada mais nada menos que roubar o tesouro do duende.

Mesmo assim, elas não ganhavam do seu álbum de recortes.

Do esconderijo debaixo da pilha de revistas em quadrinhos, depois de ficar remexendo, ele tirou o álbum. O caderno em si era apenas um bloco grande de desenho que ele tinha surrupiado da loja Åhlens em Vällingby; saíra calmamente da loja com o bloco debaixo do braço, assim mesmo — quem disse que ele era covarde? —, mas o conteúdo...

Oskar abriu o Dajm, deu uma grande mordida, saboreando o crocante que dava pontadas nos dentes, e abriu o álbum. O primeiro recorte era da revista *Hemmets Journal*: a história de uma assassina nos Estados Unidos dos anos 1940. Ela conseguira envenenar catorze velhinhos com arsênico antes de ser presa, condenada e executada na cadeira elétrica. Ela pediu para ser executada com veneno, bastante lógico, mas o estado onde ela atuara utilizava a cadeira, e foi a cadeira o que se usou.

Este era um dos sonhos de Oskar: poder ver alguém sendo executado na cadeira elétrica. Ele havia lido que o sangue começava a ferver, que o corpo se retorcia em ângulos impossíveis. Imaginava também que os cabelos pegassem fogo, mas não tinha nenhuma confirmação disso por escrito.

Mesmo assim, era o máximo.

Ele continuou folheando. O próximo recorte era do jornal *Aftonbladet* e dizia respeito a um assassino sueco que desmembrava os corpos. Uma foto de passaporte ruinzinha. Parecia uma pessoa comum. Mesmo assim, matara dois michês homossexuais na sauna dele, cortara os corpos com uma serra elétrica e enterrara tudo atrás da sauna. Oskar comeu o último pedaço do Dajm e olhou de perto o rosto do homem. Uma pessoa comum.

Podia ser eu daqui a vinte anos.

Håkan encontrara um bom lugar para ficar de guarda, de onde tinha uma clara visão da trilha no bosque em ambas as direções. Mais no interior do bosque, descobriu uma baixada escondida no terreno com uma árvore no meio e deixou a bolsa com o equipamento ali. O cilindro de alta pressão com halotano estava pendurado numa correia debaixo do seu sobretudo.

Agora era só esperar.

*Jag ville också en gång bli stor
och så förståndig som far och mor*[\[4\]](#)

Ele não ouvia ninguém cantar essa canção desde a época de escola. Será que era Alice Tegnér? Vejam só quantas canções bonitas desapareceram, canções que ninguém mais cantava. Tudo de belo que desaparecera.

Não se respeitava o belo. Coisa característica da sociedade de hoje. As obras dos grandes mestres podiam no máximo ser usadas como referências irônicas ou para fazer parte de anúncios. Em *A criação de Adão* de Michelangelo, por exemplo, alguém pusera calças jeans no lugar da centelha da vida.

O sentido da obra, da forma como ele via, eram esses dois corpos monumentais que terminavam em dois indicadores que *quase, mas na realidade não* se tocavam. Havia um espaço vazio de um milímetro entre eles. E nesse espaço vazio: a Vida. A enormidade escultural desse afresco e

a riqueza de detalhes eram apenas uma moldura, uma obra secundária para acentuar ainda mais o vazio milimétrico no meio dela. O ponto vazio onde havia espaço para tudo.

E, no lugar dele, alguém pusera calças jeans.

Uma pessoa vinha pela trilha. Håkan se agachou, sentindo as batidas do coração nos ouvidos. Não. Um homem velho com um cachorro. Erro em dobro. Por um lado, um cachorro que ele tinha que aquietar; por outro, a qualidade ruim.

Muito grito por pouca lã, disse ele que cortou o pelo do porco.

Olhou o relógio. Dentro de duas horas seria noite. Se não viesse alguém que servisse dentro de uma hora, ele tinha que pegar o primeiro que aparecesse. Precisava estar em casa antes de escurecer.

O homem disse alguma coisa. Será que vira Håkan? Não, ele falava com o cachorro.

“Iiisso, como você estava *apertaaada*, minha filha. Quando a gente chegar em casa, vou te dar um pedaço de patê de fígado. Vai ganhar do papai uma bela fatia.”

O cilindro com halotano se espremeu contra o peito de Håkan quando ele enterrou a cabeça nas mãos e suspirou. Pobres seres humanos. Pobres seres humanos solitários num mundo sem beleza.

Håkan sentia frio. O vento esfriara de tarde: ia apanhar a capa de chuva da bolsa e vesti-la por cima da roupa para se proteger do vento. Não. Isso tiraria sua agilidade na hora em que precisava ser rápido. Além do mais, podia levantar suspeitas antecipadamente.

Passaram duas moças de uns vinte anos. Não. Não aguentava duas. Conseguir fisgar fragmentos da conversa.

— ... que ela não vai *tirá-lo* agora.

— ... é um palhaço. Ele precisa entender que...

— ... a culpa é dela, já que... não com anticoncepcional...

— Mas é que ele precisa...

— ... você pode imaginar... ele como pai...

Alguma colega que estava grávida. Um garoto que não assumia a responsabilidade. As coisas eram assim. O tempo todo. Todo mundo só pensava em si mesmo. *Minha* felicidade, *meu* sucesso, era só o que se ouvia. Amor é depositar nossa vida aos pés de outra pessoa, e isso os indivíduos de hoje são incapazes de fazer.

O frio penetrava em suas articulações, ele se atrapalharia seja lá de que jeito fizesse. Enfiou a mão no interior do casaco e apertou o gatilho do cilindro. Um chiado. Funcionava. Largou o gatilho.

Ficou mexendo com os braços para a frente e para trás a fim de se aquecer. Tomara que chegue alguém agora. Sozinho. Consultou o relógio. Mais meia hora. Tomara que chegue alguém agora. Em nome da vida e do amor.

*Mas eu quero no coração ser criança sempre
Pois às crianças o reino de Deus pertence.*

Já começara a anoitecer quando Oskar acabou de folhear o álbum inteiro. Comera todos os doces. Como sempre, depois de tanto doce, ele se sentia empanturrado e com a consciência pesada.

A mãe só chegava daqui a duas horas. Então iam jantar. Depois Oskar ia fazer o dever de inglês e de matemática. Em seguida ia ler um livro ou ver televisão com a mãe. Nada de especial na tv hoje à noite. Depois iam beber chocolate quente e comer pão doce, conversar um pouco. E aí ele ia se deitar e ter dificuldade de dormir de tão angustiado que ficava com o dia seguinte.

Se ele tivesse alguém para quem ligar... Oskar *podia*, é claro, ligar para Johan, esperar que ele não estivesse fazendo nada.

Johan era da sua classe e os dois se divertiam quando estavam juntos, mas, se houvesse uma alternativa, Oskar não era a escolha dele. Era Johan quem ligava para Oskar quando estava entediado, não o contrário.

O apartamento estava em silêncio. Não acontecia nada. As paredes de cimento se fechavam ao seu redor. Ele estava sentado na cama com as mãos no colo, o estômago pesado de doces.

Como se fosse acontecer alguma coisa. Agora.

Oskar prendeu a respiração e aguçou os ouvidos. Um pavor pegajoso foi tomando conta dele de mansinho. Alguma coisa se aproximava. Um gás incolor vazava das paredes, ameaçava tomar a forma de algo, engoli-lo. Ele estava petrificado, com a respiração suspensa e os ouvidos aguçados. Esperando.

O momento passou. Oskar voltou a respirar de novo.

Foi para a cozinha, bebeu um copo d'água e apanhou a maior faca que havia na barra magnética. Testou o gume na unha do polegar, como o pai tinha ensinado. Cega. Passou a faca no amolador algumas vezes e testou de novo. Uma lasca microscópica saiu da sua unha.

Agora sim.

Oskar enrolou o jornal em volta da faca fazendo uma bainha provisória, passou fita adesiva nele e pôs o embrulho entre o cós das calças e o lado esquerdo do quadril. Apenas o cabo apontava para fora. Tentou andar. A lâmina estava na frente da sua perna; ele virou a faca para baixo e a dispôs ao comprido da virilha. Desconfortável, mas dava.

No corredor, vestiu o casaco. Lembrou-se em seguida de todos os papéis de doces espalhados pelo chão do quarto. Juntou os papéis, amassou e enfiou tudo no bolso do casaco, no caso de a mãe chegar em casa antes dele. Podia deixar os papéis embaixo de alguma pedra no bosque.

Verificou mais uma vez para ver se não havia deixado nenhum vestígio.

A brincadeira começara. Ele era um *serial killer* temido. Cartorze pessoas já tinham sido mortas com sua faca afiada, isso sem deixar nem sequer uma pista. Nem mesmo um fio de cabelo, nenhum papel de doce. Ele era temido pela polícia.

Agora ia para o bosque à procura da próxima vítima.

Estranhamente, ele já sabia seu nome, que cara ela tinha. Jonny Forsberg, com o cabelo longo e os olhos grandes e maus. Ele precisaria implorar para ficar vivo, gritar como um porco, mas seria em vão. A faca dará a última palavra e o chão sorverá o sangue dele.

Oskar leu essas palavras num livro e gostou delas.

“O chão sorverá o sangue dele.”

Enquanto trancava a porta de casa e saía do prédio com a mão esquerda no cabo da faca, repetia a frase como se fosse um mantra.

O chão sorverá o sangue dele. O chão sorverá o sangue dele.

A entrada que Oskar usara para chegar ao pátio estava na ponta direita do seu bloco, mas ele pegou a esquerda, passou por dois prédios e pela abertura onde os carros podiam entrar. Saiu da parte interna da fortaleza. Cruzou a Ibsengatan e continuou descendo uma ladeira. Saiu da parte externa da fortaleza. Continuou em direção ao bosque.

O chão sorverá o sangue dele.

Era a segunda vez neste dia que Oskar se sentia quase feliz.

Faltavam apenas dez minutos para o prazo final estabelecido por Håkan, quando um garoto apareceu sozinho na trilha. De uns treze, catorze anos, segundo o que ele podia ver. Perfeito. Pensou em correr agachado para a outra ponta da trilha e ir ao encontro do escolhido.

Mas agora as pernas não queriam mesmo sair do lugar. O menino andava descontraído pela trilha e não havia muito tempo. A cada segundo que passava, diminuía a chance de que o desempenho fosse perfeito. Ainda assim, as pernas se negavam a se mexer. Ele ficou olhando paralisado enquanto o escolhido, o perfeito, seguia em frente, em breve na altura dele, bem à sua frente. Em breve tarde demais.

Preciso. Preciso. Preciso.

Se não fizesse, teria que se matar. Não podia chegar em casa sem nada. Era assim. Ou ele ou o garoto. Era só escolher.

Ele se pôs em movimento tarde demais. Agora vinha afoito tropeçando pelo caminho, bem na direção do garoto, em vez de se aproximar calmamente do rapaz na trilha. Idiota. Só dá mancada. Agora o garoto ficaria desconfiado, vigilante.

— Olá! — exclamou para o menino. — Com licença!

O garoto parou. Pelo menos não fugiu, ainda bem. Tinha que dizer alguma coisa, perguntar algo. Ele se aproximou do menino, que esperava receoso na trilha.

— Perdão, mas... que horas são?

O garoto olhou furtivamente para o relógio de pulso de Håkan.

— É que o meu parou.

O corpo do garoto estava tenso quando ele consultou o relógio. Mais nada a fazer. Håkan enfiou a mão dentro do sobretudo e pousou o indicador no gatilho do cilindro enquanto esperava pela resposta do menino.

Oskar desceu a ladeira perto da gráfica e entrou na trilha do bosque. O nó no estômago desapareceu, foi substituído por uma excitação inebriante. No caminho para o bosque, a fantasia tomou conta de tudo ao redor e agora era realidade.

Ele via o mundo através dos olhos de um assassino, pelo menos através dos olhos de um assassino que a fantasia de um menino de treze anos era capaz de criar. Um mundo bonito. Um mundo onde Oskar tinha controle das coisas, que estremecia perante sua vontade.

Ele caminhava pela trilha do bosque procurando por Jonny Forsberg.

O chão sorverá o sangue dele.

Começou a escurecer e as árvores o envolviam como se fossem uma multidão calada, vigiando os mínimos movimentos do assassino, temendo que uma delas fosse a eleita. Mas o assassino atravessou a multidão e deixou-a para trás; já avistara sua vítima.

Jonny Forsberg estava numa elevação talvez a uns cinquenta metros da trilha. Tinha as mãos nos quadris, o sorriso debochado estampado na cara.

Achava que seria como de costume. Que ia jogar Oskar no chão, tapar o nariz dele e enfiar agulhas de pinheiros e musgo em sua boca, ou algo do tipo.

Mas ele se enganou. Não era Oskar quem vinha, era o Assassino, e a mão do Assassino apertava agora o cabo da faca, preparando-se.

O Assassino se aproximou lenta e altivamente de Jonny Forsberg, olhou-o nos olhos e disse: — Olá, Jonny.

— Olá, porquinho. Você tem permissão para ficar na rua a essa hora?

O Assassino tirou a faca. E deu o primeiro golpe.

— Quinze para as cinco, mais ou menos.

— Certo. Obrigado.

O garoto não foi embora. Ficou olhando para Håkan, que tentou dar um passo. O garoto não se mexia, acompanhava Håkan com os olhos. Isso aqui não deu certo. Naturalmente o menino estava desconfiado. Uma pessoa chegara fazendo um estardalhaço danado no bosque para saber as horas e agora parecia um Napoleão com a mão enfiada no sobretudo.

— O que você tem aí?

O garoto apontou com a cabeça na direção do coração de Håkan. Sua cabeça estava vazia, ele não sabia o que fazer. Tirou o cilindro de alta pressão do casaco e mostrou-o para o garoto.

— E o que é isso?

— Halotano.

— E por que você anda com isso por aí?

— Porque... — Ele passou os dedos na máscara bucal revestida de espuma e tentou pensar em algo para dizer. Não sabia mentir. Era sua desgraça. — Bem, porque... faz parte do meu trabalho.

— Que tipo de trabalho?

O garoto tinha relaxado um pouquinho. Uma bolsa de esporte parecida com a que Håkan deixara na baixada estava na mão do garoto. Com a mão que segurava o cilindro, ele apontou na direção da bolsa.

— Você vai para o treino?

Quando o garoto virou os olhos para a bolsa, Håkan aproveitou a chance.

Seus braços voaram, a mão que estava livre segurou a cabeça do garoto, a máscara do cilindro foi pressionada em sua boca e o gatilho foi apertado até o nível máximo. Ouviu-se um chiado como o de uma cobra grande e o garoto tentou soltar a cabeça, mas ela estava presa nas mãos de Håkan como se estivesse num torno.

O garoto se jogou para trás e Håkan foi junto. O som sibilante da cobra abafou todos os outros ruídos quando os dois caíram na serragem da trilha. Desesperadamente, Håkan manteve a cabeça do garoto apertada entre suas mãos para a máscara não sair do lugar enquanto eles rolavam pela trilha.

Depois de respirar fundo algumas vezes, o corpo do garoto começou a relaxar. Håkan segurava a máscara no lugar e olhava ao redor.

Nenhuma testemunha.

O chiado do cilindro encheu seu cérebro como se fosse uma enxaqueca fortíssima. Travou o gatilho e soltou com cuidado a mão livre, pegou a tira elástica e passou-a em volta da cabeça do garoto. A máscara estava firme no lugar.

Levantou-se com os braços doloridos e olhou para a presa.

O garoto estava deitado com os braços afastados do corpo, a máscara cobria-lhe o nariz e a boca, o recipiente com halotano estava em cima do seu peito. Håkan olhou ao redor mais uma vez, apanhou a bolsa do garoto e depositou-a em cima da barriga dele. Depois levantou a carga toda nos braços e carregou tudo para a baixada.

O garoto era mais pesado do que imaginava. Muitos músculos. Peso inconsciente.

Respirava com dificuldade depois do esforço de carregar o garoto para a baixada enquanto o chiado do cilindro penetrava em seus ouvidos como as serras de uma faca. Resfolegou mais alto de propósito para não ter de ouvir o barulho.

Com os braços dormentes e o suor escorrendo-lhe pelas costas, chegou por fim à baixada. Ali depositou o garoto no ponto mais fundo do terreno. Em seguida se deitou ao lado dele. Fechou o gás halotano e tirou a máscara da vítima. Tudo ficou em silêncio. O peito do garoto subia e descia. Dentro de oito minutos, no máximo, o garoto acordaria. Mas isso não aconteceu.

Håkan estava deitado ao lado do rapaz, estudou seu rosto, acariciou-o com o indicador. Depois foi para mais perto do menino, abraçou o corpo molenga e puxou-o para bem junto de si. Beijou-o carinhosamente no rosto, sussurrou “perdão” no ouvido dele e se levantou.

As lágrimas queriam transbordar quando ele viu o corpo indefeso no chão. Håkan ainda podia parar.

Universos paralelos. Um consolo para a mente.

Havia um universo paralelo onde Håkan não fazia isso que estava prestes a fazer. Um universo onde ele ia embora e deixava o menino acordar, imaginando o que tinha acontecido.

Mas não neste universo. Neste universo ele ia agora até a bolsa e a abria. Não podia demorar. Rapidamente, vestiu a capa de chuva por cima da roupa e apanhou os utensílios. A faca, uma corda, um funil grande e um garrafão de plástico de cinco litros.

Depositou tudo no chão ao lado do garoto e contemplou o corpo jovem uma última vez. Depois apanhou a corda e começou a trabalhar.

Oskar golpeou, golpeou e golpeou. Depois do primeiro golpe, Jonny entendeu que essa não seria uma ocasião igual às outras. Com o sangue jorrando de um corte profundo na bochecha, ele tentou escapar, mas o Assassino foi mais rápido. Com algumas incisões ligeiras, rompeu os tendões da parte de trás dos joelhos da vítima e Jonny caiu no chão, ficou se contorcendo no musgo e suplicando por clemência.

Mas o Assassino não se deixou persuadir. Jonny gritou que nem... um porco quando o Assassino se jogou em cima dele e o chão sorveu seu sangue.

Uma facada por aquilo no banheiro hoje. Uma pela vez que você me enganou no pôquer de nós dos dedos. Seus lábios, eu corto fora por causa de tudo de ruim que você me falou.

Jonny vazava por todos os buracos e não podia mais dizer ou fazer nada de mal. Já estava morto havia muito tempo. Oskar finalizou furando-lhe o globo ocular arregalado, *tchuqui, tchuqui*, levantou-se e contemplou a obra.

Pedaços grandes da árvore tombada e carcomida, que tinham sido o Jonny caído, haviam se soltado e o tronco estava perfurado pelos golpes. Farpas espalhadas ao pé da árvore saudável que tinha sido o Jonny quando ele estava em pé.

A mão direita, a mão da faca, doía. Um corte pequeno quase em cima do pulso; a lâmina deve ter escorregado na hora em que ele desferia os golpes. Não era uma faca boa para essa finalidade. Lambeu a mão e limpou a ferida com a língua. Era o sangue de Jonny que ele bebia.

Limpou o resto do sangue na bainha de jornal, enfiou a faca ali e pôs-se a caminho de casa.

O bosque, que alguns anos atrás parecia ameaçador, uma toca de inimigos, era agora o lar e o refúgio de Oskar. As árvores se afastaram em sinal de respeito quando ele passou por elas. Não sentia um pingão de medo, embora já começasse a escurecer de verdade. Nenhuma angústia em relação ao dia seguinte, ele podia trazer o que fosse. Dormiria bem hoje à noite.

Já de volta ao pátio do prédio, sentou-se por um instante no canto de uma caixa de areia para se acalmar antes de ir para casa. Amanhã arranjará uma faca melhor, uma faca com punho ou, como era mesmo o nome daquilo... punho em cesto, assim não se cortaria de novo. Porque ele faria isso mais vezes.

Era uma brincadeira boa.

Quinta-feira, 22 de outubro

A mãe tinha lágrimas nos olhos quando pegou a mão de Oskar na mesa da cozinha e apertou-a com força.

— Você está *terminantemente* proibido de se meter no bosque, está me ouvindo?

Um garoto da idade de Oskar tinha sido morto em Vällingby na noite anterior. Os jornais da tarde haviam noticiado e a mãe estava totalmente fora de si quando chegou em casa.

— Podia ter sido... nem quero pensar nisso.

— Mas foi em Vällingby.

— E você acha que alguém que ataca crianças não ia pegar o metrô e andar mais duas estações? Ou vir a pé? Vir para Blackeberg e fazer a mesma coisa mais uma vez? Você costuma ficar no bosque?

— Não.

— Você não vai sair daqui do pátio a partir de hoje, enquanto esse... Até a polícia pegar esse homem.

— Então eu não vou à escola?

— Vai sim, você vai à escola. Mas depois da escola você vem direto para casa e não vai sair do prédio até eu chegar em casa.

— E depois?

A tristeza nos olhos da mãe misturou-se com a raiva.

— Você quer ser assassinado, *quer?* Quer se meter no bosque e ser morto, e eu aqui aflita esperando enquanto você está caído lá no bosque e é... esquarterado bestialmente por alguém...

As lágrimas transbordaram dos seus olhos. Oskar pôs a mão em cima da dela.

— Eu *não vou* para o bosque. Prometo.

A mãe acariciou o rosto dele.

— Coração, você é tudo o que tenho. Nada pode lhe acontecer. Caso contrário, eu também morro.

— Ahã. Como é que foi?

— O quê?

— Isso aí. O assassinato.

— Sei lá. Ele foi assassinado por algum maluco com uma faca. Está morto. A vida dos pais está destruída.

— Não está no jornal?

— Não aguentei ler.

Oskar apanhou o jornal *Expressen* e o folheou. Quatro páginas dedicadas ao assassinato.

— Você não vai ler isso.

— Não, só estou dando uma olhada. Posso ficar com o jornal?

— Você não deve ler sobre isso. Não faz bem, junto com todas essas histórias de terror que você vive lendo.

— Eu só vou olhar a programação da tv.

Oskar se levantou para ir para o quarto, com o jornal nas mãos. A mãe deu um abraço desajeitado no filho e apertou seu rosto molhado no dele.

— Meu filho, você entende minha preocupação, não entende? Se alguma coisa acontecer com você...

— Eu sei, mãe. Eu sei. Eu tomo cuidado.

Oskar retribuiu um pouco o abraço e depois se soltou com cuidado dos braços da mãe; foi para o quarto enquanto limpava do rosto as lágrimas dela.

Isso aqui era o máximo.

Se ele entendeu bem, o garoto tinha sido morto quase ao mesmo tempo que ele estava brincando no bosque. Infelizmente não fora Jonny Forsberg o assassinado, mas um garoto desconhecido de Vällingby.

Havia um clima de enterro em Vällingby na parte da tarde. Ele tinha lido as manchetes dos jornais antes de ir para lá, e talvez fosse apenas fruto da sua imaginação, mas achou que as pessoas na praça falavam mais baixo, andavam mais devagar do que de costume.

Na loja de ferragens, Oskar surrupiara uma faca de caça extremamente bonita no valor de trezentos contos. Tinha uma explicação caso fosse pego com a mão na massa.

— Desculpe, tio. Mas é que eu estou com muito medo do assassino.

Ele podia com certeza também forçar umas lágrimas, caso a coisa dependesse disso. Eles iam deixá-lo ir. Sem sombra de dúvida. Mas Oskar não foi pego e a faca estava agora no esconderijo perto do álbum de recortes.

Ele precisava pensar.

Será que sua brincadeira tinha de algum modo provocado o assassinato? Oskar achava que não, mas a hipótese não podia ser eliminada. Os livros que lia estavam cheios dessas coisas. Um pensamento num lugar causava um acontecimento em outro.

Telecinesia, vodu.

Mas exatamente onde, quando e principalmente *como* aconteceu o assassinato? Caso fossem muitos golpes desferidos num corpo caído, então Oskar precisava de fato considerar a hipótese de que simplesmente tinha um poder terrível nas mãos. Um poder que ele tinha que aceitar e aprender a controlar.

Ou será que é... a árvore que é... o intermediário?

A árvore carcomida que ele tinha esfaqueado. Podia haver alguma coisa especial justamente com essa árvore, aquilo que fosse feito nela depois... se espalhava.

Detalhes.

Oskar leu todas as reportagens sobre o assassinato. O policial que foi em sua escola falar sobre drogas aparecia na foto. Ele não podia fazer nenhum comentário. Peritos do Laboratório Nacional de Ciência Forense foram chamados para coletar os vestígios. Era necessário aguardar. O retrato do garoto morto foi tirado do anuário da escola. Oskar nunca tinha visto o menino antes. Ele parecia um Jonny ou um Micke. Vai ver que havia um Oskar na escola de Vällingby que agora estava livre.

O garoto estava a caminho do treino de handebol na quadra de Vällingby e nunca chegou lá. O treino começava às cinco e meia. O menino provavelmente saiu de casa perto das cinco horas. Mais ou menos nesse

intervalo. Oskar sentiu de repente uma tontura. Batia certinho. E o garoto tinha sido assassinado no bosque.

Será que é isso? Sou eu quem...

Uma garota de dezesseis anos tinha encontrado o corpo por volta das oito da noite e chamado a polícia de Vällingby. Ela estava agora “muito chocada” e sob cuidados médicos. Nada sobre o estado do corpo. Mas o fato de a garota estar “muito chocada” significava que o corpo havia sido mutilado de alguma maneira. Do contrário, só escreveriam “chocada”.

O que a garota estava fazendo no bosque, se já estava escuro? Provavelmente algo sem importância. Tinha ido pegar pinha, qualquer coisa. Mas por que não havia nada no jornal sobre *como* o menino foi morto? A única coisa que havia era uma foto do local do crime. A faixa de isolamento com listras brancas e vermelhas em volta de uma baixada sem graça no bosque, com uma árvore grande no meio. No dia seguinte ou no próximo haveria uma foto do mesmo lugar, mas nesse caso com um monte de velas acesas e cartazes com “por quê?” e “saudades”. Oskar já conhecia esse ritual; havia mais de um caso como este em seu álbum.

Provavelmente tudo não passou de uma coincidência. Mas e *se*.

Oskar colou o ouvido na porta. A mãe estava lavando louça. Ele se deitou de barriga para baixo na cama e vasculhou até achar a faca de caça. O cabo estava talhado de forma a moldar-se à mão e a faca pesava com certeza três vezes mais que a faca de cozinha que ele tinha usado no dia anterior.

Oskar se levantou e foi para o meio do quarto com a faca na mão. Era bonita, dava poder à mão que a segurava.

Tilintar de louça na cozinha. Ele desferiu alguns golpes no ar. O Assassino. Quando tivesse aprendido a controlar sua força, Jonny, Micke e Tomas não iriam nunca mais atormentá-lo. Estava prestes a dar mais uma investida, mas se deteve. Alguém podia vê-lo do pátio. Estava escuro lá fora e a luz do quarto, acesa. Olhou de relance para o pátio, mas viu apenas o próprio reflexo na vidraça da janela.

O Assassino.

Oskar guardou a faca de volta no esconderijo. Isso aqui era só uma brincadeira. Essas coisas não aconteciam no mundo real. Mas ele precisava saber de detalhes. Precisa saber disso *agora*.

Tommy estava sentado na poltrona folheando uma revista sobre motos, balançando a cabeça e resmungando. De vez em quando levantava a revista para Lasse e Robban sentados no sofá e mostrava uma foto especialmente interessante, com um comentário sobre o volume do cilindro e a velocidade máxima. A lâmpada no teto refletia no papel lustroso, jogando reflexos pálidos nas paredes de cimento revestidas de madeira.

Ele deixou os outros dois na expectativa.

A mãe de Tommy namorava com Staffan, que trabalhava na polícia de Vällingby. Tommy não gostava de Staffan. Um tipo que vivia com o dedo em riste, um puxa-saco. E religioso, ainda por cima. Mas, através da mãe, Tommy ficou sabendo de umas coisas que Staffan não devia ter contado para a mãe e que ela não devia ter contado para Tommy, mas...

Ele ficou sabendo, por exemplo, a quantas andava a investigação do roubo na loja de aparelhos de som perto da praça Island. Roubo que ele, Robban e Lasse tinham praticado.

Nenhuma pista dos criminosos. A mãe dissera exatamente assim: “Nenhuma pista dos criminosos”. Palavras de Staffan. Eles nem sequer tinham a descrição do carro.

Tommy e Robban tinham dezesseis anos e estavam no primeiro ano do ensino médio. Lasse tinha dezenove e algum problema na cabeça; trabalhava organizando chapas metálicas na Im Ericsson em Ulvsunda. Mas tinha carteira de motorista. E um Saab 74 branco cujo número da placa eles tinham mudado com uma caneta hidrográfica antes de arrombar a loja. Perda de tempo, já que ninguém tinha visto o carro.

Armazenaram os objetos roubados no abrigo antiaéreo fora de uso em frente ao depósito no porão que era o local do clube deles. Romperam a

corrente da porta com uma chave micha e puseram um cadeado novo. Eles não sabiam direito como venderiam aquilo tudo, o arrombamento em si é que tinha sido a sensação. Lasse vendeu um aparelho de fita cassete para um colega de trabalho por duzentos contos, mas isso era tudo.

Era mais seguro ficar na deles com as mercadorias por um tempo. Especialmente não deixar que Lasse fosse cuidar da venda, já que ele tinha... *o miolo um pouco mole*, como dizia a mãe. Mas o roubo acontecera havia duas semanas e, no momento, a polícia estava ocupada com outros casos.

Tommy folheou a revista e sorriu para si mesmo. É isso. Um *monte* de outros casos para cuidar. Robban tamborilou com os dedos, produzindo estalos na coxa.

— Ande logo. Desembuche.

Tommy segurou a revista no alto para ele.

— Kawasaki. Trezentos centímetros cúbicos. Injeção direta e...

— Pare com isso. Desembuche.

— O quê... sobre o assassinato?

— É!

Tommy mordiscou o lábio; fingia estar pensando.

— Como é que foi mesmo...

Lasse inclinou o corpo comprido para a frente no sofá e se dobrou parecendo uma navalha.

— Ah! Fale logo!

Tommy deixou o jornal de lado e olhou bem na cara de Lasse.

— Tem certeza de que você quer ouvir? É bem sinistro.

— Ah!

Lasse estufou o peito, mas Tommy viu a aflição em seus olhos. Era só fazer cara feia, falar com voz esquisita ou se negar a acabar de contar para que ele ficasse com medo de verdade. Uma vez, Tommy e Robban tinham se pintado de zumbis com a maquiagem da mãe de Tommy, desatarraxado a lâmpada do teto e esperado por Lasse. Tudo acabou com Lasse se borrando

nas calças e Robban com o olho roxo na mesma região onde se pintara com uma sombra azul-escura. Depois daquele dia eles agiam com mais cautela quando assustavam Lasse.

Agora Lasse se remexia no sofá e cruzou os braços no peito para mostrar que estava preparado para o que desse e viesse.

— Bem... isso aqui não foi um assassinato comum, se a gente usar esse termo. Eles acharam o cara... pendurado numa árvore.

— Como assim? Pendurado? — perguntou Robban.

— É, pendurado. Mas não pelo pescoço. Pelos pés. Ou seja, ele estava pendurado de cabeça para baixo. Na árvore.

— Mas como? É que não se morre disso.

Tommy ficou olhando por um bom tempo para Robban, como se ele tivesse feito uma observação interessante, e prosseguiu:

— É. É verdade. Mas é que a garganta do cara estava cortada. E *disso* a gente morre. A garganta toda. Cortada. Como um... melão. — Ele passou o indicador no pescoço para mostrar como a faca fizera.

A mão de Lasse voou de repente para a garganta, como para protegê-la. Sacudiu devagar a cabeça de um lado para o outro. — Mas por que ele estava pendurado desse jeito?

— Bem, o que você acha?

— Sei lá.

Tommy beliscou o lábio inferior e fez uma cara de quem pensava.

— Agora vocês vão saber da parte esquisita da história. Alguém corta a garganta de uma pessoa para que ela morra. Então escorre bastante sangue, não é mesmo? — Lasse e Robban balançaram a cabeça concordando. Tommy desfrutou por um instante da expectativa deles antes de soltar a bomba.

— Mas lá no chão... embaixo de onde o cara estava pendurado. Não havia quase sangue nenhum. Apenas umas gotas. E devem ter saído vários litros de sangue enquanto ele estava pendurado ali.

O porão ficou em silêncio. Lasse e Robban olhavam fixamente para a frente com os olhos vazios, até que Robban se endireitou no sofá e disse: — Eu sei. Ele foi morto em outro lugar. E depois pendurado ali.

— Ahã. Mas nesse caso por que o assassino pendurou o garoto? Quando se mata alguém, a gente quer *se livrar* do corpo.

— Ele pode ser... doente da cabeça.

— Pode ser. Mas eu acho outra coisa. Vocês já viram nos matadouros? Como fazem com os porcos? Antes de esquartejar o bicho, tiram todo o seu sangue. E sabem como eles fazem isso? Penduram o porco de cabeça para baixo. Num gancho. E cortam o pescoço dele.

— Então você quer dizer... assim, que o cara... que o assassino ia *abater* o garoto?

— Hããã? — Lasse olhou hesitante para Tommy e depois para Robban e para Tommy de novo para ver se eles não estavam gozando com sua cara. Não viu nada que indicasse isso e disse:

— Eles *fazem* assim? Com os porcos?

— É, o que você achava?

— Que era uma espécie de... máquina.

— E você acha que por acaso seria melhor?

— Não, mas... eles ainda estão *vivos*? Quando... penduram os bichos?

— Sim. Estão vivos. E esperneiam. E gritam.

Tommy imitou um porco gritando e Lasse se afundou no sofá, olhando para o colo. Robban se levantou, deu alguns passos para a frente e para trás e sentou-se no sofá de novo.

— Mas alguma coisa não bate. Se o assassino quisesse abater o garoto, então devia haver sangue.

— Foi *você* quem disse que ele queria abater o garoto. Eu não acho que foi isso.

— O.k. E o que você acha?

— Acho que ele estava era atrás do sangue. Que foi por isso que matou o garoto. Para pegar sangue. Que carregou o sangue com ele.

Robban balançou a cabeça lentamente e cutucou com o dedo a casca de ferida deixada por uma espinha grande no canto da boca. — Mas para quê? Para *beber* o sangue, ou o quê?

— É. Por exemplo.

Tommy e Robban ficaram absortos imaginando o assassinato e o que acontecera depois dele. Passado um tempo, Lasse levantou a cabeça e lançou um olhar interrogativo para eles. Tinha lágrimas nos olhos.

— Eles morrem *rápido*, os porcos?

Tommy olhou bem sério nos olhos dele.

— Não.

— Eu vou dar uma saída.

— Não...

— Só vou ficar no pátio.

— Você não vai para lugar *nenhum* fora do pátio?

— Claro que não.

— Eu chamo você quando...

— Não. Eu venho. Estou com o relógio. *Não* me chame.

Oskar vestiu o casaco e o gorro. Deteve-se com um dos pés quase dentro da bota. Foi em silêncio para o quarto, apanhou a faca e a enfiou dentro do casaco. Amarrou os sapatos. A voz da mãe veio de novo da sala de estar.

— Está frio lá fora.

— Eu estou com o gorro.

— Na cabeça?

— Não. No pé.

— Não brinque com isso. Você sabe como são...

— Até logo.

— ... seus ouvidos.

Ele saiu e consultou o relógio. Sete e quinze. Faltavam quarenta e cinco minutos para começar o programa na tv. Provavelmente Tommy estava lá embaixo no porão, mas Oskar não tinha coragem de ir até lá. Tommy era

legal, mas os outros... Especialmente se tinham cheirado cola, podiam ter umas ideias esquisitas.

Então desceu para o parquinho no meio do pátio. Duas árvores de tronco grosso que às vezes eram usadas como trave de gol, um trepa-trepa com escorregador, uma caixa de areia e um balanço com três pneus de carro pendurados em correntes. Sentou-se num dos pneus e balançou devagar.

Oskar gostava daqui à noite. Ao seu redor, o quadrado grande de centenas de janelas com as luzes acesas e ele sentado ali no escuro. Em segurança e sozinho ao mesmo tempo. Tirou a faca da bainha. A lâmina era tão reluzente que ele podia ver as janelas refletidas nela. A lua.

Uma lua ensanguentada...

Oskar se levantou do balanço, aproximou-se de fininho de uma árvore e falou com ela.

— O que é que você está olhando, idiota? Quer morrer, hein?

A árvore não respondeu e Oskar enfiou a faca nela, com cuidado. Não queria estragar o gume reluzente.

— É isso que dá. Ficar me encarando.

Ele girou a faca, fazendo uma lasquinha se soltar da árvore. Um pedaço de carne. Sussurrou: — Agora grite que nem um porco.

Ele se deteve. Achou que ouvira alguma coisa. Com a faca junto do quadril, olhou ao redor. Levantou a faca na altura dos olhos e a examinou. A ponta estava tão reluzente quanto antes. Fez da lâmina um espelho e a virou na direção do trepa-trepa. Alguém estava ali. Alguém que não estava ali agora há pouco. Um contorno difuso no metal limpo. Oskar abaixou a faca e olhou diretamente para o trepa-trepa. Isso mesmo. Mas não era o assassino de Vällingby. Era uma criança.

A luz foi suficiente para mostrar que era uma menina que ele nunca vira antes ali no pátio. Oskar deu um passo na direção do trepa-trepa. A menina não se mexeu. Apenas continuou lá em cima olhando para o garoto.

Ele deu mais um passo e de repente ficou com medo. De quê? De si mesmo. Com a faca na mão, aproximou-se da menina para enfiar-lhe a faca.

É claro que não *era* isso. Mas parecia que era, por um instante. Como é que *ela* não ficou com medo?

Ele parou, empurrou a faca de volta na bainha e a enfiou dentro do casaco.

— Oi.

A menina não respondeu. Oskar estava tão perto agora que podia ver que o cabelo dela era escuro, o rosto pequeno, os olhos grandes. Olhos bem abertos que olhavam calmamente para ele. As mãos estavam pousadas no parapeito do trepa-trepa.

— Eu disse oi.

— Eu ouvi.

— Então por que você não responde?

A menina deu de ombros. Sua voz era tão clara quanto Oskar achou que seria. Parecia a voz de alguém da idade dele.

Ela tinha uma cara estranha. O cabelo de tamanho médio, preto. O rosto redondo, nariz pequeno. Como uma dessas bonecas de papel da seção infantil da revista *Hemmetts Journal*. Muito... bonita. Mas havia alguma coisa de estranho. Ela não estava com gorro nem casaco. Apenas uma blusa rosa de pano leve, embora fizesse muito frio.

A menina apontou com a cabeça na direção da árvore que Oskar golpeará.

— O que você está fazendo?

Oskar ficou vermelho, mas não dava para ver no escuro, não é mesmo?

— Treinando.

— Para quê?

— Se o assassino vier.

— Que assassino?

— O de Vällingby. O que matou aquele garoto a facadas.

A menina soltou um suspiro e levantou os olhos para o céu. Depois se inclinou para a frente.

— Você está com medo?

— Não, mas um assassino, é que... é que é bom a gente poder... se proteger. Você mora aqui?

— Moro.

— Onde?

— Ali. — A menina apontou para a portaria do prédio ao lado do de Oskar. — Do seu lado...

— Como você sabe onde eu moro?

— Já vi você na janela.

Um calor subiu às bochechas de Oskar. Enquanto tentava pensar em alguma coisa para dizer, a menina pulou do trepa-trepa e aterrissou na frente dele. Um salto de mais de dois metros.

Ela deve fazer ginástica olímpica ou algo desse tipo.

Ela era quase do mesmo tamanho dele, porém muito mais magra. A blusa rosa se apertava em volta do corpo delgado, que não apresentava o menor vestígio de peitos. Seus olhos eram negros, muito grandes no rostinho pálido. Ela levantou uma das mãos no ar à frente dele, como se quisesse deter alguma coisa que se aproximava. Seus dedos eram longos, finos como ramos de árvore.

— Eu não posso ser sua amiga. Só para você saber.

Oskar cruzou os braços no peito. Sentiu debaixo de uma das mãos o contorno do cabo da faca no casaco.

— Como assim?

Um dos cantos da boca da menina se levantou, como numa espécie de sorriso.

— É preciso ter *motivo*? Só estou dizendo como as coisas são. Para você saber de uma vez.

— O.k., tudo bem.

A menina se virou e se afastou de Oskar, na direção do prédio. Quando ela já tinha dado alguns passos, Oskar perguntou: — E você acha que *eu* queria ser seu amigo? Você é besta, é isso que você é.

A menina parou. Ficou imóvel por um instante. Em seguida deu meia-volta e foi até Oskar. Parou na frente dele. Entrelaçou os dedos e deixou os braços ficarem caídos.

— O que foi que disse?

Oskar cruzou ainda mais os braços no peito, apertou na mão o cabo da faca e olhou para o chão.

— Você é besta... porque fica dizendo essas coisas.

— Verdade?

— É.

— Então desculpe. Mas é assim que tem que ser.

Eles estavam imóveis, a meio metro um do outro. Oskar continuou olhando para o chão. Um cheiro estranho exalava do corpo dela.

Fazia um ano que o cachorro dele, Bobby, tivera uma infecção nas patas e eles tiveram que sacrificá-lo. No último dia, Oskar não fora à escola para ficar em casa várias horas deitado ao lado do cachorro doente, despedindo-se dele. Bobby tinha naquela ocasião o mesmo cheiro da menina. Oskar franziu o nariz.

— É você que está com esse cheiro estranho?

— Acho que sim.

Oskar levantou os olhos do chão. Arrependeu-se do que dissera. Ela parecia tão... frágil naquela blusa de pano fino. Ele destrançou os braços cruzados e fez um gesto na direção dela. — Você não está com frio?

— Não.

— Por quê?

A menina franziu as sobrancelhas, contraiu o rosto e por um instante pareceu muitíssimo mais velha do que era. Como uma velhinha a ponto de chorar.

— Acho que eu esqueci como se faz.

A menina se virou rapidamente e foi para a portaria do prédio. Oskar continuou onde estava, seguindo-a com os olhos. Quando ela chegou na frente da porta pesada, Oskar achou que precisaria das duas mãos para abri-

la. Mas, pelo contrário, a menina pegou a maçaneta com uma das mãos e escancarou a porta de modo que ela bateu na trave de metal do chão, quicou de volta e se fechou atrás da garota.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco e ficou triste. Pensou em Bobby. Na cara do cachorro deitado no caixão que o pai confeccionara. Na cruz que ele tinha feito na aula de marcenaria e que se quebrou quando eles a enfiaram no chão congelado.

Ele devia fazer outra.

Sexta-feira, 23 de outubro

Håkan estava no metrô de novo, a caminho do centro da cidade. Dez notas de mil coroas enroladas e presas com um elástico estavam no bolso da calça. Com esse dinheiro, iria fazer uma coisa bonita. Salvaria uma vida.

Dez mil coroas era muito dinheiro e, se a gente considerasse as campanhas da *Save the Children* sobre como “Mil coroas podem alimentar uma família inteira durante um ano” etc., então *dez* mil devia ser o bastante para salvar uma vida aqui na Suécia, não é?

Mas a vida de quem? Onde?

Não se podia dar o dinheiro na mão do primeiro viciado que aparecesse e esperar que... não. E devia ser alguém jovem. Ele sabia que era uma bobagem, mas o ideal é que fosse uma dessas crianças chorando como naqueles quadros. Uma criança que recebia o dinheiro com lágrimas nos olhos e... e o quê?

Saltou na estação Odenplan sem saber por que e desceu para a Biblioteca Municipal. Na época em que morava em Karlstad e era professor de sueco do sétimo ao nono ano, e ainda tinha uma casa para morar, a Biblioteca Municipal de Estocolmo era conhecida como um... lugar bom.

Foi só quando viu a rotunda grande da biblioteca, famosa em fotos de livros e jornais, que soube o motivo de ter saltado ali. Porque era um bom

lugar. Alguém de suas relações, provavelmente Gert, contara como se fazia para comprar serviços sexuais ali.

Håkan nunca fizera isso. Comprar sexo.

Uma vez Gert, Torgny e Ove conseguiram um menino cuja mãe havia sido trazida do Vietnã por um conhecido de Ove. O menino devia ter uns doze anos e sabia o que se esperava dele, recebera um bom dinheiro para isso. Mesmo assim, Håkan não conseguiu. Bebericou do Bacardi com coca-cola e se deliciou muito com o corpo nu do garoto enquanto ele se retorcia na sala onde eles tinham se reunido...

Mas não foi além disso.

Os outros tinham sido chupados na devida ordem pelo menino, mas, quando chegou a vez de Håkan, ele sentiu um aperto no estômago. A situação toda era asquerosa demais. A sala cheirava a excitação, bebida alcoólica e germes. Uma gota do esperma de Ove reluzia na face do menino. Håkan afastou a cabeça do garoto quando ele se inclinou sobre sua região pélvica.

Os outros proferiram insultos, xingaram-no, fizeram ameaças. Ele tinha sido testemunha, era conivente. Zombaram dele por causa dos seus escrúpulos, mas esse não foi o problema. É que tudo aquilo era muito feio. O único cômodo do apartamento de Åke, as quatro poltronas descombinadas dispostas especialmente ali para a ocasião, a música de conjuntos bregas tocando no aparelho de som.

Håkan pagou sua parte na diversão e nunca mais viu os outros. Tinha suas revistas, suas fotos, seus filmes. Já era o bastante. Provavelmente, ele tinha escrúpulos, que apenas nessa ocasião se manifestaram numa aversão intensa à situação.

Então por que estou indo para a Biblioteca Municipal?

Pegaria um livro emprestado. O incêndio de três anos atrás tinha devorado toda a sua vida, entre outras coisas seus livros. Isso. *A joia da rainha* de Almqvist, podia pegá-lo emprestado antes de fazer a boa ação.

A biblioteca estava calma na parte da manhã. Homens idosos e estudantes, na maioria. Ele encontrou rapidamente o livro que procurava. Leu as primeiras palavras:

Tintomara! Duas coisas são brancas
Inocência — Arsênico

e depositou o compêndio de volta na prateleira. Uma sensação ruim. Lembrava sua vida antiga.

Ele tinha adorado esse livro, até o utilizara na sala de aula. Ler suas palavras introdutórias lhe despertou a saudade de uma poltrona de leitura. E poltronas de leitura estariam numa casa que era sua, uma casa cheia de livros, e ele teria um trabalho de novo, teria e queria. Mas Håkan encontrara o amor e esse amor agora ditava as regras. Nada de poltrona.

Ele esfregou as mãos uma na outra como para apagar o livro que elas tinham segurado e entrou num salão lateral.

Havia uma mesa comprida com pessoas lendo. Palavras, palavras e mais palavras. No fundo do salão estava sentado um garoto de casaco de couro se balançando na cadeira enquanto folheava desinteressado um livro de ilustrações. Håkan se dirigiu para lá e fingiu estudar a prateleira com livros de geografia, de vez em quando olhava furtivamente para o menino. Por fim, o garoto levantou os olhos e encontrou os dele. Arqueou as sobancelhas como se perguntasse:

Quer?

Não, é claro que ele não queria. O menino tinha uns quinze anos, um rosto achatado de europeu do Leste, espinhas, olhos fundos e puxados. Håkan deu de ombros e saiu do salão.

Lá fora, na entrada principal, o menino conseguiu alcançá-lo. Fez um gesto com o polegar e perguntou:

— *Fire?*— Håkan sacudiu a cabeça.

— *Don't smoke.*

— *Okey.*

O menino apanhou um isqueiro de plástico, acendeu um cigarro, olhou para ele através da fumaça com os olhos apertados. — *What you like?*

— *No, I...*

— *Young? You like young?*

Ele se afastou do menino e da entrada principal, onde qualquer pessoa podia aparecer. Precisava pensar. Não acreditava que seria tão fácil assim. É que tinha sido só uma espécie de brincadeira, ver se era verdade o que Gert dissera.

O menino foi atrás, ficou ao seu lado perto do muro de pedra.

— *How? Eight, nine? Is difficult, but...*

— *No!*

Será que ele tinha cara de ser tão depravado assim? Besteira. Nem Ove nem Torgny não pareciam nem um pouco... diferentes. Homens comuns com trabalhos comuns. Só Gert, que vivia de uma herança deixada pelo pai e podia se *permitir qualquer coisa*, começara, depois das muitas viagens para o exterior, a ter um aspecto bem nojento mesmo. Uma frouxidão ao redor da boca, uma película na frente dos olhos.

O menino se calou quando Håkan levantou a voz e o examinou com os olhinhos que eram dois rasgos. Deu mais uma pitada no cigarro, jogou-o no chão e pisou nele, abriu os braços.

— *What?*

— *No, I just...*

O menino deu a metade de um passo, aproximando-se de Håkan.

— *What?*

— *I... maybe... twelve?*

— *Twelve? You like twelve?*

— *I... yes.*

— *Boy.*

— *Yes.*

— *Okey. You wait. Number two.*

— *Excuse me?*

— *Number two. Toilet.*

— *Oh. Yes.*

— *Ten minutes.*

O menino abriu o zíper do casaco de couro e desapareceu escada abaixo.
Doze anos. Banheiro, número dois. Dez minutos.

Isso era uma burrice muito, muito grande. E se viesse um policial? Eles deviam saber o que se passava aqui, depois de tantos anos. Então ele estava frito. Eles ligariam com o trabalho que executara dois dias atrás e seria o fim. Não podia fazer isso.

Vou ao banheiro dar uma olhada, só isso.

Os banheiros estavam vazios. Um mictório e três sanitários. O número dois era provavelmente o do meio. Ele enfiou uma moeda de uma coroa na fechadura, abriu a porta e entrou. Fechou o banheiro e sentou-se na privada.

As portas do sanitário estavam cheias de pichações. Não era o que se esperava de uma biblioteca municipal. Uma e outra citação literária:

harry me, marry me, bury me, bite me

mas a maioria se compunha de desenhos obscenos e piadas:

melhor uma bola no canal do que bolotas frias na parte anal.
tudo é fantástico com o baixo-ventre RASPADO.

Também havia uma quantidade extraordinária de números de telefone para os quais era possível ligar caso tivessem desejos especiais. Alguns deles tinham assinatura e eram provavelmente autênticos. Não apenas alguém gozando da cara de alguém.

Pronto. Agora ele já olhara. Agora devia se mandar dali. Nunca se sabe o que o garoto do casaco de couro podia inventar. Levantou-se, urinou no

sanitário e sentou-se de novo. Por que mijara? Não estava propriamente apertado. Ele sabia por que mijara.

Em caso de.

A porta se abriu. Håkan prendeu a respiração. Alguma coisa nele esperava que fosse um policial. Um policial grande e másculo que daria um *chute* na porta e o espancaria com cassetete antes de prendê-lo.

Vozes cochichando, passos suaves, uma batida leve na porta.

— Sim?

A batida de novo. Ele engoliu um bolo espinhento de saliva e abriu.

Do lado de fora havia um menino de onze, doze anos. Louro, rosto com formato de cebola. Lábios finos, olhos grandes e azuis e uma expressão vazia na cara. Um casaco acolchoado vermelho um pouco grande demais. Bem atrás dele estava o garoto mais velho com casaco de couro, que levantou os cinco dedos no ar.

— *Five hundred.* — Pronunciou “*chundred*” em vez de “*hundred*”.

Håkan assentiu, o menino mais velho conduziu o mais novo com cuidado para dentro do banheiro e fechou a porta. E quinhentos não era bem caro? Não que fizesse alguma diferença, mas...

Ele olhou para o menino que comprara. Alugara. Será que o garoto tomava algum tipo de droga? Provavelmente. Seu olhar estava ausente, sem foco. O menino estava encostado na porta a meio metro dele. Era tão baixo que Håkan não precisava levantar a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— *Hello.*

O menino não respondeu, apenas balançou a cabeça, apontou para o baixo-ventre de Håkan e fez um gesto com o dedo: *Abra a braguilha.* Ele obedeceu. O menino fez um muxoxo, fez outro gesto com o dedo: *Tire o pênis daí.*

Seu rosto ficou afogueado quando obedeceu ao menino. Era desse jeito. Ele obedecia ao menino. Não tinha vontade própria. Não era ele quem fazia isso. O pênis curto de Håkan não estava nem um pouco ereto, mal

alcançava a tampa do vaso. Sentiu cócegas quando sua glânde encostou a superfície fria.

Håkan apertou os olhos e tentou transformar a fisionomia do menino de modo que ficasse mais parecida com a do seu amado. Não funcionou muito. Seu amado era bonito. Não era o caso desse menino que agora se ajoelhava e ia com a cabeça na direção do seu baixo-ventre.

A boca.

Alguma coisa estava errada com a boca do menino. Håkan pôs a mão na testa do garoto antes que ele atingisse seu objetivo.

— *Your mouth?*

O menino sacudiu a cabeça de um lado para o outro e pressionou a testa na mão de Håkan para continuar o trabalho. Mas agora não dava. Ele já ouvira falar nesse tipo de coisa.

Abaixou o polegar na direção do lábio superior do menino e puxou-o para cima. O menino era desdentado. Alguém o esmurrara ou tirara seus dentes para que ele fizesse melhor o trabalho. O menino se levantou; um farfalhar do casaco acolchoado quando ele cruzou os braços no peito. Håkan recolheu o pênis, fechou a braguilha e ficou olhando para o chão.

Assim não. Assim nunca.

Alguma coisa apareceu em seu campo de visão. A mão bem aberta. Cinco dedos. Quinhentos.

Ele apanhou um maço de cédulas do bolso e entregou o dinheiro ao menino. O garoto tirou o elástico do maço, passou o indicador na ponta das dez notas, pôs o elástico de volta e segurou o maço no alto.

— *Why?*

— *Because... your mouth. Maybe you can... get new teeth.*

O garoto sorriu de fato. Não um sorriso radiante, mas o canto da sua boca se levantou um pouco. Talvez apenas estivesse rindo da burrice de Håkan. O garoto refletiu, em seguida tirou uma nota de mil do maço e a enfiou no bolso do lado de fora do casaco. O maço de notas do lado de dentro. Håkan balançou a cabeça.

O menino abriu a porta, hesitou. Depois se virou na direção de Håkan e fez uma carícia em seu rosto.

— *Sank you.*

Håkan pôs a mão em cima da mão do menino, apertou-a no rosto e cerrou os olhos. Se pelo menos alguém pudesse.

— *Forgive me.*

— *Yes.*

O menino retirou a mão. Seu calor ainda estava no rosto de Håkan quando a porta se fechou atrás do garoto. Ele continuou sentado no vaso, olhando para alguma coisa que alguém escrevera no batente da porta.

“não importa quem tu és. eu te amo.”

Logo abaixo uma outra pessoa rabiscara:

“quer pau?”

Fazia muito tempo que o calor se apagara do rosto dele quando Håkan foi para o metrô e comprou um jornal vespertino com as últimas coroas que tinha. Quatro páginas dedicadas ao assassinato. Entre outras coisas, havia no jornal uma foto da baixada no bosque onde ele fizera a coisa. O lugar estava cheio de velas acesas, flores. Olhou para a foto e não sentiu muita coisa.

Se vocês soubessem. Perdoem-me, mas se vocês soubessem.

A caminho de casa, Oskar parou embaixo das duas janelas do apartamento da garota. A janela mais próxima estava apenas a dois metros da janela do quarto dele. As persianas estavam fechadas e as janelas eram retângulos cinza-claros com o fundo de cimento cinza-escuro. Parecia suspeito. Provavelmente eles eram uma... família estranha.

Viciados.

Oskar olhou ao redor, entrou depois no prédio e conferiu o quadro com o nome dos moradores. Cinco sobrenomes soletrados com capricho, escritos em letras de plástico. Um lugar estava vazio. O nome que ocupara antes o lugar, **hellberg**, esteve ali por tanto tempo que era possível lê-lo pelo

contorno escuro no fundo de veludo do quadro desbotado do sol. Mas nada de letras de plástico. Nem sequer um pedaço de papel.

Ele subiu correndo os dois lances de escada até a porta da garota. O mesmo ali. Nada. A plaqueta com o nome da caixa de correios na porta não tinha letras. Como costumava ser quando um apartamento não era habitado.

Será que ela tinha mentido? Talvez não morasse ali. Mas entrara na portaria. Certo. Mas ela podia de qualquer jeito ter entrado ali. Se ela...

A porta do prédio lá embaixo foi aberta.

Ele se afastou do apartamento e desceu rapidamente as escadas. Tomara que não seja ela. Então a garota poderia achar que ele de algum modo... Mas não era ela.

A meio caminho do segundo lance de escada, Oskar encontrou um homem que nunca vira antes. Um homem baixo, de ombros bastante largos, um pouco careca, que estava com um sorriso tão grande que não era normal.

O homem avistou Oskar, levantou a cabeça e acenou, a boca ainda esticada naquele sorriso de circo.

Lá embaixo, na entrada do prédio, Oskar parou e aguçou os ouvidos. Ouviu um barulho de chaves e uma porta sendo aberta. A porta da garota. O homem era provavelmente seu pai. É verdade que Oskar nunca vira um viciado tão velho, mas ele tinha um aspecto muito esquisito.

Não era de estranhar que ela fosse doida.

Oskar desceu para o parquinho, sentou-se na borda da caixa de areia e ficou de olho na janela da menina para ver se as persianas seriam levantadas. Até mesmo a janela do banheiro parecia estar coberta do lado de dentro; a vidraça fosca era mais escura que todas as janelas dos banheiros dos outros apartamentos.

Do bolso do casaco, Oskar apanhou o cubo de Rubik.^[5] O brinquedo estalava e rangia quando ele o girava. Uma cópia. O original era muito mais macio, porém cinco vezes mais caro e só era encontrado na loja de brinquedos bem vigiada de Vällingby.

Duas faces estavam resolvidas, de uma cor, e na terceira faltava apenas um pedacinho de nada. Mas não era possível empurrá-lo para lá sem destruir as duas faces já prontas. Oskar guardara uma página do jornal *Expressen* que descrevia sistemas diferentes de deslocamento das partes do cubo — foi assim que conseguiu resolver as duas faces, mas depois ficou muito mais difícil.

Ele olhou para o cubo, tentou achar na cabeça a solução em vez de sair virando. Não funcionou. Seu cérebro não acompanhava. Apertou o cubo na testa, tentou penetrar em seu âmago. Nenhuma resposta. Pôs o cubo no canto da caixa de areia a meio metro de distância e ficou olhando para ele.

Gire. Gire. Gire.

Telecinesia era o nome disso. Foram feitos experimentos nos Estados Unidos. Havia pessoas que podiam fazer essas coisas. **pes**. Percepção extrassensorial. Oskar teria dado qualquer coisa para ter uma habilidade dessas.

E talvez... talvez ele tivesse.

O dia na escola não havia sido muito ruim. Tomas Ahlstedt tentara arrancar a cadeira do lugar quando ele se sentou no refeitório, mas Oskar percebeu a tempo. E isso foi tudo. Ele iria para o bosque com a faca para encontrar aquela árvore. Fazer um experimento mais sério. Não ficar tão alterado como no dia anterior.

De um modo calmo e metódico, golpear a árvore com a faca, esfaqueá-la e ter o tempo todo o rosto de Tomas Ahlstedt à sua frente. Mas... tinha aquilo com o assassino. O assassino *de verdade* que estava em algum lugar.

Não. Ele tinha que esperar para fazer isso quando o assassino fosse pego. Por outro lado, se fosse um assassino comum, o experimento era então inútil. Oskar olhou para o cubo e imaginou um raio conectando seus olhos com o objeto.

Gire. Gire. Gire.

Não aconteceu nada. Oskar enfiou o cubo no bolso e se levantou, limpando um pouco de areia das calças. Olhou para a janela da menina. As

persianas ainda estavam fechadas.

Ele foi para casa trabalhar no álbum de recortes, cortar e colar os artigos sobre o assassinato em Vällingby. Provavelmente acabariam sendo muitos, com o tempo. Especialmente se acontecesse mais uma vez. Oskar esperava um pouco que isso acontecesse. De preferência em Blackeberg.

De modo que a polícia fosse para a escola, de modo que os professores ficassem sérios e preocupados, de modo que ficasse aquele clima na escola. Ele gostava disso.

— Nunca mais. Não importa o que você diga.

— Håkan...

— Não. Não é ponto final.

— Eu vou morrer.

— Então morra.

— Você quer isso?

— Não. Não quero. Mas você mesmo... pode.

— Eu estou fraco demais, ainda.

— Você não está fraco.

— Fraco demais para isso.

— Bem, então eu não sei. Mas eu não vou fazer de novo. É tão... repugnante, tão...

— Eu sei.

— Não, você não sabe. Para você é diferente, é...

— *O que* você sabe sobre como é para mim?

— Nada. Mas você é pelo menos...

— Você acha que eu... gosto disso?

— Não sei. Você gosta?

— Não.

— É, não. Bem, de qualquer forma... *eu* não vou fazer isso de novo. Talvez você tenha tido outras pessoas que o ajudaram, que foram... melhores que eu.

- ...
- Você teve?
- Tive.
- Sei...
- Håkan? Håkan...
- Eu amo você.
- O.k.
- Você me ama? Mesmo que seja um pouco?
- Você faria mais uma vez se eu dissesse que sim?
- Não.
- Então ainda assim devo amar você, é isso?
- Você me ama só se eu ajudá-lo a ficar vivo.
- É. Não é isso que é o amor?
- Se eu achasse que você me amava mesmo que eu *não* fizesse isso...
- Então?
- ... então talvez eu fizesse.
- Eu amo você.
- Não acredito em você.
- Håkan. Eu aguento mais alguns dias, mas depois...
- Então trate de me amar.

Sexta-feira à noite no restaurante chinês. São quinze para as oito e a turma toda está reunida. Exceto Karlsson, que está em casa assistindo ao *Quebra-notas*, e é melhor assim. Esse homem não serve para nada. Chega tarde quando tudo já acabou e fica se gabando das perguntas que sabia responder.

À mesa para seis perto da porta estão sentados agora Lacke, Morgan, Larry e Jocke. Lacke e Jocke estão discutindo sobre que espécies de peixe vivem tanto em água doce quanto em água salgada. Larry lê um jornal vespertino e as pernas de Morgan sobem e descem na cadeira, ele bate os

pés ao ritmo de outra música que não é aquela de elevador chinesa que sai discretamente dos alto-falantes escondidos.

Na mesa diante deles há copos de cerveja mais ou menos cheios. Na parede acima do balcão do bar estão pendurados seus retratos.

O dono do restaurante se viu obrigado a fugir da China na época da Revolução Cultural, por causa das caricaturas satíricas que fazia dos poderosos. Agora ele usava esse talento com os frequentadores assíduos do local. Na parede estão penduradas doze caricaturas afetuosas feitas com canetas hidrográficas.

Um monte de homens. E Virginia. Os desenhos dos homens eram *close-ups*, em que as imperfeições de suas fisionomias foram destacadas.

O rosto enrugado, quase descarnado de Larry e as duas orelhas enormes apontando da cabeça fazem com que ele pareça um elefante bonzinho, mas faminto.

As sobrancelhas grossas de Jocke, quase se juntando, foram acentuadas e transformadas em roseiras onde um passarinho — talvez um rouxinol — está pousado, cantando.

Devido ao seu estilo, Morgan tomou emprestado no retrato características do Elvis mais velho. Costeletas e uma expressão nos olhos de “Hunka-hunka-lóóóve, baby”. A cabeça num corpo pequeno que segura uma guitarra e faz uma pose de Elvis. Morgan gosta mais dessa caricatura do que admite abertamente.

Lacke parece preocupado. Nesse desenho, os olhos foram aumentados e deu-se a eles uma expressão exagerada de sofrimento. Um cigarro na boca e a fumaça se junta, formando uma nuvem de chuva acima da cabeça dele.

Virginia é a única que está retratada de corpo inteiro. Com vestido longo, radiante como uma estrela com lantejoulas cintilantes, ela está com os braços abertos, rodeada por um bando de porcos que olha para ela sem entender. A pedido de Virginia, o dono do local fez mais uma caricatura, exatamente a mesma, que Virginia pôde levar para casa.

Depois há outros. Alguns que não são da turma. Alguns que pararam de vir. Alguns que morreram.

Certa noite, Charlie desmoronou na escada da entrada do seu prédio ao ir do restaurante para casa. Fraturou o crânio no cimento salpicado. Gurkan teve cirrose hepática e morreu de um sangramento na garganta. Semanas antes de morrer, uma noite ele levantou a blusa e mostrou uma teia vermelha de veias que lhe saíam do umbigo. “Essa tatuagem foi os olhos da cara”, disse ele; não demorou muito, morreu. Eles tinham homenageado sua memória deixando o retrato dele em cima da mesa, onde ficavam bebendo com o falecido a noite inteira.

Karlsson não está retratado.

Essa noite de sexta-feira será a última em que eles estarão juntos. Amanhã um deles desaparecerá para sempre. Virará mais uma caricatura pendurada na parede apenas como lembrança. E nada será como antes.

Larry abaixou o jornal, pôs os óculos de leitura em cima da mesa e tomou um gole da cerveja. — Caramba... Como é que deve ser dentro da cabeça de uma pessoa dessas?

Ele mostrou o jornal, no qual estava escrito “as crianças estão chocadas” acima de um retrato da escola Vällingby e de uma foto menor de um homem de meia-idade. Morgan olhou de relance para o jornal e apontou.

— É o assassino?

— Não. O diretor da escola.

— Tem cara de assassino, é o que eu acho. Cara típica de assassino.

Jocke estendeu a mão na direção do jornal.

— Deixe-me ver...

Larry passou-lhe o jornal e Jocke segurou-o a um metro da vista. Olhou para a foto.

— Acho que ele parece mais um político do partido moderado.

Morgan balançou a cabeça, concordando.

— Mas é isso que estou dizendo.

Jocke segurou o jornal para Lacke, para que ele pudesse olhar o retrato.

— O que você acha?

Lacke olhou um pouco relutante para ele.

— Bem, sei lá. Isso tudo me faz tão mal...

Larry bafejou os óculos e limpou-os na camisa.

— Ele vai ser pego. Não se escapa depois de uma coisa dessas.

Morgan tamborilava na mesa com os indicadores; esticou-se para pegar o jornal.

— Como o Arsenal se saiu?

Larry e Morgan passaram a conversar sobre a má fase pela qual o futebol inglês estava passando. Jocke e Lacke ficaram calados por um tempo, bebericando suas cervejas e acendendo cigarros. Depois Jocke tocou naquele assunto do bacalhau, como o peixe desapareceria do mar Báltico. Assim prosseguiu a noite.

Karlsson não apareceu, mas lá pelas dez entrou um homem no restaurante que nenhum deles tinha visto antes. A conversa a essa altura começara a ficar mais intensa e só notaram a cara nova quando o sujeito se sentou sozinho a uma mesa do lado oposto do restaurante.

Jocke se inclinou para a frente, na direção de Larry.

— Quem é esse aí?

Larry olhou discretamente e sacudiu a cabeça.

— Não sei.

A cara nova recebeu uma dose grande de uísque e a entornou rapidamente. Pediu mais uma. Morgan assoprou entre os lábios, produzindo um assobio.

— Ali não se perde tempo.

O homem parecia não estar ciente de que era observado. Estava apenas imóvel à mesa olhando para as próprias mãos, tinha a cara de quem carregava todas as misérias do mundo numa mochila pendurada nos ombros. Bebeu rapidamente o segundo copo de uísque e pediu mais um.

O garçom se debruçou sobre ele e disse alguma coisa. O homem enfiou a mão no bolso e mostrou algumas cédulas. O garçom fez um gesto com as mãos como se dissesse que a intenção dele não tinha sido *essa*, mas é claro que tinha sido justamente essa a intenção dele, e foi apanhar o pedido.

Não era de admirar que a aparência do homem fosse questionada. Suas roupas estavam amarrotadas e manchadas como se ele tivesse dormido em algum lugar onde se dormia mal. A coroa de cabelos ao redor da careca não estava aparada e pendia por cima das orelhas, quase as cobrindo. O rosto era dominado por um nariz bastante grande, bem vermelho e um queixo saliente. Entre eles, dois lábios pequenos e carnudos que se mexiam de vez em quando, como se o homem falasse sozinho. Seu rosto ficou impassível na hora que o uísque foi depositado na mesa, à sua frente.

A turma voltou à conversa de antes: se Ulf Adelsohn seria bem pior do que Gösta Bohman tinha sido. Apenas Lacke olhava às vezes furtivamente para o homem sozinho. Depois de um tempo, na hora que o homem já pedira mais um uísque, ele disse: — Será que a gente não devia... convidá-lo para se sentar aqui?

Morgan olhou rapidamente sobre os ombros do homem que agora se afundara ainda mais na cadeira. — E por quê? A mulher deixou o cara, o gato morreu e a vida é uma droga. Disso eu já sei.

— Pode ser que ele pague.

— Então a coisa é diferente. Então ele também pode ter câncer. — Morgan encolheu os ombros. — A mim, não incomoda.

Lacke olhou para Larry e Jocke. Eles fizeram gestos mínimos para dizer que estava tudo bem. Lacke se levantou e foi até o homem.

— Olá.

O homem ergueu os olhos para Lacke. Seu olhar estava bem embotado. O copo em cima da mesa, quase vazio. Lacke se apoiou na cadeira do outro lado da mesa e se debruçou sobre o homem.

— A gente só queria perguntar se você quer... se sentar com a gente.

O homem sacudiu devagar a cabeça e fez um movimento sonolento, de recusa com a mão.

— Não. Obrigado. Mas sente-se.

Lacke puxou uma cadeira e sentou-se. O homem bebeu o restante do copo e acenou para o garçom.

— Quer alguma coisa? Eu convido.

— Nesse caso, o mesmo que você.

Lacke não queria dizer a palavra “uísque”, já que soava arrogante pedir a alguém para pagar coisas tão caras, mas o homem apenas balançou a cabeça e, quando o garçom se aproximou, fez um sinal de V com os dedos e apontou para Lacke. Lacke se recostou na cadeira. Quando foi a última vez que ele bebeu uísque no local? Três anos. No mínimo.

O homem não deu nenhum sinal de querer iniciar uma conversa, então Lacke limpou a garganta e disse: — Está um frio danado.

— É.

— A neve deve chegar logo.

— Ahã.

O uísque chegou à mesa e fez a conversa ficar supérflua por um instante. Aliás, Lacke recebeu uma dose dupla e sentiu o olhar da turma queimando em sua nuca. Depois de uns golinhos, levantou o copo.

— Saúde. E obrigado.

— Saúde.

— Você mora por aqui?

O homem olhava para o nada, parecia refletir sobre a pergunta como se fosse algo em que ele próprio nunca pensara antes. Lacke não conseguiu saber se o movimento da cabeça dele foi uma resposta à pergunta ou parte de algum diálogo interior.

Lacke tomou mais um gole e resolveu que, se o homem não respondesse à próxima pergunta, significava que ele queria ficar em paz, não queria bater papo com ninguém. Então Lacke pegaria o copo e iria se sentar com

os outros de novo. Fizera o que a educação mandava ao ser convidado por alguém. Esperava que o homem não respondesse.

— Sei. E o que você faz para matar o tempo?

— Eu...

O homem franziu as sobrancelhas; o canto da sua boca se arqueou de um modo espasmódico e se retorceu numa careta, voltando para a posição inicial.

— ... ajudo um pouco.

— Certo. Com o quê?

Uma espécie de *insight* passou por detrás da membrana ocular transparente e os olhos do homem encontraram os de Lacke. Lacke sentiu uma pontada no final das costas como se uma formiga negra o tivesse mordido acima do cóccix.

O homem massageou os olhos e pescou umas notas de cem do bolso das calças, depositou o dinheiro em cima da mesa e se levantou.

— Com licença, eu preciso...

— O.k. Obrigado pelo uísque.

Lacke levantou o copo para o homem, mas ele já se aproximava dos cabides; conseguiu desajeitadamente tirar o casaco de um gancho e saiu. Lacke continuou sentado de costas para a turma, olhando para o montinho de cédulas. Cinco notas de cem. Uma dose dupla de uísque custava sessenta, e foram cinco doses, talvez seis.

Lacke olhou de soslaio. O garçom estava ocupado recolhendo o pagamento de um casal de idosos, os únicos que pediram comida. Enquanto Lacke se levantava, amassou rapidamente uma nota de cem que virou uma bolinha em sua mão, enfiou-a no bolso e voltou para a mesa de sempre.

No meio do caminho ele se lembrou de uma coisa: voltou para a mesa, derramou o que restava do copo do homem no dele e levou-o embora.

Uma noite de êxito.

— Mas é *Quebra-notas* hoje de noite!

— Tudo bem, eu venho.

— Começa daqui a... meia hora.

— Eu sei.

— O que você vai fazer lá fora?

— Só vou dar uma volta.

— O.k., você não *precisa* ver o *Quebra-notas*. Posso assistir ao programa sozinha. Já que você tem que sair.

— Tudo bem, eu... eu já disse que venho depois.

— Certo. Então espero você para esquentar os crepes.

— Não, você pode... eu *venho* depois.

Oskar conseguiu sair. *Quebra-notas* era um dos momentos solenes dele e da mãe em frente à tv. A mãe fizera crepe com recheio de camarão para comer vendo televisão. Ele sabia que a magoava ao sair de casa agora, em vez de ficar ali esperando ansiosamente junto com ela.

Mas ele estivera olhando lá fora pela janela desde a hora que escureceu e, há pouco, viu a menina sair do prédio ao lado e ir para o parquinho. Oskar saiu da janela na mesma hora. Ela que não pensasse que ele...

Então esperou cinco minutos antes de se vestir e sair. Foi sem gorro.

Não se via a menina no parquinho, provavelmente ela estava toda encolhida no trepa-trepa, como na noite anterior. As persianas das janelas dela ainda estavam fechadas, mas a luz estava acesa dentro do apartamento. Com exceção do banheiro, um quadrado negro.

Oskar sentou-se na beira da caixa de areia e ficou esperando. Como se um bicho fosse sair da toca. Ele só ia ficar um pouco ali. Se a menina não aparecesse, ia para casa de novo, como se nada tivesse acontecido.

Apanhou o cubo de Rubik e girou suas faces para se distrair. Tinha se cansado daquele único pedacinho no canto e misturou o cubo inteiro para começar do início.

O cubo estalava ainda mais alto no ar frio, soava como uma pequena máquina. De soslaio, Oskar viu que a menina se levantou no trepa-trepa.

Ele continuou virando para começar com uma face nova de uma cor só. A menina não se mexia. Ele sentiu uma aflição leve na barriga, mas fingiu não ter notado sua presença.

— Você aqui de novo?

Oskar levantou a cabeça, fingindo estar surpreso, esperou alguns segundos e disse em seguida:

— Você aqui *de novo*?

A menina não respondeu nada e Oskar continuou girando o cubo. Seus dedos estavam duros. Era difícil distinguir as cores no escuro, então ele só trabalhava com a parte branca, que era mais fácil de enxergar.

— Por que você está sentado aí?

— Por que você está aí de pé?

— Eu quero ficar em paz.

— Eu também.

— Vá para casa.

— Vá para casa você. Eu moro aqui há mais tempo que você.

Bem feito para ela. A face branca do cubo estava pronta e era difícil continuar. As outras cores eram apenas uma massa cinza-escura. Ele continuou virando, aleatoriamente.

Quando olhou outra vez para cima, a menina estava em pé no corrimão e pulou. Oskar sentiu um frio na barriga quando o corpo dela bateu no chão; se ele próprio tivesse tentado dar esse mesmo pulo, teria se machucado. Mas a menina aterrissou suave como um gato e foi em sua direção. Oskar direcionou a atenção para o cubo. Ela parou à sua frente.

— O que é isso?

Oskar olhou para a menina, para o cubo, para a menina de novo.

— Isso aqui?

— É.

— Você *não* sabe?

— Não.

— É um cubo de Rubik.

— Como?

Oskar pronunciou as sílabas com uma clareza exagerada.

— Cu-bo de Ru-bik.

— E isso é o quê?

Oskar deu de ombros.

— Um brinquedo.

— Um quebra-cabeça?

— É.

Oskar estendeu o cubo para a menina.

— Quer experimentar?

Ela apanhou o cubo da mão dele, girou-o e olhou todas as faces do brinquedo. Oskar deu uma risada. A garota parecia um macaco examinando uma fruta.

— Você nunca *viu* um desse antes?

— Não. Como se faz?

— Assim...

Oskar pegou o cubo de volta e a menina sentou-se ao seu lado. Ele mostrou como funcionava o brinquedo e disse que o objetivo era deixar todas as faces de uma cor só. Ela pegou o cubo e começou a girar.

— Você enxerga as cores?

— Naturalmente.

Ele olhava para a menina enquanto ela trabalhava com o cubo. Vestia a mesma blusa rosa da noite anterior e Oskar não conseguia entender como ela não sentia frio. Ele próprio já estava ficando com frio de estar parado, apesar do casaco.

Naturalmente.

A menina falava de um jeito esquisito, ainda por cima. Que nem um adulto. Será que ela era até *mais velha* que ele, apesar de ser um palito? O pescoço delgado e branco apontava da gola alta da blusa, ia se transformando numa mandíbula bem marcada. Como um manequim de vitrine.

Mas agora veio uma brisa na direção de Oskar e ele engoliu em seco, respirando pela boca. O manequim *fedia*.

Será que ela não tomava banho?

Mas o cheiro era pior que o de suor curtido. Parecia mais o cheiro de quando se tirava o curativo de uma ferida que infeccionara. E o cabelo dela...

Quando ele teve coragem de olhar mais atentamente para a menina, absorta que ela estava com o cubo, viu que seu cabelo estava todo grudado e emaranhado, cheio de tufos. Como se houvesse cola ou... lama nele.

Enquanto estudava a menina, respirou sem pensar pelo nariz e uma ânsia de vômito lhe fez cócegas na garganta. Ele se levantou, foi para os balanços e sentou-se ali. Não dava para ficar perto dela. A menina não parecia se importar.

Depois de um tempo ele se levantou e foi até onde ela estava, ainda absorta com o cubo.

— Olhe, preciso ir para casa agora.

— Ahã.

— O cubo...

A menina parou. Hesitou por um instante e lhe entregou em seguida o cubo sem dizer nada. Oskar apanhou o brinquedo, olhou para ela e o devolveu.

— Pode pegar emprestado. Até amanhã.

Ela não pegou o cubo.

— Não.

— Por que não?

— Eu posso não vir para cá amanhã.

— Então depois de amanhã. Mas aí você não pode mais ficar com ele.

Ela refletiu. Apanhou em seguida o cubo.

— Obrigada. Acho que venho amanhã.

— Para cá?

— É.

— O.k. Tchau.

— Tchau.

Ao dar meia-volta e deixar a menina, Oskar ouviu o estalo suave do cubo de novo. Ela ia continuar sentada ali, com aquela blusa fina. Os pais dela deviam ser... gente diferente, que deixava a menina sair de casa desse jeito. Ela podia ficar doente...

— Onde você esteve?

— Lá fora.

— Você está bêbado.

— Estou.

— Nós tínhamos combinado que você ia parar com isso.

— *Você* que disse. O que é isso?

— Um quebra-cabeça. Não é bom você...

— Onde você arrumou isso?

— É emprestado. Håkan, você precisa...

— Emprestado de quem?

...

— Håkan. Não faça isso.

— Então me faça feliz.

— O que você quer que eu faça?

— Deixe-me tocar em você.

— Certo, com uma condição.

— Não. Não mesmo. Então deixe para lá.

— Amanhã. Você tem quê.

— Não. Não mais uma vez. Como assim “emprestado”? Você nunca pega nada emprestado. O que é *isso*?

— Um quebra-cabeça.

— Você não está cansado de quebra-cabeças? Você se preocupa mais com seus quebra-cabeças do que comigo. Quebra-cabeças. Padeça. Cabeça.

Quem lhe emprestou isso? quem deu isso a você? Estou fazendo uma pergunta!

— Håkan, pare com isso.

...

— Estou tão infeliz.

— Ajude-me. Mais uma vez. Depois fico forte o bastante para me virar sozinho.

— Certo, mas é justamente isso.

— Você não quer que eu me vire sozinho.

...

— E o que você vai fazer comigo? E depois?

— Eu amo você.

— Não ama nada.

— Amo sim. De certa forma.

— Não existe isso. Ou a gente ama ou a gente não ama.

— É desse jeito?

— É.

— Então eu não sei.

Sábado, 24 de outubro

A mística do subúrbio é a falta de mistério.

Johan Eriksson

No sábado de manhã havia três pilhas altas de folhetos de anúncio do lado de fora da porta de Oskar. A mãe o ajudou a dobrar. Três folhetos diferentes em cada lote, quatrocentos e oitenta lotes no total. Cada lote distribuído rendia catorze centavos em média. No pior dos casos, podia ser apenas *um* folheto que rendia sete centavos. Na melhor das hipóteses (e pior, já que era um tal de dobrar papel que não tinha fim), chegavam até cinco folhetos que rendiam vinte e cinco centavos.

Oskar já tinha um pouco de prática, pois os prédios faziam parte do seu distrito. Ali ele distribuía cento e cinquenta folhetos por hora. A ronda inteira levava mais ou menos quatro horas, com um pulo em casa para reabastecer com o restante dos lotes. Se fosse uma dessas ocasiões em que havia cinco folhetos em cada maço, era necessário passar em casa duas vezes para recarregar.

Os folhetos deviam estar distribuídos no máximo até terça-feira à noite, mas ele costumava fazer tudo no sábado. Resolver logo de uma vez.

Oskar estava sentado no chão da cozinha dobrando os folhetos, a mãe à mesa. Não era um trabalho prazeroso, mas ele gostava do caos que criava na cozinha. A bagunça que se transformava pouco a pouco em ordem, em duas, três, quatro sacolas de papel bem cheias com folhas dobradas no capricho.

A mãe pôs mais um lote de folhetos dobrados na sacola e sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Bem, na verdade não estou gostando nada disso.

— Do quê?

— Você está proibido... se alguém por acaso abrir a porta ou algo do tipo... você está proibido...

— O.k. E por que eu ia fazer uma coisa dessas?

— Há muita gente esquisita neste mundo.

— Certo.

Essa conversa acontecia, de uma forma ou outra, praticamente todo sábado. Na sexta-feira à noite a mãe decidira que ele não ia distribuir folhetos no sábado, por causa do assassino. Mas Oskar prometera por tudo de mais sagrado que faria um escândalo caso alguém se dirigisse a ele, e a mãe acabou deixando.

Nunca aconteceu de alguém tentar convidar Oskar para entrar ou algo desse tipo. Uma vez um coroa saiu e gritou com o menino porque ele tinha “enfado um monte de besteira na caixa do correio”, mas depois disso Oskar deixou de pôr folhetos na caixa desse velho.

O coroa continuaria vivendo sem saber que podia fazer um corte especial no cabelo com luzes por duzentas coroas no salão feminino essa semana.

Em torno de onze e meia, todos os folhetos estavam dobrados e ele partiu. Não adiantava jogar todos os folhetos na lixeira do prédio ou algo do gênero; eles telefonavam e conferiam, faziam testes aleatórios. Isso eles deixaram bem claro quando Oskar telefonou e se inscreveu para o trabalho, seis meses atrás. Vai ver que eles tinham blefado, mas ele não queria arriscar. Além do mais, não tinha nada contra o trabalho. Na verdade, não durante as duas primeiras horas.

Nesse intervalo ele fingia, por exemplo, que era um agente numa missão secreta e estava ali para espalhar propaganda contra o inimigo que tinha invadido o país. Corria de uma portaria a outra, vigilante contra a presença de soldados do inimigo que podiam muito bem aparecer disfarçados de velhinhas boazinhas com cachorros.

Ou também fingia que cada casa era um animal faminto, um dragão com seis bocas cujo único alimento era carne de virgem, camuflada de folhetos de anúncio, que ele enfiava na boca do bicho. Os lábios gritavam em suas mãos quando ele enfiava os papéis na bocarra do monstro.

Nas duas horas restantes — como hoje, no começo da segunda ronda — acontecia uma espécie de mudez. As pernas continuavam trotando e os braços executavam os movimentos de forma mecânica.

Depositar a sacola no chão, seis lotes debaixo do braço esquerdo, abrir a porta do prédio, a primeira porta, abrir a caixa de correios com a mão esquerda, pegar um folheto com a direita, enfiá-lo na caixa. Segunda porta... e assim por diante.

Quando Oskar finalmente chegou ao seu próprio pátio, ao apartamento da menina, parou do lado de fora da porta tentando ouvir alguma coisa. Um rádio tocando baixinho. Só isso. Enfiou os folhetos na caixa de correios e esperou. Ninguém veio apanhar.

Seguindo a ordem de costume, terminou no próprio apartamento: enfiou um folheto na caixa de correio, abriu a porta, apanhou os anúncios e jogou tudo na lata de lixo.

Pronto por hoje. Sessenta e sete coroas mais rico.

A mãe fora para Vällingby fazer umas compras. Oskar tinha o apartamento todo só para ele. E não sabia o que fazer.

Abriu as gavetas debaixo da bancada da pia e olhou dentro delas. Talheres, batedores de ovos e termômetros de forno. Numa outra gaveta, canetas e papéis, uma série de cartões com receitas de pratos diversos que a mãe começou a colecionar, mas tinha parado com a assinatura, já que todas usavam ingredientes muito caros.

Ele foi para a sala de estar e abriu os armários.

As coisas de crochê — ou será que era tricô? — da mãe. Uma pasta com contas e recibos. O álbum de fotos que ele já tinha olhado um monte de vezes. Revistas antigas com palavras cruzadas ainda não resolvidas. Óculos de leitura num estojo. Caixa de costura. Uma caixinha de madeira com os passaportes da mãe e de Oskar, as plaquinhas de identificação dos dois (ele pediu para carregar o crachá no pescoço, mas a mãe disse que só em caso de guerra), uma fotografia e um anel.

Examinou as gavetas e os armários como se estivesse à procura de alguma coisa, mas não sabia o quê. Um segredo. Algo que mudaria alguma coisa. De repente, bem lá no fundo dos armários, achar um pedaço de carne podre. Ou um balão cheio de gás. Qualquer coisa. Algo desconhecido.

Apanhou a foto e a examinou.

Era do seu batizado. A mãe com ele nos braços, olhando diretamente para a câmera. Ela era magra naquela época. Oskar envolto numa bata com fitas longas e azuis. Ao lado da mãe estava o pai, enfiado desconfortavelmente num terno. Parecia não saber o que fazer com as mãos e as duas estavam estendidas ao lado do corpo, quase em posição de sentido. Olhava para o bebê nos braços da mãe. O sol iluminava os três.

Oskar olhou a foto mais de perto, estudou a expressão no rosto do pai. Parecia orgulhoso. Orgulhoso e muito... pouco à vontade. Um homem feliz por ter se tornado pai, mas que não sabia como se comportar. O que fazer. Parecia que era a primeira vez que ele via o bebê, apesar de o batizado ter sido seis meses depois do nascimento de Oskar.

A mãe, no entanto, segurava Oskar de um jeito firme mas relaxado. Seu olhar, diretamente para a câmera, não transparecia orgulho, era mais de... desconfiança. Não chegue perto, dizia esse olhar. Que eu morde seu nariz.

O pai estava inclinado para a frente, como se quisesse chegar mais perto, sem ter coragem. A foto não mostrava uma família. Mostrava um menino e sua mãe. E ao lado dos dois, um homem, provavelmente o pai. A julgar pela expressão no rosto deles.

Mas Oskar amava o pai, e a mãe também o amava. De certa forma. Apesar de... as coisas serem desse jeito. De terem ficado desse jeito.

Oskar apanhou o anel e leu a inscrição em seu interior: *Erik 22/4/1967*.

Eles tinham se separado quando Oskar estava com dois anos. Nenhum deles encontrou outra pessoa. “É que ainda não aconteceu.” Os dois usavam a mesma expressão.

Devolveu o anel no lugar, fechou a caixa de madeira e a enfiou no armário. Queria saber se a mãe olhou alguma vez para o anel, por que ela o guardara. De qualquer forma, o anel era de ouro. Devia ter dez gramas. Valia mais ou menos quatrocentas coroas.

Oskar vestiu as roupas de frio de novo e saiu para o pátio. Estava anoitecendo, embora fossem apenas quatro da tarde. Ir ao bosque, nem pensar.

Tommy estava passando pelo lado de fora da portaria. O garoto parou quando viu Oskar.

— Tudo certo?

— Tudo.

— O que você vai fazer?

— Bem, eu distribuí os anúncios e... não sei.

- E isso rende alguma grana?
- Mais ou menos. Setenta, oitenta coroas. Por vez.
- Tommy balançou a cabeça.
- Quer comprar um walkman?
- Não sei. De que marca?
- Um Sony Walkman. Cinquenta contos.
- Novo?
- Sim. Na caixa. Com fones de ouvido. Cinquentinha.
- Estou sem dinheiro. No momento.
- Mas você ganhou setenta, oitenta com isso aí, você acabou de dizer.
- É, mas meu salário é mensal. Daqui a uma semana.
- O.k. Mas, se você ficar com ele agora, então pode me pagar depois.
- Tudo bem...
- O.k. Desça e me espere que vou pegar o walkman.

Tommy fez um movimento com a cabeça na direção do parquinho e Oskar desceu e sentou-se num banco. Levantou-se logo depois e foi para o trepa-trepa, conferiu. Nada da menina. Voltou rápido para o banco e sentou-se, como se tivesse feito algo proibido.

Depois de um tempo, Tommy apareceu e lhe entregou a caixa.

- Cinquentinha daqui a uma semana, certo?
- Ahã.
- Que tipo de música você ouve?
- Kiss.
- O que você tem deles?
- *Alive*.
- Você não tem *Destroyer*? Posso te emprestar se quiser. Para gravar.
- O.k., legal.

Oskar tinha o vinil duplo *Alive* do Kiss, fazia uns meses que comprara, mas nunca ouvia o disco. Ficava mais olhando para as fotos dos shows. O grupo parecia ser incrível, com aqueles rostos pintados. Personagens vivos de terror. E de “Beth”, que Peter Criss cantava, ele até gostava, mas as

outras músicas eram... é que não havia nenhuma melodia. Talvez *Destroyer* fosse melhor.

Tommy se levantou para ir embora. Oskar apertou a caixa.

— Tommy?

— Fale.

— Aquele cara. Que foi assassinado. Você sabe... *como* ele foi assassinado?

— Sei. Foi pendurado numa árvore e cortaram o pescoço dele.

— Ele não foi... esfaqueado? O assassino não o esfaqueou? No corpo?

— Não, só no pescoço. *Tchiqui*.

— O.k.

— Mais alguma coisa?

— Não.

— Tchau.

— Tchau.

Oskar continuou sentado no banco por um tempo, pensando. O céu estava lilás-escuro, a primeira estrela — ou será que era Vênus? — já se podia ver nitidamente. Ele se levantou e entrou para esconder o walkman antes de a mãe chegar em casa.

À noite iria encontrar a garota e receber o cubo de volta. As persianas ainda estavam fechadas. Será que ela realmente *morava* ali? O que eles faziam lá dentro, o dia inteiro? Será que ela tinha amigos?

Provavelmente não.

— Hoje à noite...

— O que foi que você fez?

— Tomei banho.

— Você não costuma fazer isso.

— Håkan, hoje à noite você precisa...

— Não, eu já disse.

— Por favor.

— Não se trata disso... Peça outra coisa, qualquer outra coisa. Diga. Que eu faço. Tire de *mim*, pelo amor de Deus. Aqui, olhe. Aqui está uma faca. Ah, não quer. O.k., nesse caso eu...

— Esqueça!

— Por quê? Prefiro isso. Por que você tomou banho? Você está cheirando a... sabonete.

— O que você quer que eu faça?

— Eu não posso!

— Tudo bem.

— O que você vai fazer?

— Vou dar um jeito.

— E você precisa tomar banho para isso?

— Håkan...

— Eu te ajudo com qualquer *outra* coisa. Com o que você quiser, eu...

— O.k., tudo bem.

— Desculpe.

— Certo.

— Tome cuidado. Eu... tome cuidado.

Kuala Lumpur, Phnom Penh, Mekong, Rangoon, Chungking...

Oskar olhou a folha mimeografada que acabara de preencher, uma lição de casa do final de semana. Os nomes não significavam nada para ele, eram só um bolo de letras. Sentia uma certa satisfação em ficar consultando o atlas, ver que *havia* de fato cidades e rios justamente no lugar onde estavam marcados no papel, mas...

Bem, tinha que decorar isso tudo e a mãe iria sabatiná-lo. Ele apontaria os pontinhos no papel e diria as palavras estrangeiras. Chungking, Phnom Penh. A mãe ficaria orgulhosa. E até que era divertido com esses nomes estranhos de lugares distantes, mas...

Por quê?

No quarto ano eles tinham recebido folhas mimeografadas da geografia da Suécia. Ele decorou tudo daquela vez. Era bom nisso. Mas e agora?

Tentou puxar da memória o nome de *um* dos rios da Suécia.

Äskan, Väskan, Piskan...

Era algo desse tipo. Ätran, pode ser. Isso. Mas onde ficava? Nenhuma ideia. Chungking e Rangoon teriam o mesmo destino daqui a alguns anos.

Nada tem sentido.

Esses lugares não *existiam* e pronto. E se existissem... ele nunca iria para lá. Chungking? O que ele ia fazer em Chungking? O lugar era apenas uma superfície grande e branca e uma bolinha.

Olhou as linhas retas onde seus garranchos se equilibravam. Isso era a escola. E nada mais. Isso aqui era a escola. Mandavam-nos fazer um monte de coisas e nós fazíamos. Esses lugares tinham sido criados para os professores poderem distribuir folhas de exercício. Não *significavam* nada. Ele podia escrever Tjippiflax, Bubbelibäng e Spitt nas linhas. Seria aceito do mesmo jeito.

A única diferença seria que a professora ia dizer que estava *errado*. Que não *se chamava* assim. Ela apontaria para o mapa e diria: “Veja, o nome é Chungking e não Tjippiflax”. Uma prova inconsistente. Pois alguém também inventara o que estava no atlas. Ninguém disse que era verdade. Talvez a Terra fosse mesmo plana, mas isso era mantido em segredo por algum motivo.

Navios que caem no canto dela. Dragões.

Oskar se levantou da mesa. A folha de exercício estava pronta, cheia de letras que a professora aprovaria. E era só isso.

Já passara das sete horas, será que a menina tinha ido para o pátio? Ele aproximou o rosto da janela, as mãos em concha na cara para poder enxergar lá fora no escuro. E não é que tinha algo se mexendo lá embaixo no parquinho?

Ele foi para o corredor. A mãe estava tricotando, ou talvez fosse crochê, na sala de estar.

- Vou dar uma saída.
- Vai sair agora, de novo? Eu ia sabatiná-lo.
- É. A gente faz isso depois.
- É sobre a Ásia, não é?
- O quê?
- O dever que você tinha. Não é sobre a Ásia?
- É, acho que sim. Chungking.
- Onde fica isso? Na China?
- Não sei.
- Você *não* sabe? Mas...
- Eu volto depois.
- Está bem. Tome cuidado. Está indo com o gorro?
- Estou.

Oskar enfiou o gorro no bolso do casaco e saiu. Na metade do caminho para o parquinho, seus olhos tinham se acostumado com o escuro e ele viu que a menina estava sentada lá em cima no trepa-trepa. Ele se aproximou e ficou lá embaixo, com as mãos nos bolsos.

Ela estava diferente hoje. Ainda com a blusa rosa — será que não tinha outra? —, mas o cabelo não parecia tão embaraçado. Estava liso, preto, seguia o formato da cabeça.

- E aí?
- Oi.
- Oi.

Nunca mais Oskar diria “e aí” para alguém. Soava *altamente* ridículo. A menina se levantou.

- Suba para cá.
- O.k.

Oskar escalou o trepa-trepa e ficou ao lado dela. Inspirou discretamente o ar pelo nariz. Ela não fedia mais.

- Meu cheiro melhorou?

O rosto de Oskar ficou todo vermelho. A menina sorriu e segurava alguma coisa na direção dele. O cubo.

— Obrigada pelo empréstimo.

Oskar apanhou o cubo e olhou para ele. Olhou de novo. Segurou-o na direção da luz até onde era possível, virou e olhou para todas as faces. O cubo estava solucionado. Todas as faces estavam de uma cor só.

— Você desmontou o cubo?

— Como assim?

— Bem... desmontou e... pôs as partes no lugar certo.

— É possível fazer isso?

Oskar apalpou o cubo, como para conferir se havia partes soltas depois de terem sido desmontadas. Ele mesmo fez isso uma vez, tinha ficado encantado com o fato de ser necessário apenas poucas viradas no cubo para a gente se perder e ser incapaz de fazer as faces ficarem de uma cor só de novo. É verdade que as partes não ficaram soltas depois que ele desmontou o brinquedo, mas ela não podia ter solucionado o cubo, será?

— Você *deve* ter desmontado o cubo.

— Não.

— Mas você disse que *nunca* tinha visto um desses antes.

— Não. Foi divertido. Obrigada.

Oskar segurou o cubo em frente aos olhos, como se o brinquedo pudesse lhe contar como aquilo aconteceu. De alguma forma, ele tinha praticamente certeza de que a menina não estava mentindo.

— Quanto tempo levou?

— Várias horas. Agora eu acho que ia ser mais rápido.

— Inacreditável.

— Não é tão difícil assim.

A menina se virou para ele. Suas pupilas estavam tão grandes que quase preenchiam o olho inteiro, a luz da portaria dos prédios se refletia na superfície negra e era como se houvesse uma cidade distante dentro da sua cabeça.

A blusa, com a gola alta tapando o pescoço, acentuava ainda mais seus traços delicados e ela parecia um... personagem de história em quadrinhos. A pele, as linhas eram como uma faca de madeira que fora polida durante semanas com a melhor lixa que havia até a madeira ficar como seda.

Oskar tossiu limpando a garganta.

— Quantos anos você tem?

— O que você acha?

— Catorze, quinze.

— Eu pareço ter isso?

— Parece. Bem, não, mas...

— Eu tenho doze anos.

— Doze!

Nossa! Ela era provavelmente *mais nova* do que Oskar, que faria treze dentro de um mês.

— Em que mês você nasceu?

— Não sei.

— Você *não* sabe? Bem... quando é seu aniversário?

— Não costumo comemorar.

— Mas sua mãe e seu pai têm que saber!

— Não. Minha mãe está morta.

— Ah... Sei. Como ela morreu?

— Não sei.

— E seu pai... não sabe?

— Não.

— Então... nesse caso... você não ganha presentes?

A garota deu um passo para ficar mais perto de Oskar. O ar quente da sua respiração se espalhou no rosto dele e as luzes da cidade dentro dos seus olhos se apagaram quando ela entrou na sombra do menino. As pupilas, dois buracos do tamanho de bolas de gude em sua cabeça.

Ela está triste. Muito, muito triste.

— Não. Eu não ganho presentes. Nunca.

Oskar balançou a cabeça petrificado. O mundo ao seu redor não existia mais. Apenas os dois buracos negros à distância de uma respiração. O hálito que saía da boca dos dois se misturava e subia, dissolvia-se.

— Você quer me dar um presente?

— Quero.

A voz dele não era nem sequer um sussurro. Apenas uma exalação. O rosto da menina estava perto. Os olhos de Oskar não desgrudavam da sua face de faca de madeira.

Por isso ele não viu como os olhos dela mudaram, estreitaram-se, assumiram outra expressão. Como o lábio superior se arqueou, mostrando um par de caninos pequenos e encardidos. Oskar via apenas a bochecha da menina e, enquanto seus dentes se aproximavam do pescoço de Oskar, ele levantou a mão e acariciou-lhe a face.

A menina parou, ficou congelada por um instante e recuou. Os olhos reassumiram o aspecto anterior, as luzes da cidade se acenderam novamente.

— O que você fez?

— Desculpe... eu...

— O que você fez?

— Eu...

Oskar olhou para a mão que segurava o cubo e a afrouxou em torno do brinquedo. Apertou tanto o cubo que os cantos deixaram marcas escuras em sua mão. Segurou o cubo na direção da menina.

— Quer ficar com ele? Eu te empresto.

Ela abanou devagar a cabeça.

— Não. É seu.

— Qual... seu nome?

— Eli.

— Eu me chamo Oskar. Como é seu nome? *Eli*?

— ... é.

A menina pareceu de repente ficar inquieta. Os olhos se moviam de um lado para o outro como se ela estivesse procurando alguma coisa na memória, algo que não conseguia achar.

— Eu... preciso ir agora.

Oskar balançou a cabeça. A menina olhou bem em seus olhos durante uns segundos e virou-se em seguida para ir embora. Foi até a borda do escorregador e hesitou um pouco. Sentou-se depois no brinquedo e deslizou nele, indo em direção à portaria. Oskar apertou o cubo na mão.

— Você vem amanhã?

A menina parou, respondeu “Sim” em voz baixa sem se virar e continuou andando. Oskar acompanhou-a com os olhos. Ela entrou no prédio, mas foi para a arcada que levava para fora do pátio. Desapareceu.

Oskar olhou para o cubo em sua mão. Inacreditável.

Ele virou só um pouquinho uma seção, de forma que a uniformidade se dissolveu. Arrumou o cubo de volta na posição inicial. Queria mantê-lo desse jeito. Por um tempo.

Jocke Bengtsson ria-se sozinho ao ir para casa, saindo do cinema. Um filme superengraçado, *Sällskapsresan*. Especialmente aquela cena com os dois caras que corriam de um lado para o outro procurando a Bodega do Peppe. E um deles que levava o amigo cheio de goró na cadeira de rodas e, quando passou pela alfândega, disse: “*invalido*”. É, um barato.

Talvez fosse uma boa ideia fazer uma viagem dessas com um dos rapazes da turma. Mas quem ele podia levar numa viagem?

Karlsson era tão chato que os relógios paravam, Jocke explodiria com ele depois de dois dias. Morgan dava medo quando bebia demais da conta, e com certeza ele faria isso se a bebida fosse muito barata. Com Larry daria, mas ele estava muito acabado. No final ele ia ter que rebocá-lo numa cadeira de rodas daquele jeito. “*Invalido*.”

Não, ia ser com Lacke mesmo.

Podiam se divertir muito durante uma semana lá na Espanha. Por outro lado, Lacke era pobre que só ele, nunca teria dinheiro para isso. Filava cerveja e cigarros dos outros toda noite. Tudo bem, da parte de Jocke, mas ele não tinha grana para Lacke viajar para as Ilhas Canárias.

Restava apenas encarar os fatos: ninguém da turma do restaurante chinês era uma boa companhia de viagem.

Será que ele podia viajar sozinho?

Podia, Stig-Helmer viajou. Apesar de ser totalmente tapado. E depois ele encontrou Ole na viagem. Até teve um caso com uma garota. Algo a se pensar. Fazia oito anos que Maria terminara com Jocke e levara o cachorro, e desde então ele nunca mais conheceu ninguém no sentido bíblico, nem sequer uma vez.

Mas será que havia alguém que o queria? Talvez. Em todo caso, ele não estava tão acabado que nem Larry. Mas a bebida deixou marcas no rosto e no corpo, embora ele tivesse certo controle sobre ela. Hoje, por exemplo, não bebeu nenhuma gota, ainda que fossem quase nove horas. Em todo caso, agora ele ia para casa tomar umas gins-tônicas antes de descer para o restaurante.

Continuaria pensando nessa ideia da viagem. Acabaria como todas as coisas que ele pensava em fazer e resolver nos últimos anos: dando em nada. Mas a gente podia sonhar.

Foi pelo caminho do parque entre a Hollbergsgatan e a escola de Blackeberg. Estava bem escuro, devia ter uns trinta metros de distância entre os postes de luz. E o restaurante do chinês estava iluminado, parecendo um farol à esquerda.

Será que ele ia entornar todas hoje à noite? Ir direto para o restaurante e... não. Ficaria caro demais. Então os outros pensariam que ele tinha ganhado na loteria ou algo do gênero, achariam que ele era um baita de um mão de vaca que não convidava ninguém. Melhor ir para casa e molhar o bico primeiro.

Passou embaixo da tinturaria; a chaminé com o olho vermelho solitário, o retumbar abafado das suas entranhas.

Uma noite, quando foi para casa bem mamado, teve uma espécie de alucinação e viu a chaminé se soltando do prédio, deslizando ladeira abaixo em sua direção, rosnando e chiando.

Tinha se encolhido todo no caminho do parque com as mãos em cima da cabeça esperando pelo baque. Quando finalmente tirou os braços da cabeça, a chaminé estava ali no lugar onde sempre esteve, estupenda e imóvel.

A lâmpada mais próxima da passagem subterrânea da Björnsonsgatan estava quebrada e o caminho era uma abóboda feita de escuridão. Se estivesse bêbado agora, provavelmente subiria a escada ao lado da passagem e continuaria lá em cima na Björnsonsgatan, mesmo que fosse um caminho um pouco mais longo. Podia ter visões muito estranhas no escuro depois de ter bebido muito. Por isso sempre dormia com a luz acesa. Mas agora estava totalmente sóbrio.

Bem que ele tinha vontade de pegar as escadas mesmo assim. As alucinações de bêbado começavam a se infiltrar em sua percepção de mundo mesmo quando estava sóbrio. Ficou imóvel no caminho do parque e resumiu a situação para si mesmo:

— Estou ficando paranoico.

Olhe, Jocke, a parada é a seguinte, entenda. Se você não criar coragem para andar aquele pedacinho ali da passagem subterrânea, nunca irá para as Ilhas Canárias.

Como assim?

É isso mesmo, porque você sempre foge assim que aparece qualquer probleminha. A lei do menor esforço, em qualquer situação. Você acha que vai conseguir ligar para uma agência de viagens, tirar passaporte novo, comprar coisas para a viagem, por acaso ter coragem de testar o desconhecido, se não consegue encarar aquele trequinho?

Até que faz sentido. Mas e aí? Se eu andar ali na passagem subterrânea agora, então isso significa que vou para as Ilhas Canárias, que isso vai

mesmo acontecer?

Eu acho que você vai ligar e reservar a passagem amanhã. Tenerife, Jocke. Tenerife.

Ele se pôs a andar de novo, encheu a cabeça de imagens de praias ensolaradas e drinques enfeitados com guarda-sóis. É claro que ele ia viajar. Não ia para o restaurante chinês hoje à noite, não. Ficaria em casa dando uma olhada nos anúncios. Oito anos. Pô, estava na hora de se reestruturar.

Jocke acabara de pensar em palmeiras, se havia ou não palmeiras nas Ilhas Canárias, se tinha visto alguma no filme, quando ouviu o barulho. Uma voz. Parou no meio da passagem subterrânea e aguçou os ouvidos. Alguém gemendo junto da parede.

— Ajude-me...

Seus olhos começaram a se acostumar com a escuridão, mas ele só podia distinguir os contornos das folhas que tinham voado para debaixo da passagem e se juntado em montinhos. Parecia a voz de uma criança.

— Olá! Alguém aí?

— Ajude-me...

Jocke olhou ao redor. Nenhuma alma viva por perto. O farfalhar de alguma coisa no escuro, agora ele também conseguiu distinguir um movimento no meio das folhas.

— Ajude-me, por favor.

Ele teve um impulso de sair logo dali. É claro que era impossível. Uma criança machucada, talvez tivesse sido atacada...

O assassino!

O assassino de Vällingby viera para Blackeberg, mas dessa vez a vítima sobreviveu.

Mas que merda!

Jocke não queria se ver envolvido nisso. Logo ele, que ia para Tenerife. Mas não tinha jeito. Deu uns passos na direção da voz. As folhas farfalhavam debaixo dos seus pés e agora ele podia ver o corpo. Deitado em posição fetal no meio das folhas secas.

Merda, merda.

— O que houve?

— Me ajuda...

Os olhos de Jocke tinham agora se adaptado à escuridão e ele podia ver a criança estendendo um braço branco em sua direção. O corpo estava nu, provavelmente foi violado. Não. Ao chegar bem perto, viu que a criança não estava nua, vestia apenas uma blusa rosa-clara. Quantos anos? Dez, doze. Vai ver que havia sido espancado por alguns “coleguinhas”. Ou ela. Se fosse uma menina, essa última hipótese era menos provável.

Ele se agachou perto da criança, segurou uma das suas mãos.

— O que aconteceu com você?

— Me ajuda. Me levanta.

— Você está ferido?

— Estou.

— O que aconteceu?

— Me levanta...

— Não é nada com a coluna, é?

Jocke tratara de doentes na época do serviço militar e sabia que não devia mexer em pessoas que tivessem tido lesões nas costas e no pescoço sem ajeitar a cabeça.

— Não é a coluna?

— Não. Me levanta.

Mas o que ele devia fazer? Se levasse a criança para seu apartamento, a polícia podia pensar que...

Tinha que carregá-la ou carregá-lo para o restaurante e chamar uma ambulância de lá. É. Faria isso. O corpo da criança era bem pequeno e leve, devia ser uma menina e, apesar de não estar em boa forma, provavelmente conseguiria carregá-la por essa distância.

— O.k. Eu te carrego para um lugar onde a gente possa telefonar, certo?

— Está bem... obrigada.

Aquele “obrigada” fez seu coração ficar apertado. Como ele pôde ter vacilado? Que espécie de canalha era ele? Bem, deixou o bom senso falar mais alto, e agora ajudaria a menina. Enfiou com cuidado o braço esquerdo embaixo da dobra dos joelhos da garota e passou o outro braço por seu pescoço.

— Pronto. Vou levantar.

— Ahã.

Ela quase não pesava. Foi incrivelmente fácil levantá-la. Vinte e cinco quilos, no máximo. Talvez estivesse subnutrida. Ambiente familiar ruim, falta de apetite. Talvez tivesse sido espancada pelo pai adotivo ou algo do gênero. Revoltante.

A menina passou os braços em volta do pescoço de Jocke e encostou a bochecha em seu ombro. Ele conseguiu.

— Está bom assim?

— Está.

Ele sorriu. Um calor percorreu seu corpo. Ele era um sujeito bom, apesar de tudo. Já podia imaginar a cara dos outros quando chegasse carregando a menina para dentro do restaurante. Primeiro iriam querer saber o que ele tinha aprontado, e depois comentários cada vez mais positivos: “Fez muito bem, Jocke”, e por aí vai.

Começou a se virar para ir até o restaurante, cheio de fantasias na cabeça sobre uma vida nova, o passo inicial que estava dando agora para sair do fundo do poço, quando sentiu uma dor no pescoço. O que é isso? Era como se tivesse recebido uma picada de marimbondo, e sua mão esquerda queria se levantar, tirar o inseto dali, tocar no pescoço. Mas Jocke não podia largar a criança.

Tentou estupidamente baixar a cabeça para ver o que era, embora não pudesse ver nesse ângulo. Além do mais, não conseguiu baixar a cabeça, já que o maxilar da menina estava pressionando seu pescoço. A pegada no pescoço ficou mais forte e a dor aumentou. Agora ele entendeu.

— Mas o que você está fazendo?

No pescoço, ele sentia a mandíbula da menina moendo para cima e para baixo enquanto a dor em sua garganta aumentava. Um filete quente escorreu-lhe pelo peito.

— Porra, pare com isso!

Ele largou a menina. Não foi nem sequer um ato consciente, apenas um reflexo; *preciso tirar essa coisa da minha garganta*.

Mas ela não caiu. Em vez disso, agarrou-se ainda mais ao pescoço dele — meu Deus, como aquele corpinho era forte! — e se encavalou em volta dos quadris de Jocke. Como quatro dedos de uma mão segurando uma boneca, ela se agarrou nele enquanto a mandíbula não parava de moer.

Jocke pegou a cabeça da menina e tentou arrancá-la do seu pescoço, mas era como se tentasse despregar um cogumelo orelha-de-pau de uma bétula apenas com as mãos. Ela estava grudada nele. O abraço da menina era tão forte que tirava o ar dos pulmões de Jocke e não o deixava aspirar ar nenhum.

Ele cambaleou para trás, tentando respirar.

A mandíbula da menina tinha parado de moer, agora se ouvia apenas um ruído suave de algo sendo sorvido. Nem por um instante ela afrouxou o abraço, pelo contrário, a pegada ficou mais firme quando a garota começou a sugar. Um estalar abafado e o peito de Jocke se encheu de dor. Algumas das suas costelas tinham se quebrado.

Ele não tinha ar nem para gritar. Socou sem força a cabeça da menina com os punhos cerrados enquanto cambaleava de lá para cá no meio das folhas secas. O mundo girava. As luzes distantes do parque dançavam como vagalumes na frente dos seus olhos.

Ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas. O último som que ouviu foi o de folhas sendo amassadas embaixo da nuca. Um centésimo de segundo depois, sua cabeça bateu nas pedras do pavimento e o mundo desapareceu.

Oskar estava deitado olhando para o papel de parede.

Ele e a mãe tinham assistido aos Muppets, mas ele não prestou atenção na história. Miss Piggy ficou zangada e Caco procurou Gonzo. Um dos mal-humorados caíra da sacada. *Por que* ele caíra, Oskar não sabia. Estava com o pensamento longe.

Depois ele e a mãe tinham tomado chocolate quente e comido bolinhos. Oskar sabia que eles haviam conversado, mas não se lembrava do que tinham falado. Talvez alguma coisa sobre pintar de azul as cadeiras da cozinha.

Ele não tirava os olhos do papel de parede.

A parede inteira onde sua cama estava encostada era revestida com um papel de parede de uma foto que mostrava uma clareira numa floresta. Troncos de árvores grossos e folhas verdes. Ele costumava ficar deitado imaginando personagens no meio das folhas mais próximas da sua cabeça. Havia dois personagens que ele sempre via de uma vez, assim que olhava. Precisava se esforçar para imaginar os outros.

Agora a parede ganhou um significado diferente. Do outro lado dela, do outro lado da floresta, havia agora... Eli. Oskar estava deitado com a mão encostada na superfície verde tentando imaginar o que havia do outro lado. Será que o quarto dela era ali? Será que ela estava deitada agora? Ele transformou a parede no rosto de Eli, alisou as folhas verdes, a pele macia da garota.

Vozes do outro lado.

Ele parou de alisar o papel de parede e aguçou os ouvidos. Uma voz aguda e uma grave. Eli e o pai. Pareciam estar brigando. Ele encostou o ouvido na parede para escutar melhor. Saco. Se pelo menos tivesse um copo. Não ousava se levantar para apanhar um, pois eles podiam parar de falar enquanto isso.

O que eles estão falando?

Era o pai dela que parecia contrariado, mal se ouvia a voz de Eli. Oskar se esforçou para escutar as palavras. Ouviu apenas uns palavrões e "... muita maldade", depois um baque como se alguém tivesse caído no chão.

Será que ele batia nela? Será que ele tinha visto Oskar alisar seu rosto e... será que era isso?

Agora era só Eli quem falava. Oskar não conseguiu ouvir nenhuma palavra do que ela disse, apenas o tom suave da sua voz que aumentava e diminuía de volume. Será que ela falaria desse jeito se o pai tivesse lhe batido? Ele não *podia* bater na garota. Oskar iria matá-lo se ele batesse nela.

Desejou poder atravessar a parede, como o Homem-Relâmpago, o super-herói. Desaparecer parede adentro, atravessar a floresta e ir para o outro lado, ver o que estava acontecendo, se Eli precisava de ajuda, de consolo, de qualquer coisa.

Agora o silêncio imperava do outro lado. Apenas seu coração ruflava com batidas de sucção no ouvido dele.

Oskar saiu da cama, foi até a escrivaninha e despejou nela umas borrachas que estavam dentro de um copo de plástico. Levou-o para a cama e encostou a boca do copo na parede, e o fundo no ouvido.

A única coisa que ouviu foi um som distante de coisas sendo remexidas, não parecia vir do cômodo ali ao lado. O que eles *estavam fazendo*? Prendeu a respiração. De repente um estampido alto.

Um tiro de revólver!

Ele procurou um revólver e — não, foi a porta da rua que bateu com força e fez as paredes tremerem.

Oskar pulou da cama e foi até a janela. Depois de alguns segundos, um homem saiu. O pai de Eli. Segurava uma mala na mão e andava com passos rápidos, irritados, em direção à saída do pátio; e desapareceu.

O que eu devo fazer? Ir atrás dele? Mas por quê?

Deitou-se de novo. Era só sua imaginação em funcionamento. Eli e o pai tiveram uma briga, Oskar e a mãe também brigavam de vez em quando. Às vezes a mãe até saía para a rua desse jeito, se a briga tivesse sido mais séria que de costume.

Mas não de madrugada.

A mãe ameaçava de se mudar para longe de Oskar quando achava que ele havia sido mau com ela. Oskar sabia que ela nunca faria isso e a mãe sabia que ele sabia. Talvez o pai de Eli tivesse levado um pouco mais longe a ameaça. Saiu de casa de madrugada, com mala e tudo.

Oskar estava deitado na cama com as palmas das mãos e a testa coladas na parede.

Eli, Eli. Você está aí? Ele machucou você? Você está triste? Eli...

Batidas na porta de Oskar, que levou um susto. Num instante de loucura, achou que fosse o pai de Eli que tivesse vindo para acertar as contas com ele.

Mas era a mãe. Entrou no quarto de Oskar na ponta dos pés.

— Oskar? Você está dormindo?

— Ahã.

— Eu só queria dizer... mas que vizinhos novos são esses... Você ouviu?

— Não.

— Ouviu, sim, você deve ter ouvido. Ele berrou e bateu a porta que nem um louco. Santo Deus. Às vezes a gente fica feliz por não ter nenhum marido. Coitada dessa mulher. Você já a viu?

— Não.

— Eu também não a vi. Bem, nem ele. As persianas ficam fechadas o dia inteiro. Provavelmente alcoólatras.

— Mãe.

— Quê?

— Eu quero dormir.

— Certo, desculpe, coração. É que eu fiquei tão... Boa noite. Durma com os anjos.

— Ahã.

A mãe saiu do quarto e fechou a porta com cuidado. Alcoólatra? Era bem provável.

O pai de Oskar bebia muito de vez em quando; era por isso que ele e a mãe não estavam mais juntos. O pai também podia ter acessos de fúria como esse quando ficava bêbado. É verdade que nunca bateu em ninguém, mas gritava até ficar rouco, batia as portas e quebrava as coisas.

Alguma coisa em Oskar se alegrou com esse pensamento. Feio, mas foi desse jeito. Se o pai de Eli era um bêbado então eles tinham uma coisa em comum, algo que podiam compartilhar.

Oskar encostou de novo a testa e as mãos na parede.

Eli, Eli. Eu sei como você se sente. Vou ajudar você. Vou salvá-la.

Eli...

Os olhos de Håkan estavam arregalados, olhavam cegos para a abóbada da passagem subterrânea. Ele tirou mais folhas mortas do lugar e a blusa rosa de pano fino que Eli costumava vestir apareceu, jogada em cima do peito do homem. Håkan a apanhou, pensou em levá-la ao nariz para cheirar, mas se deteve ao sentir que a blusa estava suja.

Jogou a blusa de volta em cima do peito do homem, apanhou o cantil do bolso e tomou três goles grandes. A cachaça lançou línguas de fogo em sua garganta, lambeu-lhe o estômago. As folhas estalaram debaixo do seu traseiro quando ele se sentou no chão frio de pedras e ficou olhando para o morto.

Alguma coisa estava errada com a cabeça.

Håkan vasculhou a bolsa e achou uma lanterna de bolso. Verificou se não vinha ninguém no caminho do parque, acendeu a lanterna e iluminou o homem. O rosto era de um branco amarelado pálido à luz da lanterna, a boca estava entreaberta, como se fosse dizer alguma coisa.

Håkan engoliu em seco. Só de pensar que esse homem chegou mais perto do seu amado do que ele próprio algum dia pudera chegar deixou-o com nojo. Sua mão procurou o cantil de novo, queria queimar a angústia súbita, mas se deteve.

O pescoço.

Ao redor do pescoço inteiro do homem era como se houvesse um cordão vermelho, grosso. Håkan se debruçou sobre ele e viu a ferida que Eli abrira para poder chegar ao sangue...

Os lábios na pele.

... mas isso não explicava o cor... dão...

Håkan desligou a lanterna, respirou fundo e se recostou involuntariamente no espaço apertado, de forma que o teto de cimento da ponte arranhou a mancha de calvície no alto da sua cabeça. Ele aguentou calado a ardência dolorosa.

A pele do pescoço do homem se rompeu porque... porque a cabeça tinha sido torcida. Uma volta inteira. O pescoço estava quebrado.

Håkan fechou os olhos, inspirou e expirou devagar para se acalmar e controlar o impulso de sair correndo dali, para bem longe... disso. O teto da passagem subterrânea pressionava sua cabeça, embaixo dele o chão de pedras. À esquerda e à direita um caminho para o parque de onde podiam vir pessoas que chamariam a polícia. E à sua frente...

É só uma pessoa morta.

É. Mas... a cabeça.

Håkan não gostava de pensar que a cabeça estava solta. Ela cairia para trás, talvez se soltasse se ele levantasse o corpo. Sentou-se todo encolhido e descansou a testa nos joelhos. O amado dele fizera isso. Com as próprias mãos.

Ele sentiu uma ânsia de vômito na garganta ao imaginar o barulho. O estalo da cabeça ao ser virada. Não queria tocar naquele corpo de novo. Ficaria sentado ali. Como Belaqua ao pé da montanha do purgatório, esperando o dia amanhecer, esperando...

Um as pessoas vinham do metrô. Ele se deitou no meio das folhas, bem junto do morto, encostou a testa na pedra gelada.

Por quê? Por que isso... com a cabeça?

A contaminação. Não podia atingir o sistema nervoso. O corpo tinha que ser desligado. Foi só isso que ele ficou sabendo. Ele não havia entendido.

Agora entendeu.

Os passos ficaram mais rápidos, as vozes, mais fracas. Eles subiram a escada. Håkan sentou-se de novo, olhou para as linhas do rosto morto, de boca aberta. Então esse corpo teria se levantado de novo, limpadinho as folhas de cima dele se não tivesse sido... desligado?

Um riso estridente saiu de dentro de Håkan, tremulou como um canto de pássaro embaixo da passagem subterrânea. Ele bateu na boca com tanta força que doeu. A imagem. Do cadáver se levantando do monte de folhas e tirando com movimentos sonolentos folhas mortas de cima da jaqueta.

O que ele iria fazer com o corpo?

Deviam ser uns oitenta quilos de músculos, gordura, ossos que precisavam ser removidos. Triturados. Feitos em pedaços. Enterrados. Queimados.

O crematório.

Claro. Carregar o corpo para lá, arrombar o local e incinerá-lo às escondidas. Ou apenas deixá-lo na entrada como se fosse uma criança abandonada, esperar que a vontade deles de incinerar fosse tão forte que desistiriam de chamar a polícia.

Não. Havia apenas uma alternativa. À direita, o caminho do parque ia bosque adentro, para o hospital. Para o lago.

Ele enfiou a blusa ensanguentada dentro da jaqueta do cadáver, pendurou a bolsa no ombro e passou as mãos embaixo das dobras do joelho e das costas do cadáver. Levantou-se, cambaleou, ficou de pé. Como previra, a cabeça do cadáver caiu para trás num ângulo anormal e as mandíbulas se fecharam fazendo um clique.

Quanto ele precisava andar para chegar até a água? Talvez uns trezentos, quatrocentos metros. E se alguém aparecesse? Então ele não podia fazer nada. Então era o fim de tudo. De certa forma, seria bom.

Mas ninguém apareceu e, lá embaixo na beira d'água, Håkan foi se arrastando encharcado de suor por cima do tronco de um dos salgueiros-

chorões, que se debruçava sobre o lago quase paralelo à superfície da água. Ele tinha amarrado duas pedras grandes da beira da praia ao redor dos pés do morto com pedaços de corda.

Com um pedaço maior, deu uma laçada em volta do peito do morto, arrastou o corpo para dentro d'água o mais longe que pôde e tirou-lhe a corda.

Ele continuou sentado por um instante no tronco da árvore com os pés balançando bem acima do lago e olhou para o espelho negro lá embaixo, encrespado de bolhas que subiam cada vez menos.

Ele tinha feito.

Apesar do frio, as gotas de suor escorriam, fazendo seus olhos arderem. O corpo inteiro lhe doía do esforço muscular, mas *ele tinha feito*. Bem embaixo dos seus pés estava o corpo morto oculto para o mundo. Não existia. As bolhas tinham parado de subir e não havia nada... *nada* que indicasse que o cadáver estava ali embaixo.

A água refletia a imagem de algumas estrelas.

SEGUNDA PARTE

Afronta

*... e eles foram para lugares onde
artin nunca estivera antes,
bem longe de Tyska Botten e de
lackeberg — e ali era a fronteira
do mundo conhecido.*

Hjalmar Söderberg,
A juventude de Martin Birck

*Mas aquele cujo coração uma
ninfa da floresta saqueia,
nunca o terá de volta.
Por sonhos à luz da lua a alma dele anseia
e não pode amar uma esposa...*

Viktor Rydberg,
“A ninfa da floresta”

No domingo os jornais publicaram um relato detalhado sobre o assassinato em Vällingby. As manchetes diziam:

“será que ele foi vítima de um assassinato ritual?”

Fotos do menino, da baixada no bosque. Da árvore.

O assassino de Vällingby não era mais, a essa altura, o assunto do momento. Na baixada no bosque, as flores tinham murchado e as velas, se apagado. A faixa vermelha e branca da polícia fora removida, os vestígios tinham sido coletados.

A reportagem de domingo reacendeu as discussões. E o epíteto “assassinato ritual” dava a entender que aquilo estava predestinado a acontecer de novo, não dava? Pois um ritual é algo que se repete.

Todo mundo que passou alguma vez por aquele caminho, ou apenas esteve perto dele, tinha algo a dizer. Como esse pedaço do bosque era sinistro. Ou como esse pedaço do bosque era calmo e bonito e que não dava para imaginar uma coisa dessas.

Todo mundo que conheceu o menino, ainda que fosse bem superficialmente, dizia que ele era um bom rapaz e que o assassino devia ser uma pessoa muito má. Usava-se com frequência o assassinato como um exemplo de caso em que a pena de morte podia ser legítima, embora em princípio se fosse contra esse tipo de punição.

Uma coisa estava faltando. Um retrato do assassino. A gente ficava olhando para a baixada inexpressiva no bosque, para o rosto sorridente do menino. Não havendo um retrato daquele que fizera isso, era como se a coisa tivesse apenas... acontecido.

Isso não era satisfatório.

Na segunda-feira do dia 26 de outubro, a polícia mandou anunciar no rádio e nos jornais matinais que fez a maior apreensão de entorpecentes de todos os tempos na Suécia. E prendeu cinco libaneses.

Libaneses.

Em todo caso, isso era algo que se podia entender. Cinco quilos de heroína. E cinco libaneses. Um quilo por libanês.

Além do mais, os libaneses tinham se aproveitado do sistema sueco de seguridade social enquanto contrabandeavam as drogas. É verdade que tampouco havia fotos dos libaneses, mas não era necessário. E libaneses, a gente sabe que cara eles têm. Árabes. É.

Segundo algumas especulações, o assassino ritual também era um estrangeiro. Parecia provável. E não havia uma espécie de ritos de sangue nesses países árabes? Islão. Despachava seus filhos com cruces de plástico ou sabe-se lá o que era aquilo que eles tinham pendurado no pescoço. Para ser revolvedores de minas. A gente ouviu falar disso. Gente cruel. Irã, Iraque. Libaneses.

Mas na segunda-feira a polícia permitiu que publicassem um retrato falado do assassino, que teve tempo de sair nos jornais vespertinos. Uma menina viu o homem. Tudo foi feito com calma e sem precipitação, a polícia foi cuidadosa ao produzir o retrato.

Um sueco comum. Com um aspecto fantasmagórico. Olhar vazio. Todos concordavam que a cara de um assassino era desse jeito. Era fácil imaginar aquele rosto com jeito de máscara andando às escondidas na baixada do bosque e...

Todos em Västerort que se pareciam com o retrato falado tiveram de aturar olhares demorados, examinadores. Eles iam para casa e se olhavam no espelho, mas não achavam nenhuma semelhança. De noite, na cama, ficavam pensando se deviam mudar o visual para o dia seguinte, ou será que pareceria suspeito?

Eles não precisavam se preocupar. As pessoas teriam outra coisa em que pensar. A Suécia viraria um outro país. Uma nação *afrontada*. Era esta a palavra que se usava o tempo todo: afronta.

Enquanto aqueles que se parecem com o retrato falado estão na cama pensando em usar um penteado novo, um submarino soviético está encalhado no litoral de Karlskrona. Os motores da embarcação roncam e ecoam pelo arquipélago ao tentar sair do fundo do mar. Ninguém vai lá para examinar.

Ele será descoberto por acaso na quarta-feira de manhã.

Quarta-feira, 28 de outubro

A escola fervilhava de boatos na hora do almoço. Um professor ouviu no rádio na hora do intervalo, contou para sua turma e, na hora do almoço, todos já estavam sabendo.

Os russos tinham chegado.

O assunto principal das conversas das crianças na última semana tinha sido o assassino de Vällingby. Várias haviam visto o assassino, alguém até chegou a dizer que foi atacado por ele.

Tinham visto o assassino em todo tipo estranho que passava pela escola. Quando um velho de roupas surradas pegou um atalho pelo pátio, as crianças saíram correndo aos gritos e se esconderam no prédio da escola. Alguns dos meninos mais valentões tinham se armado de tacos de hóquei e se preparado para bater nele. Felizmente alguém reconheceu o homem como um dos pés de cana lá da praça. Deixaram-no ir.

Mas agora eram os russos. Não se sabia muito sobre os russos. Era um alemão, um russo e Bellman. Eles eram os melhores no hóquei. Chamava-se União Soviética. Eles e os americanos eram os que tinham viajado para o espaço. Os americanos haviam construído uma bomba de nêutron para se proteger dos russos.

Oskar discutia o assunto com Johan na hora do almoço.

— Será que os russos também têm uma bomba de nêutron?

Johan encolheu os ombros. — Com certeza. Talvez eles tenham uma naquele submarino.

— Mas não é preciso usar avião para soltar bombas?

— Não. Eles põem as bombas em foguetes que voam para qualquer lugar.

Oskar olhou para o céu. — Dá para ter uma dessas num submarino?

— Claro. É possível ter essas bombas em qualquer lugar.

— As pessoas morrem e os prédios continuam de pé.

— Exatamente.

— Eu queria saber o que acontece com os animais.

Johan refletiu por um instante.

— Eles também devem morrer. Pelo menos os grandes.

Estavam sentados na beira da caixa de areia, onde nenhuma criancinha brincava no momento. Johan apanhou uma pedra grande e jogou-a, fazendo a areia levantar para todos os lados. — Pow! Todos estão mortos!

Oskar pegou uma pedra menor.

— Não! Ali está um que sobreviveu! *Pxiuuu!* Míssel nas costas!

Eles jogaram pedras e cascalho, arrasaram todas as cidades da terra, até aparecer uma voz atrás deles.

— Mas o que vocês estão fazendo?

Eles se viraram. Jonny e Micke. Foi Jonny quem falou. Johan jogou a pedra que tinha na mão.

— Bem, a gente só...

— Não perguntei a você. Porco? O que vocês estão fazendo?

— Jogando pedras.

— E por quê?

Johan se afastou um pouco, estava ocupado amarrando os sapatos.

— Por... nada.

Jonny olhou para a caixa de areia e bateu as mãos, o que deu um susto em Oskar.

— Aqui é lugar de criança pequena brincar. Dá para entender isso? Você está destruindo a caixa de areia.

Micke abanou a cabeça, penalizado. — Elas podem cair e se machucar nas pedras.

— Agora você vai apanhar isso aí, porco.

Johan ainda estava ocupado com os sapatos.

— Ouviu o que eu disse? *Você vai apanhar isso aí.*

Oskar não se mexeu, não conseguia decidir o que ia fazer. É claro que Jonny não dava a mínima para a caixa de areia. Era apenas o de sempre. Levaria no mínimo dez minutos para tirar todas as pedras que eles tinham jogado e Johan não ajudaria. O sinal ia tocar a qualquer instante.

Não.

A palavra surgiu de Oskar como se fosse uma revelação. Como alguém que pela primeira vez põe na boca a palavra “deus”, e quer realmente dizer... Deus.

A imagem dele próprio apanhando as pedras depois de os outros já terem entrado na escola, só porque Jonny mandou, tinha passado como um flash em sua cabeça. Mas também mais uma coisa. Ao lado da caixa de areia havia um trepa-trepa parecido com aquele do pátio de Oskar.

Oskar sacudiu a cabeça.

— O que é isso agora?

— Não.

— Como não? Parece que você não entendeu direito. Eu te disse para apanhar as pedras *e você vai fazer isso.*

— não.

O sinal tocou. Jonny ficou parado encarando Oskar. — Agora você sabe o que vai acontecer, não sabe? Micke.

— Fale.

— A gente pega o Porquinho na saída.

Micke acenou com a cabeça. — Até mais, porco.

Jonny e Micke entraram. Johan se levantou, acabara com os sapatos.

— Isso foi uma burrice sem tamanho.

— Eu sei.

— Pô, então por que você fez isso?

— Porque... — Oskar olhou de relance para o trepa-trepa. — Porque sim.

— Idiota.

— É.

Quando as aulas terminaram, Oskar continuou na escola. Pôs duas folhas brancas em cima da carteira, apanhou a enciclopédia no fundo da sala e a folheou.

Mamute... Médici... mongol... Morfeu... Morse.

É. Era isso. Os pontos e traços do código morse ocuparam um quarto da página. Com letras grandes e bem legíveis, ele começou a copiar o código numa das folhas:

A = . —

B = — . . .

C = — . — .

e assim por diante. Quando acabou, fez a mesma coisa na outra folha. Não ficou satisfeito. Jogou fora as folhas e recomeçou, escreveu os sinais e as letras com mais capricho.

É verdade que bastava apenas uma folha ficar bonita: aquela que ficaria com Eli. Mas ele gostava da tarefa, que além disso lhe dava um motivo para permanecer na escola mais tempo.

Eli e Oskar se encontravam toda noite já fazia uma semana. Na noite anterior ele experimentou bater na parede antes de sair de casa e Eli respondeu. Depois saíram ao mesmo tempo. Foi então que Oskar teve a ideia de desenvolver a comunicação através de algum tipo de sistema e, uma vez que o código morse já existia...

Examinou as folhas prontas. Bonito. Eli ia gostar. Assim como ele, ela gostava de quebra-cabeças, de sistema. Ele dobrou as folhas, enfiou-as na mochila e descansou os braços na carteira. O estômago lhe doía. Eram três e vinte no relógio da sala. Apanhou o livro da carteira, *A incendiária*, e leu até as quatro.

Será que eles tinham esperado duas horas por ele?

Se ele tivesse apanhado as pedras como Jonny dissera, já estaria em casa agora. Estaria tudo bem. Apanhar umas pedras não era a pior coisa que tinham mandado Oskar fazer, e ele fez. Arrependeu-se.

E se eu fizer agora?

A punição amanhã talvez fosse mais branda se ele contasse que ficou depois da hora na escola e...

Bem, era isso que ele ia fazer.

Juntou suas coisas na sala e foi para a caixa de areia. Só levou dez minutos para arrumar tudo. Quando ele fosse contar isso amanhã, Jonny ia dar uma risadinha, um tapinha na cabeça dele e dizer “ô, porquinho aplicado” ou algo do gênero. Mas era melhor assim, apesar de tudo.

Ele olhou de soslaio para o trepa-trepa, pôs a mochila ao lado da caixa de areia e começou a apanhar as pedras. As grandes primeiro. Londres, Paris. Enquanto tirava as pedras, imaginou que agora estava *salvando* o mundo. Limpava o mundo das terríveis bombas de nêutron. Quando as pedras eram levantadas, as pessoas vinham se arrastando das ruínas dos prédios que nem formigas saindo do formigueiro. Mas as bombas de nêutron não destruíam prédios, certo? Bem, é que também tinham caído algumas bombas atômicas.

Quando Oskar foi para a beira da caixa de areia para descarregar uma parte das pedras, eles estavam ali. Ele não ouviu quando eles vieram, ocupado demais que estava com a brincadeira. Jonny, Micke. E Tomas. Nas mãos, todos os três carregavam galhos compridos de aveleira. Chicotes. Jonny apontou com o chicote para uma pedra.

— Ali tem uma.

Oskar largou as pedras que tinha nas mãos e apanhou a que Jonny apontara. Jonny balançou a cabeça. — Muito bem. A gente estava *esperando* por você, porco. Esperamos bastante.

— Depois Tomas veio e falou que você estava aqui — disse Micke.

Os olhos de Tomas estavam inexpressivos. Do primeiro ao terceiro ano, Oskar e Tomas tinham sido amigos, brincaram muito no pátio do prédio de Tomas, mas depois do verão, entre o quarto e o quinto ano, Tomas mudou. Começou a falar de um jeito diferente, mais adulto. Oskar sabia que os professores consideravam Tomas o mais inteligente dos meninos da turma.

Dava para perceber pelo jeito que eles falavam com Tomas. Ele tinha computador. Queria ser médico.

Oskar queria jogar a pedra que estava em sua mão bem na cara de Tomas. Dentro da boca que se abria agora para falar.

— Não vai correr? Comece logo a correr.

A vara zuniu quando Jonny estalou o chicote no ar. Oskar apertou ainda mais a pedra na mão.

Por que é que eu não corro?

Ele já podia sentir as pernas arderem do chicote pousando nelas. Era só ir para o caminho do parque onde devia haver adultos que eles não teriam coragem de bater nele.

Por que é que eu não corro?

Porque de qualquer jeito ele não tinha a menor chance. Iriam jogá-lo no chão antes que conseguisse dar cinco passos.

— Me deixa em paz.

Jonny virou a cabeça fingindo que não ouvira.

— O que você disse, porco?

— Me deixa em paz.

Jonny se virou para Micke.

— Ele acha que a gente deve deixar passar.

Micke sacudiu a cabeça.

— Mas logo agora que a gente fez essas coisinhas bonitas... — Ele balançou a vara de um lado para o outro.

— O que você acha, Tomas?

Tomas olhou para Oskar como se ele fosse um rato, ainda vivo, esperneando na ratoeira.

— Acho que o porco precisa de umas palmadas.

Eles eram três. Tinham chicotes. Uma situação altamente injusta. Oskar podia jogar a pedra na cara de Tomas. Ou jogá-la quando ele se aproximasse. Seria caso de conversar com o diretor da escola etc. Mas todo mundo entenderia sua reação. Três com chicotes.

Eu estava... desesperado.

Oskar não estava nem um pouco desesperado. Pelo contrário, sentia uma espécie de calma que perpassava o medo, agora que resolveu. Eles podiam chicoteá-lo, isso lhe daria um motivo para jogar a pedra na cara nojenta de Tomas.

Jonny e Micke chegaram mais perto, então Jonny estalou a vara na coxa de Oskar de forma que o menino se encolheu todo de dor. Micke foi para trás de Oskar e segurou-lhe os braços.

Não.

Agora ele não podia jogar. Jonny bateu com a vara em suas pernas, deu um giro igual ao Robin Hood no filme e bateu de novo.

As pernas de Oskar queimavam com as chicotadas. Ele se remexeu nas mãos de Micke, mas não conseguiu se soltar. As lágrimas lhe vieram aos olhos. Gritou. Jonny deu uma última chicotada forte que roçou na perna de Micke, fazendo-o berrar “Preste atenção, porra!”, mas sem soltar Oskar.

Uma lágrima desceu pelo rosto de Oskar. Aquilo era injusto! Ele apanhou as pedras, ele se submeteu, por que tinham que machucá-lo de qualquer maneira?

A pedra, que Oskar apertava na mão o tempo todo, soltou-se e ele começou a chorar de verdade.

Com voz de quem sente pena, Jonny disse:

— O porco está chorando.

Jonny parecia satisfeito. Por ora, era o bastante. Fez um sinal para Micke largá-lo. O corpo todo de Oskar tremia do choro, da dor nas pernas. Seus olhos estavam cheios de lágrimas quando levantou o rosto para eles e ouviu a voz de Tomas.

— E eu?

Micke agarrou-lhe os braços de novo e, através da névoa que encobria seus olhos, Oskar viu Tomas ir para cima dele. O menino disse, fungando:

— Me deixa. Por favor.

Tomas levantou a vara e estalou. Uma única vez. O rosto de Oskar explodiu e seu corpo teve um espasmo tão forte, virando-se de lado, que Micke perdeu ou largou os braços do menino e disse: — Porra, Tomas. Isso aí foi...

Jonny parecia irritado.

—Agora é *você* quem vai falar com a mãe dele.

Oskar não ouviu o que Tomas respondeu. Se por acaso respondeu alguma coisa.

As vozes dos três foram desaparecendo; tinham deixado Oskar com o rosto na areia. Sua bochecha esquerda queimava. A areia estava fria, refrescava suas pernas que ardiavam. Queria encostar a bochecha na areia também, mas achou que não devia.

Ficou deitado tanto tempo ali que começou a sentir frio. Então se sentou e passou com cuidado a mão no rosto. Seus dedos ficaram com sangue.

Ele foi para o banheiro externo e se olhou no espelho. Sua bochecha estava inchada e coberta de sangue meio coagulado. Tomas deve ter batido com o máximo de força. Oskar lavou o rosto e se olhou no espelho de novo. A ferida tinha parado de sangrar, não era profunda. Mas riscava quase a bochecha toda.

A mãe. O que eu vou dizer para...

A verdade. Ele precisava de consolo. Dentro de uma hora a mãe chegaria em casa. Então Oskar contaria o que tinham feito com ele e a mãe ficaria fora de si e iria abraçá-lo até não poder mais e ele se afundaria nos braços dela, em seu choro, e os dois chorariam juntos.

Depois ela ligaria para a mãe de Tomas.

Depois ela ligaria para a mãe de Tomas, as duas brigariam, e depois a mãe ia chorar pelo fato de a mãe do Tomas ser tão má, e depois...

A aula de carpintaria.

Aconteceu um acidente na aula de carpintaria. Não. Nesse caso ela poderia ligar para o professor de carpintaria.

Oskar estudou a ferida no espelho. Como é que se arranjava uma ferida dessas? Ele caiu do trepa-trepa. Não era muito convincente, mas a mãe provavelmente *queria* acreditar nisso. De qualquer jeito, ela sentiria pena do filho e o consolaria, mas sem aquela outra parte. O trepa-trepa.

Estava frio dentro das calças. Oskar abriu e olhou. Sua cueca estava encharcada. Apanhou a Bola do Mijo e a enxaguou. Já ia enfiando a bola de volta na cueca molhada, mas parou e se olhou no espelho.

Oskar. Esse aí é o... Ooskar.

Pegou a bola lavada e pôs a espuma no nariz. Igual a um nariz de palhaço. A bola amarela e a ferida vermelha na bochecha. Oskar. Arregalou os olhos, tentou fazer cara de louco. É. Dava medo. Falou para o palhaço no espelho.

— Agora acabou. Agora basta. Ouviu? Chega.

O palhaço não respondeu.

— Não vou mais passar por isso. Nem mais *uma* vez, ouviu?

A voz de Oskar ecoava no banheiro vazio.

— O que é que vou fazer? O que é que eu vou fazer, o que você acha?

Ele retorceu o rosto numa careta de modo que a ferida repuxou, modificou a voz e a deixou arranhada e grave ao máximo. O palhaço falou.

— ... mate todos eles... mate todos eles... mate todos eles...

Oskar sentiu um calafrio. Isso aqui deu mesmo um pouco de medo. Parecia de fato a voz de outra pessoa e o rosto no espelho não era o dele. Tirou a Bola do Mijo do nariz e enfiou a espuma na cueca.

A árvore.

Não que ele acreditasse mesmo naquilo, mas... daria umas facadas na árvore. Talvez. Talvez. Se ele se concentrasse de verdade, então...

Talvez.

Oskar pegou a mochila e se apressou em ir para casa, com a cabeça cheia de imagens deliciosas.

Tomas está sentado na frente do computador quando sente a primeira facada. Não entende de onde ela vem. Vai cambaleando para a cozinha

com o sangue jorrando da barriga: “Mãe, mãe, alguém está me atacando”.

A mãe de Tomas estaria ali. A mãe de Tomas que sempre defendeu o filho seja lá o que ele fizesse. Ela estaria ali. Aterrorizada. Enquanto isso, as facadas continuavam furando o corpo de Tomas.

Ele cai no chão da cozinha numa poça de sangue, “... mãe... mãe...”, enquanto a faca invisível corta sua barriga e as vísceras escorrem pelo piso de linóleo.

Não que funcionasse desse jeito.

Mas ainda assim.

O apartamento fedia a mijo de gato.

Giselle estava deitada em seu colo ronronando. Bibi e Beatrice brincavam emboladas no chão. Manfred, como sempre, estava sentado com o nariz encostado na janela enquanto Gustaf tentava chamar sua atenção empurrando-o de lado com a cabeça.

Måns, Tufs e Cleopatra estavam esparramados na poltrona; Tufs cutucava com a pata alguns fios soltos. Karl-Oskar tentou pular no parapeito da janela mas perdeu o alvo e caiu de costas no chão. Era cego de um olho.

Lurvis estava no corredor e esperava dar o bote na portinhola da caixa de correio, pronto para pular e dar um arranhão se chegasse algum folheto de anúncio. Vendela estava deitada no porta-chapéus olhando para Lurvis; a pata dianteira deformada estava pendurada no meio das grades do porta-chapéus e estremecia de vez em quando.

Alguns gatos estavam na cozinha comendo ou esparramados por cima da mesa e das cadeiras. Cinco deles na cama no quarto. Outros tinham seus lugares prediletos dentro de guarda-roupas ou armários que eles mesmos aprenderam a abrir.

Desde que Gösta não deixava mais os gatos passearem lá fora, devido à pressão dos vizinhos, não aparecia nenhum material genético fresco. Quase todos que nasciam eram filhotes mortos ou tinham deformações tão graves

que morriam depois de alguns dias. Um pouco mais da metade dos vinte e oito gatos que moravam no apartamento de Gösta tinha algum tipo de malformação. Eram cegos ou surdos, tinham dentes faltando ou deficiências motoras.

Gösta amava todos eles.

Ele fez um carinho atrás da orelha de Giselle.

— Iiisso... minha criança... o que a gente vai fazer? Você não sabe? Não, nem eu. Mas precisamos fazer *alguma coisa*, não é mesmo? Não se pode fazer uma coisa dessas. Era *Jocke*. Eu o conhecia. E agora ele está morto. Mas ninguém sabe disso. Porque eles não viram o que eu vi. Você viu?

Gösta abaixou a cabeça e sussurrou:

— Era uma *criança*. Eu vi quando ela apareceu lá embaixo no caminho. Esperando por *Jocke*. Na passagem subterrânea. Ele entrou... e não saiu mais de lá. Depois, de manhã, sumiu. Mas está morto. Eu *sei*.

O quê?

Não, eu não *posso* procurar a polícia. Eles vão *fazer perguntas*. Virá um monte de gente e eles vão perguntar... por que eu não disse nada. E vão meter uma dessas lâmpadas na cara da gente.

Agora faz três dias. Ou quatro. Não sei. Que dia é hoje? Eles vão fazer perguntas. Eu não posso fazer isso.

Mas a gente precisa fazer alguma coisa.

O que a gente vai fazer?

Giselle olhou para Gösta. Depois começou a lambe a mão dele.

Quando Oskar chegou em casa, vindo do bosque, a faca estava suja de lascas carcomidas. Lavou-a na torneira da cozinha, secou-a com uma toalha que depois enxaguou com água fria, torceu e segurou a toalha em cima da bochecha.

A mãe chegaria logo. Ele precisava sair um pouco de novo, ter um pouco mais de tempo sozinho — o choro ainda estava preso em sua garganta, suas

pernas ardiam. Apanhou a chave no armário da cozinha e escreveu um bilhete: *Volto já. Oskar*. Pôs depois a faca no lugar e desceu para o porão do prédio. Destrancou a porta pesada e entrou.

O cheiro do porão. Oskar gostava dele. Um cheiro familiar de madeira, de coisas velhas e lugar fechado. Um pouco de luz penetrava da janela no nível do chão e na escuridão o porão sugeria segredos, tesouros escondidos.

À sua esquerda, havia um túnel comprido que abrigava quatro depósitos. Paredes e portas eram de madeira, as portas trancadas com cadeados grandes e pequenos. Uma das portas tinha correntes reforçadas; alguém que teve o depósito arrombado.

Na parede de madeira, bem no fundo do túnel, estava escrito “kiss” com caneta hidrográfica. Os dois “S” tinham o formato de dois “Z” ao contrário, separados.

O que era de interesse estava na parede oposta do corredor. A lixeira para coisas de grande volume. Ali Oskar tinha encontrado uma luminária de globo terrestre que funcionava e que estava agora em seu quarto, assim como alguns números antigos da revista *Hulk*. Entre outras coisas.

Mas hoje não havia quase nada. Ela devia ter sido esvaziada havia pouco. Uns jornais, algumas pastas onde estava escrito “Inglês” e “Sueco”. Pastas, Oskar já tinha o suficiente. Salvou um monte delas do contêiner do lado de fora da gráfica um ano atrás.

Continuou pelo porão e foi para o próximo prédio do bloco, o prédio de Tommy. Foi até a próxima porta do porão, destrancou-a e entrou. Esse porão tinha um cheiro diferente, um cheirinho de tinta de parede ou de solvente.

Aqui também ficava o abrigo antiaéreo do bloco. Ele só esteve lá dentro uma vez, fazia três anos, nessa época uns garotos mais velhos tinham um clube de boxe ali. Ele tinha ido com Tommy numa tarde para dar uma olhada. Os meninos se socavam com as luvas de boxe enfiadas nas mãos e Oskar ficou com um pouco de medo. Gemidos e suor, os corpos concentrados, retesados, o som dos golpes abafados pelas paredes grossas

de cimento. Depois alguém se machucou ou algo do gênero e a roda usada para retirar as trancas da porta de ferro tinha sido travada com correntes e cadeados. Fim do boxe.

Oskar acendeu a luz e foi para o abrigo antiaéreo. Se os russos viessem, esse lugar seria destrancado.

Se não tivessem perdido a chave.

Oskar estava em frente à porta sólida de ferro quando surgiu aquele pensamento. Que alguém... alguém estava *trancado* aqui dentro. Era essa a razão das correntes e dos cadeados. Um monstro.

Aguçou os ouvidos. Sons distantes da rua, de pessoas fazendo coisas nos apartamentos ali em cima. Ele gostava mesmo do porão. Era como se estivesse num outro mundo, ao mesmo tempo que a gente sabia que o outro mundo existia logo ali do lado de fora, ali em cima caso se precisasse dele. Mas aqui embaixo era silencioso e ninguém aparecia e dizia coisas, fazia coisas com a gente. Nada que se fosse obrigado a fazer.

Do lado oposto do abrigo antiaéreo ficava o Clube do Porão. Território proibido.

É verdade que não havia tranca ali, mas isso não significava que qualquer pessoa pudesse entrar lá. Ele respirou fundo e abriu a porta.

Não havia muita coisa no depósito. Um sofá gasto e uma poltrona igualmente gasta. Um tapete no chão. Uma cômoda com a pintura descascada. Da lâmpada do corredor vinha uma fiação extra, um gato ligado à lâmpada nua pendurada num fio do teto. Ela estava apagada.

Ele esteve ali algumas vezes antes e sabia que para acender a lâmpada era só girá-la. Mas não tinha coragem. A luz que se infiltrava pelas paredes de madeira era suficiente. Seu coração batia mais rápido. Se eles o pegassem ali, iam...

O quê? Sei lá. É isso que dava medo. Não iam bater, mas...

Ficou de joelhos no tapete e levantou uma almofada do sofá. Debaxo dela havia uns tubos de cola instantânea e um rolo de saco plástico, uma lata de gás de ignição. Debaxo da almofada na outra ponta do sofá estavam

as revistas de mulher pelada. Alguns exemplares de *Lektyr* e *Fib Aktuell* puídos de tanto manuseio.

Ele pegou um número de *Lektyr* e foi para perto da porta, onde havia mais luz. Ainda de joelhos, pôs a revista no chão diante dele e a folheou. Sua boca estava seca. A mulher na foto estava deitada numa cadeira de praia apenas de sapato alto. Apertava os peitos e fazia biquinho com a boca. As pernas arreganhadas e, no meio do matagal de cabelos entre as coxas, havia uma listra de carne rosada com uma fenda no meio.

Como é que se entrava ali?

Ele sabia as palavras das conversas que ouviu, das pichações que leu. Buceta. Buraco. Lábios vaginais. Mas é que *não* havia nenhum buraco. Só aquela fenda. Eles tiveram educação sexual na escola e ele sabia que havia um... túnel lá dentro da buceta. Mas qual a direção dele? Para a frente, para cima ou... não dava para ver.

Continuou folheando a revista. O relato dos leitores. Uma piscina municipal. Um toailete no vestiário feminino. *Os mamilos enrijeceram por baixo da roupa de banho. O pau pulsava como um martelo na sunga. Ela segurou-se num dos ganchos de pendurar roupa e virou a bundinha para mim, gemendo: “Me pegue, me pegue agora”.*

Será que isso acontecia o tempo todo, por detrás de portas fechadas, em lugares onde não se via nada?

Ele começou uma outra história, sobre uma reunião de parentes que teve um desenrolar inesperado, quando ouviu a porta do porão se abrir. Fechou a revista, enfiou-a de volta embaixo da almofada do sofá e não soube o que fazer consigo mesmo. Sentiu um nó na garganta, não ousava respirar. Passos no corredor.

Ó Deus, leve-os para o outro lado. Leve-os para o outro lado.

Oskar abraçou desesperadamente as rótulas do joelho e trincou os dentes, chegando a sentir dor na mandíbula. A porta foi aberta. Lá fora Tommy pestanejou.

— Mas o que é isso?

Oskar não queria dizer nada, mas a mandíbula travou. Ele só conseguiu ficar parado de joelhos no meio do tapete de luz que se desenrolou da porta, inspirando ofegante pelo nariz.

— Mas o que você está fazendo aqui? O que é que você fez?

Quase sem mexer o maxilar, Oskar conseguiu dizer: — ... nada.

Tommy deu um passo e entrou no depósito; parecia uma torre acima de Oskar.

— Estou falando do seu rosto. O que você fez com ele?

— Eu... nada.

Tommy sacudiu a cabeça de um lado para o outro, atarrachou a lâmpada para a luz se acender e fechou a porta. Oskar ficou de pé e foi para o meio do depósito com os braços retesos caídos. Não sabia o que fazer. Deu um passo em direção à porta. Tommy se afundou na poltrona e fez um muxoxo, apontando para o sofá.

— Sente-se aí.

Oskar sentou-se na almofada do meio; aquela onde não havia nada embaixo. Tommy ficou calado um instante, olhando para ele. Em seguida disse:

— E então? Pode ir contando.

— O quê?

— O que você fez com sua bochecha.

— ... eu... eu só...

— Alguém meteu porrada em você, não foi? Não foi isso?

— ... foi...

— E por quê?

— Não sei.

— Como assim? Eles metem porrada em você, assim sem motivo?

— É.

Tommy balançou a cabeça e apanhou uns fiapos soltos que saíam da poltrona. Apanhou uma caixinha de rapé e enfiou uma porção embaixo do lábio superior. Ofereceu a caixinha para Oskar.

— Quer?

Oskar sacudiu a cabeça. Tommy guardou a caixa, ficou ajeitando o rapé com a língua e se recostou na poltrona, trançando as mãos em cima da barriga.

— Certo. E o que você está fazendo aqui?

— Bem, é que eu só ia...

— Dar uma olhada na mulherada? Certo? Você não cheira cola, não é? Venha cá.

Oskar se levantou e foi até Tommy.

— Chegue mais perto, solte um bafo.

Oskar fez o que ele mandou e Tommy balançou a cabeça aprovando, apontou para o sofá e disse para Oskar sentar-se de novo.

— Você não deve se meter com isso, está me ouvindo?

— Eu não...

— É, você não usou. Mas você não deve se meter com isso, ouviu? Não é bom. Rapé é bom. Comece a usar rapé. — Ele fez uma pausa. — E então? Vai ficar sentado aí olhando para mim a noite toda, hein? — Ele fez um gesto na direção da almofada ao lado de Oskar. — Quer ler mais um pouco?

Oskar sacudiu a cabeça.

— Está bem. Então vá para casa. Os outros vão chegar logo e não vão ficar muito contentes de ver *você* aqui. Vá para casa agora.

Oskar se levantou.

— E... — Tommy olhou para ele, sacudiu a cabeça, suspirou. — Não, não é nada. Vá para casa. Escute. Não venha mais para cá.

Oskar assentiu e abriu a porta. Parou na porta aberta.

— Desculpe.

— Tudo bem. Só não venha mais para cá. Aliás, e o dinheiro?

— Amanhã.

— Certo. Eu me lembrei. Arranjei uma fita para você com *Destroyer* e *Unmasked*. Suba para apanhá-la um dia desses.

Oskar assentiu. Sentiu um nó crescer na garganta. Se ficasse ali mais um pouco, começaria a chorar. Então sussurrou “Obrigado” e foi embora.

Tommy continuou sentado na poltrona, sugando o rapé e olhando para os bolos de poeira que se amontoavam debaixo do sofá.

Não tem jeito.

Oskar ia levar pancada até o final do nono ano. Era seu estilo. Tommy queria fazer alguma coisa, mas, se a coisa já estava em andamento, era caso perdido. Não havia nada a fazer.

Ele desenterrou um isqueiro do bolso, enfiou-o na boca e deixou o gás sair. Quando começou a sentir frio na cavidade bucal, tirou o isqueiro, acendeu-o e soltou um bafo.

Uma nuvenzinha de fogo surgiu na frente da sua cara. Não ficou mais feliz por isso. Tommy estava inquieto, ficou de pé e andou um pouco no tapete. Bolos de poeira voaram.

O que é que eu vou fazer?

Mediu o tapete contando os passos, imaginou que o tapete era uma prisão. Não dava para sair dali. Ali, onde se foi alojado, é onde se podia ficar, blá-blá-blá. Blackeberg. Ele precisava se mandar dali, ia ser... marinheiro ou algo desse tipo. Qualquer coisa.

Esfregar convés, ir para Cuba, hei hou.

Uma vassoura que quase nunca era usada estava encostada na parede. Apanhou-a e começou a varrer. A poeira subiu até seu nariz. Depois de ter varrido por um tempo, lembrou que não havia pá. Empurrou o bolo de sujeira para debaixo do sofá.

É melhor um pouco de sujeira nos cantos do que uma zona total.

Folheou a revista de mulher pelada. Pôs a revista de volta no lugar. Enrolou o cachecol no pescoço e puxou o pano até a cabeça ficar a ponto de explodir. Soltou. Levantou-se, andou um pouco no tapete. Ficou de joelhos, rezou a Deus.

Às cinco e meia apareceram Robban e Lasse. Tommy estava nesse instante recostado na poltrona e não parecia ter um pingo de preocupação. Lasse sugou os lábios, parecia nervoso. Robban deu um risinho e um tapinha nas costas de Lasse.

— Lasse precisa de mais um aparelho de fita cassete.

Tommy levantou as sobrancelhas.

— Por quê?

— Fale aí, Lasse.

Lasse bufou, não tinha coragem de olhar Tommy nos olhos.

— Bem... é que tem um cara no trabalho...

— Que quer comprar?

— Ahã.

Tommy deu de ombros, saiu da poltrona e vasculhou no estofado para apanhar a chave do abrigo antiaéreo. Robban parecia desapontado, com certeza tinha esperado uma bronca daquelas do Tommy, mas ele nem ligou. Lasse podia berrar “mercadoria de roubo à venda” nos alto-falantes do trabalho se tivesse vontade. Não tinha a menor importância.

Tommy tirou Robban da sua frente e foi para o corredor. Abriu o cadeado, tirou a corrente da roda da porta e jogou-a para Robban. Ela deslizou das mãos de Robban e fez barulho ao cair no chão.

— O que é que há com você? Está puto, é?

Tommy sacudiu a cabeça, girou a roda e empurrou a porta para cima. A lâmpada fluorescente do abrigo estava quebrada, mas a luz do corredor era suficiente para ver as pilhas de caixas encostadas na parede. Tommy levantou uma caixa com um aparelho de fita cassete e entregou-a para Lasse.

— Divirta-se.

Lasse olhou indeciso para Robban, pedindo ajuda para interpretar a atitude de Tommy. Robban fez uma careta que podia significar qualquer coisa e se virou para Tommy, que estava trancando o local de novo.

— Staffan disse mais alguma coisa?

— Não. — Tommy fechou o cadeado e suspirou. — Vou jantar na casa dele amanhã. Vamos ver o que acontece.

— Jantar?

— É, por quê?

— Não, por nada. É que eu achava que os tiras comiam... gasolina ou algo desse tipo.

Lasse soltou uma golfada de ar, contente com o fim do clima pesado.

— Gasolina...

Oskar tinha mentido para a mãe. E ela acreditou nele. Agora o menino estava deitado na cama, sentindo-se mal.

Oskar. Aquele cara no espelho. Quem é ele? Um monte de coisas acontecem com ele. Coisas ruins. Coisas boas. Coisas estranhas. Mas quem é Oskar? Jonny olha para ele e vê o porco que vai levar porrada. A mãe olha e vê Meu Coração e nada de mal pode lhe acontecer.

Eli olha para ele e vê... o quê?

Oskar ficou de frente para a parede, para Eli. Os dois personagens surgiram da folhagem. A bochecha ainda estava dolorida e inchada, uma casca de ferida começou a se formar. O que ele ia dizer para Eli, se ela aparecesse hoje à noite?

Uma coisa tinha a ver com a outra. O que Oskar ia lhe dizer dependia do que ele significava para ela. Eli era algo novo para o menino, e por isso ele tinha a oportunidade de ser uma outra pessoa, dizer outra coisa que não era o que dizia para os demais.

Como é que a gente faz, afinal de contas? Para fazer alguém gostar da gente?

O relógio em cima da escrivaninha marcava sete e quinze. Ele olhou dentro das folhagens, tentou achar figuras novas, tinha achado um duendezinho de chapéu pontiagudo e um gnomo de cabeça para baixo quando bateram na parede.

Toc-toc-toc.

Batidas leves. Ele bateu de volta.

Toc-toc-toc.

Esperou. Depois de uns segundos, uma nova batida.

Toc- toctoc-toc-toc.

Ele preencheu as duas que faltavam: *toc-toc.*

Esperou. Mais nenhuma batida.

Ele apanhou o pedaço de papel com o código morse, vestiu o casaco, disse tchau para a mãe e desceu para o parquinho. Só tinha dado alguns passos quando a porta do prédio de Eli se abriu e ela saiu. Estava de tênis, jeans azul e um blusão de moletom preto onde estava escrito “Star Wars” em letras prateadas.

Primeiro Oskar achou que fosse o blusão dele; tinha um igualzinho que usou na noite anterior, estava no cesto de roupa suja agora. Será que ela foi comprar um igual só porque ele tinha um?

— E aí?

Oskar abriu a boca para dizer o “oi” que estava esperando para sair de lá de dentro, mas fechou a boca. Abriu-a de novo para dizer “e aí”, mudou de ideia e disse “oi” assim mesmo.

Uma ruga apareceu no meio das sobrancelhas de Eli.

— O que houve com sua bochecha?

— Ah, é que eu... caí.

Oskar continuou descendo para o parquinho e Eli foi atrás. Ele passou pelo trepa-trepa e sentou-se num balanço. Eli se acomodou no balanço ao lado. Balançaram para a frente e para trás em silêncio durante um tempo.

— Foi alguém que fez isso, não foi?

Oskar deu mais umas balançadas.

— Foi.

— Quem?

— Uns... colegas.

— *Colegas?*

— Uns caras da escola.

Oskar empurrou o balanço mais alto e aproveitou o assunto.

— Qual é sua escola?

— Oskar.

— Que é?

— Pare um pouco.

Ele freou o balanço com os pés e olhou para o chão à sua frente.

— O.k., o que é?

— Oskar...

Eli estendeu a mão, pegou a de Oskar e ele parou totalmente, olhando para a garota. Seu rosto era quase que só uma silhueta com a janela iluminada ao fundo, atrás dela. É claro que era fruto da sua imaginação, mas Oskar achou que saía *uma luz* dos olhos de Eli. De qualquer jeito, eles eram a única coisa que ele podia enxergar nitidamente do rosto da menina.

Com a outra mão, ela tocou a ferida, e aquela coisa estranha aconteceu. Uma outra pessoa, alguém muito mais velho, uma pessoa mais vivida fazia força para sair da pele dela. Um arrepio percorreu a espinha de Oskar, como se ele tivesse mordido um picolé.

— Oskar. Não os deixe fazer isso. Está me ouvindo? Não deixe.

— ... não.

— Você tem que revidar. Você nunca revidou, não é?

— Não.

— Então comece agora. Revide. Com força.

— Eles são três.

— Então você tem que bater com mais força. Use uma arma.

— Tudo bem.

— Pedras. Porretes. Bata mais neles do que você na verdade tem coragem. Assim eles vão parar.

— E se eles revidarem?

— Você tem uma faca.

Oskar engoliu em seco. Nesse instante, com a mão de Eli na dele, com o rosto dela em sua frente, tudo parecia óbvio. Mas e se eles comessem a

fazer coisas piores quando ele oferecesse resistência, se eles...

— O.k. Mas e se eles...

— Nesse caso eu ajudo você.

— Você? Mas você é...

— Eu posso, Oskar. *Isso...* eu posso fazer.

Eli apertou a mão de Oskar. Ele apertou de volta e balançou a cabeça. A mão de Eli apertou mais forte. Tão forte que doeu um pouco.

Como ela é forte.

Eli largou a mão dele e Oskar procurou a folha que fez na escola, alisou a dobra do papel e entregou a ela, que franziu a sobrancelha.

— O que é isso?

— Venha, vamos para a luz.

— Não, eu posso enxergar. Mas o que é isso?

— O código morse.

— Ah, o.k. É claro. *Legal.*

Oskar deu um risinho. Ela disse isso de um jeito tão... como é que se dizia? Artificial. Era como se a palavra não combinasse na boca de Eli.

— Eu achei... que a gente podia... se comunicar mais pela parede.

Eli assentiu. Parecia que tentava achar alguma coisa para dizer. Falou em seguida:

— Legal isso.

— Maneiro?

— É. *Maneiro.* Maneiro.

— Você é um pouco maluquinha, sabia?

— É?

— É. Mas não tem problema.

— Então você precisa me mostrar como é que se faz. Para não ser maluco.

— Tudo bem. Quer ver uma coisa?

Eli concordou.

Oskar fez o número especial dele. Sentou-se no balanço onde esteve antes e deu impulso. A cada ida e vinda que o balanço dava, cada vez que Oskar ia um pouco mais alto, o peito dele crescia: liberdade.

As janelas iluminadas dos apartamentos passavam por ele como se fossem traços fosforescentes, coloridos, e ele balançava cada vez mais alto. Não era sempre que conseguia fazer o número especial, mas agora ia conseguir, porque estava leve que nem pluma e quase podia voar.

Quando o balanço tinha ido tão alto a ponto de as correntes começarem a dar arrancões no caminho de volta, ele retesou o corpo inteiro. O balanço voltou mais uma vez e, no ponto mais alto da próxima ida para a frente, Oskar soltou as correntes e atirou as pernas para cima, para a frente, com o máximo de força. Suas pernas fizeram um semicírculo no ar, ele saiu do balanço e aterrissou com os dois pés no chão, encolheu-se ao máximo para que o brinquedo não batesse em sua cabeça e, quando o balanço já tinha passado, ele se levantou e abriu os braços. Perfeito.

Eli aplaudiu e exclamou: “Bravo!”.

Oskar capturou o balanço em movimento, ajeitou-o de volta na posição inicial e sentou-se. Mais uma vez, estava agradecido pelo fato de a escuridão esconder um sorriso de triunfo que ele não conseguiu conter, embora a ferida repuxasse. Eli tinha parado de aplaudir, mas o sorriso ainda estava no rosto de Oskar.

As coisas seriam diferentes agora. É claro que não se pode matar alguém dando facadas em árvores. Ele sabia muito bem disso.

Quinta-feira, 29 de outubro

Håkan estava sentado no chão do corredor estreito ouvindo o som de chapinhar vindo do banheiro. Seus joelhos estavam dobrados de modo que o calcanhar tocava as nádegas e o queixo descansava nos joelhos. O ciúme era uma cobra gorda e branca em seu peito. Ela se contorcia devagar, pura como a inocência e de uma obviedade infantil.

Dispensável. Ele era alguém... dispensável.

Na noite anterior ele se deitou na cama com a janela entreaberta. Ouviu quando Eli se despediu daquele tal de Oskar. A voz aguda dos dois, risos. Uma... leveza que Håkan nunca poderia ter. Dele faziam parte a seriedade pesada, as exigências, o desejo.

Håkan achava que seu amado era igual. Olhou bem dentro dos olhos de Eli e viu a sabedoria e a indiferença de um ancião. Isso o assustou no começo; os olhos de Samuel Beckett no rosto de Audrey Hepburn. Depois fez com que se sentisse protegido.

Era o melhor que se podia imaginar. O corpo jovem e bonito que conferia beleza à vida dele, ao mesmo tempo que a responsabilidade lhe era tirada. Não era ele quem decidia. E não precisava se sentir culpado por causa do desejo que sentia; seu amor era mais velho que ele. Nenhuma criança. Como Håkan achou.

Mas, desde que começou isso com Oskar, alguma coisa aconteceu. Uma... regressão. Eli se comportava cada vez mais como a criança que sua aparência indicava; começou a andar balançando o corpo, a usar expressões infantis, palavras. Queria *brincar*. Esconder a chave. Certa noite eles tinham brincado de esconder chaves. Eli ficou zangado quando Håkan não mostrou o entusiasmo que a brincadeira exigia, depois tentou fazer cócegas nele para fazê-lo rir. Ele se deleitou com o toque.

Era atraente, é claro. Essa alegria toda, essa... *vida*. Ao mesmo tempo era assustador, já que isso estava tão longe dele. Håkan estava com mais tesão e mais medo do que quando eles tinham se encontrado.

Na noite anterior, seu amado se trancou no quarto e depois ficou batendo durante meia hora na parede. Quando Håkan teve permissão de entrar de novo no quarto, viu um pedaço de papel com símbolos colado na cabeceira da cama. O código morse. Ao se deitar para dormir, ele sentiu-se tentado a bater uma mensagem para Oskar. Dizer algo sobre o que Eli realmente *era*. Em vez disso, copiou o código num pedaço de papel, assim poderia decodificar no futuro o que eles conversariam.

Håkan curvou a cabeça e encostou a testa nos joelhos. O chapinhar de lá de dentro do banheiro terminou. Não dava para continuar desse jeito. Ele estava a ponto de explodir. De desejo, de ciúme.

A tranca do banheiro girou e a porta, abriu. Eli apareceu à sua frente, completamente nu. Limpo.

— Você ficou sentado aqui?

— Fiquei. Você é lindo.

— Obrigado.

— Você não poderia se virar?

— Por quê?

— Porque... eu quero.

— Mas eu não. Você pode sair do caminho?

— Pode ser que eu diga alguma coisa... se você se virar.

Eli olhou para Håkan, intrigado. Em seguida, deu meia-volta e ficou de costas para ele.

A saliva veio à boca de Håkan, ele engoliu. Ficou olhando. Uma sensação física de que os olhos estavam comendo aquilo que havia diante deles. A coisa mais bonita do mundo. A um metro de distância. Infinitamente distante.

— Você está... com fome?

Eli se virou de novo.

— Estou.

— Eu vou fazer. Mas eu quero algo em troca.

— Diga.

— Uma noite. Eu quero uma noite.

— O.k.

— Posso?

— Pode.

— Me deitar ao seu lado? Tocar em você?

— Tudo bem.

— Posso...

— Não. Só isso. Mas isso, sim.

— Então eu vou fazer. Hoje à noite.

Eli se agachou ao seu lado. As palmas das mãos de Håkan queimavam. Queria acariciá-lo. Não tinha permissão. Hoje à noite. Eli olhava fixamente para o teto e disse:

— Obrigado. Mas e se alguém... esse retrato falado no jornal... existe gente que sabe que você mora aqui.

— Eu já pensei nisso.

— E se alguém aparecer aqui durante o dia... quando eu estou descansando...

— Eu já disse que pensei nisso.

— Como assim?

Håkan pegou Eli pela mão, levantou-se e foi até a cozinha. Abriu o armário e apanhou um vidro de geleia com tampa de vidro. Um líquido transparente enchia metade do recipiente. Ele explicou o que tinha planejado. Eli sacudiu veementemente a cabeça.

— Você não pode.

— Posso. Agora você entende o quanto... eu me preocupo com você?

Quando Håkan estava pronto para ir, enfiou o vidro de geleia na bolsa junto com o restante do equipamento. Enquanto isso, Eli se vestiu e estava esperando no corredor quando Håkan saiu; inclinou-se para a frente e deu um beijo suave em seu rosto. Håkan pestanejou e ficou olhando um bom tempo para o rosto de Eli.

Estou perdido.

Em seguida foi para sua lida.

Morgan devorava os quatro pratinhos de comida chinesa, um a um, mal se lembrava do arroz numa tigela ao lado. Lacke se inclinou para a frente e disse baixinho:

— Morgan, posso ficar com o arroz?

— Claro, sirva-se. Quer algum tempero também?

— Não. Só um pouco de molho de soja.

Larry olhou por cima do canto do jornal *Expressen*, fez uma careta quando Lacke apanhou a tigela de arroz, salpicou soja nele com um glug-glug e começou a comer como se nunca tivesse visto comida antes. Larry fez um gesto na direção dos camarões fritos que formavam uma montanha no prato de Morgan.

— Você podia oferecer um pouco.

— Claro, claro. Desculpe. Aceita um camarão?

— Não, aí o estômago não aguenta. Mas dê para o Lacke.

— Quer um camarãozinho, Lacke?

Lacke aceitou com um aceno de cabeça e mostrou a tigela de arroz. Morgan jogou ali dois camarões com um gesto grandioso. Ofereceu pouco. Lacke agradeceu e atacou os camarões.

Morgan grunhiu alguma coisa e sacudiu a cabeça. Lacke não era mais o mesmo desde que Jocke desaparecera. O dinheiro já era apertado antes, mas agora ele bebia muito mais e não restava nenhum centavo para a comida. Era estranho esse comportamento em relação a Jocke, mas não era motivo para ficar tão depressivo. Fazia quatro dias que Jocke sumira, e quem sabia onde ele estava? Ele podia ter encontrado uma mulher e se mandado para o Taiti, feito qualquer coisa. Ele ia aparecer, mais cedo ou mais tarde.

Larry largou o jornal, subiu os óculos para a testa, esfregou os olhos e disse: — Vocês sabem onde existe um abrigo antiaéreo?

Morgan deu uma risadinha: — Como assim? Está pensando em hibernar, hein?

— Não, mas no submarino. Na hipótese de haver uma invasão total...

— Você pode vir para o nosso. Eu estive lá embaixo dando uma olhada quando um cara do Departamento de Defesa-de-não-sei-o-quê foi inventariar alguns anos atrás. Máscaras de gás, latas de conservas, mesa de pingue-pongue, um arsenal de coisas. Está tudo lá.

— Mesa de pingue-pongue?

— É claro. Sabe, quando os russos aportarem, a gente vai dizer: “Alto lá, rapazes, deixem as armas de lado, isso aqui nós vamos decidir numa partida de pingue-pongue”. Então os generais vão ficar batendo bolinha um para o outro.

— E os russos *jogam* pingue-pongue?

— Não. Esse é nosso trunfo. Quem sabe a gente pega de volta toda a região do Báltico.

Lacke se limpou ao redor da boca com uma meticulosidade exagerada e disse:

— De qualquer jeito é estranho.

Morgan acendeu um John Silver. — O quê?

— Isso com Jocke. Ele sempre dizia para onde ia. Vocês sabem. Se fosse para a irmã dele em Vaddö, então, era um acontecimento. Começava a falar nisso já com uma semana de antecedência. Sobre o que ele ia levar, o que os dois iriam fazer.

Larry pousou a mão no ombro de Lacke.

— Você fala dele no imperfeito.

— Quê? É. Bem, é que eu acho mesmo que aconteceu alguma coisa com ele. É o que eu acho.

Morgan tomou um baita gole de cerveja e arrotou.

— Você acha que ele está morto.

Lacke encolheu os ombros e olhou pedindo ajuda para Larry, que estava estudando a estampa dos guardanapos. Morgan sacudiu a cabeça.

— *No way*. A gente já saberia. Os tiras disseram isso quando estiveram lá e abriram a porta do apartamento, que eles iriam ligar para você se soubessem de alguma coisa. Não que eu confie em tiras, mas... a gente já estaria sabendo de alguma coisa.

— Ele devia ter telefonado.

— Mas santo Deus! Vocês são casados ou o quê? Não se preocupe. Ele vai aparecer logo. Com rosas e chocolate e prometer que nuuuunca fará isso de novo.

Lacke balançou a cabeça, resignado, e bebericou da cerveja que ganhou de Larry com a promessa de que retribuiria quando a situação melhorasse. Dois dias, no máximo. Depois ele mesmo ia começar a procurar. Telefonar para hospitais, necrotérios e tudo o mais que estivesse ao seu alcance. Não se abandona o melhor amigo. Estando ele doente, morto ou qualquer outra coisa. Não se abandona.

Eram sete e meia e Håkan começou a ficar aflito. Perambulava sem rumo perto do Ginásio Nya Elementar e da Quadra de Vällingby, onde os jovens ficavam. Os treinos tinham começado e a piscina estava aberta de noite, então não faltavam vítimas potenciais. O problema é que a maioria andava em grupos. Ele fisgara um comentário de uma garota dizendo a outras duas que sua mãe “ainda estava cheia de neura depois daquilo com o assassino”.

Certamente ele podia ter ido para mais longe, para uma área onde sua obra fosse menos atual, mas nesse caso havia o risco de o sangue ficar ruim no caminho de casa. E já que ele iria fazer isso de qualquer jeito, então queria dar o melhor para seu amado. E quanto mais fresco, mais perto da fonte, melhor. Disso ele tinha sido informado.

Na noite anterior o frio chegou de verdade, o termômetro estava abaixo de zero. Com isso, ele não chamaria muita atenção se carregasse um gorro de esqui que só tivesse buracos para os olhos e para a boca.

Mas não podia ficar andando assim às escondidas por muito mais tempo. No final alguém iria desconfiar.

E se ele não conseguisse ninguém? E se chegasse em casa com as mãos vazias? Seu amado não morreria, tinha certeza disso. Uma diferença com relação à primeira vez. Mas agora havia outra recompensa, que era maravilhosa. Uma noite inteira. Uma noite inteira com o corpo do amado bem juntinho do dele. Seus membros delgados, macios, a barriga lisinha que ele podia acariciar lentamente. Uma vela acesa no quarto com a luz bruxuleante em sua pele sedosa, por uma noite.

Ele esfregou o sexo que pulsava e gritava de desejo.

Preciso ficar calmo, preciso...

Håkan soube o que iria fazer. Loucura, mas ele faria mesmo assim.

Iria para a piscina de Vällingby e procuraria sua vítima ali. O local devia estar vazio a essa hora e, agora que ele se decidira, sabia exatamente como ia fazer. Perigoso, é verdade. Mas totalmente factível.

Se desse errado, Håkan lançaria mão do último recurso. Mas não daria errado. Ele via à sua frente a ação em detalhes, agora que apertava o passo e se dirigia à entrada da piscina. Era como se estivesse bêbado. O pano na frente do nariz da máscara de esqui ficou molhado do ar condensado que ele inspirava e expirava intensamente.

Isso seria algo que ele contaria ao amado hoje à noite, enquanto acariciava o traseiro firme e côncavo com a mão trêmula, gravando tudinho na memória para todo o sempre.

Ele entrou na piscina municipal, sentindo o cheiro familiar e suave de cloro no nariz. Todas as horas que passou na piscina coberta. Com os outros, ou sozinho. Os corpos jovens brilhando de suor ou da água apenas a um metro dele, mas fora do seu alcance. Apenas imagens cuidadas com carinho e consultadas quando ele estava na cama com o papel higiênico numa das mãos. O cheiro de cloro o fez sentir-se seguro, em casa. Ele foi até o caixa.

— Uma entrada, por favor.

A mulher do caixa tirou os olhos de uma revista. Ficou um pouco assustada. Ele fez um gesto para o rosto, para a máscara.

— Frio.

Ela balançou a cabeça, incerta. Será que ele devia tirar a máscara? Não. Sabia o que fazer para ela não ficar desconfiada.

— Armário?

— Não, uma cabine, por favor.

Ela lhe entregou uma chave e Håkan pagou. Enquanto saía da bilheteria, tirou a máscara de esqui. Agora ela vira que ele tinha tirado o gorro, mas

não observara seu rosto. Ele era brilhante. A passos rápidos, foi para o vestiário, olhando para o chão caso viesse alguém em sua direção.

— Bem-vindos. Entrem no meu refúgio.

Tommy passou por Staffan no corredor, atrás dele uns estalos: a mãe e Staffan se beijando. Staffan disse em voz baixa: “Você...?”.

— Não. Eu pensei...

— Hmm. Vamos precisar...

Estalos de novo. Tommy olhou ao redor. Nunca esteve na casa de um tira antes e estava, contra a vontade, um pouco curioso. Queria saber como era a vida de um cara desses.

Porém, já no corredor do apartamento percebeu que Staffan não podia ser uma figura representativa da corporação como um todo. Ele imaginou... bem, mais ou menos como nos romances policiais. Um pouco pobre e frio. Um lugar para dormir quando não se estava na rua caçando bandido.

Gente como eu, nesse caso.

Não. O apartamento de Staffan era... cheio de fru-fru. O corredor parecia ter sido decorado por alguém que comprava *tudo* desses catálogos que a gente recebia em casa pelo correio.

Aqui estava pendurado um quadro de veludo com um pôr do sol, ali havia um chalé alpino com uma velhinha em cima de uma vareta que saía da porta. Aqui um paninho de renda em cima da mesa de telefone; ao lado do telefone, uma figura em gesso de um cachorro e uma criança. Na base da escultura ele leu o texto: **você não sabe falar?**

Staffan levantou a figura.

— Gostou disso? Muda de cor conforme o tempo.

Tommy balançou a cabeça. Ou Staffan pegou o apartamento da mãe idosa emprestado, só para essa visita, ou então era doente mesmo da cabeça. Staffan repôs com cuidado a estatueta no lugar.

— Eu coleciono essas coisas, sabe. Coisas que mostram como vai ser o tempo. Isso aqui, por exemplo.

Ele cutucou a velhinha que olhava para fora do chalé alpino, ela girou entrando no chalé e, em vez dela, saiu um homenzinho para fora.

— Quando a velhinha está do lado de fora, é sinal de que o tempo vai ficar ruim, e quando o velho está fora...

— Fica pior ainda.

Staffan deu uma risada, um pouco artificial aos ouvidos de Tommy.

— Essa coisa não funciona muito bem.

Tommy olhou de relance para a mãe e quase ficou com medo do que viu. Ela estava de casaco, com as mãos firmemente trançadas uma na outra e um sorriso que podia fazer um cavalo dar marcha a ré. Morta de medo. Tommy resolveu fazer um esforço.

— Como um barômetro, não é?

— Isso, exato. Foi com isso que eu comecei. Barômetros. Estou falando da minha coleção.

Tommy apontou para uma cruz pequena de madeira com um Jesus de prata pendurada na parede.

— Isso aqui também é um barômetro?

Staffan olhou para Tommy e para a cruz, para Tommy de novo. Ficou sério de repente.

— Não, não é. É Cristo.

— O da Bíblia.

— É. Isso mesmo.

Tommy enfiou as mãos no bolso e foi para a sala de estar. Isso mesmo, ali estavam os barômetros. Mais ou menos vinte deles de modelos diferentes pendurados na parede, um ao lado do outro, atrás de um sofá de couro cinza com uma mesa de tampo de vidro na frente.

Os barômetros não estavam lá muito afinados um com o outro. Muitos mostradores apontavam para medidas diferentes, parecia mais uma dessas paredes com relógios mostrando as horas de várias partes do mundo. Tommy bateu no vidro de um deles e o mostrador se mexeu um pouco. Não

sabia o que isso significava, mas, por alguma razão, as pessoas sempre davam uma batidinha em barômetros.

Num armário com portas de vidros no canto da sala havia um monte de troféus pequenos. Quatro troféus grandes estavam enfileirados em cima de um piano perto do armário. Na parede acima do piano estava pendurado um quadro grande da Virgem Maria com o menino Jesus nos braços. Ela amamentava o menino com aquele olhar ausente que parecia dizer: “O que eu fiz para merecer isso?”.

Staffan deu uma tossidinha ao aparecer na sala.

— Então, Tommy. Você tem alguma pergunta?

Tommy não era tão burro assim para não entender o que devia perguntar.

— Que taças são essas?

Staffan apontou para as taças em cima do piano.

— Essas aqui?

Não, seu retardado de uma figa. As taças que estão na sede do clube lá embaixo no campo de futebol, é óbvio.

— Sim.

Staffan apontou para uma figura de prata de uns vinte centímetros numa base de pedra que estava no meio das taças do piano. Tommy tinha achado que era uma escultura, mas ela também era um prêmio. A figura estava em pé de pernas abertas com os braços estendidos segurando um revólver, fazendo pontaria.

— Tiro ao alvo. Esse foi o primeiro lugar no campeonato regional, aquele é o terceiro prêmio nacional no calibre 45, em pé... e assim por diante.

A mãe de Tommy entrou na sala e ficou ao lado do filho.

— Staffan está entre os cinco melhores atiradores da Suécia.

— E isso tem alguma utilidade para você?

— Como assim?

— Isso de você poder atirar nas pessoas.

Staffan passou o indicador na base de uma das taças e examinou o dedo.

— O sentido do trabalho da polícia é não precisar atirar nas pessoas.

— Você já fez isso alguma vez?

— Não.

— Mas bem que você gostaria, não é?

Staffan inspirou fundo, demonstrando cansaço, e expeliu o ar num suspiro longo.

— Eu vou... dar uma olhada na comida.

A gasolina. Ver se está queimando.

Ele foi para a cozinha. A mãe de Tommy pegou o filho pelo cotovelo e sussurrou:

— Por que você tem que dizer essas coisas?

— Eu só queria saber.

— Ele é uma boa pessoa, Tommy.

— É. Deve ser mesmo. Com taças de tiro ao alvo e Virgem Maria. Dá para ser melhor que isso?

Håkan não cruzou com ninguém quando atravessou o local. Como imaginou, não havia muita gente a essa hora. No vestiário havia dois homens da sua idade se vestindo. Obesos, corpos disformes. Órgãos sexuais diminutos debaixo de barrigas pelancudas. A feiura em pessoa.

Ele encontrou a cabine, entrou e trancou a porta atrás de si. Os preparativos estavam prontos. Pôs a máscara de novo, para garantir. Destravou o cilindro com halotano, pendurou o roupão num gancho. Abriu a bolsa e arrumou os instrumentos. Faca, corda, funil, garrafão de plástico. Esqueceu a capa de chuva. Merda. Ia ter que tirar a roupa. O risco de respingar na roupa era grande, mas em vez disso ele podia esconder as manchas *debaixo* da roupa, quando tivesse acabado. Isso. E aqui era uma piscina. Não era estranho estar sem roupa aqui.

Testou a capacidade de carga do outro gancho segurando-o com ambas as mãos e tirando os pés do chão. O gancho aguentava. Podia facilmente carregar um corpo que fosse uns trinta quilos mais leve que o dele. A altura

era um problema. A cabeça não ia ficar pendurada acima do chão. Tinha de amarrar os joelhos e pendurá-los no gancho, havia espaço suficiente entre o gancho e a borda de cima da cabine para os pés não ficarem aparecendo. *Isso* levantaria suspeitas.

Os dois homens pareciam estar indo embora. Håkan ouviu suas vozes.

— E o trabalho?

— O de sempre. Nenhuma abertura para um Malmbergare.

— Já ouviu esta: a questão não é “Onde está o óleo?”, mas “O óleo está com Finns?”.[\[6\]](#)

— É, sujeito esperto esse.

— Escorregadio.

Håkan deu um risinho; sua cabeça explodia, estava pirando. Estava excitado demais, respirava forte demais. Seu corpo era feito de borboletas que queriam esvoaçar em direções diferentes.

Calma. Calma. Calma.

Respirou fundo até ficar tonto e se despiu em seguida. Dobrou as roupas e as guardou na mala. Os dois homens saíram do vestiário. O local ficou em silêncio. Ele testou ficar de pé no banco e espiar lá fora. Funcionava, seus olhos ultrapassavam um pouco o canto da cabine. Entraram três rapazes entre treze e catorze anos. Um deles bateu com uma toalha enrolada no traseiro do outro.

— Pô, para com isso!

Ele dobrou o pescoço. Lá embaixo, sentiu a ereção pressionando o canto da cabine como se fosse no meio de nádegas duras, bem abertas.

Calma. Calma.

Espiou por cima da cabine de novo. Dois dos meninos tinham tirado os calções de banho e se inclinavam para dentro do armário para pegar as roupas. Seu baixo-ventre se apertou num único espasmo forte e o esperma jorrou no canto da cabine, caindo no banco onde ele estava em pé.

Agora. Calma.

Certo. Agora ele se sentia melhor. Mas isso com o esperma não era bom. Vestígios.

Apanhou as meias da bolsa e limpou o máximo que pôde o canto da cabine e o banco. Guardou as meias na bolsa e pôs a máscara enquanto ouvia a conversa dos meninos.

— ... novo Atari. Enduro. Você vai lá para casa jogar um pouco?

— Não dá, eu tenho que fazer umas coisas...

— E você?

— O.k. Você tem dois joysticks?

— Não, mas...

— Posso buscar o meu primeiro? Então nós dois podemos jogar.

— O.k. Até mais, Matte.

— Tchau.

Dois dos rapazes pareciam estar indo embora. A situação era perfeita. Um ficaria, sem os outros esperando por ele. Håkan ousou espiar por cima da cabine de novo. Dois deles estavam prontos, saindo. O último estava calçando as meias. Ele se abaixou, lembrou que estava de máscara. Que sorte que eles não tinham visto.

Apanhou o cilindro de halotano e o segurou com os dedos na alavanca. Será que devia continuar de máscara? *Se* o rapaz escapasse? *Se* alguém entrasse no vestiário. *Se*...

Merda. Tinha sido um erro ficar sem roupa. *Se* ele precisasse fugir rápido. Não havia tempo para pensar. Ouviu o menino trancar o armário e começar a ir para a saída. Dentro de cinco segundos ele passaria pela porta da cabine. Tarde demais para ponderações.

No vão entre o canto da porta e a parede, ele viu um vulto passando. Bloqueou todos os pensamentos, destrancou a porta, escancarou-a e lançou-se para fora da cabine.

Mattias se virou e viu um corpo grande e branco com uma máscara de esqui na cabeça correndo em sua direção. Apenas um pensamento, uma

única palavra teve tempo de passar rápido por sua consciência antes de o corpo do rapaz recuar instintivamente.

A morte.

Ele fugia da Morte que queria levá-lo. Numa das mãos, a Morte segurava algo preto. Essa coisa preta voou para seu rosto, e ele encheu o pulmão de ar para gritar.

Mas, antes de o grito conseguir sair, a coisa preta estava em cima dele, cobrindo a boca e o nariz do rapaz. A mão da Morte segurou sua nuca e pressionou seu rosto na coisa preta e macia. O grito que saiu foi só um gemido abafado e, enquanto berrava seu grito mutilado, ouviu um chiado como o de uma máquina de fazer fumaça.

O rapaz tentou gritar de novo, mas, quando inspirou, aconteceu alguma coisa com seu corpo. Uma dormência foi se espalhando em todos os seus membros e o próximo grito foi só um apito. Ele aspirou de novo o ar e as pernas se dobraram, véus multicoloridos esvoaçavam na frente dos seus olhos.

Ele não queria gritar mais. Não tinha forças. Os véus cobriam agora todo o seu campo de visão. Ele não tinha mais corpo. As cores dançavam.

Caiu para trás num arco-íris.

Oskar segurava o papel com o código morse numa das mãos e com a outra batia as letras na parede. Batida com o nó dos dedos para ponto, batida com a palma da mão para linha, como eles tinham combinado.

Nó dos dedos. Pausa. Nó dos dedos, palma da mão, nó dos dedos, nó dos dedos. Pausa. Nó dos dedos, nó dos dedos. (E.L.I.)

V.O.U. S.A.I.R.

Depois de alguns segundos veio a resposta.

E.U. T.A.M.B.É.M.

Eles se encontraram na frente do prédio dela. Foi só passar um dia e a garota já estava... mudada. Mais ou menos um mês atrás uma mulher judia

esteve na escola, falou sobre o extermínio, mostrou slides. Eli parecia um pouco com as pessoas dos slides agora.

A iluminação forte da portaria fazia sombras no rosto dela, como se os ossos estivessem saindo da sua pele, como se ela tivesse ficado mais fina. E...

— O que você fez com o cabelo?

Oskar achou que o efeito da luz fizera o cabelo dela ficar assim, mas, quando chegou mais perto, viu que no meio do cabelo preto havia algumas mechas brancas e volumosas. Como em gente velha. Eli alisou o cabelo e sorriu para ele.

— Vai sumir. O que a gente vai fazer?

Oskar remexeu numas moedas de uma coroa que tilintaram no bolso.

— Quiosque?

— O quê?

— Para o quiosque.

— Ahã. O último a chegar é um arenque podre.

Uma imagem passou em flash pela cabeça de Oskar.

Crianças em preto e branco.

Em seguida Eli começou a correr e Oskar foi atrás. Embora parecesse estar bem doente, ela era muito mais rápida que ele, o corpo ágil voava por sobre as pedras no caminho, atravessou a rua dando apenas alguns passos. Oskar corria o máximo que podia, distraído com aquela imagem.

Crianças em preto e branco?

Claro. Ele desceu a ladeira correndo e passou pela fábrica de doces quando entendeu do que se tratava. Aqueles filmes antigos que passavam na tv aos domingos. *Anderssonskans Kalle* e outros do gênero. “O último a chegar é um arenque podre.” Era isso que diziam nesses filmes.

Eli esperava por ele lá embaixo no caminho, a vinte metros do quiosque. Oskar correu até ela e tentou não respirar de forma ofegante. Nunca esteve com a menina no quiosque antes. Será que ele ia contar aquilo? Ia.

— Eli, você sabe que todos chamam isso aqui de “Quiosque dos Namorados”?

— Por quê?

— Porque... bem, eu ouvi, numa reunião de pais... foi um deles que falou... bem, não foi para mim, mas... eu ouvi isso. Ele disse que o dono do quiosque, que ele...

Agora estava arrependido. Era uma bobagem. Tinha vergonha. Eli bateu com as mãos.

— O quê?

— Bem, que o dono do quiosque... que ele recebe *mulheres* lá dentro. Bem, você sabe, que ele... quando o quiosque está fechado...

— É *verdade*? — Eli olhou para o quiosque. — Como é que eles têm *espaço*?

— Nojento, não é?

— É.

Oskar desceu para o quiosque. Eli deu uns passos rápidos para junto dele e sussurrou: — Eles devem ser *magros*!

Os dois riram. Foram para a luz do quiosque. Eli revirou os olhos exageradamente para o dono do quiosque que estava ali dentro vendo tv num aparelho pequeno.

— É *ele*? — Oskar balançou a cabeça confirmando. — Mas ele parece um *macaco*.

Oskar fez uma concha com as mãos no ouvido de Eli e sussurrou: — Fugiu do zoológico Skansen faz cinco anos. Ainda estão procurando por ele.

Eli soltou um risinho e fez uma concha com as mãos no ouvido de Oskar. Seu hálito quente roçou na cabeça dele.

— Que nada. Eles o trancaram aqui dentro, *em vez disso*!

Os dois levantaram os olhos para o dono do quiosque e começaram a dar gargalhadas, imaginavam o homem carrancudo como um macaco na jaula, cercado de doces. Com o barulho dos risos, o dono do quiosque se virou

para eles e franziu as sobrancelhas enormes, ficando ainda mais parecido com um gorila. Oskar e Eli riam tanto que quase caíram no chão, taparam a boca com a mão e tentaram fazer uma cara séria.

O dono do quiosque se encostou na abertura.

— Vocês querem alguma coisa?

Eli fez rapidamente cara de séria, tirou a mão da frente da boca, foi até a abertura do quiosque e disse: — Uma banana, por favor.

Oskar bufou e apertou ainda mais a mão na boca. Eli se virou, pôs o indicador na frente dos lábios e fez “xiii” com uma seriedade fingida. O dono do quiosque ainda estava ali.

— Eu não tenho bananas.

Eli fingiu que não entendeu.

— Nada de *bananas*?

— Não. Algo mais?

Oskar estava com câibras no maxilar de tanto abafar o riso. Foi cambaleando para longe do quiosque, deu uma corridinha para a caixa dos correios, encostou-se nela e riu, ria tanto que se chacoalhava todo. Eli foi até ele e sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Nada de bananas.

Oskar falou ofegante: — Ele deve... ter comido... todas.

Oskar tentou se recompor, apertou os lábios, apanhou as quatro moedas de uma coroa e foi para o quiosque.

— Balas diversas.

O dono do quiosque lançou um olhar fulminante para Oskar, começou a apanhar as balas dos recipientes de plástico na vitrine com uma pinça e enfiou os doces num saco de papel. Oskar olhou de soslaio para ver se Eli estava ouvindo e disse: — Não esqueça as bananas.

O dono do quiosque parou de apanhar as balas.

— Eu *não* tenho nenhuma banana.

Oskar apontou para um dos recipientes.

— Estou falando das balas de banana.

Oskar escutou os risinhos de Eli e fez a mesma coisa que ela; pôs o dedo na frente da boca e fez “xiii”. O dono do quiosque bufou, enfiou umas balas de banana no saco e entregou os doces a Oskar.

Eles voltaram para o pátio. Antes de Oskar sequer pegar uma bala para si mesmo, estendeu o saco de balas para Eli. Ela sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada.

— Você não come doces?

— Alergia.

— *Nenhum* doce?

— Não.

— Mas que chato!

— É. Não. Eu não sei que gosto eles têm.

— Você nunca *provou*?

— Não.

— Como é que você sabe que...

— Porque eu sei e pronto.

Era assim às vezes. Eles conversavam sobre alguma coisa. Oskar perguntava sobre algo e o assunto terminava com um “porque sim e pronto”, “porque eu sei e pronto”. Nenhuma explicação mais detalhada. Essas coisas um pouco esquisitas que costumavam acontecer quando estava com Eli.

Foi chato ele não poder oferecer. Era isso que planejava. Oferecer um monte. O quanto ela quisesse. E então Eli não comia doces. Oskar enfiou uma bala de banana na boca e olhou furtivamente para ela.

Ela parecia doente mesmo. E aquelas mechas brancas no cabelo... Numa história que Oskar tinha lido, o cabelo de um personagem ficou todo branco depois de ele ter levado um grande susto com alguma coisa. Mas Eli não tinha levado um susto, tinha?

Eli olhou para os lados, abraçou o próprio corpo e pareceu ser muito *pequena*. Oskar sentiu vontade de passar o braço em volta dela, mas não teve coragem.

Na entrada do pátio, Eli parou e olhou para sua janela lá em cima. Estava apagada. Ficou parada com os braços em volta do corpo, olhando para o chão.

— Oskar...

E ele fez. O corpo todo dela pedia por isso e de algum lugar ele tirou a coragem para fazê-lo. Deu um abraço nela. Por um instante terrível, achou que tivesse cometido um erro, o corpo dela estava rígido, tenso. Estava a ponto de soltá-la quando ela relaxou em seu abraço. O nó se desfez e ela levantou com cuidado os braços, passou-os em volta das costas de Oskar e apertou-se trêmula nele.

Ela encostou a cabeça no ombro dele e os dois ficaram assim. O hálito dela em seu pescoço. Eles se abraçavam em silêncio. Oskar fechou os olhos e soube: isso era a maior coisa que havia. A luz da lâmpada na entrada do pátio penetrava um pouco em suas pálpebras cerradas, derramava uma película de vermelho na frente dos seus olhos. A maior coisa que havia.

Eli aproximou a cabeça do pescoço dele. O calor do hálito dela aumentou. Os músculos do seu corpo que tinham relaxado ficaram tensos de novo. Seus lábios roçaram o pescoço de Oskar e um arrepio percorreu o corpo do menino.

De repente ela se contraiu e interrompeu o abraço, dando um passo para trás. Oskar deixou os braços caírem. Eli sacudia a cabeça como se quisesse se libertar de um sonho ruim, virou-se e foi para o prédio. Oskar continuou no mesmo lugar. Quando a menina abriu a porta, ele exclamou:

— Eli? — Ela se virou. — Onde está seu pai?

— Ele ia... trazer comida.

Ela não tem o que comer. É isso.

— Você pode comer lá em casa.

Eli largou a porta e foi para junto dele. Oskar começou rapidamente a planejar como explicaria tudo para a mãe. *Não queria* que a mãe conhecesse Eli. Tampouco o contrário. Ele podia fazer uns sanduíches e levar a comida para fora. *É*, seria melhor.

Eli se postou na frente de Oskar e olhou bem seriamente nos olhos dele.

— Oskar. Você gosta de mim?

— Sim. MUITÍSSIMO.

— Se eu não fosse uma menina... você gostaria de mim do mesmo jeito?

— Como assim?

— Só isso. Você gostaria de mim mesmo se eu não fosse uma menina?

— Sim... acho que sim.

— Tem certeza?

— Tenho. Por que você está perguntando isso?

Alguém puxou uma janela emperrada, que se abriu em seguida. Atrás da cabeça de Eli, Oskar pôde ver a mãe pondo a cabeça para fora da janela do quarto dele.

— Ooooskar!

Eli se retirou rapidamente, foi para junto da parede. Oskar cerrou os punhos e subiu correndo a ladeira, ficou embaixo da janela. Como um pirralho.

— Que é?!

— Ah! Você está *aí*. Eu achei...

— O *que* é?

— Bem, começa agora.

— Eu *sei*.

A mãe estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas fechou a boca e olhou para ele ali embaixo da janela, ainda com os punhos bem fechados, o corpo inteiro tenso.

— O que você está fazendo?

— Eu... eu já vou.

— Bem, é que...

Os olhos de Oskar ficaram úmidos de raiva e ele gritou entre dentes: — *Entre em casa! Feche a janela. Entre!*

A mãe ficou olhando para ele por mais um instante. Depois alguma coisa tomou conta do seu rosto e ela *bateu* a janela com força, saindo dali. Oskar quis... não chamar a mãe de volta, mas... fazer transmissão de pensamento. Explicar calmamente a situação. Que ela não podia fazer as coisas desse jeito, que ele tinha...

Ele desceu correndo a ladeira.

— Eli?

Ela não estava ali. E não tinha entrado no prédio, ele teria visto. Devia ter ido pegar o metrô para ir à casa daquela tia no centro da cidade onde ela costumava ficar depois da escola. Devia ser isso.

Oskar foi para o canto escuro onde ela se escondeu quando a mãe chamou por ele. Virou-se e ficou de rosto colado na parede. Ficou assim por um tempo. Depois entrou no prédio.

Håkan arrastou o menino para dentro da cabine e trancou a porta. O garoto não soltou um pio. A única coisa que podia levantar suspeitas agora era o chiado da garrafa de gás. Ele precisava trabalhar rápido.

Seria muito mais simples se pudesse atacar diretamente com a faca, mas não. O sangue precisava vir de um corpo com vida. Mais um dos detalhes que foi explicado a ele. Sangue de morto não servia para nada, era simplesmente nocivo.

Isso. O menino estava vivo. O peito subia e baixava, sorvendo o gás anestésico.

Ele amarrou a corda bem forte em volta das pernas do menino, um pouco acima dos joelhos, passou as duas pontas da corda em volta do gancho e começou a puxar. As pernas do rapaz foram içadas do chão.

Uma porta se abriu, vozes.

Ele segurava a corda com uma das mãos e fechou o gás com a outra. Tirou a máscara da boca do rapaz. A anestesia duraria alguns minutos, ele tinha que continuar trabalhando com ou sem gente lá fora, o mais silenciosamente possível.

Alguns homens lá fora. Dois, três, quatro? Conversavam sobre a Suécia e a Dinamarca. Um campeonato internacional. Handebol. Enquanto falavam, Håkan içou o corpo do menino. O gancho começou a ranger, a pressão do peso vinha de um ângulo diferente daquele que havia sido o dele quando se pendurou no gancho. Será que eles tinham ouvido alguma coisa? Ele ficou parado, quase não respirava. Segurava o corpo, cuja cabeça acabou de ser levantada do chão, na mesma posição.

Não. Apenas uma pausa na conversa. Eles continuaram.

Continuem falando, continuem falando.

— A falta de Sjögren foi totalmente...

— O que não se tem nos braços, é preciso ter na cabeça.

— Mas ele consegue fazer pontos mesmo assim.

— Aquela bola de efeito, não dá para entender como ele consegue...

A cabeça do menino estava pendurada a alguns centímetros do chão. Agora...

Onde é que ele ia amarrar as pontas da corda? O vão entre as tábuas do banco era estreito demais para deixar passar a corda. E ele não podia trabalhar bem *apenas com uma das mãos* enquanto segurava a corda com a outra. Não ia aguentar. Ficou parado segurando firmemente as pontas da corda, suando. A máscara estava quente, devia tirá-la.

Depois. Quando tiver acabado.

O outro gancho. Só precisava armar uma laçada primeiro. O suor escorreu penetrando em seus olhos quando ele desceu o corpo do menino para deixar a corda mais folgada e deu uma laçada. Içou o menino de novo e tentou passar o laço em volta do gancho. Curto demais. Desceu o menino. Os homens pararam de falar.

Saiam daqui! Saiam!

No silêncio, Håkan armou uma nova laçada lá na ponta da corda e esperou. Eles recomeçaram a falar. Boliche. O sucesso da equipe feminina sueca em Nova York. *Strike, spare* e suor faziam os olhos arderem.

Quente. Por que está tão quente?

Ele conseguiu passar o laço no gancho e respirou aliviado. Será que eles não podiam *ir embora*?

O corpo do menino estava pendurado na posição certa e era só pôr a mão na massa rápido, antes que ele acordasse. E será que eles não iam embora? Mas falavam sobre as lembranças do boliche, como se jogava antigamente e alguém que ficou com o polegar preso na bola e precisou ir ao hospital para tirá-lo.

Não dava para esperar. Ele enfiou o funil no garrafão de plástico e o aproximou do pescoço do rapaz. Apanhou a faca. Quando se virou para tirar o sangue do menino, a conversa lá fora parou de novo. E os olhos do menino estavam abertos. Arregalados. Suas pupilas se movimentavam, ali onde estavam de cabeça para baixo, procurando um ponto onde se fixar, uma compreensão. Elas pararam em Håkan, ali de pé, nu, com a faca na mão. Durante um breve instante, um olhou bem nos olhos do outro.

Em seguida o menino abriu a boca e berrou.

Håkan recuou, acabou batendo na parede da cabine, produzindo um baque molhado. As costas suadas resvalaram na parede e ele quase perdeu o equilíbrio. O menino não parava de gritar. O som se multiplicou no vestiário, fez eco nas paredes, ficou mais alto a ponto de ensurdecer Håkan. Sua mão apertou o cabo da faca com mais força e a única coisa em que ele conseguia pensar era que precisava acabar com o grito do garoto. Cortar-lhe a cabeça para que ele parasse de gritar. Agachou-se em frente ao menino.

Socos na porta.

— Ei! Abra!

Håkan largou a faca. O tilintar da lâmina ao cair no chão quase não foi ouvido em meio aos socos e ao berro interminável do menino. A porta balançava nos alicerces com as batidas do lado de fora.

— Abra! Vou arrombar!

Fim. Agora era o fim. Agora restava apenas uma coisa. O barulho em volta dele desapareceu, o campo de visão encolheu e se transformou num

túnel na hora em que Håkan virou a cabeça na direção da bolsa. Através do túnel ele viu sua mão sendo enfiada na bolsa para apanhar o vidro de geleia.

Caiu pesadamente de bunda com o vidro de geleia na mão e desatarraxou a tampa. Esperou.

Quando eles abrissem a porta. Antes de tirarem sua máscara. O rosto.

Em meio aos gritos e aos socos na porta, ele pensou no amado. No tempo que tiveram juntos. Evocou a imagem do amado na forma de anjo. Um menino-anjo que agora descia do céu, abria suas asas, vinha para buscá-lo. Carregá-lo consigo. Para um lugar onde sempre estariam juntos. Sempre.

A porta foi escancarada e bateu na parede. O menino continuava gritando. Do lado de fora havia três homens, mais ou menos vestidos. Ficaram olhando sem entender a cena diante deles.

Håkan balançou lentamente a cabeça, e aceitou.

Em seguida, gritou:

— Eli! Eli!

E derramou o ácido clorídrico concentrado no rosto.

Regozijai-vos! Regozijai-vos!

Regozijai-vos no Senhor e Deus!

Regozijai-vos! Regozijai-vos!

E louvai seu rei e Deus!

Staffan acompanhava a mãe de Tommy ao piano. Os dois se entreolhavam de tempos em tempos, sorriam e irradiavam felicidade. Tommy estava sentado no sofá de couro, sofrendo. Achara um buraquinho lá embaixo num dos braços do sofá e, enquanto Staffan e sua mãe cantavam, ele trabalhava para aumentar o buraco. O indicador cutucava lá dentro do estofado e Tommy se perguntou se Staffan e a mãe tinham transado alguma vez nesse sofá. Debaixo dos barômetros.

O jantar fora razoável, uma espécie de frango marinado com arroz. Depois, Staffan tinha mostrado a Tommy o cofre onde estavam guardados

seus revólveres. O cofre estava debaixo da cama no quarto e Tommy se perguntou a mesma coisa aqui. Será que eles tinham transado nessa cama? Será que a mãe pensava no pai quando Staffan a acariciava? Será que os revólveres debaixo do colchão davam tesão nele? E nela?

Staffan executou o acorde final e deixou a música ir morrendo. Tommy tirou o dedo do buraco agora bem grande no sofá. A mãe acenou com a cabeça para Staffan, pegou a mão do namorado e sentou-se na banquetta do piano ao seu lado. Do ângulo onde Tommy se sentou, a Virgem Maria estava pendurada exatamente acima da cabeça deles, como se fosse um efeito que tivessem calculado, ensaiado com antecedência.

A mãe olhou para Staffan, sorriu e se virou para Tommy.

— Tommy. Queremos te contar uma coisa.

— Vocês vão se casar?

A mãe hesitou. Se eles tinham ensaiado antes, com cenografia e tudo, então, pelo visto, essa fala não estava incluída.

— Sim. O que você acha?

Tommy encolheu os ombros.

— O.k. Casem então.

— Estávamos pensando... no verão, talvez.

A mãe olhou para o filho como se perguntasse se ele por acaso tinha uma sugestão melhor.

— Sim. Claro.

Tommy enfiou o indicador no buraco de novo e deixou o dedo ficar ali. Staffan se inclinou para a frente.

— Eu sei que não posso... substituir seu pai. De nenhuma forma. Mas espero que você e eu possamos... nos conhecer e... que possamos ser amigos.

— E onde é que vocês vão morar?

A mãe pareceu triste de repente.

— *Nós*, Tommy. Isso também se refere a você. Não sabemos. Mas pensamos em talvez comprar uma casa com jardim em Ängby. Se der.

— Ängby.

— É. O que você acha?

Tommy olhou para o tampo de vidro da mesa onde havia o reflexo meio transparente da mãe e de Staffan; pareciam fantasmas. Tirou o dedo com cuidado do buraco, acabou arrancando um pedaço da espuma.

— Caro.

— Como caro?

— Uma casa com jardim em Ängby. É caro. É muito dinheiro. Vocês têm muito dinheiro?

Staffan estava a ponto de responder quando o telefone tocou. Ele fez um carinho no rosto da mãe de Tommy e foi atender no corredor. A mãe sentou-se no sofá ao lado do filho e perguntou: — Você não gostou da ideia?

— Adorei.

Do corredor, ouvia-se a voz de Staffan. Ele parecia exaltado.

— Mas... claro, eu vou imediatamente. Será que... não, nesse caso eu vou direto para lá. Certo. Até mais.

Staffan foi para a sala de estar de novo.

— O assassino está na quadra de Vällingby. Estão sem gente lá na delegacia, então eu preciso...

Ele foi para o quarto e Tommy pôde ouvir o cofre ser aberto e fechado. Staffan trocou de roupa lá dentro e, depois de um tempo, saiu trajando o uniforme completo de policial. Seu olhar parecia um pouco lunático. Beijou de leve a mãe de Tommy na boca e deu uma batidinha no joelho de Tommy.

— Preciso ir imediatamente. Não sei quando volto. A gente conversa mais tarde.

Ele se apressou e a mãe de Tommy foi atrás.

Tommy ouviu alguma coisa sobre “tenha cuidado” e “eu te amo” e “você pode ficar”. Enquanto isso, foi até o piano e, sem saber por quê, estendeu o braço para apanhar a escultura do atirador. Ela era pesada em sua mão, no mínimo dois quilos. Enquanto a mãe e Staffan se despediam — *Eles bem que gostam disso. O homem que vai guerrear. A mulher saudosa*

—, Tommy foi para a sacada. O ar frio da noite entrou em seus pulmões e ele conseguiu respirar pela primeira vez depois de horas.

Ele se debruçou no parapeito da sacada, viu que havia moitas bem densas lá embaixo. Segurou a escultura fora do parapeito e largou. Ela caiu no mato, produzindo um farfalhar.

A mãe veio para a sacada e ficou ao lado dele. Depois de alguns segundos, a porta do prédio se abriu e Staffan saiu, meio que correndo, para o estacionamento. A mãe acenou, mas Staffan não olhou para cima. Quando ele tinha acabado de passar embaixo da sacada, Tommy deu um risinho.

— O que é? — perguntou a mãe.

— Nada.

É que um rapazinho de revólver está no meio da moita fazendo mira no Staffan. Só isso.

Tommy sentia-se bem, apesar de tudo.

O esquadrão recebeu reforço com Karlsson, o único da turma que tinha um “trabalho de verdade”, como ele mesmo costumava dizer. Larry era aposentado por invalidez, Morgan trabalhava de vez em quando num ferrovelho de carros, e Lacke, não se sabia direito *do que* ele vivia. Às vezes tinha um pouco de grana, e só.

Karlsson tinha um emprego fixo numa loja de brinquedos em Vällingby. Antigamente a loja lhe pertencera, mas ele foi obrigado a vendê-la por causa de “dificuldades financeiras”. O novo proprietário o empregara, porque, como Karlsson disse, era impossível negar que, “depois de trinta anos no ramo, a gente tem uma certa experiência”.

Morgan se recostou na cadeira, escarranchou-se e cruzou as mãos atrás da cabeça. Ficou olhando para Karlsson. Lacke e Larry se entreolharam. Ia começar.

— Então, Karlsson. Algo de novo no ramo dos brinquedos? Inventou novas maneiras de tirar a mesada das crianças?

Karlsson bufou.

— Você não sabe do que está falando. Se existe alguém que é enganado, esse alguém sou eu. Você não pode imaginar a extensão dos furtos. As crianças...

— O.k., tudo bem. É só comprar uma bugiganga da Coreia por duas coroas e vender o troço por cem, assim vocês recuperam o prejuízo.

— Nós não vendemos esse tipo de coisa.

— Não, é claro. O que foi aquilo que eu vi na vitrine um dia desses? Os Smurfs. O que é isso? Brinquedos de qualidade de fabricação artesanal de Bengtsfors, hein?

— Eu acho isso bem estranho vindo de uma pessoa que vende carros que só andam se a gente puser um cavalo na frente deles.

E continuou desse jeito. Larry e Lacke ouviam, riam às vezes, vinham com algum comentário. Se Virginia estivesse aqui, a crista dos galos teria se levantado mais um pouco e Morgan não teria desistido antes de Karlsson ficar puto de verdade.

Mas Virginia não estava aqui. E tampouco Jocke. O clima certo não queria se instalar e por isso a discussão já estava começando a morrer quando a porta da frente se abriu devagar, lá pelas oito e meia.

Larry levantou os olhos e viu uma pessoa que ele nunca imaginou que pisaria ali: Gösta. A bomba de fedor, como Morgan dizia. Larry conversou com Gösta num banco perto do prédio algumas vezes, mas ele nunca *tinha aparecido* aqui antes.

Gösta parecia perturbado. Movimentava-se como se fosse feito de pedaços mal colados que podiam cair se ele se mexesse demais. Com os olhos apertados e o corpo dando tremidinhas. Ou estava de cara cheia ou estava doente.

Larry acenou. — Gösta! Sente aqui.

Morgan virou a cabeça, examinou Gösta e disse: — E mais essa.

Gösta foi até a mesa deles como se atravessasse um campo minado. Larry arrastou a cadeira ao seu lado e fez um gesto convidando o outro.

— Bem-vindo ao clube.

Gösta não parecia ouvi-lo, mas foi se arrastando até a cadeira. Vestia um terno surrado com colete e gravata-borboleta, o cabelo penteado com água. E fedia. Mijo, mijo e mijo. Mesmo quando estava ao ar livre, seu fedor era percebido, mas suportável. No local aquecido, ele exalava um cheiro de urina azeda e velha, o que obrigava a todos a respirar pela boca para aguentar.

Todos da turma, inclusive Morgan, se esforçavam para que o rosto não transparecesse o que o nariz sentia. O garçom foi até a mesa deles, parou quando sentiu o cheiro de Gösta e disse:

— Querem... fazer o pedido?

Gösta sacudiu a cabeça sem olhar para o garçom, que franziu as sobrancelhas. Larry fez um gesto: *Não se preocupe, a gente tem tudo sob controle*. O garçom se afastou e Larry pousou a mão no ombro de Gösta.

— A que devemos a honra?

Gösta pigarreou, de olhos voltados para o chão, e disse: — Jocke.

— O que há com ele?

— Ele está morto.

Larry ouviu como Lacke respirou fundo atrás dele. Manteve a mão no ombro de Gösta, encorajando-o. Sentiu que era necessário.

— Como você sabe disso?

— Eu vi. Quando aconteceu. Quando ele foi morto.

— E quando foi isso?

— No sábado. De noite.

Larry retirou a mão. — No *sábado*? Mas... você já falou com a polícia?

Gösta sacudiu a cabeça.

— Não tenho coragem. E eu... não vi. Mas eu sei.

Lacke cobriu o rosto com as mãos e sussurrou: “Eu sabia, eu sabia”.

Gösta contou. Sobre a criança que havia atirado uma pedra na iluminação próxima da passagem subterrânea, entrado ali e esperado. Sobre Jocke que entrou na passagem mas não saiu de lá. A marca leve deixada, o contorno de um corpo nas folhas caídas na manhã seguinte.

Quando ele acabou, já fazia um tempo que o garçom andava fazendo gestos irritados para Larry, apontando ora para Gösta, ora para a porta. Larry pôs a mão no braço de Gösta.

— O que você me diz de a gente sair para dar uma olhada?

Gösta balançou a cabeça concordando e se levantou da mesa. Morgan engoliu o que restava da cerveja e deu um risinho para Karlsson, que pegou o jornal e enfiou no bolso do sobretudo como sempre fazia, o mão de vaca de uma figa.

Apenas Lacke continuou sentado cutucando uns palitos de dente quebrados que estavam à sua frente na mesa. Larry se inclinou para ele.

— Você não vem?

— Eu sabia. Eu senti isso.

— O.k. Então você não vem?

— Vou. Estou indo. Vão vocês na frente.

Quando eles saíram no ar frio da noite, Gösta ficou mais calmo. Começou a andar a passos tão rápidos que Larry teve de lhe pedir para diminuir o ritmo, seu coração não aguentava. Karlsson e Morgan iam lado a lado atrás deles; Morgan esperava que Karlsson fosse dizer uma besteira para poder dar uma bronca nele. Isso seria bom. Mas até Karlsson parecia absorto nos próprios pensamentos.

A lâmpada quebrada tinha sido trocada e havia luz suficiente na passagem subterrânea. Eles estavam reunidos ouvindo Gösta enquanto este contava a história e apontava para o monte de folhas, batendo os pés no chão para aquecê-los. Circulação ruim. Fazia eco na abóbada da passagem como se fosse um exército em marcha. Quando Gösta terminou, Karlsson disse:

— Mas não há nenhuma *prova*.

Esse era o tipo de comentário pelo qual Morgan estava esperando.

— Mas que diabos, você ouviu o que ele *disse*. Você acha que ele está *mentindo*?

— Não — respondeu Karlsson, como se estivesse falando com uma criança —, mas o que eu estou dizendo é que talvez a *polícia* não esteja tão disposta quanto nós a acreditar na história dele quando não há nada que apoie essa história.

— Mas ele é *testemunha*.

— Você acha que é o suficiente?

Larry passou a mão nos montes de folhas.

— A questão é onde ele está. Se por acaso a coisa aconteceu desse jeito.

Lacke veio andando pelo caminho do parque, foi para junto de Gösta e apontou para o chão.

— Ali?

Gösta confirmou balançando a cabeça. Lacke enfiou as mãos nos bolsos e ficou olhando por um bom tempo os desenhos assimétricos das folhas, como se fossem um quebra-cabeça gigantesco que ele tinha de resolver. Os músculos do seu maxilar se contraíam, relaxavam, contraíam-se de novo.

— E então? O que vocês me dizem?

Larry deu uns passos na direção dele.

— Sinto muito, Lacke.

Lacke recusou o gesto sacudindo a mão, não deixou Larry se aproximar.

— O que vocês me dizem? Vamos pegar ou não o safado que fez isso?

Os outros olharam para todos os lados possíveis exceto para Lacke. Larry esteve a ponto de dizer alguma coisa sobre como isso seria difícil, provavelmente impossível, mas acabou não dizendo. Por fim, Morgan deu uma tossidinha, aproximou-se de Lacke e passou o braço em volta do ombro dele.

— A gente vai pegá-lo, Lacke. A gente vai.

Tommy olhou para fora debruçado no parapeito e achou ter visto o brilho da prata lá embaixo. Parecia uma dessas coisas que os escoteiros mirins costumavam trazer para casa das competições.

— Em que você está pensando? — perguntou sua mãe.

— No Pato Donald.

— Você não gosta muito de Staffan, não é?

— Dá para levar.

— Dá mesmo?

Tommy olhou para o centro. Viu o “V” grande e vermelho em neon que se enroscava devagar em cima de tudo. Vällingby. Victory.

— Ele já te mostrou os revólveres?

— Por que essa pergunta?

— Só queria saber. Ele mostrou?

— Não estou entendendo o que você quer dizer.

— Não é tão difícil assim. Por acaso ele abriu o cofre, tirou os revólveres de lá de dentro e te mostrou?

— Mostrou. Por quê?

— Quando ele fez isso?

A mãe limpou alguma coisa da blusa e esfregou os braços.

— Estou com um pouco de frio.

— Você pensa no papai?

— Sim, penso. O tempo todo.

— O tempo todo?

A mãe suspirou e abaixou a cabeça para poder olhar bem dentro dos olhos dele.

— Aonde você quer chegar?

— Aonde *você* quer chegar?

A mão de Tommy descansava no parapeito, a mãe pousou a dela em cima da mão do filho. — Você vai comigo amanhã visitar seu pai?

— Amanhã?

— É. É Dia de Finados.

— É depois de amanhã. Sim, eu vou.

— Tommy...

Tirou delicadamente as mãos do filho do parapeito e o virou de frente para ela. Deu-lhe um abraço. Ele ficou parado, contraído por um instante.

Em seguida se soltou e entrou no apartamento.

Enquanto Tommy vestia as roupas de frio, entendeu que precisava tirar a mãe da sacada se fosse apanhar a escultura. Ele a chamou e ela veio rápido, sedenta de palavras.

— Só uma coisa... dê lembranças a Staffan.

O rosto dela se iluminou.

— Está bem. Você não vai ficar?

— Não, eu... é que aquilo pode levar a noite inteira.

— É. Estou um pouco preocupada.

— Não fique. Ele sabe atirar. Tchau.

— Tchau...

A porta bateu.

— ... coração.

As engrenagens do Volvo soltaram um estampido abafado quando Staffan subiu com o carro pelo meio-fio em alta velocidade. Os dentes dele bateram um no outro causando um zumbido na cabeça, que o deixou cego por um instante e quase o fez atropelar um velhinho que estava indo se juntar aos curiosos amontoados ao redor da viatura na entrada da piscina.

O aspirante Larsson estava no carro falando no rádio. Devia estar pedindo reforço ou uma ambulância. Staffan estacionou atrás da viatura para deixar o caminho livre caso um eventual reforço aparecesse, saiu do veículo e trancou-o. Ele sempre trancava o carro, mesmo que se ausentasse só por um minuto. Não porque se preocupava com a possibilidade de o carro ser roubado, mas para não perder o hábito, assim ele nunca se esqueceria de trancar *o carro do trabalho*.

Ele foi para a entrada principal e fez um esforço para irradiar autoridade, já que havia espectadores; sabia que tinha uma aparência que inspirava confiança na maioria das pessoas. Muitos dos que estavam olhando provavelmente pensavam: “Ah, ali vem o cara que vai dar jeito nisso tudo”.

Do lado de dentro, perto da porta da entrada, havia quatro homens de calção de banho com toalhas em volta dos ombros. Staffan passou por eles e foi na direção dos vestiários, mas um dos homens exclamou: “Alô, com licença”, e se aproximou dele na ponta dos pés, mesmo descalços.

— Com licença, mas... nossas roupas.

— O que há com elas?

— Quando a gente pode apanhar?

— As roupas de vocês?

— É, elas estão no vestiário e é proibido entrar lá.

Staffan abriu a boca para fazer um comentário azedo, algo sobre as roupas deles não serem o primeiro item na lista de prioridades, mas uma mulher de camiseta branca se aproximou dos homens naquele instante com uma pilha de roupões nos braços. Staffan fez um gesto para a mulher e prosseguiu para o vestiário.

No caminho, cruzou com mais uma mulher de camiseta branca que conduzia um menino entre doze e treze anos para a entrada. O rosto do garoto tinha a cor vermelho-sangue e contrastava com o roupão branco que o envolvia; seus olhos estavam vazios. A mulher olhou bem para Staffan com um olhar que parecia quase acusador.

— A mãe dele vem apanhá-lo.

Staffan balançou a cabeça. Será que o menino era... a vítima? Ele queria ter perguntado exatamente isso, mas, na pressa, não conseguiu pensar num modo adequado de formular a pergunta. Teve de partir do princípio de que Holmberg anotara o nome dele e os outros dados e julgara ser melhor deixar a mãe do menino assumir o comando, levá-lo à ambulância, conversar com o psicólogo, terapia.

Protegeí suas criancinhas.

Staffan atravessou o corredor e subiu a escada correndo, enquanto repetia dentro de si uma oração de agradecimento pela misericórdia e pedia forças para a provação que viria.

Será que o assassino ainda estava mesmo dentro do prédio?

Do lado de fora do vestiário, abaixo de uma tabuleta com a única palavra “cavalheiros”, como era de esperar, havia três senhores falando com o oficial Holmberg. Apenas um deles estava todo vestido. Um dos três estava sem calças, o outro tinha o tronco nu.

— Ainda bem que você chegou tão rápido — disse Holmberg.

— Ele ainda está aqui?

Holmberg apontou para a porta do vestiário.

— Lá dentro.

Staffan fez um gesto na direção dos três homens.

— São eles...?

Antes que Holmberg tivesse tempo de dizer alguma coisa, o homem sem calças deu meio passo à frente e disse, com uma ponta de orgulho: — Somos as testemunhas.

Staffan balançou a cabeça e lançou um olhar interrogativo para Holmberg.

— Eles não deviam...

— Sim, mas esperei você chegar. Pelo visto ele não é violento. — Holmberg se virou para os três homens e disse num tom amigável: — Entraremos em contato. O melhor que vocês fazem agora é ir para casa. Ah, mais uma coisa. Eu sei que não é muito fácil, mas tentem não discutir isso entre vocês.

O homem sem calças deu um sorriso de lado, em sinal de compreensão.

— Você quer dizer que alguém pode ouvir.

— Não, mas vocês podem acabar achando que viram coisas que na verdade não viram, apenas porque outra pessoa viu.

— Eu não. Eu vi o que eu vi e foi uma coisa horrível...

— Acreditem em mim. Isso acontece com muita gente. E agora vocês vão nos desculpar. Obrigado pela colaboração.

Os homens se dirigiram para o corredor, resmungando. Holmberg era bom nisso. Conversar com as pessoas. Mas era isso o que ele mais fazia. Percorria as escolas e falava sobre drogas e o trabalho da polícia. Não era

muito comum que ele estivesse nas ruas trabalhando com esse tipo de coisa atualmente.

Um estampido metálico, como se algo feito de chapa de metal tivesse caído, veio lá de dentro do vestiário. Staffan levou um susto, prestou atenção.

— Não é violento?

— Gravemente ferido, pelo visto. Derramou uma espécie de ácido no rosto.

— Por quê?

O rosto de Holmberg ficou vazio e ele se virou para a porta.

— Então a gente precisa entrar para perguntar.

— Está armado?

— Provavelmente não.

Holmberg apontou para o nicho da janela. Em cima da prateleira de mármore havia uma faca grande de cozinha com punho de madeira.

— Eu não tinha saco plástico. Além do mais, aquele que estava sem calças já havia mexido nela por um bom tempo antes de eu chegar. A gente vê isso depois.

— A gente vai deixar a faca aqui?

— Você tem uma sugestão melhor?

Staffan sacudiu a cabeça e agora no silêncio ele pôde distinguir duas coisas. Um sopro fraco e sem ritmo que vinha do vestiário. O vento no cano de uma chaminé. Uma flauta quebrada. Isso, e um cheiro. Algo que ele primeiro achou que fazia parte do cheiro de cloro que dominava todo o local. Mas isso era outra coisa. Um cheiro penetrante e forte que fazia cócegas nas narinas. Staffan franziu o nariz.

— Vamos...?

Holmberg acenou com a cabeça, mas continuou onde estava. Casado e com filhos. Claro. Staffan tirou a arma do coldre e pôs a outra mão na maçaneta da porta. Era a terceira vez em doze anos de carreira que ele entrava num lugar de revólver em punho. Não sabia se fazia a coisa certa,

mas ninguém ia censurá-lo por isso. Um assassino de crianças. Fechado num cômodo, talvez desesperado, mesmo que ferido.

Ele fez um sinal para Holmberg e abriu a porta.

O fedor veio ao seu encontro.

Penetrava no nariz, fazendo seus olhos lacrimejarem. Ele tossiu. Apanhou um lenço do bolso e tapou a boca e o nariz. Algumas vezes ajudou bombeiros em incêndios de casas, era parecido com isso. Mas aqui não havia fumaça, apenas uma névoa suave que pairava ao redor do local.

Santo Deus, o que é isso?

O som monótono, cortado, ainda era ouvido do outro lado da fileira de armários diante deles. Staffan fez um sinal para Holmberg dar a volta na fileira de armários pelo outro lado, assim eles chegariam dos dois lados: Staffan foi para a ponta dos armários e espiou do canto com o revólver abaixado.

Viu um cesto de lixo virado no chão e ao lado dele um corpo caído, nu.

Holmberg apareceu do outro lado e fez sinal para Staffan ir com calma, parecia não haver nenhum perigo imediato. Staffan sentiu uma pontada de irritação por Holmberg ter tentado assumir o comando da situação agora que ela não parecia mais ser perigosa. Ele respirou pelo lenço, tirou o pano da boca e disse em voz alta:

— Olá. Aqui é a polícia. Está me ouvindo?

O homem não deu nenhum sinal de que ouvia, apenas continuou produzindo o som monótono de rosto virado para o chão. Staffan deu uns passos à frente.

— Mostre as mãos para eu ver.

O homem não se mexeu. Mas, agora que Staffan estava mais perto, ele pôde ver que o corpo todo se contraía. Aquilo com as mãos foi desnecessário. Um dos braços estava em cima do cesto de lixo, o outro, caído no chão. As palmas das mãos estavam inchadas e cortadas.

O ácido... como é a cara dele...

Staffan tapou a boca com o lenço de novo e se aproximou do homem enquanto enfiava o revólver no coldre, confiando que Holmberg lhe desse cobertura caso acontecesse alguma coisa.

O corpo se contraía em espasmos e produziam-se estalos suaves quando a pele nua se desgrudava do ladrilho e se colava nele novamente. A mão que estava no chão pulava como um peixe numa superfície rochosa. E o tempo todo o som da boca, virada para o chão:

— ... eeiiiiieeiii...

Staffan fez sinal para Holmberg se manter um pouco distante e se agachou ao lado do corpo:

— Você pode me ouvir?

O homem se calou. De repente, o corpo inteiro deu uma virada espasmódica e rolou.

O rosto.

Staffan recuou, perdeu o equilíbrio e aterrissou no cóccix. Trincou os dentes para não gritar quando um leque de dor se abriu na região lombar. Apertou os olhos. Abriu-os novamente.

Ele não tem rosto.

Staffan tinha visto um viciado que, em estado alucinatório, socou o rosto repetidas vezes numa parede. Ele tinha visto um homem que soldou um tanque de gasolina sem esvaziá-lo primeiro. O tanque explodiu em seu rosto.

Mas nada se parecia com aquele caso.

O nariz tinha sido totalmente corroído, onde estavam as narinas havia agora apenas dois buracos dentro do crânio. A boca se fundiu, os lábios estavam selados exceto por uma fresta num dos cantos. Um dos olhos escorreu sobre aquilo que tinha sido a bochecha, mas o outro... o outro estava arregalado.

Staffan olhou bem dentro desse olho, a única coisa que se podia reconhecer como humana no meio daquela massa disforme. O olho estava

avermelhado e, ao tentar piscar, foi apenas a metade de uma dobra de pele que desceu trêmula por cima dele e subiu depois de novo.

No lugar em que devia estar o restante do rosto, havia apenas pedaços de cartilagem e ossos que apontavam para fora em meio a pedaços irregulares de carne e tiras de pano preto. Os músculos lustrosos e descarnados contraíam-se e relaxavam, saltitavam como se no lugar da cabeça houvesse um bolo de enguias mortas recentemente e em pedacinhos.

O rosto inteiro, aquilo que havia sido rosto, tinha uma vida própria.

Uma ânsia de vômito subiu pela garganta de Staffan e ele teria provavelmente vomitado se seu corpo não estivesse tão ocupado em bombear dor para a região lombar. Lentamente, ele puxou a perna para baixo e ficou de pé, apoiando-se no armário. O olho avermelhado olhava o tempo todo para ele.

— Que coisa horrível...

Holmberg estava de braços pendidos olhando para o corpo deformado no chão. Não foi só o rosto. O ácido também escorreu para a parte superior do corpo. A pele que cobria a clavícula num dos lados sumiu e uma parte do osso apontava para fora, tinha um brilho branco parecendo um pedaço de giz num guisado de carne.

Holmberg sacudiu a cabeça, levantou e abaixou a mão pela metade, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Tossiu.

— Que coisa horrível...

Eram onze horas e Oskar estava na cama. Batia discretamente as letras na parede.

E... L... I...

E... L... I...

Nenhuma resposta.

Sexta-feira, 30 de outubro

Os meninos do 6º ano B estavam enfileirados na passagem ao pé da escola esperando que o professor Ávila desse o sinal verde. Todos seguravam sacolas de ginástica ou bolsas, pois ai daquele que esquecesse as roupas de ginástica ou que não tivesse motivos sólidos para deixar de ir à aula de educação física.

Eles estavam a uma distância de um metro um do outro, como o professor ordenou no primeiro dia do quarto ano, quando assumiu a responsabilidade pela aula dos meninos.

— Fila rreta! Un metro de distância.

O professor Ávila tinha sido piloto do Exército na guerra. Em algumas ocasiões divertiu os garotos com histórias das batalhas no ar e dos pousos de emergência nas plantações de trigo. Era impressionante. Ele era respeitado.

Uma turma considerada briguenta e bagunceira formava obedientemente uma fila com um metro de distância um do outro, apesar de o professor nem sequer estar ao alcance da vista dos alunos. Se a fila não estivesse do jeito que o professor queria, ele deixava as crianças esperando por mais dez minutos ou cancelava um jogo de voleibol para dar preferência a flexões de braço e abdominais.

Oskar tinha, assim como os outros, bastante medo do professor. Com o cabelo grisalho bem rente e o nariz adunco, o físico ainda em boa forma e punhos de ferro, o professor não era exatamente a melhor pessoa para amar e entender um menino frágil, um pouco acima do peso e perseguido pelos colegas. Mas havia ordem nas aulas dele. Nem Jonny, Micke ou Tomas ousavam fazer alguma coisa enquanto o professor estivesse por perto.

Agora Johan saiu da fila e olhou para a escola lá em cima. Em seguida fez uma saudação hitlerista e disse:

— Fila rreta! Hodje exercício de combate a incêndio! Con cuerda!

Alguns soltaram um riso nervoso. O professor tinha uma predileção por exercícios de combate a incêndio. Uma vez por período escolar, os alunos tinham que treinar sair pela janela usando uma corda enquanto o professor

marcava o tempo de todo o procedimento com um cronômetro. Se os alunos conseguissem bater o recorde anterior, então podiam brincar de dança das cadeiras na próxima aula. Se fizessem por merecer.

Johan voltou rapidamente para a fila. Ainda bem, pois apenas uns segundos mais tarde o professor saiu da entrada principal da escola a passos rápidos e foi para o salão de ginástica. Ele olhava para a frente, não lançou sequer um olhar para o grupo. Quando estava na metade do caminho, fez um gesto de *vem!* com a mão sem parar de caminhar, sem virar a cabeça.

A fila se pôs em marcha enquanto os garotos tentavam manter a distância de um metro um do outro. Tomas, que andava atrás de Oskar, pisou no calcanhar deste, o que fez o sapato de Oskar sair do pé no calcanhar. Mas ele continuou andando.

Desde aquele episódio com as varas dois dias antes, eles tinham deixado Oskar em paz. Não que tivessem pedido desculpa ou algo do gênero, mas a ferida no rosto dele estava ali e eles devem ter achado que era o bastante. Por enquanto.

Eli.

Oskar dobrou os dedos do pé para o sapato não se soltar e continuou marchando para o salão de educação física. Onde estava Eli? Oskar espiou pela janela na noite anterior para ver se o pai da garota tinha chegado em casa. Em vez disso, viu-a sair por volta das dez horas. Depois foi a hora do chocolate quente e dos bolinhos com a mãe e talvez ele tivesse perdido o momento em que ela voltou para casa. Mas a menina não respondeu às batidas dele.

A turma entrou estabanada no vestiário, a fila foi desfeita. O professor Ávila estava esperando por eles de braços cruzados.

— Certo. Hoje é ginástica. Com trave, plinto e corda de pular.

Gemidos queixosos. O professor balançou a cabeça.

— Se vocês fizerem bem, trabajarem bien, na próxima vez jugaremos queimado. Mas hoje: ginástica. Vamos andando!

Não havia espaço para questionamento. Tinham que se dar por satisfeitos com aquilo da queimada e a turma trocava rápido de roupa. Como de costume, Oskar tratou de ficar de costas para os outros na hora em que tirou as calças. A Bola do Mijo dava uma aparência esquisita à cueca.

Lá em cima no salão, os outros estavam ajeitando os plintos no lugar e descendo as traves. Johan e Oskar ajudavam carregando os colchões. Quando tudo estava pronto, o professor soprou o apito. Havia cinco estações, de forma que ele dividiu a turma em cinco grupos de dois cada.

Oskar e Staffe fizeram uma dupla, o que era bom, pois Staffe era o único na turma pior que Oskar em educação física. Ele era muito forte, mas desajeitado. Mais gordo que Oskar. Mesmo assim, ninguém implicava com ele. Havia alguma coisa na atitude de Staffe que dizia que, se alguém mexesse com ele, esse alguém ia se dar mal.

O professor apitou e eles começaram.

Flexões de braço em cima da trave. Queixo acima da trave, para baixo de novo, para cima de novo. Oskar conseguiu fazer duas. Staffe, cinco, depois parou. Sinal do apito. Abdominais. Staffe apenas ficou deitado no colchão olhando para o teto. Oskar fez abdominais de mentira até o próximo sinal. Pular corda. Nisso, Oskar era bom. Ele tamborilava no chão enquanto Staffe se enrolava todo na corda. Depois flexões de braço comuns. Staffe conseguia fazer sem parar. Por fim, o plinto, o maldito plinto.

Nessa hora, era bom estar com Staffe. Oskar tinha olhado sorratamente para Micke, Jonny e Olof; como eles atravessavam o plinto voando via trampolim. Staffe deu impulso, saltou, aterrissou pesado no trampolim, que rangeu, e ainda assim não conseguiu subir no plinto. Staffe se virou para voltar. O professor se aproximou.

— Suba no plinto!

— Não dá.

— Você precisa deslissarse.

— O quê?

— Deslissarse. *Deslizar*. Vamos lá!

Staffe segurou o plinto, levantou o corpo com os braços e deslizou para o outro lado parecendo um bicho-preguiça. O professor acenou *venha* e Oskar saltou.

Em algum momento, enquanto ia para o plinto, ele resolveu.

Ia *tentar*.

O professor lhe disse uma vez para não ter medo do plinto, que tudo dependia disso. Normalmente ele não dava o salto inicial direito, com medo de perder o equilíbrio ou de bater no aparelho. Mas agora ele iria dar tudo de si, *fingir* que conseguia. O professor olhava, Oskar correu a toda a velocidade para o trampolim.

Ele mal pensou no salto inicial, concentrou-se totalmente em atravessar o plinto. Pela primeira vez, projetou os pés para cima da prancha com toda força, sem aplacar o impulso, e o corpo voou por si mesmo, as mãos se esticaram para fincar-se na prancha e continuar transportando o corpo. Oskar atravessou o plinto com uma velocidade tão grande que perdeu o equilíbrio e caiu de bruços ao aterrissar do outro lado. Mas ele tinha atravessado!

Ele se virou e olhou para o professor, que na verdade não sorriu, mas balançou a cabeça de modo encorajador.

— Muito bem, Oskar. É só ter mais equilíbrio.

O professor apitou e eles puderam recuperar o fôlego durante um minuto antes de dar mais uma volta no circuito. Dessa vez Oskar conseguiu atravessar o plinto e manter o equilíbrio ao aterrissar.

O professor apitou encerrando a aula e desceu para sua sala enquanto os alunos arrumavam os apetrechos. Oskar abriu as rodas do plinto, transportou-o para onde ficavam os equipamentos e lhe deu um tapinha como se fosse um bom cavalo que finalmente se deixara domar. Pôs o plinto no lugar e foi para o vestiário. Tinha uma coisa para falar com o professor.

A meio caminho da porta ele foi detido. Um laço feito da corda de pular passou por sua cabeça e parou em volta da barriga. Alguém o prendia com a

corda. Por trás, Oskar ouviu a voz de Jonny: “Upa, porco”.

Ele se virou de forma que o laço da corda deslizou pela barriga e parou em suas costas. Jonny estava à sua frente segurando os pegadores da corda. Balançava as pontas para cima e para baixo, estalava com a língua.

— Upa, upa.

Oskar agarrou a corda com as mãos e puxou os pegadores, tentando escapar do laço de Jonny. A corda pendia no chão atrás do garoto. Jonny apontou para a corda:

— Agora *voce* tem que pegar.

Oskar segurou a corda no meio com uma das mãos, tirou-a do corpo e rodopiou-a por cima da cabeça, de modo que os pegadores bateram um no outro. Exclamou “Pegue!” e largou. A corda voou e Jonny cobriu instintivamente o rosto com as mãos para se proteger. A corda passou por cima da cabeça de Jonny e foi parar no espaldar atrás dele, fazendo uma barulheira.

Oskar saiu do salão de ginástica e desceu correndo as escadas. O coração ruflava em seus ouvidos. *Começou*. Ele descia três degraus de uma vez, aterrissou com os dois pés ao mesmo tempo no patamar, atravessou o vestiário e entrou na sala do professor.

O professor estava sentado com roupa de ginástica falando ao telefone numa língua estrangeira, provavelmente espanhol. A única palavra que Oskar conseguiu entender foi “perro”, que ele sabia significar “cachorro”. O professor fez sinal para que ele se sentasse na outra cadeira. Continuou falando, mais “perro”; enquanto isso, Oskar ouviu Jonny entrar no vestiário e começar a falar em voz alta.

O vestiário já estava vazio quando o professor terminou de falar sobre o seu cachorro. Virou-se para Oskar.

— Então, Oskar. Pode falar.

— Bem, eu queria saber... sobre aquele treino às quintas.

— Sim?

— Dá para participar dele?

— Você está falando da musculação na piscina?

— É, disso mesmo. Eu posso me inscrever ou...

— Você não precisa se inscrever. É só aparecer. Quinta às sete. Você quer vir?

— Sim... quero.

— Isso é bom. Você treina. Depois você pode fazer a trave... umas cinquenta vezes.

O professor mostrou a flexão na trave com os braços no ar. Oskar sacudiu a cabeça.

— Não. Mas... eu apareço lá.

— Então até quinta. Ótimo.

Oskar balançou a cabeça. Estava a ponto de ir, mas disse em seguida:

— Como está o cachorro?

— O cachorro?

— É, eu o ouvi dizer “perro”. Não significa cachorro?

O professor refletiu por um instante.

— Ah... Não é “perro”. *Pero*. Significa “mas”. Como em “mas não eu”. Em espanhol fica *pero no yo*. Entendeu? Você também vai começar a estudar espanhol?

Oskar sorriu e sacudiu a cabeça. Disse que a musculação já era suficiente.

O vestiário estava vazio a não ser pelas roupas de Oskar. Ele tirou as calças de ginástica e parou. Suas calças tinham sumido. É claro. Como é que ele não tinha pensado nisso? Procurou no vestiário, no banheiro. Nada de calças.

O frio mordida as pernas de Oskar quando ele foi para casa apenas de calção de ginástica. Começou a nevar durante a aula de educação física. Os flocos de neve caíam e se derretiam em suas pernas nuas. Dentro do pátio de casa, Oskar parou embaixo da janela de Eli. As persianas fechadas.

Nenhum movimento. Flocos grandes de neve alisavam seu rosto virado para cima. Oskar pegou alguns com a língua. Tinham um gosto bom.

— Olhe para Ragnar.

Holmberg apontou para a praça de Vällingby onde a neve que caía deixava uma camada translúcida sobre os paralelepípedos, que faziam um círculo. Um dos pés de cana do lugar estava sentado completamente imóvel num banco, envolto num casaco grande, enquanto a neve o transformava num boneco de neve malfeito. Holmberg fez um muxoxo.

— A gente precisa dar uma olhada, se ele continuar imóvel. Como você está?

— Mais ou menos.

Staffan pusera um travesseiro extra em sua cadeira para aliviar a dor na região lombar. Ele preferia ficar em pé ou, melhor ainda, ficar deitado na cama, mas o relatório sobre os acontecimentos da noite anterior devia chegar à divisão de homicídios antes do final de semana.

Holmberg olhou para o bloco de anotações e bateu nele com a caneta.

— Aqueles três que estavam dentro do vestiário. Eles disseram que o assassino, antes de derramar o ácido clorídrico no rosto, tinha gritado “Eli, Eli!”, e eu me pergunto se...

O coração deu um salto no peito de Staffan e ele se debruçou para a frente na escrivaninha.

— Ele disse isso?

— Sim? Você sabe o que isso...

— Sei.

Staffan se recostou pesadamente na cadeira e a dor atirou uma flecha que lhe subiu até o couro cabeludo. Segurou o canto da escrivaninha, endireitou-se e passou as mãos no rosto. Holmberg olhou para ele.

— Que droga... Você já foi ao médico?

— Não, é só... vai passar. Eli, Eli.

— É um nome?

Staffan balançou a cabeça lentamente. — É... significa... Deus.

— Ah, o.k. Ele clamou por Deus. Você acha que Ele ouviu?

— Como?

— Deus. Você acha que Ele ouviu? Considerando-se as circunstâncias, parece um pouco... improvável. Mas você que é especialista nisso. Diga.

— São as últimas palavras que Cristo disse na cruz. Senhor, Senhor, por que me abandonaste? *Eli, Eli, lema sabachtani?*

Holmberg piscou e olhou para as anotações.

— É, isso mesmo.

— Segundo o evangelho de Mateus e Marcos.

Holmberg balançou a cabeça e sugou a caneta.

— Você acha que a gente inclui isso no relatório?

Ao chegar da escola, Oskar vestiu calças limpas e desceu até o Quiosque dos Namorados para comprar jornal. Circulava o boato de que o assassino estava preso e ele queria saber de tudo. Cortar o artigo e guardar.

Alguma coisa estava estranha quando ele desceu para o quiosque, alguma coisa diferente, à exceção da neve.

No caminho de volta para casa, já com o jornal, ele entendeu o que era. Não estava em estado de alerta. Ele apenas tinha ido. Descera o caminho todo para o quiosque sem ficar de olho naqueles que poderiam machucá-lo.

Oskar começou a correr. Correu o caminho todo para casa segurando o jornal enquanto os flocos de neve lambiam seu rosto. Trancou a porta do apartamento. Foi para a cama, deitou-se de bruços e bateu na parede. Sem resposta. Ele queria falar com Eli, contar.

Abriu o jornal. A quadra de Vällingby. Viaturas. Ambulância. Tentativa de assassinato. O tipo das lesões do homem dificultava sua identificação. Fotos de Danderyd, onde o homem estava internado. Menção do assassinato anterior. Nada de comentários.

Depois sobre o submarino, submarino, mais submarino. Reforço na tropa de prontidão.

A campainha tocou.

Oskar pulou da cama e foi correndo para o corredor.

Eli, Eli, Eli.

Quando estava com a mão no trinco, estacou. E se fossem Jonny e os outros? Não, eles nunca iriam aparecer em sua casa assim, sem mais nem menos. Ele abriu. Do lado de fora estava Johan.

— Oi.

— É... Oi.

— Você está a fim de fazer alguma coisa?

— Estou... o quê?

— Sei lá. Qualquer coisa.

— Tudo bem.

Oskar calçou os sapatos e vestiu o casaco enquanto Johan ficou esperando nas escadas.

— Jonny ficou furo da vida. Com aquilo na ginástica.

— Ele pegou minhas calças, não foi?

— Foi. Eu sei onde elas estão.

— Onde?

— Ali atrás. Perto da piscina. Vou mostrar.

Oskar pensou, mas não disse, que nesse caso Johan bem que podia *ter trazido com ele* as calças, já que passou por lá. Mas sua boa vontade não chegava a tanto. Oskar assentiu e disse: “Tudo bem”.

Eles foram para a piscina buscar as calças que estavam penduradas numa moita. Depois deram uma volta nas redondezas. Fizeram bolas de neve e acertaram bem no meio da árvore. Num contêiner, acharam um cabo de eletricidade em bom estado para cortar e aproveitar os pedaços para fazer flechas de estilingue. Falaram sobre o assassino, o submarino, sobre Jonny, Micke e Tomas, que Johan achava serem uns idiotas.

— Doentes da cabeça.

— Mas com você eles não costumam fazer nada.

— É. Mas mesmo assim.

Os dois foram para a barraquinha de cachorro-quente perto do metrô e cada um comprou dois *luffare*. Uma coroa cada; pão de cachorro-quente, uma salsicha grelhada apenas com mostarda, ketchup, molho para hambúrguer e cebola crua dentro. Estava escurecendo. Johan conversava com a menina da barraquinha e Oskar olhava para os metrôs que iam e vinham, pensando nos fios elétricos que corriam acima dos trilhos.

Com as bocas impregnadas do gosto de cebola, desceram para a escola, onde o caminho deles se separava. Oskar disse:

— Você acha que tem gente que se suicida se jogando naqueles fios acima do trilho?

— Sei lá. Acho que sim. Meu irmão conhece um cara que desceu e mijou na parte elétrica do trilho.

— O que aconteceu?

— Morreu. A corrente subiu do mijo para o corpo dele.

— Mas como? Ele *queria* morrer?

— Não. Estava bêbado. Que nojo. Imagine só...

Johan fez a mímica fingindo que tirava o pinto para fora e fazia xixi, seu corpo todo começou a sacudir. Oskar riu.

Separaram-se perto da escola; acenaram um para o outro. Oskar foi para casa com as calças que recolheu amarradas na cintura assobiando a trilha sonora de *Dallas*. Já tinha parado de nevar, mas um lençol branco cobria tudo. As janelas grandes de vidro fosco da pequena piscina municipal estavam iluminadas. É para lá que ele iria na quinta-feira à noite. Começar a fazer ginástica. Ficar mais forte.

Sexta-feira à noite no restaurante chinês. O relógio redondo com borda de aço na parede, o qual parece estar no lugar errado em meio a luminárias de papel-arroz e dragões dourados, mostra cinco para as nove. A turma está sentada bebendo sua cerveja, perdendo-se nas paisagens dos descansos de prato. Lá fora a neve continua caindo.

Virginia mexe um pouco em sua bebida e suga o palitinho do drinque com um desenho pequeno de Johnny Walker na ponta.

Quem foi Johnny Walker? Para onde ele caminhava com tanta determinação?

Ela bate o palitinho no copo e Morgan levanta os olhos.

— Vai fazer discurso?

— Alguém tem que fazer.

Eles tinham lhe contado. Tudo o que Gösta disse sobre Jocke, a passagem subterrânea, a criança. Depois ficaram em silêncio. Virginia fazia os cubos de gelo tilintarem no copo, observava o reflexo da meia-luz do teto nos cubos semiderretidos.

— Só não entendo uma coisa. Se aconteceu do jeito que Gösta contou, *onde* é que ele está? Jocke, é claro.

O rosto de Karlsson se iluminou, como se essa fosse a oportunidade que ele estava esperando.

— É justamente isso que eu tentei dizer. Onde está o cadáver? Se é para ser...

Morgan levantou um dedo de alerta na direção de Karlsson.

— Não chame Jocke de “cadáver”.

— E como eu devo chamá-lo? *O falecido?*

— Você não deve chamar Jocke de nada antes de a gente saber o que aconteceu.

— Mas é justamente isso o que estou dizendo. Enquanto a gente não tem nenhum c... enquanto eles não tiverem achado... Jocke, a gente não pode...

— Eles quem?

— O que você acha? A divisão de helicópteros em Berga? A polícia, é claro.

Larry esfregou o olho, produzindo um clique discreto.

— Isso aí é problemático. Enquanto não acharem Jocke, eles não têm interesse e, se não há interesse, não vão procurar por ele.

Virginia sacudiu a cabeça. — Vocês precisam procurar a polícia e contar tudo o que sabem.

— Ah, o.k. E o que você acha que a gente deve dizer? — Morgan deu um risinho sarcástico. — Olhem só, deixem para lá toda essa história com esse assassino de criança, com o submarino, todo esse rolo, porque nós somos três pés de cana de bem com a vida e um dos nossos companheiros de copo sumiu, e um cara da nossa turma contou que numa noite dessas, quando estava bem bêbado, viu... e então?

— Mas e Gösta? Mas se foi ele quem viu o que aconteceu, foi ele quem...

— Ah, sim. Não me diga. Mas ele é muito perturbado. É só aparecer um uniforme na frente dele que Gösta desmorona e fica pronto para se internar no Beckis. Não tem estrutura para isso. Interrogatório e um monte de coisa. — Morgan deu de ombros. — Não tem jeito.

— Então vocês vão deixar *tudo* do jeito que está?

— Vamos. E o que a gente pode fazer?

Lacke, que a essa altura já bebera toda a cerveja enquanto eles conversavam, disse algo baixo demais para poder ser ouvido. Virginia se encostou nele e pousou a cabeça em seu ombro.

— O que você disse?

Lacke não tirava os olhos da paisagem de nanquim envolta em névoas do descanso do copo. Ele sussurrou: — Você disse. Que a gente ia pegá-lo.

Morgan deu um soco na mesa que fez pular o copo de cerveja, e estendeu a mão à frente como se fosse uma garra.

— E a gente *vai*. Mas a gente tem que ter uma pista primeiro.

Lacke balançou a cabeça parecendo um sonâmbulo e começou a se levantar.

— Só preciso...

Suas pernas dobraram, ele caiu de boca por cima da mesa e foi uma barulheira de copos caindo que fez todos os oito clientes que comiam se

virar para olhar. Virginia segurou os ombros de Lacke e o sentou na cadeira novamente. Seus olhos estavam bem distantes.

— Desculpe, eu...

O garçom foi rapidamente até a mesa deles, esfregando as mãos no avental de um modo frenético. Abaixou-se para Lacke e Virginia e sussurrou furioso: “Isso aqui é um *restaurant*, não uma pocilga”.

Virginia deu o sorriso mais bonito que tinha enquanto ajudava Lacke a se levantar.

— Ande, Lacke. Vamos lá para casa.

Lançando um olhar incriminador para o resto da turma, o garçom deu rapidamente a volta e segurou Lacke do lado oposto de Virginia, para mostrar aos clientes que estava tão interessado quanto eles em retirar o elemento perturbador da paz da refeição.

Virginia ajudou Lacke a vestir o sobretudo pesado, de uma elegância antiquada — uma herança do pai, que morreu anos atrás —, e rebocou-o para a porta.

Atrás dela, assobios insinuantes vindos de Morgan e de Karlsson. Com o braço de Lacke em volta do seu ombro, Virginia se virou para eles e mostrou a língua. Em seguida abriu a porta e saiu.

A neve caía em flocos grandes e lentos, criando um espaço feito de frio e de silêncio para os dois. As bochechas de Virginia ficaram afogueadas quando ela levou Lacke para o caminho do parque. Era melhor assim.

— Olá. Eu ia me encontrar com meu pai, mas ele não apareceu e... será que posso entrar para usar o telefone?

— Claro.

— Posso entrar?

— O telefone está ali.

A mulher apontou para dentro do corredor; em cima de uma mesinha havia um telefone cinza. Eli continuou do lado de fora, ainda não tinha sido convidado. Bem ao lado da porta havia um porco-espinho de ferro fundido

com espinhos de piaçava. Eli limpou os sapatos nele para disfarçar sua incapacidade de entrar.

— Tem certeza de que não tem nenhum problema?

— Não, imagine. *Entre, entre.*

A mulher fez um gesto cansado. Eli foi convidado. A dona da casa parecia ter perdido o interesse e foi para a sala de estar, de onde Eli pôde ouvir o zumbido estático de um aparelho de tv. Uma faixa de seda longa e dourada serpenteava presa no cabelo grisalho da mulher; parecia uma cobra domada em suas costas.

Eli entrou no corredor, tirou os sapatos e o casaco, levantou o fone. Discou um número qualquer, fingiu falar com alguém e repôs o fone no gancho.

Inspirou. Ranço de fritura, produto de limpeza, terra, graxa de sapato, maçãs de inverno, pano úmido, eletricidade, poeira, suor, cola de papel de parede e... urina de gato.

Isso mesmo. Um gato preto da cor de fuligem estava na porta da cozinha arreganhando os dentes. Com as orelhas esticadas para trás, o pelo eriçado, as costas arqueadas. Em volta do pescoço, ele tinha um cordão com um cilindro pequeno de metal, provavelmente onde se podia enfiar um papelzinho com nome e endereço.

Eli deu um passo na direção do gato e mostrou os dentes para o animal, que chiou. O corpo contraído preparado para pular. Mais um passo.

O gato bateu em retirada e saltitou para trás enquanto continuava a chiar. Não tirava os olhos de Eli. O ódio que enrijeceu seu corpo fez estremecer o cilindro de metal. Eles mediram forças. Eli foi devagar para a frente, obrigando o gato a recuar até o bicho acabar dentro da cozinha. Eli fechou a porta.

O gato continuou mostrando os dentes e miando com raiva do outro lado. Eli foi para a sala de estar.

A mulher estava sentada num sofá de couro tão brilhoso que refletia a luz da tv. Tinha as costas eretas e os olhos cravados na tela, que tremeluzia

azul. Um laço amarelo amarrado no cabelo de um lado. Do outro lado, um laço que se desmanchava numa tira amarela. Na mesinha de centro diante dela havia uma tigela com biscoitos e uma bandeja com três tipos diferentes de queijos. Uma garrafa de vinho fechada e dois copos.

A mulher não pareceu ter notado a presença de Eli, de tão concentrada que estava no que acontecia na tela. Um programa sobre animais. Pinguins no polo sul.

“O macho carrega o ovo em cima dos pés para que não entre em contato com o gelo.”

Uma caravana de pinguins se movia balouçante sobre um deserto de gelo. Eli sentou-se no sofá, junto da mulher. A dona da casa estava imóvel, como se a tv fosse um professor severo lhe dando um sermão.

“Quando a fêmea regressa depois de três meses, a reserva de gordura do macho está praticamente consumida.”

Dois pinguins esfregavam os bicos um no outro, cumprimentando-se.

— Você vai receber visita?

A mulher levou um susto e olhou alguns segundos, sem compreender bem, nos olhos de Eli. O laço amarelo acentuava seu rosto envelhecido. Ela sacudiu a cabeça, lacônica.

— Não, sirva-se.

Eli não se mexeu. A imagem da tv mudou para uma vista panorâmica no sul da Geórgia, com música. Na cozinha, o miado do gato se transformou numa espécie de... súplica. O cheiro na sala era químico. A mulher suave exalando um cheiro de hospital.

— Alguém vem? Para cá?

De novo, a mulher levou um susto como se tivesse sido acordada, e se virou para Eli. Dessa vez, no entanto, parecia irritada; uma ruga nítida no meio das sobrancelhas.

— Não. Não vem ninguém. Pode comer, se quiser. — Ela apontou com um dedo rijo para os queijos, um a um: — Camembert, gorgonzola, roquefort. Coma. Coma.

A mulher lançou um olhar exortativo para Eli, que apanhou um biscoito, enfiou-o na boca e mastigou devagar. A dona da casa balançou a cabeça e voltou novamente os olhos para a tela. Eli cuspiu a massa gosmenta do biscoito na palma da mão e jogou tudo no chão, atrás do braço do sofá.

— Quando é que você vai embora? — perguntou a mulher.

— Logo.

— Pode ficar o tempo que quiser. Não me incomodo.

Eli chegou mais perto dela, como se fosse para enxergar melhor a tv, até que os braços se roçaram. Alguma coisa aconteceu com a mulher. Ela estremeceu e relaxou, afundando-se como uma embalagem de café cheia de ar que furou. Ao olhar de novo para Eli, tinha um olhar suave e sonhador.

— Quem é você?

Os olhos de Eli estavam apenas a alguns centímetros dos dela. A boca da mulher exalou um cheiro de hospital.

— Não sei.

A mulher balançou a cabeça, esticou-se para pegar o controle remoto em cima da mesa e tirou o som da tv.

“No verão o sul da Geórgia floresce com uma beleza árida...”

Agora se ouvia claramente a súplica do gato, mas a mulher não pareceu se importar com isso. Ela apontou para o colo de Eli. — Posso...?

— Pode, sim.

Eli sentou-se um pouco mais afastado da mulher, que dobrou as pernas em cima do sofá e pousou a cabeça no colo do visitante. Eli alisou devagar os cabelos dela. Ficaram assim por um tempo. Dorsos reluzentes de baleias surgiram na superfície do mar, espirraram um chafariz de água e desapareceram.

— Conte-me alguma coisa — pediu a mulher.

— Que coisa?

— Alguma coisa bonita.

Eli ajeitou uma mecha do cabelo da mulher atrás da sua orelha. Ela respirava tranquilamente e seu corpo estava totalmente relaxado. Eli falou

baixinho.

“Era uma vez... muito tempo atrás. Um lavrador pobre e sua esposa. O casal tinha três filhos. Um menino e uma menina que tinham idade suficiente para trabalhar com os adultos. E um menininho, de apenas onze anos. Todo mundo que via esse menino dizia que era a criança mais bonita que já encontrara.

“O pai era um servo da gleba e tinha que cumprir muitas corveias nas terras do senhor feudal. Por isso, com frequência a mãe e as crianças é que cuidavam da casa e do jardim. O menino mais novo não servia para muita coisa.

“Um dia, o senhor feudal anunciou uma competição em que todas as famílias das suas propriedades eram obrigadas a participar. Todas que tinham um menino entre oito e doze anos de idade. Não foram prometidos nenhuma recompensa nem prêmios. Ainda assim, aquilo foi chamado de competição.

“No dia da competição, a mãe levou o filho mais novo para o castelo do senhor feudal. Eles não eram os únicos. Outras sete crianças acompanhadas de um ou de ambos os pais já se encontravam reunidas no jardim do castelo. E vieram mais três. Famílias pobres, crianças com as melhores roupas que tinham.

“Esperaram o dia inteiro no jardim do castelo. Quando estava anoitecendo, veio um homem de dentro do castelo e disse que ‘eles podiam entrar’.”

Eli ouviu a respiração da mulher, profunda e lenta. Ela dormia. Seu hálito quente no joelho de Eli. Logo abaixo da orelha da mulher, Eli pôde ver o pulso batendo sob a pele flácida e enrugada.

O gato se calara.

Na tv, apareciam agora os créditos do programa sobre animais. Eli pressionou o indicador na jugular dela, sentindo o tique-taque do coração de pássaro na ponta do dedo.

Eli se encostou no sofá e moveu com cuidado a cabeça da mulher para a frente, de modo que ela ficasse em cima dos seus joelhos. O cheiro forte de queijo roquefort enfraquecia todos os outros. Eli pegou um cobertor das costas do sofá, estendeu-se para a frente e cobriu os queijos.

Um assobio fraco; a respiração da mulher. Eli se debruçou sobre ela, estava com o nariz bem perto da jugular da mulher. Sabonete, suor, cheiro de pele velha... aquele cheiro de hospital... e mais alguma coisa, que era o próprio cheiro da mulher. E ali embaixo, perpassando tudo isso: o sangue.

A mulher gemeu na hora em que o nariz de Eli roçou seu pescoço, começou a virar a cabeça, mas Eli passou um dos braços em volta do peito e dos braços da mulher e a segurou com firmeza. Com o outro braço, Eli segurou-lhe a cabeça. Abriu a boca ao máximo, desceu-a no pescoço da mulher até a língua tocar a jugular e mordeu. Trincou o maxilar.

A mulher estremeceu como se tivesse recebido um choque. Seu corpo se abriu todo e os pés socaram o braço do sofá com uma força tal que o corpo da mulher foi arremessado, e Eli ficou sentado com as costas dela no colo.

Golfadas de sangue jorravam da artéria aberta e borrifavam o sofá de couro marrom. A mulher gritava e agitava as mãos; arrancou o cobertor da mesa. Um cheiro de queijo azul entrou pelas narinas de Eli quando ele se jogou de corpo inteiro em cima da mulher e colou a boca em seu pescoço, sorvendo goles profundos. O grito da mulher era ensurdecador e Eli teve de soltar um dos braços para poder tapar com uma das mãos a boca da mulher.

O grito foi abafado, mas a mão livre da mulher se debatia por cima da mesinha de centro, acabou pegando o controle remoto e bateu com ele na cabeça de Eli. O plástico espatifou-se, ao mesmo tempo que o som da tv foi ligado de novo.

A música de abertura do seriado *Dallas* invadiu a sala e Eli afastou a cabeça do pescoço da mulher.

O sangue tinha gosto de remédio. Morfina.

A mulher olhou para Eli com olhos arregalados. Agora ele sentiu mais um gosto. Um gosto podre que se fundiu com o cheiro de queijo com fungo.

Câncer. A mulher tinha câncer.

Seu estômago se revirou de nojo e Eli se viu obrigado a largar a mulher e sentar-se no sofá para não vomitar.

A câmera sobrevoava Southfork enquanto a música se acelerava. A mulher não gritava mais, apenas ficou deitada de costas, imóvel, enquanto o sangue jorrava em jatos cada vez mais fracos, os filetes escorriam por detrás das almofadas do sofá. Os olhos dela estavam úmidos, ausentes, quando ela procurou os de Eli e disse: — Por favor... por favor...

Eli conteve o impulso de vomitar e se debruçou sobre a mulher.

— Como?

— Por favor...

— Tudo bem. O que você quer eu faça?

— ... por... favor... por favor...

Depois de um tempo, os olhos da mulher mudaram: ficaram petrificados. Não enxergavam mais nada. Eli fechou suas pálpebras. Os olhos se abriram de novo. Eli apanhou o cobertor do chão, cobriu o rosto da mulher e sentou-se de costas eretas no sofá.

O sangue servia como alimento apesar do sabor ruim, mas a morfina...

Na tela da tv, um arranha-céu espelhado. Um homem de terno e chapéu de caubói saiu de um carro, ia para o arranha-céu. Eli tentou se levantar do sofá. Não dava. O arranha-céu começou a tombar, a se retorcer. Os espelhos refletiam as nuvens que deslizavam vagarosamente no céu, assumindo formas de animais e de plantas.

Eli deu uma risada quando um homem de chapéu de caubói sentou-se atrás de uma escrivaninha e começou a falar em inglês. Eli entendeu o que ele disse, mas não fazia sentido. Olhou ao redor. A sala inteira tinha começado a se inclinar e era estranho que a tv não saísse do lugar. A fala do caubói ecoava na cabeça. Eli olhou ao redor à procura do controle remoto, mas havia pedaços dele espalhados pela mesa e pelo chão.

Preciso fazer o caubói calar a boca.

Eli deslizou para o chão, foi de quatro para a frente da tv com a morfina em disparada pelo corpo, ria das figuras que se dissolviam virando apenas cores e mais cores. Não aguentou. Desmoronou e acabou deitado de barriga em frente à tv com a explosão de cores nos olhos.

Algumas crianças ainda andavam de trenó na ladeira entre a Björnsonsgatan e o gramado pequeno perto do caminho do parque. A ladeira da morte era chamada assim por algum motivo. Três vultos desciam ao mesmo tempo em alta velocidade e saiu um palavrão em voz alta na hora em que um deles recebeu uma cortada de outro trenó e foi parar no bosque. Risos dos outros que continuaram ladeira abaixo, voaram num calombo do terreno e aterrissaram com baques abafados.

Lacke parou e olhou para o chão. Virginia tentou puxá-lo com jeito.

— Vamos lá, Lacke.

— Está difícil demais.

— Olhe só, eu não aguento te carregar.

Um bufô que provavelmente era um riso se transformou numa tosse. Lacke soltou os ombros dela, ficou em pé de braços caídos e virou a cabeça na direção da ladeira.

— Pô, ali as crianças andam de trenó de plástico e ali... — Ele fez um gesto vago na direção da passagem subterrânea no final do morro que incluía a ladeira — ... ali Jocke foi assassinado...

— Pare de pensar nisso agora.

— Como é que eu posso parar? Vai ver que foi uma dessas crianças que fez isso.

— Não acredito.

Ela pegou o braço dele para passá-lo em volta do seu pescoço de novo, mas Lacke afastou-o. — Não, eu posso andar.

Lacke percorreu a duras penas o caminho do parque. A neve estalava sob seus pés. Virginia ficou parada olhando para Lacke. Lá estava ele, o homem que ela amava e com quem não podia viver.

Ela tinha tentado.

Durante um período, oito anos atrás, quando a filha de Virginia se mudara, Lacke tinha ido morar com ela. Virginia trabalhava naquela época, assim como agora, no supermercado *ica* no Arvid Mörnes Väg, em cima do Chinaparken. Morava sozinha num apartamento de quarto e sala no Arvid Mörnes, a apenas três minutos do trabalho.

Nos quatro meses em que os dois moraram juntos, Virginia nunca conseguiu entender direito com o que Lacke *trabalhava* na verdade. Ele entendia um pouco de eletricidade, até montou um *dimmer* na luminária da sala. Entendia um pouco de culinária; surpreendeu Virginia algumas vezes com jantares fantásticos preparados com peixe. Mas qual era o *trabalho* dele?

Ele ficava no apartamento, passeava, conversava com as pessoas, lia um monte de livros e revistas. E era só isso. Para Virginia, que trabalhava desde que terminou a escola, esse era um estilo de vida absurdo. Ela tinha perguntado:

— Olhe, Lacke, eu não estou querendo... mas com o que você *trabalha*, afinal de contas? De onde você tira seu dinheiro?

— Eu não tenho dinheiro.

— *Algum* dinheiro você tem, sim.

— Isso aqui é a Suécia. Ponha uma cadeira na calçada. Sente-se nela e fique esperando. Se você esperar o bastante, então acaba vindo alguém que te dá dinheiro. Ou que cuida de você de alguma maneira.

— Você também acha que eu sou assim?

— Virginia. Quando você disser: “Lacke, vá embora daqui”, então eu vou embora daqui.

Levou um mês para que ela dissesse isso. Na ocasião, ele enfiou as roupas numa bolsa e os livros em outra. E foi. Depois ela ficou sem vê-lo durante seis meses. Foi nesse período que começou a beber mais, sozinha.

Quando reviu Lacke, ele estava mudado. Mais triste. Durante aqueles seis meses ele tinha morado com o pai, que definhou doente de câncer

numa casa em algum canto de Småland. Quando o pai morreu, Lacke e sua irmã herdaram a casa, venderam a propriedade e dividiram entre si o dinheiro. A parte de Lacke tinha sido suficiente para comprar um apartamento de condomínio baixo em Blackeberg e ele voltou para ficar.

Nos anos seguintes, eles se viam cada vez mais no restaurante chinês, que Virginia começou a frequentar noite sim, noite não. Às vezes eles iam juntos para casa, faziam amor tranquilamente e, cumprindo um acordo tácito, Lacke desaparecia antes de Virginia chegar em casa do trabalho no outro dia. O relacionamento deles com casas separadas era baseado no princípio da livre e espontânea vontade — às vezes se passavam dois, três meses sem que os dois dividissem a mesma cama, e esse arranjo, do jeito que estava agora, era excelente para ambos.

Eles passaram pelo *ica*, que exibia cartazes com anúncios de carne moída barata e “Coma, beba e seja feliz”. Lacke parou e esperou por Virginia. Quando ela o alcançou, ele lhe ofereceu um dos braços. Virginia aceitou. Lacke acenou com a cabeça na direção do mercado.

— E o trabalho?

— O mesmo de sempre — Virginia parou e apontou. — Esse aí, fui eu que fiz.

Um cartaz onde estava escrito molho de tomate. três latas: 5 coroas.

— Bonito.

— Você acha?

— Acho. A gente fica com uma baita vontade de comer molho de tomate.

Ela lhe deu um cutucão de lado, com cuidado. Sentiu a costela dele em seu cotovelo. — Você ainda se lembra do gosto de comida?

— Você não precisa...

— Não, mas vou fazer mesmo assim.

— Eeeeli... Eeeeliii...

A voz da tv era familiar. Eli tentou sair da frente do aparelho, mas o corpo não lhe obedecia. Apenas as mãos deslizaram bem rápido pelo chão, procurando alguma coisa em que se apoiar. Achou um fio. Segurou-o com força como se ele fosse uma corda salva-vidas para sair do túnel em cujo final havia a tv que falava com Eli.

— Eli... onde você está?

Sua cabeça estava pesada demais para ser erguida do chão; a única coisa que Eli conseguiu fazer foi levantar os olhos para a tela e é claro que era... Ele.

Em cima dos ombros do casaco de seda estavam caídas as mechas da peruca loura de cabelo humano que faziam o rosto feminino parecer menor ainda do que já era. Os lábios finos estavam apertados, esticados num sorriso de batom, brilhantes como um corte à faca no rosto pálido de pó de arroz.

Eli conseguiu levantar um pouco a cabeça e viu Seu rosto todo. Olhos azuis, grandes de um modo infantil e, acima dos olhos... rajadas de ar saíam do pulmão de Eli, sua cabeça caiu frouxamente no chão, fazendo estalar o osso nasal. Que engraçado. Na cabeça, Ele tinha um chapéu de caubói.

— Eeeli...

Outras vozes. Vozes de criança. Eli levantou a cabeça de novo, tremendo como um recém-nascido. Pingos do sangue doente escorreram do seu nariz, desceram para a boca. O homem abriu os braços num gesto acolhedor, o forro vermelho do seu sobretudo ficou à mostra. O forro tremulava, pululava, era feito de lábios. Centenas de lábios de crianças que se retorciam em caretas, contavam sussurrando sua história, a história de Eli.

— Eli... venha para casa...

Eli soluçou e fechou os olhos. Pousou a mão fria no pescoço. Não aconteceu nada. Abriu os olhos de novo. A imagem tinha mudado. Ela mostrava agora uma fileira comprida de crianças em países pobres

caminhando numa paisagem de neve, elas iam com um andar de pato para um castelo de gelo lá no horizonte.

Isso não está acontecendo.

Eli cuspiu o sangue da boca, na direção da tv. Manchas vermelhas salpicaram a neve branca, escorreram pelo castelo de gelo.

Isso não existe.

Eli deu um puxão na corda salva-vidas, tentou sair do túnel. Fez-se um clique quando a tomada foi arrancada do interruptor e a tv se apagou. Tiras viscosas de saliva misturadas com sangue escorriam pela tela escura, pingavam no chão. Eli deixou a cabeça descansando em cima das mãos, desapareceu num redemoinho vermelho-escuro.

Virginia fez um guisado rápido de carne, cebola e molho de tomate enquanto Lacke tomava banho. Um banho demorado. Quando a comida ficou pronta, ela foi procurá-lo no banheiro. Lacke estava sentado na banheira de cabeça caída, o bocal do chuveiro de mão encostado de leve em seu pescoço. As vértebras eram uma fileira de bolas de pingue-pongue sob sua pele.

— Lacke? A comida está pronta.

— Ótimo. Faz muito tempo que estou aqui?

— Não muito. Mas eles acabaram de ligar da Companhia de Água e disseram que o lençol freático está acabando.

— O quê?

— Venha. — Ela tirou o próprio roupão do gancho e lhe entregou. Ele se levantou usando ambas as mãos para se apoiar na borda da banheira. Virginia levou um susto ao ver seu corpo macilento. Lacke notou e disse: — E ele saiu do banho, parecendo um deus, bonito de se contemplar.

Depois eles comeram e compartilharam uma garrafa de vinho. Lacke não comeu muito, mas pelo menos comeu. Beberam mais uma garrafa na sala e depois foram para a cama. Ficaram deitados por um tempo um ao lado do outro, olhando-se nos olhos.

— Eu não tomo mais pílula.

— Sei. A gente não precisa...

— Mas eu não preciso mais delas. Minha menstruação acabou.

Lacke balançou a cabeça. Refletiu. Acariciou o rosto dela.

— Você está triste?

Virginia sorriu.

— Você deve ser o único homem que eu conheço que teria a ideia de fazer uma pergunta dessas. Estou, um pouco... É como se... bem, aquilo que me faz mulher. Como se aquilo não existisse mais.

— Ahã. Para mim está de bom tamanho, em todo caso.

— Verdade?

— É.

— Então venha.

E ele foi.

Gunnar Holmberg arrastava os pés na neve para não deixar nenhuma marca de sapato que fosse dificultar o trabalho dos peritos. Ficou olhando para as marcas que conduziam para longe da casa. A luz da fogueira deixava a neve com um brilho amarelo avermelhado e o calor era intenso o suficiente para formar gotas de suor em seu couro cabeludo.

Holmberg já recebera muitas farpas devido à sua crença, talvez ingênuas, na bondade essencial dos jovens. Era essa bondade que ele tentava fomentar através das suas andanças entusiásticas pelas escolas, através das muitas e longas conversas com jovens que tinham ido para o mau caminho, e era essa crença que fazia Holmberg se sentir tão mal com o que via diante dos pés.

As marcas na neve eram de sapatos pequenos. Não eram nem sequer do que se podia chamar de um “jovem”, não, eram marcas de sapato de criança. Pegadas pequenas, graciosas, com uma passada bem grande. Alguém tinha corrido. E rápido.

De soslaio, ele viu o aspirante Larsson se aproximando.

— Arraste os pés, cacete!

— Ah, desculpe.

Larsson caminhava lentamente na neve, e parou junto de Holmberg. O aspirante tinha olhos grandes, salientes, com uma expressão constante de surpresa, olhos que agora se voltavam para as marcas na neve.

— Caramba...

— Eu mesmo não poderia ter me expressado melhor. É uma criança.

— É... mas são... — Larsson seguiu as pegadas com os olhos — passadas do tamanho de três passos.

— É, a distância é bem longa entre as pisadas.

— Mais do que longa, ela é... absurda. É muito longa.

— Como assim?

— Sou corredor. Eu não conseguiria correr desse jeito. Mais do que... dois passos de uma vez. E é assim no trajeto todo.

Staffan veio correndo do meio das casas, atravessou com dificuldade o grupo de curiosos que se reuniu em volta do terreno e foi para o grupo do centro que estava agora mesmo supervisionando alguns enfermeiros que transportavam um cadáver de mulher, coberto por um pano azul, para dentro de uma ambulância.

— E aí? — perguntou Holmberg.

— Bem... eu andei pelo... Bällstavägen e depois... não deu mais para... seguir as pegadas... os carros... precisamos usar... os cachorros.

Holmberg assentiu; estava prestando atenção numa conversa bem ao lado dele. Um vizinho que tinha sido testemunha de uma parte do episódio relatava suas impressões para um detetive da polícia.

— Primeiro achei que fossem fogos de artifício ou algo do gênero. Depois vi as mãos... vi que eram mãos se agitando. E ela se jogou por aqui... pela janela... ela saiu...

— Então a janela estava aberta?

— Sim, estava. E ela saiu pela janela... e foi então que a casa pegou fogo. Eu vi naquela hora. Que a casa estava pegando fogo atrás dela... e ela

saiu... meu Deus... Estava em chamas, ela todinha. E então foi caminhando para longe da casa...

— Desculpe. Caminhando? Ela não correu?

— Não. Foi justamente isso que foi tão... ela foi caminhando. Agitando as mãos assim como se fosse... sei lá. E então ela parou. Entende? Ela *parou*. Com o corpo em chamas, o corpo todo. Parou assim. E *olhou em volta*. Como se... na maior calma. E então começou a andar de novo. E nesse instante foi como se... tivesse acabado, entende? Nada de pânico ou piripaque, ela... bem, caramba... ela *não gritou*. Nem sequer um pio. Apenas... desmoronou sem mais nem menos. Ficou de joelhos. E então... bum. Caiu na neve. E então foi como se... sei lá... a coisa toda foi tão estranha. *Nesse instante* eu fiquei... nesse instante corri para dentro de casa para pegar um cobertor, dois cobertores e saí agachado e... apaguei o fogo. Caramba... quando ela estava ali deitada foi... bem... foi... caramba...

O homem cobriu o rosto com as mãos sujas de fuligem, chorava de soluçar. O detetive pousou a mão no ombro dele.

— Nós podemos tomar um depoimento mais formal da sua parte amanhã. Mas então você não viu ninguém mais sair da casa?

O homem sacudiu a cabeça e o detetive fez uma anotação no bloco.

— Como eu disse, entro em contato amanhã. Quer que eu peça a um enfermeiro para lhe dar um calmante, algo para você dormir, antes de eles irem?

O homem limpou as lágrimas dos olhos. As mãos deixaram riscos de fuligem em sua face.

— Não. É... eu tenho, se for o caso.

Gunnar Holmberg voltou os olhos para a casa queimada. Os esforços do corpo de bombeiros tinham dado resultados e mal se viam as chamas. Apenas uma nuvem enorme de fumaça subindo em direção ao céu noturno.

Enquanto Virginia abria os braços para Lacke, enquanto os peritos criminais tiravam o molde das pegadas na neve, Oskar estava na janela

olhando lá fora. A neve estendeu um cobertor por cima dos arbustos embaixo da janela, formando uma rampa branca tão densa e tão compacta que era possível escorregar nela.

Eli não aparecera hoje.

Oskar tinha esperado em pé, caminhado, andado de lá para cá, sentado no balanço, sentido frio lá embaixo no parquinho entre sete e meia e nove horas. E nada de Eli. Por volta das nove, ele tinha visto a mãe olhando na janela e entrou, cheio de maus pressentimentos. *Dallas*, chocolate quente, bolinhos e a mãe intrigada e quase que ele revelara, mas não foi dessa vez.

Agora já passava de meia-noite e ele estava na janela com um buraco no estômago. Oskar abriu um pouco a janela e aspirou o ar frio da noite. Será que era mesmo só por causa dela que ele decidiu lutar? Será que não era por ele mesmo?

Era.

Mas por causa dela.

Infelizmente. Era assim. Se fossem para cima dele na segunda-feira, Oskar não teria forças, energia nem vontade de lutar. Sabia disso. Não iria àquele treino na quinta. Não havia motivo.

Oskar deixou a janela entreaberta com a vaga esperança de que Eli fosse voltar de madrugada. Chamar por ele. Se ela podia sair de madrugada, então podia voltar de madrugada.

Oskar tirou a roupa e foi se deitar. Deu umas batidas na parede. Nenhuma resposta. Puxou o cobertor, cobriu a cabeça e ficou de joelhos na cama. Trançou as mãos, pressionou a testa nelas e sussurrou:

— Meu bom Deus, eu imploro. Traga Eli de volta. Eu dou o que o Senhor quiser. Todas as minhas revistas, todos os meus livros, todas as minhas coisas. O que o Senhor quiser. Mas traga Eli de volta. Para mim. Eu imploro, Deus.

Oskar continuou assim, encolhido debaixo do cobertor, até ficar tão quente que começou a suar. Depois pôs a cabeça para fora do cobertor e a descansou no travesseiro. Ficou em posição fetal. Fechou os olhos. Imagens

de Eli, de Jonny e Micke, de Tomas. Mãe. Pai. Por um bom tempo ficou deitado, evocando imagens que gostaria de ter, depois elas começaram a ter vida própria enquanto ele ia caindo no sono.

Eli e Oskar sentados num balanço que balançava cada vez mais alto. Cada vez mais alto até que o balanço se soltava das correntes e voava em direção ao céu. Eles seguravam firmemente nas bordas do balanço, o joelho de um encostado no joelho do outro, e Eli sussurrou:

— Oskar. Oskar...

Ele abriu os olhos. A luminária de globo terrestre estava apagada e a luz da lua deixava tudo com a cor azul. Gene Simmons olhava para ele da parede em frente à cama, esticava sua língua grande. Ele se encolheu todo na cama, cerrou os olhos. Então ouviu o sussurro de novo.

— Oskar...

Vinha da janela. Ele abriu os olhos e olhou para lá. Do outro lado da janela, viu o contorno de uma cabecinha. Oskar arrancou o cobertor de cima dele mas, antes de conseguir sair da cama, Eli sussurrou:

— Espere. Continue deitado. Posso entrar?

Oskar sussurrou: — Pode...

— Diga que eu posso entrar.

— Você pode entrar.

— Feche os olhos.

Oskar apertou os olhos. A janela foi levantada e um ar frio entrou no quarto. A janela foi fechada com cuidado. Ele ouviu a respiração de Eli e sussurrou: — Posso olhar?

— Espere.

O sofá-cama no outro cômodo rangeu. A mãe se levantou. Oskar ainda estava de olhos fechados quando levantaram o edredom e um corpo frio e nu foi para trás dele, puxou o edredom para cobrir os dois e se aconchegou nas costas dele.

A porta do quarto foi aberta.

— Oskar?

— Hmm.

— É você quem está falando?

— Não.

A mãe continuou em pé na porta, de ouvido aguçado. Eli não se mexia atrás dele, pressionava a testa na omoplata de Oskar. Seu hálito descia quente pela espinha do garoto.

A mãe sacudiu a cabeça.

— Devem ser aqueles vizinhos. — Ela ficou tentando ouvir alguma coisa por mais um tempo e disse em seguida: — Durma bem, coração. — E fechou a porta.

Oskar ficou sozinho com Eli. Atrás das costas dele, Oskar ouviu um sussurro.

— Aqueles vizinhos?

— Shhh.

O sofá-cama rangeu na hora em que a mãe foi se deitar de novo. Ele olhou para a janela. Estava fechada.

A mão fria subiu pela cintura dele e foi para o peito, em cima do coração de Oskar. O menino pôs as mãos em cima da mão dela e a aqueceu. A outra mão da garota se remexeu debaixo da axila dele, subiu para seu peito e ficou no meio das mãos de Oskar. Eli virou a cabeça e encostou a bochecha nas costas dele.

Um cheiro novo tinha penetrado no quarto. Um cheirinho da bicicleta motorizada do pai recém-abastecida. De gasolina. Oskar curvou a cabeça e cheirou as mãos da garota. É. Era das mãos dela que vinha o cheiro.

Durante muito tempo, eles ficaram assim. Quando Oskar ouviu a respiração pesada da mãe no cômodo ao lado, quando o bolo de mãos estava bem aquecido e ele começou a ficar suado no peito, sussurrou:

— Por onde você andou?

— Em busca de comida.

Os lábios de Eli faziam cócegas nos ombros de Oskar. Ela tirou as mãos das mãos dele e se virou na cama. O garoto ficou na mesma posição por um instante olhando nos olhos de Gene Simmons. Depois se deitou de barriga para baixo. Atrás da cabeça dela, ele imaginou como as figurinhas do papel de parede espiavam curiosas a menina. Os olhos dela estavam bem abertos, preto-azulados à luz da lua. Um monte de bolinhas apareceu nos braços arrepiados de Oskar.

— E seu pai?

— Sumiu.

— *Sumiu?* — Oskar levantou a voz sem querer.

— Shhh. Não tem importância.

— Mas... como assim... ele...

— Não tem. Importância.

Oskar assentiu para o sinal de que não devia fazer mais perguntas e Eli pôs as mãos embaixo da cabeça, olhou para o teto.

— Eu me senti sozinha. Então vim para cá. Você se incomoda?

— Não. Mas... você está sem roupa.

— Desculpe. Você tem nojo?

— Não. Mas você não está com frio?

— Não.

As mechas brancas em seu cabelo tinham desaparecido. É, ela tinha um aspecto mais saudável do que na noite anterior, quando eles haviam se encontrado. Suas bochechas estavam mais redondas, apareceram as covinhas quando Oskar perguntou de brincadeira:

— Você não passou no Quiosque dos Namorados desse jeito, não é?

Eli riu, fez depois uma cara muito séria e disse com uma voz fantasmagórica:

— Passei. E sabe o que aconteceu? Ele pôs a cabeça para fora e disse: “Veeenha... veeenha... eu tenho dooooces e... banaanas...”.

Oskar afundou o rosto no travesseiro. Eli se virou para ele e sussurrou em seu ouvido:

— Veeenha... baaalas... puuuuxa-puuuuxa.

Oskar exclamou: “Não, não!”, e se afundou no travesseiro. Eles continuaram assim por um tempo. Depois Eli olhou para os livros na estante e Oskar falou resumidamente sobre seu favorito: *A névoa*, de James Herbert. As costas de Eli eram de um branco reluzente, pareciam uma folha grande de papel no escuro ali onde ela estava de barriga para baixo examinando a estante.

Ele pôs a mão tão perto da pele de Eli que pôde sentir o calor que emanava da garota. Em seguida dobrou um pouco os dedos, pousou-os em cima das costas dela e sussurrou:

— Bulleribulleribode. Quantos chifres estão... levantados?

— Hmm. Oito.

— Você disse oito e eram oito mesmo, bulleribulleribode.

Depois Eli fez nele, mas Oskar não era tão bom quanto ela em sentir os dedos. No entanto, sempre ganhava na brincadeira “pedra, tesoura ou papel”. Sete a três. Mais uma rodada. Dessa vez ele ganhou de nove a um. Eli ficou um pouco irritada.

— Você *sabe* o que eu vou escolher?

— Sei.

— Mas como?

— Eu sei e pronto. É sempre assim. Aparece uma imagem na minha cabeça.

— Mais uma vez. Agora eu não vou pensar. Só fazer.

— Tente.

Eles brincaram de novo. Oskar ganhou de oito a dois. Eli fingiu ficar zangada e se virou para a parede.

— Não brinco mais com você. Você está roubando.

Oskar olhou para as costas brancas da menina. Será que ele tinha coragem? Tinha; agora que ela estava olhando para ele, dava.

— Eli, quer ficar comigo?

Ela se virou e puxou o cobertor até o queixo.

— O que significa isso?

Oskar fixou os olhos nas lombadas dos livros à sua frente e encolheu os ombros.

— ... se você quer ficar comigo.

— Como assim “ficar com você”?

A voz dela tinha um tom desconfiado, duro. Oskar se apressou em dizer:

— Vai ver que você já tem um namorado na escola.

— Não, mas... Oskar, eu não posso... Não sou uma menina.

Oskar bufou. — Como assim? Então você é um *garoto*?

— Não, não.

— E o que você é?

— Nada.

— Como assim “nada”?

— Eu não sou nada. Nem criança. Nem velho. Nem menino. Nem menina. Nada.

Oskar passou o indicador na lombada de *Os ratos*, apertou os olhos e sacudiu a cabeça. — Você *quer* ficar comigo ou não?

— Oskar, eu gostaria, mas... será que não dá para ficarmos juntos assim do jeito que a gente está?

— ... dá.

— Você ficou triste? A gente pode dar um beijinho, se você quiser.

— Não!

— Você não quer?

— Não, não quero.

Eli franziu as sobrancelhas.

— A gente *faz* alguma coisa especial com a pessoa que fica com a gente?

— Não.

— Então tudo fica... do jeito de sempre?

— É.

O rosto de Eli se iluminou, ela cruzou as mãos em cima da barriga e olhou para Oskar.

— Então você pode ficar comigo. A gente fica.

— Posso?

— Pode.

— Então está bem.

Com uma alegria serena na barriga, Oskar continuou estudando a lombada dos livros. Eli ficou deitada sem se mexer. Depois de um tempo, ela disse:

— É só isso?

— Só.

— Não dá para a gente ficar deitado do mesmo jeito que antes?

Oskar se virou na cama e ficou de costas para ela. Eli passou os braços em volta dele e Oskar segurou-lhe as mãos. Permaneceram assim até que Oskar começou a ficar com sono. Sua vista ficou embaçada, era difícil manter as pálpebras abertas. Antes de cair no sono, ele disse:

— Eli?

— Hein?

— Foi bom você ter vindo.

— O.k.

— Por que... você está com cheiro de gasolina?

As mãos de Eli pressionaram ainda mais as mãos dele, em cima do seu coração. Mãos que apertavam. O quarto ficou maior ao redor de Oskar, as paredes e o teto ficaram macios, o chão desapareceu e, ao sentir a cama toda pairando no ar, ele entendeu que estava dormindo.

Sábado, 31 de outubro

*Cada vela do céu já se apagou
E o dia, triunfante, se prepara
Para pisar nos cumes das montanhas.
Ou vou e vivo, ou fico aqui e morro.*

William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, Ato iii, Cena v

Cinza. Tudo era de um cinza felpudo. O olhar não queria se fixar em nada, era como se ele estivesse deitado dentro de uma nuvem de chuva. Deitado? Sim, ele estava deitado. A pressão nas costas, no traseiro, nos calcanhares. Alguma coisa chiava à sua esquerda. O gás. O gás estava ligado. Não. Agora estava desligado. Ligado de novo. Alguma coisa acontecia com o peito dele ao compasso do chiado. Ficava cheio e vazio ao compasso do barulho.

Será que ainda estava na piscina municipal? O gás estava acoplado *a ele*? Nesse caso, como é que estava acordado? Será que estava acordado?

Håkan tentou piscar. Não aconteceu nada. Quase nada. Alguma coisa foi repuxada na frente de um dos olhos, escureceu-lhe ainda mais a vista. O outro olho não existia. Tentou abrir a boca. A boca não existia. Evocou a imagem da boca que tinha, da forma como ela aparecia nos espelhos, na mente dele, tentou... mas a boca não existia. Nada que respondesse ao seu comando. Era como tentar transferir a consciência a uma pedra para fazê-la se mover. Nenhum contato.

Uma sensação de calor intenso no rosto todo. Uma flecha de terror acertou-lhe o estômago. A cabeça estava envolta em alguma coisa morna, que endurecia. Estearina. Um aparelho cuidava da sua respiração, já que o rosto estava coberto de estearina.

O pensamento se esticou à procura da mão direita. É. Aqui está ela. Ele abriu a mão, fechou-a, sentiu a ponta dos dedos na palma da mão. Tato. Suspirou aliviado; imaginou um suspiro de alívio, pois o peito se movia ao compasso da máquina, não segundo sua vontade.

Levantou a mão, lentamente. A pele repuxava no peito, no ombro. A mão entrou em seu campo de visão, um bolo felpudo. Levou a mão ao rosto, parou. Um *pip* discreto à sua direita. Virou devagar a cabeça para aquele lado e sentiu algo duro esfolando embaixo do queixo. Pôs a mão na coisa.

Uma cápsula de metal. Presa em sua garganta. Da cápsula saía um tubo. Seguiu o tubo até onde dava, até uma parte metálica e acanelada onde o

tubo acabava. Entendeu tudo. Era isso que devia ser puxado se ele quisesse morrer. Tinham-lhe providenciado isso. Descansou os dedos na base do tubo.

Eli. A piscina municipal. O menino. O ácido.

A lembrança acabava com a hora em que Håkan destampou o vidro de geleia. Deve ter derramado o ácido nele. Conforme o plano. O único erro de cálculo era que ele ainda estava vivo. Tinha visto fotos. Mulheres que receberam o ácido no rosto, jogado por homens ciumentos. Não queria tocar o rosto, muito menos vê-lo.

A mão segurou mais forte o tubo. Ele não cedia. Estava parafusado. Experimentou girar a parte de metal e, como previu, ela girou. Continuou a desparafusar. Procurou a outra mão, sentiu apenas uma bola de fisgadas de dor no lugar em que a mão devia estar. Na ponta dos dedos da mão com vida, ele sentia agora uma pressão suave, tremulante. O ar começou a sair da base do tubo, o chiado mudou, ficou mais baixo.

A luz cinza ao seu redor se misturou com um vermelho pisca-pisca. Ele tentou fechar o único olho. Pensou em Sócrates e no cálice de veneno. Por ter seduzido a juventude de Atenas. Não se esqueça de sacrificar mais um galo a... como era mesmo o nome dele? Arquimandros? Não...

Um som de vácuo quando a porta foi aberta e um vulto branco se aproximou. Sentiu dedos que abriam à força seus dedos, arrancavam-nos da base do tubo. Uma voz de mulher.

— Mas *o que* você está fazendo?

Esculápio. Sacrifiquem um galo a Esculápio.

— Solte!

Um galo. Para Esculápio. O deus da cura.

Um chiado na hora em que seus dedos se soltaram e o tubo foi parafusado de novo no lugar.

— Vamos ter que pôr alguém para vigiá-lo.

Sacrifiquem um galo a ele e não se esqueçam disso.

Quando Oskar acordou, Eli já tinha ido. Ficou deitado com a cara virada para a parede, o ar frio batendo em suas costas. Levantou-se apoiado no cotovelo e olhou ao redor no quarto. A janela estava entreaberta. Ela deve ter saído por ali.

Nua.

Ele rolou de lá para cá na cama, pressionou o rosto no lugar onde ela tinha dormido, fungou. Nada. Passou o nariz de cima a baixo no lençol, tentou encontrar um sinal por menor que fosse da presença dela, mas nada. Nem sequer aquele cheiro de gasolina.

Será mesmo que tinha acontecido? Oskar se deitou de barriga para baixo, sentiu.

Tinha.

Lá estavam eles. Os dedos em suas costas. A lembrança dos dedos da garota em cima das costas dele. Bulleribode. A mãe brincava disso com Oskar quando ele era pequeno. Mas isso foi agora. Há pouco. Os pelos em seus braços e no pescoço ficaram arrepiados.

Oskar saiu da cama e começou a se vestir. Depois de ter enfiado as calças, foi para a janela. Não estava nevando. Quatro graus abaixo de zero. Bom. Se a neve já tivesse começado a derreter seria uma lamaceira daquelas quando ele fosse deixar as sacolas com os anúncios do lado de fora dos prédios. Imaginou sair por uma janela nu a uma temperatura de quatro graus negativos, descer no meio dos arbustos cobertos de neve, descer no...

Não.

Ele se inclinou para a frente e piscou.

A neve em cima dos arbustos estava intocada.

Na noite anterior ele estivera olhando para aquela rampa feita de neve que descia para o caminho. Ela estava agora exatamente do mesmo jeito que antes. Oskar abriu mais a janela e pôs a cabeça para fora. Os arbustos se estendiam até a parede ali embaixo da janela, a camada de neve também. A neve estava inteira.

Oskar olhou à direita, para a parede áspera do prédio. A três metros dali estava a janela dela.

Um vento frio alisou o peito nu de Oskar. Deve ter nevado de madrugada, depois que ela foi embora. Era a única explicação. Aliás... agora que estava pensando nisso: como ela tinha *subido* até a janela? Será que subiu nos arbustos?

Mas nesse caso a camada de neve não poderia estar desse jeito, certo? Não estava nevando na hora em que ele foi se deitar. O corpo e os cabelos de Eli não estavam úmidos quando ela chegou, ou seja, não estava nevando naquela hora. Quando é que ela foi embora?

Da hora em que ela chegou até agora deve ter nevado o suficiente para cobrir todos as marcas de...

Oskar fechou a janela e continuou se vestindo. Não dava para entender. Começou de novo a achar que tudo aquilo tinha sido um sonho. Em seguida, viu o bilhete. Dobrado debaixo do relógio na escrivaninha. Apanhou o papel e o abriu.

então, janela, que o dia entre no quarto e a vida fuja.

Um coração, e depois:

até hoje à noite. eli.

Oskar leu o bilhete cinco vezes. Depois pensou nela, aqui na escrivaninha escrevendo o bilhete. A cara de Gene Simmons estava na parede a meio metro dele, com a língua de fora.

Ele se inclinou sobre a escrivaninha e tirou o pôster da parede, amassou-o e o jogou na lixeira.

Em seguida, leu o bilhete mais três vezes, dobrou o papel e o enfiou no bolso. Continuou a se vestir. Hoje podiam ser cinco folhas em cada lote de anúncio, se fosse o caso. Ele ia tirar de letra.

A sala cheirava a cigarro, partículas de poeira dançavam nos raios de sol que penetravam pelo vão das persianas. Lacke acabou de acordar, estava deitado de costas na cama, tossindo. Os grãos de poeira rodopiavam

dançando diante dos seus olhos. Tosse de cigarro. Ele se virou na cama, apanhou o isqueiro e o pacote de cigarros no criado-mudo, perto de um cinzeiro cheio.

Pegou um cigarro — Camel light, Virginia começou a cuidar da saúde agora que a idade chegava — , acendeu, deitou-se de costas de novo com um dos braços embaixo da cabeça, ficou fumando e pensando.

Já fazia algumas horas que Virginia tinha ido trabalhar, provavelmente bem cansada. Ficaram acordados por um bom tempo depois que se amaram, conversando e fumando. Já eram por volta das duas quando Virginia apagou o último cigarro e disse que era hora de dormir. Lacke tinha se levantado na ponta dos pés, bebido o restante do vinho e fumado mais alguns cigarros antes de ir se deitar. Talvez mais porque ele gostasse disso, de se aconchegar num corpo quente que dormia.

Era uma pena que ele não conseguisse ter alguém o tempo todo em sua cola. Se fosse para ter alguém, esse alguém teria sido Virginia. Além do mais... caramba, ele ouviu da boca de terceiros como ela estava agora. Eram fases. Fases em que ela se embebedava de cair nos bares do centro da cidade e levava qualquer um para casa. Ela não queria falar sobre isso, mas envelheceu mais que o necessário nos últimos anos.

E se ele e Virginia fossem... o.k., fossem o quê? Vender tudo, comprar uma casa no campo, plantar batatas. É, mas não daria certo. Depois de um mês, não aguentariam mais olhar um para a cara do outro e, além de tudo, a mãe e o trabalho dela estavam aqui e ele tinha... bem... os selos.

Ninguém sabia disso, nem mesmo sua irmã, e a consciência dele ficava bem pesada por causa disso.

A coleção de selos do pai, que não foi incluída na herança, acabou mostrando valer uma pequena fortuna. Ele vendia a coleção, alguns selos de cada vez, quando precisava de dinheiro vivo.

Nesse momento o mercado estava em crise e não restavam muitos selos. Em breve ele seria obrigado a vendê-los mesmo assim. Talvez aqueles

especiais, o número um da Noruega, e pagar para o pessoal toda a cerveja que ganhou deles ultimamente. Devia fazer isso.

Duas casas no campo. Uma perto da outra. Uma casa dessas não custava quase nada. E uma para a mãe da Virginia. Três casas. E a filha dela, Lena. Quatro. Claro. Aproveite o embalo e compre logo um povoado inteiro.

Virginia só ficava feliz quando estava com Lacke, ela mesma dissera isso. Lacke não sabia se ainda era capaz de ser feliz, mas Virginia era a única pessoa com quem ele realmente gostava de ficar. E por que eles não poderiam ficar juntos, de algum jeito?

Lacke pôs o cinzeiro em cima da barriga, limpou as cinzas do cigarro e deu uma pitada.

A única pessoa com quem ele gostava de ficar *hoje em dia*. Depois que Jocke... sumiu. Jocke era bom. O único que ele chamava de amigo daqueles com quem se dava. Era uma merda isso de o corpo de Jocke estar desaparecido. Não era natural. A gente espera um enterro. Espera um cadáver que possa olhar e constatar: é, meu amigo, aí está você. E você está morto agora.

Lágrimas transbordaram dos olhos de Lacke.

As pessoas tinham uma porrada de amigos, usavam essa palavra toda hora. Ele teve *um*, um único, e justamente esse amigo foi tirado dele por algum moleque vadio sem coração. Por que é que esse moleque tinha matado Jocke?

Lá no fundo, sabia que Gösta não tinha mentido nem inventado tudo aquilo, e Jocke *estava* desaparecido, mas tudo era tão absurdo. O único motivo plausível era alguma coisa com drogas. Jocke devia ter se envolvido com drogas e enganado a pessoa errada. Mas por que ele não *disse* nada?

Antes de deixar o apartamento, Lacke esvaziou o cinzeiro e depositou a garrafa vazia embaixo do armário da cozinha. Precisou virá-la de cabeça para baixo para ter lugar no meio das outras.

É, pô... Duas casas no campo. Umas batatas no jardim. Terra nos joelhos e o canto da cotovia na primavera. E assim por diante. Algum dia.

Ele vestiu o casaco e saiu. Ao passar pelo supermercado **ica**, jogou um beijo para Virginia, que estava sentada no caixa. Ela sorriu e lhe mostrou a língua.

No caminho de casa para a Ibsengatan, ele encontrou um menino que vinha arrastando duas sacolas grandes de papel. Alguém que morava no conjunto, mas Lacke não sabia o nome dele. Acenou com a cabeça para o menino.

— Isso aí parece pesado.

— Dá para carregar.

Lacke seguiu com os olhos o menino, que continuou carregando as sacolas na direção dos prédios. O garoto parecia muito *contente* mesmo assim. É assim que a gente deveria ser. Aceitar nosso fardo e carregá-lo, com alegria.

É assim que a gente deveria ser.

Lá dentro do pátio ele esperava cruzar com o cara que lhe oferecera os uísques no restaurante. O sujeito costumava fazer sua caminhada a essa hora. Andava em círculos no pátio de vez em quando. Mas já fazia uns dias que ele não aparecia. Lacke espiou a janela coberta do apartamento lá em cima onde ele achava que o homem morava.

Deve estar lá dentro enchendo a cara, é lógico. Eu podia subir e bater na porta dele.

Fica para outro dia.

Quando estava anoitecendo, Tommy e a mãe foram para o cemitério. A sepultura do pai estava bem perto da canaleta para o lago Råcksta, então eles pegaram o caminho que ia por dentro do bosque. A mãe andou calada até chegarem ao Kanaanvägen, e Tommy achou que era porque ela estava triste mas, quando eles entraram na trilhazinha que ia pela margem do lago, a mãe pigarreou e disse: — Tommy...?

— Fale.

— Staffan disse que sumiu um objeto. Na casa dele. Depois que a gente se encontrou lá.

— O.k.

— Você sabe de alguma coisa?

Tommy encheu de neve uma das mãos em forma de concha, fez uma bola e jogou numa árvore. Acertou em cheio.

— Sei. Está lá embaixo da sacada dele.

— Esse objeto é bem importante para Staffan, já que...

— Eu já disse que está nas moitas embaixo da sacada dele.

— Como é que foi parar lá?

A canaleta coberta de neve ao redor do cemitério estava na frente deles. Uma luz de um vermelho suave iluminava de baixo para cima o topo dos pinheiros. A lanterna para sepultura que a mãe segurava tilintava. Tommy perguntou:

— Você trouxe fogo?

— Fogo? Sim, trouxe. Tenho um isqueiro. Como ele foi parar...

— Deixei cair.

Do lado de dentro do portão do cemitério, Tommy ficou parado olhando para o mapa; seções diferentes marcadas com letras. O pai estava na seção D.

Na verdade isso era totalmente absurdo, isso tudo. O fato de a gente *fazer* assim. Incinerar as pessoas, guardar as cinzas, enterrar tudo e depois chamar o lugar de “sepultura 104, seção D”.

Em breve faria três anos. Tommy tinha uma vaga lembrança do enterro, se é que se podia chamar aquilo de enterro. Aquilo com o caixão e um monte de gente chorando e cantando alternadamente.

Ele lembrava que calçava sapatos grandes demais, eram os sapatos do pai, que ficaram dançando em seus pés quando voltou para casa. Que teve medo do caixão, ficou olhando para ele durante o enterro todo, com a certeza de que o pai ia se levantar e ficar vivo de novo, mas... mudado.

Durante duas semanas depois do enterro, viveu com um medo constante de zumbis.

Especialmente quando anoitecia, Tommy achava que via nas sombras aquele ser mirrado do leito de hospital, que não era mais seu pai, vindo em sua direção com os braços abertos, do jeito que aparece nos filmes.

O pavor terminou depois que a urna foi sepultada. Estiveram presentes só ele e a mãe, um zelador do cemitério e um padre. O zelador carregou a urna à frente e caminhou com passos solenes enquanto o padre consolava a mãe. Aquilo tudo era tão ridículo. Aquela caixinha de madeira com tampa que um cara de macacão azul carregava à frente; o fato de que isso tivesse alguma coisa a ver com o *pai* dele. Era como se fosse uma grande farsa.

Mas o pavor desapareceu e a relação de Tommy com a sepultura do pai mudou com o tempo. Agora acontecia de ele vir para cá sozinho, ficava sentado um instante junto da lápide e passava os dedos nas letras entalhadas que formavam o nome do pai. Era por causa disso que ele vinha. Com a caixa lá embaixo da terra ele não se importava, mas com *o nome*.

O ser humano desfigurado no leito de hospital, as cinzas na caixa, nada disso era o pai, mas o nome era a pessoa que ele lembrava e, por isso, ficava às vezes passando o dedo nas cavidades na pedra que formavam **martin samuelsson**.

— Ah, que bonito! — disse a mãe.

Tommy olhou para o cemitério.

Havia velas e lanternas acesas por toda parte; uma cidade vista do alto de um avião. Apenas alguns vultos escuros se mexiam entre as lápides. A mãe foi na direção do túmulo do pai com a lanterna balançando na mão. Tommy olhou suas costas delgadas e ficou triste de repente. Não por ele mesmo ou por causa da mãe, não; por tudo. Por todas as pessoas que estavam andando aqui em meio às chamas bruxuleantes na neve. Apenas vultos que estavam junto de pedras, que olhavam para pedras, tocavam em pedras. Uma coisa tão... idiota.

Morte é morte. E pronto.

Ainda assim, Tommy foi para perto da mãe e se agachou junto ao túmulo do pai enquanto ela acendia a vela na lanterna. Não queria tocar nas letras com a mãe ali do lado.

Ficaram assim por um tempo, olhando a chama fraca que fazia as nuances do mármore se arrastarem e se mexerem. Tommy não sentia nada exceto um certo embaraço. Por se dispor a fazer parte dessa encenação. Não passou muito tempo e ele se levantou e começou a ir para casa.

A mãe foi atrás. Um pouco rápido demais, achou ele. *Ela* tinha que chorar até os olhos caírem, ficar ali a noite inteira. Ela alcançou Tommy e enfiou com cuidado o braço embaixo do dele. Tommy deixou. Os dois caminharam lado a lado olhando para o lago Räcksta que começava a ficar congelado. Se o frio continuasse, daria para andar de patins no lago daqui a alguns dias.

Um pensamento martelava na cabeça de Tommy o tempo inteiro, parecendo um acorde de violão.

Morte é morte. Morte é morte. Morte é morte.

A mãe teve um calafrio, foi para mais perto do filho.

— É horrível.

— Você acha?

— É, Staffan contou uma coisa horrível.

Staffan. Será que nem *agora* ela podia parar de falar...

— Sei.

— Você ouviu falar naquela casa que pegou fogo em Ängby? A mulher que...

— Ouvi.

— Staffan contou que fizeram uma autópsia nela. É tão horrível. Precisarem fazer isso.

— É. É mesmo.

Um pato andava na camada frágil de gelo para o buraco que se formou perto dos dejetos numa das bordas do lago. Os peixinhos que eram pescados do lago no verão tinham cheiro de esgoto.

— Que tipo de esgoto é esse? — perguntou Tommy. — É do crematório?

— Sei lá. Você não quer saber? Acha que vai dar medo?

— Não, pode falar.

E então ela contou, enquanto voltavam para casa por dentro do bosque. Depois de um tempo, Tommy ficou interessado e começou a fazer perguntas que a mãe não podia responder: ela só sabia o que Staffan tinha dito. Bem, Tommy fez tantas perguntas, ficou tão interessado, que sua mãe se arrependeu de ter contado a história.

Mais tarde à noite, Tommy estava sentado numa caixa dentro do abrigo antiaéreo, virando de um lado para outro a pequena escultura de um atirador. Depositou a peça em cima das três caixas de papelão com aparelhos de fita cassete, como um troféu. O arremate da obra.

Surrupiado de um... tira!

Trancou meticulosamente o abrigo antiaéreo com corrente e cadeado, pôs a chave no esconderijo, sentou-se e ficou pensando no que a mãe contou. Depois de um tempo, ouviu passos discretos que se aproximavam do depósito do porão. Uma voz que sussurrou: “Tommy...?”.

Ele se levantou da poltrona, foi até a porta e a abriu. Oskar estava ali fora e parecia nervoso, tinha uma cédula na mão.

— Aqui. Seu dinheiro.

Tommy pegou a nota de cinquenta e a enfiou amarrotada no bolso. Sorriu para Oskar.

— Vai vir aqui sempre? Entre.

— Não, eu preciso...

— Estou dizendo para entrar. Preciso perguntar uma coisa.

Oskar sentou-se no sofá com as mãos cruzadas. Tommy desabou na poltrona e olhou para ele.

— Oskar. Você é um garoto inteligente.

Oskar encolheu os ombros, modesto.

— Você já deve ter ouvido falar no incêndio numa casa em Ängby. A mulher que saiu no jardim e morreu queimada.

— É, eu li sobre isso.

— Foi o que eu pensei. Eles escreveram alguma coisa sobre autópsia?

— Não que eu saiba.

— Isso. Mas eles fizeram, em todo caso. Uma autópsia nela. E sabe de uma coisa? Não acharam nada de fumaça no pulmão. Você sabe o que isso significa?

Oskar pensou.

— Que ela não estava respirando.

— Isso. E quando é que a gente para de respirar? Quando a gente morre, certo?

— É. — Oskar se entusiasmou. — Eu já li sobre isso. Justamente sobre isso. É por isso que se faz a autópsia quando alguém morre num incêndio. Para ver se não... se não foi uma pessoa que causou o incêndio para esconder que essa mesma pessoa matou aquela que estava lá dentro. No incêndio. Eu li... bem, foi no *Hemmetts Journal*, sobre um cara na Inglaterra que assassinou a esposa, então ele... antes de pôr fogo na casa, meteu um tubo na garganta dela e...

— O.k., tudo bem. Você sabe. Ótimo. Mas nesse caso não havia fumaça no pulmão e *mesmo assim* a velha foi para o terreno da casa e ficou correndo lá de um lado para o outro antes de morrer. Como isso foi possível?

— Ela deve ter prendido a respiração. Não, espere aí. Não dá para fazer isso, eu também já li sobre isso em algum lugar. É por isso que as pessoas sempre...

— O.k., tudo bem. Então me explique isso.

Oskar pôs as mãos na cabeça, pensava. Disse em seguida: — Ou eles cometeram algum erro na polícia ou ela ficou correndo lá fora apesar de já estar morta.

Tommy assentiu. — Exato. E sabe de uma coisa? Eu não acho que esses caras *cometem* um erro desse tipo. Você acha?

— Não, mas...

— Morte é morte.

— É.

Tommy arrancou um fio solto da poltrona, enrolou a linha nos dedos formando uma bola e deu um peteleco nela.

— É. Pelo menos a gente quer acreditar nisso.

TERCEIRA PARTE

Neve, derretendo na pele

*Pela mão me travando diligente,
Com ledo gesto e coração me erguia,
E aos mistérios guiou-me incontinenti.*

Dante Alighieri,
A divina comédia – Inferno – Canto iii

*— Não sou nenhum lençol. Sou um
fantasma de verdade. bu... buu...
Você tem que ficar com medo!
— Mas eu, não.*

Nationalteatern (grupo sueco de rock),
“Kåldomar och kalsipper”

Quinta-feira, 5 de novembro

Morgan sentia frio nos pés. O frio, que tinha vindo ao mesmo tempo que o submarino afundou, ficou ainda pior na semana que passou. Ele amava suas velhas botas de caubói, mas era impossível usá-las com meias grossas de lã. Além disso, uma das solas estava esburacada. É claro que Morgan podia comprar um bagulho desses feito na China por cem contos, mas sentiria mais frio.

Eram nove e meia da manhã e ele saíra do metrô e estava indo para casa. Tinha ido ao ferro-velho em Ulvsunda para ver se estavam precisando de uma maçaneta que devia valer uns duzentos, trezentos contos, mas o negócio andava mal. Nada de botas de inverno nesse ano de novo. Fez um lanche com a turma lá no escritório apinhado de catálogos de peças de reposição e de calendários de mulher pelada, e depois pegou o metrô para casa.

Larry saiu do conjunto e, como sempre, estava com aquela cara de quem tinha os dias contados.

— Olá, meu velho! — exclamou Morgan.

Larry balançou a cabeça sem entusiasmo, como se já soubesse desde que abriu os olhos de manhã que Morgan estaria ali, e foi até ele.

— Oi. Como estamos?

— Pés congelados, o carro no ferro-velho, nenhum trabalho e em casa me espera um prato de sopa instantânea. E você?

Larry continuou caminhando na direção da Björnsonsgatan, pelo caminho do parque.

— Tudo certo. Estou indo visitar Herbert no hospital. Quer me acompanhar?

— A cabeça dele clareou um pouco?

— Não, acho que está do mesmo jeito que antes.

— Então não vou. Fico muito deprimido com essa lenga-lenga toda. Da última vez, Herbert achou que eu fosse a mãe dele, queria que eu lhe contasse uma história de ninar.

— E você contou?

— Claro que contei. Cachinhos dourados e os três ursinhos. A resposta é não. Hoje não estou com cabeça para isso.

Continuaram andando. Quando Morgan viu que Larry vestia luvas quentes, deu-se conta de que sentia frio nas mãos e enfiou-as com certa dificuldade nos bolsos da calça jeans apertada. Na frente deles, ficou visível a passagem subterrânea onde Jocke desaparecera.

Talvez para não falar *no assunto*, Larry disse:

— Você leu no jornal hoje de manhã? Agora Fälldin diz que os russos têm *armas nucleares* a bordo daquele submarino.

— E o que ele achava que eles tinham? Estilingues?

— Não, mas é que... já faz uma semana que o submarino está lá. Imagine se tivesse explodido.

— Não se preocupe. Eles sabem o que fazem, os russos.

— Bem, eu não sou comunista, mas...

— Eu tampouco.

— É. Em quem você votou na última eleição? No Folkpartiet?

— Pelo menos não é fiel a Moscou.

Eles já haviam tido essa discussão antes. Agora remexiam no assunto para deixar de ver, deixar de pensar *naquilo* ao se aproximar da passagem subterrânea. Ainda assim, as vozes dos dois se calaram ao entrar na passagem, e eles pararam de andar. Ambos acharam que foi o outro que parou primeiro. Olharam para os montes de folhas que agora tinham virado montes de neve e que sugeriam formas que deixaram os dois se sentindo mal. Larry sacudiu a cabeça.

— O que a gente pode fazer?

Morgan enfiou ainda mais as mãos nos bolsos e batia com os pés no chão para aquecê-los.

— É só Gösta que pode fazer algo.

Ambos olharam na direção do apartamento onde Gösta morava. Nenhuma cortina, janelas sujas.

Larry mostrou um maço de cigarros a Morgan. Ele apanhou um e Larry outro, acendeu para os dois. Ficaram fumando em silêncio, olhando para os montes de neve. Depois de um tempo, suas reflexões foram interrompidas por vozes jovens.

Um grupo de crianças com patins de gelo e capacetes nas mãos vinha da escola, liderado por um homem com jeito de militar. As crianças andavam com mais ou menos um metro de distância entre elas, quase no mesmo ritmo. O grupo cruzou com Morgan e Larry na passagem. Morgan acenou com a cabeça para um garoto que ele conhecia do pátio do prédio.

— Estão indo para a guerra?

A criança sacudiu a cabeça, ia dizer alguma coisa mas continuou trotando, com medo de sair da fila. Continuaram descendo para o lado do hospital; devia ser dia de recreação ao ar livre hoje. Morgan pisou na guimba do cigarro, fez um funil com as mãos na boca e exclamou:

— Ataque aéreo! Protejam-se!

Larry soltou um riso seco e apagou o cigarro.

— Santo Deus. Como é que ainda existem tipos como esse? Deve exigir que os casacos fiquem em posição de sentido no corredor. Você vem ou não?

— Não. Não tenho estrutura. Mas aperte o passo, quem sabe você consegue acompanhar a fila.

— Até logo.

— Tchau.

Despediram-se na passagem. Larry desapareceu a passos lentos na mesma direção que as crianças tinham tomado e Morgan subiu as escadas. Agora ele estava com frio no corpo todo. Até que a sopa instantânea não era tão ruim assim, se a gente misturasse leite nela.

Oskar ia ao lado da professora. Precisava falar com alguém e a professora foi a única pessoa de quem ele se lembrou. Ainda assim, teria mudado de grupo, se pudesse. Jonny e Micke nunca costumavam ir a esses passeios em grupo quando era dia de recreação ao ar livre, mas hoje eles foram. Tinham resmungado alguma coisa de manhã e olhado para ele.

Então Oskar ia com a professora. Ele mesmo não sabia se era para ter proteção ou se era para poder falar com um adulto.

Agora fazia cinco dias que Eli era sua namorada. Encontravam-se toda noite, fora de casa. Para a mãe, Oskar dizia que estava com Johan.

Na noite anterior Eli viera pela janela de novo. Os dois ficaram deitados sem dormir por um bom tempo, contando histórias em que um continuava o trecho que o outro acabara. Depois dormiram abraçados e de manhã Eli já tinha ido embora.

No bolso das calças, ao lado do bilhete gasto de tanto manuseio, havia agora um outro que ele tinha achado na escrivaninha de manhã quando estava se aprontando para a escola.

“ou parto e vivo, ou morrerei ficando. da sua eli.”

Ele sabia que era de *Romeu e Julieta*. Eli contara que o que ela tinha escrito no primeiro bilhete também era de lá e Oskar pegara o livro emprestado na biblioteca da escola. Tinha gostado bastante da história, embora houvesse um bocado de palavras que ele não entendia. *Sua túnica de vestal verde e doente*. Será que Eli entendia todas essas palavras?

Jonny, Micke e as meninas andavam uns vinte metros atrás de Oskar e da professora. Passaram pelo parque China, onde algumas crianças bem pequenas andavam de carrossel no gelo e gritavam tanto que o ar se cortava em mil pedaços. Oskar chutou um bolo de neve e disse em voz baixa:

— Marie-Louise?

— Sim?

— Como é que a gente sabe que ama alguém?

— Hã, bem...

A professora enfiou as mãos nos bolsos do casaco de campanha e olhou para o céu lá no alto. Oskar queria saber se ela estava pensando naquele homem que vinha buscá-la na escola algumas vezes. Oskar não tinha gostado da cara dele. O sujeito parecia ser um tipo sagaz.

— Cada um sente de uma forma, mas... eu diria que é quando a gente sabe... ou em todo caso quando a gente acredita mesmo que vai querer ficar para sempre com aquela pessoa.

— Que a gente não pode ficar sem ela.

— Isso mesmo. São duas pessoas e uma não pode viver sem a outra... isso deve ser amor.

— Como em *Romeu e Julieta*.

— É, e quanto maiores os empecilhos... você viu o filme?

— Li o livro.

A professora olhou para ele e deu um sorriso que Oskar sempre adorou mas do qual não gostou muito nesse exato instante. Acrescentou rapidamente:

— E se forem dois garotos?

— Nesse caso são amigos. E isso também é uma forma de amor. Ou se você está falando de... bem, garotos também podem se amar *desse jeito*.

— E como é que eles fazem?

A professora abaixou a voz.

— Bem, não há nada de errado com isso, mas... se você quiser falar mais sobre esse assunto então a gente pode conversar numa outra ocasião.

Eles caminharam alguns metros em silêncio e chegaram a uma ladeira que descia para a enseada Kvarn. A ladeira Fantasma. A professora aspirou profundamente o ar, o cheiro da floresta nua de abeto. Em seguida ela disse:

— A gente faz um pacto. Independentemente de ser com meninas ou meninos, a gente faz um pacto de que... é você e eu. A gente sabe disso.

Oskar assentiu. Ouviu as vozes das meninas chegando mais perto. Não demoraria muito e elas iam se apossar da professora, como era de costume.

Ele se aproximou da professora de um jeito que os casacos dos dois se roçaram e disse:

— A gente pode ser... menina e menino ao mesmo tempo? Ou nem menina nem menino?

— Não. Seres humanos, não. Há alguns animais que...

Michele correu para eles e gritou com uma voz estridente: “Professora! Jonny jogou neve no meu pescoço!”.

Eles tinham descido metade da ladeira de neve. Logo depois, todas as meninas estavam ali explicando o que Jonny e Micke tinham feito.

Oskar diminuiu a velocidade, ficando alguns passos atrás. Virou-se. Jonny e Micke estavam no topo da ladeira. Os dois acenaram para Oskar. Ele não acenou de volta. Em vez disso, apanhou um galho robusto ao lado do caminho e tirou os gravetos do galho enquanto andava.

Passou pela casa fantasma que deu o nome à ladeira. Um depósito enorme com paredes de chapa ondulada que pareciam um disparate ali onde estavam no meio das árvores pequenas. Na parede que dava para a ladeira alguém tinha pichado com letras grandes:

vai dar sua motoneta?

As meninas e a professora brincavam de pique, corriam pelo caminho às margens do lago. Oskar não ia correr para alcançá-las. Jonny e Micke estavam atrás dele, isso mesmo. O menino apertou com mais força a vara na mão e continuou andando.

Fazia um dia bonito. A água congelara havia alguns dias e o gelo estava tão espesso que o grupo de patinadores tinha descido para andar nele, sob a liderança do professor Ávila. Quando Jonny e Micke disseram que queriam participar do grupo da caminhada, Oskar pensou em correr para casa para apanhar os patins e mudar de grupo. Mas fazia dois anos que não comprava patins novos, provavelmente não conseguiria enfiar os pés neles.

Além do mais, ele tinha medo de gelo.

Uma vez, quando era pequeno, estava na casa do pai em Södersvik e ele tinha saído para esvaziar as armadilhas de peixes. Do píer, Oskar viu como

o pai se afundou no gelo e, durante um instante assustador, sua cabeça desapareceu embaixo da borda do gelo. Oskar estava sozinho no píer e começou a berrar pedindo ajuda. Felizmente o pai tinha uns pregos compridos no bolso que usou para sair do buraco, mas, desde essa ocasião, Oskar não gostava de andar no gelo.

Alguém agarrou seu braço.

Ele virou rapidamente a cabeça; viu que a professora e as meninas tinham desaparecido numa curva do caminho, atrás do monte. Jonny disse: — Agora o porco vai tomar banho.

Oskar segurou ainda mais a vara, que ficou trancada em suas mãos. Era sua única chance. Eles lhe deram um empurrão e começaram a arrastá-lo. Para o gelo lá embaixo.

— O porco está fedendo e precisa tomar banho.

— Me larga.

— Depois. É só você ficar calminho. Que eu largue você.

Eles estavam lá embaixo no gelo. Não havia nada em que se apoiar. Puxavam Oskar pelas costas no lago congelado, em direção ao buraco no gelo perto da sauna. Os calcanhares de Oskar desenhavam uma trilha dupla na neve. No meio deles, a vara ia se arrastando, fazendo uma trilha mais suave. Lá longe no gelo, ele viu dois vultos pequenos se mexendo. Gritou. Gritou pedindo socorro.

— Continue gritando. Quem sabe eles consigam tirar você de lá.

O buraco se escancarava, negro, a alguns metros. Oskar contraiu os músculos que tinha na panturrilha e jogou-se, virou o corpo para o lado com um puxão. Micke teve de soltá-lo. Oskar bamboleava nos braços de Jonny e brandiu a vara na canela dele; a vara quase pulou da mão de Oskar na hora que a madeira bateu no osso.

— Ai, porra!

Jonny largou Oskar, que caiu em cima do gelo. Levantou-se perto do canto do buraco, segurando a vara com as mãos. Jonny esfregou a canela.

— Imbecil. Agora você vai...

Jonny foi lentamente para cima dele, não tinha coragem de correr temendo que ele próprio acabasse na água gelada se empurrasse Oskar daquele jeito. Apontou para a vara.

— Largue essa coisa, senão eu te mato, você está me ouvindo?

Oskar trincou os dentes. Quando Jonny estava a pouco mais de um metro dele, Oskar brandiu a vara na direção do ombro do outro. Jonny se abaixou para se desviar do golpe e Oskar sentiu um baque nas mãos quando a ponta pesada da vara bateu bem no ouvido de Jonny. Ele voou para o lado parecendo um pino de boliche e caiu pesadamente de corpo inteiro no gelo, aos berros.

Micke, que estava alguns passos atrás de Jonny, recuava agora. Levantou as mãos no alto.

— Porra, a gente só estava brincando... não ia...

Oskar foi na direção dele e brandiu a vara para a frente e para trás no ar, produzindo um zumbido abafado. Micke se virou e correu para a terra firme. Oskar parou e abaixou a vara.

Jonny estava deitado de lado, todo encolhido, tapando o ouvido com a mão. O sangue lhe escorria por entre os dedos. Oskar queria pedir desculpas. A intenção não tinha sido machucá-lo *tanto*. Ele se agachou ao lado de Jonny, apoiou-se na vara, ia dizer “desculpe”, mas, antes de ter tempo de falar, *viu* Jonny.

Ele estava bem pequeno, encolhido em posição fetal, gemendo “aaaai”, “aaaai” enquanto um filete de sangue descia por dentro da gola da jaqueta. Virava a cabeça para lá e para cá em movimentos pequenos.

Oskar olhou para ele admirado.

Aquele projeto de gente ensanguentado no gelo não faria *nada* com ele. Não podia bater nem implicar, não mesmo. Não podia sequer se defender.

Podia bater nele mais algumas vezes e depois tudo ia ficar na maior calma.

Oskar levantou e se apoiou no bastão. A euforia desapareceu, foi substituída por um enjoo bem lá no fundo do estômago. Olhe o que ele

tinha *feito!* Jonny devia estar bastante machucado para sangrar assim. E se ele morresse de hemorragia? Oskar sentou-se no gelo de novo, descalçou um dos sapatos e tirou a meia grossa de lã. Arrastou-se de joelhos para junto de Jonny, cutucou a mão que tapava o ouvido e enfiou a meia embaixo dela.

— Aqui. Pegue isso.

Jonny segurou a meia de lã e apertou-a contra o ouvido machucado. Oskar olhou para longe no gelo. Viu alguém de patins que se aproximava. Um adulto.

Gritinhos vieram do outro lado. Gritos de criança. Gritos de pânico. Um único tom agudo e penetrante que depois de alguns segundos se misturou com vários. A pessoa que se aproximou parou. Ficou parada por um instante. Depois se virou e foi patinando no gelo para o outro lado.

Oskar estava de joelhos ao lado de Jonny, sentiu a neve derreter molhando seus joelhos. Jonny tinha os olhos bem fechados, gemia entre dentes. Oskar aproximou o rosto do dele.

— Você consegue andar?

Jonny abriu a boca para dizer alguma coisa e um vômito amarelo e branco jorrou dos seus lábios, manchou a neve. Um pouco caiu na mão de Oskar. Ele olhou para as gotas gosmentas que tremulavam no dorso da sua mão e ficou com medo de verdade. Largou o bastão e correu para terra firme em busca de ajuda.

Os gritos das crianças lá para o lado do hospital tinham aumentado de volume. Oskar correu na direção deles.

O professor Ávila, Fernando Cristóbal de Reyes y Ávila, gostava de andar de patins no gelo. É mesmo. Uma das coisas de que ele mais gostava da Suécia era os invernos longos. Fazia dez anos que ele participara da corrida Vasa de esqui e, um ano ou outro em que a parte exterior do arquipélago ficava congelada, ele pegava o carro todo final de semana e ia para Gräddö para correr nos skates de gelo até onde a camada de gelo deixava na direção de Söderarm.

Fazia três anos que o arquipélago congelara da última vez, mas, quando o inverno chegava cedo como nesse ano, havia uma chance. É claro que Gräddö estaria como sempre cheia de amantes da patinação no gelo, mas isso era de dia. Fernando Ávila gostava de patinar à noite.

Com o devido respeito pela corrida Vasa, mas a gente se sentia como uma formiga entre milhões de outras num formigueiro que de repente resolveu emigrar. Era outra coisa estar na vasta paisagem de gelo, sozinho, numa noite à luz da lua. Fernando Ávila era um católico bem morno, mas uma coisa era verdade: nessas horas Deus estava perto dele.

O arranhar cadenciado das lâminas dos patins, a luz da lua que conferia ao gelo um brilho cinza prateado, as estrelas que o cobriam com a abóbada da sua infinitude, o vento frio que alisava seu rosto: era eternidade, profundidade e imensidão para todos os lados. Maior que isso a vida não podia ser.

Um menininho puxou a perna das calças dele.

— Professor, preciso fazer xixi.

Ávila acordou dos seus sonhos de patinação no gelo e olhou ao redor, apontando para umas árvores na beira do lago cujos galhos se estendiam por cima da água; a ramagem fria parecia uma cortina protetora descendo em direção ao gelo.

— Você pode fazer ali.

O menino apertou os olhos para a árvore.

— No *gelo*?

— É. O que é que tem? Vira gelo fresco. Amarelo.

O menino olhou para ele como se o professor estivesse maluco, mas saiu em disparada para o lado da árvore.

Ávila olhou ao redor e verificou se alguns dos mais velhos não tinham ido patinar muito longe. Com algumas cortadas rápidas no gelo, foi para um ângulo de onde podia ter uma visão mais ampla. Contou as crianças. Isso mesmo. Nove. Mais aquele que estava fazendo xixi. Dez.

Rodopiou e olhou para o outro lado, na direção da enseada Kvarn. Parou.

Alguma coisa acontecia lá longe. Um ajuntamento de corpos ia na direção de uma coisa que devia ser um buraco no gelo, umas arvorezinhas marcavam o lugar. Enquanto estava parado olhando, o grupo se dissolveu, e ele viu que alguém segurava uma espécie de vara na mão.

A vara foi levantada e um deles caiu. Ele ouviu um berro vindo daquele lado. Ávila deu meia-volta, contou pela última vez o grupo e em seguida acelerou em direção ao grupo na beira do buraco. Um deles corria agora para terra firme.

Então ele ouviu o grito.

Um grito estridente de criança veio lá do seu grupo. Ele freou fazendo a neve esvoaçar ao redor dos patins. Logo entendeu que os que estavam perto do buraco no gelo eram crianças mais velhas. Talvez Oskar. Crianças mais velhas. Elas sabiam se virar. O grupo dele era de crianças mais novas.

O grito ficou mais forte e, enquanto ele se virava para ir na direção do grito, ouviu que mais gritos se juntaram àquele.

Cojones!

Justamente na hora que ele não estava presente é que tinha que acontecer alguma coisa. Deus queira que o gelo não tenha partido. Correu o mais rápido que pôde, a neve se levantou em volta dos seus patins quando ele saiu em disparada para a origem do grito. Também viu um adulto descendo para o lago, do hospital lá em cima.

Depois de apenas algumas cortadas possantes no gelo, ele chegou às crianças e freou, de modo que a serragem de gelo voou para cima dos seus casacos. Não entendeu. Todas as crianças estavam reunidas junto da cortina dos galhos, olhando para alguma coisa no gelo e gritando.

Ele deslizou para junto das crianças.

— O que houve?

Uma das crianças apontou para o gelo, para um bolo que estava grudado nele. Parecia um tufo de capim marrom, congelado com uma fenda

vermelha num dos lados. Ou um porco-espinho atropelado. Ele se inclinou sobre o bolo e viu que era uma cabeça. Presa no gelo de forma que só aparecia o alto da cabeça e a parte de cima da testa.

O menino que ele tinha mandado fazer xixi estava sentado no gelo a alguns metros de distância, soluçando.

— E-eu pi-pi-sei ne-le.

Ávila se endireitou.

— Todos saiam daqui! Todos para a beira do lago *agora*.

Era como se as crianças também estivessem grudadas no gelo, os menores continuaram gritando. O professor apanhou o apito e apitou com força duas vezes. Os gritos terminaram. Ele deu alguns passos para ficar atrás das crianças e poder conduzi-las para as margens do lago. As crianças o seguiram. Apenas um menino do quinto ano ficou ali, abaixado perto do bolo no gelo, curioso.

— Você também!

Ávila acenou, mandando o garoto segui-lo. Na beira do lago, ele disse para a mulher que desceu do hospital: — Telefone para a polícia. Uma ambulância. Una persona está congelada no hielo.

A mulher subiu correndo de volta para o hospital. Ávila contou as crianças na beira do lago e viu que estava faltando uma. O menino que encontrou a cabeça ainda estava sentado no gelo com o rosto enterrado nas mãos. Ávila foi deslizando para ele e levantou o menino por debaixo do braço. O garoto se virou e abraçou Ávila. O professor levantou a criança suavemente como se ela fosse um embrulho frágil e levou-a para a beira do lago.

— Dá para falar com ele?

— Falar, ele não pode...

— Certo, mas entende o que a gente diz.

— Acho que sim, mas...

— Vai ser bem rápido.

Através da névoa que encobria seu olho, Håkan viu que um homem de roupa escura arrastou uma cadeira e sentou-se perto do seu leito. Ele não conseguia enxergar direito o rosto do visitante, mas havia uma expressão artificialmente neutra nele.

Nos últimos dias Håkan tinha entrado e saído de uma nuvem vermelha transpassada por linhas tão finas como fios de cabelo. Ele sabia que havia sido anestesiado algumas vezes, operado. Este era o primeiro dia em que ele estava realmente consciente, mas não sabia quantos dias já tinham se passado desde que entrara ali.

Na parte da manhã, Håkan investigou o novo rosto com os dedos da mão que ainda tinha sensibilidade. Algum tipo de curativo feito de uma espécie de borracha cobria todo o seu rosto, mas, pelos contornos debaixo do curativo, que ele seguiu dolorosamente com a ponta dos dedos, entendeu que não tinha mais rosto nenhum.

Håkan Bengtsson não existia mais. O que restava era um corpo não identificável num leito de hospital. É claro que a polícia poderia associá-lo ao outro assassinato, mas não à sua *vida* pregressa nem atual. Nem a Eli.

— Como você se sente?

Bem, obrigado, senhor oficial. Está tudo ótimo. Tenho uma camada de napalm queimando no rosto o tempo todo mas, tirando isso, a vida segue seu curso normal.

— Bem, eu sei que você não pode falar, mas pode mexer a cabeça se estiver me ouvindo? Você pode mexer a cabeça?

Posso. Mas não quero.

O homem ao lado do leito fez um muxoxo.

— Você já tentou se suicidar aqui, então pelo visto não está totalmente... num outro mundo. É difícil mexer a cabeça? Você pode levantar a mão caso esteja me ouvindo? Você consegue levantar a mão?

Håkan se desconectou do policial e começou a pensar no inferno de Dante, no limbo, para onde todas as grandes almas da terra que não

conheciam Cristo iam depois da morte. Tentou imaginar esse lugar detalhadamente.

— Sabe, gostaríamos de saber quem você é.

Em que círculo ou esfera celestial o próprio Dante foi parar depois da morte...

O policial arrastou a cadeira, aproximando-se mais dez centímetros dele.

— Você sabe que vamos acabar descobrindo isso. Mais cedo ou mais tarde. Você pode economizar um pouco do nosso trabalho se comunicando conosco agora.

Ninguém sente falta de mim. Ninguém me conhece. Tente.

Uma enfermeira entrou no quarto. — Uma ligação para vocês.

O policial levantou-se e foi até a porta. Antes de sair, ele se virou.

— Já volto.

Os pensamentos de Håkan se transportaram agora para o que era realmente essencial. Em que círculo *ele* iria parar? Assassino de crianças. Sétimo círculo. Por outro lado; no primeiro círculo. Daqueles que tinham pecado por amor. Depois os sodomitas também tinham um círculo que era deles. O mais provável era a gente acabar no círculo que marcava o *pior* crime que se cometera. Ou seja, uma vez que a gente tivesse cometido um crime bem grave, depois podia pecar à vontade dentro dos crimes que eram punidos nos círculos que estavam mais acima. De qualquer jeito, não podia ficar pior. Era mais ou menos como aqueles assassinos nos Estados Unidos condenados a trezentos anos de prisão.

Os diversos círculos giravam em forma de espiral. O funil do inferno. Cérbero com sua cauda. Håkan evocou os homens violentos, as mulheres amargas, os arrogantes na lama fervente, na chuva de fogo, passeou entre eles, procurando sua posição.

De *uma* coisa ele pelo menos tinha certeza absoluta. Nunca acabaria no círculo mais baixo. Naquele onde o próprio Lúcifer comia Judas e Brutus, em pé num mar de gelo. O círculo dos traidores.

A porta foi aberta de novo, fazendo aquele barulho estranho de sucção. O policial sentou-se junto do leito.

— Notícias. Parece que encontramos mais um, lá no lago em Blackeberg. Em todo caso, era a mesma corda.

Não!

O corpo de Håkan teve um espasmo involuntário quando o policial disse a palavra “Blackeberg”. O policial balançou a cabeça. — Pelo jeito você pode me ouvir. Isso é bom. Então a gente pode deduzir que você mora em Västerort. Onde exatamente? Em Råcksta? Em Vällingby? Blackeberg?

A imagem de como ele se livrou do homem lá embaixo do hospital passou voando pela cabeça de Håkan. Tinha sido descuidado. Estragara tudo.

— O.k. Então vou deixar você em paz por enquanto. Você pode resolver se quer colaborar conosco. Fica tudo muito mais fácil nesse caso, certo?

O policial se levantou e saiu. No lugar dele veio uma enfermeira, que se sentou numa cadeira no quarto, vigiando o paciente.

Håkan começou a jogar a cabeça para cá e para lá, negando. Sua mão se estendeu querendo arrancar o tubo do respirador. A enfermeira correu para fazê-lo parar.

— Vamos ter que amarrá-lo. Se isso se repetir mais *uma* vez, a gente te amarra. Entendeu? Se você não quer mais viver, o problema é seu, mas, enquanto estiver aqui, nosso dever é mantê-lo vivo. Independentemente do que você tenha ou não tenha feito. Estamos entendidos? E vamos fazer o que for necessário para cumprir com esse dever, mesmo que tenhamos que amarrá-lo na cama. Está me ouvindo? É melhor para todos se você colaborar.

Colaborar. Colaborar. De repente todos querem que eu colabore. Não sou mais um ser humano. Eu sou um projeto. Ah, santo Deus. Eli, Eli. Ajude-me.

Das escadas, Oskar já ouviu a voz da mãe. Ela falava ao telefone com alguém e estava zangada. Será que era a mãe de Jonny? Ficou atrás da porta ouvindo.

— Eles vão me ligar e perguntar o que eu fiz de *errado*... É claro que vão, e o que é que eu vou dizer? Que infelizmente meu filho não tem pai, então ele... mas então *mostre* isso alguma vez... não, você não... eu acho que *você* pode conversar com ele sobre isso.

Oskar abriu a porta e entrou no corredor. A mãe disse: “Ele acabou de chegar”, e se virou para Oskar.

— Ligaram da escola e eu... você precisa falar com seu pai sobre isso, porque eu... — Ela falou no telefone de novo. — Agora você... eu estou *calma*... É fácil para você que só fica aí de longe...

Oskar entrou no quarto, deitou-se na cama e tapou os ouvidos com as mãos. Sentia as batidas do coração pulsando na cabeça.

Quando ele chegou ao hospital, de início achou que todas as pessoas que corriam de um lado para o outro tinham alguma coisa a ver com o que ele fez com Jonny. Mas não era isso, como ficou claro depois. Hoje ele tinha visto pela primeira vez na vida uma pessoa morta.

A mãe abriu a porta do quarto dele. Oskar tirou as mãos dos ouvidos.

— Seu pai quer falar com você.

Oskar pegou o telefone e ouviu uma voz distante que recitava mecanicamente nomes de faróis, a intensidade e a direção dos ventos. Esperou com o fone no ouvido sem dizer nada. A mãe franziu intrigada as sobrancelhas. Oskar tapou o fone e sussurrou: — Previsão do tempo para áreas marítimas.

A mãe abriu a boca para dizer alguma coisa, mas só vieram um suspiro e mãos que caíram. Foi para a cozinha. Oskar sentou-se na cadeira do corredor, ouvindo a previsão do tempo com o pai.

O menino sabia que o pai ficaria disperso com aquilo que estava sendo dito no rádio se ele começasse a falar agora. A previsão do tempo era algo sagrado. Nas vezes em que ele esteve na casa do pai, todas as atividades

paravam às 16h45 e o pai ficava sentado perto do rádio olhando de um modo ausente para a paisagem lá fora, como se estivesse verificando se era verdade tudo aquilo que diziam no rádio.

Já fazia muito tempo que o pai tinha parado de trabalhar no mar, mas o costume ficou.

Almagrundet noroeste oito, na parte da noite virando para oeste. Visibilidade boa. Mar de Åland e mar de Skärgård nordeste dez, na parte da madrugada previsão de vendaval. Visibilidade boa.

Pronto. O mais importante tinha acabado.

— Oi, pai.

— Ah, você está aí. Oi. Vamos ter vendaval hoje de madrugada.

— É, eu ouvi.

— Ahã. Como estão as coisas?

— Tudo certo.

— Bem, sua mãe contou o que houve com esse tal de Jonny. Isso não é lá muito bom.

— Não. Não é mesmo.

— Ela disse que ele teve uma concussão cerebral.

— É. Ele vomitou.

— É, isso costuma acontecer nesse caso. Harry... bem, você o conhece... uma tora caiu na cabeça dele uma vez e ele... bem, ficou estirado no chão vomitando que nem um bezerro.

— Ele ficou bom?

— Claro que ficou, foi... bem, é que ele morreu na primavera que passou. Mas não teve nada a ver com isso. Não mesmo. Ele se recuperou bem rápido depois.

— O.k.

— E a gente espera que esse menino também se recupere.

— É.

O rádio continuou fazendo o relatório das regiões marítimas; Bottenviken e o restante da região. Algumas vezes ele se sentou com um

atlas na casa do pai e acompanhou com o dedo no mapa os faróis na ordem em que eram mencionados. Houve um tempo em que ele sabia todos os nomes de cor, na ordem em que apareciam, mas esqueceu. O pai deu uma tossidinha.

— Bem, sua mãe e eu estávamos conversando... se você está com vontade de vir para cá no final de semana.

— Hmm.

— Então a gente pode conversar mais sobre isso e sobre... tudo.

— *Neste* final de semana?

— E então? Se você quiser.

— Tudo bem. Mas eu tenho um pouco... e se eu chegar no sábado?

— Ou na sexta à noite.

— Não, mas... sábado. De manhã.

— Está bem. Nesse caso eu vou tirar um pato do congelador.

Oskar pôs o fone mais perto da boca e sussurrou: “Sem chumbo”.

O pai riu.

No outono retrasado, quando Oskar estava lá, ele quebrou um dente numa bala de chumbo que ainda estava dentro do pássaro. Para a mãe, ele disse que tinha sido uma pedra numa batata. O pássaro marinho era a comida predileta de Oskar, enquanto a mãe achava uma “crueldade enorme” atirar nos pássaros indefesos. Dizer que ele tinha quebrado o dente no próprio instrumento do crime poderia levar a uma proibição de comer esse tipo de comida.

— Vou prestar mais atenção — disse o pai.

— A motoneta está funcionando?

— Está. Por quê?

— Por nada, só queria saber.

— Sei. Há neve suficiente, então a gente pode dar um passeio.

— Legal.

— O.k., então a gente se encontra no sábado. Você vai pegar o ônibus das dez?

— Vou.

— Então eu te pego. De motoneta. O carro está fora de forma.

— O.k., tudo bem. Quer falar mais com a mãe?

— Quero... não... será que você pode dizer a ela o que a gente combinou?

— Ahã. Tchau, até sábado.

— Até sábado. Tchau.

Oskar pôs o aparelho no gancho. Ficou imaginando por um instante como seria. Dar uma volta de motoneta. Era legal. Oskar punha os miniesquis e eles amarravam uma corda na carreta da motoneta com um cabo na outra ponta. Nesse cabo, Oskar segurava-se com as duas mãos e depois saía pelo povoado afora parecendo um esquiador aquático na neve. Isso e o pato com geleia de sorva. E só *uma* noite longe de Eli.

Oskar foi para o quarto e guardou a roupa de ginástica e a faca na mochila, já que não ia voltar para casa antes de ver Eli. Oskar tinha um plano. Quando estava no corredor vestindo o casaco, a mãe saiu da cozinha, limpando as mãos sujas de farinha no avental. — E então? O que ele disse?

— Para eu ir no sábado.

— O.k. E sobre aquilo?

— Eu preciso ir para o treino agora.

— Ele *não* disse nada?

— Disse, mas eu preciso sair agora.

— Para onde?

— Para a piscina municipal.

— Que piscina?

— Aquela perto da escola. A pequena.

— O que você vai fazer lá?

— Treinar. Volto lá pelas oito e meia. Ou às nove. Vou me encontrar com Johan depois.

A mãe pareceu ficar desolada. Não sabia o que fazer com as mãos cheias de farinha, então as enfiou no bolso da frente do avental.

— Sei. Tudo bem. Tenha cuidado. Cuidado para não escorregar no canto da piscina ou algo desse tipo. Está levando o gorro?

— Estou.

— Então ponha o gorro na cabeça. Depois de ter nadado, porque está frio lá fora e quando a gente fica com o cabelo molhado...

Oskar deu um passo à frente, beijou a mãe de leve no rosto, disse “tchau” e foi. Ao sair do prédio, ele olhou furtivamente para a janela do seu apartamento. A mãe estava lá, ainda com as mãos no bolso da frente do avental. Oskar acenou. A mãe levantou devagar uma das mãos e acenou de volta.

Ele chorou durante a metade do caminho para o treino.

A turma estava reunida do lado de fora do apartamento de Gösta. Lacke, Virginia, Morgan, Larry, Karlsson. Ninguém tomava a iniciativa de tocar a campainha, já que isso dava a quem apertava o botão a responsabilidade de dizer o assunto de que vinham tratar. Já na escada, eles podiam sentir um pouco do cheiro de Gösta. Mijo. Morgan deu uma cotovelada de lado em Karlsson e resmungou alguma coisa inaudível. Karlsson levantou os protetores de ouvido que tinha no lugar do gorro e perguntou: — Que foi?

— Eu perguntei se você não podia tirar esse troço. Parece um idiota.

— É sua opinião.

De qualquer forma, ele tirou os protetores de ouvido, enfiou-os no bolso do sobretudo e disse: — Vai ser você, Larry. Já que foi você quem viu.

Larry fez um muxoxo e tocou a campainha. Uma gritaria irritada do outro lado da porta e em seguida um baque suave como se algo tivesse caído no chão. Larry deu uma tossidinha. Ele não gostava disso. Sentia-se como um tira com a turma toda atrás dele, só faltavam os revólveres em riste. Passos arrastados vieram de lá de dentro do apartamento, depois uma voz. “Meu amorzinho, você se machucou?”

A porta se abriu. Uma onda de cheiro de mijo inundou o rosto de Larry e ele ficou sem ar. Gösta estava na porta, de camisa social gasta, colete e

gravata-borboleta. Um gato de listras alaranjadas e brancas estava encolhido debaixo do seu braço.

— Sim?

— E aí, Gösta, tudo certo?

Os olhos de Gösta percorreram irrequietos o grupo na escada. Ele estava bastante bêbado.

— Tudo.

— Bem, viemos aqui para... você está sabendo o que aconteceu?

— Não.

— Bem, acharam Jocke. Hoje.

— Não diga. Sei.

— E o que acontece... é que...

Ele virou a cabeça, procurando apoio em sua comitiva. A única coisa que veio foi um gesto encorajador de Morgan. Larry não suportava estar ali dando uma de representante das autoridades apresentando um ultimato. Só havia um jeito, por mais que não gostasse. Ele perguntou: — A gente pode entrar?

Ele tinha esperado algum tipo de relutância; Gösta não estava acostumado a ter cinco pessoas assim em sua porta sem mais nem menos. Mas assentiu e recuou alguns passos no corredor para abrir passagem.

Larry hesitou por um instante; o cheiro que vinha do apartamento era incrível, pairava no ar que nem uma nuvem viscosa. Durante sua indecisão, Lacke já tinha entrado e depois dele veio Virginia. Lacke fez carinho atrás da orelha do gato que estava nos braços de Gösta.

— Gato bonito, esse. Qual o nome dele?

— Dela. Tisbe.

— Nome bonito. Você também tem um Píramo?

— Não.

Um a um, eles entraram calmamente no apartamento, tentando respirar pela boca. Depois de alguns minutos, todos tinham desistido de tentar bloquear o fedor, deixaram o cheiro para lá e se acostumaram. Os gatos

foram expulsos do sofá e da poltrona, algumas cadeiras trazidas da cozinha, aguardente, *grapetonic* e copos chegaram e, depois de terem jogado um pouco de conversa fora sobre os gatos e sobre o tempo, Gösta disse:

— Então encontraram Jocke.

Larry bebeu o último gole do seu drinque. Era mais fácil com o calor da bebida no estômago. Serviu-se de mais um drinque e disse: — Sim. Lá embaixo perto do hospital. Ele estava dentro do gelo.

— No *gelo*?

— É. Estava uma agitação danada lá embaixo hoje. Eu estava no hospital fazendo uma visita para o Herbert, não sei se você conhece o Herbert, bem... quando saí de lá estava cheio de tiras e ambulância lá e depois de um tempo chegou o corpo de bombeiros...

— Houve incêndio também?

— Não, mas eles tiveram que quebrar o gelo para tirar Jocke. Bem, *naquela hora* é claro que eu não sabia que era ele, mas depois, quando eles conseguiram arrastar o corpo para a beira do lago, então eu reconheci as roupas, porque a cara... era só gelo em volta dela, então não dava para... mas as roupas...

Gösta abanou a mão no ar como se estivesse fazendo um afago num cachorro grande, invisível.

— Espere aí... se ele tivesse se *afogado*, então... não estou entendendo...

Larry tomou um gole do drinque e limpou ao redor da boca.

— Não. Isso também foi o que o tira achou. Num primeiro momento. Segundo o que entendi. Eles ficaram de braços cruzados lá em cima e os caras da ambulância estavam ocupados com um garoto que chegou sangrando na cabeça, então foi...

Gösta deu um tapinha mais entusiástico no cão invisível, ou tentou afastá-lo de si. Um pouco do drinque acabou respingando em seu copo e aterrissou no tapete.

— Bem... mas eu não posso... sangrando na cabeça...

Morgan pôs o gato que estava no colo dele no chão e alisou as calças.

— Isso não vem ao caso. Vamos lá, Larry.

— O.k., mas quando conseguiram trazer o corpo para a beira do lago, então vi que era ele. Então todos também viram que havia uma corda, assim, olhe. Amarrada nele. E umas pedras na corda, assim. Então os tiras ficaram alvoroçados. Começaram a falar no rádio e a interditar o local com aquelas fitas e afugentar as pessoas de lá. Ficaram altamente interessados, assim, de repente. Isso quer dizer... bem, que ele foi atirado lá no lago, e pronto.

Gösta se recostou no sofá e tapou os olhos com a mão. Virginia, que estava sentada entre ele e Lacke, fez um carinho em seu joelho. Morgan encheu o copo e disse: — O importante é que acharam Jocke, não é? Quer uma tônica? Aqui. Eles acharam Jocke e agora sabem que ele foi assassinado. Agora a situação é outra.

Karlsson tossiu limpando a garganta e falou com um tom autoritário.

— No sistema legal sueco existe uma coisa que se chama...

— Veja se cala essa boca — interrompeu Morgan. — Você se importa se eu fumar?

Gösta consentiu, balançando a cabeça. Enquanto Morgan apanhava o cigarro e o isqueiro, Lacke se inclinou à frente no sofá para poder olhar nos olhos de Gösta.

— Gösta. Você viu o que aconteceu. Isso devia vir à tona.

— Vir à tona? Como assim?

— Bem, você vai à polícia e conta simplesmente o que viu.

— Não... *não*.

Lacke soltou um suspiro, encheu a metade do copo com aguardente e umas gotas de água tônica, tomou um gole grande e fechou os olhos na hora em que a nuvem de fogo encheu seu estômago. Não queria obrigar ninguém.

Karlsson falou alguma coisa sobre o dever de testemunhar e de se ter provas, mas, por mais que Lacke quisesse que a polícia prendesse quem

tinha feito aquilo, ele não ia mandar os tiras para cima de um amigo dando uma de alcaguete.

Um gato salpicado de cinza roçava a cabeça na canela de Karlsson. Ele pôs o felino no colo e ficou alisando o gato nas costas com o espírito ausente. *E que importância tinha?* Jocke estava morto, agora ele sabia disso. Que importância tinha isso de testemunhar, afinal de contas?

Morgan se levantou e foi para a janela com o copo na mão.

— Era aqui que você estava? Quando viu aquilo?

— ... era.

Morgan balançou a cabeça e bebeu o drinque.

— É, nesse caso eu entendo. Eu bem que consigo ver daqui. Um belo apartamento esse, de verdade. Vista bonita. Bem, tirando isso do... uma vista bonita.

Uma lágrima descia silenciosamente pela face de Lacke. Virginia pegou a mão dele e apertou-a. Lacke tomou mais um gole daqueles para arrancar a dor que lhe rasgava o peito.

Larry, que ficou olhando para os gatos que iam de lá para cá na sala fazendo um desenho sem sentido no chão, tamborilou com os dedos no copo e disse: — E se a gente só desse uma dica para a polícia? Do lugar? Quem sabe eles consigam achar impressões digitais e... ou outra coisa qualquer.

Karlsson sorriu.

— E como é que vamos dizer que ficamos sabendo disso? Que *sabemos* e pronto? Eles vão ficar bastante interessados em saber como... de *quem* a gente ficou sabendo isso.

— A gente pode dar um telefonema anônimo. Só para a informação chegar até eles.

Gösta resmungou alguma coisa no sofá. Virginia chegou a cabeça mais perto da dele.

— O que foi que você disse?

Gösta falou bem baixinho enquanto olhava para o copo.

— Perdoem-me. Mas é que eu tenho muito medo. Não posso.

Morgan se virou da janela e abriu a mão.

— Então fica por isso mesmo. Não se discute mais o assunto. — Ele lançou um olhar severo para Karlsson. — A gente vai bolar alguma coisa. A gente dá um jeito nisso. Desenhar, telefonar, qualquer troço desses. A gente vai bolar alguma coisa.

Ele foi até Gösta e cutucou-lhe o pé.

— Vamos lá, Gösta, levante essa cabeça. A gente vai dar um jeito nisso. Fique calmo. Gösta? Está me ouvindo? A gente vai dar um jeito nisso. Saúde!

Ele levantou o copo, bateu no copo de Gösta, que tilintou, e tomou um gole.

— A gente vai dar um jeito. Certo?

Ele se despediu dos outros do lado de fora da piscina e estava indo para casa quando ouviu a voz dela vindo da direção da escola.

— Psiu! Oskar!

Passos descendo a escada e depois ela saiu da sombra. A garota tinha ficado esperando ali. Então ouviu Oskar dizer tchau para os outros e ser tratado como se fosse alguém normal.

O treino tinha sido bom. Ele não era nada fraco como achava, aguentava mais do que uns garotos que já tinham treinado várias vezes. A preocupação com o fato de o professor poder interrogá-lo sobre o que aconteceu no gelo foi desnecessária. Ele apenas perguntou: “Você quer conversar sobre isso?” e, quando Oskar fez que não com a cabeça, isso foi o suficiente.

A piscina era um outro mundo, separado da escola. O professor era menos severo e os outros garotos deixaram Oskar em paz. Micke não apareceu por lá, é claro. Será que Micke estava agora com *medo* dele? Um pensamento estonteante.

Ele foi ao encontro de Eli.

— Oi.

— Oi.

Sem comentar nada sobre isso, eles tinham se cumprimentado. Eli vestia uma camisa grande demais, de estampa xadrez, e estava daquele jeito... parecia ter encolhido de novo. A pele seca e o rosto mais magro. Já na noite anterior, Oskar tinha visto os primeiros fios de cabelo branco e agora havia mais deles.

Quando Eli não estava doente, Oskar achava que ela era a menina mais linda que ele já vira. Mas do jeito que estava agora... não dava para comparar. Ninguém tinha esse aspecto. Talvez anões. Mas anões não eram tão magros desse jeito, então... não havia ninguém. Sentia-se aliviado por ela não ter se mostrado para os outros meninos.

— Como vai? — perguntou ele.

— Mais ou menos.

— Vamos fazer alguma coisa?

— Vamos.

Eles foram para casa, para o pátio do prédio, lado a lado. Oskar tinha um plano. Eles fariam um pacto. Se fizessem um pacto, Eli ficaria boa. Um pensamento mágico, inspirado nos livros que ele tinha lido. Mas magia... é claro que *existe* magia. Mesmo que fosse bem pouca. Os que negavam a magia, eram eles que acabavam mal.

Entraram no pátio. Oskar tocou no ombro de Eli.

— Quer descer para a lixeira do prédio?

— O.k.

Eles foram para a portaria de Eli e Oskar abriu a porta do porão.

— Você não tem a chave do porão? — perguntou ele.

— Acho que não.

Dentro do corredor do porão estava escuro como breu. A porta bateu com força atrás deles. Os dois ficaram parados um ao lado do outro, respirando. Oskar sussurrou:

— Sabe, Eli. Hoje... Jonny e Micke tentaram me jogar na água. Num buraco no gelo.

— Não! Você...

— Espere. Sabe o que eu fiz? Eu tinha um galho, um galho grande. Bati com ele na cabeça de Jonny e ele sangrou. Teve uma concussão cerebral, foi para a emergência. Eles não me jogaram na água. Eu... bati nele.

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos. Em seguida Eli disse:

— Oskar.

— O quê?

— Oba!

Oskar estendeu a mão à procura do interruptor, pois queria ver o rosto dela. Acendeu a luz. Eli olhava bem dentro dos seus olhos e ele viu as pupilas dela. Por alguns instantes, antes de ele se acostumar com a luz, elas se pareceram com aqueles cristais que tiveram na aula de física, como é que era o nome deles... elípticos.

Como nos lagartos. Não. Gatos. Gatos.

Eli piscou. Suas pupilas voltaram ao normal de novo.

— O que é?

— Nada. Venha.

Oskar foi para a lixeira de volumes grandes e abriu a porta. Os sacos estavam quase cheios até a boca, fazia tempo que não tinham sido esvaziados. Eli se espremeu para ficar ao lado dele e os dois reviraram o lixo. Oskar encontrou uma sacola com cascos de garrafas retornáveis. Eli achou uma espada de brinquedo, brandiu-a e disse:

— Vamos olhar as outras lixeiras?

— Não, pode ser que Tommy e os outros estejam lá.

— Quem são os outros?

— Ah, uns garotos mais velhos que têm um porão onde eles... ficam lá de noite.

— São muitos?

— Não, três. Na maioria das vezes é só Tommy.

— E são perigosos?

Oskar encolheu os ombros. — Mas a gente pode ir para lá.

Eles saíram do prédio de Oskar e entraram na próxima galeria do porão, pelo prédio de Tommy. Na hora em que Oskar estava com a chave na mão, prestes a abrir a última porta, ele hesitou. E se eles estivessem ali? E se vissem Eli? E se eles... a situação podia ficar fora de controle. Eli segurava a espada de plástico à frente. — O que é?

— Nada.

Oskar abriu a porta. Assim que os dois entraram no corredor, ele ouviu uma música vindo lá do depósito do porão. Ao dar meia-volta, Oskar cochichou: — Eles estão aqui! Venha.

Eli se deteve e farejou.

— Que cheiro é esse?

Oskar verificou se alguém estava lá longe no corredor e inspirou. Não sentiu nada além dos cheiros de sempre do porão. Eli disse: “Tinta. Cola”. Oskar inspirou de novo. Não sentiu nada, mas ele sabia do que se tratava. Quando se virou para Eli, para levá-la dali, viu que ela estava fazendo alguma coisa com a fechadura na porta.

— Venha. O que você está fazendo?

— Eu só...

Enquanto Oskar destrancava a porta da próxima galeria do porão, o caminho de bater em retirada, a porta se fechou atrás deles. Não fez o mesmo barulho de sempre. Nenhum clique. Apenas um som metálico abafado. No caminho de volta para o porão *deles*, Oskar contou para Eli sobre a cheiração de cola; como os garotos podiam ficar loucos depois de cheirar.

Já no porão dele, Oskar se sentiu em segurança de novo. Ficou de joelhos e começou a contar os cascos na sacola de plástico. Catorze garrafas de cerveja e uma de aguardente que não dava para trocar por dinheiro.

Quando ele levantou os olhos para informar o resultado a Eli, ela estava na frente dele com a espada de plástico levantada como se fosse dar um golpe. Mesmo acostumado com pancadas repentinas, Oskar levou um susto.

Mas Eli resmungou alguma coisa e tocou em seguida a espada no ombro dele. Disse com a voz mais grave que podia:

— Nesse instante, vencedor de Jonny, eu vos nomeio cavaleiro de Blackeberg e de todos os arredores como Vällingby... mmm...

— Råcksta.

— Råcksta.

— Ängby, talvez?

— Talvez Ängby.

Eli batia de leve com a espada no ombro dele a cada lugar novo que citava. Oskar apanhou a faca da mochila, segurou-a e se autoproclamou O Cavaleiro de Talvez Ängby. Queria que Eli fosse a Virgem Bela que ele salvaria do Dragão.

Mas Eli era um monstro terrível que almoçava as virgens e era com ela que ele tinha que lutar. Oskar deixou a faca ficar na bainha enquanto eles lutavam de espada, falavam alto, corriam de lá para cá nas galerias. No meio da brincadeira, uma chave arranhou a fechadura da porta do porão.

Os dois se meteram rapidamente numa despensa onde mal tinham espaço para sentar-se lado a lado, respiravam fundo e em silêncio. Uma voz de homem.

— O que vocês estão fazendo aqui embaixo?

Oskar estava colado junto de Eli. Seu peito borbulhava. O homem deu uns passos e entrou no porão.

— Onde vocês estão?

Oskar e Eli prenderam a respiração na hora em que o homem ficou parado, de ouvidos aguçados. Depois disse: “Moleques de uma figa”, e foi-se embora dali. Continuaram sentados no depósito até terem certeza de que o homem tinha ido, depois saíram na ponta dos pés, encostaram-se na parede de tábuas e riram baixinho. Depois de um tempo, Eli se deitou de corpo inteiro no chão de cimento e ficou olhando para o teto. Oskar cutucou o pé dela.

— Está cansada?

— Estou. Estou cansada.

Oskar tirou a faca da bainha e olhou para ela. A faca era pesada, bonita. Ele pressionou com cuidado o indicador na ponta, depois tirou o dedo. Um pontinho vermelho. Fez o mesmo de novo, agora com mais força. Na hora em que tirou a faca, saiu uma gota de sangue. Mas não era assim que se fazia.

— Eli? Quer fazer uma coisa?

Ela ainda estava olhando para o teto.

— O quê?

— Você quer... fazer um pacto comigo?

— Quero.

Se ela tivesse perguntado “como?”, talvez ele tivesse explicado como pensava fazer a coisa antes de ter feito. Mas ela apenas disse “quero”. Eli ia participar, desse no que desse. Oskar engoliu a saliva com força, pegou a lâmina fazendo a parte cortante da faca descansar na palma da mão, fechou os olhos e passou a lâmina na mão. Ardência, pontadas de dor. Ele arfou.

Será que fiz mesmo?

Ele abriu os olhos, abriu a mão. Fiz. Uma fenda superficial estava exposta na palma da mão, o sangue brotava devagar; não como Oskar achou que seria na forma de uma linha fina, mas como um colar de pérolas que, enquanto ele olhava fascinado, se uniam formando uma linha mais grossa e irregular.

Eli levantou a cabeça.

— O que você está fazendo?

Oskar ainda estava com a mão na frente do rosto, não tirava os olhos dela e disse: — É bem *simples*. Eli, não foi nada...

Ele lhe mostrou a mão sangrando. Os olhos dela aumentaram. Eli sacudiu a cabeça sem parar enquanto recuava lentamente, afastando-se da mão dele.

— Não, Oskar...

— Que é?

— Oskar, não.

— Não dói quase *nada*.

Eli parou de recuar na ponta dos pés e ficou olhando para a mão dele enquanto continuou sacudindo a cabeça. Oskar segurava na outra mão a lâmina da faca, e estendeu a faca na direção dela com o cabo na frente.

— Você só precisa fazer um furo no dedo ou algo desse tipo. Depois a gente mistura. Então a gente tem um pacto.

Eli não apanhou a faca. Oskar a depositou no chão entre eles para poder recolher com a mão que não estava machucada as gotas de sangue que caíam da ferida.

— Vai logo. Você não quer?

— Oskar... não dá. Você vai ser contaminado, você...

— Não sinto dor nenhuma, é...

Um fantasma se apoderou do rosto de Eli e o desfigurou, transformando-o em algo tão diferente da menina que ele conhecia que Oskar esqueceu de recolher o sangue que escorria da sua mão. Eli parecia agora o monstro que eles tinham fingido que ela era na brincadeira e Oskar recuou enquanto a dor aumentava em sua mão.

— Eli, o que...

Ela sentou-se, ficou de joelhos, ficou de quatro olhando para a mão dele que sangrava, deu um passo à frente na direção dela. Parou, trincou os dentes e falou silvando: — Saia daqui!

Lágrimas de medo encheram os olhos de Oskar. — Eli, pare com isso. Pare de brincar. Pare com isso.

Eli foi para a frente de quatro, mas parou de novo. Ela *obligou* o corpo a se fechar de forma que a cabeça se curvou em direção ao chão. Gritou:

— Saia daqui! Senão você vai morrer!

Oskar se levantou e deu uns passos para trás. Seus pés bateram na sacola com as garrafas, que caíram fazendo barulho. Ele encostou na parede enquanto Eli se aproximou da manchinha de sangue no chão, que caiu da mão dele.

Mais uma garrafa caiu, quebrando-se no chão de cimento, enquanto Oskar estava espremido na parede olhando para Eli, que esticou a língua e lambeu o cimento sujo. Ela passava a língua no lugar onde o sangue dele tinha caído.

Uma garrafa tilintou baixinho e parou de balançar. Eli não parava de lambe o chão. Ao levantar a cabeça para ele, ela tinha uma mancha cinza da sujeira do chão na ponta do nariz. — Vá embora... por favor... vá...

Depois o fantasma passou por seu rosto de novo, mas, antes que conseguisse se apoderar dela, Eli se levantou e correu pelo corredor do porão, abriu a porta do prédio e desapareceu.

Oskar ficou ali parado com a mão ferida bem fechada. O sangue começou a aparecer nos vãos entre os dedos. Abriu a mão e olhou para a ferida. Foi mais profunda do que ele queria, mas não era motivo de preocupação, achou. O sangue já começava a coagular.

Olhou para a mancha agora branca no chão. Em seguida experimentou lambe um pouco do sangue da palma da mão, mas cuspiu.

As luzes da noite.

Amanhã cedo eles iriam operar a boca e a garganta dele. Na certa esperavam que Håkan fosse dizer alguma coisa. Sua língua ainda existia, ele podia movimentá-la dentro da cavidade bucal fechada, fazer cócegas no maxilar superior com ela. Talvez conseguisse falar de novo, mesmo sem lábios. Mas não ia falar.

Uma mulher, Håkan não sabia se policial ou enfermeira, estava sentada a alguns metros lendo um livro, tomando conta dele.

Será que eles empregam todos esses recursos quando se trata de um zé-ninguém que considera a própria vida acabada?

Håkan entendeu que era valioso, que esperavam muito dele. Provavelmente a polícia desenterrava exatamente nesse instante arquivos antigos, casos que esperavam poder resolver se ele fosse o autor do crime.

Um policial apareceu ali na parte da tarde para coletar suas impressões digitais. Ele não ofereceu resistência. Não tinha mais nenhuma importância.

Possivelmente as impressões digitais iriam conectá-lo aos assassinatos em Växjö e Norrköping. Ele tinha tentado lembrar como fizera, se deixara impressões digitais ou outros vestígios. Provavelmente sim.

A única coisa que o deixava preocupado era que as pessoas, através desses episódios, conseguissem chegar até Eli.

As pessoas...

Elas tinham deixado bilhetinhos em sua caixa de correio, tinham-no ameaçado.

Alguém que trabalhava nos correios e morava na região deu a dica aos outros vizinhos sobre os tipos de correspondência, os tipos de filme que ele recebia.

Demorou mais ou menos um mês para que Håkan fosse despedido do trabalho que tinha na escola. Não se podia ter uma pessoa dessas no meio das crianças. Ele concordou em sair do emprego, embora provavelmente pudesse ter acionado o sindicato.

Não fizera *nada* na escola, burro ele não era.

A campanha contra ele se intensificou e, por fim, numa madrugada, alguém jogou uma bomba incendiária que entrou pela janela da sala de estar. Ele fugiu para o terreno da casa apenas de cuecas, ficou assistindo enquanto sua vida era consumida pelas chamas.

A investigação do crime foi demorada e por isso ele também não recebeu nenhum dinheiro da companhia de seguros. Das suas escassas economias, Håkan custeou o trem que o levou para longe dali; alugou um quarto em Växjö. Ali ele começara a procurar a morte.

Chegou a um nível de alcoolismo que passou a ingerir qualquer coisa em que conseguisse botar as mãos. Solução para acne da Aco, álcool de cozinha. Surrupiava vinho para preparação caseira e fermento das lojas de tintas, bebia tudo antes de fermentar até o final.

Ficava fora de casa o máximo possível, de algum modo queria que “as pessoas” vissem que ele estava morrendo, dia após dia.

A embriaguez deixava-o descuidado, ele passava a mão em menininhos, recebeu pancada, foi parar na polícia. Ficou na delegacia por três dias e vomitou o que tinha e o que não tinha no estômago. Foi solto. Continuou a beber.

Uma noite, quando Håkan estava sentado num banco perto de umas crianças no parque com um vinho fermentado pela metade dentro de uma sacola, Eli veio e sentou-se ao seu lado. Na embriaguez, Håkan pôs quase imediatamente a mão na coxa de Eli. O garoto deixou a mão ficar ali, segurou a cabeça de Håkan em suas mãos, virou-a para si e disse: “Você vai ficar comigo”.

Håkan balbuciara alguma coisa sobre não ter como pagar uma beleza dessas no momento, mas quando a economia dele permitisse...

Eli tirou a mão de Håkan da sua coxa, abaixou-se para pegar o vinho, jogou fora o conteúdo da garrafa e disse: “Você não está entendendo. Escute bem. Você vai parar de beber agora. Vai ficar comigo. Vai me ajudar. Eu preciso de você. E eu vou ajudá-lo”. Em seguida Eli estendeu a mão, Håkan pegou-a e eles saíram juntos.

Ele parou de beber e começou a servir Eli.

Eli deu-lhe dinheiro para comprar roupas e alugar outro apartamento. Ele fez tudo sem questionar se Eli era “mau”, “bom” ou outra coisa qualquer. Eli era bonito e devolvera a dignidade a Håkan. E, em raros momentos... dera carinho também.

Farfalhar de papel quando o guarda virava as folhas do livro que estava lendo. Provavelmente um desses romances populares. Na república de Platão, “Os guardas” seriam a classe mais letrada do povo. Mas essa era a Suécia de 1981 e aqui eles liam Jan Guillou.

O homem no lago, o homem que ele afundara. Foi tosco, é claro. Devia ter feito como Eli dissera e enterrado o sujeito. Mas nada no homem podia

levar os indícios até Eli. Os furos no pescoço seriam considerados algo estranho, mas eles iam acreditar que o sangue tinha escorrido na água. As roupas do homem eram...

A blusa!

A blusa de Eli, que Håkan encontrara no corpo do homem quando foi cuidar dele. Devia tê-la levado para casa e queimado, feito qualquer coisa.

Em vez disso, enfiou a roupa dentro do casaco do homem.

Como é que eles iam interpretar isso? Uma blusa de criança, manchada de sangue. Será que corria o risco de alguém ter visto Eli com aquela blusa? Alguém que podia reconhecê-la? E se eles mostrassem a blusa no jornal, por exemplo? Alguém que Eli tivesse encontrado antes, alguém que...

Oskar. O menino do prédio.

O corpo de Håkan se revirou inquieto na cama. O guarda abaixou o livro e olhou para ele.

— Nada de bobagem agora.

Eli atravessou a Björnsonsgatan, continuou pelo pátio entre os prédios de nove andares, duas torres de farol monolíticas acima dos prédios de três andares acorados ao redor delas. Ninguém estava no pátio, mas das janelas do salão de ginástica vinha uma luz. Eli subiu pela escada de incêndio e olhou lá dentro.

A música retumbava num pequeno aparelho de fita cassete. Ao ritmo da música, mulheres de meia-idade pulavam de lá para cá fazendo estremecer o chão de madeira. Eli se aconchegou em cima das grades de metal da escada, encostou o queixo nos joelhos e ficou contemplando a cena.

Várias mulheres eram obesas e os peitos volumosos davam pinotes que nem bolas de boliche por debaixo das blusas. As mulheres pulavam, saltitavam, levantavam os joelhos fazendo as carnes balançar nas calças apertadas em excesso. Elas se movimentavam em círculo, batiam as mãos, pulavam de novo. Tudo isso enquanto a música ribombava. Sangue quente, oxigenado, correndo nos músculos sedentos.

Mas havia gente demais.

Eli saltou da escada de incêndio, aterrissou suavemente no chão congelado, deu a volta no pavilhão de ginástica e parou do lado de fora da piscina.

As janelas grandes, de vidro fosco, faziam retângulos de luz na camada de gelo. Acima de cada janela grande, havia uma janela menor e ovalada feita de vidro comum. Eli deu um salto para cima, ficou pendurada na beira do teto e olhou lá dentro. Não havia ninguém na piscina. A superfície da água brilhava com a luz das lâmpadas fluorescentes. Umas bolas boiavam na água.

Nadar. Chapinhar. Brincar.

Eli se balançava para a frente e para trás, um pêndulo escuro. Olhou para as bolas, imaginou-as atravessando o ar, sendo jogadas, risos, gritinhos e água respingando. Eli largou a borda do teto, caiu e deixou-se aterrissar de um modo tão duro que doeu, atravessou o pátio da escola para o caminho do parque, parou embaixo de uma árvore alta na beira do caminho. Estava escuro. Ninguém por perto. Eli olhou para o topo da árvore, uns cinco, seis metros de tronco liso. Tirou os sapatos. Mentalizou mãos novas, pés novos.

Quase não sentia mais dor, era como se fossem cócegas, uma corrente elétrica através dos dedos das mãos e dos pés quando eles diminuía, assumiam uma outra forma. O esqueleto estalava nos dedos da mão na hora em que se expandia, crescia na pele que derretia da ponta dos dedos formando garras compridas e curvas. A mesma coisa com os dedos dos pés.

Eli deu um salto de dois, três metros para cima do tronco, enterrou as garras nele e escalou até um galho grosso pendurado no alto do caminho. Fincou as garras dos pés ao redor do galho e ficou sentada sem se mexer.

Uma dor na raiz dos dentes na hora em que Eli mentalizou os dentes afiados. As coroas se encurvaram para fora, afiadas por uma lixa invisível, ficaram pontudas. Eli mordeu de leve o lábio inferior e uma fileira de agulhas em forma de meia-lua quase furou a pele.

Era só esperar.

Eram quase dez horas e a temperatura na sala estava quase insuportável. Duas garrafas de aguardente foram consumidas, uma outra foi posta na mesa e todos concordavam que Gösta era um sujeito de responsabilidade e que não passara por isso à toa.

Apenas Virginia tinha tomado cuidado com a bebida, já que levantaria cedo para trabalhar no dia seguinte. Ela parecia ser a única que sentia o cheiro na sala. O cheiro antes sufocante de mijo de gato e de lugar fechado estava agora misturado com o de cigarro, com vapores de bebida alcoólica e a transpiração de seis corpos.

Lacke e Gösta ainda estavam sentados com Virginia entre eles no sofá, agora um pouco apagados. Gösta fazia carinho num gato em seu colo, um gato que era estrábico, o que fez Morgan explodir num ataque de riso e ele acabou batendo a cabeça na mesa; tomou um gole de aguardente pura para anestesiá-la a dor.

Lacke não falava muito. Ficou mais sentado olhando fixamente para a frente enquanto seus olhos ficaram embaçados, enevoados, depois dilatados. Seus lábios se moviam em silêncio de vez em quando, como se ele estivesse conversando com um fantasma.

Virginia se levantou e foi para a janela. — Posso abrir?

Gösta negou, sacudindo a cabeça.

— Os gatos... podem... pular para fora.

— Mas eu estou aqui olhando.

Gösta continuou sacudindo a cabeça por mero automatismo e Virginia abriu a janela. Ar! Ela aspirou sofregamente o ar puro algumas vezes e sentiu-se imediatamente melhor. Lacke, que tinha começado a cair de lado no sofá quando o apoio de Virginia desapareceu, endireitou-se e disse em voz alta:

— Isso é que era amigo! Amigo... de verdade!

Balbucios concordando vieram da sala. Todos entenderam que ele estava falando de Jocke. Lacke olhava para o copo vazio em sua mão e continuou.

— Um amigo... que nunca abandonou a gente. E isso não tem preço. Estão me ouvindo? Não tem preço! Eu quero que vocês entendam que Jocke e eu éramos... assim!

Ele fechou bem o punho e o sacudiu na frente do rosto.

— E isso, nada pode substituir. *Nada!* Vocês ficam aí falando coisas do tipo “que pessoa bacana” e isso e aquilo outro, mas vocês... vocês são apenas *vazios*. Só cascas! Eu não tenho *nada* agora que Jocke... está morto. *Nada*. Então não fiquem aí falando de perda comigo, não fiquem falando de...

Virginia estava na janela ouvindo. Ela foi até Lacke para lembrá-lo da existência *dela*. Agachou-se em frente a ele, tentou capturar o olhar de Lacke e disse: — Lacke...

— Não! Não me venha com isso... de “Lacke, Lacke”... é isso e pronto! Você não entende. Você é... fria. Você vai para a cidade e apanha qualquer merdinha de motorista de caminhão ou outro cara qualquer, leva o sujeito para casa e deixa-o atravessar você quando as coisas ficam pesadas demais. É assim que você faz. Uma... caravana de caminhões que passa por lá. Mas um amigo... um amigo...

Virginia levantou-se com lágrimas nos olhos, deu uma bofetada em Lacke e saiu correndo do apartamento. Lacke caiu no sofá e bateu no ombro de Gösta, que resmungou: — A janela, a janela...

Morgan fechou a janela e disse: — Isso aí, Lacke. Você fez bem. Agora você não vai ver mais Virginia.

Lacke se levantou e se aproximou com pernas vacilantes de Morgan, que estava olhando lá fora pela janela. — Pô, eu não queria...

— É. Mas então diga isso a ela.

Morgan apontou com a cabeça para o chão lá embaixo, por onde Virginia acabara de sair, andando a passos rápidos de cabeça baixa na direção do parque. Lacke ouviu o que ele dissera. As últimas palavras ditas a ela ainda faziam eco em sua cabeça. *Eu disse desse jeito?* Ele deu meia-volta e apressou-se em direção à porta.

— Eu só preciso...

Morgan balançou a cabeça. — Seja rápido. Dê lembranças minhas.

Lacke voou escada abaixo assim que as pernas trêmulas foram capazes de carregá-lo. Os degraus salpicados de cores diferentes piscavam na frente dos seus olhos e o corrimão deslizava tão rápido que sua mão ardia com o calor da fricção. Ele escorregou num patamar da escada, caiu e bateu com força no cotovelo. Seu braço se encheu de calor e parecia paralisado. Ele se levantou e continuou tropeçando escada abaixo. Corria para salvar uma vida. A dele.

Virginia foi se afastando do prédio e desceu para o parque, sem virar as costas.

Chorando de soluçar, ela andava meio que correndo como se fosse para fugir das lágrimas. Mas elas perseguiam Virginia, brotavam de seus olhos e escorriam-lhe pelo rosto. Os saltos cortavam a neve, faziam tique-taque no asfalto do caminho do parque, e ela cruzou os braços em volta de si mesma.

Não havia ninguém por perto, então ela deixou as lágrimas correrem livremente enquanto ia para casa, apertando os braços na barriga; a dor lá dentro era como um feto maligno.

É só deixar alguém entrar *em sua vida que ele te magoa*.

Era por essas e outras que ela só tinha relacionamentos passageiros. Não deixava ninguém entrar. Uma vez dentro, as pessoas têm outras possibilidades de magoar. Console a si mesmo. Com a angústia, a gente pode conviver, enquanto ela só tem a ver com a gente mesmo. Enquanto não há esperança.

Mas ela teve esperanças com Lacke. De que algo poderia crescer devagar. E finalmente. Algum dia. *O quê?* Ele pegava a comida e o carinho dela, mas na verdade Virginia não significava *nada* para Lacke.

Ela andava toda encolhida pelo caminho do parque, encurvada sobre a tristeza. Suas costas estavam envergadas e era como se ali houvesse um demônio sentado sussurrando coisas terríveis no ouvido dela.

Nunca mais. Nada.

Justamente na hora em que Virginia começou a imaginar a cara desse demônio, ele caiu em cima dela.

Um peso grande aterrissou em suas costas e ela caiu desgobernada de lado. Sua bochecha bateu na neve e a camada de lágrimas se transformou em gelo. O peso permaneceu onde estava.

Por um instante Virginia achou mesmo que fosse o demônio da tristeza que tivesse assumido uma forma sólida e se jogado em cima dela. Depois veio a dor lancinante na garganta na hora em que dentes afiados penetraram sua pele. Virginia conseguiu ficar de pé de novo, rodopiou e tentou se livrar daquilo que estava em suas costas.

Era algo que *mastigava* seu pescoço e sua garganta, e o sangue que jorrou foi lhe descendo por entre os seios. Ela berrou tentando arrancar o animal das costas, e continuou gritando enquanto caía de novo na neve.

Até que alguma coisa dura tocou a boca de Virginia. A mão de alguém.

Na bochecha, garras que se enterraram na carne macia... e que continuaram, até atingirem o osso da face.

Os dentes pararam de mastigar e ela ouviu um barulho que lembrava aquele que se faz quando a gente suga os restos de um copo com um canudo. Um líquido escorreu-lhe pelos olhos, e Virginia não sabia se eram lágrimas ou sangue.

Quando Lacke saiu do prédio, Virginia era apenas um vulto escuro que se mexia lá pelos lados do caminho do parque, subindo para Arvid Mörnes. Seu peito doía da corrida escada abaixo e o cotovelo irradiava pontadas de dor que subiam para o ombro. Ainda assim, ele corria. Corria o mais rápido que podia. Sua consciência começou a clarear com o ar fresco, e com o medo de perder aquela que o impulsionava adiante.

Ao chegar à curva no caminho do parque — onde “o caminho de Jocke”, como ele começara a chamar o lugar, cruzava com “o caminho de Virginia” — , ele parou e encheu o máximo que pôde o pulmão de ar para chamar

pelo nome dela. Virginia estava apenas cinquenta metros à sua frente, por entre as árvores.

Quando Lacke estava prestes a gritar seu nome, viu uma sombra caindo de uma árvore em cima dela, derrubando-a no chão. Seu grito se transformou num assobio, e ele começou a correr. Queria gritar, mas o fôlego não era suficiente para correr e gritar ao mesmo tempo.

Lacke correu.

Na frente dele Virginia se levantou, com uma coisa grande embolada nas costas, rodopiou parecendo um corcunda louco e caiu de novo.

Ele não tinha nenhum plano, nenhuma ideia. Nada a não ser isto: ir até Virginia e tirar aquilo das suas costas. Ela estava caída na neve na beira do caminho com aquela massa negra rastejando por cima dela.

Ele chegou e empregou todo o restante da força que tinha para acertar um chute na coisa negra. Seu pé bateu em algo duro e ele ouviu um estalo forte semelhante ao som de gelo que se rompe. A coisa negra caiu das costas de Virginia e aterrissou na neve ao lado dela.

Virginia estava caída sem se mexer no chão, havia manchas escuras na neve. A coisa negra sentou-se.

Uma criança.

Lacke ficou contemplando o rosto de criança mais adorável que já vira, emoldurado por um véu de cabelos pretos. Dois olhos enormes e escuros cruzaram com os de Lacke.

A criança ficou de quatro como um felino, preparado para dar um salto. Seu rosto mudou quando ela levantou os lábios e Lacke pôde ver as fileiras de dentes afiados brilhando no escuro.

Uma respiração ofegante. A criança continuou de quatro e Lacke pôde ver agora que os dedos dela eram garras, nitidamente delineadas na neve.

Em seguida o rosto da criança fez uma careta de dor e ela se levantou nas duas pernas, correndo em direção à escola com passos rápidos e compridos. Segundos mais tarde a criança se misturou às sombras e desapareceu.

Lacke continuou ali pestanejando para tirar o suor que lhe entrava pelos olhos. Depois se jogou no chão para junto de Virginia. Viu a ferida. O pescoço inteiro estava em carne viva, listras negras subiam no couro cabeludo e desciam pelas costas. Ele arrancou o casaco, tirou a blusa que vestia por baixo e enrolou a manga até fazer uma bola e comprimí-la na ferida.

— Virginia! Virginia! Meu amor...

Finalmente as palavras saíram.

Sábado, 7 de novembro

A caminho da casa do pai. Cada curva da estrada era familiar, ele já fizera esse percurso... quantas vezes mesmo? Sozinho apenas umas dez ou doze vezes, mas acompanhado da mãe mais de trinta, no mínimo. Seus pais tinham se separado quando ele tinha quatro anos, mas a mãe e Oskar continuaram visitando o pai nos finais de semana e férias da escola.

Nos três últimos anos, Oskar recebeu permissão para andar de ônibus sozinho. Dessa vez a mãe nem mesmo tinha ido com ele até a estação Tekniska Högskolan, de onde os ônibus saíam. Ele era um menino crescido agora, com o próprio tíquete de metrô na carteira.

Na verdade ele tinha carteira mais para guardar os tíquetes, mas agora, além disso, havia dentro dela vinte coroas para doces e coisas do gênero, assim como os bilhetinhos de Eli.

Oskar cutucou o curativo na palma da mão. Não queria mais se encontrar com ela. Eli dava medo. Aquilo que aconteceu no porão... era como se...

Ela tivesse mostrado quem era de verdade.

... houvesse alguma coisa nela, alguma coisa que era... O Terrível. Aquilo tudo com que a gente deve tomar cuidado. Grandes alturas, fogo, vidro na grama, cobras. Daquilo que a mãe se esforçava tanto para protegê-lo.

Talvez tenha sido por isso que ele não quis que Eli e a mãe se conhecessem. A mãe teria visto isso, teria proibido Oskar de ficar perto disso. De Eli.

O ônibus saiu da autoestrada e pegou o caminho de Spillersboda. Esse era o único ônibus que ia para Rådmansö, por isso ele tinha de dar voltas a fim de passar na maior quantidade possível de povoados. O ônibus passou pela montanha de tábuas empilhadas junto da Serraria Spillersboda, fez uma curva repentina e quase resvalou ladeira abaixo em direção ao píer.

Ele não tinha esperado Eli na sexta-feira à noite.

Em vez disso, foi andar sozinho de trenó na ladeira Fantasma. A mãe protestou, já que Oskar não tinha ido à escola e ficado em casa porque estava resfriado, mas ele disse que se sentia melhor.

Ele atravessou o Chinaparken com o trenó nas costas. A ladeira Fantasma começava cem metros depois dos últimos postes de luz do parque, eram cem metros de bosque escuro. A neve estalava sob seus pés. Um som baixinho de sucção vinha do verde, semelhante ao de respiração. A luz da lua penetrava no bosque e o chão entre as árvores era uma teia de sombras onde vultos sem rostos estavam esperando, oscilando de lá para cá.

Ele atingiu o ponto em que o caminho começava a descer abruptamente para Kvarnviken e sentou-se no trenó. A casa fantasma era uma parede negra junto da ladeira, uma proibição: *Você está proibido de ficar aqui depois que escurecer. Esse lugar é nosso agora. Se quiser brincar aqui, então você tem que brincar conosco.*

No final da ladeira brilhavam luzes solitárias do iate clube de Kvarnviken. Oskar avançou mais uns trinta centímetros, o declive assumiu o controle e o trenó começou a deslizar. Ele segurou firmemente o volante, queria fechar os olhos mas não tinha coragem, pois podia acabar saindo do caminho e descer pelo despenhadeiro da casa fantasma.

Ele se arremessou ladeira abaixo, um projétil de nervos e músculos retesos. Mais rápido, cada vez mais rápido. Braços amorfos, de fumaça de

neve, saíam da casa fantasma, tentavam arrancar seu gorro, roçavam seu rosto.

Talvez fosse apenas um vento repentino, mas lá embaixo na ladeira ele acabou batendo numa membrana transparente e viscosa atravessada no caminho e que tentou pará-lo. Mas a velocidade estava alta demais.

O trenó foi para cima da membrana e ela se colou na cara e no corpo de Oskar, mas se alargou, esticou-se até arrebentar e ele atravessou.

Na Kvarnviken as luzes cintilavam. Ele ficou sentado no trenó olhando para o lugar em que, na manhã anterior, surrara Jonny. Virou-se. A casa fantasma era um monstro feio de chapas de metal.

Oskar arrastou o trenó ladeira acima de novo. Desceu nele. Para cima de novo. Para baixo de novo. Não conseguia parar. E andou mais. Andou até o rosto virar uma máscara de gelo.

Depois foi para casa.

Ele dormiu apenas umas quatro, cinco horas, com medo de que Eli fosse aparecer. Do que seria obrigado a dizer e a fazer se ela viesse. De rejeitá-la. Por isso dormiu no ônibus para Norrtälje e só despertou quando já tinha chegado. Ficou acordado no ônibus para Rådmansö e brincou de tentar lembrar o máximo de coisas do caminho.

Ali na frente já vai aparecer uma casa amarela com um moinho de vento no gramado.

Uma casa amarela com um moinho de vento coberto de neve passou pela janela. E assim por diante. Em Spillersboda, uma menina entrou no ônibus. Oskar segurou as costas do assento à sua frente. Parecia um pouco com Eli. Naturalmente não era ela. A menina sentou-se alguns assentos à frente de Oskar. Ele olhou para o pescoço dela.

O que há com ela?

Esse pensamento já viera à cabeça de Oskar lá no porão, enquanto juntava as garrafas e limpava o sangue da mão com um pano da lixeira; Eli era um vampiro. Isso explicava um monte de coisas.

O fato de ela nunca aparecer de dia.

O fato de ela poder *enxergar no escuro*, o que ele já percebera ser possível.

Mais um monte de outras coisas: o modo como falava, o cubo, a elasticidade do corpo dela, coisas que certamente *podiam* ter uma explicação natural... mas, além disso, o fato de ela ter lambido o sangue dele do chão e aquilo que o fez gelar por dentro quando pensou no seguinte:

“Posso entrar? Diga que eu posso entrar.”

O fato de ela precisar de um convite para poder entrar em seu quarto e ir para a cama dele. E Oskar tinha convidado Eli. Um vampiro. Um ser que vivia do sangue de seres humanos. Oskar não podia contar isso para *ninguém*. Nenhuma pessoa acreditaria nele. E se ainda assim alguém acreditasse, o que iria acontecer?

Oskar viu à sua frente uma caravana de homens que atravessavam a entrada do conjunto de Blackeberg — a entrada onde ele e Eli tinham se abraçado — com estacas pontiagudas nas mãos. Agora ele tinha medo de Eli, não queria mais encontrá-la, na verdade não queria que acontecesse *isso*.

Depois de quarenta e cinco minutos no ônibus para Norrtälje, Oskar chegou a Södersvik. Puxou a corda e o sinal tocou lá na frente, no motorista. O ônibus parou bem em frente à loja e ele teve de esperar uma senhora idosa, que ele reconheceu mas cujo nome não conseguiu lembrar, saltar do ônibus.

O pai estava perto dos degraus, acenou com a cabeça e cumprimentou a senhora. Oskar desceu do ônibus e ficou parado por um instante na frente do pai. Na semana que passou tinham acontecido coisas que fizeram Oskar se sentir grande. Não adulto. Mas em todo caso maior. Isso desapareceu dele na hora em que ficou diante do pai.

A mãe dizia que o pai era infantil de uma maneira ruim. Imaturo, incapaz de assumir responsabilidades. Bem, ela também dizia coisas boas sobre ele, mas isso era sempre uma pedra no caminho. A imaturidade.

Para Oskar, o pai era o símbolo de um adulto, parado ali com os braços compridos abertos. Oskar correu para abraçá-lo.

O pai tinha um cheiro diferente de todas as pessoas da cidade. No colete Helly Hansen rasgado e consertado com velcro havia sempre a mesma mescla de madeira, tinta e principalmente de óleo. Esses eram os cheiros, mas Oskar não pensava no cheiro desse jeito. Era simplesmente “o cheiro do pai”. Ele amava esse cheiro e respirou fundo pelo nariz enquanto afundava o rosto no peito do pai.

— Olá, filho.

— Oi, pai.

— A viagem correu bem?

— Não, batemos num alce.

— Não diga. Que chato.

— Estou brincando.

— Sei. Escute, eu lembro uma ocasião...

Enquanto eles iam para o mercado, o pai se pôs a contar uma história de como ele atropelou, com seu caminhão, um alce uma vez. Oskar já ouvira a história antes e olhou ao redor, resmungando uma resposta de vez em quando.

O mercado de Södersvik estava sujo como sempre. Cartazes e bandeirolas ainda pendurados à espera do próximo verão faziam o lugar parecer um quiosque de sorvete de dimensões exageradas. A tenda grande atrás do mercado — onde se vendiam ferramentas de jardinagem, terra, móveis de jardim e similares — estava fechada até a próxima estação.

No verão, o número de habitantes em Södersvik quadruplicava. A região toda descendo para Norrtäljeviken, Lågarö, era um aglomerado de casas de veraneio e, embora as caixas de correio lá pelos lados de Lågarö fizessem fila dupla com trinta delas em cada fileira, o carteiro quase nunca precisava ir para lá nessa época do ano. Nada de gente, nada de correspondência.

Antes de chegar junto da motoneta, o pai terminou a história sobre o alce.

— ... então tive que dar uma porrada nele com um pé de cabra que eu tinha para abrir caixas e coisas desse tipo. No meio dos olhos. O bicho estremeceu assim e... Bem, não foi nada agradável.

— Não. Claro.

Oskar entrou na carreta da motoneta e sentou-se ajoelhado. O pai escarafunchava o bolso do colete, e tirou dali um gorro de lã.

— Aqui. Cubra as orelhas com ele.

— Não precisa, eu tenho.

Oskar apanhou o próprio gorro e o vestiu. O pai guardou o outro de volta no bolso.

— E você? Faz frio no ouvido.

O pai riu.

— Não precisa, estou acostumado.

Oskar sabia muito bem disso. Só queria implicar um pouco. Não se lembrava de ter visto alguma vez o pai com gorro de lã. Se ficasse muito gelado e houvesse vento, podia vestir uma espécie de gorro de pele de urso com protetor de orelha que ele chamava de “herança”, mas não passava disso.

O pai pisou no pedal da motoneta e ela roncou, parecendo uma motosserra. Ele falou alto alguma coisa sobre “ponto morto” e engatou a primeira marcha. A motoneta deu uma arrancada para a frente que quase fez Oskar cair para trás e o pai exclamou “embreagem”, e então eles partiram.

Segunda. Terceira. A motoneta correu pelo povoado. Oskar estava sentado de pernas cruzadas na carreta que chacoalhava. Sentia-se rei de todos os reinos da terra e poderia continuar viajando assim eternamente.

Um médico lhe explicara. Os vapores que inalara tinham corroído suas cordas vocais e provavelmente ele nunca mais poderia falar normalmente de novo. Uma nova operação poderia recuperar uma capacidade rudimentar de produzir vogais, mas, já que a língua e até os lábios apresentavam lesões

graves, seriam necessárias mais operações para recriar a possibilidade de formar consoantes.

Como ex-professor de sueco, Håkan não podia deixar de ficar fascinado com a ideia; de se produzir língua por meio cirúrgico.

Ele sabia um bocado sobre fonemas e unidades distintivas da língua comuns a muitas culturas. Mas nunca refletira sobre as ferramentas em si — o palato, os lábios, a língua, as cordas vocais — desse modo. Com o bisturi, talhar até formar a língua a partir de uma matéria bruta amorfa, como as esculturas de Rodin nasciam do mármore em estado cru.

Ainda assim, é claro que não adiantava. Ele não ia falar. Além disso, suspeitava que o médico falasse desse modo por uma razão especial. Håkan tinha o que se chama de propensão ao suicídio. Por isso era importante incutir nele uma percepção linear de tempo. Reproduzir a sensação de que a vida é um projeto, um sonho de conquistas futuras.

Ele não caía nessa.

Se Eli precisasse dele, Håkan podia pensar em continuar vivo. Do contrário, não. Nada indicava que Eli precisasse dele.

Mas como é que Eli poderia entrar em contato com ele nesse lugar?

A julgar pelo topo das árvores do lado de fora da janela, ele imaginava que estava num andar bem alto. Ainda por cima, bem vigiado. Além de médicos e enfermeiras, sempre havia no mínimo um policial por perto. Eli não podia ir até ele e ele não podia ir até Eli. A ideia de fugir, de entrar em contato com Eli pela última vez, lhe passou pela cabeça. Mas como?

A operação na garganta tornou-o capaz de respirar de novo, ele não precisava ficar acoplado ao respirador. No entanto, não podia ingerir comida pela via normal (isso também seria resolvido, o médico lhe garantiu). O tubo do soro balançava toda hora para lá e para cá em seu canto do campo de visão. Se Håkan arrancasse o soro, provavelmente algo começaria a apitar em algum lugar, e além do mais ele enxergava muito mal. Fugir era algo quase impensável.

Um cirurgião plástico aproveitou para transplantar um pedaço de tecido das costas de Håkan para a pálpebra, para que ele pudesse fechar os olhos.

Håkan fechou os olhos.

A porta do quarto foi aberta. Estava na hora de novo. Ele reconheceu a voz. O mesmo homem das outras vezes.

— Pois é — disse o homem. — Eles dizem que de qualquer jeito você não vai conseguir falar por um tempo. É uma pena. Mas é que tenho essa ideia teimosa na cabeça de que a gente podia se comunicar mesmo assim, você e eu, você só precisa ajudar um pouco.

Håkan tentou puxar pela memória e lembrar o que Platão disse na *República* sobre assassinos e pessoas violentas, como se devia agir com eles.

— Bem, agora você pode também fechar os olhos. Isso é bom. Escute. Vou expor a situação de um modo mais concreto. É que me veio à cabeça que talvez você não *acredite* que vamos identificá-lo. Mas nós vamos. Você tinha um relógio de pulso, com certeza se lembra dele. Felizmente era um relógio antigo com as iniciais do fabricante, número de série e tudo o mais. Vamos rastrear esse relógio dentro de alguns dias, de uma forma ou de outra. Talvez demore uma semana. E há mais coisas.

Nós vamos achar você, sem sombra de dúvida.

Então... Max. Não sei por que quero chamar você de Max, é só provisório. Max? Será que você gostaria de nos ajudar um pouco? Caso contrário, vamos ter que tirar uma foto sua e talvez deixar publicar a foto nos jornais e... bem, você entende. Fica... tudo complicado. Fica muito mais fácil se você falar... ou algo do tipo... comigo *agora*.

Você tinha um pedaço de papel com o código morse no bolso. Você sabe usar o código morse? Pois nesse caso a gente pode conversar por meio de batidas.

Håkan abriu o olho e olhou na direção das duas manchas escuras na coisa oval branca e embaçada que era o rosto do homem. Pelo visto, o

policial resolveu interpretar o gesto como um sinal de aprovação. Ele continuou.

— Esse homem no lago. Não foi *você* quem o matou, não é? Os patologistas disseram que as marcas de mordida na garganta foram feitas provavelmente por uma *criança*. E agora recebemos uma denúncia, que infelizmente não posso comentar em detalhes, mas... acho que você está protegendo alguém. É isso? Levante a mão se for isso.

Håkan fechou o olho. O policial fez um muxoxo.

— O.k. Então nesse caso a gente vai deixar a engrenagem continuar funcionando. Não há nada que você queira me dizer antes de eu ir embora?

O policial estava prestes a se levantar quando Håkan levantou uma das mãos. O policial sentou-se de novo. Håkan levantou a mão mais alto. E acenou.

Tchau.

O policial deixou escapar uma espécie de grunhido, levantou-se e foi embora.

Os ferimentos de Virginia não tinham sido letais. Na sexta-feira à tarde ela deixou o hospital com catorze pontos e um curativo grande no pescoço, um menor no rosto. Ela não aceitou a oferta de Lacke para ficar com ela, morar com ela até que ficasse melhor.

Ela tinha ido para a cama na sexta-feira à noite convencida de que iria trabalhar no sábado de manhã. Não tinha condições financeiras de ficar em casa.

Foi difícil cair no sono. O ataque não saía da sua cabeça, ela não conseguia ter paz. Delirava vendo bolos negros se despregando das sombras no teto do quarto e caindo em cima dela na cama, onde estava deitada de olhos arregalados. Coçava debaixo do curativo grande na garganta. Lá pelas duas da manhã teve fome, foi para a cozinha e abriu a geladeira.

Seu estômago estava totalmente vazio, mas, quando ela ficou olhando a comida na geladeira, não havia nada que quisesse comer. Mesmo assim,

apanhara por força do hábito pão, manteiga, queijo e leite, e depositou tudo em cima da mesa da cozinha.

Fez um sanduíche de queijo e encheu um copo de leite. Depois se sentou à mesa e ficou olhando para o líquido branco no copo, a fatia marrom de pão com uma camada amarela de queijo por cima. Tinha um aspecto nojento. Não quis comer aquilo. Jogou fora o sanduíche e derramou o leite na pia. Na geladeira havia uma garrafa de vinho branco aberta pela metade. Ela serviu-se da bebida e levou o copo à boca. Ao sentir o cheiro do vinho, perdeu a vontade.

Com uma sensação de derrota, encheu um copo com água da torneira. Ao levar a água à boca, ela hesitou. Água, a gente sempre pode...? Sim. Água, ela podia beber. Mas ela tinha um gosto de... bolor. Como se tudo de bom com a água tivesse sido retirado e só restassem sedimentos choccos nela.

Foi se deitar de novo, ficou se revirando na cama por mais algumas horas e por fim adormeceu.

Quando Virginia acordou, eram dez e meia. Atirou-se da cama e vestiu as roupas na penumbra do quarto. Santo Deus. Devia estar no supermercado às *oito*. Por que eles não tinham ligado?

Espere aí. Ela *tinha* acordado com um sinal de telefone. Ele tocara em seu último sonho antes que acordasse, e depois parou de chamar. Se eles não tivessem telefonado, ela ainda estaria dormindo. Abotoou a blusa, foi para a janela e levantou as persianas.

A luz bateu nela como se fosse uma bofetada no rosto. Virginia recuou tropegamente, para longe da janela, e soltou a corda das persianas. Elas farfalharam ao cair de novo e acabaram ficando tortas. Virginia sentou-se na cama. Um fiozinho de luz entrava pela janela, caindo em seu pé desnudo.

Um milhão de agulhas.

Como se a pele fosse puxada para dois lados diferentes ao mesmo tempo; uma dor lancinante na pele exposta.

O que é isso?

Ela tirou o pé dali e calçou as meias. Pôs o pé na luz de novo. Apenas cem agulhas. Levantou-se para ir ao trabalho, mas sentou-se de novo.

Alguma espécie de... choque.

A sensação que ela teve ao levantar as persianas tinha sido tenebrosa. Como se a luz fosse uma matéria pesada que arremessaram no corpo dela, uma matéria que a repelia. O pior foi o que aconteceu com os olhos. Dois polegares possantes que se afundavam neles e ameaçavam espremê-los até pularem das órbitas. Ainda estavam ardendo.

Esfregou os olhos com a palma das mãos, apanhou os óculos escuros do armário do banheiro e colocou-os.

A fome era avassaladora, mas bastava que ela pensasse no conteúdo da geladeira e da despensa para fazer desaparecer todos os pensamentos de um café da manhã. Além do mais, ela não tinha tempo. Estava quase três horas atrasada.

Virginia saiu, trancou a porta e desceu as escadas assim que teve forças. Seu corpo estava fraco. Talvez ir para o trabalho fosse um erro, de qualquer jeito. Não. O mercado só ficaria aberto por mais quatro horas e era *agora* que os clientes do sábado começavam a chegar.

Ocupada com essas questões, não tomou cuidado ao abrir a porta do prédio.

A luz estava ali de novo.

Os olhos lhe doíam apesar dos óculos escuros, sentia como se água fervendo estivesse sendo derramada em seu rosto e suas mãos. Deu um grito. Puxou as mãos para dentro das mangas do casaco, abaixou o rosto para o chão e *correu* para o mercado. Não podia proteger o pescoço e o couro cabeludo, e eles ardiam como se estivessem em chamas. Felizmente o mercado não era longe.

Quando entrou no mercado, a ardência e a dor diminuíram rapidamente. A maior parte das janelas da loja estava coberta com anúncios de produtos e plástico transparente para que a luz do sol não estragasse as mercadorias.

Ela tirou os óculos escuros. De qualquer jeito, sentia um pouco de dor, mas talvez fosse por causa das janelas que deixavam entrar luz nas junções entre os cartazes. Guardou os óculos escuros no bolso e foi para o escritório.

Lennart, o gerente do mercado e chefe de Virginia, estava preenchendo formulários mas levantou os olhos quando ela entrou. Virginia estava esperando ser repreendida, mas ele disse apenas: — Olá, como está?

— É... bem.

— Você não devia estar em casa descansando?

— Não, mas eu pensei...

— Não precisava. Lotten fica no caixa hoje. Eu liguei antes, mas quando você não atendeu...

— Então não há nada para eu fazer?

— Dê uma olhada com Berit na sessão de charcutaria. Virginia...

— Sim?

— Bem, isso que aconteceu foi muito chato. Não sei o que dizer, mas... sinto muito. E entendo se você precisar pegar leve por um tempo.

Virginia não entendeu nada. Lennart não era o tipo de pessoa condescendente com licença médica e com os problemas das outras pessoas. E mostrar desse jeito a *empatia dele* era algo totalmente novo. Ela devia estar com um aspecto horroroso com aquela bochecha inchada e os curativos.

Virginia disse: “Obrigada. Vou ver que jeito eu dou”, e foi para a parte de charcutaria.

Pegou um caminho mais longo, dando a volta nos caixas para cumprimentar Lotten. Cinco pessoas estavam esperando no caixa de Lotta e Virginia achou que devia abrir mais um caixa, apesar de tudo. A questão era se Lennart ao menos *queria* que ela se sentasse no caixa com aquela cara.

Ao ser atingida pela luz da janela descoberta atrás dos caixas, Virginia ficou daquele jeito de novo. Seu rosto repuxou, os olhos doeram. Não era tão ruim quanto a luz direta do sol lá na rua, mas ruim o suficiente. Ela não ia conseguir ficar ali.

Lotten viu Virginia e acenou entre dois clientes.

— Oi, eu li... Como você está?

Virginia levantou a mão e balançou-a de um lado para o outro: *mais ou menos*.

Leu?

Ela apanhou os jornais *Svenska Dagbladet* e *Dagens Nyheter*, levou-os para a charcutaria e passou rapidamente os olhos nas primeiras páginas. Nada ali. Bem, teria sido um exagero.

A charcutaria estava no fundo do mercado, junto dos laticínios; estrategicamente dispostos ali para que os clientes fossem obrigados a percorrer a loja inteira para chegar a eles. Virginia ficou perto das prateleiras com latas de conserva. A fome tremulava em seu corpo. Ela olhou minuciosamente todas as latas. Purê de tomate, champignon, mariscos, atum, ravióli, salsicha Bullen, sopa de ervilha... nada. Sentia apenas repulsa.

Berit avistou-a da charcutaria e acenou. Assim que Virginia foi para trás do balcão, Berit lhe deu um abraço e cutucou de leve o curativo em seu rosto.

— Argh. Pobrezinha.

— Mas está tudo...

Bem?

Ela se retirou para o depósito pequeno atrás do balcão. Se deixasse Berit começar, ela acabaria fazendo um longo sermão sobre o sofrimento das pessoas em geral e especialmente sobre a maldade na sociedade de hoje.

Virginia sentou-se numa cadeira entre a balança e a porta do refrigerador. O espaço era de apenas alguns metros quadrados, mas era o lugar mais agradável da loja. Aqui a luz do sol não chegava. Ela folheou os jornais e, numa nota do *Dagens Nyheter* na seção de assuntos nacionais, pôde ler:

MULHER ATACADA EM BLACKEBERG

Uma mulher de cinquenta anos foi atacada e espancada na madrugada de sexta-feira em Blackeberg, subúrbio de Estocolmo. Um transeunte interferiu e o agressor, uma mulher jovem, fugiu do local. O motivo do ataque é desconhecido. A polícia está investigando agora possíveis relações com outros atos de violência praticados em Västerort nas últimas semanas. Os ferimentos da mulher de cinquenta anos são considerados leves.

Virginia abaixou o jornal. Era tão esquisito ler sobre si mesma. “Mulher de cinquenta anos”, “transeunte”, “leves”. Tudo o que se escondia atrás dessas palavras.

“Possíveis relações”? Bem, Lacke tinha certeza absoluta de que ela foi atacada pela mesma criança que matou Jocke. Ele teve de se segurar para não falar sobre isso no hospital na hora em que uma policial e um médico examinaram os ferimentos de Virginia mais uma vez na sexta de manhã.

Ele *ia* contar, mas queria primeiro informar Gösta, achou que Gösta veria a coisa de outro jeito agora que Virginia também tinha sido atingida.

Ela ouviu um farfalhar e olhou em volta. Levou alguns segundos para que percebesse que era ela mesma quem produzia o barulho, já que o jornal tremia em suas mãos. Pôs os jornais na prateleira acima dos ganchos de carne e saiu para onde Berit estava.

— Algo que eu posso fazer?

— Mas, coração, você tem certeza?

— Tenho, é melhor eu fazer alguma coisa.

— Entendo. Então pese os camarões. Pacotes de meio quilo. Mas você não *devia*...?

Virginia sacudiu a cabeça e voltou para o depósito. Vestiu um jaleco branco e gorro, apanhou uma caixa com camarões do refrigerador, enfiou um saco plástico na mão e começou a pesar. Revolveia com a mão revestida do plástico a caixa de camarões, transferia-os para saquinhos, pesava na balança. Um trabalho chato, mecânico, e ela já sentia a mão direita

congelada no quarto pacote. Mas estava fazendo alguma coisa e isso dava a ela um tempo para poder pensar.

De madrugada, no hospital, Lacke dissera uma coisa bem estranha: que a criança que a atacou não era um ser humano. Tinha dentes pontudos e garras.

Virginia naturalmente rejeitou essa descrição como sendo um produto de bebedeira ou de alucinação.

Não se lembrava muito bem do ataque. Mas uma coisa podia aceitar: aquilo que tinha pulado em cima dela era leve demais para ser um adulto, leve demais para ser sequer uma criança. Uma criança muito pequena, nesse caso. De cinco, seis anos. Ela lembrou que se levantou com o peso nas costas. Depois disso, tudo escureceu até Virginia acordar em casa com toda a turma, menos Gösta, em volta dela.

Ela grampeou um pacote pronto, apanhou o próximo, despejou uns punhados de camarão. Quatrocentos e trinta gramas. Mais sete camarões. Quinhentos e dez.

Isso aí vai de presente.

Ela olhou para as mãos que trabalhavam independentemente do cérebro. Mãos. Com unhas compridas. Dentes afiados. Que coisa era aquela? Lacke disse sem rodeios. Um vampiro. Virginia tinha rido, com cuidado, para não arrebrantar os pontos no rosto. Lacke não tinha nem sequer dado um sorriso.

— Você não viu a coisa.

— Mas Lacke... essas coisas não *existem*.

— É. Mas então o que era aquilo?

— Uma criança. Com uma imaginação doentia.

— E que deixou as unhas crescerem? E afiou os dentes? Eu gostaria de ver o dentista que...

— Lacke, estava escuro. Você estava bêbado, estava...

— É verdade. Eu estava. Mas foi isso mesmo que vi.

Estava quente e a pele repuxava embaixo do curativo em sua garganta. Ela tirou o saco plástico da mão direita e pôs a mão em cima do curativo. A

mão estava gelada e a sensação foi boa. Mas Virginia estava totalmente esgotada, parecia que suas pernas não podiam carregá-la por muito mais tempo.

Ela terminaria essa caixa e depois iria para casa. Assim não dava. Se descansasse no final de semana, com certeza estaria melhor na segunda-feira. Enfiou o saco plástico na mão e continuou trabalhando com um pouco de raiva. Odiava ficar doente.

Uma dor forte no indicador. Merda. É isso o que acontece quando não se está concentrado. Os camarões cortavam quando estavam congelados e ela se machucara. Tirou o saco plástico e olhou para o indicador. Um corte pequeno de onde o sangue começava a sair.

Ela enfiou automaticamente o dedo na boca para sugar o sangue.

Uma mancha quente, terapêutica, de gosto bom se alastrou a partir de onde a ponta do dedo encostou na língua e se multiplicou. Ela sugou o dedo com mais força. Todos os sabores bons em forma concentrada encheram a boca de Virginia. Um arrepio de deleite percorreu seu corpo. Ela não parava de sugar o dedo, entregou-se ao prazer até ver o que estava fazendo.

Arrancou o dedo da boca e ficou olhando para ele. Estava molhado de saliva e a pequena quantidade de sangue que saía agora se dissolvia na saliva parecendo tinta de aquarela diluída em demasia. Olhou para os camarões na caixa. Centenas de corpinhos rosados, cobertos de gelo. E olhos. Pontinhos pretos espalhados no branco e no rosa, um céu estrelado ao avesso. Figuras, constelações começaram a dançar na frente dos olhos dela.

O mundo girava em torno do seu eixo e alguém bateu em sua nuca. Diante dos seus olhos, uma superfície branca com teias de aranha nos cantos. Entendeu que estava caída no chão, mas não tinha forças para fazer nada a respeito.

Ela ouviu a voz de Berit distante: “Meu Deus... Virginia...”.

Jonny gostava de ficar com o irmão mais velho. Contanto que os amigos terríveis do irmão não estivessem junto. Jimmy conhecia uma gente de Råcksta que dava bastante medo em Jonny. Uma noite, alguns anos atrás, eles tinham aparecido no prédio para ter uma conversa com Jimmy, mas não quiseram subir nem bater na porta. Quando Jonny lhes contou que Jimmy não estava em casa, eles pediram que ele transmitisse um recado.

“Diga ao seu irmão que se ele não aparecer com a grana até segunda alguém vai enfiar a cabeça dele num torno... você sabe o que é um torno?... Certo... e virar assim até a grana escorrer dos ouvidos dele. Você poder dizer isso? O.k., muito bem. Você é o Jonny, certo? Tchau, Jonny.”

Jonny deu o recado e Jimmy tinha apenas balançado a cabeça, dito que ele sabia. Depois sumiu dinheiro da carteira da mãe e foi uma confusão daquelas.

Jimmy não parava muito em casa nos últimos tempos. É que não havia espaço para ele desde que a última irmãzinha nasceu. Jonny já tinha duas irmãs menores e mais crianças não estavam nos planos. Mas a mãe tinha encontrado um cara e... bem... acabou dando nisso.

Em todo caso, Jonny e Jimmy eram filhos do mesmo pai. Ele trabalhava atualmente numa plataforma petrolífera na Noruega e não apenas começou a mandar a pensão direitinho, como também um pouco de dinheiro extra como compensação. A mãe elogiava o pai dos meninos e, uma vez que ficou bêbada, ela chorara por causa dele e disse que não acharia nunca mais um homem desses. Pela primeira vez em muito tempo, Jonny podia dizer que falta de dinheiro não era um assunto constante em casa.

Agora eles estavam na pizzaria da praça de Blackeberg. Jimmy tinha dado um pulo em casa na parte da manhã e brigado um pouco com a mãe; depois saiu com Jonny. Jimmy espalhou a salada em cima da pizza, enrolou a massa, segurou o rolo grande nas mãos e começou a comer. Jonny comia sua pizza do jeito de sempre, e pensou que, da próxima vez em que fosse comer pizza sem Jimmy, iria comer daquele jeito.

Jimmy mastigava a pizza, e apontou com a cabeça para o curativo em cima do ouvido de Jonny. — Está muito feio.

— É.

— Dói?

— Não muito.

— A mãe disse que o ouvido está totalmente estragado. Que você não vai poder ouvir mais nada.

— Que nada. Eles não sabiam. Pode ficar bom.

— Ahã. Bem, será que eu entendi direito? O garoto pegou um galho enorme e bateu com ele em sua cabeça?

— Ahã.

— Mas que sacanagem. E então? O que você vai fazer a respeito?

— Não sei.

— Precisa de ajuda?

— ... não.

— Como não? Posso trazer uns dos meus amigos e aí a gente pega o moleque.

Jonny arrancou um pedaço grande com camarões da pizza dele, a parte favorita, enfiou-o na boca e mastigou. Não. Não queria envolver os amigos de Jimmy nessa história, então a coisa podia ficar fora de controle. Ainda assim, gostou de imaginar Oskar morrendo de medo ao ver Jonny aparecendo no prédio dele com Jimmy e ainda mais com aquela gente de Räcksta. Sacudiu a cabeça.

Jimmy pôs o rolo de pizza no prato e olhou seriamente nos olhos de Jonny.

— O.k., mas eu só vou dizer uma coisa. Mais *um* troço desses, e...

Estalou os dedos com força e cerrou o punho.

— Você é meu irmão e não vai ser nenhum filho da mãe que... Mais *um* troço desses, depois você pode dizer o que for. Mas eu pego o moleque. Certo?

Jimmy bateu o punho cerrado em cima da mesa. Jonny cerrou o dele e ficou socando o de Jimmy. Isso era bom. Ter alguém que se preocupa com a gente. Jimmy balançou a cabeça.

— Certo. Tenho uma coisa para você.

Ele se curvou para debaixo da mesa e apanhou um saco plástico que ficou carregando a manhã toda. De dentro do saco, tirou um álbum magro de fotografias. — O pai passou por aqui na semana passada. Ele está com barba, quase não o reconheci. Trouxe isso aqui.

Jimmy entregou o álbum para Jonny por cima da mesa. Jonny limpou os dedos num guardanapo e abriu o álbum.

Fotos de crianças. Da mãe. Talvez dez anos mais nova. E de um homem que ele reconhecia como sendo seu pai. O homem empurrava as crianças nos balanços. Numa foto ele estava com um chapéu de caubói pequeno demais na cabeça. Jimmy, talvez com nove anos, estava ao lado dele segurando um revólver de plástico e com uma cara enfezada. Um menininho que devia ser Jonny estava sentado no chão olhando de olhos arregalados para eles.

— Ele deixou comigo. Vou devolver na próxima vez que a gente se encontrar. Queria levar o álbum de volta, disse que era... pô, o que foi que ele disse mesmo... que era “o bem mais precioso que ele tinha”, acho que foi isso. Eu pensei que talvez você também tivesse interesse.

Jonny assentiu sem tirar os olhos do álbum. Só encontrara o pai duas vezes desde que ele saíra de casa na época em que Jonny tinha quatro anos. Em casa havia *uma* fotografia dele, uma foto bastante ruim em que o pai estava sentado com outras pessoas. Essas fotos eram totalmente diferentes. Aqui dava para imaginar como ele era como pessoa.

— Mais uma coisa. Não vá mostrar isso para a mãe. Acho que o pai surrupiou isso aí quando saiu de casa e se ela descobrir... bem, ele gostaria de ficar com o álbum. Prometa-me isso. Que não vai mostrar para a mãe.

Ainda com o nariz enfiado no álbum, Jonny cerrou o punho e ficou com ele acima da mesa. Jimmy deu uma risada e um pouco mais tarde sentiu os

nós dos dedos de Jimmy encostados nos dele. Prometo.

— Escuta, você pode olhar isso aí depois. Leva a sacola também.

Jimmy mostrou a sacola; Jonny fechou relutantemente o álbum e o enfiou na mochila. Jimmy acabou a pizza, recostou-se na cadeira e deu um tapinha na barriga.

— E então? Como é que vai indo com as meninas?

O povoado passava voando por ele. A neve que subia das rodas da motoneta espirrava para trás e bombardeava as bochechas de Oskar. Ele segurava com força o cabo de zimbros com as mãos; inclinou-se para o lado, para sair da nuvem de neve. Um barulho forte de arranhão quando os esquis atravessavam a neve solta e rala. A parte externa do esqui roçou num pino de reflexo no acostamento. Ele cambaleou, mas recuperou o equilíbrio.

No caminho para Lågarö e para as casas de veraneio, a neve não tinha sido retirada. A motoneta deixava três marcas fundas na camada lisa de neve e, cinco metros atrás, vinha Oskar nos esquis, e fazia mais duas marcas no chão. Ele andava em zigue-zague em cima do rastro das rodas da motoneta, andava num esqui só que nem um bailarino do gelo, encolhia-se todo virando uma bolinha de velocidade.

Bem, quando o pai reduziu a marcha ao descer a ladeira comprida em direção ao velho píer dos barcos a vapor, a velocidade de Oskar estava maior que a da motoneta. Ele foi obrigado a diminuir a marcha com jeito para que a corda não afrouxasse, o que resultaria num arrancão quando a ladeira ficasse menos íngreme e a velocidade do veículo aumentasse.

A motoneta foi descendo até o píer e o pai pôs em ponto morto e pisou no freio. Oskar ainda estava em alta velocidade e por um breve instante *pensou em largar o cabo e continuar...* Ultrapassar a beira do píer e cair na água negra. Mas virou os miniesquis para dentro e freou alguns metros antes da beira.

Ficou ofegante por um tempo, contemplando a água. Porções de gelo fino tinham começado a se aglomerar, estavam ali oscilando com as

ondinhas na beira da praia. Talvez o mar congelasse esse ano. Então a gente podia passear pela água congelada e ir até Vätö, do outro lado. Ou será que eles costumavam manter um caminho aberto para Norrtälje? Oskar não lembrava, fazia anos que a água não congelava desse jeito.

Quando Oskar ficava na casa do pai no verão, costumava pescar sardinha aqui no píer. Ganchos pendurados na linha do anzol de carretilha, outro anzol lá na ponta. Se cruzasse com um cardume grande, podia acabar pescando alguns quilos se tivesse paciência, mas na maioria das vezes a pescaria ficava em dez, quinze peixes. O suficiente para o jantar, os peixes pequenos demais para fritar iam para o gato.

O pai veio e parou ao lado dele.

— Correu tudo bem, não é?

— Ahã. Mas às vezes os esquis roçavam no chão.

— É, a neve está um pouco solta demais. A gente podia fazer a neve ficar compacta de algum modo. A gente podia... se a gente pegasse uma tábuia de compensado e pusesse atrás do carro, com um peso em cima. Isso, se você se sentasse na tábuia e fizesse peso nela, então...

— Vamos fazer?

— Não, hoje não, fica para amanhã. Vai escurecer daqui a pouco. A gente precisa ir para casa e preparar o pato, senão o jantar não sai.

— O.k.

O pai contemplou o mar e ficou calado um instante.

— Oskar, eu fiquei pensando numa coisa.

— No quê?

Agora vinha. A mãe dissera a Oskar que *tinha mandado o pai* falar com ele sobre aquilo com Jonny. Na verdade, Oskar realmente *queria* falar sobre isso. O pai estava bem distante de tudo, não ia interferir de forma alguma. O pai pigarreou, reuniu as forças. Suspirou. Olhou para o mar. Disse em seguida: — Bem, eu estava pensando... você tem patins de gelo?

— Não. Nenhum que sirva.

— Sei. Bem, se a água congelar no inverno, e parece que vai... então é legal ter patins. Eu tenho.

— Eles não devem servir.

O pai bufou e deu uma espécie de risada.

— É, mas... O filho de Östen tinha um par que estava pequeno demais para ele. Trinta e nove. Qual seu número?

— Trinta e oito.

— Certo, mas com meias grossas de lã... Então vou pedir para ficar com eles.

— Tudo bem.

— Bem. Isso aí. Vamos para casa então?

Oskar assentiu. Talvez conversassem mais tarde. Isso dos patins era uma boa ideia. Se desse para pegá-los no dia seguinte, ele podia levá-los para a cidade.

Ele foi de miniesquis para o galho de zimbro, andou para trás até a corda ficar esticada e deu sinal verde para o pai, que pisou no pedal. Tiveram de ir na primeira marcha ao subir a ladeira. A motoneta roncava tanto que gralhas assustadas levantaram voo do topo de um pinheiro.

Oskar subia deslizando devagar, como num teleférico de esqui, com o corpo ereto e as pernas bem juntas uma na outra. Não pensava em nada, a não ser em manter os esquis nas trilhas já feitas para evitar de roçar no chão. Enquanto iam para casa, o crepúsculo se intensificava.

Lacke descia as escadas vindo da praça com uma caixa de chocolate Aladdin enfiada no cós das calças. Não gostava de afanar coisas, mas não tinha dinheiro e queria dar algo a Virginia. Também gostaria de levar algumas rosas, mas não é fácil surrupiar numa floricultura.

Já estava escuro e, ao chegar à ladeira para a escola, ele hesitou. Olhou ao redor, raspou com os pés a neve do chão e achou uma pedra do tamanho de um punho fechado que chutou e guardou no bolso; depois ficou segurando-a. Não porque ele achasse que a pedra ajudaria para se defender

daquilo que vira, mas o peso e o frio dela faziam Lacke se sentir um pouco mais protegido.

As investigações de Lacke no pátio dos prédios não tinham dado nenhum resultado a não ser olhares desconfiados e vigilantes de pais que faziam bonecos de neve com os filhos. Velho tarado.

É, foi só quando ele abriu a boca para falar com uma mulher que estava sacudindo a poeira dos tapetes que entendeu como seu comportamento devia ser esquisito. A mulher parou de limpar e se virou para ele com o batedor de tapetes na mão, como se empunhasse uma arma.

— Com licença — disse Lacke. — É que... eu queria saber de uma coisa... estou procurando uma criança.

— Sim?

Pronto. Ele mesmo ouviu como tinha soado e isso o deixou ainda mais inseguro. — É, ela está... desaparecida. Queria saber se alguém viu a menina aqui.

— É sua filha?

— Não, mas...

À exceção de alguns adolescentes, Lacke desistiu de falar com pessoas que não conhecia. Ou, em todo caso, que não reconhecia. Cruzou com alguns conhecidos, mas eles não tinham visto nada. Procura e encontrarás, com certeza. Mas então a gente precisa saber o que está procurando, exatamente.

Lacke chegou ao caminho do parque que ia para a escola e olhou de relance para a passagem de Jocke.

A notícia teve um destaque grande no jornal do dia anterior, mais por causa do modo macabro como tinham encontrado o corpo. Do contrário, um pé de cana assassinado não era grande coisa para os jornais, mas a imprensa deu destaque às crianças que viram o corpo, aos bombeiros que tiveram que serrar o gelo e assim por diante. Ao lado do texto havia uma foto do

passaporte de Jocke, em que ele estava parecendo um *serial killer*, no mínimo.

Lacke continuou andando e passou pela fachada sombria da escola de Blackeberg, a escada alta de degraus largos, parecia a entrada do palácio da justiça ou do inferno. Na parede perto do degrau mais baixo, alguém tinha pichado “Iron Maiden”, sabe-se lá o que era isso. Talvez algum conjunto.

Ele passou pelo estacionamento e saiu na Björnsonsgatan. Normalmente teria pegado um atalho atrás da escola, mas ali estava... escuro. Ele ficou imaginando aquele ser encolhido ali no meio das sombras. Olhou para o topo dos pinheiros que margeavam o caminho. Havia bolos escuros dentro da ramagem. Provavelmente ninhos de aves.

Não era só a aparência daquela criatura, mas também o jeito como ela atacava. Talvez, *quem sabe*, Lacke pudesse aceitar que aquilo com os dentes e com as garras tinha uma explicação natural, se não fosse pelo pulo dado da árvore. Antes que Virginia fosse levada para casa, ele tinha olhado para o alto da árvore. Os galhos de onde a criatura devia ter pulado estavam a uns cinco metros de altura.

Cair cinco metros assim nas costas de alguém, se a gente ainda acrescentasse “artista de circo” às outras coisas para ter uma explicação “natural”, talvez aí sim. Mas, nesse caso, a coisa toda era tão absurda quanto o que dissera para Virginia aquela noite, algo de que agora se arrependia...

Merda...

Tirou a caixa de chocolate das calças. Será que o calor do corpo já estragara ou derreteria o chocolate? Balançou a caixa para conferir. Não. Chacoalhou lá dentro. O chocolate não tinha virado uma papa. Lacke continuou pela Björnsonsgatan e passou pelo mercado *ica*, com a caixa de chocolate na mão.

molho de tomate. três latas: 5 coroas.

Seis dias atrás.

Lacke ainda segurava a pedra dentro do bolso. Olhou para o cartaz e pôde ver a mão de Virginia se mexendo para produzir num passe de mágica as letras simétricas e retas. Será que ela estava em casa descansando hoje? Seria bem seu estilo ir cambaleando para o trabalho antes mesmo de o sangue ter coagulado.

Já em frente ao prédio de Virginia, ele olhou para a janela dela lá em cima. Tudo apagado. Será que ela estava na casa da filha? Pode ser. Em todo caso, ia subir e deixar a caixa de chocolates na porta se ela não estivesse em casa. Estava escuro na portaria do prédio. Os pelos do pescoço de Lacke ficaram arrepiados.

A criança está aqui.

Ele ficou absolutamente imóvel durante uns segundos, lançou-se depois para o ponto vermelho do interruptor de luz e o apertou com o dorso da mão que segurava o chocolate. A outra mão apertava firmemente a pedra no bolso.

Um clique fraco veio do interruptor do porão quando a luz se acendeu. Nada. A portaria de Virginia. A escada amarela de cimento com um desenho que parecia vômito. Portas de madeira. Lacke respirou fundo algumas vezes e pôs-se a subir as escadas.

Só agora sentiu como estava cansado. Virginia morava lá em cima, no terceiro andar, e as pernas de Lacke se arrastavam pela escada, dois pedaços de pau sem vida pregados no quadril. Esperava que Virginia estivesse em casa, que estivesse bem, que ele pudesse se afundar em sua poltrona e descansar no lugar onde mais queria estar neste mundo. Largou a pedra no bolso e apertou a campainha. Esperou um instante. Apertou de novo.

Já começara a tentar equilibrar o chocolate na maçaneta quando ouviu passos na ponta dos pés vindos de dentro do apartamento. Lacke se afastou da porta. Lá dentro os passos pararam. Ela estava colada na porta, do outro lado.

— Quem é?

Nunca, nunca ela perguntara desse jeito. A gente tocava a campainha; tac, tac, ouviam-se os passos dela e a porta era aberta. Entre, entre. Ele tossiu, limpando a garganta. — Sou eu.

Uma pausa. Será que ele estava ouvindo a respiração dela ou era apenas fruto da sua imaginação?

— O que você quer?

— Ver como você está, só isso.

Pausa de novo.

— Não estou bem.

— Posso entrar?

Ele esperou. Segurava a caixa de chocolates com as duas mãos numa pose ridícula. Um estalo quando a fechadura foi aberta, o tilintar das chaves quando a trava de segurança foi girada. Mais um chacoalhar quando a corrente foi retirada do gancho. A maçaneta foi pressionada para baixo e a porta se abriu.

Ele deu sem querer meio passo para trás, sua região lombar bateu na ponta do corrimão da escada. Virginia estava na porta. Tinha cara de quem está morrendo.

Além das bochechas inchadas, seu rosto estava coberto de eczemas bem pequenos e os olhos pareciam estar curtindo a ressaca do século. Uma rede densa de linhas vermelhas riscava-lhe o branco dos olhos e as pupilas tinham quase sumido. Ela acenou com a cabeça. — Estou com uma cara horrível.

— Não, imagine. Eu só... achei que... posso entrar?

— Não. Não tenho ânimo para nada.

— Já foi ao médico?

— Eu vou. Amanhã.

— Certo. Aqui, eu...

Ele entregou a caixa de chocolates que estava segurando o tempo todo à sua frente como se fosse um escudo. Virginia apanhou o presente. — Obrigada.

— Virginia? Não há nada que eu possa...

— Não. Vai ficar tudo bem. Só preciso descansar. Não aguento ficar em pé aqui na porta. Até logo.

— O.k. Eu venho...

Virginia fechou a porta.

— ... amanhã.

O tilintar da fechadura e das correntes de novo. Ele continuou na frente da porta de braços caídos. Depois foi para junto da porta e colou o ouvido nela. Ouviu um armário sendo aberto, passos lentos dentro do apartamento.

O que eu posso fazer?

Não competia a ele obrigá-la a fazer algo que ela não queria, mas ele preferia ter levado Virginia *agora* para o hospital. Ia voltar amanhã de manhã. Se ela estivesse na mesma, então iria carregá-la para o hospital, ela querendo ou não.

Lacke desceu pela escada, um passo de cada vez. Estava muito cansado. Ao chegar ao último patamar da escada antes da portaria, sentou-se no degrau de cima e enterrou a cabeça nas mãos.

Sou eu... o responsável por isso.

A luz se apagou. Os tendões do seu calcanhar se contraíram, ele respirou fundo. Era só o interruptor. Tinha um *timer*. Sentado na escuridão da escadaria, tirou com cuidado a pedra do bolso, deixou-a em cima das mãos e ficou olhando para a frente no escuro.

Pode vir, pensou ele. Pode vir.

Virginia deixou do lado de fora a expressão de súplica no rosto de Lacke, trancou e passou a corrente na porta. Não queria que ele a visse. Não queria que ninguém a visse. Já tinha sido um grande esforço dizer as palavras que ela disse, sustentar algum tipo de normalidade básica.

Seu estado piorou rapidamente desde que chegou do trabalho no *ica*. Lotten ajudou-a a ir para casa e, em seu estado de embotamento, Virginia aguentou a dor que a luz do sol lhe causava no rosto. Uma vez em casa, ela

tinha olhado no espelho e visto as centenas de bolhas minúsculas em sua cara e no dorso das mãos. Queimaduras.

Ela dormiu algumas horas e acordou depois que escureceu. A fome tinha então se transformado em aflição. Um cardume de carapaus que se debatiam em sua corrente sanguínea. Não conseguia ficar deitada, nem sentada, nem em pé. Andava de um lado para o outro no apartamento, seu corpo todo coçava, tomou um banho frio para aliviar a sensação de inquietação, de desassossego. Nada disso ajudou.

Não dava para explicar. Lembrava quando ela, aos vinte e dois anos, recebeu a notícia de que o pai tinha caído do teto da casa de veraneio e quebrado o pescoço. Naquela ocasião também ficou andando de um lado para o outro, como se não houvesse nenhum lugar no mundo onde o corpo pudesse ficar em que ela não sentisse dor.

Era a mesma coisa agora, mas pior. A aflição e a angústia não se aquietavam nem por um instante. Fizeram Virginia ficar zanzando pelo apartamento até que não tivesse mais forças, até se sentar numa cadeira e bater a cabeça na mesa da cozinha. Num ato de desespero, tomou duas pílulas de Rohypnol que desceram com um gole de vinho branco que tinha gosto de sarjeta.

Normalmente uma era suficiente para que Virginia adormecesse como se tivesse recebido uma paulada na cabeça. O único efeito agora era um enjoo enorme, e depois de cinco minutos ela vomitou uma gosma verde e as duas pílulas digeridas pela metade.

Continuou andando de um lado para o outro, picou um jornal em pedaços bem pequenos, arrastou-se pelo chão e chorou de tanta angústia. Foi de quatro para a cozinha e arrancou a garrafa de vinho de cima da mesa, de forma que o vidro caiu no chão e se espatifou à sua frente.

Ela apanhou um dos cacos pontudos.

Não pensou. Apenas pressionou a ponta do vidro na palma da mão e a dor melhorou, agora uma dor de verdade. O cardume de carapaus em seu corpo saiu em disparada para o ponto da dor. Veio o sangue. Ela apertou a

palma da mão nos lábios e lambeu, sugou e a aflição diminuiu. Chorou de alívio enquanto furava a mão num lugar novo e continuou a sugar. O sabor do sangue se misturou ao das lágrimas.

Encolhida no chão da cozinha, com a mão pressionada na boca, sugando com a sofreguidão de um recém-nascido que encontra pela primeira vez o seio da mãe, Virginia se sentiu tranquila nesse dia horrível.

Um pouco mais de meia hora depois de ela ter se levantado do chão, varrido os cacos de vidro e posto um esparadrapo na mão, a aflição começou a aumentar de novo. Foi então que Lacke apertou a campainha.

Depois de ter rejeitado a companhia dele e trancado a porta, Virginia foi para a cozinha guardar a caixa de chocolate na despensa. Sentou-se numa cadeira e tentou entender. A aflição não deixou. Não demorou muito e ela precisou ficar em pé de novo. A única coisa que sabia era que ninguém podia ficar ali com ela. Especialmente Lacke. Ela iria machucá-lo. A aflição iria obrigá-la.

Ela pegara alguma doença. E para doenças existem remédios.

Amanhã ia procurar um médico, um médico que a examinasse e dissesse: bem, é só um acesso disso e daquilo. Vou receitar um remédio durante umas semanas. E então você vai melhorar.

Virginia andava de um lado para o outro no apartamento. Estava começando a ficar insuportável de novo.

Bateu nos braços e nas pernas, mas os peixinhos tinham acordado de novo e nada adiantava. Ela sabia o que precisava fazer. Chorou um pouco por causa do medo da dor. Mas a dor era bem rápida e o alívio, bem grande.

Foi para a cozinha e apanhou uma facincha afiada de fruta, sentou-se no sofá da sala e pousou a lâmina na parte de dentro do antebraço.

Era só para aguentar essa noite. Amanhã ia procurar ajuda. É claro que não podia continuar desse jeito. Bebendo o próprio sangue. É claro. Isso tinha de mudar. Mas agora, provisoriamente...

A saliva encheu sua boca, expectativa molhada. Ela fez um corte. Profundo.

Sábado, 7 de novembro (noite)

Oskar tirou a mesa e o pai lavou os pratos. O pato estava uma delícia, é claro. Nada de balas de chumbo. Não havia muito o que lavar nos pratos. Depois de terem comido quase tudo da ave e quase toda a batata, passaram pão nos pratos. Essa era a parte mais gostosa. Derramar só o molho no prato e sugá-lo com o pão branco poroso que se desmanchava pela metade embebido no molho e depois derretia na boca.

O pai não era propriamente “bom na cozinha”, mas preparava tantas vezes três pratos — *pytt-i-panna*, sardinha frita e ave marinha — que acabaram virando sua especialidade. Amanhã seria *pytt-i-panna* com os restos da batata e da ave.

Oskar passou a hora anterior ao jantar em seu quarto. Ele tinha um quarto na casa do pai que era bem simples em comparação com seu quarto na cidade, mas Oskar gostava dele. No quarto da cidade havia pôsteres e retratos, um monte de coisas, o quarto mudava o tempo todo.

Esse quarto nunca mudava e era exatamente disso que ele gostava.

Parecia o mesmo de quando Oskar tinha sete anos. Quando ele entrava nesse quarto, com aquele cheiro familiar de umidade pairando no ar depois de um aquecimento rápido antes da sua chegada, era como se nada tivesse acontecido desde... muito tempo.

Aqui ainda havia gibis do Pato Donald e do Bamse[7] comprados em vários verões. Não lia mais esses gibis na cidade, mas aqui sim. Conhecia as histórias de cor e salteado, mas lia tudo de novo.

Enquanto os aromas da cozinha iam penetrando no quarto, ele ficou deitado na cama lendo um número antigo do Pato Donald. O pato, seus sobrinhos e o Tio Patinhas viajaram para uma terra distante onde não existia dinheiro e as chapinhas das garrafas com a bebida calmante do Tio Patinhas tinham virado algo precioso.

Depois que acabou de ler, ficou remexendo nas iscas artificiais, nos anzóis e nas chumbadas que guardava numa caixa antiga de costura que o

pai lhe dera. Amarrou uma linha nova com ganchos avulsos, cinco, e pendurou o anzol para pescar sardinha no verão.

Em seguida comeu e, quando o pai acabou de lavar louça, eles jogaram jogo da velha.

Oskar gostava de ficar sentado assim com o pai; o papel quadriculado em cima da mesa estreita, a cabeça dos dois curvada sobre o papel, uma perto da outra. O fogo crepitando na lareira.

Oskar fazia cruz e o pai, círculos, como sempre. O pai nunca deixou Oskar ganhar de propósito e, até alguns anos atrás, jogava melhor que ele, embora o menino ganhasse uma partida ou outra de vez em quando. Mas agora os resultados estavam mais equilibrados. Talvez isso se devesse ao fato de Oskar ter praticado bastante com o cubo de Rubik.

As partidas podiam se estender e pegar mais da metade do papel, o que era bom para Oskar. Ele tinha a memória boa e guardava os lugares com buracos vazios que podiam ser preenchidos se o pai fizesse isso ou aquilo, disfarçava um avanço de defesa.

Nesta noite foi Oskar quem ganhou.

Três partidas seguidas tinham recebido a letra “O” no meio. Apenas uma pequena, em que Oskar ficara distraído pensando em outras coisas, tinha recebido um “P”. Oskar fez uma cruz e ficou com duas fileiras abertas de quatro cruces em que o pai só podia bloquear uma. O pai fez um muxoxo e sacudiu a cabeça.

— Vejam só, pelo visto encontrei alguém capaz de me superar.

— Parece que sim.

Só para constar, o pai bloqueou uma das fileiras e Oskar preencheu a outra. O pai fechou um dos lados da fileira e Oskar fez a quinta cruz na outra ponta, circulou tudo e escreveu um “O” com capricho. O pai coçou a barba incipiente e folheou o caderno até achar uma folha nova. Mostrou a caneta em riste.

— Dessa vez eu ganho...

— Sonhar não custa nada. Você começa.

Havia quatro cruces e três círculos feitos no papel quando bateram na porta. Logo depois ela foi aberta e ouviram-se estampidos abafados de alguém tirando a neve dos pés.

— Ô de casa!

O pai levantou os olhos do papel, recostou-se na cadeira e espiou no corredor. Oskar apertou os lábios.

Não.

O pai acenou com a cabeça para o recém-chegado. — Oi, entre.

— Obrigado.

Passos macios desajeitados de alguém que atravessava o corredor com meias de lã grossa nos pés. Um segundo mais tarde, Janne entrou na cozinha e disse: — Ora, ora. Aqui estão vocês sentados no aconchego.

O pai fez um gesto na direção de Oskar. — Bem, você já conhece meu garoto.

— Claro — disse Janne. — Olá, Oskar. Tudo certo?

— Tudo.

Até agora. Vá embora daqui.

Janne foi com passos pesados para a mesa da cozinha, suas meias de lã tinham escorregado e estavam no calcanhar, sobrando na frente dos dedos do pé, parecendo nadadeiras deformadas. Ele puxou uma cadeira e se sentou.

— Ah... então vocês estão jogando jogo da velha.

— É, mas o garoto ficou bom demais. Não consigo mais ganhar dele.

— É, é isso aí. Ele deve ter praticado na cidade, certo? Tem coragem de jogar uma partida comigo, Oskar?

Oskar sacudiu a cabeça. Ele nem sequer queria olhar para a cara de Janne, sabia o que ia ver. Olhos embotados, uma boca arreganhada com um sorriso abobalhado, é, Janne parecia um carneiro velho, e o cabelo louro e cacheado só acentuava essa impressão. Um dos “amigos” do pai que eram inimigos do Oskar.

Janne esfregou as mãos uma na outra, produzindo um som que parecia o de uma lixa e, à contraluz do corredor, Oskar viu restos de pele seca caírem no chão. Janne tinha uma espécie de doença de pele que especialmente no verão deixava seu rosto igual a uma laranja podre.

— E então. Aqui vocês estão no quentinho.

Você sempre diz isso. Saia daqui e leve sua cara nojenta e suas palavras repetidas.

— Pai, a gente não vai acabar de jogar?

— Vamos, mas quando chega visita...

— Podem continuar jogando.

Janne se recostou na cadeira e parecia ter todo o tempo do mundo. Mas Oskar sabia que a batalha estava perdida. Agora era o fim. Agora nada ia mudar.

Ele queria gritar, quebrar tudo, de preferência Janne, na hora que o pai foi para a despensa apanhar a garrafa. Pegou dois copos de aguardente e os depositou em cima da mesa. Janne esfregou as mãos, o que fez as escamas de pele dançarem no ar.

— Vejam só. O que temos aqui...

Oskar olhou para o papel com a partida inacabada.

Ali ele deveria ter feito a próxima cruz.

Mas não haveria mais cruzeiras hoje à noite. Nada de círculos. Nada mais.

Um glug-glug débil veio da garrafa quando o pai serviu a bebida. O cone de vidro de cabeça para baixo encheu-se do líquido transparente. O copo era bem pequeno e frágil na mão grossa do pai. Quase desaparecia.

Ainda assim destruía tudo. Tudo.

Oskar amassou o papel da partida inacabada e jogou a bola no fogo. O pai não protestou. Ele e Janne tinham começado a falar sobre algum conhecido dos dois que tinha quebrado a perna. Passaram a falar sobre outras fraturas que eles tiveram ou de que ouviram falar e encheram de novo os copos.

Oskar continuou sentado na frente da lareira com a portinhola aberta olhando o papel pegar fogo, ficar negro. Depois apanhou as outras partidas e também as queimou.

O pai e Janne levaram o copo e a garrafa para a sala, o pai disse alguma coisa para Oskar do tipo “venha conversar um pouco” e Oskar disse “talvez, depois”. Oskar continuou sentado na frente da lareira olhando para o fogo. O calor acariciava-lhe o rosto. Ele se levantou, apanhou o caderno de folhas quadriculadas da mesa da cozinha, arrancou dele as folhas não usadas e jogou tudo no fogo. Depois que o caderno inteiro com capa e tudo ficou carbonizado, Oskar apanhou um lápis e também o jogou no fogo.

Havia algo de especial com o hospital, assim tarde da noite. Maud Carlberg estava na recepção contemplando o hall de entrada quase vazio. A cafeteria e o quiosque estavam fechados; algumas poucas pessoas se moviam parecendo fantasmas sob o teto alto.

A essa hora da noite Maud gostava de imaginar que *ela* e só ela é quem tomava conta do enorme prédio do Hospital de Danderyd. É claro que isso não era verdade. Caso surgisse algum problema, ela só precisava apertar um botão e um guarda se materializava em no máximo três minutos.

Havia uma brincadeira que Maud costumava fazer para matar o tempo quando era tarde da noite: escolhia uma profissão, um lugar de moradia e uma história rudimentar para uma pessoa. Talvez alguma doença. Depois aplicava essa história à primeira pessoa que fosse até ela. Muitas vezes o resultado era... divertido.

Por exemplo, podia imaginar um piloto que morava na Götgatan e tinha dois cachorros que uma vizinha tomava conta quando ele estava viajando. A vizinha tinha uma paixão secreta pelo piloto. O grande problema do piloto era que ele via criaturinhas verdes com gorros vermelhos de pompom na ponta flutuando nas nuvens quando estava voando.

O.k. Então era só esperar.

Depois de um tempo, talvez aparecesse uma senhora de semblante sofrido. Uma pilota, que consumira às escondidas as garrafinhas de bebida que a gente recebe no avião, vira as criaturinhas verdes e fora despedida. Agora ficava em casa com os cachorros o dia inteiro. Mas o vizinho ainda estava gamado nela.

Era assim que Maud fazia.

Às vezes ela se repreendia por causa dessa brincadeira, já que isso a impedia de levar as pessoas realmente a sério. Mas Maud não conseguia se conter. Exatamente nesse instante estava esperando um clérigo cuja paixão eram os carros esporte pomposos e que amava dar carona com o objetivo de redimir os caroneiros.

Homem ou mulher? Jovem ou velho? Como é a cara de um sujeito desses?

Maud estava com o queixo apoiado nas mãos, olhando para a entrada. Estava vazio agora à noite. As visitas dos pacientes internados tinham terminado e os novos pacientes que vinham com lesões de sábado à noite, normalmente relacionadas com o consumo de álcool, iam para a emergência.

A porta giratória começou a rodar. Eis o pastor do carro esporte, talvez.

Mas não. Esse era um daqueles casos em que ela se via obrigada a desistir. Era uma criança. Pequena e magra, uma... menina de dez, doze anos. Maud começou a fantasiar uma cadeia de episódios que acabasse fazendo com que essa criança por fim *virasse* aquele pastor, mas parou logo. A menininha estava com uma cara bem triste.

A criança foi consultar o mapa grande do hospital onde linhas de cores diferentes marcavam caminhos que a gente devia seguir para chegar a esse ou àquele lugar. Poucos adultos entendiam aquele mapa, quanto mais uma criança.

Maud se inclinou e chamou em voz baixa: “Posso ajudar?”.

A menina se virou para ela e sorriu timidamente, então se aproximou da recepção. O cabelo preto estava molhado, flocos de neve que ainda não

tinham derretido brilhavam no fundo negro. A menina não ficou olhando para o chão do jeito que as crianças fazem em ambientes estranhos, não, seus olhos pretos e tristes olhavam bem dentro dos de Maud enquanto ela se aproximou do balcão. Um pensamento, tão nítido quanto uma impressão auditiva, passou como um flash pela cabeça de Maud.

Eu preciso te dar alguma coisa. O que será que eu vou te dar?

Era ridículo, mas ela começou a percorrer rapidamente de cabeça o que havia nas gavetas da escrivaninha. Uma caneta? Um balão?

A criança estava na frente do balcão. Apenas o seu pescoço e a sua cabeça podiam ser vistos.

— Desculpe, mas... estou procurando meu pai.

— Sei. Ele está internado aqui?

— É que eu não sei direito...

Maud olhou para a porta, percorreu com os olhos o hall da entrada e parou na criança diante dela que não estava nem sequer de casaco. Apenas uma blusa de gola alta de tricô, onde gotas d'água e flocos de neve cintilavam com a luz da recepção.

— Você está sozinha aqui, querida? Assim tão tarde da noite?

— Estou, eu... só queria saber se ele está aqui.

— Então vamos dar uma olhada. Qual o nome dele?

— Não sei.

— Você *não* sabe?

A criança abaixou a cabeça, parecia estar procurando alguma coisa no chão. Quando levantou a cabeça de novo, os olhos grandes e negros estavam cheios d'água e o lábio de baixo tremia.

— Não, ele... Mas ele *está* aqui.

— Mas, querida...

Maud sentiu alguma coisa se rompendo no peito e procurou se proteger atrás de uma ação; abaixou-se e apanhou um rolo de papel da última gaveta da escrivaninha, arrancou um pedaço e deu-o para a menina. Finalmente pôde dar alguma coisa, ainda que fosse apenas um pedaço de papel.

A menina assoou o nariz e secou os olhos de um jeito bem... adulto.

— Obrigada.

— Mas nesse caso eu não sei... qual é o problema dele?

— Ele é... a polícia o pegou.

— Mas então é melhor você procurar a polícia.

— Tudo bem, mas estão com ele aqui. Porque ele está doente.

— E que tipo de doença ele tem?

— Ele... eu só sei que a polícia está aqui com ele. Onde é que ele está?

— Provavelmente no último andar, mas lá a gente não pode entrar sem ter... combinado antes com eles.

— Eu só queria saber onde fica a janela dele, então eu podia... sei lá.

A menina começou a chorar de novo. Deu um nó tão forte na garganta de Maud que até doeu. A menina queria saber se ela podia ficar do lado de fora do hospital... na neve... olhando para a janela do pai lá em cima. Maud engoliu em seco.

— Mas posso telefonar, se você quiser. Tenho certeza de que você pode...

— Não. Tudo bem. Agora eu sei. Agora posso... Obrigada.

A menina saiu da recepção e foi para a porta giratória.

Santo Deus, quantas famílias destroçadas.

A menina desapareceu e Maud continuou sentada olhando para o ponto onde a criança sumira.

Alguma coisa estava errada.

Maud procurou se lembrar do rosto da garota, do modo como se movimentava. Alguma coisa não se encaixava, alguma coisa que... Maud precisou de meio minuto para detectar o que era. A menina estava sem sapatos.

Maud saiu em disparada da recepção e correu para a porta. Ela só podia deixar a recepção vazia sob circunstâncias muito especiais. Julgou que essa era uma dessas circunstâncias. Sapateou irritada enquanto tentava passar pela porta giratória, *vamos logo, vamos*, e saiu no estacionamento. A

menina não estava ao alcance da vista. O que ela deveria fazer? As autoridades do serviço social deviam ser contatadas; eles não haviam verificado se a menina tinha alguém que tomasse conta dela, era a única explicação. Quem era o pai dela?

Maud olhou ao redor do estacionamento sem encontrar a menina. Correu um pedaço que margeava o hospital, na direção do metrô. Nada da garota. No caminho de volta para a recepção, tentou resolver para quem iria telefonar, o que devia fazer.

Oskar estava deitado na cama esperando pelo Lobisomen. Seu peito fervia; de raiva, de desespero. Da sala de estar, ouvia as vozes exaltadas do pai e de Janne, misturadas com a música do toca-fitas. Os Irmãos Djup. Oskar não podia distinguir nenhuma palavra, mas conhecia a música de cor.

“Moramos fora da cidade, e assim que percebemos que precisávamos de alguma coisa na porqueira vendemos a louça de jantar e compramos um porco...”

Em seguida o grupo inteiro começava a imitar diversos animais de fazenda. Normalmente achava Os Irmãos Djup engraçados. Agora odiava o conjunto. Porque eles participavam. Cantavam sua musiquinha idiota para o pai e Janne enquanto os dois se embebedavam.

Ele sabia exatamente como ia ser.

Dali a mais ou menos uma hora, a garrafa estaria vazia e Janne iria para casa. Depois o pai ficaria dando voltas por um tempo na cozinha, andando de um lado para o outro, e por fim teria a ideia de que precisava falar com Oskar.

Ele entraria no quarto de Oskar e não seria mais o pai. Apenas uma massa desengonçada, fedendo a bebida, feita de sede de carinho e de sentimentalismo. Ia querer tirar Oskar da cama. Para conversar um pouco. Falar o quanto ainda amava a mãe, o quanto amava Oskar, será que Oskar

amava o pai? Com a língua enrolada, falaria sobre todas as injustiças cometidas contra ele e, no pior dos casos, se exaltaria e ficaria zangado.

Ele nunca batia, isso não. Mas o que acontecia com seus olhos nessas horas era a coisa mais sinistra que Oskar conhecia. Não sobrava nenhum vestígio do pai. Apenas um monstro que de algum modo entrara sorratamente no corpo dele e assumira seu comando.

A pessoa que o pai virava quando estava bêbado não tinha nenhuma relação com a pessoa que ele era quando estava sóbrio. Nessas horas era um consolo imaginar que o pai era um lobisomem. Que realmente abrigava um ser *completamente diferente* no corpo dele. Assim como a lua despertava o lobo no lobisomem, a bebida despertava esse ser no pai.

Oskar pegou um gibi do Bamse e tentou ler, mas não conseguiu se concentrar. Ele sentia-se... abandonado. Em breve estaria sozinho com o Monstro. E a única coisa que podia fazer era esperar.

Jogou o gibi na parede e se levantou da cama. Apanhou a carteira. Um tíquete de ônibus e dois bilhetes de Eli. Pôs os bilhetes um ao lado do outro na cama.

então, janela, que o dia entre no quarto e a vida fuja.

O coração.

até hoje à noite. eli.

E o outro.

ou parto, e vivo, ou morrerei ficando. da sua eli.

Vampiros não existem.

A noite era uma capa negra do lado de fora da janela. Oskar cerrou os olhos e pensou no caminho para Estocolmo, passou em disparada por casas, granjas, campos. Voou para o pátio do prédio em Blackeberg, entrou pela janela dela, e lá estava Eli.

Abriu os olhos, olhou para os retângulos pretos da janela. Lá fora.

Os Irmãos Djup tinham começado a cantar uma música sobre uma bicicleta com o pneu furado. O pai e Janne riram de alguma coisa, alto demais. Algo caiu no chão.

Com que monstro você fica?

Oskar enfiou os bilhetes de Eli de volta na carteira e se vestiu. Foi para o corredor na ponta dos pés e calçou os sapatos, vestiu o casaco e o gorro. Ficou parado no corredor durante uns segundos, ouvindo os sons da sala de estar.

Ele se virou para ir, mas viu alguma coisa e parou.

Em cima da sapateira estavam suas galochas velhas, que ele usava quando tinha uns quatro, cinco anos. Elas tinham estado ali o tempo todo, embora não houvesse ninguém que pudesse usá-las. Ao lado delas, as botas Tretorn enormes do pai, uma delas remendada no calcanhar com uma dessas fitas que a gente põe em pneu de bicicleta.

Por que ele tinha guardado as botas?

Oskar entendeu. Duas pessoas apareceram calçando as botas de costas para ele. As costas largas do pai e, ao lado dele, as costas estreitas de Oskar. O braço de Oskar estendido, a mão dele na do pai. Eles andavam de botas por um rochedo, talvez fossem colher framboesas, talvez...

Ele soluçou. O choro subiu à sua garganta. Esticou a mão para tocar nas galochas pequenas. Uma chuva de risos veio da sala. A voz de Janne, deformada. Devia estar imitando alguma coisa, ele era bom nisso.

Os dedos de Oskar se fecharam em torno do cano das botas. Isso. Não sabia por quê, mas sentiu que era a coisa certa a fazer. Oskar abriu com cuidado a porta, saiu e a fechou. A noite estava gelada, a neve era um mar de diamantes pequenos à luz da lua.

Segurando firmemente as botas, ele começou a ir para a rodovia.

* * *

O vigia dormia. Um policial jovem que foi alocado depois que os funcionários do hospital reclamaram sobre o fato de ter de ocupar uma pessoa o tempo todo só para vigiar Håkan. No entanto, a porta estava

trancada com uma fechadura de senha. Devia ser por isso que o guarda ousava dormir.

Apenas uma lâmpada estava acesa e Håkan estudava as sombras tremidas no teto como um homem saudável deitado na grama olhando para as nuvens. Procurava formas, figuras nas sombras. Não sabia se conseguiria ler, mas tinha muita vontade.

Eli estava fora de cena e o que dominara sua vida antes de conhecê-la estava voltando. Ele seria condenado a uma pena longa e durante esse tempo ia se dedicar a ler tudo o que não tinha lido e a reler tudo o que prometera reler.

Estava pensando em todos os títulos de Selma Lagerlöf quando um barulho interrompeu seus pensamentos. Aguçou os ouvidos. Alguma coisa arranhando. Vinha da janela.

Håkan virou a cabeça o máximo que pôde e olhou para o lado da janela. No fundo negro do céu surgiu uma sombra oval mais clara, iluminada pela luz do abajur. A mão de alguém. Acenou. A mão se arrastou pela janela e o som de arranhar que causava arrepio apareceu de novo.

Eli.

Håkan ficou agradecido por não estar acoplado a nenhum monitor de ecg na hora em que seu coração disparou. Começou a tremer como um pássaro numa rede. Viu o coração pular do peito e ir se arrastando pelo chão até a janela.

Entre, meu amado. Entre.

Mas a janela estava fechada e, mesmo que estivesse aberta, seus lábios não podiam formar as palavras que davam permissão para Eli entrar no quarto. Talvez pudesse fazer um gesto que significaria a mesma coisa, mas nunca entendera isso direito.

Posso?

Vacilante, Håkan desceu uma das pernas da cama, depois a outra. Pôs os pés no chão e tentou se levantar. As pernas não queriam carregar seu peso

depois de terem ficado imóveis durante dez dias. Ele se apoiou na cama, mas quase caiu de lado.

O tubo do soro foi esticado a ponto de puxar a pele onde estava fixado. Alguma espécie de alarme estava ligado ao tubo, um fio elétrico bem fino corria junto dele. Se ele arrancasse uma das pontas do tubo, o alarme disparava. Puxou o suporte do soro para deixar o tubo mais frouxo e virou-se para a janela. A sombra oval branca ainda estava ali, esperando por ele.

Tinha que dar um jeito.

O suporte do soro tinha rodinhas, a bateria do alarme estava parafusada logo abaixo da bolsa de soro. Tentou pegar o suporte, conseguiu alcançá-lo. Usando o suporte do soro como apoio, levantou-se devagar, bem devagar. O quarto oscilava diante do seu único olho na hora em que Håkan experimentou dar um passo. Parou. Aguçou os ouvidos. A respiração do guarda ainda estava serena.

Com passinhos de formiga, foi se arrastando pelo quarto. Assim que uma das rodas do suporte de soro rangeu, parou de orelha em pé. Alguma coisa lhe dizia que essa era a última vez que via Eli e ele não ia...

estragar tudo.

Estava exausto do esforço como se tivesse corrido uma maratona. Quando ele finalmente chegou à janela, pressionou tanto o rosto nela que a camada gelatinosa que cobria sua pele sujou o vidro e fez o rosto começar a queimar de novo.

Somente alguns centímetros de vidro duplo separavam seu olho dos olhos do amado. Eli passou a mão pelo vidro, como se acariciasse o rosto deformado. Håkan mantinha o olho o mais perto que podia dos olhos de Eli e, mesmo assim, sua vista começou a falhar, os olhos negros de Eli oscilaram, Håkan não os via mais claramente.

Ele partira do pressuposto de que o canal lacrimal estava destruído como o resto, mas não era bem assim. Lágrimas encheram seu olho e o deixaram cego. A pálpebra provisória não conseguia piscar para limpar as lágrimas e

ele passou com cuidado a mão ileso pelo olho enquanto seu corpo era sacudido por soluços silenciosos.

Sua mão procurou o trinco da janela. Girou-o. Escorria catarro do buraco que fora seu nariz; respingou no batente na hora que ele empurrou a janela.

Uma corrente de ar frio entrou no quarto. Era apenas uma questão de tempo e o guarda acordaria. Håkan estendeu o braço, a mão boa do outro lado da janela, na direção de Eli, que se levantou e ficou em cima da borda. Segurou a mão de Håkan e a beijou. Sussurrou: — Oi, meu caro.

Håkan balançou a cabeça lentamente para confirmar que ouvira. Soltou-se da mão de Eli e o acariciou no rosto. A pele era como seda congelada debaixo da sua mão.

Então tudo voltou.

Ele não iria apodrecer numa cela cercada de letras sem o menor sentido. Ser perseguido por outros prisioneiros por ter cometido aquilo que aos olhos deles era o pior dos crimes. Ia ficar com Eli. Ia...

Eli se inclinou para perto dele, encolhido na borda da janela.

— O que você quer que eu faça?

Håkan tirou a mão do rosto de Eli e apontou para o próprio pescoço.

Eli sacudiu a cabeça, negando.

— Então eu preciso... te matar. Depois.

Håkan tirou a mão do pescoço e o aproximou do rosto de Eli. Ficou um instante com o indicador encostado nos lábios de Eli. Em seguida tirou o dedo.

Apontou para o pescoço de novo.

A respiração de Oskar formava nuvens brancas ao sair da boca, mas ele não sentia frio. Depois de dez minutos, estava lá embaixo, perto do mercado. A lua o seguira desde a casa do pai, brincando de esconde-esconde por detrás do topo dos abetos. Oskar consultou o relógio. Dez e meia. Vira na tabela do corredor que o último ônibus de Norrtälje passava por volta de meia-noite e meia.

Atravessou o lugar aberto na frente do mercado, iluminado pelas lâmpadas das bombas de gasolina, e foi para o Kapellskärsvägen. Nunca pegara carona antes e a mãe ia subir pelas paredes se ficasse sabendo. Entrar no carro de gente estranha...

Começou a andar mais rápido, passando por umas casas iluminadas. Ali dentro havia pessoas no aconchego dos seus lares. Crianças dormindo em suas camas sem se preocupar se os pais iam entrar no quarto e acordá-las para falar besteira.

Quem tem culpa disso é meu pai, não eu.

Olhou para as botas que ainda estava segurando, jogou-as no canal e parou. As botas ficaram caídas ali; dois borrões escuros com a neve no fundo à luz da lua.

Nunca mais minha mãe vai me deixar vir para cá.

O pai ia descobrir que ele não estava em casa daqui a mais ou menos... uma hora. Depois ia procurar por ele, chamar por seu nome. Então ligaria para a mãe. Será? Provavelmente. Para saber se Oskar tinha ligado. A mãe perceberia que o pai estava bêbado assim que ele contasse que Oskar sumira e seria...

Espera aí. E se fosse assim.

Ao chegar em Norrtälje, ele ia ligar para o pai de uma cabine telefônica e dizer que tinha ido para Estocolmo, que dormiria na casa de um amigo e iria para casa no dia seguinte. Fingiria que não acontecera nada.

Então o pai levaria uma lição sem que virasse um drama.

Certo. E então...

Oskar desceu no canal e apanhou as botas, enrolou-as e enfiou-as no bolso do casaco. Continuou andando para a estrada. Agora tudo estava bem. Agora era Oskar quem decidia para onde ia, e a lua olhava de um jeito camarada para ele lá embaixo, iluminava seus passos. Levantou a mão para acenar e pôs-se a cantar.

“Eis Fritiof Andersson, está nevando no chapéu dele.”[8]

Não sabia mais a letra, então ficou cantarolando a melodia.

Depois de uns duzentos, trezentos metros, passou um carro. Ele já o ouvira de longe, então parou e levantou o polegar. O carro passou por ele, parou e deu marcha a ré. A porta do banco de carona se abriu; dentro do carro estava uma mulher, um pouco mais nova que a mãe dele. Nada do que ter medo.

— Oi. Para onde você vai?

— Estocolmo. Bem, Norrtälje.

— Eu vou para Norrtälje, então... — Oskar se aproximou do carro. — Ué, seus pais sabem que você está aqui?

— Sabem. Mas o carro do meu pai está quebrado e... bem, é isso.

A mulher olhou para ele; parecia estar pensando.

— Tudo bem, entre.

— Obrigado.

Oskar deslizou para o banco de carona e fechou a porta. Eles partiram.

— Você vai para o terminal de ônibus?

— Vou, obrigado.

Oskar se endireitou no assento e deleitou-se com o calor que começou a se espalhar por seu corpo, especialmente pelas costas. Devia ser um desses assentos elétricos. Não sabia que era tão fácil assim. Casas iluminadas passavam voando por ele.

Fiquem sentadinhos aí dentro.

Ele vai fazendo cantigas, vai fazendo música para a Espanha e... [9]

— Você mora em Estocolmo?

— Sim. Em Blackeberg.

— Blackeberg... fica a oeste, não é?

— Acho que sim. O nome é Västerort, [10] então deve ser isso.

— Sei. Tem alguma coisa importante te esperando?

— Tem.

— Deve ser algo muito especial para você viajar assim desse jeito.

— É. É sim.

Estava frio no quarto. As articulações do guarda estavam enrijecidas depois de tanto tempo numa posição desconfortável. Ele se espreguiçou produzindo um estalo, olhou de relance para o leito e acordou na mesma hora.

Não está lá... que frio... caramba!

O guarda levantou-se trôpego e olhou ao redor. Graças a Deus. O homem não fugira. Mas com que diabos ele tinha conseguido ir para a janela? E...

O que é isso?

O assassino estava em pé encostado no parapeito da janela com uma coisa negra em cima de um dos ombros. O traseiro nu do doente à mostra debaixo da camisola de hospital. O vigia deu um passo em direção à janela, parou e respirou fundo.

A coisa era uma cabeça. Dois olhos escuros cruzaram com os dele.

Ele apalpou à procura da arma, mas lembrou que não tinha nenhuma. Por motivo de segurança. A arma mais próxima estava no cofre lá fora no corredor. Além do mais: era só uma criança, ele viu agora.

— Você aí! Não se mexa!

Ele correu três passos até a janela e a cabeça da criança se ergueu do pescoço do homem.

No mesmo segundo em que o guarda chegou, a criança deu um salto para fora da borda da janela e desapareceu para cima. Seus pés ficaram balançando um instante na parte de cima da janela antes de sumirem.

Pés descalços.

O guarda enfiou a cabeça para fora da janela e conseguiu ver um corpo que foi para cima do teto, ficando fora do alcance da vista. O homem ao lado dele soltou um grunhido.

Oh, santo Deus!

O ombro e as costas da camisola estavam cheios de manchas pretas na luz fraca. A cabeça do homem estava dependurada e uma ferida recente brilhava no pescoço. Lá de cima do teto vinham batidas abafadas de alguma coisa andando por cima do telhado de chapa. Ele estava paralisado.

Prioridades. Quais eram as prioridades?

Ele não lembrava. Salvar vidas em primeiro lugar. Mas havia outras que podiam... correu para a porta, digitou a senha e saiu escorregando pelo corredor. Exclamou:

— Enfermeira! Enfermeira! Venha! Caso de emergência!

O guarda correu para as escadas de incêndio enquanto a enfermeira de plantão saía do seu posto e andava rapidamente para o quarto que ele acabara de deixar. Quando um passou pelo outro, ela perguntou: — Qual é o problema?

— Emergência. É uma... emergência. Traga mais pessoas para cá, é caso de... assassinato.

As palavras não queriam sair. Ele nunca presenciara algo desse tipo antes. Tinha sido alocado para essa função chata de vigia justamente porque *era* inexperiente. Dispensável, como se diz por aí. Enquanto corria para as escadas, pegou o rádio e chamou a central, pedindo reforço.

A enfermeira tentou se preparar para o pior; um corpo caído no chão numa poça de sangue. Pendurado num lençol amarrado na tubulação de água quente. Já tinha visto essas duas coisas.

Ao entrar no quarto, viu apenas uma cama vazia. E algo na janela. Primeiro achou que fosse uma trouxa de roupas que tivesse sido deixada no parapeito da janela. Depois viu que a trouxa se mexia.

Correu até a janela para impedir, mas o homem já tinha ido bem longe. Já estava em cima do parapeito, a meio caminho de se jogar janela abaixo, quando ela se pôs a correr. Conseguiu chegar a tempo de segurar um pedaço da camisola de hospital antes de o corpo do homem rolar janela fora. O tubo do soro foi arrancado do braço dele. Um zás, e em seguida ali estava ela

com um pedaço de pano azul na mão. Depois de alguns segundos, ela ouviu um baque distante, um som abafado na hora que o corpo encontrou o chão. Depois o *bip* do alarme no suporte do soro.

O motorista de táxi parou na frente da emergência. O senhor no banco de trás, que durante a viagem inteira de Jakobsberg para lá o divertira com histórias sobre seus problemas cardíacos, abriu a porta do carro e ficou sentado esperando, com pose de exigência.

Tudo bem, tudo bem.

O motorista abriu a porta, deu a volta, foi até a parte traseira do carro e estendeu um braço para apoiar o velho. A neve caía-lhe pelo pescoço, entrando em seu casaco. Na hora em que o velho estava prestes a lhe dar o braço, seu olhar se fixou em algum lugar lá em cima no céu e ele continuou sentado.

— Vamos lá. Eu seguro o senhor.

O velho apontou para cima. — O que é aquilo?

O motorista olhou para onde o outro tinha apontado.

Uma pessoa no teto do hospital. Uma pessoa pequena. Com o peito nu e os braços estendidos bem juntos do corpo.

Ia pedir socorro.

Ele devia comunicar pelo rádio. Mas ficou parado, incapaz de se mexer. Se ele se mexesse, alguma espécie de equilíbrio seria perturbado e a criaturinha cairia de lá de cima.

Sua mão doeu quando o velho a agarrou com dedos que pareciam garras e enterrou-lhe as unhas na palma. Ainda assim, ele não se mexeu.

A neve caiu em seus olhos e ele pestanejou. A criatura lá em cima do teto abriu os braços e os dirigiu para cima da cabeça. Alguma coisa se esticou entre os braços e o corpo; uma capa... membrana. O velho puxou a mão do motorista, levantou-se do carro e ficou do lado dele.

Ao mesmo tempo que o ombro do velho roçou o seu, a criaturinha... a criança... jogou-se de lá de cima. Ele prendeu a respiração e os dedos do

velho se enterraram em sua mão de novo. A criança se jogou lá do alto na direção deles.

Instintivamente, os dois se agacharam e puseram os braços em cima da cabeça.

Não aconteceu nada.

Ao olharem para cima de novo, a criança sumira. O motorista conferiu ao redor, mas tudo o que havia para se ver no espaço aéreo era a neve caindo nos postes de luz. O velho roncou ao respirar.

— O anjo da morte. Era o anjo da morte. Nunca mais vou sair daqui.

Sábado, 7 de novembro (madrugada)

— Habba-Habba soudd-soudd!

A turma de garotos e meninas entrara cantando no metrô na estação Hötorget. Deviam ter a idade de Tommy. Estavam bêbados. Os garotos davam berros de vez em quando, jogavam-se por cima das garotas e elas riam, afastando os meninos. Depois eles se puseram a cantar de novo. A mesma música, várias vezes. Oskar olhou furtivamente para o grupo.

Nunca vou ser assim.

Infelizmente. Ele bem que queria. Eles pareciam se divertir. Mas Oskar nunca poderia ser daquele jeito, fazer o que os garotos faziam. Um deles ficou de pé no assento e cantou alto: “A Huleba- Huleba, A-ha-Huleba...”.

Um coroa que estava cochilando no assento de deficientes físicos na outra ponta do carro exclamou: — Abaixem o volume! Estou tentando dormir.

Uma das meninas levantou o dedo médio e mostrou-o ao coroa.

— Lugar de dormir é em casa.

A turma toda riu e começou a cantar de novo. Num banco longe deles, um homem estava lendo um livro. Oskar abaixou a cabeça para poder ver o título, mas só conseguiu ler o nome do autor: Göran Tunström. Ninguém que ele conhecia.

No quadrado de assentos perto de Oskar estava sentada uma senhora com uma bolsa no colo. Falava sozinha baixinho, gesticulava para um interlocutor invisível.

Oskar nunca tinha andado de metrô depois das dez horas da noite. Será que essas eram as mesmas pessoas que durante o dia ficavam sentadas em silêncio olhando para a frente, lendo jornais? Ou esse era um grupo especial, que só aparecia de madrugada?

O homem com o livro virou a página. Estranhamente, Oskar não trouxera nenhum livro. Uma pena. Queria ser como aquele homem, ficar lendo um livro, esquecer tudo ao redor. Mas só tinha o walkman e o cubo. Ia ouvir a fita do Kiss que ganhou do Tommy, já tinha tentado no ônibus, mas se cansou depois de algumas músicas.

Tirou o cubo da mochila. Três faces estavam resolvidas. Apenas um pedacinho de nada faltava na quarta face. Eli e ele tinham jogado uma noite com o cubo, conversado sobre como se resolvia o quebra-cabeça e depois disso Oskar tinha ficado melhor. Olhou para todas as faces do cubo, tentou elaborar uma estratégia, mas viu apenas o rosto de Eli na sua frente.

Que cara ela vai fazer?

Não estava com medo. Estava mergulhado numa sensação de que... bem... de que ele não podia estar ali, a essa hora, não podia fazer o que estava fazendo agora. Isso não existia. Não era ele.

Eu não existo e ninguém pode me machucar.

Ele telefonara para o pai de Norrtälje e o pai tinha chorado ao telefone. Dissera que ia ligar para alguém que podia buscar Oskar. Era a segunda vez na vida que Oskar ouvia o pai chorar. Por um breve instante, Oskar amoleceu. Mas quando o pai começou a se exaltar e a gritar dizendo que precisava viver a vida dele e fazer o que tinha vontade na própria casa, Oskar bateu o telefone.

Foi então que isso começou de verdade, aquela sensação de que ele não *existia*.

A turma de meninos e meninas desceu em Ängbyplan. Um dos garotos se virou e exclamou dentro do vagão:

— Durmam bem, caros... caros...

Ele não encontrava a palavra certa e uma das meninas o puxou. Um segundo antes de as portas se fecharem, ele se soltou dela e correu para o vagão, segurou uma das portas e exclamou:

— ... senhores passageiros! Durmam bem, senhores passageiros!

Ele largou a porta e o metrô começou a andar. O homem que lia baixou o livro e olhou para os jovens na plataforma. Depois se virou para Oskar e o olhou nos olhos. E sorriu. Oskar lhe lançou um sorriso fugaz e fingiu em seguida concentrar a atenção no cubo.

No peito uma sensação de que... fora aprovado. O homem tinha olhado para ele e enviado o pensamento *Está tudo bem. Tudo o que você está fazendo está certo.*

Mesmo assim, não teve mais coragem de olhar para o homem. Parecia que ele *sabia*. Oskar deu uma pequena girada no cubo e virou-o de volta.

Além do próprio Oskar, houve duas pessoas que saltaram em Blackeberg, dos outros vagões. Um garoto mais velho que ele não conhecia e um sujeito vestido no estilo *rockabilly*, que parecia bastante bêbado. O cara foi tropegamente para perto do garoto mais velho e exclamou:

— Psiu! Você tem um cigarro?

— *Sorry*, eu não fumo.

O cara pareceu ter ouvido apenas a negação em si, pois arrancou uma moeda de dez coroas do bolso e acenou com o dinheiro. — Dez coroas! Só *unzinho*.

O garoto sacudiu a cabeça e continuou andando. O cara ficou em pé com o corpo balançando e, quando Oskar passou por ele, levantou a cabeça e disse: “Você aí!”. Mas em seguida apertou os olhos, focou o olhar em Oskar e sacudiu a cabeça: “Nada. Não é nada, não. Vá em paz, *brother*”.

Oskar continuou subindo as escadas para o hall da estação. Queria saber se por acaso o cara ia mijar na parte elétrica dos trilhos agora. O garoto mais velho desapareceu pela porta da saída. A não ser pelo caixa do metrô, Oskar estava sozinho no hall da estação.

Tudo era bem diferente de madrugada. A loja de fotografia, a floricultura e as lojas de roupas que se encontravam dentro da estação estavam apagadas. Bem silencioso. O relógio na parede mostrava que passava das duas. Ele devia estar na cama agora. Dormindo. Devia pelo menos estar com sono. Mas não. Estava tão cansado que era como se o corpo estivesse cheio de buracos, mas eram cavidades preenchidas com eletricidade. Sem sono.

Uma porta lá na plataforma bateu com violência e ele ouviu a voz do *rockabilly* que vinha lá de baixo: “E curvem-se, homens da lei com capacetes e cassetetes”.[\[11\]](#)

A mesma música que ele tinha cantado. Oskar deu uma risada e começou a correr. Atravessou correndo as portas, desceu a ladeira para a escola, passou por ela, pelo estacionamento. Começara a nevar de novo e os flocos grandes de neve faziam furos no calor do seu rosto. Olhou para cima enquanto corria. A lua ainda o acompanhava, aparecia e sumia brincando de esconde-esconde por entre os prédios.

No pátio, ele parou e recuperou o fôlego. Quase todas as janelas estavam apagadas, mas não é que havia uma luzinha fraca por trás das persianas do apartamento de Eli?

Que cara ela vai fazer?

Ele subiu a ladeira e olhou de relance para a própria janela apagada. Lá dentro estava o Oskar de sempre, dormindo. O Oskar... antes de Eli. Com a Bola do Mijo na cueca. Ele não usava mais a bola, não era mais necessário.

Abriu o portão do prédio e atravessou os corredores do porão para chegar à portaria dela, *não* parou para ver se ainda havia alguma mancha no chão. Apenas passou adiante. Ele não existia, agora. Oskar não tinha mãe,

nem pai, nem uma vida anterior, estava apenas... aqui. Continuou e entrou na portaria, subiu.

De pé no patamar da escada, ficou olhando para a porta gasta de madeira, a placa sem o nome do morador. *Atrás desta porta.*

Ele tinha imaginado que correria escada acima e tocaria a campainha. Em vez disso, sentou-se no penúltimo degrau da escada, perto da porta.

E se *ela* não o quisesse aqui?

De qualquer jeito, havia sido ela quem se escondera dele. Talvez ela o mandasse embora, dissesse que queria ficar em paz, que ela...

O depósito do porão. De Tommy e dos outros garotos.

Ele podia dormir lá, no sofá. Não é possível que eles ficassem lá de madrugada, certo? Então podia se encontrar com Eli na noite seguinte, como sempre.

Não vai ser como sempre.

Ele não tirava os olhos da campainha. Não seria como antes. Algo devia ser feito. Como fugir, pegar carona, ir para casa de madrugada para mostrar que aquilo era... importante. O que dava medo nele *não* era o fato de que ela talvez fosse uma criatura que se alimentava do sangue das pessoas. Mas era a possibilidade de que ela fosse rejeitá-lo.

Ele apertou a campainha.

Um barulho desafinado veio de dentro do apartamento e parou quando ele soltou o botão. Continuou sentado, esperando. Tocou de novo, um sinal mais demorado. Nada. Nenhum som.

Ela não estava em casa.

Oskar ficou sentado na escada enquanto a decepção se afundava como uma pedra em seu estômago. E de repente se sentiu cansado, muito, muito cansado. Levantou-se lentamente e desceu as escadas. No meio do caminho, teve uma ideia. Idiota, mas ainda assim. Foi até a porta de Eli de novo e, com sinais curtos e longos da campainha, soletrou o nome dela no código morse.

Curto. Pausa. Curto, longo, curto, curto. Pausa. Curto, curto. E... L...
I...

Esperou. Nada do outro lado. Ele tinha se virado para ir embora quando ouviu a voz dela.

— Oskar? É você?

E foi assim que aconteceu, apesar de tudo; que a alegria veio como um foguete que soltaram em seu peito e explodiu saindo pela boca com uma resposta em voz alta:

— Sim!

Para ter alguma coisa que fazer, Maud Carlberg foi apanhar uma xícara de café na sala atrás da recepção e sentou-se em seu posto com a luz apagada. Devia ter saído do plantão uma hora atrás, mas a polícia lhe pedira que esperasse.

Alguns homens sem farda de policial estavam passando um pincel com uma espécie de pó pelo caminho onde a menina andava de pés descalços.

O policial que a interrogou sobre a aparência da garota, e o que ela tinha dito e feito, não foi amável. O tempo todo Maud teve a impressão de que a voz dele insinuava que a recepcionista fez algo errado. Mas como é que ela podia saber?

Henrik, um dos vigias que frequentemente tinha o mesmo plantão noturno que ela, foi até a recepção e apontou para a xícara de café.

— Para mim?

— Se você quiser.

Henrik apanhou a xícara de café, tomou um gole e ficou contemplando o hall. Além dos que estavam passando o pincel no chão, havia um policial uniformizado falando com um motorista de táxi.

— Muito movimento hoje à noite.

— Não entendi nada. Como é que ela conseguiu *subir até lá*?

— Não sei. Eles devem estar investigando isso. Parece que ela subiu pela parede.

— Mas não é possível.

— É.

Henrik apanhou um saquinho com balas de alcaçuz do bolso e lhe ofereceu. Maud negou sacudindo a cabeça e Henrik apanhou três balas, enfiou-as na boca e encolheu os ombros se desculpando.

— Parei de fumar. Ganhei quatro quilos em duas semanas. — O vigia fez uma careta. — Argh, um horror. Você devia ter visto o cara.

— O cara... o assassino?

— É. Respingou por toda parte... na parede toda lá fora. E o rosto... caramba... Se é para se matar algum dia, é melhor tomar pílulas. Imagine ser médico-legista e precisar...

— Henrik.

— Que foi?

— Dá para parar?

Eli estava em pé com a porta aberta. Oskar, sentado na escada. Numa das mãos, ele segurava com força a alça da mochila, como se estivesse preparado para ir embora a qualquer instante. Eli pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha. Estava com um aspecto bem saudável. Uma menininha, insegura. Ela abaixou os olhos, olhou para as mãos e disse em voz baixa: — Quer entrar?

— Quero.

Eli balançou a cabeça de um modo quase imperceptível e trançou os dedos. Oskar continuou sentado na escada.

— Posso... entrar?

— Pode.

O capeta tomou conta de Oskar. Ele disse: — Diga que eu posso entrar.

Eli levantou a cabeça, fez sinal de que ia dizer alguma coisa, mas não disse. Começou a fechar um pouco a porta, depois parou. Pisou com os pés descalços, e então disse:

— Você pode entrar.

Ela se virou e entrou no apartamento. Oskar foi atrás e fechou a porta. Pôs a mochila no corredor, tirou o casaco e o pendurou numa chapeleira com ganchos onde não havia nada.

Eli estava em pé na porta da sala, de braços caídos. Estava só de calcinha e com uma camiseta vermelha onde se lia Iron Maiden, escrito em cima de um desenho do esqueleto-monstro que aparecia nos discos do grupo. Oskar achou que reconheceu a camiseta. Tinha visto essa peça de roupa no lixo uma vez. Será que era a *mesma*?

Eli examinava os próprios pés sujos.

— Por que você disse isso?

— Foi você quem disse isso.

— É mesmo. Oskar...

Ela hesitou. Oskar ficou parado onde estava, com a mão no casaco que acabara de pendurar. Ele olhou para o casaco na hora que perguntou:

— Você é um vampiro?

Ela passou os braços em volta do corpo e sacudiu devagar a cabeça.

— Eu... me alimento de sangue. Mas eu não sou... isso aí.

— Qual é a diferença?

Ela olhou bem dentro dos olhos dele e disse, um pouco mais alto:

— É uma diferença enorme.

Oskar viu como os dedos dos pés de Eli se contraíam, relaxavam e se contraíam. As pernas nuas eram muito magras e onde a camiseta acabava dava para ver a ponta de uma calcinha branca. Ele fez um gesto para ela. — Você está tipo... *morta*?

Ela sorriu pela primeira vez desde que ele chegara.

— Não. Não dá para perceber?

— Bem, é que... você sabe... você já morreu alguma vez?

— Não. Mas já faz muito tempo que estou viva.

— Você é *velha*?

— Não. Tenho doze anos. Mas faz tempo que estou com essa idade.

— Então você é velha. Por dentro. Na cabeça.

— Não. Não sou. Isso é a única coisa que eu acho que é bem estranha. Não consigo entender. Por que é que eu nunca... de algum modo... fico com mais de doze anos.

Oskar pensou, alisando a manga do casaco.

— Talvez porque você *tenha* essa idade.

— Como assim?

— Bem... Você não pode entender por que você só tem doze anos, porque você só tem doze anos.

Eli franziu as sobrancelhas. — Você está querendo dizer que eu sou burra?

— Não. Mas um pouco lerda. Como as criancinhas costumam ser.

— Sei. Como vai indo o cubo?

Oskar bufou, olhou bem nos olhos dela e lembrou aquilo com suas pupilas. Agora elas estavam normais, mas *tinham ficado* um pouco esquisitas, não tinham? Ainda assim... era demais. Não dava para acreditar.

— Eli. Você está inventando isso tudo, não é?

Eli alisou o esqueleto-monstro na barriga e deixou a mão parar no meio da boca arreganhada do monstro.

— Você ainda quer fazer um pacto comigo?

Oskar deu meio passo atrás.

— Não.

Eli levantou os olhos para ele. Triste, quase de um modo acusador.

— Não *desse jeito*. Você entende muito bem... que...

Ela parou de falar. Oskar completou em seu lugar.

— Que, se você quisesse me matar, já teria feito isso há muito tempo.

Eli assentiu. Oskar deu mais meio passo atrás. Com que rapidez ele podia sair pela porta? Será que devia deixar a mochila? Eli não parecia perceber sua aflição, sua vontade de fugir. Oskar parou, os músculos retesos.

— Eu vou ficar... contaminado?

Ainda com os olhos pregados no monstro em sua barriga, Eli sacudiu a cabeça. — Eu não quero contaminar *ninguém*. Especialmente você.

— E o que é isso? O pacto?

Ela levantou a cabeça para a direção onde achou que Oskar estava, mas descobriu que ele não estava ali. Hesitou. Então se aproximou de Oskar e segurou a cabeça dele com as mãos. O menino não relutou. O rosto de Eli estava... inexpressivo. Ausente. Mas nenhum sinal daquela cara que ele tinha visto no porão. A ponta dos dedos da menina roçaram suas orelhas. Uma calma percorreu serenamente o corpo de Oskar.

Pode acontecer.

Aconteça o que tiver que acontecer.

A cara de Eli estava a vinte centímetros do rosto dele. Seu hálito era esquisito, tinha o mesmo cheiro do depósito onde o pai guardava coisas de ferro-velho. Isso. Ela cheirava a... ferrugem. A ponta de um dedo acariciou a orelha dele. Ela sussurrou: — Estou sozinha. Ninguém sabe. Você quer?

— Quero.

Ela aproximou rapidamente seu rosto do dele, fechou os lábios em volta do seu lábio superior e o segurou apertando de leve, bem de leve. Os lábios da menina eram quentes e secos. A saliva correu para dentro da boca de Oskar e, quando ele fechou os próprios lábios no lábio inferior dela, este ficou úmido, mais macio. Devagar, um sentiu o gosto dos lábios do outro, deixaram que um deslizasse no outro e Oskar desapareceu numa escuridão quente que foi clareando aos poucos, e se transformou num salão grande, no salão de um castelo onde havia no centro uma mesa comprida cheia de comida, e Oskar...

... corre para as iguarias, começa a comê-las com as mãos. Em volta dele há outras crianças, grandes e pequenas. Todas comem a comida da mesa. Na ponta da mesa, está sentado um... homem?... uma mulher...

Uma pessoa com algo que parece uma peruca. Uma cabeleira enorme cobre-lhe a cabeça. A pessoa está segurando um copo, cheio de um líquido

vermelho-escuro, sentada confortavelmente na cadeira. Molha os lábios na bebida e acena com a cabeça para Oskar de modo encorajador.

Eles não param de comer. No outro lado do salão, encostados na parede, Oskar vê pessoas em trajes pobres que acompanham preocupadas o que acontece ao redor da mesa. Uma mulher com um lenço marrom cobrindo os cabelos está com as mãos bem trançadas em cima da barriga e Oskar pensa “Mãe”.

Em seguida, ouve-se o tilintar de um copo e a atenção se volta para o homem na ponta da mesa. Ele se ergue. Oskar tem medo do homem. Sua boca é pequena, os lábios finos, vermelhos de um jeito artificial. Seu rosto é branco que nem giz. Oskar sente o caldo de carne escorrer pelo canto da boca, um pedacinho de carne está bem na frente da sua boca, Oskar passa a língua nele.

O homem segura no alto um saquinho de couro. Com um gesto elegante, ele desamarra a corda em volta do saquinho e deixa cair em cima da mesa dois dados grandes e brancos. Ecoa na sala quando os dados rolam e param. O homem apanha os dados; mostra-os para Oskar e para as outras crianças.

O homem abre a boca para dizer alguma coisa, mas, nesse instante, o pedacinho de carne cai da boca de Oskar e...

Os lábios de Eli soltaram os dele, ela largou sua cabeça e deu um passo atrás. Apesar de ter se assustado com aquilo, Oskar tentou reaver a imagem do salão do castelo, mas ela sumiu. Eli olhou interrogativa para ele. Oskar esfregou os olhos e balançou a cabeça.

— Então é verdade.

— É.

Eles ficaram assim um tempo, calados. Em seguida, Eli disse: — Quer entrar?

Oskar não respondeu. Eli puxou a camiseta, levantou as mãos e as deixou cair.

- Eu nunca vou machucar você.
 - Eu sei disso.
 - Em que você está pensando?
 - Essa camiseta. Ela é do lixo?
 - ... é.
 - Você a lavou?
- Eli não respondeu.
- Você é um pouquinho porca, sabia?
 - Eu posso trocar de roupa, se você quiser.
 - O.k. Então troque.

Ele já tinha lido sobre o homem no carrinho, debaixo do lençol. O assassino ritual.

Benke Edwards já transportara na maca todo tipo de gente por esses corredores, para a geladeira. Homens e mulheres de todas as idades e de todos os tamanhos. Crianças. Não havia maca especial para crianças e poucas coisas faziam Benke sentir-se tão mal quanto os espaços vazios que sobravam na maca quando ele levava uma criança; a criaturinha debaixo do pano branco parecia espremida na cabeceira da maca. O pé da maca vazio, o pano liso. Essa superfície era a própria imagem da morte.

Mas a pessoa que ele transportava agora era um homem adulto e, como se não bastasse, uma celebridade.

Ele conduzia a maca pelos corredores silenciosos. O único som que se ouvia era o barulho das rodas de borracha rangendo no piso de linóleo. Aqui o chão estava marcado com cores diferentes. Quando chegava um visitante aqui, sempre vinha acompanhado de alguém do hospital.

Benke ficou esperando do lado de fora do hospital enquanto a polícia tirava fotografias do cadáver. Algumas pessoas da imprensa estavam com câmeras do lado de fora de uma área interdita, tirando fotos do hospital com flashes fortes. No dia seguinte as fotos estariam no jornal, completadas com uma linha pontilhada que mostraria como o homem caíra.

Uma celebridade.

O bolo debaixo do lençol não indicava nada disso, era igual a todos os outros. Ele sabia que o homem parecia um monstro, que seu corpo se arreventara como um balão d'água ao bater no chão congelado, e Benke estava agradecido por haver o lençol. Debaixo do lençol somos todos iguais.

Ainda assim, com certeza muitas pessoas ficariam aliviadas pelo fato de justamente esse bolo de carne sem vida ter sido levado para a câmara frigorífica a fim de ser transportado para a incineração quando os médicos-legistas terminassem com ele. O homem tinha uma ferida no pescoço que chamara a atenção do fotógrafo da polícia, que quis fotografá-la.

Mas será que isso tinha alguma importância?

Benke via a si mesmo como uma espécie de filósofo. Certamente tinha a ver com sua profissão. Já vira tanta coisa, a *verdadeira* face do ser humano, que no final desenvolveu uma teoria, e ela era bem simples.

— Tudo está no cérebro.

Sua voz ecoou nos corredores vazios quando estacionou a maca na frente da porta da câmara frigorífica, digitou a senha e abriu a porta.

É. Tudo está no cérebro. Desde o começo. O corpo era só uma espécie de unidade de serviço que o cérebro era obrigado a arrastar para se manter vivo. Mas tudo está ali desde o começo, no cérebro. E a única forma de modificar uma pessoa dessas que estava agora debaixo do lençol seria operar seu cérebro.

Ou desligá-lo.

A fechadura que devia manter a porta aberta por dez segundos depois de a senha ser digitada ainda não tinha sido consertada e Benke teve de segurar a porta com uma das mãos enquanto apanhava com a outra a cabeceira da maca e a puxava para dentro da câmara frigorífica. A maca foi de encontro ao batente da porta e Benke praguejou.

Se fosse lá na cirurgia, já teriam consertado a porta num piscar de olhos.

Então ele viu uma coisa estranha.

Logo abaixo e à esquerda da elevação que era a cabeça do homem havia uma mancha amarronzada no pano. A porta se fechou atrás deles, quando Benke se debruçou para olhar de perto. A mancha crescia lentamente.

Ele está sangrando.

Benke não era o tipo de pessoa que se assustava facilmente. Além do mais, esse tipo de coisa já acontecera antes. Provavelmente alguma espécie de acúmulo de sangue no crânio que foi liberada quando a maca bateu no batente da porta.

A mancha no pano crescia.

Benke foi para um armário de primeiros socorros e apanhou uma fita cirúrgica e gaze. Sempre achara estranho um armário desses num lugar como aquele, mas ele se destinava aos casos em que alguém *vivo* se machucava ali dentro; se prendesse o dedo numa maca ou algo semelhante.

Com a mão em cima do pano logo acima da mancha, ele criou coragem. É claro que não tinha medo de cadáveres, mas esse tinha um aspecto tenebroso. E Benke era obrigado a pôr o curativo nele. Iria receber uma bronca se um monte de sangue sujasse a câmara frigorífica.

Então engoliu a seco e puxou o lençol.

O rosto do homem desafiava qualquer descrição. Era impossível entender como ele tinha *vivido* uma semana com um rosto daqueles. Não existia ali nada que pudesse ser reconhecido como humano a não ser uma orelha e um... olho.

Não podiam ter fechado o olho... com uma fita?

O olho estava aberto. É claro. Mal havia pálpebra para fechá-lo. E estava tão lesado que parecia haver cicatrizes lá dentro, no branco do olho.

Benke desviou do olhar do morto e se concentrou no que tinha a fazer. A origem da mancha parecia ser aquela ferida na garganta.

Um *plof* suave e Benke olhou rapidamente ao redor. Merda. De qualquer jeito, ele devia estar um pouco nervoso. Mais um *plof*. Vinha dos seus pés.

Olhou para baixo. Uma gota d'água caiu da maca e aterrissou em seu sapato. *Plof.*

Água?

Ele investigou a ferida no pescoço do homem. Uma poça se formara embaixo dela e escorria pelo metal da maca.

Plof.

Tirou o pé do lugar. Mais uma gota caiu no chão de lajotas.

Plof.

Benke tocou com o indicador na poça e roçou-o no polegar. Não era água. Era algum líquido viscoso, transparente e escorregadio. Cheirou os dedos. Nada que ele conhecesse.

Quando Benke olhou para o chão branco, viu que uma poça se formara ali. Mas o líquido não era transparente, era levemente rosa. Parecia aquele sangue de bolsas de transfusão. O material que sobra quando os glóbulos vermelhos se depositam no fundo.

Plasma.

O homem sangrava plasma.

Como isso podia ser possível era algo que os especialistas teriam de esclarecer amanhã, na verdade, hoje. Seu trabalho era apenas fazer o líquido parar de escorrer, para não lambuzar ali dentro. Queria ir para casa agora. Entrar debaixo dos lençóis pertinho da esposa adormecida, ler algumas páginas do livro *Den vedervärdige mannen från Säffle*[\[12\]](#) e depois dormir.

Benke dobrou a gaze fazendo uma compressa grossa e pressionou-a na ferida. Como iria fazer a fita ficar colada? Aliás, o que restava do pescoço do homem estava tão dilacerado que era difícil encontrar pontos onde a pele estivesse inteira para prender a fita. Vai ser assim mesmo. Queria ir para casa agora. Arrancou umas tiras compridas de fita, fez um trabalho de patchwork em zigue-zague no pescoço do morto sobre o qual ele seria interrogado mais tarde, mas, cacete.

Ele era zelador, não cirurgião.

Quando a compressa estava no lugar, limpou a maca e o chão. Depois empurrou a maca com o cadáver para a sala quatro e esfregou as mãos uma na outra. Pronto. Um trabalho bem-feito e uma história para contar no futuro. Enquanto conferia o local pela última vez e apagava as luzes, já começou a elaborar as réplicas.

Sabem aquele assassino que caiu do último andar? Fui eu quem cuidou dele depois da queda e, quando levei a maca com ele para o frigorífico, vi uma coisa estranha...

Benke pegou o elevador e subiu para seu escritório, lavou as mãos minuciosamente, trocou de roupa e jogou o jaleco no cesto de roupa suja ao sair. Desceu para o estacionamento, sentou-se no carro e fumou calmamente um cigarro antes de dar a partida. Depois de apagar o cigarro no cinzeiro, que estava realmente na hora de ser esvaziado, girou a chave de ignição.

O carro empacou, como sempre quando estava frio ou úmido. Mas sempre funcionava. Só precisava fazer um pouco de birra. Quando na terceira tentativa o som de *vah-vah* se transformou num ronco gago de motor, ele se lembrou.

O sangue não coagulava.

É. Aquilo que escorreu do pescoço do homem não iria coagular debaixo da compressa. Iria encharcar o curativo e depois continuar escorrendo pelo chão... e quando abrissem a porta, daqui a algumas horas...

Merda!

Tirou a chave da ignição, enfiou-a com raiva no bolso e saiu do carro, de volta para o hospital.

A sala de estar não estava tão vazia quanto o corredor e a cozinha. Ali havia um sofá, uma poltrona e uma mesa grande com um monte de coisas miúdas em cima. Três caixas de mudança estavam empilhadas uma sobre a outra perto do sofá. Uma luminária de pé espalhava uma luz amarelada e suave sobre a mesa. Mas isso era tudo. Nada de tapetes, quadros ou

televisão. Cobertores grossos estavam pendurados na frente das janelas do cômodo.

Parece uma prisão. Uma prisão grande.

Oskar deu um assobio, para experimentar. Isso mesmo. Fez eco, mas não muito. Provavelmente por causa dos cobertores. Pôs a mochila junto da poltrona. O clique que fez quando a parte de baixo da bolsa bateu no chão duro de linóleo foi mais acentuado, um lugar desabitado.

Ele tinha começado a olhar as coisas que estavam em cima da mesa quando Eli saiu do cômodo ao lado, agora vestida numa camisa social grande demais. Oskar abriu a mão, mostrando a sala de estar.

— Vocês estão de mudança?

— Não. Como assim?

— Só queria saber.

Vocês?

Como é que ele não tinha pensado nisso antes? Oskar passou os olhos pelas coisas em cima do tampo da mesa. Tudo aquilo parecia brinquedo. Brinquedos antigos.

— Aquele sujeito que morava aqui antes. Ele não *era* seu pai, era?

— Não.

— Ele também era...?

— Não.

Oskar balançou a cabeça e olhou ao redor da sala de novo. Era difícil imaginar que alguém podia *morar* assim. A não ser que...

— Você é tipo... pobre?

Eli foi para perto da mesa, apanhou uma coisa que parecia ser um ovo preto e a entregou a Oskar. Ele se inclinou para a frente e segurou a coisa debaixo da luminária para poder enxergar melhor.

A superfície do ovo era áspera e, quando Oskar olhou mais de perto, viu centenas de voltas complicadas de fios dourados que atravessavam o ovo. Ele era pesado, como se fosse feito de algum tipo de metal. Oskar virou o ovo de um lado para o outro, viu que os fios dourados estavam inseridos em

fendas na superfície do ovo. Eli foi para junto de Oskar, que sentiu de novo aquele cheiro... o cheiro de ferrugem.

— Qual é o valor disso, o que você acha?

— Não sei. Vale muito?

— Há somente dois deles no mundo inteiro. Se a gente tivesse os dois, seria possível vendê-los e comprar... talvez uma usina nuclear.

— É...?

— É, sei lá. Quanto custa uma usina nuclear? Cinquenta milhões?

— Acho que custa... bilhões.

— Sei. Bem, nesse caso acho que não dá.

— E o que você ia fazer com uma usina nuclear?

Eli deu uma risada.

— Segure o ovo com as duas mãos. Assim. Faça uma concha em volta do ovo. E agora deixe-o rolar nelas.

Oskar fez o que Eli dissera. Fez o ovo rolar com cuidado dentro das mãos em forma de concha e sentiu que ele... estourou, espalhou-se na palma da mão. Ele resfolegou e tirou a mão que estava em cima. O ovo era agora apenas centenas... milhões de cacos na mão dele.

— Desculpe! Eu fui *cuidadoso*, eu...

— Shhh! É assim que é. Tome cuidado para não perder nenhum pedaço. Despeje tudo aqui.

Eli apontou para uma folha de papel branca em cima da mesinha de centro. Oskar prendeu a respiração na hora que tirou cuidadosamente os caquinhos cintilantes da mão. Cada pedacinho era menor do que uma gota d'água e Oskar teve que passar os dedos na palma da outra mão para fazer todos os pedaços caírem no papel.

— Mas ele quebrou.

— Aqui. Olhe só.

Eli puxou a luminária para mais perto da mesa e concentrou a luz débil em cima do monte de pedacinhos de metal. Oskar se inclinou e olhou. Um pedaço, não muito maior que um carrapato, estava sozinho junto do monte

e, quando ele olhou bem de perto, pôde ver que o pedaço tinha entradas em alguns lados, saliências com formato de lâmpada quase microscópicas em outros. Oskar entendeu.

— É um quebra-cabeça.

— Isso.

— Mas... você pode montar o ovo de novo?

— Acho que sim.

— Deve levar uma eternidade.

— É.

Oskar olhou para os outros pedaços espalhados ao lado do monte. Pareciam ser idênticos ao primeiro pedaço, porém, olhando mais atentamente, viu que havia pequenas variações. As entradas não estavam exatamente no mesmo lugar, as saliências tinham outro ângulo. Viu também um pedaço que tinha *um* lado liso a não ser por uma moldura de ouro da espessura de um fio de cabelo. Um pedaço da parte de fora do ovo.

Ele desabou numa das poltronas.

— Eu ia ficar maluquinho.

— Imagine a pessoa que *fabricou* isso.

Eli revolveu os olhos e pôs a língua para fora de um jeito que ficou igual ao anão Dunga. Oskar riu. Ha-ha. O som parou e reverberou nas paredes. Local desabitado. Eli sentou-se no sofá com as pernas cruzadas, olhava... cheia de expectativa para ele. Oskar desviou os olhos e contemplou o tampo da mesa, uma paisagem em ruínas feita de brinquedos.

Desabitada.

De repente se sentiu cansado daquele jeito de novo. Ela não era “sua namorada”, não podia ser. Era... outra coisa. Havia uma distância grande entre eles que não dava para... fechou os olhos, recostou-se na poltrona e o negro atrás das pálpebras era o espaço que os separava.

Ele cochilou e entrou num sonho de um instante.

O espaço entre eles estava cheio de insetos feios e pegajosos que voavam para cima dele e, quando os bichos se aproximaram, Oskar viu que

tinham dentes. Sacudiu a mão para afastá-los, e acordou. Eli estava sentada no sofá olhando para ele.

— Oskar. Eu sou um ser humano, igualzinho a você. Pense só que eu... tenho uma doença muito rara.

Oskar balançou a cabeça.

Um pensamento queria chegar. Alguma coisa. Uma situação. Ele não conseguiu apanhá-lo. Soltou. Mas nessa hora veio aquele outro pensamento, o que dava medo. De que Eli só *estava fingindo*. Que dentro dela havia uma pessoa velhíssima sentada olhando para ele, alguém que sabia de tudo, que se ria dele às escondidas.

Não dá.

Para fazer alguma coisa, ele vasculhou a mochila até achar o walkman e tirou uma fita de lá. Leu “Kiss: *Unmasked*”, virou a fita cassete, “Kiss: *Destroyer*”, e pôs a fita de volta no lugar.

Eu devia ir para casa.

Eli se inclinou para a frente no sofá.

— O que é isso?

— Isso? Um walkman.

— É para... ouvir música?

— É.

Ela não sabe nada. Ela é superinteligente e não sabe nada. O que é que ela faz de dia? Dorme, é claro. Onde está seu caixão? Isso. Ela nunca dormia quando estava lá em casa. Só ficava deitada na minha cama esperando o dia clarear. Ou parto, e vivo...

— Posso testar?

Oskar lhe entregou o walkman. Ela apanhou o aparelho e parecia não saber o que fazer, mas em seguida pôs os fones no ouvido e olhou interrogativa para ele. Oskar apontou para os botões.

— Aperte nesse onde está escrito “play”.

Eli inspecionou os botões e apertou o play. Oskar sentiu uma espécie de calma. Isso era uma coisa normal; tocar a música favorita para um amigo.

Ele queria saber se Eli ia gostar do Kiss. Ela apertou o play. Oskar ouviu da poltrona o retumbar vibrante, o arranhar baixinho da guitarra, da bateria, da voz. Ela tinha apertado no meio de uma das músicas mais pesadas.

Os olhos de Eli ficaram arregalados, ela soltou um grito de dor e Oskar ficou tão chocado que caiu de costas. A poltrona balançou, quase caiu para trás enquanto ele via Eli tirar os fones do ouvido com tanta força que os fios foram arrancados. Ela atirou tudo para longe, pôs as mãos nos ouvidos e os esfregou.

Oskar estava sentado de queixo caído. Olhando para os fones que tinham voado na parede. Levantou-se e os apanhou. Totalmente destruídos. Os dois fios tinham se despregado dos fones. Ele os depositou em cima da mesa e se afundou na poltrona de novo.

Eli destapou os ouvidos.

— Desculpe, eu... é que doeu muito.

— Não faz mal.

— É caro?

— Não.

Eli desceu a caixa de mudança que estava no alto, enfiou a mão lá dentro e apanhou algumas cédulas. Entregou-as para Oskar.

— Pode ficar com isso.

Ele pegou o dinheiro e contou as notas. Três de mil e duas de cem. Sentiu uma coisa semelhante a medo, olhou para a caixa de papelão de onde ela tinha tirado o dinheiro, para Eli, para as cédulas.

— Eu... só custou cinquenta coroas.

— Fique com elas de qualquer jeito.

— Mas é que... foram só os fones que quebraram e eles...

— Fique com o dinheiro. Estou pedindo...

Oskar hesitou, depois enfiou as notas, amassando tudo, dentro do bolso das calças enquanto fazia contas. Devia ser mais ou menos *um ano* de trabalho aos sábados... vinte e cinco mil folhas distribuídas. Cento e

cinquenta horas. Mais que isso. Uma fortuna. As notas incomodavam um pouco no bolso.

— Obrigado.

Eli assentiu e tirou da mesa alguma coisa que parecia ser um emaranhado de nós embolados, mas que era provavelmente um quebra-cabeça. Oskar ficou olhando enquanto ela mexia nos nós. O pescoço curvado, os dedos magros e compridos que passavam pelas pontas dos fios. Ele pensou em tudo o que ela lhe dissera. Sobre seu pai, a tia na cidade, a escola que frequentava. Tudo aquilo era mentira.

E de onde ela tirou todo esse dinheiro? Surrupiou?

O que ele sentiu era tão incomum que primeiro não entendeu o que era. Começou com uma espécie de formigamento na pele, depois foi entrando pelas carnes, e atirou em seguida um arco afiado e frio que subiu do estômago para a cabeça. Ele estava... zangado. Não estava desesperado nem com medo. Zangado.

Porque ela tinha mentido e aliás... *de quem* ela surrubiara esse dinheiro? De alguém que ela...? Ele cruzou as mãos em cima da barriga e se recostou.

— Você mata as pessoas...

— Oskar...

— Se isso aqui for verdade, então você precisa matar gente. Roubar o dinheiro delas.

— Eu *ganhei* esse dinheiro.

— Você só mente. O tempo todo.

— É verdade.

— O que é verdade? Que você mente?

Eli largou o emaranhado de nós em cima da mesa, olhou para ele com olhos desesperados e abriu as mãos. — O que você quer que eu faça?

— Me dá uma prova.

— De quê?

— De que... você é quem diz ser.

Ela ficou olhando um bom tempo para ele. Em seguida sacudiu a cabeça.

— Não quero.

— Por que não?

— Adivinhe.

Oskar se afundou ainda mais na poltrona. Sentiu debaixo da palma da mão o bolinho que as notas formavam no bolso das suas calças. Viu diante dele a pilha de anúncios. Que chegou hoje de manhã. Que seria distribuída antes da terça. Um cansaço cinza em seu corpo. Tudo cinza na cabeça. Raiva. “Adivinhe.” Mais uma brincadeira. Mais uma mentira. Queria sair dali. Dormir.

O dinheiro. Ela me deu dinheiro para eu ficar.

Ele se levantou da poltrona, tirou o bolo amassado de notas do bolso e pôs tudo em cima da mesa, com exceção de uma nota de cem. Guardou-a no bolso e disse: — Vou para casa.

Ela se esticou para a frente e agarrou o pulso dele. — Não vá. Por favor.

— Por quê? Se você só mente.

Ele tentou se afastar dela, mas Eli segurou ainda mais seu pulso.

— Me solta!

— Eu não sou nenhum monstro de circo!

Oskar trincou os dentes e disse calmamente. — Solta.

Ela não soltou. Um arco frio de raiva começou a pressionar o peito de Oskar, a zunir, e ele se jogou em cima dela. Foi para cima da garota e a empurrou para trás no sofá. Ela não pesava quase nada e ele a encostou no braço do sofá, sentou-se atravessado em seu peito enquanto o arco se esticou, tremeu e lançou pontinhos pretos na frente dos seus olhos na hora que ele levantou a mão e deu um tapa com bastante força no rosto dela.

Um *clatch* nítido reverberou nas paredes e a cabeça dela foi jogada para o lado, gotas de saliva voaram da boca de Eli e a mão de Oskar ficou quente quando o arco se quebrou, ficou em pedaços e a raiva desapareceu.

Ele estava sentado em cima do peito da garota, olhando confuso para a cabecinha de perfil com o preto do sofá no fundo enquanto uma flor grande

de vermelhidão desabrochava na bochecha onde ele batera. Ela estava imóvel, de olhos abertos. Oskar esfregou as mãos no rosto.

— Desculpe. Desculpe. Eu...

De repente, Eli se virou, tirou Oskar de cima dela e o jogou para cima do encosto do sofá. Ele tentou agarrar seus ombros, mas não conseguiu, acabou agarrando seu quadril e ela terminou com a barriga bem na sua cara. Ele a jogou para longe, virou-se e um ficou tentando agarrar o outro.

Eles rolaram de um lado para o outro no sofá, lutavam. Com os músculos retesos e muita seriedade. Mas com cuidado, para que ninguém saísse machucado. Enroscaram-se um no outro, um encontrão na mesa.

Pedaços do ovo negro foram parar no chão, soando como uma chavinha fina que cai num teto de chapa de metal.

Ele não se preocupou em subir para apanhar o jaleco, pois seu plantão já terminara.

Estou no meu tempo livre e só faço isso aqui para me divertir.

Podia pegar um dos jalecos extras dos médicos-legistas pendurados na câmara frigorífica se estivesse... lambuzado lá dentro. O elevador chegou, ele entrou e apertou o botão do Porão 2. O que ele iria fazer se fosse isso? Telefonar e ver se alguém da emergência podia descer para dar pontos? Não havia nenhum regulamento para esse tipo de coisa.

Provavelmente o sangramento, ou sabe-se lá que nome a coisa tinha, devia ter parado, mas ele era obrigado a conferir. Do contrário, não ia dormir de noite. Só ia ficar deitado ouvindo aquele pinga-pinga.

Sorriu para si mesmo ao sair do elevador. Quantas pessoas normais conseguiriam resolver um negócio desses sem ficar de perna bamba? Não muitas. Estava bem satisfeito consigo mesmo porque ele... bem, cumpria com o dever. Era responsável.

Vai ver que eu não sou normal, é isso.

E isso não podia ser negado: havia alguma coisa nele que *esperava*... bem, que o sangramento tivesse continuado; que ele precisasse ligar para a

emergência, que houvesse um pouco de confusão. Por mais que quisesse ir para casa e dormir. Já que seria uma história melhor, era só isso.

É, ele não devia ser normal. Com cadáveres, ele não tinha nenhum problema, máquinas com cérebros apagados. O que, por outro lado, podia deixá-lo um pouco paranoico eram esses *corredores*.

Só de pensar nessa rede de túneis dez metros abaixo do solo, nos salões e cômodos vazios que eram uma espécie de unidade administrativa do Inferno. Tudo grande. Tudo silencioso. Tudo vazio.

Os cadáveres são a própria encarnação da saúde em comparação com isso.

Ele digitou a senha e apertou por força do hábito o botão de abrir a porta, que apenas respondeu com um clique inútil. Teve de empurrar a porta e entrou na câmara frigorífica. Pôs um par de luvas de borracha.

O que é isso?

O homem que ele deixara coberto com um lenço estava nu agora. O pênis do morto estava ereto, apontava torto. O lençol estava jogado no chão. Os brônquios de Benke, lesados de tanto cigarro, apitaram quando ele respirou fundo.

O homem não estava morto. Não. Ele não estava morto... já que se mexia.

Devagar, como se estivesse sonhando, ele se virou na maca. Suas mãos procuravam às cegas no ar e Benke deu instintivamente um passo para trás quando uma delas — que nem sequer parecia a mão de uma pessoa — passou rente pelo rosto dele. O homem tentou se levantar, mas caiu de volta na maca de aço. O olho solitário olhava para a frente sem pestanejar.

Um som. O homem emitiu um som.

— Eeeeeeeee...

Benke passou a mão no rosto. Alguma coisa acontecera com sua pele. A mão dele estava... olhou para ela. As luvas de borracha.

Atrás da mão, ele viu o homem tentar se levantar mais uma vez.

Que diabos eu vou fazer?

O homem caiu de novo na maca, produzindo um baque molhado. Algumas gotas daquele líquido respingaram no rosto de Benke, que tentou limpá-lo com a luva, mas só acabou espalhando ainda mais.

Puxou um pedaço da camisa e se limpou com ela.

Dez andares. Ele caiu do décimo andar.

O.k. O.k. Você tem uma situação séria aqui. Trate de resolvê-la.

Se o homem não estava morto, devia pelo menos estar morrendo. Precisava de atendimento médico.

— Eeeeeeee...

— Eu estou aqui. Vou ajudar você. Vou levá-lo para a emergência. Tente não se mexer que eu vou...

Benke se aproximou do homem e pôs as mãos no corpo relutante. A mão que não estava deformada se estendeu e agarrou o pulso de Benke. Merda, apesar de tudo ele era bem forte. Benke se viu obrigado a usar as duas mãos para se soltar do homem.

A única coisa que havia para pôr em cima do homem para aquecê-lo era o lençol funerário. Benke pegou três deles e os jogou em cima do corpo, que se revirava o tempo todo como uma minhoca de isca enquanto emitia aquele som. Benke se inclinou sobre o homem, que se acalmara um pouco depois que Benke pusera os cobertores em cima dele.

— Agora vou levar você para a emergência o mais rápido possível, certo? Tente ficar quieto.

Ele empurrou a maca para a porta e lembrou, apesar das circunstâncias, que o mecanismo que abria a passagem não estava funcionando. Deu a volta na cabeceira da maca e abriu a porta. Olhou para a cabeça do homem lá embaixo. Desejou não ter feito isso.

A boca, que não era uma boca, estava se abrindo.

O tecido da ferida cicatrizado pela metade se rasgou, produzindo um barulho igual àquele de quando a gente arranca pele de peixe. Algumas tiras de pele vermelho-clara não quiseram se romper, esticaram-se quando o buraco na parte inferior do rosto se expandiu, e continuou se expandindo.

— aaaaaa!

O berro ecoou pelos corredores vazios e o coração de Benke começou a bater mais forte.

Não se mexa! Fique calado!

Se ele estivesse segurando um martelo agora, seria grande o risco de ter batido naquela massa repugnante e trêmula com o olho vidrado, onde as tiras de pele na cavidade bucal se rompiam nesse instante como se fossem elásticos esticados em demasia, e Benke pôde ver os dentes do homem brilhando, brancos, no meio de todo aquele fluido vermelho e marrom que era seu rosto.

Benke deu a volta e foi para o pé da maca de novo. Começou a empurrar a maca pelos corredores, em direção ao elevador. Andava rápido, quase corria, morto de medo de o homem se retorcer e acabar caindo da maca.

Os corredores se estendiam sem fim diante dele, como num pesadelo. É. Era como um pesadelo. Todos os pensamentos acerca de “uma boa história” tinham sumido. Benke só queria chegar lá em cima onde havia outras pessoas, pessoas *vivas* que podiam libertá-lo desse monstro gritando em cima da maca.

Chegou ao elevador e apertou o botão, visualizando o caminho para a emergência. Mais uns cinco minutos e ele estaria lá.

Quando estivesse lá em cima, no térreo, haveria outras pessoas que podiam ajudar. Mais dois minutos e ele estaria no mundo real de novo.

Ande, merda de elevador!

Benke olhou para o elevador e cerrou os olhos, e depois os abriu de novo. O homem tentou dizer alguma coisa, em voz baixa. Fez um gesto para Benke se aproximar. Então ele estava consciente.

Benke foi para junto da maca e se debruçou sobre o homem. — Como? O que foi?

A mão agarrou de repente o pescoço do zelador e puxou sua cabeça para baixo. Benke perdeu o equilíbrio e caiu em cima do homem. A mão

segurava o pescoço de Benke com uma força descomunal quando sua cabeça foi puxada para baixo, para o... buraco.

Ele tentou se segurar na barra de metal da cabeceira da maca para se soltar, mas sua cabeça foi virada e os olhos dele pararam apenas a uns centímetros da compressa encharcada em cima do pescoço do homem.

— Me larga, seu...

Um dedo foi enfiado no ouvido dele e Benke *ouviu* os ossos se partindo no canal auditivo na hora que o dedo se enterrou lá dentro, afundando-se ainda mais. Benke deu um chute e, quando sua canela bateu no metal da parte de baixo da maca, finalmente gritou.

Em seguida os dentes se cravaram na bochecha dele e o dedo no ouvido entrou tão fundo que alguma coisa se apagou, alguma coisa se apagou e... ele desistiu.

A última coisa que ele viu foi a compressa molhada diante dos seus olhos mudando de cor, ficando vermelho-clara enquanto o homem comia o rosto dele.

A última coisa que ele ouviu foi um

plim

quando o elevador chegou.

Eles estavam deitados um ao lado do outro, suando, com a respiração ofegante. O corpo de Oskar estava todo dolorido, exausto. Ao bocejar, ele abriu tanto a boca que seu maxilar estalou. Eli bocejou também. Oskar virou a cabeça para ela.

— Pare com isso.

— Desculpe.

— Você *não* está com sono, certo?

— Não estou.

Oskar se esforçava para manter os olhos abertos, falava quase sem mexer os lábios. O rosto de Eli começou a ficar turvo, irreal.

— Como você faz? Para conseguir sangue?

Eli ficou olhando para ele. Por bastante tempo. Em seguida decidiu alguma coisa e Oskar viu que algo começou a se mexer dentro das bochechas da garota, dos seus lábios, como se ela remexesse a língua de lá para cá ali dentro. Depois abriu os lábios e arreganhou a boca.

E ele viu os dentes dela. Eli fechou a boca de novo.

Oskar virou a cabeça para o outro lado e olhou para o teto, onde um fio de teia de aranha cheio de poeira caía do lustre sem uso. Ele nem sequer tinha forças para ficar surpreso. Então, o.k. Ela era um vampiro. Mas disso ele já sabia.

— Vocês são muitos?

— Nós quem?

— Você sabe.

— Não, eu não sei.

Os olhos de Oskar iam de um lado para o outro no teto, tentando encontrar mais teias de aranha. Achou duas. Acreditou ver uma aranha passeando numa das teias. Ele piscou. Piscou de novo. Os olhos estavam cheios de areia. Nada de aranha.

— E como é que eu devo chamar você? Isso que você é.

— Eli.

— E por acaso é *esse* seu nome?

— Quase.

— Então qual é seu nome?

Uma pausa. Eli se afastou um pouco dele, foi para mais perto do encosto do sofá e se virou, ficando de lado.

— Elias.

— Mas isso é nome de... menino.

— É.

Oskar fechou os olhos. Não aguentava mais. As pálpebras tinham se grudado no globo dos olhos. Um buraco negro começou a crescer, a envolver seu corpo todo. Uma sensação vaga e gotejante, bem lá no fundo

da cabeça, de que devia dizer alguma coisa, fazer alguma coisa. Mas ele não tinha forças.

O buraco negro implodiu em câmera lenta. Ele foi sugado para a frente, para dentro, deu uma cambalhota devagar lá no espaço sideral, ali dentro do sono.

Bem longe, ele sentiu alguém acariciando um rosto. Não conseguiu elaborar o pensamento de que era seu próprio rosto, já que ele sentia isso. Mas em algum lugar, num planeta bem distante, alguém acariciava de leve o rosto de alguém.

E isso era bom.

Depois só havia estrelas.

QUARTA PARTE

Lá vem a companhia do duende!

*Lá vem a companhia do duende
Daqui não escapa nenhuma gente.
Bamse na floresta de duendes*

Domingo, 8 de novembro

A ponte de Traneberg. Ao ser inaugurada em 1934, era um pequeno orgulho nacional. A maior ponte de cimento de um só arco *do mundo*. Um único arco potente construído entre Kungsholmen e um Västerort que naquela época se compunha de cidadezinhas feitas de casas com jardim em Bromma e Äppelviken. Casas da época do movimento das moradias pequenas feitas de partes pré-fabricadas em Ängby.

Mas o que era moderno estava por vir. Os primeiros subúrbios de verdade com prédios de três andares já estavam prontos em Traneberg e Abrahamsberg e o Estado comprara vastas extensões de terra a oeste para começar a construir dentro de alguns anos aquilo que viria a ser Vällingby, Hässelby e Blackeberg.

A ponte de Traneberg virou uma ligação. Quase todo mundo que entra ou sai de Västerort passa por essa ponte.

Já nos anos 1960, houve alertas de que a ponte estava se degradando aos poucos devido ao tráfego intenso que a sobrecarregava. Ela foi reformada e reforçada várias vezes, mas a grande reforma e reconstrução de que as pessoas falavam de vez em quando ainda estava por acontecer num futuro distante.

Então, na manhã de domingo do dia 8 de novembro de 1981, a ponte parecia cansada. Uma anciã saciada com a vida que ruminava triste sobre os tempos em que o céu era mais claro, as nuvens, mais leves e quando ela era a maior ponte de cimento de um só arco *do mundo*.

A neve começara a derreter de manhãzinha e a lama escorria pelas rachaduras da ponte. As pessoas não tinham coragem de jogar sal ali, já que isso podia corroer ainda mais o cimento de idade avançada.

Não havia muito trânsito a essa hora, especialmente no domingo de manhã. O metrô não funcionava mais e os poucos motoristas que passavam

por ali queriam muito ir para a cama ou voltar para ela.

Benny Melin era uma exceção nesse ponto. Está bem, é claro que ele começava a querer chegar logo em casa para se deitar, mas provavelmente estava feliz demais para poder dormir.

Oito vezes ele tivera encontros com diversas mulheres através de anúncios de jornal, mas Betty, com quem ele combinara de se encontrar no sábado à noite, foi a primeira... bem, a primeira que “bateu” com ele.

Ia dar em alguma coisa. Os dois sabiam disso.

Eles tinham rido juntos de como seria ridículo: “Benny e Betty”. Parecia uma espécie de casal de comediantes, mas o que eles podiam fazer? E se tivessem filhos, que nome iam dar a eles? Lenny e Netty?

É, eles tinham mesmo passado um ótimo tempo juntos. Ficaram conversando no apartamento dela em Kungsholmen sobre seus mundos, tentando combinar os dois, e o resultado foi satisfatório. Já de manhãzinha havia apenas duas alternativas para o que eles iam fazer *agora*.

E Benny fizera o que achou ser a coisa certa, embora não tivesse sido tão fácil assim. Ele se despedira com a promessa de que se veriam de novo no domingo à noite. Sentou-se no carro e foi dirigindo para casa em Brommaplan, cantando alto sozinho “I can’t help falling in love with you”.

Então Benny não era alguém que estivesse com energia sobrando para se lamentar, nem sequer notar, o estado deplorável da ponte de Traneberg nessa manhã de domingo. Pois ela representava a ponte para o paraíso, para o amor.

Ele acabara de chegar ao final da ponte no lado de Traneberg e começou a cantar o refrão talvez pela décima vez quando o vulto azul surgiu na luz do farol, no meio da pista.

Benny só teve tempo de pensar: *Não freie!*, e em seguida tirou o pé do acelerador, deu uma virada brusca no volante, para a esquerda, quando havia mais ou menos cinco metros entre ele e o homem. Benny conseguiu avistar um roupão azul e um par de pernas brancas antes de a lateral do carro bater na barreira de cimento entre as duas pistas.

O barulho do carro arranhando no cimento foi tão alto que ele ficou temporariamente surdo quando o veículo foi se arrastando espremido na barreira. O espelho retrovisor foi arrancado e voou para longe e a porta do lado de Benny foi comprimida a ponto de encostar em seu quadril, e depois o carro foi jogado na pista de novo.

Ele tentou controlar a derrapagem, mas o carro escorregou para o outro lado e bateu na grade de proteção da passagem para pedestres. O outro espelho retrovisor foi arrancado e jogado para longe e acabou atravessando a grade da ponte enquanto refletia no céu as luzes da construção. Ele freou com cuidado e a próxima derrapagem foi mais branda; o carro apenas roçou na barreira de cimento.

Depois de uns cem metros, conseguiu parar o carro. Benny respirou aliviado; ficou sentado sem se mexer com as mãos no colo e o motor ainda ligado. Um gosto de sangue na boca: ele tinha se mordido nos lábios.

Mas que maluco é esse?

Olhou no retrovisor e pôde ver na luz amarelada da pista a criatura caminhando à frente com seu andar cambaleante, no meio da pista, como se nada tivesse acontecido. Benny ficou zangado. Um louco, claro, mas tudo tinha limite.

Tentou abrir a porta do assento, mas foi impossível. A fechadura tinha sido amassada. Retirou o cinto de segurança e foi se arrastando para o lado do carona. Antes de conseguir se desembaraçar do carro, acionou o pisca alerta. Ficou ao lado do carro de braços cruzados, esperando.

Viu que a pessoa que atravessava a ponte trajava uma espécie de camisola de hospital e nada mais. Pés descalços, pernas nuas. Benny ia tentar ter *algum tipo* de conversa racional com ele.

Ele?

A pessoa se aproximou. Os pés nus faziam respingar lama e neve derretida, ele andava como se houvesse um fio preso em seu peito, um fio que o puxava de um modo implacável. Benny deu um passo em sua direção

e parou. O homem devia estar agora a uns dez metros dele e Benny pôde ver nitidamente o... rosto dele.

Benny respirou fundo e se apoiou no carro. Em seguida entrou rapidamente pela porta do carona, engatou a primeira marcha e saiu dali tão rápido que as rodas traseiras espierraram neve e provavelmente sujaram... aquela coisa na pista.

Já em casa, ele se serviu de uma dose cavalariça de uísque e bebeu a metade. Em seguida ligou para a polícia. Contou o que tinha visto, o que acontecera. Depois de ter bebido o que restava do uísque, pensou em ir para a cama apesar de tudo. A patrulha de busca já trabalhava a todo vapor.

A busca foi feita por todo o bosque de Judarn. Cinco cachorros, vinte policiais. Inclusive um helicóptero, o que não era comum nesses tipos de ação.

Um homem ferido e desorientado. Apenas um policial com cachorro podia tê-lo apanhado.

Mas as proporções aumentaram em parte porque o caso estava na mira da imprensa (dois oficiais foram designados para cuidar exclusivamente dos jornalistas que se agruparam em volta da estufa de Weibull perto da estação de metrô Åkeshov) e a polícia queria mostrar que não economizava esforços nessa manhã de domingo.

Em parte porque Benke Edwards foi encontrado.

Isto é, partiu-se do pressuposto de que era Benke Edwards, já que aquilo que foi encontrado carregava um anel de casamento com o nome "Gunilla" gravado nele.

Gunilla era a esposa de Benke, os colegas de trabalho dele sabiam. Ninguém tinha coragem de telefonar para ela. De contar que seu marido estava morto e que mesmo assim não tinham certeza de que se tratava dele. De perguntar se por acaso *ela* sabia de algum sinal especial... na parte de baixo do corpo dele.

O médico-legista, que tinha chegado às sete da manhã para examinar o cadáver do assassino ritual, recebeu uma outra tarefa. Se tivesse sido apresentado ao que restava de Benke Edwards sem ter conhecimento das circunstâncias, teria imaginado se tratar de um corpo que ficou ao ar livre por um ou mais dias numa temperatura bem fria.

Durante esse tempo, o corpo teria sido violado por ratos, raposas, talvez carcajus e ursos, se a palavra “violar” fosse adequada nesse contexto quando se trata de um animal que comete tal ato. Em todo caso, predadores de grande porte teriam arrancado pedaços da vítima de um modo semelhante e roedores de pequeno porte teriam tomado conta das partes protuberantes como nariz, orelhas e dedos.

O relatório rápido e preliminar do médico-legista que foi encaminhado para a polícia era o outro motivo de a busca acontecer numa escala tão grande. O homem era descrito como alguém extremamente violento, na linguagem oficial.

Louco de pedra, na boca do povo.

O fato de o homem estar vivo era nada mais nada menos que um milagre. Não um milagre do tipo que o Vaticano gostaria de celebrar com o turíbulo de incenso, mas, ainda assim, um milagre. Antes da queda do décimo andar, ele era um vegetal, agora estava em pé, andando e mais que isso.

Mas ele não podia *estar bem*. É verdade que o tempo tinha ficado mais ameno, mas fazia apenas poucos graus acima de zero e o homem estava de camisola de hospital. Ele não tinha nenhum cúmplice, até onde a polícia sabia, e simplesmente não conseguiria continuar escondido no bosque por mais de algumas horas, no máximo.

O telefonema de Benny Melin chegara quase uma hora depois de ele ter visto o homem na ponte de Traneberg. Mas, apenas alguns minutos mais tarde, veio a ligação de uma senhora.

Ela fizera seu passeio matutino na companhia do cachorro quando viu um homem com roupa de hospital nas proximidades dos estábulos de

Åkershov, onde ficavam as ovelhas do rei durante o inverno. Foi para casa imediatamente e telefonou para a polícia, pois pensou que os animais podiam estar em perigo.

Dez minutos mais tarde, a primeira patrulha chegara ao local e a primeira coisa que os policiais fizeram foi inspecionar os estábulos de revólver em punho, nervosos.

As ovelhas tinham ficado tensas e, antes de a polícia ter examinado todas as instalações do estábulo, uma multidão de corpos cheios de lã e indignados, juntamente com balidos altos e gritos quase humanos, foi o que atraiu mais policiais para o local.

Durante a vistoria dos currais, uma série de ovelhas fugiu pelo corredor e, quando os policiais finalmente puderam constatar que o homem não estava nos estábulos e deixaram as instalações com o ouvido ensurdecido, uma ovelha fugiu sorrrateiramente porta afora. Um policial mais velho que tinha agricultores na família se jogou por cima do animal e pegou a ovelha pelos chifres, arrastando o bicho de volta para os estábulos.

Foi só depois de ter rebocado a ovelha para o curral que o policial entendeu que os flashes fortes que vira de soslaio durante a ação eram flashes de fotos. Julgou erroneamente que o assunto era sério demais para a imprensa querer fazer uso de uma foto dessas. Logo depois, instalou-se uma base para os jornalistas, fora da área de busca.

Agora eram sete e meia da manhã e a aurora chegava aos poucos sob árvores que pingavam de neve. A caçada ao louco solitário estava bem organizada e a toda a velocidade. Tinha-se certeza de que ele seria pego antes da hora do almoço.

Bem, ainda demorariam algumas horas sem nenhum resultado dos helicópteros com sensores de calor e dos focinhos sensíveis dos cães para que as suspeitas de que o homem talvez não estivesse mais vivo tomassem vulto. De que era um cadáver o que se estava procurando.

Quando a primeira luz pálida do amanhecer penetrou pelos vãos das persianas e bateu na palma da mão de Virginia parecendo uma lâmpada muito quente, ela só queria uma coisa: morrer. Mesmo assim, tirou a mão e se encolheu ainda mais no canto da sala.

Sua pele estava aberta em mais de trinta lugares. Havia sangue por todo canto no apartamento.

Repetidas vezes de madrugada ela cortara artérias para beber, mas não conseguiu sugar e fazer curativo em tudo que escorreu. O sangue acabava caindo no chão, na mesa, nas cadeiras. Parecia que alguém tinha abatido um cabrito montês no tapete grande de lã da sala.

A satisfação e o alívio diminuían cada vez mais a cada ferida nova que ela abria, a cada gole que tomava do próprio sangue cada vez mais ralo. Lá pela aurora, Virginia era uma massa que gemia de abstinência e angústia. Angústia por saber o que precisava ser feito se quisesse continuar a viver.

O entendimento tinha vindo aos poucos, e se transformou em certeza. O sangue de outra pessoa a deixaria... boa. E ela não conseguia se suicidar. Vai ver que nem mesmo era possível; os cortes que ela fizera com a faca de frutas cicatrizaram tão rápido que não era natural. Por mais que cortasse fundo e com força, parava de sangrar dentro de um minuto. Depois de uma hora, a cicatriz já começava a aparecer.

Além do mais...

Ela tinha sentido uma coisa.

Foi de manhã, quando estava sentada na cozinha, sugando uma ferida na dobra do braço, a segunda no mesmo lugar, que Virginia penetrou fundo no próprio corpo e a avistou.

A contaminação.

É claro que ela não a viu, mas de repente teve uma percepção abrangente do que *era* aquilo. Era como estar grávida e ver um ultrassom do próprio ventre, ver na tela o que havia dentro da barriga; não uma criança, mas uma cobra grande se contorcendo. Ver que era isso que se estava carregando.

Pois o que ela vira naquele instante é que a contaminação tinha uma vida própria, uma força motriz própria, totalmente independente do seu corpo. Que a contaminação podia viver, mesmo que ela não vivesse. A mãe morreria com o choque do ultrassom, mas ninguém notaria nada, já que a cobra começaria, em vez dela, a controlar o corpo.

Por isso suicídio não adiantava nada.

A única coisa que a contaminação parecia temer era a luz do sol. A luz pálida na mão tinha causado mais dor que as feridas mais profundas.

Durante muito tempo, ela ficou sentada encolhida no canto da sala de estar, vendo como a luz da aurora por trás das persianas desenhava uma grade no tapete manchado. Pensou no neto, Ted. Como ele costumava engatinhar no chão para o lugar onde o sol da tarde batia e depois se deitava e adormecia na poça de luz com o polegar na boca.

A pele nua, macia, a pele fininha que a gente só precisava...

que pensamentos são esses?!

Virginia deu um pinote e ficou olhando com olhos vazios à frente. Tinha visto Ted, e imaginara como...

NÃO!

Ela socou a própria cabeça. Não parou de bater até a imagem se desfazer. Mas nunca mais poderia ver o neto. Nunca mais poderia se encontrar com *ninguém* que ela amasse.

Nunca mais vou poder me encontrar com alguém que eu amo.

Virginia obrigou o corpo a se endireitar e se arrastou lentamente para a grade de luz. A contaminação protestou e queria fazê-la recuar, mas ela era mais forte, ainda tinha controle sobre o próprio corpo. A luz fazia seus olhos arderem, os riscos da grade queimavam suas córneas como fios de aço em brasa.

Queime! Queime tudo!

Seu braço direito estava cheio de cicatrizes, de sangue pisado. Ela estendeu o braço na luz.

Não conseguiria imaginar.

Aquilo que a luz fizera com ela no sábado foi uma carícia. Agora se acendeu a chama de uma solda, cujo foco era sua pele. Depois de um segundo, a pele ficou branca que nem giz. Depois de dois segundos, começou a soltar fumaça. Depois de três segundos, apareceu uma bolha, que ficou preta e estourou, fazendo um chiado. Depois de quatro segundos, ela arrancou o braço dali e foi se arrastando, chorando, para dentro do quarto.

O fedor de carne queimada envenenava o ar; ela não tinha coragem de olhar para o braço ao subir se contorcendo na cama.

Vou descansar.

Apesar das persianas fechadas, havia luz demais no quarto. Embora se tapasse com a coberta, Virginia se sentia desprotegida na cama. Os ouvidos captavam todo e qualquer barulho da manhã do prédio ao seu redor e cada som era uma ameaça em potencial. Alguém caminhava pelo chão acima dela. Levou um susto, virou a cabeça na direção do som, prestou atenção. Uma gaveta foi puxada, tilintar de metal no andar de cima.

Colheres de chá.

Ela sabia pelo som quebradiço que se tratava de... colheres de chá. Viu diante de si a caixa revestida de veludo com as colheres de prata que tinham sido da avó e que ela ganhara da mãe quando esta se mudara para o asilo. Viu como abrisse aquela caixa, olhara as colheres e constatara que *elas nunca tinham sido usadas*.

Virginia pensou nisso agora, ao sair devagar da cama; puxou o edredom consigo, foi para o armário de duas portas e as abriu. No fundo do armário havia um edredom extra e uns cobertores.

Sentiu uma espécie de tristeza quando olhou para as colheres. As colheres que tinham ficado na caixa talvez durante uns sessenta anos sem que ninguém nunca as tivesse apanhado, segurado nas mãos, usado.

Mais sons ao seu redor, o prédio acordava. Ela parou de ouvi-los quando estendeu o edredom e os cobertores, enrolou-se neles, ficou encolhida dentro do armário e fechou as portas. Estava escuro como breu ali dentro.

Ela cobriu a cabeça com o edredom e os cobertores, e se encolheu que nem uma lagarta num casulo duplo.

Nunca mais na vida.

Enfileiradas, em posição de sentido em seu leito de veludo, esperando. Colherzinhas frágeis de prata. Ela se enrolou com o pano dos cobertores bem rente ao rosto.

Quem vai ficar com elas agora?

A filha dela. É. Lena ia ficar com elas e as usaria para dar comida a Ted. Então as colheres ficariam felizes. Ted comeria purê de batatas naquelas colheres. Perfeito.

Ela ficou imóvel como uma pedra, a calma invadiu-lhe corpo. Um último pensamento teve tempo de ser pensado antes de ela cair no sono. *Por que não estou com calor?*

Com o cobertor em cima do rosto, enrolada num pano grosso, devia estar com muito calor na cabeça. A pergunta pairava sonolenta de lá para cá num cômodo grande e preto, aterrissando por fim numa resposta muito simples.

Porque já faz alguns minutos que eu não respiro.

E nem sequer agora, quando estava ciente disso, ela sentiu que *precisava*. Nenhuma sensação de sufocamento nem falta de oxigênio. Não precisava mais respirar, era só isso.

A pregação começava às onze, mas já às dez e quinze Tommy e Yvonne estavam na plataforma de Blackeberg esperando o metrô.

Staffan, que cantava no coro da igreja, contara a Yvonne qual era o tema do culto de hoje. Yvonne dissera a Tommy, quis saber com jeito se o filho gostaria de acompanhá-la e, para sua surpresa, ele aceitara.

Seria sobre a juventude de hoje.

Tendo como ponto de partida a passagem no Velho Testamento sobre a saída de Israel do Egito, o pastor, com a ajuda de Staffan, escrevera uma pregação sobre as *estrelas-guias*. O que um jovem na sociedade de hoje

podia ter à frente do seu caminho, como se deixar ser guiado na peregrinação pelo deserto, e assim por diante.

Tommy tinha lido a passagem na Bíblia e dissera que gostaria de ir junto.

Então, quando o metrô nessa manhã de domingo saiu ribombando do túnel vindo da praça Island, soltando à frente uma coluna de ar que fez esvoaçar os cabelos de Yvonne, ela estava feliz da vida. Olhou para o filho, que estava ao seu lado com as mãos enfiadas no fundo do bolso do casaco.

Tudo vai dar certo.

É. O fato de ele querer ir ao culto de domingo com ela já era importante. Mas, além disso, também era um sinal de que ele aceitara Staffan, não é?

Os dois entraram no metrô e sentaram-se um na frente do outro, ao lado de um ancião. Antes de o trem chegar, eles tinham conversado sobre o que ouviram no rádio naquela manhã; a caçada ao assassino no bosque de Judarn. Yvonne se inclinou em direção a Tommy.

— Você acha que ele vai ser preso?

Tommy deu de ombros.

— Acho que sim. Mas aquilo é um bosque grande, então... é melhor perguntar a Staffan.

— A coisa toda é tão macabra. Imagine se ele vem para cá.

— O que ele vai fazer aqui? Mas, por outro lado, o que ele foi fazer em Judarn? Nesse caso também pode vir para cá.

— Argh.

O senhor se esticou, fez um gesto como se tivesse sacudido alguma coisa dos ombros e disse: — A gente fica se perguntando se uma pessoa dessas pelo menos é um ser humano.

Tommy levantou os olhos para a mãe, Yvonne disse “Ahã” e sorriu para ele, o que o homem interpretou como um gesto encorajador para continuar.

— O que estou dizendo é que... primeiro aqueles atos terríveis e depois... nesse estado, uma queda dessas. É, é o que eu disse: não se trata de um ser humano, e eu espero que a polícia atire nele lá no bosque.

Tommy balançou a cabeça e fingiu concordar.

— Melhor enforcá-lo na primeira árvore.

O homem ficou exaltado.

— Isso mesmo. É o que venho dizendo o tempo todo. Eles deviam ter lhe dado uma injeção de veneno ou alguma coisa parecida já no hospital, como se faz com cachorro louco. Assim a gente não precisaria ficar com medo nem testemunhar essa caçada absurda que é financiada com o dinheiro dos nossos impostos. Um helicóptero. É, acabei de passar por Åkeshov e a polícia tem um helicóptero sobrevoando a área. Para isso eles têm dinheiro. Mas para dar aos aposentados uma pensão digna depois de uma vida inteira a serviço da sociedade, isso não dá. Mas mandar um helicóptero que fica zunindo lá em cima e assustando os animais...

O monólogo continuou até chegar a Vällingby, onde Yvonne e Tommy saltaram enquanto o homem seguiu viagem. O metrô ia virar e provavelmente o senhor percorreria o mesmo caminho de volta a fim de avistar mais uma vez o helicóptero, talvez continuar seu monólogo com outra pessoa na plateia.

Staffan esperava por eles do lado de fora da igreja São Tomás, que parecia uma pilha de tijolos.

Ele estava de terno e com uma gravata desbotada de listras azuis e amarelas que fez Tommy pensar naquele retrato da guerra: “Um tigre sueco”. O rosto de Staffan se iluminou quando ele avistou os dois e foi ao seu encontro. Abraçou Yvonne e estendeu a mão para Tommy, que a apertou.

— Fico feliz de vocês terem vindo. *Especialmente* você, Tommy. O que o fez...

— Só queria ver como é.

— Ahã. Bem, espero que goste. Que a gente o veja aqui mais vezes.

Yvonne alisou o ombro de Tommy.

— Ele leu na Bíblia sobre... isso de que vocês vão falar hoje.

— É mesmo... Bem, foi mesmo... aliás, Tommy. Ainda não achei aquele troféu. Mas... acho que a gente pode passar uma borracha nisso, o que você me diz?

— Ahã.

Staffan esperou que Tommy fosse dizer algo mais, porém, quando o menino não fez isso, Staffan se virou para Yvonne.

— Eu devia estar em Åkeshov agora, mas... não queria perder essa ocasião. Mas depois, assim que a gente acabar, eu tenho que ir direto, então a gente pode...

Tommy entrou na igreja.

Nos bancos só estavam sentados uns poucos idosos de costas para ele. A julgar pelos chapéus, tratava-se de senhoras.

A igreja era iluminada por uma luz amarela que vinha de lâmpadas nas paredes ao comprido da construção. Entre os bancos corria um tapete vermelho com figuras geométricas que ia até o altar; um banco de pedra onde havia vasos com flores. No alto disso tudo estava pendurada uma cruz grande de madeira com um Jesus modernista pregado nela. A expressão do seu rosto podia facilmente ser interpretada como um sorriso irônico.

Bem atrás da igreja, perto da entrada, onde Tommy se encontrava, havia tripés com folhetos, um cofrinho para depositar dinheiro e uma pia batismal grande. Tommy se aproximou dela e olhou lá dentro.

Perfeito.

Ao ver a pia, ele tinha pensado que era bom *demais*; que ela estava provavelmente cheia d'água. Mas não estava. A pia inteira havia sido esculpida numa pedra só, ia até a cintura de Tommy. A bacia era verde-escura, áspera, e não havia nenhuma gota d'água nela.

O.k. Vamos lá.

Do bolso do casaco, ele tirou um saco plástico de dois litros com um nó bem apertado cheio de um pó branco e olhou ao redor. Ninguém estava olhando para o lado dele. Tommy furou o plástico com o dedo e deixou o conteúdo do saco escorrer na pia.

Depois enfiou o saco vazio no bolso e foi para fora, enquanto tentava arranjar uma boa desculpa para não se sentar junto da mãe na igreja, pois queria ficar lá atrás, perto da pia batismal.

Podia dizer que queria ir embora sem incomodar ninguém, se o culto ficasse chato demais. Isso soava correto. Soava...

Perfeito.

Oskar abriu os olhos e foi tomado de angústia. Não sabia onde estava. O cômodo à sua volta estava no escuro, ele não reconheceu as paredes nuas.

Estava deitado num sofá. Em cima dele, havia um cobertor que fedia um pouco.

As paredes oscilavam diante de Oskar, boiavam livres no ar enquanto ele tentava dispô-las no lugar certo, encaixá-las de modo que juntas elas formassem um quarto conhecido. Não funcionou.

Puxou o cobertor até o nariz. Um cheiro de bolor encheu suas narinas e ele tentou se acalmar, deixar de refazer o lugar e, em vez disso, *se lembrar*.

É. Agora se lembrava.

O pai. Janne. A carona. Eli. O sofá. A teia de aranha.

Olhou para cima no teto. Os fios poeirentos da teia de aranha estavam ali, era difícil vê-los no escuro. Ele adormecera com Eli junto dele no sofá. Quanto tempo se passara? Será que era de manhã?

As janelas estavam tapadas com cobertores, mas nos cantos Oskar podia ver uma moldura suave de luz cinza. Empurrou o cobertor e foi para a janela da sacada, afastou um pouco o cobertor da janela. As persianas estavam fechadas. Levantou-as um pouco e, sim: já era de manhã lá fora.

A cabeça lhe doía e a luz machucava seus olhos. Respirou ofegante e assustado, largou o cobertor e sentiu a garganta com ambas as mãos, o pescoço. Não. Claro que não. Ela já dissera que nunca...

Mas onde ela está?

Ele olhou ao redor na sala, os olhos pousaram numa porta fechada que dava para o cômodo onde Eli trocara de blusa. Deu alguns passos em

direção à porta e se deteve. A porta estava na sombra. Cerrou os punhos, sugou o nó dos dedos.

E se ela estivesse mesmo... deitada num caixão?

Besteira. Por que ela ia fazer isso? E por que os vampiros iam fazer isso? Porque eles estão mortos. E Eli disse que ela não...

Mas e se...

Ficou sugando o nó do dedo, passou a língua nele. O beijo de Eli. A mesa com comida. Só o fato de ela poder *fazer* isso. E... os dentes. Os dentes de predador.

Se apenas fosse um pouquinho mais claro.

Ao lado da porta estava o interruptor da luz no teto. Ele apertou, sem achar que iria acontecer alguma coisa. Mas, sim. A luz no teto se acendeu. Apertou os olhos por causa da luz forte, deixou-os se acostumar antes de se virar para a porta, e ficou segurando a maçaneta.

A luz não ajudou nem um pouco. O lugar ficou ainda mais sinistro agora que a porta era apenas uma porta comum. A mesma porta que havia em seu quarto. *Igualzinha*. A maçaneta tinha o mesmo formato. E ela estaria deitada ali dentro. Talvez com os braços cruzados no peito.

Preciso ver.

Para experimentar, ele apertou a maçaneta, que ofereceu apenas um pouco de resistência. Ou seja, a porta não estava trancada, nesse caso a maçaneta teria apenas deslizado para baixo. Apertou a maçaneta ao máximo e a porta abriu, fez-se um vão. Ali dentro estava escuro.

Alto lá!

Será que ela ia se machucar com a luz se ele abrisse a porta?

Não. Na noite anterior ela se sentou junto da luminária de pé sem parecer se incomodar. Mas essa lâmpada era mais forte e talvez a luminária... tivesse um tipo especial de lâmpada, uma lâmpada que... que não agredia vampiros.

Muito ridículo. “Lojas especiais de lâmpadas para vampiros.”

Eli não ia deixar a lâmpada no teto se fosse... prejudicial a ela.

Mesmo assim, Oskar abriu a porta com cuidado, deixou um cone de luz se ampliar devagar dentro do cômodo. Ali estava tão vazio quanto na sala. Uma cama e uma pilha de roupas, nada mais. A cama tinha apenas um lençol e um travesseiro. O cobertor que ele usou devia ter vindo dali. Na parede perto da cama, um papel colado com fita.

O código morse.

Então era aqui que ela ficava quando...

Respirou fundo. Tinha conseguido esquecer isso.

Do outro lado dessa parede está meu quarto.

É. Ele estava a dois metros da própria cama, da sua vida normal.

Deitou-se na cama, teve o impulso de bater uma mensagem na parede. Para Oskar. Do outro lado. O que ele ia dizer?

O.N.D.E. V.O.C.Ê. E.S.T.Á.

Sugou o nó do dedo novamente. Ele estava *aqui*. Era Eli quem não estava.

Sentiu-se tonto, confuso. Deixou a cabeça afundar no travesseiro, com o rosto virado para o quarto. O travesseiro tinha um cheiro estranho. Que nem o cobertor, porém mais forte. Um cheiro de bolor, de gordura. Olhou para a pilha de roupas que estava a alguns metros da cama.

É tão nojento.

Não queria mais ficar aqui. O apartamento estava vazio e silencioso demais e tudo era muito... anormal. Passou os olhos pela pilha de roupas, eles aterrissaram nos armários que cobriam a parede toda no lado oposto, até a porta. Dois armários de duas portas e um de uma porta.

Ali.

Puxou as pernas para cima da barriga, ficou olhando para as portas fechadas dos armários. Ele não queria. Estava com dor de barriga. Sentia pontadas, uma ardência na barriga.

Vontade de fazer xixi.

Saiu da cama e foi para a porta sem desgrudar os olhos dos armários. Tinha dois parecidos no quarto dele, sabia que Eli cabia muito bem lá

dentro. Era ali que ela estava e ele não queria ver mais nada.

A lâmpada do corredor também funcionava. Ele acendeu a luz e atravessou o pequeno corredor para o banheiro. A porta estava trancada. A cor da fechadura acima da maçaneta estava vermelha. Ele bateu.

— Eli?

Nada. Bateu de novo.

— Eli, você está aí?

Nada. Mas, quando disse o nome dela em voz alta, Oskar se lembrou de que estava errado. Foi a última coisa que ela dissera quando estavam deitados no sofá. Que ela na verdade se chamava... Elias. *Elias*. Um nome de menino. Será que Eli *era* um menino? Mas eles tinham... se beijado e dormido na mesma cama e...

Oskar empurrou a porta do banheiro e descansou a testa nas mãos. Ficou *pensando*. Pensando intensamente. E não entendeu. O fato de ele poder aceitar de alguma forma que Eli era um *vampiro*, mas o fato de ser mais... difícil de aceitar que ela era um menino.

Ele conhecia a palavra. Bicha. Bichinha. Essas coisas que Jonny dizia. Então era pior ser bicha que ser...

Ele bateu na porta de novo.

— Elias?

Um calafrio no estômago quando disse isso. Não ia se acostumar. Ela... ele se chamava Eli. Mas isso era demais para Oskar. Independentemente do que Eli fosse, isso era demais. Ele não conseguia. *Nada* era normal com ela.

Tirou a testa de cima das mãos e segurou a vontade de fazer xixi.

Passos lá fora na escada e logo depois o barulho da caixa de correios sendo aberta, um baque. Ele saiu da porta do banheiro, foi ver o que era. Anúncios.

carne moída 14,90 por quilo.

Letras vermelhas e gritantes, números. Apanhou os folhetos de anúncio e entendeu; colocou o olho no buraco da fechadura enquanto passos ecoavam na escada lá fora, barulho de caixas de correio que se abriam e se fechavam.

Depois de meio minuto, viu pelo buraco da fechadura sua mãe passar, descendo a escada. Oskar só viu de relance o cabelo e a gola do casaco dela, mas sabia que era a mãe. Quem mais seria senão ela?

Que distribuía os anúncios quando o filho não estava em casa.

Segurando bem apertado os folhetos de anúncios, Oskar se afundou no chão junto à porta e descansou a testa nos joelhos. Não chorou. A vontade de fazer xixi era um formigueiro ardendo em sua barriga, que de algum modo o impediu de chorar.

Mas na cabeça ele tinha apenas um único pensamento:

Eu não existo. Eu não existo.

Lacke ficou a madrugada inteira se preocupando. Desde que tinha deixado Virginia, uma aflição se instalou aos poucos e ficou roendo um buraco em seu estômago. Tinha ficado mais ou menos uma hora com a turma lá no restaurante chinês na noite de sábado, tentou fazer os outros compartilharem da sua preocupação, mas ninguém quis. Lacke sentira que ia acabar estourando, que corria risco de ficar fulo da vida, então foi embora.

Pois não saía nada de bom da turma.

Nenhuma novidade, é claro, mas ele tinha achado que... bem, que diabos mesmo ele tinha achado?

Que havia mais pessoas que se importavam.

Que *mais alguém* além dele sentia que algo muito estranho estava acontecendo.

Era tanto papo, tantas palavras vazias, especialmente vindas de Morgan, mas, quando chegava a hora de agir, ninguém tinha forças de levantar um dedo para *fazer* alguma coisa.

Não que Lacke soubesse o que ia fazer, mas pelo menos estava preocupado. Mesmo que não ajudasse em nada. Ficou deitado sem conseguir dormir a maior parte da noite, de vez em quando tentava ler um

pouco de *Os demônios* de Dostoiévski, mas se esquecia do que tinha acontecido na página anterior, na frase anterior, e acabou desistindo.

No entanto, uma coisa boa aconteceu essa noite: ele havia tomado uma decisão.

No domingo de manhã ele tinha estado na casa de Virginia e batido na porta. Ninguém abriu e ele partiu do princípio... *esperou* que ela tivesse ido ao hospital. A caminho de casa, passou por duas mulheres que estavam conversando na rua e ouviu alguma coisa sobre um assassino que a polícia estava procurando no bosque de Judarn.

Santo Deus, é um assassino em cada matagal. Agora os jornais vão se faltar com essa notícia nova.

Fazia pouco mais de dez dias que a polícia prendera o assassino de Vällingby e os jornais estavam se cansando de especular sobre quem ele era e o porquê de ter feito o que fez.

Nos artigos a seu respeito, havia um forte tom de... bem, de prazer sádico. Descrevia-se com uma minúcia irritante o estado atual de saúde do assassino, que ele ficaria internado durante seis meses. Num box, um quadro com dados sobre como o ácido clorídrico afetava o corpo, assim o leitor podia se deleitar imaginando a dor que a substância devia causar.

Não, Lacke não sentia nenhum prazer com essas coisas. Só se impressionava de ver como as pessoas ficavam exaltadas com alguém que já “teve seu castigo” e assim por diante. Ele era totalmente contra a pena de morte. Não porque fosse adepto de uma concepção “moderna” do direito, não mesmo. Na verdade, sua concepção era antiga.

Ele achava o seguinte: se alguém mata meu filho, então *eu* mato essa pessoa. Dostoiévski falava muito de perdão, de misericórdia. Certo. Da parte da sociedade, é claro. Mas eu, como pai do filho morto, tenho pleno direito *moral* de sacrificar aquele que fez isso. Se a sociedade depois vai me mandar cumprir oito anos ou mais na cadeia, é outro assunto.

Não era assim que Dostoiévski pensava, e Lacke sabia disso. Mas ele e Fiódor tinham opiniões diferentes a esse respeito, era só isso.

Lacke refletia sobre essas coisas enquanto ia para casa, na Ibsengatan. Já no apartamento, descobriu que estava com fome, cozinhou uma porção de macarrão instantâneo e comeu com colher direto da panela, com ketchup. Enquanto punha a panela de molho para ficar mais fácil de lavar depois, veio o barulho da caixa de correios.

Anúncios. Não ligou, não tinha dinheiro de qualquer jeito.

É. *Era isso mesmo.*

Limpou a mesa da cozinha com o pano e foi apanhar o álbum de selos do pai da cômoda, que também era uma herança paterna, e transportá-la para Blackeberg tinha sido um inferno. Pôs o álbum com cuidado em cima da mesa e o abriu.

Ali estavam eles. Quatro exemplares sem carimbo do primeiro selo emitido na Noruega. Ele se debruçou sobre o álbum e apertou os olhos examinando o leão em pé apoiado nas patas traseiras no fundo azul-claro.

Absurdo.

Quatro vinténs tinha sido o valor deles quando apareceram em 1855. Agora valiam... mais. O fato de os selos estarem juntos compondo dois pares fazia com que o valor fosse ainda maior.

Foi isso que ele resolvera de madrugada, enquanto se revirava na cama sem sono em meio aos lençóis impregnados de cigarro; que tinha chegado a hora. Aquilo com a Virginia havia sido a gota d'água. Depois, além disso tudo, a incapacidade da turma de entender, e a conclusão: não, não quero ficar junto dessa gente.

Ele iria embora dali e Virginia também.

Seja lá como fosse, com o mercado em alta ou em baixa, ele receberia um pouco mais de trezentos mil contos pelos selos e mais duzentos mil pelo apartamento. Depois compraria uma casa no campo. Bem, está certo: *duas* casas. Uma granja pequena. O dinheiro era suficiente e tudo daria certo. Assim que Virginia ficasse boa, ele faria a proposta e achava... bem, tinha quase *certeza* de que ela aceitaria, ela ia simplesmente adorar a ideia.

Seria desse jeito.

Lacke sentia-se mais calmo agora. Tudo estava claro em sua cabeça. Como ia fazer hoje, no futuro. Tudo se ajeitaria.

Repleto de pensamentos agradáveis, ele entrou no quarto, deitou-se na cama para descansar uns cinco minutos e adormeceu.

— Nós os vemos nas ruas e nas praças, ficamos intrigados diante deles e dizemos para nós mesmos: o que será que podemos fazer?

Nunca na vida Tommy tinha ficado tão entendiado. Só transcorrera meia hora do culto e ele achava que teria se divertido mais se tivesse ficado numa cadeira olhando apenas para a parede.

“Bendito seja”, “Cantos de louvor” e “Regozijo do Senhor”, mas por que todo mundo ficava ali sentado olhando para aquilo como se estivesse assistindo a um jogo classificatório entre a Bulgária e a Romênia? Não significava *nada* para eles, aquilo que eles liam no livro, que eles cantavam. Tampouco parecia ter alguma importância para o pastor. Era apenas uma coisa que ele tinha que fazer para receber o salário.

Em todo caso, agora o sermão tinha começado.

Se o pastor se referisse justamente àquele trecho na Bíblia, aquele que Tommy tinha lido, ele ia fazer. Do contrário, não faria.

A Bíblia vai decidir a questão.

Tommy procurou no bolso. As coisas estavam no lugar e a pia batismal, apenas a três metros da última fileira onde ele estava sentado. Sua mãe estava lá na frente, provavelmente para ficar se derretendo para Staffan enquanto ele cantava aqueles hinos sem sentido com as mãos entrelaçadas de leve em frente ao pau de policial.

Tommy trincou os dentes. *Queria muito* que o pastor fosse dizer aquilo.

— Nós vemos em seus olhos que eles estão confusos, confusos como alguém que está perdido e não encontra o caminho de casa. Quando vejo um jovem desses, sempre me vem à mente o êxodo do Egito do povo de Israel.

Tommy ficou petrificado. Mas pode ser que o pastor não fosse se aprofundar justamente *naquilo*. Talvez falasse alguma coisa sobre o mar Vermelho. Mesmo assim, tirou as coisas do bolso; um isqueiro e um briquete. Suas mãos tremiam.

— Porque é assim que precisamos olhar para esses jovens que às vezes nos deixam sem ação. Eles peregrinam por um deserto de perguntas sem respostas, de perspectivas incertas de futuro. Mas existe uma grande diferença entre o povo de Israel e a juventude de hoje...

Então diz logo...

— O povo de Israel tinha alguém que o *guiava*. Vocês se lembram do que está nas Escrituras, não se lembram? “O Senhor ia à frente deles: de dia, numa coluna de nuvem, para os guiar; de noite, numa coluna de fogo, para os iluminar.” É essa coluna de nuvem, essa coluna de fogo que falta aos jovens de hoje e...

O pastor baixou os olhos para seus papéis.

Tommy já tinha acendido o briquete, segurava-o entre o polegar e o indicador. A ponta queimava produzindo uma chama limpa e azul que descia para seus dedos. Na hora que o pastor consultou as anotações, Tommy aproveitou.

Ele se agachou, deu um passo largo para sair do banco, estendeu o braço ao máximo e jogou o briquete na pia batismal, voltando rapidamente para o banco. Ninguém tinha percebido nada.

O pastor levantou os olhos de novo.

— ... e é nosso dever na qualidade de adultos ser essa coluna de nuvem, essa estrela-guia para os jovens. E de quem eles podem esperar isso se não for de nós? E a força para isso podemos receber das obras do Senhor...

Uma fumaça branca subia da pia batismal. Tommy já podia sentir o cheiro adocicado e familiar.

Ele já tinha feito isso um montão de vezes; queimado ácido nítrico com açúcar. Mas raramente uma quantidade dessas de uma vez só e nunca dentro de casa. Estava curioso para ver que efeito surtiria quando não houvesse

mais vento nenhum que dissipasse a fumaça. Entrelaçou os dedos e apertou as mãos com força uma na outra.

O irmão Ardelius, pastor interino de Vällingby, foi a primeira pessoa que viu a fumaça. Interpretou a coisa como ela era: fumaça da pia batismal. A vida toda ele esperara por um sinal do Senhor e não dava para negar que, quando viu subir a primeira coluna de fumaça, pensou por um instante:

Oh, Senhor. Finalmente.

Mas o pensamento desapareceu. O fato de a sensação de milagre tê-lo deixado tão rapidamente foi para ele a prova de que aquilo não *era* nenhum milagre, nenhum sinal. Era apenas isto: fumaça da pia batismal. Mas por quê?

O zelador da igreja, com quem ele não se dava muito bem, tinha feito piada da coisa. A água na pia começara a... ferver...

O problema é que ele se encontrava no meio de uma pregação e não podia ficar pensando nesse assunto. Então o irmão Ardelius fez o que a maioria das pessoas faz em situações semelhantes: continua como se nada tivesse acontecido e espera que o problema se resolva por si mesmo. Ele deu uma tossidinha e tentou se lembrar do que dissera por último.

As obras do Senhor. Alguma coisa sobre tirar força das obras do Senhor. Um exemplo.

Olhou disfarçadamente para as palavras-chave no papel. Ali estava: descalços.

Descalços? O que eu quis dizer com isso? Que o povo de Israel ia descalço, ou que Jesus... alguma caminhada longa...

Ele levantou os olhos e viu que a fumaça estava mais densa agora, formando uma coluna que subia devagar da bacia em direção ao teto. O que foi que ele dissera por último? Isso. Lembrou. As palavras ainda pairavam no ar.

“E a força para isso nós podemos receber das obras do Senhor.”

Era um final razoável. Não era bom, não exatamente o que ele tinha pensado, mas razoável. Ele sorriu confuso para os fiéis e acenou com a cabeça para Birgit, que dirigia o coro.

O coro, oito pessoas, levantou-se como um corpo único e foi para o palco. Quando se viraram para os fiéis, o pastor pôde ver em seu rosto que eles também tinham visto a fumaça. Louvado seja o Senhor, por um segundo ele pensara que havia sido só *ele* quem vira a fumaça.

Birgit olhou interrogativamente para o pastor e ele fez um gesto com a mão: *comece, comece logo*.

O coro começou a cantar.

*Guie-me, Senhor, guie-me na retidão
Que meus olhos vejam seu caminho...*

Uma das composições mais bonitas de Wesley pai. O irmão Ardelius desejou poder desfrutar da beleza da música, mas a coluna de fumaça estava começando a preocupá-lo. Uma fumaça densa e branca se ergueu da pia batismal e alguma coisa lá no fundo da própria cuba queimava produzindo uma chama branco-azulada que chiava e crepitava. Um cheiro adocicado atingiu suas narinas e os fiéis olharam ao redor tentando descobrir de onde vinha aquele crepitar.

*Pois é apenas você, meu Deus, apenas você
quem faz a alma sentir paz e proteção...*

Uma das mulheres no coro começou a tossir. Os fiéis viraram a cabeça da pia batismal cheia de fumaça para o irmão Ardelius a fim de receber orientação sobre como se comportar, se isso *fazia parte* da pregação.

Mais pessoas começaram a tossir e puseram lenços ou mangas de blusa na frente da boca e do nariz. A igreja começou a se encher de uma névoa

suave e, através dessa névoa, o irmão Ardelius viu que alguém se levantou da última fileira e correu porta afora.

É. É a coisa mais sensata a fazer.

Ele se aproximou do microfone.

— Bem, aconteceu um pequeno... contratempo, eu acho que é melhor... deixarmos o local.

Já na palavra “contratempo” Staffan deixara o palco e começou a se dirigir para a saída a passos rápidos e controlados. Ele entendeu. Era aquele moleque safado e ladrão de Yvonne que tinha feito isso. Já naquela hora, em que descia do palco, tentou se controlar, porque já sentira que, se encontrasse Tommy agora, o risco de acabar batendo no garoto era grande.

Na certa era justamente disso que aquele vândalo precisava, era exatamente essa direção que faltava a ele.

Coluna de nuvem, venha ao meu socorro. Umas bofetadas daquelas, é disso que esse moleque está precisando.

Mas Yvonne não ia aceitar isso, pensando-se no estado atual das coisas. Depois de casados, a coisa ia mudar de figura. Então ele ia cuidar da educação de Tommy, ou o nome dele não era Staffan. Mas primeiro ia pegar o garoto *agora*. Dar uma sacudida no moleque, pelo menos isso.

Staffan não conseguiu ir muito longe. As palavras do irmão Ardelius no púlpito tiveram o efeito de um tiro de largada nos fiéis, que apenas tinham esperado um consentimento para se retirar da igreja. Na metade da ala central, o caminho de Staffan foi bloqueado por velhinhas que tinham a preferência e se apressavam para a saída com uma determinação inclemente.

Ele levou a mão direita ao quadril, mas ela parou no meio do caminho e se transformou num punho cerrado. Ainda que *estivesse* com o cassetete, usá-lo não seria nada conveniente.

A fumaça na pia batismal começou a diminuir, mas a igreja estava agora envolta numa neblina que cheirava a fábrica de doces e produtos químicos.

As portas da saída estavam escancaradas e através da neblina via-se um retângulo bem marcado da luz matutina que caía.

Os fiéis iam em direção à luz, tossindo.

Na cozinha havia apenas uma cadeira, e nada mais. Oskar arrastou a cadeira para a pia, subiu nela e fez xixi no ralo enquanto deixava escorrer a água da torneira. Quando acabou, pôs a cadeira no lugar de antes. A peça ficava estranha na cozinha, que de resto era vazia. Parecia um objeto num museu.

Para que ela tem essa cadeira?

Olhou ao redor. No alto da geladeira havia uma fileira de armários que ele só conseguiria alcançar se subisse numa cadeira. Oskar arrastou a cadeira até lá e segurou a alça da geladeira para se apoiar. Um buraco no estômago. Estava com fome.

Sem pensar muito, abriu a geladeira para ver o que havia lá dentro. Não era muita coisa. Um pacote aberto de leite, meio pacote de pão. Manteiga e queijo. Oskar se esticou para pegar o leite.

Mas... Eli...

Ele ficou com a caixa de leite na mão e pestanejou. Mas isso não batia. Será que ela *também* comia comida? Sim. Ela devia comer comida. Tirou a caixa de leite da geladeira e a depositou em cima da bancada da pia. No armário lá em cima não havia quase nada. Dois pratos, dois copos. Oskar apanhou um copo e derramou o leite nele.

E então se lembrou. Com o copo de leite gelado na mão, a coisa veio finalmente à cabeça dele, com toda força.

Ela bebe sangue.

Na noite anterior, em meio ao caos da sonolência e do desligamento do mundo, no escuro, tudo pareceu de alguma forma possível. Mas agora, ali na cozinha onde nenhum cobertor tapava as janelas e onde as persianas deixavam entrar a luz suave da manhã, com um copo de leite na mão, aquilo tudo parecia tão... tão fora de tudo.

Como se fosse assim: *Se alguém tem leite e pão na geladeira, então esse alguém é um ser humano, certo?*

Ele tomou um gole enchendo a boca de leite e cuspiu tudo logo em seguida. O leite estava azedo. Cheirou o que restava no copo. É. Azedo. Derramou-o no ralo da pia, lavou o copo e bebeu água para tirar o gosto da boca. Depois leu a data na embalagem.

data de validade: 28 de outubro

Fazia dez dias que o leite estava vencido. Oskar entendeu.

O leite do coroa.

A geladeira ainda estava aberta. A comida do coroa.

Que nojo. Que nojo.

Oskar bateu com força a porta da geladeira. O que aquele cara fazia aqui? O que ele e Eli tinham... Oskar gelou.

Ela matou o cara.

É. Eli teve o coroa aqui para poder... comer dele. Tinha usado o cara como um banco vivo de sangue. Foi isso o que ela fez. Mas por que o coroa permitira isso? E *se* ela o tivesse matado, onde estava o corpo?

Oskar olhou de esguelha para os armários lá no alto. E de repente não quis mais ficar na cozinha. Nem queria mais ficar no apartamento. Saiu da cozinha e atravessou o corredor. A porta do banheiro fechada.

É lá dentro *que ela está dormindo.*

Ele se apressou para a sala de estar e apanhou a mochila. O walkman estava em cima da mesa. Precisava comprar fones novos, só isso. Quando pegou o aparelho para guardá-lo, viu o bilhete. Estava em cima da mesinha de centro, na mesma altura onde a cabeça dele tinha descansado.

Oi. Espero que você tenha dormido bem. Também vou dormir agora. Estou no banheiro. Não tente entrar lá, por favor. Confió em você. Não sei o que escrever. Espero que você possa gostar de mim mesmo sabendo de tudo. Eu gosto de você. Muito mesmo. Você está agora deitado no sofá, roncando. Por favor, eu lhe peço uma coisa. Não tenha medo de mim.

Eu peço mil vezes, não tenha medo de mim.

Quer se encontrar comigo hoje à noite? Escreva no bilhete se você quiser.

Se você escrever Não, então eu me mudo hoje à noite. Vou precisar fazer isso logo, de qualquer forma. Estou sozinho. Mais sozinho do que você pode imaginar. Ou talvez você possa.

Desculpe-me por ter quebrado seu aparelho. Pegue o dinheiro, se você quiser. Eu tenho muito. Não tenha medo de mim. Você não precisa ter medo. Talvez você já saiba. Espero que sim. Gosto muito de você.

Do seu Eli.

P.S.: você pode ficar aqui, se quiser. Mas, se for embora, confira se fechou a porta direito.

Oskar releu o bilhete algumas vezes. Depois pegou a caneta que estava ao lado dele. Percorreu com os olhos a sala vazia, a vida de Eli. Em cima da mesa ainda estavam as notas de dinheiro que ele recebera, amassadas. Pegou *uma* nota de mil e a enfiou no bolso.

Ficou olhando por um bom tempo o espaço vazio que havia embaixo do nome de Eli. Depois desceu a caneta e escreveu com letras tão grandes quanto esse espaço a palavra

SIM

Deixou a caneta em cima do papel, levantou-se e enfiou o walkman na mochila. Virou-se pela última vez e olhou para as letras agora de cabeça para baixo.

MI2

Depois sacudiu a cabeça, desenterrou do bolso a nota de mil e pôs o dinheiro de volta em cima da mesa. Já no corredor, conferiu bem se a porta estava fechada. Puxou-a várias vezes.

DO PROGRAMA DE RÁDIO DAGENS EKO ÀS 16H45, DOMINGO, 8 DE NOVEMBRO DE 1981

A busca da polícia pelo homem que fugiu do Hospital Danderyd na madrugada de sábado depois de ter matado uma pessoa não deu resultado.

No domingo, a polícia fez a busca no bosque de Judarn, na região oeste de Estocolmo, à caça de um homem que parece ser o assassino ritual. Na ocasião da fuga, o homem estava gravemente ferido e a polícia suspeita agora que ele tenha tido colaboradores.

Arnold Lehrman, policial de Estocolmo:

“Bem, é o mais provável. É fisicamente impossível que ele tenha conseguido se manter foragido nesse... estado. Tivemos trinta homens trabalhando aqui no bosque, além de cães e helicópteros. Simplesmente não é possível.”

“Vocês vão continuar procurando no bosque de Judarn?”

“Sim. A possibilidade de ele ainda se encontrar na área não pode, apesar disso, ser eliminada. Mas vamos reduzir a busca aqui para concentrar os recursos em... para esclarecer como ele conseguiu sair daqui.”

O homem tem o rosto gravemente deformado e trajava, na ocasião da fuga, uma camisola de hospital azul-clara. A polícia recebe as informações da população pelo número...

Domingo, 8 de novembro (noite)

O interesse da população pela busca em Judarn era grande. Os jornais vespertinos não quiseram publicar mais uma vez o retrato falado do assassino. As pessoas esperavam fotografias do assassino sendo preso, mas, na falta de imagens desse tipo, os dois jornais publicaram a foto da ovelha.

O jornal *Expressen* até estampou a foto na primeira página.

Seja lá como fosse, *essa* foto tinha uma certa dramaticidade. O rosto contorcido do policial devido ao esforço, a ovelha esperneando e a boca aberta do animal. Quase se podia ouvir a respiração ofegante, o balido.

Um dos jornais tinha até procurado a família real para um comentário. Tratava-se em todo caso das ovelhas do rei que o poder policial tratara daquele jeito. No entanto, fazia dois dias que o rei e a rainha tinham anunciado que esperavam o terceiro filho e talvez achassem que essa notícia já fosse o suficiente. A corte não fez nenhum comentário.

Naturalmente várias páginas foram dedicadas aos mapas de Judarn e de Västerort. Onde se achava que o homem estava, como era feita a busca da

polícia. Mas as pessoas já tinham visto tudo aquilo antes, em outros contextos. A foto da ovelha era algo novo e viria a ficar gravada na retina das pessoas.

O jornal *Expressen* tinha até mesmo ousado fazer uma piadinha. O texto da foto começava com as palavras: “Lobo em pele de cordeiro?”.

Dava para rir um pouco e isso era necessário. É que as pessoas estavam com medo. O mesmo homem que assassinara pelo menos duas pessoas, quase três, estava agora em liberdade de novo e as crianças estavam mais uma vez proibidas de sair de casa: um passeio de colégio para Judarn na segunda-feira tinha sido cancelado.

E, permeando isso tudo, havia o ódio silencioso sobre o fato de *uma* pessoa, uma única pessoa ter o poder de dominar a vida de tantas outras apenas por causa da sua maldade e... imortalidade.

Isso mesmo. Especialistas e professores chamados para fazer comentários em jornais e televisão diziam todos a mesma coisa: era *impossível* o homem estar vivo. Em resposta a uma pergunta direta, reconheceu-se logo em seguida que a fuga do homem tinha sido igualmente impossível.

Um professor adjunto em Danderyd deu uma má impressão no programa *Aktuellt* ao dizer num tom agressivo: “Ele estava até há pouco ligado a um respirador. Você sabe o que isso significa? Significa que a pessoa não pode *respirar sozinha*. Acrescente a isso uma queda de trinta metros de altura...”. O tom do professor insinuava que o repórter era um idiota e que a coisa toda era na verdade uma invenção da imprensa.

Então tudo era uma mistura de suposições, absurdidades, boatos e — naturalmente — medo. Não era de estranhar a foto da ovelha ter sido publicada apesar de tudo. Pelo menos era alguma coisa concreta. Foi assim que essa foto se espalhou pelo país e acabou ficando na memória das pessoas.

Lacke viu a foto quando foi comprar um pacote de Prince com suas últimas coroas no Quiosque dos Namorados, a caminho da casa de Gösta. Ele dormira a tarde inteira e sentia-se como um Raskolnikov, o mundo era nebulosamente irreal. Olhou de relance para a foto da ovelha e balançou a cabeça para si mesmo. Em seu estado atual, não estranhava nem um pouco que a polícia estivesse prendendo ovelhas.

Foi só na metade do caminho para a casa de Gösta que a foto lhe veio à cabeça e ele pensou: “O que era aquilo?”, mas não tinha forças para se informar a respeito. Acendeu um cigarro e continuou andando.

Oskar viu a foto ao chegar em casa depois de ter passado a tarde rodando por Vällingby. Quando saiu do metrô, Tommy entrou. Estava nervoso, exaltado e disse que fizera “um lance muito maneiro”, mas não teve tempo de contar mais antes de as portas se fecharem. Em casa, havia um bilhete em cima da mesa da cozinha; a mãe ia jantar com o pessoal do coral à noite. Havia comida na geladeira, os anúncios estavam distribuídos, beijos.

Em cima do sofá da cozinha havia um jornal vespertino. Oskar olhou para a foto da ovelha e leu tudo o que o jornal dizia sobre a caçada. Depois foi tratar de uma coisa que tinha sido deixada para trás: recortar e guardar as reportagens dos últimos dias sobre o assassino ritual. Apanhou a pilha de jornais do armário de produtos de limpeza, o livro de recortes, tesoura, cola e mãos à obra.

Staffan viu a foto mais ou menos a duzentos metros do lugar onde ela tinha sido tirada. Não conseguira falar com Tommy e, depois de trocar poucas palavras com uma Yvonne desesperada, dirigiu-se para Åkeshov. Alguém no lugar se referira a um colega que ele não conhecia usando a expressão “o homem da ovelha”, mas Staffan só entendeu algumas horas mais tarde, quando viu o jornal vespertino.

A chefia da polícia estava fura da vida com a falta de tato dos jornais, mas a maioria dos policiais na área achava que isso foi algo divertido. À exceção do próprio “homem da ovelha”, é claro. Ele teve de aturar por várias semanas um comentário do tipo “bééé” ou “blusa bonita, é de lã de ovelha?” de vez em quando.

Jonny viu a foto na hora em que seu irmãozinho de quatro anos, o meio-irmão Kalle, foi até ele com um presente. Uma peça de Lego que o garotinho embrulhara na primeira página do jornal do dia. Jonny expulsou o irmão do quarto, disse que não estava a fim e trancou a porta. Apanhou o álbum de fotos de novo e olhou para as fotografias do pai, do seu pai verdadeiro que *não* era o pai de Kalle.

Um pouco mais tarde ouviu o padrasto berrando com Kalle porque o menino destruíra o jornal. Jonny abriu então o presente e ficou girando a peça de Lego nos dedos enquanto olhava para a foto da ovelha. Deu uma gargalhada e sentiu a orelha repuxar. Guardou o álbum na bolsa de ginástica — era mais seguro guardá-lo na escola — e dali seus pensamentos foram para que diabos ele ia fazer com Oskar.

A foto da ovelha iniciaria um pequeno debate sobre a ética da imprensa quanto à publicação de fotos, mas mesmo assim viria a constar da lista das melhores fotos do ano de ambos os jornais vespertinos. A ovelha que tinha sido pega foi apascentada na primavera nos campos de Drottningholm, para sempre ignorante do seu dia de fama.

Virginia descansa enrolada em edredons e cobertores. Seus olhos estão fechados, o corpo permanece absolutamente imóvel. Dentro de um instante ela acordará. Durante onze horas, ela ficou deitada desse jeito. A temperatura do corpo caiu agora para vinte e sete graus, o que corresponde à temperatura ambiente dentro do armário. Seu coração dá quatro batidas bem fracas por minuto.

Durante essas onze horas, seu corpo se modificara de um modo irrevogável. O estômago e os pulmões se adaptaram a uma nova forma de vida. O mais interessante, do ponto de vista médico, é um cisto ainda em crescimento no nódulo sinoatrial do coração, um amontoado de células que controla a frequência cardíaca. O cisto atingira agora mais que o dobro do tamanho inicial. Um crescimento de células estranhas semelhante ao de um câncer continua fora de controle.

Caso se coletasse uma amostra dessas células estranhas e o material fosse disposto embaixo de um microscópio, veríamos uma coisa que todos os cardiologistas negariam dizendo que o material coletado se misturara com outro. Uma piada de mau gosto.

O tumor no nódulo sinoatrial compõe-se de células do cérebro.

Isso mesmo. Dentro do coração de Virginia encontra-se em formação um cérebro pequeno isolado. Durante sua construção, esse cérebro novo dependia do cérebro grande. Agora ele é autossuficiente e o que Virginia já sentiu num instante terrível é totalmente correto: esse cérebro viveria mesmo que o corpo morresse.

Virginia abriu os olhos e soube que estava acordada, embora o levantar das pálpebras não fizesse nenhuma diferença. Estava tão escuro quanto antes. Mas sua consciência se acendeu. Sua consciência pestanejou para a vida e nesse mesmo instante uma outra coisa se escondeu rapidamente.

Como...

Como quando a gente entra numa casa de veraneio que esteve vazia durante o inverno. A gente abre a porta, procura o interruptor e, na hora em que a luz se acende, a gente ouve um clique rápido, o arranhar de garras pequenas no chão, e a gente vê de passagem o rato que corre para debaixo da pia da cozinha.

Uma sensação desagradável. A gente sabe que o bicho morou ali enquanto não estávamos na casa. Que a considera como sua. Que vai aparecer sorrateiramente, assim que apagarmos a luz.

Eu não estou sozinha.

A boca tinha gosto de cabo de guarda-chuva. Ela não tinha nenhuma sensibilidade na língua. Continuou deitada, pensou na casa que ela e Per, o pai de Lena, tinham alugado durante alguns verões quando Lena era pequena. Na toca do rato que eles tinham encontrado lá embaixo da pia. Os roedores tinham arrancado pedacinhos de embalagens vazias de leite e de um pacote de cereais, tinham feito uma espécie de casinha, uma construção fantástica de papeizinhos coloridos.

Virginia sentira uma espécie de sentimento de culpa ao passar o aspirador de pó na casinha. Não, mais que isso. Uma sensação supersticiosa de *violação*. Ao entrar com a tromba fria e mecânica do aspirador naquela coisa frágil e bonita que o rato passara o inverno construindo, parecia que ela estava expulsando um espírito bom.

E ela tinha razão. Quando o rato escapou das armadilhas e continuou comendo os alimentos não perecíveis, embora já fosse verão, Per espalhou veneno de rato. Eles tinham brigado por causa disso. Tinham brigado também por causa de outra coisa. Por tudo. Lá pelo mês de julho o rato tinha morrido, em algum canto dentro da parede.

À medida que o fedor do corpo morto e putrefato do bicho se espalhava pela casa, o casamento deles foi se esfacelando naquele verão. Voltaram para casa uma semana antes do planejado, já que não suportavam o fedor nem a si mesmos. O espírito bom tinha deixado os dois.

O que será que aconteceu com a casa? Será que alguém mora nela agora?

Ela ouviu um *pip*, um chiado.

Um rato! No meio dos cobertores!

Ela ficou em pânico.

Ainda embrulhada nos cobertores, ela se jogou de lado, acertou as portas do armário de modo que elas se abriram e caiu rolando no chão. Esperneou e agitou os braços até que conseguiu se libertar. Enojada, foi se arrastando para cima da cama, para o canto, puxou os joelhos, que ficaram embaixo do queixo, e deteve-se olhando para o bolo de edredons e cobertores,

esperando um movimento. Quando o bicho saísse ela ia gritar. Gritaria tanto que o prédio inteiro viria correndo com martelos e machados e bateria no bolo de cobertores até o rato morrer.

O edredom que estava no alto era verde com bolinhas azuis. Será que alguma coisa não se mexera ali? Ela respirou fundo para gritar e *pip*, o chiado apareceu de novo.

Eu... estou respirando.

Isso. Foi a última coisa que constatara antes de adormecer, que não estava respirando. Agora ela respirava de novo. Puxou o ar para testar e ouviu o *pip*, o chiado. Vinha dos seus brônquios. Eles tinham se ressecado enquanto ela descansava, mas faziam barulho agora. Tossiu, limpando a garganta, e sentiu um gosto podre na boca.

Ela se lembrou. De tudo.

Olhou para os braços. Tiras de sangue seco cobriam-lhe os braços, mas não se via nenhuma ferida nem cicatriz. Concentrou-se no ponto da dobra do braço onde sabia que cortara pelo menos duas vezes. Talvez uma tira suave de pele rosa. Isso. Provavelmente. De resto, tudo estava cicatrizado.

Ela esfregou os olhos e consultou o relógio. Seis e quinze. Estava de noite. Escuro. Olhou de novo para o edredom verde, as bolas azuis.

De onde vinha a luz?

A luz do teto estava apagada, lá fora era noite, as persianas estavam arriadas. Como ela conseguia enxergar todos os contornos e nuances tão nitidamente? Dentro do armário estava escuro que nem breu. Lá dentro não tinha visto nada. Mas agora... era como se estivesse de dia.

Sempre entrava um pouco de luz.

Será que ela estava respirando?

Não dava para conferir. Assim que começava a *pensar* na respiração, também começava a controlá-la. Talvez só respirasse quando pensava na respiração.

Mas aquela respiração inicial, aquilo que ela tinha achado que era um rato... nisso Virginia não pensara. Mas talvez só fosse igual a um... igual a

um...

Ela apertou os olhos.

Ted.

Ela estava lá quando o neto nasceu. Lena nunca mais vira o pai de Ted de novo depois da noite em que o menino foi concebido. Um empresário finlandês de passagem em Estocolmo num simpósio etc. e tal. Então Virginia estava presente na hora do parto. *Insistiu* para poder ficar nessa hora.

E agora veio-lhe à cabeça. A primeira respiração de Ted.

Como ele viera ao mundo. O corpinho, lambuzado, lilás, mal tinha um aspecto humano. A explosão de felicidade no peito que virou uma nuvem de preocupação quando ele não respirou. A enfermeira que pegou calmamente aquela criaturinha nas mãos. Virginia achara que ela viraria o corpo de cabeça para baixo e daria um tapinha no bumbum da criança, mas, no instante em que a enfermeira pegou Ted, se formou uma bolha de saliva na boca do bebê. Uma bolha que foi crescendo, crescendo e... estourou. Depois veio o grito, o primeiro grito. E ele respirou.

E então?

Era isso que a primeira respiração de apito de Virginia tinha sido? Um... grito de recém-nascido?

Ela se endireitou e deitou-se de costas na cama. Continuou rodando o filme do parto dentro dela. Como dera banho em Ted, já que Lena estava exausta demais, pois tinha perdido muito sangue. É. Depois que Ted saíra, o sangue escorreu pela maca e as enfermeiras usaram papel, um monte de papel. Aos poucos o sangue foi parando sozinho.

O bolo de papéis ensanguentados, as mãos vermelho-escuras da enfermeira. A calma, a eficiência apesar de todo aquele... sangue. Todo aquele sangue.

Sede.

Sua boca estava pegajosa e ela rebobinou o filme para a frente e para trás, dando um zoom em tudo que estava coberto de sangue; nas mãos da

enfermeira, *passar a língua naquelas mãos, os bolos de papel encharcados no chão, enfiar esses papéis na boca e sugá-los. O útero de Lena de onde o sangue escorria num filete...*

Sentou-se de repente, assustada, correu encolhida para o banheiro, abriu com força a tampa do vaso sanitário e pôs a cabeça lá dentro. Não veio nada. Apenas uma ânsia seca e soluçante de vômito. Encostou a testa no canto do vaso. As imagens do parto começaram a surgir de novo.

Nãoqueironãoqueironãoque

Bateu com força a cabeça na porcelana e um gêiser de dor gelada espirrou dela. Tudo ficou azul-claro em seus olhos. Ela sorriu e caiu de lado no chão, no tapete do banheiro que...

Custava 14,90 coroas, mas só paguei dez por ele porque um pedaço grande do tapete ficou desfiado na hora que a moça do caixa arrancou a etiqueta do preço e quando eu saí na praça em frente ao Åhléns havia uma pomba bicando uma caixa de papelão onde havia restos de batata frita e a pomba era cinza... e... azul... ela estava... em contraluz...

Ela não sabia quanto tempo tinha ficado inconsciente. Um minuto, uma hora? Talvez apenas poucos segundos. Mas alguma coisa mudara. Ela estava calma.

A felpa do tapete do banheiro era como uma carícia em seu rosto, ali de onde ela estava olhando para o cano com manchas de ferrugem que descia da pia para o chão. Achou o formato do cano bonito.

Um cheiro forte de urina. Não fora ela quem tinha feito xixi nas calças, pois era... o cheiro do mijado de Lacke que sentia agora. Envervou o corpo, aproximou o rosto da parte do chão em volta do vaso sanitário e respirou fundo. Lacke e... Morgan. Ela não conseguia entender *como* sabia disso, mas sabia: Morgan tinha mijado ali ao lado.

Mas Morgan não estivera aqui.

Esteve sim. Naquela noite, na madrugada em que eles a levaram para casa. A noite em que ela tinha sido atacada. *Mordida*. Isso. É claro. Tudo se encaixava. Morgan estivera ali, Morgan mijara e ela ficou deitada lá no sofá

depois de ter sido mordida e agora podia enxergar no escuro, tinha alergia à luz, precisava de sangue e...

Vampiro.

Era isso. Ela não contraía nenhuma doença rara que podia ser curada num hospital ou com um psiquiatra, ou com...

Terapia de luz!

Ela deu uma risada, tossindo ao mesmo tempo, deitou-se de costas no chão e ficou olhando para o teto, pensando em tudo o que acontecera. Nas feridas que cicatrizavam rápido, no impacto do sol em sua pele, no sangue. Disse em voz alta.

— Eu sou um vampiro.

Mas não dava. Vampiros não existiam. E ainda assim ficou mais fácil. Como se uma pressão dentro da sua cabeça tivesse sido liberada. Como se um peso de culpa tivesse saído dos seus ombros. A culpa não era *dela*. As fantasias repugnantes, a coisa horrível que fizera contra si mesma a noite inteira. Não podia *controlar* nada disso.

Já que era algo... totalmente natural.

Ela ficou de joelhos, começou a encher a banheira de água, sentou-se no vaso e ficou olhando para a água escorrendo, para a banheira que se enchia lentamente. O telefone tocou. O som era apenas um sinal sem importância, um barulho mecânico. Não significava nada. De qualquer forma, não podia falar com ninguém. Ninguém podia falar com ela.

Oskar não lera o jornal de sábado. Agora ele estava à sua frente na mesa da cozinha. Já fazia um tempo que estava aberto na mesma página e Oskar tinha lido o texto da foto várias vezes. E não conseguia tirar os olhos da foto.

A reportagem era sobre o homem que foi encontrado no lago congelado perto do hospital de Blackeberg. Sobre como ele fora achado, como o trabalho de remoção do corpo tinha sido feito. Havia uma foto pequena do professor Ávila, em que ele apontava para o lago, para o buraco no gelo. Ao

citar o comentário do professor, o jornalista corrigira suas particularidades linguísticas.

Tudo muito interessante para se recortar e guardar, mesmo assim não era isso o que ele estava olhando, não era disso que ele não conseguia tirar os olhos.

Era a foto da blusa.

Dentro do casaco do homem morto tinha sido encontrada uma blusa em tamanho infantil e ela estava na foto, estendida em cima de um fundo neutro. Oskar a reconheceu.

Você não está com frio?

Na reportagem estava escrito que o morto, Joakim Bengtsson, havia sido visto com vida pela última vez no sábado, no dia 24 de outubro. Fazia duas semanas. Oskar se lembrava dessa noite. Foi quando Eli resolveu o enigma do cubo. Ele fizera um carinho no rosto dela e Eli se fora do pátio. De noite ela e... o coroa dela... tinham brigado e o velho saíra.

Será que foi nessa noite que Eli fez isso?

Foi. Provavelmente. No dia seguinte ela tinha um aspecto muito mais saudável.

Ele olhou para a foto. Era em preto e branco, mas o texto dizia que a blusa era rosa-clara. O autor do artigo especulava se o assassino era culpado da morte de mais uma vítima jovem.

Espera.

O assassino de Vällingby. Estava escrito no artigo que a polícia tinha fortes indícios de que o homem no gelo fora morto pelo tal assassino ritual que tinha sido flagrado havia pouco mais de uma semana na piscina de Vällingby e que agora estava foragido.

Será que era... o coroa? Mas... o garoto no bosque... por quê?

Oskar via Tommy na frente dele, no banco lá do parquinho, fazendo aquele gesto com o dedo.

Pendurado numa árvore... com a garganta cortada... zás!

Ele entendeu. Entendeu tudo. Todas essas reportagens que recortara e guardara, no rádio, na televisão, essa falação toda, esse medo todo...

Eli.

Oskar não sabia o que fazer. O que devia fazer. Então foi para a geladeira e apanhou um pedaço de lasanha que a mãe deixara ali para ele. Comeu o prato frio enquanto continuava lendo os artigos. Ao acabar de comer, ouviu batidas na parede. Fechou os olhos para ouvir melhor. Sabia o código de cor e salteado a essa altura.

E.S.T.O.U.S.A.I.N.D.O.

Ele se levantou rapidamente da mesa, entrou no quarto, deitou-se de barriga para baixo na cama e bateu a resposta.

V.E.M.A.Q.U.I.

Uma pausa. Em seguida:

S.U.A.M.Ã.E.

Oskar bateu de volta.

S.A.I.U.

A mãe só voltaria lá por volta das dez horas. Eles tinham pelo menos três horas sozinhos. Depois de Oskar bater essa última mensagem, recostou a cabeça no travesseiro. Por um instante, concentrado que estava em formular palavras, ele tinha esquecido.

A blusa... o jornal...

Ele estremeceu, pensou em se levantar para juntar os jornais que estavam à mostra. Pois ela ia ver... saber que ele...

Em seguida Oskar recostou a cabeça no travesseiro de novo, deixou para lá.

Um assobio baixo do lado de fora da janela. Ele se levantou da cama e encostou-se no batente da janela. Ela estava ali embaixo com o rosto virado para a luz. Trajava a camiseta quadriculada grande demais para ela.

Ele fez um gesto com o dedo: *entre pela porta.*

— Não vá dizer a ele que eu estou lá, combinado?

Yvonne fez uma careta, expeliu a fumaça pelo canto da boca na direção da janela entreaberta da cozinha e não disse nada.

Tommy bufou. — Por que é que você está fumando assim, na janela?

A cinza do cigarro tinha ficado tão comprida que começou a envergar. Tommy apontou para ela e fez um movimento de apague-o-cigarro com o indicador. Ela ignorou o filho.

— É porque Staffan não gosta, certo? De cheiro de cigarro.

Tommy se recostou na cadeira da cozinha. Ficou olhando para a cinza do cigarro e quis saber o que ela tinha para poder ficar tão comprida sem se partir. Abanou-se na frente do rosto.

— Também não gosto de cheiro de cigarro. Não gostava *nem um pouco* quando era criança. Mas naquela época você não abria a janela. Olhe aí...

A coluna de cinzas partiu-se e aterrissou na coxa de Yvonne. Ela limpou a sujeira e uma tira cinza ficou em suas calças. Yvonne levantou a mão que segurava o cigarro.

— Mas é *claro* que eu abria. Na maioria das vezes, em todo caso. Algumas vezes quando a gente estava com visita aqui em casa que talvez... e você não é a pessoa certa para ficar falando que não gosta de *fumaça*.

Tommy deu um risinho. — Mas até que foi legal, não foi?

— Não, não foi. Imagine se as pessoas tivessem entrado em pânico. Se as pessoas tivessem... e aquela cuba, aquela...

— A pia batismal.

— É, a pia batismal. O pastor ficou todo atordoado, era como se houvesse uma... crosta negra por toda... Staffan teve que...

— Staffan, Staffan...

— É, *Staffan*. Ele não disse que foi você. Ele disse isso para mim, que foi difícil para ele, com a... convicção dele, ficar mentindo ali bem na cara do pastor, mas que ele... para proteger você...

— Você sabe muito bem.

— Eu sei o quê?

— Que ele está protegendo a si mesmo.

— Mas *ele* não...

— Pense um pouco mais.

Yvonne deu uma última tragada, apagou o cigarro no cinzeiro e acendeu imediatamente um novo.

— Era uma... antiguidade. Agora eles vão ter que mandar a pia para reforma.

— E foi o enteado de Staffan que fez isso. Com que cara ele ia ficar?

— Você não é enteado dele.

— É, mas você sabe como são as coisas. Se eu fosse dizer para Staffan que eu estava pensando em dizer ao pastor que “fui eu quem fez isso, eu me chamo Tommy e Staffan é meu... futuro padrasto”. Eu acho que ele não ia gostar disso.

— Então fale você mesmo com ele.

— Não. Hoje não.

— Você não tem coragem.

— Você fala que nem uma criancinha.

— Você se comporta que nem uma criancinha.

— Mas não foi *legalzinho*?

— Não, Tommy. Não foi.

Tommy fez um muxoxo. Ele era inteligente o bastante para entender que a mãe também ia ficar fula da vida, mas, ainda assim, tinha achado que ela em algum instante veria uma *pitada* de comédia naquilo tudo. Mas ela estava do lado de Staffan agora. Era só aceitar.

Então o problema, o problema *de verdade* era arranjar um lugar para morar. Bem, depois que eles se casassem. Por enquanto Tommy podia dormir lá no porão em noites como essas, quando Staffan vinha de visita. Às oito ele sairia do plantão em Åkeshov e viria direto para cá. E Tommy *não* ia ficar ali ouvindo um sermão *daquele* cara. Não mesmo.

Então Tommy foi para o quarto, apanhou o edredom e o travesseiro da cama enquanto Yvonne continuava fumando e olhando lá fora pela janela da cozinha. Quando estava pronto, foi para a porta da cozinha com o

travesseiro debaixo de um dos braços e o edredom enrolado debaixo do outro.

— O.k. Estou de saída. Faça o favor de não dizer que eu estou lá.

Yvonne se virou para ele. Tinha lágrimas nos olhos. Sorriu um pouco.

— Está parecendo quando... quando você ia...

As palavras ficaram presas na garganta. Tommy não se mexeu: Yvonne engoliu a seco, tossiu limpando a garganta e olhou para ele com olhos bem claros. Disse em voz baixa:

— Tommy, o que você acha que eu devo fazer?

— Não sei.

— Será que eu...?

— Não. Não por minha causa. É assim mesmo.

Yvonne balançou a cabeça. Tommy sentiu que também estava ficando muito triste, que devia ir embora antes de fazer algo errado.

— Mãe? Não diga que eu...

— Tudo bem, tudo bem. Não vou dizer nada.

— Certo. Obrigado.

Yvonne se levantou e foi até Tommy. Abraçou o filho. Ela tinha um cheiro forte de cigarro. Se os braços de Tommy estivessem livres, ele também a teria abraçado de volta. Mas estavam ocupados, então ele apenas recostou a cabeça no ombro da mãe e os dois ficaram assim por algum tempo.

Depois Tommy saiu.

Não confio nela. Staffan pode fazer aquele teatro sobre qualquer coisa...

No porão, ele jogou o edredom e o travesseiro no sofá. Pôs uma porção de rapé embaixo do lábio, deitou-se e ficou pensando.

Seria melhor se levasse um tiro.

Mas Staffan não devia ser do tipo que... não, não. Era mais o tipo de sujeito que metia um dardo bem no meio da testa do assassino. Recebia

uma caixa de chocolate dos tiras, colegas de trabalho. Ele viria depois para cá para procurar Tommy. Pode ser.

Ele pescou a chave, foi para o corredor e destrancou o abrigo antiaéreo, levando consigo a corrente para dentro. Usando o isqueiro para iluminar, tentou se achar no corredor curto que tinha dois cômodos para depósito de cada lado. Nos depósitos havia alimentos não perecíveis, conservas, jogos de tabuleiro antigos, um fogareiro e outras coisas para se sobreviver a um cerco.

Ele abriu uma porta e jogou a corrente lá dentro.

Certo. Ele tinha uma saída de emergência.

Antes de deixar o abrigo antiaéreo, apanhou o troféu de atirador e sentiu seu peso na mão. Pelo menos dois quilos. Será que dava *para vender*? Era só o valor do metal. Podiam derreter o troféu.

Estudou o rosto do atirador. E não é que ele era bem parecido com Staffan? Então era para derreter o troféu.

Creumar. Definitivamente.

Ele deu uma risada.

O melhor seria derreter o troféu todo menos a cabeça e depois entregar a Staffan. Uma poça endurecida de metal só com a cabecinha saindo dela. Provavelmente não dava para fazer. Uma pena.

Pôs a escultura de volta no lugar, saiu e fechou a porta sem girar a roda que a trancava. Agora ele podia fugir para lá se fosse necessário. O que ele não achava que seria.

Apenas se fosse o caso.

Lacke deixou tocar dez vezes antes de desligar. Gösta estava sentado no sofá fazendo cafuné num gato de listras alaranjadas e nem levantou os olhos ao perguntar: — Ninguém em casa?

Lacke passou a mão no rosto e disse, irritado:

— Claro que sim. Você não ouviu a gente conversando?

— Quer mais um?

Lacke amoleceu e tentou sorrir.

— *Sorry*, eu não queria... sim, claro. Obrigado.

Gösta se inclinou para a frente na direção da mesa de um modo tão brusco que o gato foi amassado em seu colo. O animal emitiu um chiado e deslizou para o chão, sentou-se e ficou olhando de um jeito sentido para Gösta, que derramou um pouco de água tônica e uma dose cavaluar de gim no copo de Lacke, oferecendo-o a ele.

— Aqui. Não se preocupe, ela só deve estar... bem...

— Internada. Obrigado. Virginia foi ao hospital e aí eles a internaram.

— É... isso mesmo.

— Então diga isso.

— O quê?

— Ah, não é nada. Saúde.

— Saúde.

Os dois beberam. Depois de um tempo, Gösta começou a cutucar o nariz. Lacke olhou para ele e Gösta tirou o dedo de lá, dando um sorriso de desculpas. Não estava acostumado com gente por perto.

Um gato gordo branco e cinza estava esparramado no chão, parecia mal aguentar levantar a cabeça. Gösta acenou-lhe com a cabeça. — Miriam vai ter filhote logo, logo.

Lacke tomou um gole grande e fez uma careta. A cada gota de entorpecimento que a bebida proporcionava, ele sentia cada vez menos o cheiro no apartamento.

— O que você faz com eles?

— Como assim?

— Com os filhotes. O que você faz com eles? Deixa-os viver, não é?

— Sim. Mas eles já nascem mortos na maioria das vezes. Hoje em dia.

— Então... me explica uma coisa. Essa barriga... gorda aí da, qual o nome mesmo... Miriam?... da Miriam, é só... um monte de filhotes mortos lá dentro?

— É.

Lacke bebeu tudo o que havia no copo e o depositou em cima da mesa. Gösta fez um gesto interrogativo na direção da garrafa de gim. Lacke sacudiu a cabeça.

— Não. Preciso de uma pausa.

Ele abaixou a cabeça. Um tapete laranja tão cheio de pelos de gato que parecia ser *feito* de pelos de gato. Gatos e mais gatos por toda parte. Quantos eles eram? Começou a contar. Foi até dezoito. Só nessa sala.

— Você nunca pensou em... dar um jeito neles? Bem, castrar ou, como se chama mesmo... esterilizar? Bastava fazer com apenas um dos sexos.

Gösta olhou para ele sem entender.

— E como é que eu vou fazer isso?

— É, é claro.

Lacke viu na frente dele Gösta sentado no metrô com uns... vinte e cinco gatos. Numa caixa. Não. Numa sacola, num saco grande. Ele iria ao veterinário e despejaria todos os gatos na mesa. “Castração, por favor.” Lacke deu uma risada seca. Gösta inclinou a cabeça de lado.

— O que é?

— Não, é que eu só pensei... que eles podiam dar um desconto pela quantidade.

Gösta não gostou da brincadeira e Lacke sacudiu as duas mãos na frente dele. — Não, desculpe. Eu só... ah, estou totalmente... isso com a Virginia, bem, eu... — Endireitou-se de repente e bateu com a mão na mesa.

— Não vou mais ficar aqui!

Gösta deu um pulo no sofá. O gato em frente aos pés de Lacke deslizou para o outro lado e se escondeu debaixo da poltrona. De algum lugar na sala ele ouviu um chiado. Gösta se remexeu inquieto no sofá e balançou o copo.

— Você não precisa ficar. Não por minha...

— Não é isso. É aqui. *Aqui*. Estou falando de toda essa bosta. De Blackeberg. Tudo isso. Esses prédios, as ruas por onde a gente anda, os lugares, as pessoas, tudo isso é... como se fosse uma doença gigante, entende? É como um *erro*. Eles arquitetaram esse lugar, planejaram tudo

para que ficasse... perfeito, certo? E de alguma forma, ao invés disso, tudo deu errado. Ficou uma merda. Como se... não dá para explicar... como se eles tivessem uma ideia de como os ângulos seriam, de como tudo seria, os ângulos onde os prédios seriam levantados, como ficariam em relação aos outros prédios, certo. Para que houvesse uma harmonia ou algo do gênero. E então alguma coisa estava errada na fita métrica, no esquadro, sei lá o que eles usam, de forma que ficou um pouco errado no início e depois mais errado ainda. Por isso a gente anda no meio desses prédios e só sente que... não. Não, não, não. A gente não quer *ficar* aqui. Está *errado*, entende? Mas não se trata dos ângulos, é outra coisa, algo que só... que é como uma doença entranhada... nas paredes e eu... não quero mais fazer parte disso.

Um tilintar quando Gösta serviu sem pedir permissão mais um drinque no copo de Lacke, que aceitou agradecido. O desabafo espalhou uma calma agradável por seu corpo, uma calma que a bebida aquecia agora. Recostou-se na poltrona e respirou aliviado.

Os dois ficaram calados desse jeito até que alguém bateu na porta. Lacke perguntou: — Você está esperando visita?

Gösta sacudiu a cabeça enquanto se levantava com dificuldade do sofá.

— Não. Já foi um movimento danado hoje de noite.

Lacke deu um risinho e levantou o copo na direção de Gösta quando este passou por ele. Sentia-se melhor agora. Tudo sob controle, de verdade.

A porta foi aberta. Alguém lá fora disse alguma coisa e Gösta respondeu:

— Pois não, entre.

Deitada na banheira, na água quente que se tingia de rosa quando o sangue seco se diluía nela, Virginia se decidira.

Gösta.

A nova consciência dela disse que devia ser alguém que a deixasse entrar. A velha disse que não podia ser alguém que ela amava. Nem sequer gostasse. Gösta se encaixava nessas duas descrições.

Ela saiu da banheira, secou-se, vestiu as calças e a blusa. Foi só lá fora na rua que ela percebeu que não vestira nenhum casaco. Ainda assim, não estava sentindo frio.

Descobertas novas, o tempo todo.

Ela parou junto do prédio e olhou para a janela de Gösta lá em cima. Ele estava em casa. Ele sempre estava em casa.

E se ele oferecer resistência?

Não pensara nisso. Apenas imaginou tudo como se fosse buscar aquilo de que precisava. Mas e se Gösta quisesse viver?

É claro que ele queria viver. Ele é um ser humano, tem suas noias e imagine todos os gatos que vão...

O pensamento foi freado, desapareceu. Pousou a mão em cima do coração. Ele dava cinco batidas por minuto e ela sabia que precisava proteger o coração. Que havia um quê de verdade naquilo com... as estacas.

Pegou o elevador para o penúltimo andar e apertou a campainha. Quando Gösta abriu a porta e viu Virginia, os olhos dele aumentaram, parece que exprimiam uma espécie de horror.

Será que ele sabe? Será que dá para ver?

Gösta disse: — Mas... é você?

— É. Posso...

Ela fez um movimento para dentro do apartamento. Não entendeu. Sabia apenas intuitivamente que precisava de um convite, senão... senão... alguma coisa acontecia. Gösta balançou a cabeça e deu um passo atrás.

— Pois não, entre.

Virginia entrou no corredor do apartamento e Gösta fechou a porta. Olhou para ela com os olhos turvos. Sua barba estava por fazer; a pele flácida do pescoço, suja de barba incipiente. O fedor do apartamento era pior do que ela se lembrava, mais nítido.

Eu não queri...

O cérebro antigo foi desativado. A fome assumiu o comando. Pôs as mãos nos ombros de Gösta, viu as próprias mãos sendo baixadas nos

ombros de Gösta. Deixou acontecer. A velha Virginia estava encolhida agora em algum lugar lá atrás da sua cabeça, sem controle da situação.

A boca disse: — Você pode me fazer uma coisa? Não se mexa.

Ela ouviu algo. Uma voz.

— Virginia! Que bom que...

* * *

Lacke recuou quando a cabeça de Virginia se virou para ele.

Os olhos dela estavam vazios. Como se alguém tivesse enterrado agulhas neles, sugado tudo o que era Virginia e deixado apenas o olhar inexpressivo de um modelo anatômico. Imagem 8: olhos.

Virginia olhou para ele um segundo, em seguida largou Gösta e se virou para a porta. Apertou a maçaneta, mas a porta estava trancada. Girou a tranca, mas Lacke a segurou e a tirou da porta.

— Você não sai daqui antes de...

Virginia lutou para se soltar dele e seu cotovelo acabou acertando a boca de Lacke, os lábios se machucaram nos dentes. Ele segurava firmemente os braços dela, pressionava seu rosto nas costas dela.

— Pô, Ginja. Eu preciso falar com você. Estou muito preocupado. Acalme-se, o que há com você?

Ela deu um arrancão em direção à porta, mas Lacke a segurou e rebocou Virginia para a sala de estar. Ele se esforçou em falar com calma, como se fosse com um animal assustado, enquanto a fazia andar na frente dele.

— Agora Gösta vai servir um drinque e então a gente vai se sentar e conversar com calma, porque eu... porque eu vou ajudar você. Seja lá qual for o problema, eu vou ajudar você, certo?

— Não, Lacke. Não.

— Sim, Ginja. Sim, senhora.

Gösta abriu caminho entre eles e foi para a sala, fez um drinque para Virginia no copo de Lacke. Lacke conseguiu fazer Virginia entrar, soltou-a e

ficou na porta que dava para o corredor com as mãos nos batentes da porta, parecia um guarda. Ele tirou com a língua um pouco de sangue que havia no lábio inferior.

Virginia estava no meio da sala, tensa. Olhou ao redor como se procurasse um caminho de fuga. Os olhos pararam na janela.

— Não, Ginja.

Lacke se preparou para correr para ela, segurá-la de novo se ela tentasse fazer alguma besteira.

O que há com ela? Ela parece que está vendo fantasmas na sala toda.

Ele ouviu um barulho parecido com um ovo fritando numa frigideira bem quente.

Mais um, igual.

Mais um.

A sala foi se enchendo de um chiado cada vez mais forte.

Todos os gatos na sala tinham se levantado, estavam com as costas encurvadas e as caudas levantadas, olhando para Virginia. Até Miriam se levantara toda desajeitada com a barriga arrastando pelo chão, as orelhas puxadas para trás, mostrando os dentes.

Do quarto, da cozinha, vinham mais gatos.

Gösta terminara de servir o drinque; segurava a garrafa olhando espantado para os gatos. O chiado pairava agora na sala como uma nuvem de eletricidade, a intensidade aumentando. Lacke foi obrigado a falar alto para poder ser ouvido em meio às vozes dos gatos.

— Gösta, o que eles estão fazendo?

Gösta sacudiu a cabeça, fez um movimento amplo com o braço e um pouco de gim acabou respingando da garrafa.

— Não sei... eu nunca...

Um gatinho preto saltou na coxa de Virginia, enterrou as unhas e se agarrou ali. Gösta pôs a garrafa em cima da mesa fazendo um estampido:

— Xô, Titania, xô!

Virginia se abaixou, pegou o gato pela corcunda e tentou arrancá-lo. Mais dois gatos aproveitaram a chance e pularam nas costas e no pescoço dela. Virginia soltou um grito e tirou o gato da perna, jogando o animal longe. Ele voou pela sala, bateu no canto da mesa e caiu aos pés de Gösta. Um dos gatos nas costas de Virginia subiu na cabeça dela e fincou-lhe suas garras enquanto atacava a testa.

Antes de Lacke conseguir ajudar, mais três gatos tinham pulado para cima dela. Eles berravam enquanto Virginia batia neles de punho cerrado. Ainda assim, os felinos continuavam agarrados, rasgando as carnes dela com seus dentinhos.

Lacke meteu as mãos no bolo pulsátil e rastejante no peito de Virginia, agarrou a pele que deslizava por cima de músculos contraídos e arrancou os corpinhos, a blusa de Virginia rasgou, ela gritava e...

Estava chorando.

Não; era sangue que escorria pelo rosto dela. Lacke pegou o gato que estava agarrado na cabeça dela, mas o animal enterrou ainda mais as unhas em Virginia, estava como que costurado nela. A cabeça dele cabia na mão de Lacke e ele a puxou para a frente e para trás até que, no meio daquele barulho todo, ele ouviu um

crack

e, quando Lacke largou a cabeça do animal, ela caiu mole do alto da cabeça de Virginia. Uma gota de sangue saiu do focinho do gato.

— Aaiaiaai! Minha criança...

Gösta foi na direção de Virginia e, com lágrimas nos olhos, começou a acariciar o gato que mesmo morto estava grudado na cabeça dela.

— Minha criança...

Lacke abaixou os olhos que se cruzaram com os de Virginia.

Era ela de novo.

Virginia.

Deixe-me ir.

Através do túnel duplo que eram os olhos dela, Virginia ficou contemplando o que acontecia com o corpo dela, olhando para Lacke tentando salvá-la.

Deixa para lá.

Não era ela quem lutava, quem batia. Era aquele outro ser que queria viver, que queria que... o hospedeiro continuasse vivo. Ela mesma desistira quando viu o pescoço de Gösta e sentiu o fedor do apartamento. Era assim que ia ser. E ela queria sair disso.

A dor. Ela sentiu a dor, os arranhões. Mas ia passar logo.

Então... Deixa para lá.

Lacke viu. Mas não aceitou.

A granja... duas casas... um jardim...

Em estado de pânico, tentou arrancar os gatos de Virginia. Estavam grudados, um bando de músculos com pelugem. Os poucos que ele conseguiu arrancar levaram consigo pedaços da roupa dela, deixaram arranhões profundos na pele embaixo do pano, mas a maioria estava agarrada que nem sanguessuga. Ele tentou bater nos bichos, ouviu ossos se quebrando, mas, quando um caía, vinha outro, pois os gatos trepavam uns nos outros em sua sofreguidão de...

Preto.

Ele levou uma cacetada no rosto e cambaleou para trás um metro, quase caiu, apoiou-se na parede, pestanejou. Gösta estava de punhos cerrados junto de Virginia, olhando para ele com uma fúria lacrimosa no olhar.

— Você está *machucando* os gatos! Você está *machucando* os gatos!

Ao lado de Gösta, Virginia era uma massa fervilhante de pelos que chiava e miava. Miriam foi se arrastando, levantou-se nas patas traseiras e atacou a panturrilha de Virginia. Gösta viu o que aconteceu, abaixou-se e pôs o dedo em riste:

— Não faça isso, menina. *Dói.*

A razão abandonou Lacke. Ele deu dois passos à frente e chutou Miriam. O pé se afundou na barriga inchada do felino e Lacke não sentiu nojo, apenas satisfação quando o saco de vísceras voou para longe dos pés dele e acabou se arrebetando no sistema de calefação. Ele pegou Virginia pelo braço...

Precisamos sair agora daqui

... e puxou-a para a porta do apartamento.

Virginia tentou oferecer resistência. Mas a força motriz de Lacke e a da contaminação eram iguais, e mais fortes que ela. Através dos túneis que saíam da sua cabeça, Virginia viu Gösta cair de joelhos no chão, ouviu o grito de tristeza que ele deu quando apanhou um gato morto e acariciou o bichano nas costas.

Me perdoe, me perdoe.

Em seguida Lacke puxou-a para sair dali e a visão dela foi obstruída quando um gato pulou em seu rosto, mordeu-lhe a cabeça e tudo era dor, agulhas vivas furando sua pele e ela se sentiu como uma donzela de ferro ao perder o equilíbrio e cair, sentindo que era arrastada pelo chão.

Deixe-me ir.

Mas o gato na frente dos seus olhos mudara de posição e ela viu a porta do apartamento sendo aberta. A mão de Lacke, vermelho-escura, que a puxava, e ela viu as escadas do prédio, conseguiu se levantar de novo, lutou para adentrar a própria consciência, assumiu o comando e...

Virginia tirou o braço da mão dele.

Lacke se virou para a massa rastejante de pelos que era o corpo dela para segurá-la de novo, para...

O quê? O quê?

Sair dali. Para sair dali.

Mas Virginia conseguiu passar por ele e, por um segundo, a corcunda trêmula de um gato pressionou o rosto de Lacke. Em seguida ela estava na

escadaria do prédio onde os chiados dos gatos se multiplicaram iguais a sussurros exaltados enquanto ela corria para os degraus e...

Nãonãonã

Lacke tentou correr para impedi-la, mas, como alguém convencido de que faria uma aterrissagem suave ou que não se importava caso fosse ou não se estatelar no chão, ela se atirou à frente parecendo uma gelatina e deixou-se cair escada abaixo.

Os gatos que acabaram espremidos davam gritos quando Virginia foi rolando e quicando nos degraus de cimento. Estalos molhados quando os ossinhos finos se quebravam, estampidos mais fortes que fizeram Lacke pular de susto quando a cabeça de Virginia...

Alguma coisa atravessou o pé dele.

Um gatinho cinza com um defeito nas patas traseiras foi se arrastando para a escadaria, ficou chorando tristemente lá no alto das escadas.

No final da escada, Virginia estava caída, imóvel. Os gatos que sobreviveram à queda deixaram-na e voltaram subindo pela escada. Entraram no corredor do apartamento e começaram a se lambar.

Apenas o gatinho cinza continuou sentado, triste por não ter podido participar.

A polícia fez uma declaração à imprensa na noite de domingo.

Tinham escolhido um salão de conferências na sede da polícia com lugar para quarenta pessoas, mas o local acabou sendo pequeno demais. Repórteres de jornais e de redes de televisão europeus apareceram. O fato de o homem não ter sido capturado durante o dia aumentara a importância da notícia e talvez tenha sido um jornalista britânico quem analisou melhor o porquê de a coisa toda despertar tanto interesse:

— É a caça ao Monstro. À aparência dele, às coisas que fez. Ele é o Monstro, aquilo de que tanto falam os contos de fada. E cada vez que o capturamos, queremos fingir que é para sempre.

Já quinze minutos antes do horário estipulado, o ar da sala mal ventilada tinha ficado quente e úmido e os únicos que não reclamavam eram os caras da equipe da tevê italiana, que disseram estar acostumados com condições piores de trabalho.

Todos se mudaram para um salão maior e às oito horas chegou o chefe de polícia de Estocolmo, acompanhado do comissário que cuidava da investigação e que conversara com o assassino no hospital, assim como do chefe da patrulha de busca que comandara a operação no bosque de Judarn durante o dia.

Eles não temiam ser dilacerados pelos jornalistas, já que resolveram jogar um osso para eles.

É que a polícia tinha uma foto do homem.

A busca pelo relógio dera resultado, enfim. Um relojoeiro em Karlskoga tinha tirado um tempo no sábado para examinar o arquivo da loja com as apólices de seguro já vencidas. Acabou encontrando o número que a polícia lhe solicitara numa carta, para que ele e outros relojoeiros procurassem.

Ele ligou para a polícia e lhes forneceu nome, endereço e telefone da pessoa registrada como comprador. A polícia de Estocolmo procurou o nome do homem em seus registros e pediu à polícia de Karlskoga que visitasse esse endereço para ver o que podiam encontrar por lá.

Houve um rebuliço quando se descobriu que o homem fora condenado por tentar estuprar uma criança de nove anos, sete anos atrás. Passou três anos preso numa instituição para doentes mentais. Depois recebera alta e foi solto.

Mas a polícia de Karlskoga encontrou o homem em casa, gozando de boa saúde.

Isso mesmo, ele teve um relógio desses. Não, ele não se lembrava do fim que foi dado ao relógio. Depois de algumas horas de interrogatório na sede da polícia em Karlskoga e advertências de que um atestado de saúde mental

sempre podia ser objeto de reavaliação, o homem lembrou por fim quem tinha comprado o relógio dele.

Håkan Bengtsson, de Karlstad. Eles tinham se encontrado em algum lugar e feito alguma coisa, ele não lembrava o quê. Vendera o relógio a Håkan, em todo caso, mas não tinha o endereço do sujeito e só podia descrevê-lo vagamente... Será que podia ir para casa agora?

Håkan Bengtsson não deu nenhum resultado no registro. Foram encontrados vinte e quatro Håkan Bengtsson na região de Karlstad. A metade podia ser excluída de cara devido à idade errada. A polícia começou a telefonar. A busca foi simplificada consideravelmente, pois, se alguém pudesse *falar*, isso desqualificava a pessoa como candidato.

Lá pelas nove da noite, a polícia conseguira reduzir a lista e sobrou apenas *uma* pessoa. Um Håkan Bengtsson que tinha sido professor de sueco do ensino médio e que se mudou de Karlstad quando teve a casa destruída por um incêndio em circunstâncias suspeitas.

A polícia telefonou para o diretor da escola e ficou sabendo que era isso mesmo, houve boatos que diziam que Håkan Bengtsson... gostava de crianças de um modo inconveniente. A polícia também fez o diretor ir à escola no sábado à noite para desarquivar uma foto antiga de Håkan Bengtsson, tirada para o álbum do colégio em 1976.

Um policial de Karlstad que de qualquer forma tinha coisas a fazer em Estocolmo mandou uma cópia da foto por fax e foi para Estocolmo com a foto original na noite de sábado. A fotografia chegou à sede da polícia à uma da manhã no domingo, ou seja, meia hora depois de o homem em questão ter se jogado da janela do hospital e ser declarado como morto.

A manhã de sábado foi dedicada a verificar nas fichas médicas e dentárias de Karlstad se o homem da foto era o mesmo que até a noite anterior não podia sair do leito de hospital e, sim: era ele.

No domingo à tarde foi feita uma reunião na sede da polícia. Eles sabiam que acabariam descobrindo o que o morto fizera depois da saída de

Karlstad, ver se suas obras faziam parte de um contexto maior, se havia mais vítimas pelo caminho.

Mas agora a situação era diferente.

O assassino ainda estava vivo, em liberdade, e o mais importante no momento era encontrar onde o *homem tinha morado*, já que havia certa chance de que ele fosse regressar para lá. O movimento na direção de Västerort parecia indicar isso.

Assim, a polícia resolveu que, se o homem não tivesse sido capturado até a hora da reunião com a imprensa, lançaria mão do cão farejador genioso de várias cabeças chamado A População.

Alguém podia ter visto o homem na época em que ele ainda tinha a mesma cara da foto e quem sabe essa pessoa tivesse uma ideia de onde ele havia morado. Além do mais, e isso era *obviamente* algo secundário, a polícia precisava de alguma coisa para dar à imprensa.

Então os três policiais estavam sentados agora à mesa comprida em cima do tablado e um burburinho correu entre os jornalistas ali reunidos quando o chefe de polícia — com um gesto simples que ele sabia ser o mais eficiente do ponto de vista dramático — levantou a foto ampliada de Håkan Bengtsson e disse:

— O homem que procuramos se chama Håkan Bengtsson e, antes do seu rosto ficar deformado, ele tinha... essa cara aqui.

O chefe de polícia fez uma pausa enquanto as câmeras clicavam e os flashes fizeram a sala se transformar por uns segundos num verdadeiro estroboscópio.

É claro que havia cópias da foto que podiam ser distribuídas para os jornalistas, mas foram principalmente os jornais estrangeiros que escolheriam a foto de maior apelo emocional, que era a do chefe de polícia com o assassino — por assim dizer — nas mãos.

Depois de todos terem recebido suas fotos e de o investigador e o chefe da busca terem apresentado a análise deles, foi a hora das perguntas. O

primeiro que recebeu a palavra foi um repórter do jornal *Dagens Nyheter*.

— Quando vocês calculam que vão prendê-lo?

O chefe de polícia respirou fundo, resolveu pôr em jogo sua reputação, aproximou-se do microfone e disse:

— O mais tardar amanhã.

— Oi.

— Oi.

Oskar entrou na sala de estar antes de Eli para apanhar o disco que ia mostrar. Percorreu a coleção magra de discos da mãe e achou. Os Vikings. O grupo inteiro estava reunido numa coisa que parecia ser o esqueleto de uma embarcação viking, não combinava com os ternos lustrosos dos integrantes.

Eli não veio. Com o disco na mão, Oskar voltou para o corredor. Ela ainda estava do lado de fora do apartamento.

— Oskar, você precisa me convidar.

— Mas... a janela. Você já...

— Essa é uma entrada nova.

— Sei. Você pode...

Oskar não continuou; passou a língua nos lábios. Olhou para o disco. A foto da capa foi tirada no escuro e com flash e Os Vikings estavam iluminados parecendo um grupo de santos prestes a chegar à terra firme. Ele deu um passo em direção a Eli e lhe mostrou o disco.

— Olhe só. Parece que eles estão na barriga de uma baleia ou algo do tipo.

— Oskar...

— Quê?

Eli estava parada de braços caídos olhando para Oskar. Ele deu um risinho, foi até a porta e passou a mão no ar entre o batente e a soleira da porta, na frente do rosto de Eli.

— O que é? Por acaso *existe* alguma coisa aqui?

— Não comece.

— É sério. O que acontece se eu *não* disser?

— Não. Co-me-ce. — Eli deu um sorriso amarelo. — Quer ver o que acontece, quer?

Eli disse isso de um jeito que obviamente tinha o objetivo de levar Oskar a dizer não; uma promessa de algo terrível. Mas Oskar engoliu em seco e disse: — Quero. Eu quero! Vamos lá!

— Você escreveu no bilhete que...

— É, escrevi. Mas vamos lá! O que acontece?

Eli apertou os lábios, pensou um segundo e em seguida deu um passo à frente, atravessando a soleira da porta. O corpo todo de Oskar se contraiu, ele esperava um raio azul, que a porta fosse se mexer, atravessar Eli e se fechar com força ou algo parecido. Mas nada disso aconteceu. Eli entrou no corredor e fechou a porta. Oskar encolheu os ombros.

— Só isso?

— Ainda não.

Eli continuava na mesma posição de quando estava do lado de fora do apartamento. Parada, de braços caídos e não tirava os olhos de Oskar. O menino sacudiu a cabeça.

— E então? Se...

Ele parou de falar quando uma lágrima brotou do canto do olho de Eli, não, uma de cada canto dos olhos. Mas não era lágrima, já que era bem escura. A pele do rosto de Eli começou a ficar vermelha, ficou rosa, vermelho-clara, cor de vinho e os punhos dela se cerraram na hora que os poros do rosto se abriram e gotículas de sangue foram brotando, deixando o rosto todo pontilhado. No pescoço, a mesma coisa.

Os lábios de Eli se retorceram de dor e uma gota de sangue escorreu da boca, juntou-se com as gotas que brotavam e ficavam cada vez maiores no queixo e foram descendo para se unir às gotas no pescoço.

Oskar perdeu a força nos braços, deixou-os cair e o disco deslizou de dentro da capa, sua ponta quicou uma vez no chão e ele ficou caído no

tapete do corredor. O olhar do menino foi para as mãos de Eli.

O dorso das mãos estava úmido de uma película de sangue e mais sangue brotava.

Mais uma vez ele olhou Eli nos olhos, mas não a encontrou. Os olhos pareciam ter se afundado nas órbitas, estavam cheios de sangue que transbordava, escorria pelas laterais do nariz para cima dos lábios, entrando pela boca, de onde brotava mais sangue. Dois filetes escorriam do canto da boca, descendo pelo pescoço, e desapareceram por baixo da gola da camisa dela, onde manchas mais escuras começavam agora a aparecer.

Ela sangrava por todos os poros do corpo inteiro.

Oskar respirou fundo, ofegante, e gritou: — Você *pode* entrar, você pode... seja bem-vinda, você pode... você pode ficar aqui!

Eli relaxou. Os punhos cerrados se abriram. A careta de dor se desmanchou, Oskar achou por um instante que o sangue também fosse desaparecer, que tudo seria *como se não tivesse acontecido*, já que ela tinha sido convidada.

Mas não. O sangue parou de escorrer, mas o rosto de Eli e as mãos ainda estavam vermelho-escuros e, enquanto os dois estavam um na frente do outro sem dizer nada, o sangue começou lentamente a coagular, a formar listras escuras e a se aglutinar nas regiões onde escorrera mais, e Oskar sentiu um leve cheiro de hospital.

Ele apanhou o disco do chão, enfiou-o de volta na capa e disse, sem olhar para Eli: — Desculpe, é que eu... eu não achei que...

— Tudo bem. Fui eu quem quis. Mas acho que vou precisar tomar um banho. Você tem um saco plástico?

— Saco plástico?

— É. Para as roupas.

Oskar assentiu, foi para a cozinha e desenterrou do buraco debaixo da pia um saco plástico onde estava escrito “*íca: coma, beba e seja feliz*”. Foi para a sala, pôs o disco na mesinha de centro e parou, com o saco farfalhando na mão.

E se eu não tivesse dito nada. E se eu tivesse deixado Eli... ficar sangrando.

Ele amassou o saco plástico e fez dele uma bola, soltou-a e o saco pulou da sua mão, caindo no chão. Ele o apanhou, jogou-o no ar e o pegou novamente. O chuveiro no banheiro foi aberto.

Tudo é verdade. Ela é... ele é...

Enquanto se dirigia para o banheiro, ele abriu o saco. Coma, beba e seja feliz. Barulho de chapinhar atrás da porta fechada. A fechadura estava destrancada. Ele bateu de leve.

— Eli...

— Sim. Entre.

— Não, eu só... o saco.

— Não ouço nada. Entre.

— Não.

— Oskar, eu...

— Vou deixar o saco aqui!

Ele deixou o saco do lado de fora da porta e fugiu para a sala. Tirou o disco da capa e o enfiou no prato da vitrola, ligou o toca-discos e pôs a agulha na faixa número três, a favorita dele.

Uma introdução bem comprida e em seguida a voz macia do vocalista começou a ecoar do alto-falante:

*A menina prende flores no cabelo
enquanto passeia no prado
Ela vai fazer dezenove nesse ano
e vai sorrindo sozinha por onde anda*

Eli entrou na sala de estar. Tinha enrolado uma toalha em volta da cintura e, na mão, segurava o saco de plástico com as roupas. Seu rosto estava limpo agora e o cabelo molhado estava grudado em mechas nas

bochechas e nas orelhas. Oskar, ao lado da vitrola, cruzou os braços no peito e acenou com a cabeça para ela.

*Por que você está sorrindo, pergunta o garoto
quando eles se encontram por acaso perto do portão
Bem, é que eu estou pensando nele que será meu
Responde a menina de olhos que tão azuis são
Ele que eu tanto amo...*

— Oskar?

— Quê? — Ele abaixou o volume e fez um gesto com a cabeça na direção do toca-discos. — Ridículo, não é?

Eli sacudiu a cabeça. — Não, é muito bom. *Dessa*, eu gosto.

— *Verdade?*

— É. Mas, Oskar... — Eli parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas exclamou apenas “ah” e desatou a toalha que amarrara na cintura. A toalha caiu no chão junto dos seus pés e Eli ficou nua a alguns metros de Oskar. Ela fez um gesto amplo com a mão na direção do próprio corpo magro: — Agora você já sabe.

*... descem para o lago, onde eles escrevem na areia.
Baixinho, um diz para o outro;
Escute, meu amor, é você quem eu quero
La-lala-lalala...*

Um trecho instrumental curto e depois a música acabava. Um crepitar suave dos alto-falantes enquanto a agulha girava em direção à próxima música, enquanto Oskar olhava para Eli.

Os mamilos pequenos pareciam quase negros com a pele branquíssima ao fundo. A parte superior do corpo era delgada, reta e sem contornos. Apenas o formato das costelas se destacava nitidamente à luz forte do lustre

do teto. Os braços finos e as pernas magras pareciam compridos demais saindo dali do tronco, uma árvore jovem, revestida de pele humana. No meio das pernas, ela... não tinha nada. Nenhuma fenda, nenhum pênis. Apenas uma superfície lisa de pele.

Oskar passou a mão no cabelo e a deixou em formato de concha em cima do pescoço. Ele não queria dizer aquela palavra ridícula da mãe, mas saiu mesmo assim.

— Mas você não tem... bilau.

Eli dobrou o pescoço e olhou para a virilha como se isso fosse uma descoberta totalmente nova. A próxima música começou e Oskar não ouviu o que ela respondeu. Ele apertou o dispositivo que levantava a agulha para tirá-la do disco.

— O que foi que você disse?

— Eu disse que tive.

— E o que aconteceu com ele?

Eli soltou um riso e o próprio Oskar ouviu como a pergunta tinha soado; enrubesceu um pouco. Eli abriu os braços e pôs o beijo em cima do lábio superior.

— Esqueci no metrô.

— Ah... Como você é desleixado...

Sem olhar para Eli, Oskar passou por ele e foi até o banheiro para ver se não havia nenhum vestígio lá dentro.

O vapor quente ainda pairava no ar, o espelho estava embaçado. A banheira estava tão branca quanto antes, apenas uma tira um pouco amarela de sujeira velha que nunca saía perto da borda. A pia, limpa.

Isso não aconteceu.

Eli só tinha entrado no banheiro porque fazia parte da encenação, manter a ilusão. Mas não: o sabonete. Oskar levantou o sabonete. Ele tinha tirinhas levemente rosadas e na pequena concavidade da pia, lá embaixo, na poça d'água, havia um bolo de alguma coisa que parecia ser um girino, isso mesmo: estava vivo, e ele levou um susto quando o ser começou a...

nadar

... a se mexer, sacudir a cauda e a se contorcer em direção ao escoamento da concavidade, desceu pela pia e ficou preso no canto. Mas a coisa ficou imóvel ali, não estava viva. Ele abriu a torneira e respingou água nela de modo que o ser desceu esgoto abaixo. Oskar enxaguou o sabonete e lavou a pia. Em seguida tirou do gancho o roupão de banho que era dele, voltou para a sala e o entregou para Eli, que ainda estava nu no meio da sala, olhando ao redor.

— Obrigado. Quando sua mãe chega?

— Daqui a algumas horas. — Oskar pegou a sacola com as roupas. — Isso aqui é para jogar fora?

Eli vestiu o roupão e o amarrou.

— Não. Eu levo comigo mais tarde. — Tocou no ombro de Oskar. — Oskar? Você entendeu que eu não sou menina, que eu não...

Oskar deu um passo para se afastar dele.

— Pare de ficar falando a mesma coisa! Eu já sei. Você *já* disse isso!

— Não, eu não disse.

— Disse sim.

— Quando?

Oskar refletiu.

— Não lembro, mas de qualquer jeito eu *sabia*. Já sabia há *muito* tempo.

— Você está... triste?

— E por que eu ficaria?

— Porque... sei lá. Porque você acha que é... uma coisa difícil. Seus amigos...

— Corta essa! Corta essa. Você é doente da cabeça. Corta essa.

— Tudo bem.

Eli ficou mexendo na faixa do roupão, foi depois para a vitrola e olhou o disco girando. Virou-se e olhou toda a sala.

— Sabe, faz muito tempo que eu... estive assim na casa de alguém. Eu não sei muito bem... O que eu devo fazer?

— Sei lá.

Eli deixou os ombros afundarem, enfiou as mãos nos bolsos do roupão de banho e olhou como que hipnotizado para o buraco de escuridão do disco. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fechou-a de novo. Tirou a mão direita do bolso, estendeu-a na direção do disco e apertou o indicador no lp, o que fez o disco parar.

— Cuidado. O disco pode... riscar.

— Desculpe.

Eli tirou rapidamente o dedo do disco e o lp ganhou velocidade, continuou girando. Oskar viu que o dedo deixara uma mancha de umidade que ficava visível cada vez que o disco passava pelo espectro da luz projetado pela lâmpada do teto. Eli enfiou a mão de novo no bolso do roupão e olhou para o disco como se estivesse tentando ouvir a música através do exame das faixas do lp.

— Isso pode parecer... mas... — uma puxada no canto da boca de Eli — ... é que eu não tenho... um amigo há duzentos anos.

Ele olhou para Oskar com um sorriso de desculpe-se-eu-disser-coisas-tão-estranhas. Oskar arregalou os olhos.

— Você é *tão* velho assim?

— Sou. Não sou. Eu nasci mais ou menos duzentos e vinte anos atrás, mas fiquei dormindo a metade desse tempo.

— Eu também. Bem, em todo caso... oito horas... quanto é que dá... um terço do tempo.

— É. Mas... quando eu digo *dormir*, estou falando de vários meses em que eu... não acordo mesmo. E depois de alguns meses em que... vivo. Mas então descanso de dia.

— É assim que a coisa funciona?

— Não sei. Pelo menos é assim comigo. E depois quando acordo estou... pequeno de novo. E fraco. É nessas horas que eu preciso de ajuda. Pode ser por isso que estou sobrevivendo. Porque sou pequeno. E as pessoas querem me ajudar. Mas... por razões bem diferentes.

Uma sombra passou pelo rosto de Eli quando ele trincou o maxilar. Enfiou ainda mais as mãos nos bolsos do roupão, achou alguma coisa e tirou o objeto de lá de dentro. Uma tira de papel brilhante, fino. Algo que a mãe esquecera, ela costumava usar o roupão de Oskar de vez em quando. Eli depositou com cuidado a tira de volta no bolso como se fosse algo valioso.

— E você dorme num *caixão*?

Eli deu uma risada e sacudiu a cabeça.

— Não, não. Eu...

Oskar não conseguia mais ficar com aquilo guardado dentro dele. Na verdade, não foi sua intenção, mas saiu como se fosse uma acusação quando disse: — Mas você mata gente!

Eli olhou bem nos olhos dele com uma expressão semelhante à surpresa, como se Oskar tivesse comentado de forma enfática que Eli tinha cinco dedos em cada mão ou algo tão óbvio quanto isso.

— É. Eu mato gente. É uma pena.

— Mas então por que você faz isso?

Uma faísca de raiva surgiu nos olhos de Eli.

— Se você tiver uma ideia melhor, é só dizer.

— O.k., mas... sangue... deve dar para arranjar... de algum jeito... que você...

— Não dá.

— Por que não?

Eli bufou e apertou os olhos.

— Porque eu sou igual a você.

— Como igual a mim? Eu...

Eli fez um movimento amplo no ar como se tivesse uma faca na mão e disse:

— O que é que você está olhando, idiota? Quer morrer, hein? — Deu uma facada com a mão vazia. — É isso que dá ficar me encarando.

Oskar esfregou o lábio de cima no de baixo e os umedeceu.

— O que você está dizendo?

— Não sou eu que estou dizendo. Foi você quem disse. Foi a primeira coisa que ouvi você dizer. Lá embaixo no parquinho.

Oskar lembrou. A árvore. A faca. Como ele inclinara a lâmina da faca e, fazendo um espelho dela, viu Eli pela primeira vez.

Sua imagem aparece em espelhos? A primeira vez que eu vi você foi num espelho.

— Eu... não mato gente.

— Não. Mas gostaria. Se pudesse. E você *realmente* faria se precisasse.

— Porque eu odeio todos eles. É uma grande...

— Diferença. Será mesmo?

— É...

— Se você não fosse punido. Se apenas *acontecesse*. Se você pudesse *desejar* a morte deles e eles morressem. Então você não ia desejar?

— ... sim.

— Isso. E só seria para seu bel-prazer. Vingança. Eu faço isso porque preciso. Não há outro jeito.

— Mas é porque eles... porque eles judiam de mim, implicam comigo, porque eu...

— Porque você quer *viver*. Exatamente como eu.

Eli estendeu os braços, pressionou as mãos junto das bochechas de Oskar e aproximou o rosto do dele.

— Seja eu um pouco.

E beijou a boca de Oskar.

Os dedos do homem estão encurvados sobre os dados e Oskar vê que suas unhas estão pintadas de preto.

O silêncio paira na sala como uma névoa sufocante. A mão delgada vira de lado... devagar... e os dados caem dela, em cima da mesa... pa-bang. Um bate no outro, giram e param.

O número dois. E o número quatro.

Oskar sente um alívio cujo motivo ele não sabe quando o homem percorre a mesa e fica na frente da fila de meninos como um general diante do seu exército. A voz do homem não tem um tom definido, não é grave nem aguda quando ele estende um dedo comprido e começa a contar as crianças na fila.

— Um... dois... três... quatro...

Oskar olha para a esquerda, para o lado onde o homem começou a contar. Os meninos estão relaxados, libertos. Um soluço. O menino ao lado de Oskar se encolhe, com o lábio de baixo tremendo. Ah. É ele que é... o número seis. Oskar entende agora seu próprio alívio.

— Cinco... seis... e... sete.

O dedo aponta bem na direção de Oskar. O homem olha dentro dos olhos dele. E sorri.

Não!

Mas não foi... Oskar se liberta do olhar do homem e olha para os dados. Os dados exibem agora o número três e o sete. O menino ao lado de Oskar olha ao redor, confuso como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo. Por um segundo, os olhos deles se cruzam. Olhares vazios. De incompreensão.

Em seguida um grito vindo lá da parede.

... mãe...

A mulher com o lenço marrom na cabeça corre para ele, mas dois homens aparecem, seguram-na pelos braços e... atiram a mulher de volta para a parede de pedra. Os braços de Oskar têm um espasmo como se fossem aparar a queda da mulher e seus lábios formam a palavra:

... mãe!

na hora em que mãos fortes como nós são pousadas em seus ombros e ele é retirado da fila, para junto de uma porta pequena. O homem de peruca ainda está com o dedo levantado; acompanha Oskar com o dedo enquanto ele é empurrado e arrancado do salão para uma sala escura que cheirava a

... bebida...

... depois flashes, imagens confusas; claro, escuro, pedra, pele nua...

até a imagem se estabilizar e Oskar sentir uma pressão forte no peito.

Não consegue mexer os braços. Sua orelha direita parece que vai estourar, está pressionada numa... tábua.

Alguma coisa está na boca de Oskar. Um pedaço de corda. Ele suga a corda, abre os olhos.

Está deitado de barriga para baixo em cima de uma mesa. Seus braços estão amarrados nas pernas da mesa. Está nu. Diante dele, duas pessoas; o homem com peruca e um outro homem. Um homem baixo e gordo que parece ser... engraçado. Não. Parece ser alguém que se acha engraçado. Sempre conta histórias de que ninguém ri. O homem engraçado segura uma faca numa das mãos e uma tigela na outra.

Alguma coisa está errada.

A pressão no peito, na orelha. Nos joelhos. Talvez uma pressão no... bilau também. Mas é como se houvesse... um buraco na mesa bem ali. Oskar tenta se virar para descobrir o que é, mas o corpo está bem preso.

O homem de peruca diz alguma coisa para o homem engraçado e este ri, balançando a cabeça. Em seguida os dois se agacham. O homem de peruca fica olhando para Oskar. Os olhos dele são azul-claros, como o céu num dia frio de outono. Parece interessado de um jeito afável. O homem olha dentro dos olhos de Oskar como se estivesse procurando algo bonito ali dentro, algo que ele ama.

O homem engraçado se agacha e entra embaixo da mesa, segurando a faca e a tigela. E Oskar entende.

Também sabe que é só conseguir... tirar aquela corda da boca que ele não precisará ficar aqui. Então ele desaparece.

Oskar tentou puxar a cabeça para trás, deixar o beijo. Mas Eli, que estava preparado para essa reação, pôs uma das mãos em forma de concha

atrás da nuca dele, apertou os lábios na boca de Oskar e obrigou-o a permanecer nas lembranças dele, e elas continuaram.

O pedaço de corda é pressionado na boca de Oskar e ouve-se um chiado molhado na hora em que ele peida de tanto medo. O homem de peruca franze o nariz e estala a língua, em sinal de repreensão. Seus olhos não mudaram. Ainda a mesma expressão que lembra a de uma criança prestes a abrir a caixa que ele sabe conter um filhote de cachorro.

Dedos frios seguram o bilau de Oskar e o puxam. Ele abre a boca para gritar “nããoo!”, mas a corda o deixa incapaz de formar a palavra e só sai um “éééé!”.

O homem embaixo da mesa pergunta alguma coisa e o homem de peruca responde, sem tirar os olhos de Oskar. Depois a dor. Um bastão em brasa em sua virilha. Sobe para a barriga, o peito sendo corroído, um cano de fogo passa por seu corpo de ponta a ponta e ele grita e não para de gritar enquanto seus olhos se enchem de lágrimas e o corpo queima.

Seu coração bate contra a mesa parecendo um punho cerrado batendo num portão e ele aperta os olhos, morde a corda enquanto ouve de longe um barulho de água correndo, gorgolejando, e ele vê...

... a mãe de joelhos na beira do riacho lavando roupa. Mãe. Mãe. Ela perde alguma coisa, um pano, e Oskar se levanta, ficou deitado de barriga para baixo e seu corpo está queimando, ele se levanta, corre para o riacho, para o pedacinho de pano que foge arisco, joga-se na água para apagar o fogo do corpo, para salvar a roupa e consegue pegá-la. A blusa da irmã. Ele levanta o pano na direção da luz, na direção da mãe cuja silhueta ele vê na beira d'água e o pano está gotejando, brilhando ao sol, as gotas caem no riacho e respingam em seus olhos e ele não consegue enxergar claramente, pois a água lhe entra pelos olhos, escorre pelo rosto quando ele...

... abre os olhos e vê embaçado o cabelo louro, os olhos azuis que nem duas flores trientalis distantes. Vê a tigela que o homem está segurando, a

tigela que é levada à boca e que o homem bebe. Vê que o homem fecha os olhos, finalmente fecha os olhos e bebe...

Mais tempo... Um tempo infinito. Preso. O homem morde. E bebe. Morde. E bebe.

Depois o bastão em brasa vai para sua cabeça e tudo fica vermelho-claro quando ele a puxa para trás, para se soltar da corda, e cai...

Eli segurou Oskar quando o menino ia caindo de costas ao se soltar dos lábios dele. Segurou-o em seus braços. Oskar agarrou-se no que havia para se agarrar, no corpo diante dele; abraçou-o com força e olhou ao redor na sala sem enxergar nada.

Calma... assim.

Depois de um tempo, um desenho começou a surgir diante de Oskar. Um papel de parede. Bege e branco, rosas quase invisíveis. Ele reconheceu. Era o papel de parede da sala. Estava na sala do seu apartamento.

Esse que ele estava abraçando era... Eli.

Um menino. Meu amigo. Isso.

Oskar sentiu-se enjoado, tonto. Soltou-se do abraço e sentou-se no sofá; olhou ao redor de novo como para se certificar de que estava de volta, de que ele não estava... lá. Engoliu em seco, percebeu que podia recordar cada mínimo detalhe do lugar que acabara de visitar. Era como se fosse uma lembrança real. Alguma coisa que tinha acontecido com ele recentemente. O homem engraçado, a tigela, a dor...

Eli estava de joelhos no chão na frente dele, as mãos apertando a barriga.

— Desculpe.

Do mesmo jeito que...

— O que aconteceu com a mãe?

Eli pareceu ter dúvidas e perguntou:

— Você está falando... da *minha* mãe?

— Não... — Oskar se calou, viu a imagem da *mãe* na frente dele lá no riacho enxaguando roupa. Mas não era a mãe *dele*. Elas não eram nem um

pouco parecidas. Ele esfregou os olhos e disse:

— Isso. Isso mesmo. *Sua* mãe.

— Não sei.

— Não foram eles que...

— Eu não sei!

As mãos de Eli se fecharam tanto contra a barriga que os nós dos seus dedos ficaram brancos, os ombros subiram. Depois ele relaxou e disse mais brando:

— Não sei. Desculpe. Desculpe por... tudo isso. Eu queria que você... sei lá... Desculpe. Foi... burrice minha.

Eli era a cara da mãe dele. Mais magro, com menos curvas, mais novo, porém... uma cópia. Em vinte anos Eli provavelmente teria o mesmo rosto da mulher na beira do riacho.

Mas só que ele não vai mudar. A cara dele vai permanecer igualzinha à cara que ele tem agora.

Oskar suspirou, exausto, e se recostou no sofá. Aquilo foi demais. Uma dorzinha de cabeça ficou tateando às cegas nas suas têmporas, instalou-se, deu um apertão. Era demais. Eli se levantou.

— Vou embora.

Oskar apoiou a cabeça na mão e balançou-a. Não tinha forças para protestar, pensar no que devia fazer. Eli tirou o roupão e Oskar olhou mais uma vez de relance para sua virilha. Agora via que na pele branca sobressaía uma mancha levemente rosa, uma cicatriz.

Como ele faz na hora de... fazer xixi? Talvez ele não...

Não tinha forças para perguntar. Eli se agachou perto da sacola de plástico, abriu-a e começou a tirar as roupas de lá de dentro. Oskar disse: — Você pode... pegar uma roupa minha.

— Não precisa.

Eli tirou do saco a camisa quadriculada. Manchas escuras sobre o fundo azul-claro. Oskar sentou-se. A dor de cabeça rodopiava nas têmporas.

— Não complique, você pode...

— Não precisa.

Eli começou a vestir a camisa manchada de sangue e Oskar disse: — Você é sujo, sabia disso? Você é bem *sujo*.

Eli se virou para ele com a camisa nas mãos: — Você acha?

— Acho.

Eli enfiou a camisa de volta na sacola.

— E o que eu posso vestir?

— Qualquer coisa do armário, o que você quiser.

Eli assentiu e entrou no quarto de Oskar onde estava o armário, enquanto o menino se deixou cair de lado no sofá e apertava as mãos nas têmporas como se isso fosse impedir que elas estourassem.

Mãe, a mãe de Eli, minha mãe, Eli, eu. Duzentos anos. O pai de Eli. O pai de Eli? Aquele coroa que... O coroa.

Eli apareceu na sala de novo. Oskar tomou impulso para dizer o que pensara em dizer, mas parou quando viu que Eli estava de vestido. Um vestido de verão bem desbotado, amarelo de bolinhas brancas. Um dos vestidos da mãe. Eli alisava o vestido.

— Está bem esse? Eu peguei o que parecia mais gasto.

— Mas é...

— Eu devolvo depois.

— O.k., tudo bem.

Eli se aproximou de Oskar, ficou agachado à sua frente e pegou a mão dele.

— Oskar? Eu sinto muito... eu não sei o que...

Oskar abanou a outra mão para fazê-lo parar e disse: — Você sabe que aquele coroa, que ele fugiu, não sabe?

— Que coroa?

— Aquele que... você disse que era seu pai. O coroa que morava com você.

— O que tem ele?

Oskar fechou os olhos. Raios azuis luziram dentro das suas pálpebras. A cadeia de acontecimentos que ele reconstruía através dos jornais passou em disparada e o menino ficou com raiva, soltou-se da mão de Eli e fechou a mão, bateu com o punho na própria palma da mão, a cabeça explodia e ele disse com os olhos ainda fechados: — Corta essa. Corta essa. Eu sei de tudo, o.k.? Pare de fingir. Pare de *mentir*, estou cheio disso.

Eli não disse nada. Oskar apertou os olhos, inspirou e expirou.

— O coroa fugiu. A polícia está atrás dele o tempo inteiro mas não consegue encontrá-lo. Agora você já sabe.

Uma pausa. Depois a voz de Eli, por cima da cabeça de Oskar.

— Onde?

— Aqui. Em Judarn. No bosque. Perto de Åkeshov.

Oskar abriu os olhos. Eli se levantara, com a mão tapando a boca e os olhos grandes e assustados acima da mão. O vestido era grande demais, parecia um saco pendurado nos ombros estreitos e ele parecia uma criança que pegou as roupas da mãe sem pedir e agora esperava algum tipo de castigo severo.

— Oskar — disse Eli. — Não saia de casa. Quando ficar escuro. Me prometa.

O vestido. As palavras. Oskar bufou, não podia deixar de dizer.

— Você está falando igual à minha mãe.

O esquilo desce rapidamente pelo tronco do carvalho, para, presta atenção. Uma sirene, lá de longe. Pelo Bergslagsvägen, passa uma ambulância com a luz azul piscando, a sirene ligada.

Dentro da ambulância há três pessoas. Lacke Sörensson sentado num banquinho dobrável segura a mão arranhada e anêmica que pertence a Virginia Lindblad. Um enfermeiro ajusta o tubo que transporta soro fisiológico para o corpo de Virginia, o que dá ao coração dela algo para bombear, agora que perdeu muito sangue.

O esquilo considera o barulho inofensivo, irrelevante. Ele continua descendo pelo tronco. Durante o dia inteiro houve gente no bosque, cães. Nenhum momento de tranquilidade e só agora, quando já escureceu, é que o esquilo tem coragem de descer do carvalho onde foi obrigado a ficar o dia todo.

Agora o latido dos cães e as vozes se calaram, desapareceram. Assim como o pássaro trovejante que ficou pairando lá por cima das árvores parecia ter voado para casa, para sua morada.

O esquilo chega ao pé da árvore e corre por cima de uma raiz grossa. Não gosta de andar pelo chão quando está escuro, mas a fome o obriga. Ele se movimenta com cautela, para e presta atenção, olha ao redor a cada dez metros. Pega um caminho mais longo para não ter de passar pela toca onde até o verão tinha morado uma família de texugos. Fazia tempo que ele não os via, mas nunca é demais agir com cautela.

Finalmente chega ao seu destino; a reserva de comida mais próxima das muitas que ele fez no outono. A temperatura caiu agora de noite e está de novo abaixo de zero e, por sobre a neve que começou a derreter durante o dia, se formara uma crosta fina e dura. O esquilo põe-se a escarafunchar a crosta com suas garras, fura a crosta e continua remexendo. Para, presta atenção, cava de novo. Atravessa a neve, as folhas, a terra.

Bem na hora que apanha uma noz entre as patas, ele ouve um barulho.

Perigo.

O esquilo segura a noz nos dentes e sobe num pinheiro sem ter tempo de camuflar o depósito. Já em segurança lá no alto de um galho, segura a noz com as duas patas de novo e tenta localizar o som. A fome é grande e a comida está apenas a uns centímetros da boca, mas primeiro o perigo deve ser localizado e evitado.

A cabeça do esquilo vira rapidamente de um lado para o outro, seu focinho treme quando ele olha lá embaixo na paisagem à luz da lua, abaixo dos seus pés, e encontra a origem do som. É. Valeu a pena ter usado o caminho mais longo. O arranhar, o som úmido vem da toca do texugo.

Texugos não podem subir em árvores. O esquilo afrouxa um pouco a vigilância, come um pedaço da noz enquanto continua estudando o chão, agora mais como um espectador de uma peça teatral, do terceiro camarote. Quer ver o que vai acontecer, quantos texugos eles são.

Mas o que sai da toca não é nenhum texugo. O esquilo tira a noz da boca, olha. Tenta entender. Compara o que ele está vendo com fatos conhecidos. Não consegue.

Por isso leva a noz à boca de novo, sobe rápido para um lugar mais alto na árvore, vai até o topo.

Talvez um desses consiga subir em árvores.

Nunca é demais agir com cautela.

Domingo, 8 de novembro (noite/madrugada)

São oito e meia, domingo à noite.

Ao mesmo tempo que a ambulância com Virginia e Lacke atravessa a ponte de Traneberg, ao mesmo tempo que os policiais da província de Estocolmo seguram uma fotografia diante de jornalistas famintos de imagens, ao mesmo tempo que Eli escolhe um vestido no armário da mãe de Oskar, ao mesmo tempo que Tommy espreme cola instantânea num saco plástico e aspira o doce torpor e esquecimento profundamente pelo nariz, ao mesmo tempo que um esquilo, o primeiro ser vivo que, depois de catorze horas, vê Håkan Bengtsson, Staffan, um dos que estão à procura dele, está se servindo de chá.

Ele não notou que está faltando um pedaço de porcelana na frente do bico da chaleira, e uma grande quantidade de chá escorre pelo bico, pela chaleira, e desce pela bancada da pia. Ele resmunga alguma coisa e inclina a chaleira mais rápido; o chá acaba entornando e a tampa da chaleira cai dentro da xícara. O chá fervendo respinga nas suas mãos e ele bate a chaleira com força na bancada, fica com os braços duros caídos enquanto

recita na cabeça o alfabeto hebraico para dominar o impulso de atirar a chaleira na parede.

Aleph, Beth, Gimel, Daleth...

Yvonne aparece na cozinha e vê Staffan encurvado sobre a bancada da pia de olhos fechados.

— Algum problema?

Staffan sacudiu a cabeça. — Não.

Lamed, Mem, Nun, Samesh...

— Você está chateado?

— Não.

Koff, Resh, Shin, Taff. Assim... Bem melhor.

Ele abriu os olhos e fez um gesto na direção da chaleira.

— Essa chaleira não serve.

— Está quebrada?

— Está, ela... o chá escorre pelo lado de fora na hora de servir.

— Nunca reparei.

— Mas é assim que ela faz.

— Mas o erro não deve ser *dela*.

Staffan apertou os lábios, estendeu a mão queimada na direção de Yvonne e fez-lhe um gesto: *Paz. Shalom. Cale a boca*. — Yvonne, agora me deu uma vontade enorme de bater em você. Então, me faça um favor: não fale mais nada.

Yvonne deu meio passo atrás. Alguma coisa nela já esperava isso. Não deixara tal entendimento entrar em sua consciência, mas mesmo assim suspeitara que a fachada devota de Staffan abrigava uma ou outra forma de... ira.

Ela cruzou os braços, inspirando e expirando algumas vezes enquanto Staffan estava parado, olhando fixamente para a xícara de chá com a tampa dentro. Em seguida, ela disse: — Você costuma fazer isso?

— O quê?

— Bater. Quando as coisas não dão certo.

— Eu já te bati?

— Não, mas você disse...

— Eu *disse*. E você escutou. E agora está tudo bem.

— E se eu não tivesse escutado?

Staffan parecia agora absolutamente calmo e Yvonne relaxou, deixando cair os braços. Ele segurou as mãos de Yvonne. Beijou de leve o dorso das suas mãos.

— Yvonne, a gente *precisa* se escutar.

O chá foi servido e eles beberam na sala. Staffan guardou na memória que compraria uma chaleira nova para dar de presente a Yvonne. Ela quis saber sobre a busca no bosque de Judarn e Staffan contou. Ela fez o máximo para desviar a conversa para outros assuntos, mas no final veio de qualquer jeito a pergunta inevitável:

— Onde está Tommy?

— Eu... não sei.

— Você *não* sabe? Yvonne...

— É, ele está na casa de um amigo.

— Ahã. Quando é que ele chega em casa?

— Bem, eu acho que...ele vai passar a noite fora. Lá.

— Lá?

— É, na casa do...

Yvonne percorreu de cabeça a lista dos nomes dos amigos de Tommy que ela conhecia. Não queria dizer a Staffan que Tommy dormia fora de casa sem que ela soubesse *onde*. Para Staffan era muito importante essa coisa de responsabilidade dos pais.

— ... do Robban.

— Robban. É o melhor amigo dele?

— É, acho que sim.

— Qual o sobrenome do Robban?

— ... Ahlgren, como assim? É alguém que você...

— Não, eu só estava pensando.

Staffan apanhou a colher e bateu-a de leve na xícara de chá. Um tilintar delicado. Ele balançou a cabeça.

— Ótimo. Aliás, olhe... eu acho que a gente precisa ligar para esse tal de Robban e pedir para o Tommy dar uma passada em casa. Assim eu posso ter uma conversa com ele.

— Eu não tenho o telefone dele.

— Não, mas... Ahlgren. Você *sabe* onde ele mora, não sabe? É só olhar no catálogo telefônico.

Staffan se levantou do sofá e Yvonne mordeu o lábio inferior, sentiu que estava construindo um labirinto de onde era cada vez mais difícil sair. Ele apanhou o catálogo local e postou-se no meio da sala, folheando o catálogo e resmungando:

— Ahlgren, Ahlgren... Hmm. Ele mora em que rua?

— Eu... Björnsonsgatan.

— Björnsons... não. Nenhum Ahlgren por lá. Mas existe um aqui na Ibsengatan. Será que é esse?

Quando Yvonne não respondeu, Staffan pôs o dedo no catálogo e disse:

— Acho que vou tentar com esse, em todo caso. Robert, é esse o nome dele, não é?

— Staffan...

— Que é?

— Eu prometi a ele que não ia contar.

— Agora não estou entendendo nada.

— Tommy. Eu disse que eu não ia falar... onde ele está.

— Então ele *não* está na casa do Robban.

— Não.

— E onde ele está?

— Eu... prometi não contar.

Staffan largou o catálogo em cima da mesinha de centro e foi se sentar junto de Yvonne no sofá. Ela tomou um gole de chá e continuou com a

xícara na frente do rosto como para se esconder enquanto Staffan esperava por ela. Ao pôr a xícara no pratinho, percebeu que suas mãos tremiam. Staffan pôs a mão em seu joelho.

— Yvonne, você precisa entender que...

— Eu prometi.

— Eu só quero *conversar* com ele. Desculpe, Yvonne, mas eu acho que é exatamente essa incapacidade de resolver as coisas enquanto elas são atuais que faz com que... bem, com que elas aconteçam. Quando se trata de jovens, minha experiência diz que, quanto mais rápido a gente reage com eles, maior é a chance de... pegar um viciado em heroína. Se alguém tivesse *reagido* enquanto ele ainda estava tomando outras coisas, bem, por exemplo haxixe...

— Tommy não mexe com essas coisas.

— Você tem certeza *absoluta*?

A sala ficou em silêncio. Yvonne sabia que, a cada segundo que se passava no relógio, um “sim” valia cada vez menos para a pergunta de Staffan. Tique-taque. Agora ela já respondera “não”, sem dizer a palavra. E Tommy era às vezes esquisito. Quando chegava em casa. Alguma coisa com os olhos dele. Imagine se...

Staffan se recostou no sofá, sabia que a batalha estava ganha. Agora ele só esperava pelas restrições.

Os olhos de Yvonne procuravam alguma coisa em cima da mesa.

— O que é?

— O pacote de cigarro, você...

— Na cozinha. Yvonne...

— O.k. Tudo bem. Você está proibido de procurá-lo *agora*.

— Está bem. Você decide. Se você achar...

— Amanhã cedo. Antes de ele ir para a escola. Prometa-me. Que você não vai para lá *agora*.

— Prometo. E que lugar místico é esse onde ele está?

Yvonne contou.

Depois ela foi para a cozinha e fumou um cigarro, soltou a fumaça pelo vão da janela aberta. Fumou mais um, não se preocupou tanto como antes com o paradeiro da fumaça. Quando Staffan apareceu na cozinha, abanando com a mão de modo demonstrativo e perguntando onde estava a chave do porão, ela disse que esquecera, mas que *provavelmente* lembraria na manhã seguinte.

Se ele fizesse esse favor a ela.

Depois que Eli foi embora, Oskar sentou-se à mesa da cozinha de novo e olhou para os jornais abertos. A dor de cabeça estava passando conforme suas impressões iam se reorganizando e assumindo uma estrutura lógica.

Eli explicara que o coroa estava... contaminado. Mais que isso. A contaminação era a única coisa nele com vida. O cérebro estava morto e a contaminação dirigia o coroa. Para Eli.

Eli dissera a ele, *pedira* a ele para não fazer nada. Eli ia embora no dia seguinte, assim que escurecesse, e naturalmente Oskar tinha perguntado por que não agora, de madrugada?

Porque... não dá.

Mas por quê? Eu posso ajudar.

Oskar, não dá. Estou fraco demais.

Como você pode estar fraco? Se você...

Mas eu estou, e pronto.

E Oskar entendera que era *ele* a causa da falta de energia de Eli. O sangue todo escorrera pelo corredor. Se o velho pusesse as mãos em Eli, a culpa era de Oskar.

As roupas!

Oskar se levantou tão bruscamente que a cadeira caiu para trás e bateu no chão.

O saco com as roupas ensanguentadas de Eli ainda estava no chão na frente do sofá, a metade da camisa pendurada para fora da sacola. Ele a enfiou dentro do saco e as mangas pareceram um cogumelo úmido na hora

que espremeu a camisa no fundo do saco, amarrou a sacola e... Parou e olhou para a mão que pressionara a camisa.

O corte que ele fizera na mão estava com uma casca de ferida que se romperia um pouco agora, mostrando o que havia por baixo dela.

... o sangue... ele não queria misturar... será que fui... contaminado agora?

Com as pernas andando de um modo autômato, ele foi para a porta da rua com a sacola na mão e tentou escutar se havia alguém na portaria. Silêncio lá fora. Oskar subiu correndo as escadas para a lixeira do prédio e abriu a tampa. Enfiou a sacola no buraco, ficou com ela pendurada na mão, com a sacola balançando na escuridão do poço.

Uma corrente de ar frio circulava pela lixeira; esfriou sua mão, que estava imóvel ali, segurando firmemente o nó de plástico do saco. O saco estava branco em contraste com o preto do túnel, as paredes, um pouco desiguais. Se ele soltasse a sacola, ela não subiria. Ela cairia. A gravidade a puxaria para baixo. Para o saco de lixo.

Dentro de alguns dias, o caminhão de lixo viria para apanhar o saco. Ele vinha de manhã bem cedinho. O pisca-pisca da luz laranja ia se refletir no teto de Oskar mais ou menos na mesma hora que ele costumava acordar e ele ficaria na cama ouvindo o roncar, o despedaçar e o barulho de sucção na hora que o lixo fosse triturado. Talvez se levantasse e ficasse olhando para os homens de macacão que, habituados, jogavam com agilidade os sacos no veículo e apertavam o botão. As mandíbulas do caminhão de lixo que se fechavam e os homens que saltavam em seguida para dentro do caminhão e percorriam o pequeno trecho até o prédio seguinte.

E isso sempre lhe despertava um sentimento... de afeição. De estar protegido no quarto dele. De que as coisas funcionavam. E talvez também despertasse uma vontade. Uma vontade de ver aqueles homens, aquele caminhão. De poder ficar na cabine em penumbra do motorista, de ir embora...

Solte. Eu preciso soltar.

Sua mão segurava a sacola como se estivesse com cãibra. Seu braço doía de tanto ficar esticado. O dorso da mão começava a ficar gelado com a corrente de ar. Ele soltou.

Um chiado quando a sacola roçou nas paredes, meio segundo de silêncio quando teve uma queda livre e em seguida um baque ao aterrissar no saco de lixo.

Eu ajudo você.

Ele olhou para a mão de novo. A mão que ajuda. A mão que...

Eu mato alguém. Eu entro em casa para apanhar a faca e depois saio para matar alguém. Jonny. Corto a garganta dele e junto o sangue todo e vou com o sangue para a casa de Eli, pois não tem a menor importância, já que eu estou contaminado de qualquer jeito e logo, logo eu vou...

Suas pernas queriam se dobrar e ele foi obrigado a se apoiar no canto da lixeira para não cair. Ele tinha *pensado* nisso. *De verdade*. Não foi que nem a brincadeira com a árvore. Ele tinha... por um instante... realmente pensado em *fazer* isso.

Quente. Ele estava quente, como se fosse de febre. Sentia pontadas no corpo e queria se deitar. Agora.

Estou contaminado. Vou virar... vampiro.

Obrigou as pernas a descerem pela escada enquanto ele apoiava uma das mãos...

a que não estava contaminada

... no corrimão. Oskar conseguiu entrar no apartamento, foi para o quarto, deitou-se na cama e fitou o papel de parede. O bosque. Rapidamente, apareceu um dos seus personagens, olhou nos olhos. O duendezinho. Ele passou o dedo pelo duende e, enquanto isso, um pensamento altamente ridículo veio à tona:

Amanhã é dia de escola.

E havia uma folha mimeografada que ele não tinha feito. África. Ele devia se levantar agora, sentar-se à escrivaninha, acender o abajur e

começar a procurar no atlas. Achar nomes sem sentido e copiá-los nas linhas pontilhadas.

Era *isso* o que ele devia fazer. Alisou devagar o gorro do duende. Depois, bateu na parede.

E.L.I.

Nenhuma resposta. Ele devia estar na rua...

fazendo aquilo que a gente faz.

Ele cobriu a cabeça com o edredom. Começou a ter tremedeira no corpo. Tentou imaginar. Como seria. Viver para sempre. Temido, odiado. Não. *Eli* não ia odiá-lo. Se eles... juntos...

Ele tentou imaginar, usava a fantasia. Depois de um tempo, a porta se abriu e a mãe chegou em casa.

Travesseiros de sebo.

O olhar vazio de Tommy estava vidrado na foto diante dele. A garota apertava tanto um peito no outro que eles pareciam dois balões de ar, a boca fazia biquinho. Aquilo tinha um aspecto absurdo. Ele pensara em bater uma, mas devia estar com algum problema no cérebro, pois achava que a mulher parecia um monstro.

Com uma lentidão descomunal, fechou a revista e enfiou-a debaixo das almofadas do sofá. Cada movimento, por menor que fosse, era fruto de um pensamento consciente. Chapado. Ele estava totalmente chapado de cola. E era bom. Nada de mundo. Só o cômodo onde ele estava e, fora dali... um deserto ondulante.

Staffan.

Tentou pensar em Staffan. Não dava. A imagem escapava. Só via aquele policial de cartolina que estava nos correios. Em tamanho natural. Para amedrontar os ladrões.

Vamos roubar os correios?

Não, ficou maluco, o policial de cartolina está lá!

Tommy deu um risinho quando o policial de papel ficou com a cara de Staffan. De castigo nessa função. Vigiar os correios. Havia alguma coisa escrita naquele tira de cartolina, o que era mesmo?

O crime não compensa. Não. A polícia está de olho em você. Não. Mas qual era a frase mesmo? Cuidado! Sou campeão de tiro ao alvo!

Tommy riu. Riu mais. Sacudiu-se todo de tanto rir e achou que a luz nua do teto balançava para a frente e para trás ao compasso do seu riso. Riu disso. *Cuidado! Policial de papelão! Com revólver de papelão! E cabeça de papel!*

Uma batida soou em sua cabeça. Alguém queria entrar nos correios.

O policial de papelão aguça os ouvidos. Há duzentas cartolinas no correio. Ele destrava o três-oitão. Bang! Bang!

Toc. Toc. Toc.

Bang.

... Staffan... a mãe, que merda...

Tommy ficou petrificado. Tentou pensar. Não dava. Apenas uma nuvem franzida em sua cabeça. Depois ficou calmo. Talvez fosse Robban ou Lasse. Ou então era Staffan. E ele era de papelão.

Imitação de pênis, feita de papelão.

Tommy limpou a garganta e perguntou com voz pastosa: — Quem é?

— Eu.

Ele reconheceu a voz, mas não conseguia saber de onde. *Não* era Staffan, em todo caso. Não era o pai-papelão.

Barbapai. Pare com isso.

— E quem é você?

— Você pode abrir?

— O correio já fechou. Volte daqui a cinco anos.

— Eu tenho dinheiro.

— Dinheiro de papel?

— É.

— Tudo bem.

Ele se levantou do sofá. Devagar, bem devagarzinho. A silhueta das coisas não queria ficar quieta. Sua cabeça pesava que nem chumbo.

Ressaca.

Ficou parado por alguns segundos, oscilando. O chão de cimento se inclinava de uma forma onírica para lá e para cá, como na casa dos espelhos. Ele foi para a frente, um passo de cada vez, levantou o trinco e empurrou a porta. Lá fora estava aquela garota. A amiguinha do Oskar. Tommy olhou para ela sem entender o que estava vendo.

Sol e praia.

A garota trajava apenas um vestido de pano fino. Amarelo, com bolinhas brancas que atraíam o olhar de Tommy, e ele tentou se concentrar nas bolinhas, mas elas começaram a dançar, a se mexer tanto que ele ficou com enjoo. Ela devia ser uns vinte centímetros mais baixa que ele.

Uma graça que nem... que nem o verão.

— Já é verão assim de repente? — perguntou ele.

A garota inclinou a cabeça de lado.

— Como?

— É que você está vestindo... como se chama isso... um *vestido de verão*.

— É.

Tommy balançou a cabeça, satisfeito por ter achado a palavra. O que foi que ela disse? Dinheiro? O.k. Oskar tinha contado que...

— Você quer... comprar alguma coisa?

— Quero.

— Que tipo de coisa?

— Posso entrar?

— Pode.

— Diga que eu posso entrar.

Tommy fez um gesto amplo e exagerado com o braço. Viu a própria mão se movendo numa velocidade a jato, um peixe drogado nadando no ar.

— Entre. Seja bem-vinda na... filial.

Tommy não aguentava mais ficar em pé. O chão queria abraçá-lo. Ele se virou e despencou no sofá. A menina atravessou o umbral, fechou a porta e passou o trinco. Ela era para ele um frango incrivelmente grande, Tommy riu-se da visão que teve. O frango sentou-se na poltrona.

— O que é?

— Não, é que eu só... você está toda... de amarelo.

— Sei.

A menina cruzou as mãos em cima de uma bolsa pequena no colo. Ele não tinha visto que ela estava com uma bolsa. Não. Não era uma bolsa. Parecia mais uma *nécessaire*. Tommy ficou olhando para a *nécessaire*. Quando a gente vê uma bolsa. A gente quer saber o que há dentro dela.

— O que você tem... aí dentro?

— Dinheiro.

— Mas é claro.

Não. Alguma coisa não bate. Isso aqui está um pouco esquisito.

— E o que é que você quer comprar?

A menina abriu o zíper da *nécessaire* e tirou uma nota de mil de lá de dentro. Mais uma nota. Mais uma. Três mil. As cédulas pareciam ridiculamente grandes em suas mãozinhas quando ela se inclinou à frente e pôs o dinheiro no chão.

Tommy bufou: — E o que é isso?

— Três mil.

— O.k. E daí?

— Para você.

— Não.

— Sim.

— Isso aí é dinheiro de... mentira, do *Banco Imobiliário*, né?

— Não.

— Não?

— Não.

— E por que você está me dando essa grana?

— Porque eu quero comprar uma coisa de você.

— Você quer comprar um coisa por *três mil*... ah, não.

Tommy estendeu ao máximo o braço e conseguiu apanhar uma cédula. Sentiu a nota, roçou uma ponta na outra, segurou a cédula na luz e viu que ela tinha a marca-d'água. O mesmo rei ou sabe-se lá o que essa cédula costumava ter. Verdadeira.

— Então você não está brincando.

— Não.

Três mil. Podia viajar para algum lugar. Tomar um avião para algum lugar.

Staffan e a mãe podiam ficar ali... Tommy sentiu que os pensamentos estavam mais claros. A coisa era totalmente doida, mas tudo bem: três mil. Isso era um fato. Agora restava a pergunta...

— E o que você quer comprar? Por esse valor você pode comprar...

— Sangue.

— Sangue.

— É.

Tommy deu um risinho, sacudiu a cabeça.

— Não, infelizmente não dá. Nossa reserva acabou.

A menina estava imóvel na poltrona, fitava Tommy. Nem sequer sorria.

— Tudo bem, agora falando sério — disse Tommy. — Como assim?

— Você recebe esse dinheiro... se eu receber um pouco de sangue.

— Eu *não* tenho sangue.

— Tem sim.

— Não.

— Tem sim.

Tommy entendeu.

Mas que diabos...

— Você está falando sério?

A menina apontou para as notas de mil.

— Não é nada de mais.

— Mas... o quê... como assim?

A menina enfiou a mão na *nécessaire*, apanhou alguma coisa. Um pedacinho de plástico branco e quadrado. Sacudiu-o. Alguma coisa tilintou um pouco. Agora Tommy viu o que era. Uma embalagem com giletes. Ela a depositou no colo e apanhou mais uma coisa. Um retângulo cor de pele. Um band-aid grande.

Isso não tem cabimento.

— Não, vamos parando por aí. Será que você não percebe que... é só eu roubar esse dinheiro de você. Enfiar as notas no bolso e dizer: “Não, como assim? Três mil. Nunca vi”. É *muito* dinheiro, será que você não entende? De onde você tirou essa grana toda?

A menina fechou os olhos e suspirou. Ao abri-los de novo, não tinha mais a mesma cara amigável.

— Você quer ou não quer?

Ela está falando sério. Caramba, ela está falando sério. Não... Não...

— Como assim, você vai... e zás e pronto...

A menina balançou a cabeça, ansiosa.

Zás? Espere um pouco. espere um pouco agora... o que era mesmo aquilo com... porcos.

Ele franziu as sobrancelhas. A ideia quicava para cá e para lá em sua cabeça que nem uma bola de borracha atirada com toda força. Tentou segurá-la, fazê-la parar. E ela parou. Ele lembrou. Abriu a boca. Olhou a garota bem nos olhos.

— ... é mesmo...?

— É, sim.

— Você está de brincadeira, não está? Escute. Vá embora daqui. Saia agora daqui.

— Eu tenho uma doença. Preciso de sangue. Posso dar mais dinheiro se você quiser.

Ela vasculhou as coisas na *nécessaire*, procurava alguma coisa, apanhou duas notas de mil e as depositou no chão. Cinco mil. — Por favor.

O assassino. Vällingby. A garganta cortada. Mas que diabos... essa menina...

— E o que você vai fazer com o sangue... mas que diabos... você é só uma pirralha, você...

— Você está com medo?

— Não, eu posso... é você? Você está com medo?

— Estou.

— De quê?

— De você dizer não.

— Mas eu já *disse* não. Isso é totalmente... não, tome juízo. Vá para casa.

A menina ficou sentada na poltrona, pensando. Em seguida balançou a cabeça concordando, levantou-se e apanhou o dinheiro do chão, enfiou as notas na *nécessaire*. Tommy olhou para o ponto onde o dinheiro estivera. Cinco. Mil. O trinco tilintou ao ser levantado. Tommy se virou, sentado de costas.

— Mas... me explique... você vai cortar minha garganta?

— Não. Só a dobra do braço. Um pouquinho.

— E o que você vai fazer com o sangue?

— Beber.

— *Agora?*

— É.

Tommy fez um autoexame e viu aquele mapa da circulação sanguínea posto como uma folha de papel-carbono do lado de dentro da sua pele. Sentiu, talvez pela primeira vez na vida, que ele *tinha* uma circulação. Não apenas pontos isolados, ferimentos quando aparecem uma ou várias gotas de sangue, mas sentiu-se uma árvore grande e pulsante feita de artérias e cheias de... quanto é mesmo?... quatro, cinco litros de sangue.

— E que *doença* é essa?

A menina não disse nada, apenas ficou junto à porta com o trinco na mão, estudando Tommy, e então as linhas das artérias e veias do corpo dele,

o mapa, assumiram de repente o caráter de um... esquema de corte de carne. Ele repeliu o pensamento, pensou em vez disso em *Seja doador de sangue. Vinte e cinco coroas e um sanduíche de queijo*. Em seguida ele disse:

— Então passe o dinheiro para cá.

A menina abriu o fecho da *nécessaire* e apanhou as cédulas de novo.

— E se eu der... três agora. E dois depois?

— O.k., tudo bem. Mas é que eu podia... muito bem ir para cima de você e roubar seu dinheiro, entende?

— Não. Você não ia fazer isso.

Ela lhe entregou as três mil coroas, que segurava entre o dedo médio e o indicador. Ele levantou as notas uma a uma na luz e constatou que eram verdadeiras. Fez depois um cilindro delas em torno do qual fechou a mão esquerda.

— Certo. E agora?

A menina pôs as duas notas restantes em cima da poltrona, agachou-se junto do sofá, desenterrou a embalagem de gilete da *nécessaire* e tirou uma delas lá de dentro.

Ela já fez isso antes.

A menina virou a gilete de um lado para o outro como se estivesse decidindo qual lado estava mais afiado. Levantou depois a gilete no alto, perto do rosto. Uma pequena mensagem, cuja única palavra era: *zás*. Ela disse:

— Você não pode contar isso aqui a ninguém.

— E o que acontece se eu contar?

— Você não vai contar. Para ninguém.

— Tudo bem. — Tommy olhou furtivamente para o braço estendido, para as notas de mil em cima da poltrona. — E quanto é que você vai tirar?

— Um litro.

— É... muito?

— É.

— É tanto que eu...

— Não. Você aguenta.

— O sangue volta.

— É.

Tommy balançou a cabeça. Ficou olhando depois fascinado para a gilete, que brilhava como um espelhinho, sendo enterrada em sua pele. Como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa, em outro lugar. Só via o jogo de linhas. O maxilar da menina, o cabelo escuro dela, o braço branco dele, o retângulo da gilete que empurrou de lado um cabelinho do braço e atingiu seu objetivo, descansando por um instante no inchaço da veia, um pouco mais escuro do que a pele ao redor.

A gilete foi empurrada para baixo, de leve, bem de leve. Uma das pontas afundou-se na pele sem furá-la. Em seguida...

zás.

Um movimento súbito para trás e Tommy arfou, apertando ainda mais as notas na outra mão. Um estalo lá dentro da sua cabeça quando ele trincou os dentes, que rangeram. O sangue brotou, esguichou.

Um tilintar quando a gilete caiu no chão e a menina segurou o braço dele com as mãos, apertando os lábios na dobra do braço.

Tommy virou a cabeça para o outro lado, sentia apenas os lábios quentes, a língua lambendo sua pele e, novamente, viu à frente a imagem do mapa dentro do seu corpo, os canais por onde o sangue corria e circulava para a... fenda.

O sangue está saindo de mim.

É. A dor aumentou. O braço começou a ficar paralisado, ele não sentia mais os lábios, sentia apenas o sugar, que o sangue... era sugado dele, que...

Ele se esvaía.

Ficou com medo. Quis acabar com aquilo. Doía demais. As lágrimas subiram-lhe aos olhos, ele abriu a boca para dizer alguma coisa, para... não conseguiu. Não havia palavras que fossem... Ele levou o braço livre à boca

e apertou a mão fechada nos lábios. Sentiu o cilindro de papel que saía dela. Mordeu-o.

Domingo à noite, às 21h17 em Ängbyplan:

Um homem é observado do lado de fora do salão de cabeleireiro. Está com o rosto e as mãos encostados na vitrine. Parece estar muito embriagado. A polícia chega ao local quinze minutos mais tarde. A essa altura o homem já deixara o lugar. A vidraça não está danificada, apenas apresenta vestígios de barro ou terra. Na vitrine iluminada, há fotos de jovens, manequins de cortes de cabelo.

— Já está dormindo?

— Não.

Uma corrente de ar de perfume e de friagem na hora em que a mãe entrou no quarto de Oskar e sentou-se no canto da cama.

— O dia correu bem?

— Sim.

— O que você fez?

— Nada de especial.

— Eu vi os jornais. Na mesa da cozinha.

— Ahã.

Oskar se enrolou ainda mais no edredom e fingiu bocejar.

— Está com sono?

— Ahã.

Verdade e mentira ao mesmo tempo. Ele estava *cansado*, tão cansado que sua cabeça estava zunindo. Queria apenas ficar enrolado no cobertor, bloquear a entrada e só sair quando... quando... mas não estava *com sono*. E... será que *podia* dormir agora que estava contaminado?

Ouviu que a mãe perguntou alguma coisa sobre o pai e disse “bem” sem saber o que estava respondendo. Silêncio no quarto. Em seguida a mãe suspirou fundo.

— Meu filho, está tudo *bem* com você? Será que eu posso ajudar de alguma forma?

— Não.

— E o que você tem?

Oskar enterrou a cabeça no travesseiro e expirou tão forte que o nariz, a boca e os lábios ficaram quentes de umidade. Não aguentou. Era difícil demais. Precisava dizer para *alguém*. Com a cara enterrada no travesseiro, falou: — ... euôcotaminato...

— O que você disse?

Ele levantou a boca do travesseiro.

— Eu estou contaminado.

A mãe acariciava a nuca de Oskar, o pescoço, a mão dela continuou descendo, e o edredom saiu um pouco de cima dele.

— Como assim contami... mas... você ainda está de roupa!

— É, é que eu...

— Deixe-me ver. Você está quente? — Ela pôs a mão fria na testa dele.

— Você está com febre. Ande logo. Você tem que tirar a roupa e se deitar direito. — Levantou-se da cama e sacudiu Oskar de leve pelos ombros. — Ande.

Ela respirou fundo e lembrou alguma coisa. Disse num tom diferente:

— Por acaso você se vestiu como devia quando estava na casa do seu pai?

— Sim. Não é isso.

— *Usou* o gorro?

— Usei. *Não* é isso.

— Então o que é?

Oskar apertou o rosto no travesseiro de novo, abraçou-o e disse:

— ... Bôbirábambiro...

— Oskar, o que foi que você disse?

— Vou virar vampiro!

Pausa. Um farfalhar veio do casaco da mãe quando ela cruzou os braços no peito.

— Oskar. Agora você vai se levantar. Tirar essas roupas. E ir se deitar.

— Eu vou virar *vampiro*.

A respiração da mãe. Nítida, com raiva. — Amanhã sou eu quem vai jogar fora todos aqueles livros que você fica lendo.

O edredom foi arrancado de cima de Oskar. Ele se levantou e tirou a roupa lentamente; evitou olhar para a mãe. Deitou-se na cama de novo e a mãe o enrolou no edredom.

— Você quer alguma coisa?

Oskar sacudiu a cabeça.

— Quer que eu pegue o termômetro...?

Oskar sacudiu ainda mais a cabeça. Agora ele olhava para a mãe. Ela estava debruçada sobre a cama, com as mãos nos joelhos. O olhar preocupado, investigativo.

— Posso ajudar *de alguma forma*?

— Não. Sim, pode.

— Com o quê?

— Esqueça, não é nada.

— Mas diga.

— Você pode... contar uma história?

Um flash de sentimentos diversos passou pelo rosto da mãe: tristeza, alegria, preocupação, um pequeno sorriso, uma ruga de preocupação. Tudo isso durante alguns segundos. Em seguida ela disse: — Eu... não sei contar histórias... Mas eu... posso ler uma, se você quiser. Se a gente tiver um livro...

Ela levantou os olhos para a estante de livros perto da cabeça de Oskar.

— Não, não precisa.

— Mas eu posso contar.

— Não. Não quero.

— Por que não? Você acabou de dizer...

— É, mas... não. Não quero.

— Você quer que... eu cante alguma coisa?

— Não!

A mãe apertou os lábios, magoada. Depois resolveu não ficar, já que Oskar estava doente, e disse: — Eu *posso* inventar alguma coisa se...

— Não, tudo bem. Eu quero dormir agora.

Depois de um tempo, a mãe lhe deu boa-noite e saiu do quarto. Oskar ficou na cama de olhos arregalados, olhando para a janela. Tentou *sentir* se estava... se transformando. Não sabia o que se sentia nessas horas. Eli. O que aconteceu na hora que ele... se transformou?

Afastar-se de tudo.

Deixar. A mãe, o pai, a escola... Jonny, Tomas...

Ficar com Eli. Para sempre.

Ele ouviu que a televisão foi ligada na sala, o volume foi rapidamente reduzido. O barulho suave do bule de café na cozinha. O fogão a gás que era aceso, o tilintar da xícara e do pratinho. O armário que foi aberto.

Os sons de sempre. Oskar já ouvira esses sons centenas de vezes. E ficou triste. Muito triste.

As feridas tinham cicatrizado. Dos arranhões no corpo de Virginia restavam apenas linhas brancas, por toda parte restos de cascas de ferida que ainda não tinham se soltado. Lacke alisou a mão dela, presa junto ao corpo por uma cinta de couro, e mais uma casca de ferida esfarelou sob seus dedos.

Virginia oferecera resistência. Resistiu com violência até cair em si e perceber o que estava acontecendo. Tinha arrancado o cateter para transfusão de sangue, gritado e chutado.

Lacke não aguentara ficar olhando enquanto eles tentavam dominá-la, ela estava transfigurada. Ele desceu para a cafeteria e tomou uma xícara de café. Em seguida mais uma e depois mais uma. Quando estava prestes a

servir o terceiro copo, a mulher no caixa observou cansada que o preço do café dava direito a só mais *uma* xícara. Lacke disse então que estava duro, que estava tão mal que tinha a sensação de que ia morrer amanhã, será que ela não podia abrir uma exceção?

Ela podia. Até ofereceu a Lacke um pedaço de bolo ressecado que “ia de qualquer jeito para o lixo”. Ele comeu o doce com um nó na garganta, pensou na bondade relativa das pessoas, na maldade relativa delas. Saiu do hospital e fumou o penúltimo cigarro que tinha antes de subir para ver Virginia.

Eles tinham amarrado Virginia na cama.

Uma enfermeira recebera uma pancada tão forte que seus óculos tinham se partido e um pedaço do vidro arranhou-lhe a sobancelha. Tinha sido impossível acalmar Virginia. Não queriam arriscar lhe dar uma injeção por causa do estado de saúde em que ela se encontrava e, por isso, prenderam os braços de Virginia com cintas de couro, mais para, como disseram, “impedir que ela machucasse a si mesma”.

Lacke esmigalhou entre os dedos a casca de ferida e um pó tão fino quanto pigmento sujou-lhe a ponta dos dedos de vermelho. Um movimento no canto do olho, o sangue da bolsa pendurada num suporte ao lado da cama de Virginia pingava dentro de um cilindro de plástico e continuava descendo para o cateter em seu braço.

Pelo visto, depois de terem constatado qual era o grupo sanguíneo de Virginia, eles tinham feito primeiro uma transfusão em que uma grande quantidade de sangue foi *bombeada* nela, mas agora, depois de o quadro ter se estabilizado, o sangue apenas caía em gotas. Na bolsa de sangue pela metade havia uma etiqueta com um monte de códigos incompreensíveis, e nela dominava um “A” grande. O grupo sanguíneo, é claro.

Mas... alto lá...

Lacke era do grupo B. Lembrou que ele e Virginia tinham conversado sobre isso uma vez e que Virginia também era do grupo B, e que por isso eles podiam... isso. Foi exatamente desse jeito que eles tinham dito. Que

um podia doar sangue para o outro porque eles eram do mesmo grupo sanguíneo. E Lacke era do grupo B, disse ele tinha certeza absoluta.

Ele se levantou e foi para o corredor do hospital.

Será que eles cometem esse tipo de erro?

Conseguiu achar uma enfermeira.

— Desculpe, mas...

Ela olhou para as roupas gastas dele, ficou um pouco receosa e disse: — Pois não?

— Eu só queria saber uma coisa. É com Virginia... Virginia Lindblad que está... internada...

A enfermeira balançou a cabeça, pareceu assumir agora quase uma postura de recusa. Talvez ela estivesse presente quando eles...

— Bem, é que eu só queria saber... o grupo sanguíneo?

— O que tem ele?

— Eu vi que estava escrito “A” no pacote que... mas ela não é desse grupo.

— Agora não estou entendendo.

— Bem... é... você teria um tempinho?

A enfermeira olhou ao redor até o final do corredor. Talvez para verificar se alguém podia ajudá-la se a coisa degenerasse, talvez para marcar que tinha coisas mais importantes para fazer. No entanto, ainda assim, ela acompanhou Lacke e entrou no quarto onde Virginia estava deitada de olhos fechados, o sangue gotejando devagar pelo tubo. Lacke apontou para a bolsa de sangue.

— Aqui. Esse “A”. Isso significa que...

— É o sangue do grupo A dentro dele. Há uma carência enorme de doadores hoje em dia. Se as pessoas soubessem como...

— Desculpe. Mas ela é do grupo B. Nesse caso não é perigoso dar...

— É, sim.

A enfermeira não foi diretamente grossa, mas a postura do seu corpo insinuava que o direito de Lacke de questionar a competência do hospital

era mínimo. Ela encolheu de leve os ombros e disse: — Se a pessoa for do grupo B. Mas não é o caso dessa paciente. Ela tem **ab**.

— Mas... está escrito “A” no... pacote.

A enfermeira suspirou e depois falou, como se explicasse a uma criança que não havia habitantes na Lua:

— Pessoas do grupo **ab** podem receber sangue de *todos* os grupos sanguíneos.

— Mas... certo. Então o grupo sanguíneo dela mudou.

A enfermeira alçou a sobrancelha. A criança acabara de afirmar que *estivera* na Lua e vira seres humanos lá em cima. Fazendo um gesto com a mão como se cortasse uma faixa, ela disse: — Isso simplesmente não acontece.

— O.k. Então ela me deu a informação errada.

— Deve ser isso. Com licença, mas eu tenho que fazer outras coisas agora.

A enfermeira controlou o cateter no braço de Virginia, girou um pouco o suporte e, olhando para Lacke com um olhar que dizia que isso sim eram coisas importantes e ai dele se ele fosse cutucar nessas coisas, ela deixou o quarto a passos enérgicos.

O que acontece se a gente recebe sangue errado? O sangue... se aglutina.

Não. Virginia deve ter se enganado.

Ele foi para um canto do quarto onde havia uma poltrona pequena e uma mesa com uma flor de plástico. Sentou-se na poltrona e olhou para o quarto. As paredes nuas, o chão reluzente. Luz fluorescente no teto. A cama de Virginia feita de alumínio, em cima dela um cobertor amarelo desbotado onde estava escrito Conselho da Província.

É desse jeito que vai ser.

Na obra de Dostoiévski, a doença e a morte eram quase sempre algo sujo, miserável. Gente esmagada debaixo da roda de uma carroça, lama, tifo, lenços de nariz manchados de sangue. E assim por diante. Mas vai ver

que essa miséria toda era melhor que isso. Que ser afastado e depositado numa espécie de máquina polida.

Lacke se recostou na poltrona e cerrou os olhos. O apoio das costas era curto demais, sua cabeça caía para trás. Ele se endireitou, pôs o cotovelo no braço da poltrona e recostou o rosto na mão. Olhou para a flor de plástico. Era como se a tivessem depositado ali para destacar que aqui era proibido existir algum tipo de vida; aqui estava tudo em seu devido lugar.

A flor continuou gravada em sua retina quando ele fechou os olhos de novo. Transformou-se numa flor de verdade, cresceu, virou um jardim. O jardim da casa que eles iam comprar. Lacke estava no jardim olhando para uma roseira com flores vermelhas e cintilantes. Da casa vinha a sombra comprida de uma pessoa. O sol se pôs rapidamente e a sombra cresceu, ficou mais comprida, estendeu-se pelo jardim.

Lacke estremeceu e acordou. A palma da sua mão estava molhada da saliva que escorrera enquanto ele dormia. Passou a mão na boca, sentiu o gosto e tentou levantar a cabeça. Não dava. O pescoço parecia travado. Obrigou o pescoço a se endireitar e os ligamentos estalaram. Parou.

Olhos arregalados olhavam para ele.

— Oi! Você está...

Sua boca se fechou. Virginia estava deitada de costas, amarrada com cintas, com o rosto virado para ele. Mas a cara dela estava imóvel demais. Nenhum movimento de reconhecimento, de alegria... nada. Os olhos não pestanejavam.

Morta! Ela está...

Lacke se levantou subitamente da poltrona e alguma coisa estalou em seu pescoço. Jogou-se de joelhos no chão na frente da cama, segurou a armação de alumínio e aproximou o rosto do dela, como se, com sua presença, ele obrigasse a alma a voltar para o rosto, lá do fundo.

— Ginja! Você está me ouvindo?

Nada. Ainda assim, ele podia jurar que os olhos dela de algum modo olhavam dentro dos olhos dele, que não estavam mortos. Ele a procurou em cada cantinho deles; jogou fateixas de onde estava, nos buracos que eram as pupilas de Virginia para, ali na escuridão, conseguir apanhar...

As pupilas. Será que é assim que elas ficam quando a gente...

As pupilas não estavam redondas. Eram dois traços na vertical, pontudos na extremidade. Ele fez uma careta quando uma pontada de dor irradiou para o pescoço; passou a mão ali, massageou.

Virginia fechou os olhos. Abriu-os de novo. E apareceu.

Lacke abriu a boca de um jeito ridículo, continuou a massagear o pescoço de um modo mecânico. Fez-se um clique que parecia o som de madeira quando Virginia abriu a boca e perguntou: — Você está com dor?

Lacke tirou a mão do pescoço, como se tivesse sido surpreendido fazendo algo feio.

— Não, eu só... eu achei que você estivesse...

— Eu estou presa.

— É, você... lutou um pouco. Espere que eu... — Lacke enfiou a mão entre duas grades da cama e começou a soltar uma das cintas.

— Não.

— O que é?

— Deixe do jeito que está.

Lacke hesitou, com as cintas entre os dedos.

— Está querendo bater mais?

Virginia fechou os olhos pela metade.

— Deixe do jeito que está.

Lacke soltou as cintas, não sabia o que fazer com as mãos quando a tarefa foi retirada delas. Sem se levantar, virou-se de joelhos e puxou a poltrona pequena para junto da cama, o que fez a dor irradiar novamente para o pescoço. Sentou-se desengonçado nela.

Virginia balançou a cabeça de um modo quase imperceptível. — Você ligou para Lena?

- Não. Eu posso...
- Está bem.
- Você não quer que eu...?
- Não.

Surgiu um silêncio entre eles. O silêncio que é peculiar aos hospitais e que aparece porque a própria situação — um de cama, doente ou ferido, e um com saúde ao lado — na verdade já diz tudo. As palavras ficam insignificantes, desnecessárias. Apenas o mais importante pode ser dito. Por um bom tempo, ficaram se olhando. Disseram o que podia ser dito, sem palavras. Depois Virginia virou a cabeça acompanhando o corpo e olhou para o teto.

- Você precisa me ajudar.
- Com o que você quiser.

Virginia passou a língua em volta dos lábios, encheu o pulmão de ar e soltou um suspiro tão profundo e comprido que parecia ter usado reservas escondidas do corpo. Depois seus olhos passearam pelo corpo de Lacke. Perscrutadores, como se ela estivesse dando o último adeus ao cadáver de uma pessoa querida e quisesse gravar na lembrança a imagem dele. Ela esfregou um lábio no outro e proferiu por fim as seguintes palavras:

- Eu sou um vampiro.

Os cantos da boca de Lacke queriam se levantar num sorriso amarelo, a boca queria fazer algum comentário para espairecer, de preferência um pouco cômico. Mas os cantos da boca não se mexeram e o comentário se perdeu, nunca chegou perto dos lábios. Em vez disso, veio apenas um: — Não.

Ele massageou a nuca para quebrar a atmosfera no quarto, a imobilidade que transformava todas as palavras em verdade. Virginia falou com calma, controlada.

— Eu fui à casa de Gösta. Para matá-lo. Se não tivesse acontecido. O que aconteceu. Eu teria matado Gösta. E depois... bebido o sangue dele. Eu ia fazer isso. Era minha intenção. Com aquilo tudo. Entende?

Os olhos de Lacke erravam pelas paredes do quarto como se estivessem procurando o mosquito, a causa do zumbido irritante que no silêncio fazia cócegas em seu cérebro, impossibilitando todo e qualquer pensamento. Finalmente eles pararam na armação da luz fluorescente no teto.

— Merda de luz que não para de zumbir.

Virginia olhou para a luz e disse: — Não posso ficar exposta à luz. Não posso comer nada. Tenho pensamentos horríveis. Vou acabar machucando alguém. Machucando você. Não quero mais viver.

Finalmente alguma coisa concreta, algo que dava para responder.

— Não diga uma coisa dessas — disse Lacke. — Virginia? Não diga uma coisa dessas. Está me ouvindo?

— Você não está entendendo.

— Não, eu não entendo. Mas você não vai morrer. Sacou? Você está aí na minha frente agora, você pode falar, você está... está tudo bem.

Lacke se levantou da poltrona, deu alguns passos sem rumo no quarto e abriu os braços.

— Você está proibida... proibida de falar desse jeito.

— Lacke. Lacke?

— Sim!

— Você sabe. Que é verdade. Não sabe?

— O que é verdade?

— Isso que eu disse.

Lacke deu um risinho e sacudiu a cabeça enquanto as mãos davam batidinhas no corpo. Procurava em cima dos bolsos. — Preciso fumar um cigarro. Está...

Ele achou o maço amassado, o isqueiro. Conseguiu tirar o último cigarro lá de dentro e o enfiou na boca. Depois lembrou onde estava. Tirou o cigarro da boca.

— Merda, eles vão me atirar da janela de cabeça para baixo se eu...

— Abra a janela.

— É mesmo para eu pular?

Virginia sorriu. Lacke foi para a janela, escancarou-a e debruçou-se o máximo nela.

A enfermeira com quem ele conversou podia certamente sentir cheiro de cigarro a dez quilômetros de distância. Ele acendeu o cigarro e tragou fundo, esforçou-se em soprar a fumaça de um jeito que ela não entrasse de novo pela janela, olhou para as estrelas no céu. Por trás dele, Virginia começou a falar de novo.

— Foi aquela criança. Fui contaminada. E depois... não parou de crescer. Eu sei onde está. No coração. No coração todo. Como um câncer. Está fora do meu controle.

Lacke soprou a fumaça. Sua voz ecoou nos prédios altos ao redor.

— Mas você consegue conversar. Você está do jeito que... sempre foi.

— Eu me esforço. Além disso, recebi sangue. Mas posso deixar correr solto. A qualquer momento posso deixar de me segurar. Então a coisa me domina. Eu sei disso. Eu sinto isso. — Virginia respirou fundo algumas vezes e continuou: — Você está aí. Estou olhando para você. E tenho vontade de... te comer.

Lacke não sabia se foi o torcicolo ou outra coisa que fez um arrepio subir por sua espinha. De repente, sentiu-se desprotegido. Rapidamente, apagou o cigarro na parede e deu um peteleco na guimba, que traçou um arco no ar. Virou-se para o interior do quarto.

— Mas isso é uma loucura.

— É. Mas é desse jeito.

Lacke cruzou os braços no peito. Com um riso forçado, ele perguntou: — E o que você quer que eu faça?

— Eu quero que você... destrua meu coração.

— O quê? Mas como?

— De qualquer jeito.

Lacke revirou os olhos.

— Você está ouvindo a si mesma? Como isso tudo soa? É um disparate. Como assim? Será que eu... devo enfiar uma estaca em você, é isso?

— É.

— Não, não e não. Olhe, isso aí você pode esquecer. Vai ter que pensar em algo melhor.

Lacke riu e sacudiu a cabeça. Virginia olhou para ele andando de lá para cá no quarto, ainda com os braços cruzados no peito. Depois balançou calmamente a cabeça.

— Está bem.

Ele foi para junto de Virginia e segurou sua mão. Era estranho com a mão... presa. Suas mãos nem sequer cabiam em volta da mão de Virginia. Em todo caso, a mão dela estava quente e apertou a dele. Com a mão que estava livre, ele alisou o rosto dela.

— Não quer que eu solte você?

— Não. Pode... vir à tona.

— Você vai ficar boa. Isso aí vai se resolver. Virginia, você é tudo que eu tenho. Quer saber de um segredo?

Sem largar a mão dela, Lacke sentou-se na poltrona e começou a contar. Contou tudo. Sobre os selos, o leão, a Noruega, o dinheiro. A casa no campo que eles teriam. Perdeu-se numa fantasia comprida de como o jardim seria, que flores eles teriam e como iriam pôr uma mesinha do lado de fora, fazer um caramanchão onde poderiam se sentar e...

A uma certa altura no meio disso tudo, as lágrimas começaram a rolar dos olhos de Virginia. Silenciosas, pérolas transparentes que lhe desciam pela face, molhando a franha. Nada de soluços, apenas lágrimas descendo, joias feitas de tristeza... ou de alegria?

Lacke parou de falar. Virginia apertou com força a mão dele.

Depois Lacke foi para o corredor, conseguiu com uma dose de persuasão e uma de apelo fazer os funcionários do hospital disporem mais uma cama no quarto. Lacke mudou a posição da cama, que ficou bem junto da de Virginia. Em seguida apagou a luz, tirou a roupa e meteu-se debaixo dos lençóis ásperos, procurou e encontrou a mão dela.

Durante muito tempo ficaram assim em silêncio. Depois vieram as palavras.

— Lacke, eu te amo.

E Lacke não respondeu. Deixou as palavras pairando no ar. Serem encapsuladas e crescerem até se transformar num cobertor vermelho e grande flutuando pelo quarto, um cobertor que desceu sobre ele e o aqueceu a noite inteira.

Segunda-feira de manhã, às 4h23, praça Island:

Várias pessoas nas imediações da Björnsonsgatan acordaram por causa de uma gritaria. Uma delas telefona para a polícia acreditando ser um recém-nascido que está gritando. Quando a polícia chega ao local, dez minutos mais tarde, os gritos tinham terminado. A polícia faz uma busca e encontra vários gatos mortos. Alguns deles tiveram as extremidades separadas do corpo. A polícia anota nome e número de telefone dos gatos que estão com coleira de identificação, a fim de comunicar o ocorrido aos donos. A Secretaria de Vias Públicas é chamada para limpar o local.

Falta meia hora para o sol nascer.

Eli está recostado na poltrona da sala. Ficou a noite e a madrugada inteira dentro de casa. Guardou o que havia para ser guardado.

Na próxima noite, assim que escurecer, Eli vai procurar uma cabine telefônica para chamar um táxi. Não sabe para que número vai telefonar, mas isso é provavelmente algo que todo mundo sabe. É só perguntar. Depois que o táxi chegar, ele vai enfiar três caixas de mudança no bagageiro e pedir ao motorista para ir...

Aonde?

Eli fechou os olhos, tentou imaginar um lugar onde queria ficar.

Como sempre, aparece primeiro a imagem da casa onde ele morava com os pais e o irmãos mais velhos. Mas ela não existe mais. No lugar da casa, nos arredores de Norrköping, existe hoje um anel viário. O riacho onde a

mãe lavava roupa secou, a vegetação cresceu e virou uma baixada ao lado do acostamento.

Eli tinha muito dinheiro. Podia pedir ao motorista que o levasse para qualquer lugar, enquanto a escuridão permitisse. Para o norte. Ou para o sul. Sentar-se no banco de trás e dizer para ele ir rumo ao norte até completar duas mil coroas. Depois sair do carro. Começar de novo. Encontrar alguém que...

Eli atira a cabeça para trás e grita para o teto lá no alto:

— Não quero!

Os fios poeirentos da teia de aranha balançam devagar com o ar expelido por ele. O som morre no cômodo fechado. Eli leva as mãos ao rosto e pressiona a ponta dos dedos nas pálpebras. Sente no corpo o nascer iminente do sol em forma de aflição. Sussurra:

— Deus. Deus? Por que eu não posso ter nada? Por que eu não posso...

Faz muitos anos que a pergunta fica remoendo dentro dele.

Por que não posso viver?

Porque você devia estar morto.

Apenas uma vez depois de ter sido contaminado, Eli encontrara um outro agente transmissor da doença. Uma mulher adulta. Tão cínica e destroçada quanto o homem de peruca. Mas Eli obteve nessa ocasião a resposta a uma outra pergunta que não saía de sua cabeça.

— Somos muitos?

A mulher sacudira a cabeça e respondera com uma tristeza teatral:

— Não, somos pouquíssimos.

— Por quê?

— Por quê? Bem, porque a maioria se suicida, é claro. Você pode entender. É um fardo tão *pesaaaado*, ai, ai, ai. — Abanou as mãos e disse com voz estridente: — Oooh, não aguento carregar mortes na minha consciência.

— Nós *podemos* morrer?

— É claro. É só atear fogo em nós mesmos. Ou deixar que outras pessoas o façam; elas fazem isso sem o menor problema, sempre fizeram. Ou... — Ela esticou o indicador, apertou o dedo com força no peito de Eli, em cima do coração. — Aí. É aí que ela está, não é? Mas agora, meu amigo, tive uma ótima ideia...

E Eli tinha fugido dessa ótima ideia. Como fugira antes. E mais tarde.

Eli pôs a mão em cima do coração e sentiu as batidas lentas. Talvez porque ele fosse uma criança. Talvez fosse por isso que não dera um fim naquilo tudo. As crises de consciência eram mais fracas que a vontade de viver.

Eli se levantou da poltrona. Håkan não viria hoje à noite. Mas, antes de ir descansar, Eli tinha que passar no Tommy. Ver se ele tinha se recuperado. Contaminado ele não estava. Mas, por causa de Oskar, ele queria ver se estava tudo bem com Tommy.

Eli apagou todas as lâmpadas e saiu do apartamento.

Já lá embaixo, no prédio de Tommy, Eli só precisou empurrar a porta do porão; muito tempo atrás, quando esteve aqui com Oskar, ele enfiara umas bolinhas de papel na fechadura para a porta não trancar quando batesse. Entrou no corredor do porão e a porta se fechou com um baque.

Ele parou e aguçou os ouvidos. Nada.

Nenhum som da respiração de alguém dormindo; apenas o cheiro forte de solvente e de cola. Percorreu o corredor a passos rápidos e chegou ao depósito. Puxou a porta.

Vazio.

Faltavam vinte minutos para o amanhecer.

Durante a noite, Tommy entrara e saíra de um torpor feito de sono, metade consciência e metade pesadelos. Não tinha ideia de quanto tempo já se passara quando começou a acordar de verdade. A lâmpada nua do porão não mudava. Talvez estivesse amanhecendo, podia ser de manhã, de dia. Talvez a escola já tivesse começado. Não estava nem aí.

Sua boca tinha gosto de cola. Ele olhou ao redor, recém-desperto. Em cima do seu peito havia duas notas. De mil coroas cada. Dobrou o braço para pegá-las, sentiu que repuxava. Um esparadrapo grande estava colado na dobra do braço, no meio do curativo uma manchinha de sangue aparecera.

Mas não foi... só isso...

Ele se revirou no sofá, procurou pelos cantos das almofadas e encontrou o canudinho que perdera de noite. Mais três mil. Abriu as cédulas, juntou-as com as notas que tinha tirado de cima do peito, sentiu a quantidade, ouviu o farfalhar delas. Cinco mil. Tudo o que ele podia fazer com esse dinheiro.

Olhou para o esparadrapo e deu uma risada. Muito bem pago só para ficar deitado de olhos fechados.

Muito bem pago só para ficar deitado de olhos fechados.

Como é que era mesmo? Alguém tinha dito isso, alguém...

Isso. A irmã de Tobbe, como era o nome dela... Ingela? Ela ficava dando por aí e Tobbe tinha contado. Que ela recebera quinhentas coroas para isso e o comentário de Tobbe tinha sido:

— Muito bem pago só para...

Ficar deitado de olhos fechados.

Tommy apertou as cédulas na mão, fez um bolo delas. Ela pagara para beber do sangue dele. Uma doença, foi o que ela disse. Mas que doença estranha é essa? Nunca ouvira falar nessa doença. E se a gente tinha uma coisa dessas, então ia para o hospital, então recebia... Não se descia para a porra de um porão com cinco mil e...

Zás.

Será?

Tommy sentou-se no sofá e arrancou o edredom de cima dele.

Mas essas coisas não existem. Não mesmo. Vampiros. A menina, a garota do vestido amarelo deve de alguma forma estar *achando* que ela é... mas alto lá. Foi aquele assassino ritual que... aquele que a polícia está procurando...

Tommy enterrou a cabeça nas mãos, sentiu o farfalhar de notas amassadas na orelha. As coisas não se encaixavam. De qualquer forma, ele agora morria de medo daquela menina.

Bem no instante em que estava considerando ir para casa apesar de tudo, mesmo que ainda fosse de madrugada, enfrentar o que viesse, Tommy ouviu a porta do seu prédio se abrir lá em cima. Seu coração esvoaçou como um pássaro assustado e ele olhou ao redor.

A arma.

A única coisa que havia era a vassoura. A boca de Tommy se levantou num risinho que durou um segundo.

Vassoura, boa arma contra vampiros.

Depois se lembrou, levantou-se e saiu do depósito enquanto enfiava o dinheiro no bolso das calças. Deu um passo e entrou no abrigo antiaéreo ao mesmo tempo que a porta do porão se abriu. Não teve coragem de trancar a porta, temendo que ela fosse ouvir o barulho.

Ele se agachou no escuro e tentou respirar o mais silenciosamente possível.

A gilete brilhava no chão. Um dos cantos estava com manchas marrons, como se fosse ferrugem. Eli arrancou um pedaço da capa de uma revista, embrulhou a gilete no papel e a enfiou no bolso de trás.

Tommy não estava ali, isso significava que estava vivo. Que ele mesmo tinha saído dali, ido para casa dormir e, mesmo que Tommy tivesse tirado suas próprias conclusões, ele não sabia onde Eli morava, então...

Tudo está sob controle. Tudo... em cima.

Encostada na parede havia uma vassoura de madeira, de cabo comprido.

Eli apanhou-a e quebrou a vassoura no joelho, lá embaixo quase junto dos pelos. A superfície onde ela se quebrou ficou irregular, pontuda. Uma estaca fina de um metro. Ele pôs a ponta no peito, entre duas costelas. Exatamente no ponto onde aquela mulher pusera o dedo.

Respirou fundo, segurou bem o cabo e experimentou a ideia.

Fure! Fure!

Expirou, soltou o cabo. Segurou de novo. Pressionou.

Durante dois minutos, ele ficou com a ponta a um centímetro do coração, com o cabo apertado na mão, quando veio um estrondo da maçaneta e a porta do porão se abriu.

Tirou o bastão de madeira do peito e aguçou os ouvidos. Passos incertos e lentos lá fora no corredor, como os de uma criança que acabou de aprender a andar. Uma criança muito grande que acabou de aprender a andar.

Tommy ouviu os passos e pensou: *quem é?*

Não era Staffan, nem Lasse, nem Robban. Alguém que estava doente de alguma forma, alguém que carregava algo muito pesado... *Papai Noel!* A mão tapou a boca para abafar um risinho quando ele viu a imagem do Papai Noel em sua frente, na versão da Disney...

Hohoho! Say "mama"!

... atravessando com passos pesados o corredor do porão com o saco enorme nas costas.

Seus lábios tremeram debaixo da palma da mão e ele trincou os dentes para impedir que rangessem. Ainda agachado, foi se arrastando para a porta, meio metro de cada vez. Sentiu o canto do cômodo nas costas ao mesmo tempo que a flecha de luz do vão da porta se escureceu.

O Papai Noel estava parado entre a lâmpada e o abrigo antiaéreo. Tommy apertou a outra mão em cima da que já estava na boca para não gritar e esperou a porta se abrir.

Não há para onde correr.

Nas frestas da porta, o corpo de Håkan se delineou em linhas quebradas. Eli estendeu ao máximo o braço com o bastão e cutucou a porta. Ela abriu dez centímetros, em seguida o corpo lá fora ficou no meio do caminho.

A mão segurou o canto da porta e a escancarou, fazendo-a bater na parede; uma dobradiça se soltou. A porta ficou empenada, fechou-se de novo sustentada pela única dobradiça e bateu no ombro do corpo que agora ocupava a entrada.

O que você quer de mim?

Manchas azul-claras ainda podiam ser vistas no camisolão que lhe cobria o corpo até os joelhos. O resto era um mapa sujo feito de terra, barro, resquícios de alguma coisa que o nariz de Eli identificou como sendo sangue de animal e sangue de gente. O camisolão estava rasgado em vários lugares, pelas fendas via-se a pele branca, cheia de arranhões que nunca iriam cicatrizar.

O rosto não mudara. Uma massa mal sovada de carne nua com um olho vermelho jogado ali só de brincadeira, uma cereja madura enfeitando um bolo podre. Mas a boca estava aberta agora.

Um buraco negro na metade de baixo do rosto. Ausência de lábios que podiam encobrir os dentes, que por isso estavam à mostra, uma coroa irregular branca que deixava o escuro na cavidade bucal ainda mais escuro. O buraco se ampliou, diminuiu com um movimento de mastigar e dele saiu:

— Eeeiiiiij.

Não dava para entender se o som significava “Hej”^[13] ou “Eli”, já que o “J” ou o “L” eram formados sem a ajuda dos lábios nem da língua. Eli virou o bastão na direção do coração de Håkan e disse: — Oi.

O que você quer?

Mortos-vivos. Eli não sabia nada sobre eles. Não sabia se o ser à sua frente era movido pelas mesmas limitações que ele próprio tinha. Nem sequer sabia se adiantava destruir o coração. De qualquer jeito, o fato de Håkan estar parado na porta indicava que ele precisava ser convidado.

A pupila de Håkan percorreu de cima a baixo o corpo de Eli, que se sentiu desprotegido no vestidinho amarelo. Queria que houvesse mais pano, mais empecilhos entre seu corpo e o de Håkan. Eli aproximou ainda mais o bastão do peito de Håkan.

Será que ele pode sentir alguma coisa? Será que ele pode sequer... sentir medo?

Eli experimentou um sentimento esquecido: o medo de sentir dor. É verdade que tudo cicatrizava, mas Håkan irradiava uma ameaça tão grande que...

— O que você quer?

Um som cavernoso e gutural saiu quando a criatura expirou, e uma gota de um líquido gosmento e amarelado escorreu do buraco duplo onde estivera o nariz. Um suspiro? Em seguida, um “Éééiii...” mal sussurrado e um dos braços se levantou rapidamente, como num espasmo,

movimentos de bebê

apanhou desajeitado a camisola lá embaixo quase na batinha e levantou a roupa.

O pênis de Håkan estava ereto, apontando de lado, querendo atenção, e Eli olhou para aquele inchaço rígido onde se entrecruzavam uma rede de veias e...

Como é que ele pode... ele deve ter ficado assim o tempo todo.

— Éééiiiill...

Espasmos agressivos na mão de Håkan quando ele puxou o prepúcio para cima e para baixo, para cima e para baixo e a glândula aparecia e sumia, aparecia e sumia como o brinquedo do boneco na caixa enquanto a criatura soltava um gemido que era de prazer ou de sofrimento.

— Éééêê...

E Eli riu de alívio.

Tudo isso. Só para tocar uma.

Será que ele ia ficar ali, incapaz de sair do lugar até... até...

Será que ele pode gozar? Ele vai ter que ficar ali uma... uma eternidade.

Surgiu na frente de Eli a imagem de um desses bonecos obscenos, a gente gira a chave nele; um monge trajando um hábito que subia e ele começava a se masturbar até a corda acabar.

cliquetique, cliquetique.

Eli riu, estava tão absorto com a imagem absurda que não percebeu que Håkan entrara no depósito sem ser convidado. Só percebeu alguma coisa quando a mão, que há pouco estava fechada em volta do prazer impossível, se levantou no alto da sua cabeça.

Com um espasmo da velocidade de um raio, o braço desceu e o punho cerrado aterrissou no ouvido de Eli com uma força tal que podia ter matado um cavalo. O soco acertou de lado e a orelha de Eli virou para dentro de um modo tão brutal que a pele se rasgou e metade da orelha se soltou da cabeça, que foi projetada para baixo e bateu no chão de cimento, produzindo um estalo abafado.

Quando Tommy entendeu que a coisa que apareceu no corredor não estava a caminho do abrigo antiaéreo, teve coragem de tirar as mãos da boca. Estava encolhido no canto ouvindo atentamente, tentando entender.

A voz da menina.

Oi. O que você quer?

Depois o riso. E em seguida a outra voz. Nem sequer parecia ser a voz de um ser humano. Depois baques abafados, barulho de corpos se movendo.

Agora acontecia uma espécie de... movimento lá dentro. Alguma coisa era arrastada pelo chão e Tommy não *ia* ver o que era. Mas os sons encobriam o barulho que ele mesmo podia fazer ao se levantar. Tateou às cegas junto à parede e achou a pilha de caixas de papelão.

Seu coração batia como um tambor de brinquedo e suas mãos tremiam. Não tinha coragem de acender o isqueiro, então, para se concentrar melhor, fechou os olhos e procurou por cima da pilha de caixas.

Os dedos se fecharam em torno daquilo que ele achou. O troféu de atirador de Staffan. Com cuidado, tirou a escultura do lugar e sentiu o peso dela na mão. Se ele segurasse a figura pelo peito, a base de pedra funcionava como um martelo. Abriu os olhos e constatou que distinguia vagamente os contornos do atirador de prata.

Amigo. Meu amiguinho.

Com o troféu bem junto do peito, ele se afundou novamente no canto do cômodo, esperando que tudo isso fosse finalmente acabar.

Agora manuseavam Eli.

Enquanto Eli nadava para a superfície da escuridão em que se afundara, sentia que seu corpo, a distância, numa outra parte do mar era... manuseado.

Uma pressão forte nas costas, as pernas que eram puxadas para cima, para trás, e anéis de ferro apertados em volta dos pulsos. Agora os pulsos com anéis de ferro se encontravam *de cada lado da sua cabeça* e a coluna estava tão esticada, esgarçada, que estava prestes a quebrar.

Meu corpo vai se partir.

Sua cabeça era um recipiente de dor fulgente na hora que o corpo foi dobrado com violência, atado como se fosse uma bola de pano, e Eli achou que ainda estava tendo uma alucinação da dor, pois, quando os olhos começaram a enxergar, ele apenas via tudo amarelo. E, atrás do amarelo, um vulto enorme, agitado.

Em seguida veio o frio. Na pele fina no meio das suas nádegas, esfregavam uma bola de gelo. Alguma coisa tentava, primeiro cutucando de leve, em seguida empurrando com força, penetrar nele. Eli arfou; o pano do vestido na frente do seu rosto voou com o sopro e ele viu.

Håkan em cima dele. O único olho fitava as nádegas abertas lá embaixo. As mãos segurando apertado os pulsos de Eli. As pernas tinham sido afastadas brutalmente de modo que os joelhos eram pressionados no chão de cada lado dos ombros de Eli e, quando Håkan pressionou ainda mais, Eli ouviu os tendões da parte traseira das coxas se rompendo igual a cordas que foram esticadas demais.

— Nããão!

Eli berrou bem na cara disforme de Håkan, que não transparecia nenhum sentimento de qualquer espécie. Um filete de baba viscosa caiu da boca da

criatura, esticou e partiu-se caindo nos lábios de Eli, e o gosto de cadáver encheu-lhe a boca. Os braços de Eli afastados do corpo, moles como os braços de uma boneca de pano.

Alguma coisa debaixo dos dedos. Redonda. Dura.

Ele tentou pensar, fez um esforço para criar um relógio de mergulho feito de luz dentro da loucura negra que o puxava. E viu a si mesmo dentro do relógio. Com uma estaca na mão.

Isso.

Eli apertou o cabo da vassoura, os dedos se fecharam ao redor da tábua de salvação frágil enquanto Håkan continuava cutucando, empurrando, tentando penetrar.

A ponta. A ponta tem que estar do lado certo.

Ele virou a cabeça para o cabo e viu que a ponta estava na direção do golpe.

Uma chance.

Silêncio na cabeça de Eli quando ele visualizou o que ia fazer. Em seguida, ele fez. Num só movimento, tirou o cabo do chão e golpeou com o máximo de força na direção do rosto de Håkan.

O antebraço roçou na lateral da coxa dele e o bastão se transformou numa linha reta que... que parou a alguns centímetros do rosto de Håkan quando a mão de Eli, por causa da posição em que ele estava, não conseguiu se mover mais à frente.

Ele tinha falhado.

Durante um segundo Eli teve tempo de pensar que talvez pudesse comandar a morte do próprio corpo. Se ele desligasse todas...

Em seguida, Håkan deu um empurrão à frente ao mesmo tempo que a cabeça se lançou para baixo. Um barulho suave igual ao de uma concha que é afundada no mingau, quando a ponta de madeira penetrou no olho dele.

Håkan não gritou. Talvez nem tivesse sentido. Talvez fosse apenas a surpresa diante do fato de não poder mais enxergar que fez com que ele soltasse os pulsos de Eli. Sem sentir dor na parte interna das coxas

dilaceradas, Eli virou os pés, conseguiu soltá-los e deu um chute na direção do peito de Håkan.

Um pleft! molhado quando a sola do pé bateu na pele e Håkan caiu de costas. Eli puxou as pernas para baixo do corpo e, sentindo uma onda de dor que vinha das costas, conseguiu ficar de joelhos. Håkan não caíra, apenas tinha sido jogado para trás e, como um boneco elétrico do castelo do terror, endireitou-se e levantou de novo.

Os dois estavam de joelhos um na frente do outro.

O cabo no olho de Håkan foi caindo dando tremidinhas, descendo mais e mais, com a nitidez do ponteiro de segundos, e caiu depois, tamborilou algumas vezes no chão e ficou parado. Um líquido transparente começou a escorrer do buraco onde o cabo estivera, um rio de lágrimas.

Nenhum dos dois se mexia.

O líquido do olho de Håkan pingava na coxa nua de Eli.

Eli concentrou toda a sua força no braço direito e cerrou o punho. Quando o ombro de Håkan deu uma estremeçada e o corpo fez menção de se esticar para pegar Eli de novo, para continuar de onde tinha parado, Eli deu um soco com a mão direita no lado esquerdo do peito de Håkan.

A costela partiu e a pele se esticou por um instante, não resistiu e rompeu.

A cabeça de Håkan se curvou para ver o que não podia ver na hora em que Eli ficou remexendo dentro da caixa torácica e encontrou o coração. Um bolo frio, macio. Inerte.

O coração está morto. Mas ele deve...

Eli amassou o coração. O órgão sucumbiu sem oferecer resistência, acabou arrebentando como uma água-viva morta.

A reação de Håkan não foi maior do que se houvesse uma mosca irritante pousada nele: levantou o braço para afastar a coisa incômoda e, antes de conseguir segurar o pulso de Eli, este tirou a mão com pedaços do coração que saíam balançando do punho fechado.

Preciso sair daqui.

Eli quis se levantar, mas as pernas não obedeceram. Håkan tateava às cegas sacudindo os braços à frente, procurando Eli, que por sua vez se deitou de barriga para baixo e foi saindo da sala rastejando, os joelhos roçando no chão de cimento. Håkan virou a cabeça procurando de onde vinha o barulho, abriu as mãos e acabou apanhando o vestido, conseguiu rasgar a manga da roupa antes de Eli alcançar a porta. Håkan ficou de joelhos de novo.

Ficou em pé.

Eli teve o tempo de alguns segundos antes que Håkan encontrasse o caminho da porta. Tentou comandar a cicatrização das articulações danificadas para conseguir ficar em pé, mas, quando Håkan alcançou a porta, suas pernas ainda não estavam fortes e Eli só conseguiu se levantar se apoiando na parede.

As farpas das tábuas rústicas furaram a ponta dos dedos de Eli na hora que sua mão foi se arrastando pela parede de madeira para ele não cair. E ele sabia agora. Que, sem coração e cego, Håkan iria persegui-lo até... até...

Tenho que... acabar... tenho que... acabar com ele.

Um risco preto.

Um risco preto na vertical na frente dos olhos. Não estava ali antes. Eli sabia o que iria fazer.

— Éééé...

A mão de Håkan segurando o batente da porta e em seguida o corpo que saía trôpego do escritório do porão, as mãos tateando às cegas à frente. Eli pressionou as costas na parede, esperando o momento certo.

Håkan saiu, deu alguns passos cambaleantes e parou depois bem na frente de Eli. Os ouvidos aguçados, o nariz farejando.

Eli se inclinou para a frente de modo que as mãos estavam agora na altura do ombro de Håkan. Aproveitou o apoio das costas na parede, jogou o corpo à frente e fez força para tirar o equilíbrio de Håkan.

E conseguiu.

Håkan deu um passinho ao lado e caiu na direção da porta do abrigo antiaéreo. O vão que era um risco preto para Eli aumentou quando a porta se abriu para dentro e Håkan entrou na escuridão abanando os braços ao mesmo tempo que Eli caiu de barriga no corredor, conseguiu frear a queda apoiando as mãos no chão antes de bater o rosto nele e foi se arrastando para a saída, segurando uma das rodas que trancava a porta.

Håkan estava caído imóvel no chão quando Eli fechou a porta, girou as rodas e trancou. Em seguida foi rastejando para o escritório do porão, apanhou o cabo de vassoura e enfiou-o entre as rodas para que não fosse possível girá-las do lado de dentro.

Continuou concentrando as energias do corpo no processo de cicatrização e saiu rastejando do porão. Um rastro de sangue que escorreu do seu ouvido acompanhou Eli, serpenteando para a saída do abrigo antiaéreo. Na altura da porta do porão ele já estava tão recuperado que conseguiu se levantar. Empurrou a porta e subiu as escadas de pernas bambas.

Dormir Dormir Dormir

Abriu a porta e saiu na luz da portaria. Estava quebrado, humilhado, e o nascer do sol estava à espreita no horizonte.

Dormir Dormir Dormir

Mas Eli precisava... eliminá-lo. E só sabia de um modo que funcionava. Fogo. Cambaleando, tentou sair do pátio e ir para o único lugar onde sabia que encontraria fogo.

7h34, domingo de manhã, Blackeberg

O alarme que detecta arrombamentos dispara no supermercado *ica* do Arvid Mörnes väg. A polícia chega ao local onze minutos depois e encontra a vitrine estilhaçada. O dono da loja, que mora ao lado, encontra-se no local. Ele diz ter visto da janela de casa uma pessoa muito jovem e de

cabelo escuro sair correndo do mercado. O local é vistoriado, mas se conclui que nada foi roubado.

7h36, nascer do sol

As persianas do hospital eram muito melhores, mais juntas que as da casa dela. Apenas num lugar em que as lâminas estavam danificadas, deixavam entrar um filete da luz matinal que fez um corte cinza cor de poeira no teto escuro.

Virginia estava estirada e imóvel na cama, olhando para a listra cinza que tremulou quando uma rajada de vento fez a janela vibrar. Luz fraca, refletida. Só causava uma leve irritação, um cisco no olho.

Lacke fungava e respirava pesado na cama ao lado. Ficaram acordados até tarde, conversando. Lembranças, na maioria. Lá pelas quatro da manhã, Lacke acabou dormindo, ainda segurando a mão dela.

Ela teve de se soltar da mão de Lacke quando uma enfermeira apareceu uma hora mais tarde para verificar sua pressão; a enfermeira achou o resultado satisfatório e saiu do quarto olhando para Lacke de soslaio, com um olhar realmente meigo. Virginia ouvira Lacke insistindo para poder ficar no quarto, as razões que alegara. Provavelmente vinha daí o olhar meigo.

Agora Virginia estava deitada com as mãos cruzadas em cima do peito, lutava contra o instinto do corpo de... desligar tudo. *Dormir* não era lá a palavra certa. Assim que ela deixava de se concentrar na própria respiração, parava de respirar. Mas precisava ficar acordada.

Esperava que uma enfermeira entrasse antes de Lacke acordar. Isso. O melhor seria se ele pudesse continuar dormindo até tudo passar.

Mas isso já era querer demais.

O sol alcançou Eli na altura da arcada do pátio, um alicate em brasa que beliscou sua orelha dilacerada. Instintivamente, ele recuou para ficar na

sombra da arcada e apertou no peito as três garrafas plásticas de álcool, como se também quisesse protegê-las do sol.

A dez passos de distância estava o prédio dele. A vinte passos, o de Oskar. E a trinta passos, o de Tommy.

Não dá.

Não. Se ele estivesse recuperado e forte, provavelmente teria ousado ir para o prédio de Oskar e enfrentado a luz que sabia ficar mais forte a cada segundo que passava. Mas não para o de Tommy. Agora não.

Dez passos. Depois dentro da portaria. A janela grande na escada. E se eu tropeçar. E se o sol...

Eli correu.

O sol foi para cima dele como um leão faminto, fincou os dentes em suas costas. Eli quase perdeu o equilíbrio ao ser lançado para a frente pela força física gritante do sol. A natureza expelia sua repugnância pela transgressão dele; nem sequer por um instante Eli podia ficar na luz do sol.

As costas de Eli crepitavam e borbulhavam como se estivessem com óleo fervendo quando ele chegou ao prédio e abriu a porta com força. A dor quase o fez desmaiar e ele se dirigiu, como se estivesse drogado, para as escadas de olhos fechados; não ousava abrir os olhos de tanto medo que tinha de derreter.

Deixou cair uma das garrafas, ouviu que ela rolou pelo chão. Melhor deixar para lá. De cabeça baixa, um braço em volta do restante das garrafas, o outro no corrimão, subiu as escadas mancando e chegou ao patamar. Ainda faltava um lance.

Pela janela, o sol o agrediu pela última vez. Passou a pata em seu pescoço, mordiscou, mordeu depois suas coxas, as panturrilhas, o calcanhar, enquanto ele subia a escada. Estava em brasa. A única coisa que faltava eram chamas. Abriu a porta e caiu na escuridão doce e refrescante do lado de dentro. Fechou-a. Mas não estava escuro.

A porta da cozinha estava aberta e ali não havia cobertores tapando as janelas. Ainda assim, essa luz era mais fraca e mais cinza do que aquela à

qual ele tinha se exposto agora há pouco. E, sem pensar duas vezes, Eli largou as garrafas no chão e continuou em frente. Enquanto a luz, que em comparação com a outra parecia uma carícia, ralava suas costas conforme ele se arrastava do corredor para o banheiro, o fedor de carne queimada chegou ao seu nariz.

Nunca vou ficar totalmente curado.

Estendeu o braço, abriu a porta do banheiro e arrastou-se para dentro da escuridão compacta. Tirou do caminho uns garrafões de plástico, fechou a porta e trancou o banheiro.

Antes de deslizar para dentro da banheira, conseguiu pensar:

Não fechei a porta da rua.

Mas então já era tarde demais. O repouso desligou seu corpo no mesmo instante que Eli se afundou na escuridão molhada. De qualquer forma, ele não teria aguentado.

Tommy estava parado, encolhido no canto. Ficou com a respiração presa até que seu ouvido começasse a zumbir e estrelas cadentes cruzaram a noite à sua frente. Ao ouvir a porta do porão bater de novo, teve coragem de soltar o ar e deu um suspiro longo que rolou pelas paredes de cimento e morreu.

O silêncio era total. A escuridão, tão absoluta que tinha massa, peso.

Levou a mão ao rosto. Nada. Nenhuma diferença. Alisou o rosto para se certificar de que existia. Sim, ele existia. Nas pontas dos dedos sentiu o nariz, os lábios. Irreais. Passaram rápido sob seus dedos, desapareceram.

A figura pequena que ele segurava na outra mão parecia ser mais viva, mais real que ele próprio. Segurou-a com força, não saiu de perto dela.

* * *

Tommy ficara sentado com a cabeça curvada nos joelhos, os olhos apertados, as mãos tapando os ouvidos para não saber e não ouvir o que

estava acontecendo no escritório do porão. A julgar pelo barulho, parecia que a menininha tinha sido assassinada. Ele não conseguira, não tivera coragem de fazer nada e por isso tentou negar a situação, procurando desaparecer.

Pensara no pai. No campo de futebol, no bosque, na piscina municipal Kanaan. No final, parou na lembrança daquela vez no campo de Råcksta em que ele e o pai tinham brincado pela primeira vez com um aeromodelo que o pai pegara emprestado de alguém no trabalho.

A mãe permanecera com eles por um tempo, mas acabou achando chato demais ficar olhando para o avião que dava piruetas no ar e foi para casa. Ele e o pai ficaram até escurecer e o avião virar apenas uma silhueta no céu rosado. Depois foram para casa, de mãos dadas pelo bosque.

Foi nesse dia que Tommy se concentrou, afastando-se dos gritos e da loucura que aconteciam a alguns metros dele. O que existia era só o zumbido nervoso do avião, o calor da mão grande do pai em suas costas enquanto ele manobrava freneticamente o avião que fazia círculos amplos no alto do campo, do cemitério.

Até então Tommy nunca estivera dentro do cemitério, imaginara gente andando sem rumo de lá para cá no meio dos túmulos, chorando aquelas lágrimas grandes e brilhantes de revista em quadrinhos que gotejavam nas lápides fazendo barulho. Isso foi naquela época. Depois o pai morreu e Tommy ficou sabendo que o luto de cemitério raramente, muito raramente tinha essa cara.

As mãos taparam com mais força os ouvidos, para afastar esses pensamentos. Pense no passeio no bosque, pense no cheiro da gasolina especial do avião na garrafinha, pense...

Foi só quando ele, apesar da proteção do ouvido, ouviu um trinco ser girado de novo é que tirou as mãos e olhou ao redor. Inutilmente, já que o abrigo antiaéreo naquele instante estava mais negro que o espaço debaixo das suas pálpebras. Começou a prender a respiração quando a outra trinca

caiu no lugar e continuou assim enquanto sei-lá-o-que-era-aquilo ainda estava no porão.

Em seguida, a porta do porão bateu ao longe, as paredes estremeceram e ei-lo aqui. Vivo.

A coisa não me pegou.

Exatamente que “coisa” era essa, ele não sabia, mas, independentemente do que fosse, a coisa não descobrira Tommy.

Ele se levantou da posição encolhida em que se encontrava. Sentiu um forte formigamento nos músculos adormecidos das pernas quando foi Tateando às cegas, ao longo da parede, em direção à porta. Com as mãos suadas de medo e uma pressão no ouvido, quase deixa a estatueta cair.

A mão que estava livre achou a roda de trancar a porta, e ele começou a girá-la.

A roda andou uns dez centímetros e depois parou.

O que é isso...

Ele usou de mais força, mas a roda não saiu do lugar. Tommy largou a estatueta para poder girar com as duas mãos e o troféu caiu no chão fazendo um

bum.

Tommy parou.

Mas que barulho estranho... Como se fosse uma coisa... macia.

Ele se agachou junto da porta e tentou girar a roda de baixo. A mesma coisa aqui. Uns dez centímetros e depois nada. Tommy sentou-se no chão. Tentou pensar de modo racional.

Merda, será que eu vou ficar aqui dentro...

É, mais ou menos isso.

Mas, ainda assim, ele foi surgindo de mansinho... aquele pavor que Tommy tivera durante alguns meses depois da morte do pai. Fazia muito tempo que não sentia esse medo, mas agora, trancado naquela escuridão

absoluta, ele apareceu de novo. O amor pelo pai que, devido à morte, se transformara em medo dele. Do corpo do pai.

Um nó começou a se formar em sua garganta, os dedos da mão ficaram rijos.

Agora pense. Pense!

Havia velas de estearina numa prateleira da despensa do outro lado. O problema era conseguir chegar lá com essa escuridão.

Idiota!

Deu um tapa tão forte na testa que produziu um estalo. Riu. Mas ele tinha um isqueiro! E ainda por cima: de que ia adiantar procurar velas se não havia nada para acendê-las?

É como aquele cara que tinha centenas de latas de conserva mas nenhum abridor. *Acabou morrendo de fome no meio da comida.*

Enquanto ele vasculhou o bolso à procura do isqueiro, pensou que a situação não era *tão* ruim assim. Mais cedo ou mais tarde, alguém ia aparecer no porão: se não fosse a mãe, seria outra pessoa, era só ele conseguir luz que estava resolvido.

Tirou o isqueiro do bolso e o acendeu.

Os olhos agora adaptados à escuridão ficaram cegos por um segundo com a chama, mas, ao se acostumarem com a luz, viram que Tommy não estava sozinho.

Estirado no chão, bem junto dos seus pés, estava...

... o pai...

O pai de Tommy tinha sido cremado, mas ele não se lembrou disso quando viu o rosto do cadáver à luz bruxuleante do isqueiro. E esse rosto correspondia às suas expectativas de como as pessoas deviam ficar depois de permanecer vários anos debaixo da terra.

... pai...

Ele berrou bem em cima do isqueiro, de modo que a chama se apagou, mas, um segundo antes de se apagar, Tommy viu que a cabeça do pai deu uma tremida e...

... ele está vivo...

O seu intestino se esvaziou nas calças com uma explosão molhada que respingou quente por todo o traseiro. Em seguida suas pernas se dobraram, o esqueleto se dissolveu e ele caiu que nem um saco de batatas, soltando o isqueiro, que quicou no chão. Sua mão acabou parando em cima dos dedos do pé do cadáver. As unhas afiadas arranharam a palma da sua mão e enquanto ele berrava —

Mas pai! Você não cortou as unhas?

— começou a acariciar, a dar tapinhas no pé gelado como se o pé fosse um filhote de cachorro com frio que precisasse de consolo. Acariciou a canela, a coxa, sentiu os músculos se contraírem sob a pele, se mexerem enquanto ele gritava com a voz entrecortada, uivava que nem um corço.

As pontas dos dedos bateram num metal. A estatueta. Estava no meio das coxas do cadáver. Ele segurou o peito da escultura, parou de gritar e pensou por um instante em algo concreto.

Um martelo.

No silêncio que se fez depois do grito, Tommy ouviu o barulho de algo pegajoso e molhado quando o cadáver levantou a parte de cima do corpo e um membro frio roçou no dorso da mão de Tommy. Ele afastou a mão e apertou a estatueta.

Não é meu pai.

Não. Tommy foi deslizando para trás no chão, afastando-se do cadáver com as fezes lambuzando seu traseiro, e achou por um instante poder *enxergar no escuro* quando a audição se transformou em visão e ele viu o cadáver se levantar na escuridão, um contorno amarelado, uma constelação.

Enquanto ele sapateava indo para trás em direção à parede, bateu o corpo no outro lado e emitiu um breve

— ... óó...

E Tommy viu...

Um elefantinho, um elefantinho desenhado e lá vem (buuuu) o elefante grande e então... levantem as trombas e apitem “A”, depois aparecem

Magnus, Brasse e Eva cantando “Ali! É lá! Lá onde não se... [14]

Não, como é que é...

O cadáver devia ter esbarrado na pilha de caixas de papelão, pois foi uma barulheira de equipamentos de som caindo no chão na hora que Tommy recuou tanto que acabou batendo a nuca na parede e sua cabeça se encheu de ruído branco. Em meio a esse barulho, ouviu o som de pés duros e descalços que se descolavam do chão, andando à procura de algo.

Aqui. É lá. Lá onde não se está. Não. É sim.

Isso mesmo. Ele não estava aqui. Ele não via a si mesmo, não via a criatura que produzia aquele barulho. Então era só um *barulho*. Apenas algo que ele estava *ouvindo* enquanto fitava a tela preta do alto-falante. Algo que não existia.

Aqui. É lá. Lá onde não se está.

Tommy estava quase cantando alto, mas um restinho de bom senso lhe disse que não devia fazer isso. O ruído branco estava acabando, deixou um espaço vazio onde ele começou com dificuldade a fazer uma pilha de pensamentos.

A cara. A cara.

Ele não queria pensar no rosto, *não* queria pensar no...

Era alguma coisa com a cara que apareceu com a luz do isqueiro.

O corpo chegou mais perto. Não eram só os passos se aproximando que Tommy ouvia, agora era também o chiado pelo chão. Não, ele podia sentir a presença do outro como se fosse uma sombra mais escura que a própria escuridão.

Tommy mordeu tanto o lábio inferior que sentiu o gosto de sangue. Fechou os olhos. Viu os próprios olhos desaparecerem da cena como se fossem dois...

Olhos.

A criatura não tem olhos.

Um ventinho frio no rosto dele quando uma mão cortou o ar.

Cega. A criatura é cega.

Ele não tinha certeza, mas a massa acima dos ombros da criatura não tinha olhos.

Quando a mão se levantou novamente, Tommy sentiu a carícia de ar comprimido em seu rosto um centésimo de segundo antes de a mão atingi-lo, e conseguiu desviar a cabeça de modo que a mão apenas alisou seu cabelo. Ele completou o movimento e se jogou no chão de barriga para baixo, pôs-se a rastejar agitando as mãos para a frente, nadando no seco.

O isqueiro, o isqueiro...

Alguma coisa encostou em sua bochecha. Uma ânsia de vômito subiu-lhe do estômago quando entendeu que era a unha do pé da criatura, mas Tommy rolou no chão para não ter que ficar no mesmo lugar quando as mãos vieram lhe procurar.

Aqui. É ali. Ali onde não se está.

Ele bufou e foi quase uma golfada. Tentou evitar, mas não deu. A saliva jorrou da sua boca. E da garganta cansada de tanto berrar vieram soluços de riso ou de choro, enquanto as mãos, dois radares, continuavam varrendo o chão à caça da única vantagem que ele talvez pudesse ter sobre a escuridão que queria levá-lo.

Deus, me ajude. Que a luz da sua face... Deus... me perdoe por aquilo lá na igreja, me perdoe por... tudo. Eu sempre vou ter fé em você, do jeito que você quiser, é só você... me ajudar a achar o isqueiro... por favor, Deus, fique do meu lado.

Alguma coisa aconteceu.

No mesmo instante que Tommy sentiu a mão da criatura tateando às cegas em cima do seu pé, o cômodo se encheu por um milésimo de segundo de uma luz branco-azulada, como fosse um flash de máquina fotográfica, e Tommy viu nesse milésimo de segundo as caixas de papelão caídas no chão, a estrutura irregular das paredes, a passagem para dentro dos depósitos.

E viu o isqueiro.

Apenas a um metro da sua mão direita estava o isqueiro e, quando a escuridão o envolveu de novo, a posição do objeto já estava gravada em sua retina. Tommy soltou o pé das mãos da criatura, estendeu o braço e apanhou o isqueiro, fechou a mão em torno dele e se levantou rapidamente.

Sem refletir se pedia muito, começou a fazer uma nova oração silenciosamente.

Deus, faça com que ele seja cego. Faça com que ele seja cego. Deus. Faça...

Ele acendeu o isqueiro. Um flash, semelhante ao que houvera um pouco antes. Em seguida a chama amarela com o núcleo azul.

A criatura estava parada, mas virou a cabeça na direção da luz. Começou a ir na direção dela. A chama tremulou quando Tommy deu dois passos deslizando ao lado e chegou à porta. O ser parou onde Tommy estivera três segundos atrás.

Se ele pudesse se sentir feliz, então teria ficado. Mas, à luz fraca do isqueiro, aquilo tudo ficou impiedosamente *real*. Não dava mais para fugir inventando que ele não estava aqui, fingindo que isso não estava lhe acontecendo.

Ele estava fechado num cômodo com isolamento acústico junto daquilo de que ele mais tinha medo. Alguma coisa se mexeu em sua barriga, mas ele não tinha mais nada que expelir. Só saiu um punzinho de nada e a criatura virou novamente a cabeça em sua direção.

Tommy forçou tanto a roda da porta com a mão livre que a outra, a que segurava o isqueiro, acabou tremendo e a luz se apagou. A roda não se mexeu, mas Tommy conseguiu ver de soslaio que a criatura vinha em sua direção e saiu de perto da porta, jogando-se para a parede onde estava acororado antes.

Ele choramingava, soluçava.

Deus, dê um fim nisso tudo. Dê um fim nisso tudo.

De novo o elefante grande que levantava o chapéu e dizia com sua voz anasalada:

*Agora acabouuuu! Toque a trombeta, tromba, boouuu! Agora acabou!
Estou ficando maluco, eu... é...*

Ele sacudiu com força a cabeça e acendeu o isqueiro de novo. Ali no chão, à sua frente, estava a estatueta. Ele se abaixou, apanhou o troféu e deu uns passos saltitantes de lado. Continuou indo para a parede do outro lado. Ficou vendo a criatura tateando às cegas no lugar que ele acabara de deixar.

Cabra-cega.

O isqueiro em uma das mãos, a estatueta na outra. Tommy abriu a boca, mas emitiu apenas um sussurro silvante:

— Pode vir...

A criatura prestou atenção, virou-se e foi em sua direção.

Tommy levantou o troféu de Staffan como se fosse um martelo e, quando a criatura estava a meio metro dele, bramiu o martelo no rosto do ser.

Igual a uma cobrança de pênalti perfeita, quando se sente no instante em que o pé bate na bola que o chute... que o chute foi certo, do mesmo modo sentiu Tommy quando na metade do caminho ele...

Isso!

... e, quando o canto pontudo da pedra bateu na têmpora da criatura com uma força tal que se reproduziu irradiando pelo braço de Tommy, o triunfo já tinha tomado conta dele. Foi só uma confirmação do que ele já sabia quando a cabeça se espatifou emitindo um estalo de gelo se partindo, um líquido frio respingou no rosto de Tommy e a criatura desmoronou.

Tommy ficou no mesmo lugar, ofegante. Olhava para o corpo estirado no chão.

Ele tem ereção.

Isso mesmo. Igual a uma lápide funerária minúscula e meio caída, o pau da criatura apontava do corpo e Tommy continuou ali, olhando, esperando que ele fosse amolecer. Mas não. Tommy quis rir, mas a garganta doía muito.

Seu polegar doía e latejava. Tommy olhou para baixo. O isqueiro estava começando a queimar a pele do polegar que apertava o botão do gás. Instintivamente, soltou o polegar. Mas o dedo não se mexeu. O polegar ficara travado com câibra em cima do botão.

Virou o isqueiro para o outro lado. De qualquer jeito, não queria apagar o isqueiro. Não queria ficar no escuro com aquele...

Um movimento.

E Tommy sentiu que algo essencial, algo de que ele precisava para ser Tommy, o abandonou quando a criatura levantou de novo a cabeça e começou a levantar o corpo.

Um elefante se equilibrava num teiazinha de araaaa-nha!

A teia partiu. O elefante caiu.

E Tommy bateu de novo. Bateu mais uma vez.

Depois de um tempo, começou a achar que aquilo era bem divertido.

Segunda-feira, 9 de novembro

Morgan passou pelo fiscal do metrô, acenou com um bilhete que já tinha expirado seis meses atrás, enquanto Larry parou, cumpridor do seu dever, mostrou o cupom amassado e disse: “Ängbyplan”.

O fiscal levantou os olhos do livro que estava lendo e carimbou os dois bilhetes. Morgan riu quando Larry se juntou a ele e os dois começaram a descer a escada.

— Mas por que diabos você faz isso, hein?

— Isso o quê? Mandar carimbar?

— É. Eles vão te pegar de qualquer jeito.

— Não é isso.

— Então o que é?

— Eu não sou que nem você, o.k.?

— Sai dessa... o fiscal estava ali sentado lendo... você podia ter acenado com a foto do rei que ele não ia reagir.

— O.k., tudo bem. Não precisa falar tão alto.

— Você acha que ele vai vir atrás da gente, hein?

Antes de abrirem as portas para a plataforma, Morgan fez um funil com as mãos em volta da boca e exclamou para o hall da estação lá em cima: Atenção! Atenção! Caloteiro à vista!

Larry saiu de mansinho e deu alguns passos, indo para a plataforma. Quando Morgan alcançou o colega, ele disse: — Você é muito infantil, sabia?

— Claro. Pode ir contando. O que foi mesmo que aconteceu?

Larry já tinha telefonado para Morgan de madrugada e fornecido um relato resumido do que Gösta lhe contara dez minutos antes por telefone. Eles tinham combinado que se encontrariam no metrô de manhã bem cedo para ir ao hospital.

Agora ele contava tudo mais uma vez. Virginia, Lacke, Gösta. Os gatos. Lacke acompanhando na ambulância. Enfeitou um pouco a história com detalhes que ele mesmo inserira e, antes de acabar, o metrô para o centro da cidade já tinha chegado. Eles entraram, conseguiram um lugar isolado e Larry terminou a história com:

— ... e então levaram os dois na ambulância com a sirene apitando.

Morgan balançou a cabeça, mordendo a unha do polegar, olhava lá fora da janela enquanto o trem foi deslizando do túnel e parou na praça Island.

— E por que isso aconteceu?

— Isso com os gatos? Sei lá. Devem ter ficado malucos.

— Todos eles? De uma vez só?

— É. Você tem um palpite melhor?

— Não. Gatos de uma figa. Lacke deve estar arrasado agora.

— Ahã. Ele já não estava muito bem. Tampouco da última vez.

— É. — Morgan fez um muxoxo. — Dá muita pena de Lacke, de verdade. A gente devia... bem, sei lá. Fazer alguma coisa.

— E de Virginia?

— O.k., tudo bem. Mas ficar machucado. Doente. A pessoa tem que se conformar, certo? A gente está de cama e pronto. O mais difícil é ficar ao lado da pessoa e... é... sei lá, mas ele estava bem... naquela última vez, quando ele... o que foi que ele ficou resmungando mesmo? Sobre lobisomens?

— Vampiros.

— É. Isso já é um sinal de que ele não está muito bem, certo?

O metrô parou em Ängbyplan. Quando as portas se fecharam, Morgan disse: — É isso aí. Agora estamos no mesmo barco.

— Acho que eles não são tão duros se a gente *já* deixou carimbar duas vezes.

— É o que você *acha*. Mas você não sabe.

— Você viu os números? Do Partido Comunista?

— Vi sim. A coisa vai se ajeitar até as eleições. Um monte de sociais-democratas enrustidos, é só eles segurarem a cédula que votam de acordo com o coração.

— É o que você acha.

— Não. Eu sei. No dia que os comunistas saírem do parlamento vou passar a acreditar em vampiro. Mas uma coisa é certa: os moderados sempre vão existir. Bohman e a turma dele, você sabe. Esses são sanguessugas de verdade...

Morgan disparou com um dos seus monólogos. Larry parou de escutar na altura de Åkeshov. Do lado de fora da estufa, havia um policial sozinho olhando para o metrô. Larry sentiu uma pontada de preocupação quando pensou no cupom sem carimbo suficiente, mas afugentou o pensamento quando lembrou *por que* o policial estava ali.

Mas o policial parecia só entediado. Larry relaxou, e algumas palavras da ladainha de Morgan martelavam em sua consciência enquanto o metrô continuou ribombando para o Sabbatsberg.

Quinze para as oito, e nenhuma enfermeira ainda.

A listra cor de poeira no teto tinha ficado cinza-clara e as persianas deixavam entrar luz suficiente para Virginia se sentir como se estivesse num solário. O corpo esquentava, latejava, mas era só isso. Ficaria nisso.

Lacke estava chiando na cama ao lado, a boca se mexia mastigando no sono. Ela estava pronta. Se pudesse apertar um botão para fazer uma enfermeira entrar, teria apertado. Mas suas mãos estavam presas e ela não podia.

Então ficou esperando. O calor na pele era incômodo, mas não insuportável. O pior era o esforço constante para se manter acordada. Era só ter um segundo de distração que a respiração parava, os cômodos na cabeça começavam a se apagar a uma velocidade assustadora e ela tinha de arregalar os olhos e sacudir a cabeça para acendê-los de novo.

Por outro lado, esse estado de alerta constante era uma bênção; impedia Virginia de pensar. Toda energia mental era usada para mantê-la acordada. Não havia espaço para dúvida, arrependimento, alternativas.

Às oito em ponto veio a enfermeira.

Quando ela abriu a boca para dizer “Bom dia!” ou aquilo que as enfermeiras costumam dizer de manhã, Virginia fez: — Shhhh!

A boca da enfermeira fechou com um clique surpreso e ela franziu as sobrancelhas quando foi na penumbra para a cama de Virginia, debruçou-se sobre ela e disse: — Certo... e como é...

— Shhh! — Virginia chiou. — Desculpe, mas é que eu não quero acordá-lo. — Ela fez um movimento com a cabeça na direção de Lacke.

A enfermeira assentiu e disse mais baixo: — Está bem. Mas eu preciso verificar sua temperatura e coletar uma amostra de sangue.

— O.k., tudo bem. Mas será que você poderia... tirá-lo daqui primeiro?

— Tirar... você quer que eu o acorde?

— Não. Mas se você pudesse... tirá-lo daqui enquanto ele está dormindo.

A enfermeira olhou para Lacke como se fosse para decidir se isso que Virginia estava pedindo era por acaso fisicamente possível, sorriu em

seguida, sacudiu a cabeça e disse: — Está bem. Vou tirar a temperatura pela boca, então você não vai precisar se sentir...

— Não é isso. Será que não daria... para você fazer isso que estou pedindo?

A enfermeira consultou rapidamente o relógio.

— Você me desculpe, mas é que eu tenho outros pacientes que...

Virginia silvou, o mais alto que pôde:

— Por favor!

A enfermeira deu meio passo atrás. Pelo visto, ela estava bem informada sobre o que acontecera com Virginia de noite. Seus olhos passearam pelas tiras que amarravam os braços de Virginia. Pareceu se acalmar com o que tinha visto e se aproximou da cama de novo. Agora ela falou com Virginia como se falasse com alguém que tinha o juízo comprometido:

— É que... para eu... para poder ajudar você a ficar boa de novo, precisamos de um pouco...

Virginia cerrou os olhos, suspirou, desistiu. Enquanto isso, chutou o lençol e ficou deitada com o corpo exposto. Prendeu a respiração. Fechou os olhos.

Tinha acabado. Agora ela *queria* ser desligada. As mesmas funções contra as quais lutara a manhã inteira, Virginia tentou liberá-las agora conscientemente. Não dava. Em vez disso, veio aquilo que as pessoas costumam contar; a vida passava por ela como se fosse um filme rebobinando em alta velocidade:

O passarinho que eu tinha numa caixa de papelão... o cheiro de lençol recém-engomado na lavanderia... a mãe que se inclina sobre os farelos de pão de canela... o pai... a fumaça do cachimbo dele... Per... a casa no campo... Lena e eu, o cogumelo chanterelle grande que a gente achou naquele verão... Ted com purê de mirtilo na bochecha... Lacke, as costas dele... Lacke...

Um chiado metálico na hora que as persianas foram levantadas e ela foi sugada num mar de fogo.

Como de costume, Oskar foi acordado pela mãe por volta das sete e dez. Como de costume, ele se levantou e tomou café da manhã. Vestiu-se e deu um abraço na mãe, despedindo-se dela por volta das sete e meia, como de costume.

Ele se sentia como de costume.

Cheio de aflição e de maus pressentimentos, claro. Mas isso também não era algo fora do comum para ele no primeiro dia de escola depois de um final de semana.

Oskar enfiou o livro de geografia, o atlas e a folha mimeografada que não fizera na mochila, e ficou pronto às 7h35. Só precisava ir daqui a quinze minutos. E se ele fizesse aquele exercício agora? Não. Não aguentava.

Sentou-se à escrivaninha e ficou olhando para a parede.

Será que isso significava que ele não estava contaminado? Ou havia um tempo de incubação? Não. Com aquele coroa... só levava umas horas para ele.

Eu não estou contaminado.

Ele devia ficar feliz, aliviado. Mas não estava. O telefone tocou.

Eli! Aconteceu alguma coisa com...

Levantou-se de supetão da mesa, foi para o corredor e arrancou o telefone do gancho.

— AquiquemfalaéOskar!

— Oi... Então é você...

O pai. Era só o pai.

— Oi.

— Bem, então você... está em casa.

— Estou de saída para a escola.

— Claro, então não vou... sua mãe está em casa?

— Não, ela já foi para o trabalho.

— É, eu já imaginava.

Oskar entendeu. Foi *por isso* que ele ligou nesse horário estranho; porque ele sabia que a mãe não estava em casa. O pai deu uma tossidinha.

— Bem, eu estava pensando... sobre aquilo que aconteceu no sábado. As coisas deram um pouco... errado.

— É.

— É. Você contou para sua mãe... o que aconteceu?

— O que *you* acha?

O pai ficou mudo no outro lado da linha. O chiado estático de cem quilômetros de fiação de telefone. As gralhas sentadas nela, tremendo de frio, enquanto a conversa dos seres humanos passava rapidamente sob seus pés. O pai deu uma tossidinha de novo.

— Aliás, eu fui perguntar sobre aquilo dos patins de gelo e sinal verde. Você pode ficar com eles.

— Preciso ir agora.

— É claro. Então tenha... um bom dia na escola.

— O.k. Tchau.

Oskar pôs o fone no gancho, apanhou a mochila e saiu a caminho da escola.

Ele não sentia nada.

Faltavam cinco minutos para a aula começar e alguns alunos permaneciam no corredor, fora da sala de aula. Oskar hesitou por um instante, depois jogou sua mochila no ombro e caminhou em direção à porta. Todos os olhares se voltaram para ele.

Corredor polônes. Surra de bando.

Sim, ele temia o pior. Naturalmente todos sabiam o que tinha acontecido com Jonny na quinta e, embora Oskar não tivesse encontrado o rosto de Jonny no meio dos que estavam ali reunidos, sabia que foi a versão de Micke que eles tinham ouvido na sexta-feira. Micke estava ali, com aquele sorriso idiota de sempre.

Em vez de arrastar o passo e ficar pronto para fugir, ele *estendeu* o passo e foi rapidamente ao encontro da turma. Estava vazio por dentro. Não ligava mais para o que ocorrera. Não tinha importância.

E claro: o milagre aconteceu. O mar se abriu.

O grupo do lado de fora da sala se dissolveu e abriu uma passagem para Oskar que ia até a porta. Na verdade, ele não tinha esperado outra coisa. Se isso se devia a uma força que ele irradiava ou a ele ser um pária fedorento que eles deviam evitar, Oskar não estava nem aí.

Ele era outra pessoa agora. Eles sentiram isso, e se afastaram.

Oskar entrou na sala sem olhar para os lados e sentou-se em sua carteira. Ouviu o burburinho que vinha do corredor e depois de alguns minutos os outros entraram. Johan levantou o polegar ao passar pela carteira de Oskar. Oskar deu de ombros.

Em seguida veio a professora e, cinco minutos depois de a aula ter começado, veio Jonny. Oskar pensara que ele teria algum tipo de curativo tapando a orelha, mas não havia nada. No entanto, a orelha estava vermelho-escura, inchada, e parecia não fazer parte do corpo.

Jonny sentou-se no lugar dele. Não olhou para Oskar nem para ninguém.

Ele está com vergonha.

É, era isso. Oskar virou a cabeça para olhar Jonny, que apanhou um álbum de fotografias da mochila e o enfiou dentro da carteira. E viu que as bochechas de Jonny tinham ficado bem vermelhas, combinando com a orelha. Oskar pensou em mostrar-lhe a língua, mas não mostrou.

Seria criancice demais.

Tommy só entrava na escola às nove nas segundas-feiras, então às oito horas Staffan se levantou e bebeu rapidamente uma xícara de café antes de descer para levar um papo sério com o garoto.

Yvonne já tinha ido para o trabalho; quanto a Staffan, teria que se apresentar às nove em Judarn para prosseguir em ritmo lento com a busca no bosque, que ele imaginava que não ia dar em nada.

Bem, até que era agradável trabalhar ao ar livre, e parecia que ia fazer tempo bom hoje. Ele lavou a xícara de café debaixo da torneira, refletiu um instante, depois foi vestir o uniforme. Tinha pensado em descer para falar com Tommy trajando roupa do dia a dia, conversar com ele como uma pessoa comum. Mas, em princípio, aquilo era um assunto de caráter policial, vandalismo e, além do mais, o uniforme era uma capa de autoridade que ele não achava que fizesse falta em seu dia a dia, mas... sim.

Além disso, era prático já estar vestido, já que ele iria para o trabalho depois. Então Staffan vestiu a farda e o casaco, verificou no espelho a impressão que fazia e ficou satisfeito. Depois apanhou a chave do porão que Yvonne deixara em cima da mesa da cozinha, saiu, fechou a porta, olhou de relance para a fechadura (cacoete de profissão), desceu pela escada e abriu a porta do porão.

E por falar em cacoete de profissão...

Aqui *havia* alguma coisa de errado com a fechadura. Nenhuma resistência quando ele girou a chave, era só abrir a porta. Ele se agachou e examinou a estrutura da fechadura.

Isso. Bolinhas de papel.

Um truque clássico entre ladrões que arrombam casas; usar de alguma desculpa para visitar o local que se quer invadir mais tarde, manipular a fechadura e depois esperar que o proprietário não perceba nada quando o ladrão deixa o local.

Staffan abriu a sovela da navalha e cutucou para tirar o papel.

Tommy, é claro.

Não passou pela cabeça de Staffan se perguntar o *porquê* de Tommy bloquear a fechadura de uma porta cuja chave ele mesmo tinha. Tommy era um ladrão que frequentava aquele lugar e esse era um truque usado por ladrões. Ou seja: só podia ser Tommy.

Yvonne explicara a ele onde o depósito de Tommy ficava e, enquanto Staffan ia naquela direção, elaborava na cabeça o discurso que ia fazer. Ele

tinha pensado usar de um tom amigável, ir com calma, mas isso agora com a fechadura o deixou com raiva de novo.

Ele ia explicar para Tommy — explicar, não ameaçar — sobre a casa de detenção de menores, as autoridades do serviço social, a idade passível de pena e assim por diante. Assim ele entenderia por que caminho estava enveredando.

A porta do depósito do porão estava aberta. Staffan olhou lá dentro. Certo. *A raposa tinha saído da toca*. Depois viu as manchas. Ele se agachou e passou o dedo numa delas.

Sangue.

O cobertor de Tommy estava em cima do sofá, e tinha até umas manchas de sangue. E o chão estava — foi só agora que ele viu, já que o olhar estava antenado nisso — coberto de sangue.

Horrorizado, foi saindo de costas do depósito.

Diante dele, havia agora... a cena de um crime. Em vez do discurso que ele ia fazer, o manual de tratamento de cenas de crime começou a ser folheado em sua cabeça. Sabia o livro de cor e salteado, mas, enquanto fazia um xis nos parágrafos...

Coletar material que seja o tipo de material que pode desaparecer... anotar a hora... evitar contaminar lugares onde possam existir vestígios de fibras.

... ele ouviu um murmúrio fraco às suas costas. Um murmúrio intercalado por batidas abafadas.

Um cabo estava atravessado nas rodas que trancavam a porta do abrigo antiaéreo. Foi para junto da porta e ficou ouvindo. Sim. O murmúrio, as batidas vinham de lá de dentro. Quase pareciam... uma missa. Uma ladainha cujas palavras ele não conseguia entender.

Adoradores do diabo...

Pensamento bobo, mas, ao olhar para o bastão atravessado na porta, ficou com medo de verdade, por causa do que viu na ponta dele. Fiapos vermelho-escuros e encaroçados que se espalhavam por uns dez

centímetros até a ponta do próprio bastão. Era desse jeito, assim mesmo que ficava a lâmina de faca quando era usada em atos de violência e quando já secara um pouco.

O murmúrio do outro lado da porta continuava.

Pedir reforço?

Não. Talvez estivesse ocorrendo um ato criminoso que seria *finalizado* lá dentro enquanto ele ia correndo telefonar. Tinha que enfrentar sozinho.

Ele desabotoou o coldre do revólver para ter a pistola facilmente à mão e sacou o cassetete. Com a outra mão, puxou um lenço do bolso, ajeitou-o cuidadosamente em cima da ponta do bastão e começou a tirá-lo da roda da porta enquanto prestava atenção se o roçar na porta causava alguma mudança na atividade lá dentro do cômodo.

Não. A ladainha e os baques continuavam.

O bastão tinha saído. Ele deixou o cabo encostado na parede para não estragar os vestígios de mão ou de impressões digitais.

Ele sabia que um lenço não garantia que as impressões digitais fossem conservadas, então, em vez de segurar as rodas da porta, pôs dois dedos num dos raios e girou.

A tranca deslizou. Staffan passou a língua nos lábios. Sua garganta estava seca. A outra roda girou até parar e a porta abriu um centímetro.

Agora ele ouvia as palavras. Era uma música. A voz, um sussurro entrecortado que apitava:

Duzentos e setenta e quatro elefantes se equilibrando

Numa teiazinha de araaaa-

(Pow.)

-nha!

Eles acharam tão interessante

Que buscaram outro elefante!

Duzentos e setenta e quatro elefantes se equilibrando

Numa teiazinha de araaaa-

(Pow.)

-nha!

Eles acharam tão interessante...

Staffan deixou o cassetete perpendicular ao corpo e empurrou a porta com ele.

Ele viu.

A massa por trás da qual Tommy estava de joelhos seria dificilmente reconhecida como o corpo de um ser humano se não fosse pelo braço que apontava dele, com a metade pendendo do corpo. O peito, a barriga, o rosto eram apenas um monte de carne, vísceras e ossos estraçalhados.

Com ambas as mãos, Tommy segurava uma pedra quadrada que usava, num certo trecho da música, para golpear os restos da carnificina, que não ofereciam resistência a não ser pelo fato de a pedra atravessá-los e bater no chão fazendo barulho antes de ser levantada de novo e mais um elefante subir na teia.

Staffan não tinha certeza de que *era* Tommy. A pessoa que segurava a pedra estava tão coberta de sangue e de pedaços de carne que era difícil... O estômago de Staffan revirou. Ele engoliu um arrote azedo que ameaçava crescer, olhou para baixo para não precisar ver e os olhos pararam num soldado de chumbo caído na soleira da porta. Não. Era um atirador. Ele reconheceu o objeto. A figura estava caída de um jeito que deixava o revólver apontando para o teto.

Onde está a base?

Depois ele entendeu.

A cabeça deu voltas e, esquecendo tudo aquilo sobre impressões digitais e preservação de evidências, apoiou a mão no batente da porta para não cair enquanto a música continuava repetitiva:

Duzentos e setenta e sete elefantes se equilibravam

Numa teiazinha...

Ele não devia estar nada bem, pois começou a ter alucinações. Achou que via... isso... que via nitidamente os restos do ser humano no chão... se mexer no intervalo entre cada pancada.

Tentou se levantar.

Morgan era um fumante compulsivo; quando apagou o cigarro no canteiro do lado de fora do hospital, Larry só tinha fumado a metade do cigarro dele. Morgan enfiou as mãos nos bolsos, andou para lá e para cá no estacionamento, e praguejou quando uma poça de água suja entrou pelo buraco da sola do sapato, molhando sua meia.

— Larry, você tem alguma grana?

— Você sabe que eu vivo da minha aposentadoria por invalidez e...

— Tudo bem, eu sei. Mas você tem alguma grana?

— Por quê? Eu não empresto se...

— Não é isso. Só estava pensando em Lacke. Se a gente o convidasse para um daqueles... você sabe.

Larry tossiu e lançou um olhar acusador para o cigarro.

— E daí... para ele se sentir melhor?

— É.

— Não... sei não.

— Como assim? Porque você acha que ele não vai se sentir melhor com isso, porque você não tem grana ou porque você é um mão de vaca que não quer gastar?

Larry fez um muxoxo, deu mais uma tragada tossindo ao mesmo tempo, fez uma careta e apagou o cigarro, pisando nele. Apanhou depois a guimba e a enfiou num vaso de plantas cheio de areia. Olhou para o relógio. — Morgan... são oito e meia da manhã.

— O.k., tudo bem. Mas daqui a algumas horas. Quando abrir.

— Não sei. A gente vê isso depois.

— Então você *tem* grana?

— Vamos entrar, vamos?

Eles atravessaram a porta giratória. Morgan passou a mão nos cabelos e foi até a mulher na recepção para se informar onde Virginia estava, enquanto Larry ficou estudando alguns peixes do aquário que davam voltas sonolentos num cilindro grande e borbulhante.

Depois de um minuto veio Morgan, alisou o colete de couro como se estivesse tirando alguma coisa grudada nele, e disse: — Mocreia. Não quis dizer.

— Mas ela deve estar na uti.

— Dá para entrar lá?

— Às vezes.

— Você parece ter experiência nisso.

— Tenho.

Eles se dirigiram para a uti, Larry sabia o caminho.

Muitos “conhecidos” de Larry estavam ou estiveram internados no hospital. No momento eram apenas dois no Sabb, sem contar com Virginia. Morgan suspeitava que as pessoas que Larry só encontrara poucas vezes se tornaram colegas ou, na verdade, amigos no instante que elas foram parar no hospital. Então ele se interessava mesmo pela pessoa, fazia visitas.

Por que ele fazia isso, bem, isso Morgan estava prestes a perguntar quando eles chegaram à porta vaivém da uti, empurraram-na e avistaram Lacke no corredor. Sentado numa cadeira, apenas de cuecas. Suas mãos seguravam os braços da cadeira enquanto ele olhava fixamente para um quarto à sua frente, onde se via uma agitação de gente entrando e saindo.

Morgan inspirou. — Pô, será que eles cremaram alguém aqui? — Deu uma risada. — Malditos moderados. Contenção de despesas, sabe. Deixe os hospitais cuidarem dos...

Ele parou de falar quando chegaram perto de Lacke. O rosto dele estava cinza, os olhos, vermelhos, não enxergavam nada. Morgan imaginou o que acontecera, deixou Larry tomar a frente. Ele mesmo não era bom nessas coisas.

Larry foi para junto de Lacke e pôs a mão em seu braço.

— Oi, Lacke. Como vão as coisas?

Confusão no quarto ao lado. As janelas que podiam ser vistas da porta estavam escancaradas, mas mesmo assim um cheiro acre de cinzas chegava ao corredor. Uma névoa pairava no quarto, dentro dela havia gente falando alto, gesticulando. Morgan conseguiu pescar as palavras “responsabilidade do hospital” e “nós temos que tentar...”.

Não ouviu o que eles tinham que tentar, pois Lacke se virou para eles, olhou para os dois como se fossem estranhos e disse em seguida: — ... devia ter percebido...

Larry se inclinou para ele.

— Devia ter percebido o quê?

— Que isso ia acontecer.

— O que aconteceu?

Os olhos de Lacke clarearam e ele olhou na direção do quarto enevoado e de aparência irreal e disse simplesmente: — Ela pegou fogo.

— Virginia?

— É. Ela pegou fogo.

Morgan deu uns passos na direção do quarto e olhou lá dentro. Um senhor com um jeito autoritário foi até ele.

— Com licença, mas isso aqui não é nenhum show de circo.

— Não, claro. Eu só...

Morgan estava a ponto de dizer algo inventivo sobre estar procurando a jiboia dele, mas deixou para lá. Tinha conseguido ver, em todo caso. Duas camas. Uma com o lençol amarrotado e um cobertor que foi jogado para o lado, como se alguém tivesse se levantado rapidamente.

A outra tinha um cobertor grosso e cinza-escuro em cima dela que ia da cabeceira ao pé da cama. A madeira da cabeceira estava preta de fuligem. Debaixo do cobertor viam-se os contornos de uma pessoa incrivelmente magra. A cabeça, o tórax e a região pélvica eram as únicas coisas que

davam para distinguir. O resto podia muito bem ser dobras, rugas do cobertor.

Morgan esfregou com tanta força os olhos que o globo ocular parecia ter sido espremido alguns centímetros para dentro da cabeça. *É verdade. É verdade mesmo.*

Ele olhou ao redor no corredor, procurando alguém para descarregar seu atordoamento. Avistou um homem idoso apoiado num andador com um suporte de soro ao lado tentando olhar dentro do quarto. Morgan deu um passo na direção dele.

— O que você está olhando, velho idiota? Quer que eu arranque seu andador, quer?

O homem começou a andar para trás, dez centímetros de cada vez. Morgan cerrou os punhos, teve de se segurar. Lembrou-se depois de alguma coisa que tinha visto dentro do quarto, virou-se de supetão e voltou.

O homem que se dirigira a ele antes saía nesse instante do quarto.

— *Com licença*, mas...

— Tudo bem, já sei... — Morgan tirou o homem da frente. — Só vou apanhar as roupas do meu amigo, se me deixarem. Ou você acha que ele pode ficar pelado o dia inteiro ali fora, hein?

O homem cruzou os braços no peito e deixou Morgan passar.

Ele juntou as roupas de Lacke da cadeira ao lado da cama que estava por fazer e olhou de relance para a outra cama. Viu a mão carbonizada com os dedos arreganhados apontando debaixo do cobertor. A mão estava irreconhecível, mas o anel no dedo não. Um anel dourado com uma pedra azul, o anel de Virginia. Antes de Morgan se virar para o outro lado, teve tempo de observar uma tira presa no pulso dela.

O homem ainda estava na porta de braços cruzados.

— Satisfeito?

— Não. Por que ela está amarrada?

O homem sacudiu a cabeça.

— Você pode dizer ao seu colega que a polícia vai chegar daqui a pouco e provavelmente vão querer falar com ele.

— Mas por quê?

— Isso eu não sei. Não sou policial.

— Não, é claro. Mas bem que parece.

Lá fora no corredor eles ajudaram Morgan a se vestir e, na hora que tinham acabado, chegaram dois comissários de polícia. Lacke estava incomunicável, mas a enfermeira que levantara as persianas teve presença de espírito suficiente para testemunhar que ele não tivera nada a ver com aquilo. Que ainda estava dormindo quando tudo... começou.

Ela era consolada pelos colegas. Larry e Morgan guiavam Lacke para a saída do hospital.

Quando os três saíram da porta giratória, Morgan aspirou profundamente o ar frio e disse: — Agora preciso chamar o Hugo. — Inclinou-se sobre o canteiro e vomitou os restos do jantar do dia anterior misturado com uma gosma verde nos arbustos sem folhas.

Depois de acabar, passou a mão na boca e secou-se nas calças. Em seguida, mostrou a mão como se fosse uma espécie de evidência e disse para Larry:

— Agora você vai ter que soltar um pouco da grana.

Eles foram para Blackeberg e Morgan recebeu cento e cinquenta coroas para gastar com a compra enquanto Larry levava Lacke para a casa dele.

Lacke deixou-se guiar. Não deu nem sequer um pio durante a viagem de metrô.

Dentro do elevador que subia para o apartamento de Larry no sétimo andar, ele desatou a chorar. Não foi um choro brando, chorou como uma criança mas pior, mais que isso. Quando Larry abriu a porta do elevador e levou Lacke para a escada, o urro ficou mais grave, ressoava nas paredes de cimento. O grito de tristeza genuína e infinita encheu todos os lances da escada, entrou pelas caixas de correio, pelas fechaduras, transformou o

prédio num monumento sepulcral levantado ao amor e à esperança. Larry teve um arrepio, nunca ouvira algo parecido antes. Não se chora desse jeito. Não se deve chorar desse jeito. A gente morre se chora desse jeito.

Os vizinhos. Eles vão achar que eu estou matando o cara.

Larry mexia atrapalhado no molho de chaves enquanto todo o sofrimento humano, mil anos de impotência e decepções que no momento tinham encontrado um canal no corpo frágil de Lacke, continuava a jorrar do outro.

A chave entrou na fechadura e, com uma força que ele não achava que possuía, Larry quase *carregou* Lacke para dentro do apartamento e fechou a porta. Lacke não parava de gritar, parecia que o ar nunca acabaria. O suor brotava no couro cabeludo de Larry.

Mas que diabos eu vou... o que eu vou...

Em pânico, fez uma coisa que tinha visto em filmes. Com a palma da mão aberta, deu um tapa no rosto de Lacke, ficou aterrorizado com o estalido e arrependeu-se no mesmo instante. Mas funcionou.

Lacke parou de repente, olhou para Larry com um olhar de louco e este achou que receberia uma porrada de volta. Depois, alguma coisa amoleceu lá dentro dos olhos de Lacke, ele abriu e fechou a boca como se estivesse puxando ar e disse: — Larry, eu...

Larry passou os braços em volta dele. Lacke recostou o rosto no ombro do amigo e chorou tanto que seu corpo inteiro sacudia. Depois de um tempo, as pernas de Larry não aguentavam mais. Tentou se soltar do abraço para sentar-se na cadeira do corredor, mas Lacke não o largou e foi junto. Larry acabou sentando na cadeira e as pernas de Lacke ficaram embaixo dele, a cabeça acabou parando no colo de Larry.

Larry alisou o cabelo do outro, não sabia o que fazer. Sussurrou apenas:
— Calma... assim...

As pernas de Larry tinham começado a ficar dormentes quando ocorreu uma mudança. O choro se acalmara, dando lugar a um gemido baixinho,

quando sentiu na coxa o maxilar de Lacke se contrair. Lacke levantou a cabeça, limpou o catarro com a manga da camisa e disse:

— Vou matar aquela coisa.

— Que coisa?

Lacke baixou os olhos, furou com os olhos o peito de Larry e balançou a cabeça.

— Vou matar aquela coisa. Aquilo vai morrer.

No intervalo mais longo, às nove e meia, Staffe e Johan foram falar com Oskar e disseram “fez muito bem” e “é isso aí”. Staffe ofereceu-lhe umas balas e Johan perguntou se Oskar queria ir junto com eles arranjar cascos de garrafa um dia desses.

Ninguém empurrou Oskar ou tapou o nariz quando ele passou. Até mesmo Micke Siskov lhe sorriu, balançando a cabeça em sinal de aprovação como se Oskar tivesse contado uma história engraçada quando os dois se cruzaram no corredor do lado de fora do refeitório.

Como se todo mundo tivesse esperado que Oskar fizesse exatamente o que fez e, agora que a coisa estava feita, ele era um deles.

O problema era que ele não se sentia orgulhoso por ter feito aquilo. *Constatou* o fato, mas não o afetava. Era bom não levar pancada, é claro. Mas, se alguém tivesse tentado lhe bater, ele teria revidado. Não pertencia mais àquele lugar.

Durante a aula de matemática, levantou os olhos do livro e olhou para a turma que acompanhava havia seis anos. Uns estavam de cabeça baixa concentrados nos exercícios, outros mastigavam a ponta do lápis, mandavam bilhetinhos, davam risinhos. E ele pensou: *não passam de... crianças*.

Ele mesmo era uma criança, mas...

Oskar desenhou uma cruz no livro e depois a transformou numa força com uma corda.

Eu sou uma criança, mas...

Desenhou um trem. Um carro. Um barco.

Uma casa. Com a porta aberta.

A inquietação aumentou. No final da aula de matemática, já não conseguia mais ficar parado na cadeira; batia os pés, seus dedos tamborilavam na carteira. A professora pediu, depois de virar espantada a cabeça, que ele ficasse quieto. Oskar tentou, mas não demorou muito e a aflição apareceu de novo, puxou os fios da marionete e as pernas começaram a se mexer sozinhas.

Quando chegou a hora da última aula, de ginástica, ele não aguentou mais. No corredor, pediu a Johan: — Diga para o Ávila que eu estou doente, o.k.?

— Vai se mandar?

— Não trouxe a roupa de ginástica.

Era verdade; tinha esquecido as roupas de ginástica, mas não era por isso que ia matar a aula. A caminho do metrô, viu a turma posicionada em fila reta. Tomas exclamou “buuu!” para ele.

Provavelmente ia dedurar. Não tinha importância. Nenhuma.

As pombas levantaram voo em bandos cinza quando ele atravessou apressadamente a praça de Vällingby. Uma mulher com carrinho de criança franziu o nariz para Oskar; um desses que não se importam com os animais. Mas o menino estava com pressa e tudo que estava entre ele e seu objetivo eram meros apetrechos, estavam no meio do caminho.

Parou em frente à loja de brinquedos e olhou na vitrine. Smurfs dispostos numa paisagem de sonhos. Estava velho para isso. Numa caixa em casa, ele tinha uns bonecos Falcon, com os quais brincava quando era pequeno.

Um ano atrás.

O tilintar eletrônico de um sininho quando ele empurrou a porta da loja de brinquedos. Atravessou o corredor estreito, as prateleiras cheias de bonequinhos de guerreiros e caixas de brinquedos de montar. Perto do caixa

estavam as embalagens com moldes de soldadinhos de chumbo. A gente tinha de pedir o chumbo no caixa.

O que ele queria estava em cima do próprio caixa.

Isso, *as cópias* estavam empilhadas debaixo das bonecas de plástico, mas com o original, com a assinatura de Rubik na embalagem, eles tinham mais cuidado. Custava *noventa e nove* coroas a unidade.

Um homem baixo e gordinho estava no balcão exibindo um sorriso no rosto que Oskar teria chamado de “bajulador”, se conhecesse a palavra.

— Olá... está procurando algo... específico?

Oskar sabia que os cubos estariam em cima do balcão, tinha o plano bem delineado em mente.

— Estou. Queria saber onde estão... as tintas. Para pintar soldadinhos.

— Pois não.

O homem fez um gesto para as fileiras de latinhas minúsculas que estavam atrás dele. Oskar se inclinou para a frente e pôs os dedos de uma mão em cima do balcão, bem na frente dos cubos, enquanto segurava com o polegar a mochila, aberta ali embaixo. Oskar fingiu estar escolhendo uma tinta.

— Dourada. Tem?

— Dourada, claro que temos.

Quando o homem se virou, Oskar apanhou um dos cubos e jogou o brinquedo dentro da mochila, foi o tempo contado para pôr a mão de volta na mesma posição que estava antes quando o homem veio com duas latinhas de tinta e as depositou em cima do balcão. O coração de Oskar bateu forte e esquentou-lhe as bochechas, as orelhas.

— Opaco ou metálico?

O homem levantou os olhos para Oskar, que sentiu que o rosto inteiro virava um pisca-pisca com os dizeres “Aqui está um ladrão”. Para não dar bandeira com a vermelhidão do rosto, debruçou-se sobre as latinhas e disse:

— Metálica... parece bonita.

Ele tinha vinte coroas. A tinta custava dezenove. Pôs a latinha num saquinho que enfiou no bolso do casaco para não ter que abrir a mochila.

Do lado de fora da loja veio como sempre aquela excitação, porém maior que de costume. Saiu trotando da loja como se fosse um escravo em liberdade, livrado havia pouco dos seus grilhões. Não pôde deixar de correr para o estacionamento e, protegido por dois carros, abrir com cuidado a embalagem e tirar o cubo dela.

Era bem mais pesado do que a cópia que ele tinha. As seções deslizavam que nem rolamento de esferas. Será que *tinha* rolamento de esferas? Não, ele não ia desmontar o cubo para ver e correr o risco de estragá-lo.

A caixa era uma coisa feia de plástico transparente agora que o cubo não estava dentro dela e, ao sair do estacionamento, ele a jogou no lixo. O cubo sozinho era mais bonito. Enfiou o brinquedo no bolso do casaco para poder alisá-lo, sentir seu peso de lá para cá na mão. Era um bom presente, um presente fino... de despedida.

Dentro do hall de entrada do metrô, ele parou.

Se Eli achar... que eu...

É. Que ele, porque dava um presente a Eli, aceitava que Eli fosse embora. Dar um presente de despedida, tudo bem. Tchau, tchau. Mas não era assim. Ele não queria *de jeito nenhum* que...

Seus olhos passearam pelo hall, ele parou no Pressbyrån. Na banca de jornais. Jornal *Expressen*. A primeira página estava tomada por uma foto grande do coroa que tinha morado com Eli.

Oskar foi até a banca e abriu o jornal. Cinco páginas dedicadas à caçada no bosque de Judarn... o assassino ritual... a história da sua vida e depois: mais uma página onde a foto aparecia. Håkan Bengtsson... Karlstad... paradeiro desconhecido durante oito meses... polícia apela à população... se alguém notou...

A angústia cravou seus espinhos no peito de Oskar.

Se mais alguém viu o coroa, alguém que sabe onde ele morava...

A mulher da banca pôs a cabeça para fora do guichê.

— Vai comprar o jornal?

Oskar sacudiu a cabeça e jogou o jornal de volta na banca. Depois saiu correndo. Foi só na plataforma que lembrou que não tinha mostrado o bilhete para o fiscal lá em cima. Os pés sapateavam, ele sugava os nós dos dedos, seus olhos se enchiam de lágrimas.

Vem logo, metrô, vem logo...

Lacke estava com metade do corpo deitada no sofá, espiando a sacada onde Morgan tentava em vão atrair um pisco-de-peito-ruivo sentado na grade ao lado. O sol que se punha estava bem atrás da cabeça de Morgan e espalhava uma aura de luz ao redor do seu cabelo.

— Isso... chegue mais perto. Eu não mordo.

Larry estava na poltrona, assistindo sem interesse a um curso de espanhol da ur. Pessoas sem graça em situações artificiais mexiam-se na tela e diziam:

— *Yo tengo un bolso.*

— *¿Qué hay en el bolso?*

Morgan baixou a cabeça e a luz do sol acabou entrando nos olhos de Lacke, que fechou os olhos enquanto ouvia Larry resmungar:

— *Ke hai en el bôlsô.*

O apartamento tinha um cheiro pesado de cigarro e de poeira. A cachaça tinha sido tomada, a garrafa estava em cima da mesinha de centro ao lado de um cinzeiro cheio. Lacke não tirava os olhos das marcas de queimado no tampo da mesa deixadas por cigarros mal apagados; elas deslizavam diante dele, besouros lentos.

— *Ona kamisa y pantalônes.*

Larry riu entre dentes sozinho.

— ... pantalônes.

Não tinham acreditado nele. Bem, na verdade tinham, mas se negaram a interpretar o episódio do modo como ele interpretou. “Autocombustão

espontânea”, dissera Larry, e Morgan pedira para ele soletrar.

O detalhe é que autocombustão espontânea era um fenômeno tão estudado e comprovado cientificamente quanto vampiros, ou seja, nem um pouco.

Mas as pessoas preferem acreditar no disparate que menos convoca à ação. Eles não iam ajudá-lo. Morgan ouvira seriamente o relato de Lacke sobre o que tinha acontecido no hospital; no entanto, quando ele começou a falar em destruir o ser que causara aquilo tudo, Morgan dissera:

— Como assim? Você quer dizer que a gente vai virar caçador de vampiros? Você, eu e Larry. Arranjar umas estacas e umas cruces e... Olhe, desculpe, Lacke, para mim é difícil... imaginar isso.

O pensamento imediato de Lacke ao ver a cara ressabiada e a atitude arredia dos dois tinha sido:

Virginia teria acreditado em mim.

E a dor enterrou de novo suas unhas nele. Foi ele quem não acreditara em Virginia e por isso ela tinha... Lacke teria preferido passar uns anos preso por ajudá-la a se suicidar do que precisar viver com aquela imagem gravada na retina:

O corpo dela se retorcendo na cama enquanto a pele vai ficando negra e começa a soltar fumaça. A camisola do hospital sobe e fica em cima da barriga, deixando o sexo à mostra. O chacoalhar da armação metálica da cama na hora que as coxas se debatem, vão para cima e para baixo numa relação sexual louca com um homem invisível enquanto saem chamas das coxas e ela não para de gritar, o fedor de cabelo e de pele queimados toma conta do quarto, os olhos apavorados olhando para mim e um segundo depois eles ficam brancos, começam a ferver... estouram...

Lacke bebera mais da metade do que havia na garrafa. Morgan e Larry tinham deixado.

— ... pantalônes.

Lacke tentou se levantar do sofá. Sua nuca pesava tanto quanto o resto do corpo. Ele se apoiou no tampo da mesa, fez força para se levantar. Larry

levantou para lhe dar uma ajuda.

— Poxa, Lacke... tente dormir um pouco.

— Não, preciso ir para casa.

— O que você vai fazer em casa?

— Só preciso... resolver uma coisa.

— Não tem nada a ver com isso... disso que você fica falando?

— Não, não.

Morgan veio da sacada enquanto Lacke ia cambaleante para o corredor.

— Você aí! Para onde você vai?

— Para casa.

— Então vou junto.

Lacke se virou, esforçou-se em equilibrar o corpo e ficar com a aparência de sóbrio. Morgan foi até ele, com as mãos preparadas caso o outro caísse. Lacke sacudiu a cabeça e deu um tapinha no ombro de Morgan.

— Quero ficar sozinho, tá? Quero ficar sozinho.

— Você vai dar conta?

— Eu me arranjo.

Lacke balançou a cabeça várias vezes, travou num movimento, obrigou-se a interrompê-lo para não ficar parado em pé, virou-se em seguida e foi para o corredor, calçou os sapatos e vestiu o casaco.

Ele sabia que estava extremamente bêbado, mas ficara assim tantas vezes antes que já tinha certa prática em, por assim dizer, desassociar seus movimentos do cérebro, em executá-los mecanicamente. Ele podia jogar pega-varetas por alguns minutos sem que a mão tremesse.

De dentro do apartamento, ouviu as vozes dos outros dois.

— Será que a gente não devia...?

— Não. Se ele disse isso, então temos que respeitar.

Em todo caso, eles apareceram no corredor para se despedir. Deram um abraço um pouco atrapalhado em Lacke. Morgan segurou-lhe os braços, abaixou a cabeça para poder olhar dentro dos olhos dele e disse:

— Não vá fazer nenhuma besteira, certo? Você sabe que tem a gente.

— O.k., tudo bem. Não vou.

Do lado de fora do prédio, Lacke ficou olhando para o sol que descansava no topo de um abeto.

Nunca mais vou poder... o sol...

A morte de Virginia, a maneira que ela tinha morrido era um peso de chumbo pendurado em seu peito, no lugar onde antes estava o coração; fazia-o andar encurvado, pesado.

A luz da tarde nas ruas era como se fosse um deboche. As poucas pessoas que andavam nela... um deboche. As vozes. Falavam de coisas corriqueiras como se não... em toda parte, a qualquer momento...

A coisa também pode atacar vocês.

Do lado de fora da banca, uma pessoa estava encostada no guichê falando com o dono. Lacke viu um bolo negro caindo do céu, que se prendia às costas e...

Mas que diabos...

Ele parou em frente às manchetes de jornal, pestanejou, tentou focalizar direito a foto que tomava conta de quase todo o espaço. O assassino ritual. Lacke deu uma risadinha. Ele já sabia. O que *na realidade* acontecera. Mas...

Ele conhecia aquela cara. Mas não era...

No restaurante chinês. Aquele cara que Lacke convidara para tomar um uísque. Não...

Ele deu um passo à frente e olhou mais atentamente a foto. Isso mesmo. Sim, era ele. Os mesmos olhos juntos, a mesma... Lacke levou a mão à boca e apertou os dedos nos lábios. Imagens rodopiaram em sua cabeça, ele tentou juntar as coisas.

Ele bebera com a pessoa que matara Jocke. O assassino de Jocke tinha morado no mesmo conjunto que ele, a alguns prédios dele. Cumprimentara o sujeito algumas vezes, ele tinha...

Mas não foi ele quem fez isso. Foi...

Uma voz. Disse alguma coisa.

— E aí, Lacke? Alguém que você conhece?

O dono da banca e o homem do lado de fora estavam olhando para ele. Lacke disse: "... sim" e pôs-se a andar de novo, para o conjunto. O mundo desapareceu. À sua frente, ele viu a imagem do prédio onde o homem morava. As janelas cobertas. Ele ia procurar saber. Ele ia.

Seus pés se movimentavam mais rápido e sua coluna se endireitou; o peso de chumbo era um pêndulo de sino batendo em seu peito, que o fazia tremer, anunciava retumbante o presságio através do corpo dele.

Agora ninguém me segura. Agora... ninguém me segura.

O metrô parou em Råcksta e Oskar mordia os lábios de impaciência, pânico; achou que as portas ficavam abertas tempo demais. Quando fez um barulho de arranhar no alto-falante, ele achou que o condutor ia dizer que eles iam ficar parados ali por um tempo, mas...

"cuidado com as portas. elas serão fechadas."

... e o metrô saiu da estação.

Ele não tinha nenhum plano a não ser *avisar* Eli; dizer que qualquer pessoa, a qualquer hora, podia ligar para a polícia e contar que tinha visto o coroa. Em Blackeberg. Naquele bloco. Naquele prédio. Naquele apartamento.

O que acontece se a polícia... se ela arrombar a porta... o banheiro...

O metrô chacoalhou ao atravessar a ponte e Oskar olhou pela janela. Dois homens estavam lá embaixo no Quiosque dos Namorados e, um pouco escondidas atrás de um deles, Oskar pôde ver a fileira de manchetes amarelas e detestáveis. O outro homem foi rapidamente embora da banca.

Qualquer pessoa. Qualquer pessoa pode saber. Ele pode saber.

Quando o metrô estava parando, Oskar já estava na porta, apertando os dedos no meio da junção de borracha como se as portas fossem abrir mais rápido desse jeito. Encostou a testa no vidro, frio na testa quente. Os freios

guincharam e o condutor deve ter esquecido, já que foi só agora que ele falou:

— próxima estação. blackeberg.

Jonny estava na plataforma. Tomas também.

Não. Não não não, tire eles daí.

Quando o metrô parou balançando, os olhos de Oskar cruzaram com os de Jonny. Eles aumentaram e, ao mesmo tempo que as portas se abriram chiando, Oskar viu que Jonny disse alguma coisa para Tomas.

Oskar ficou tenso, lançou-se porta afora e começou a correr.

As pernas longas de Tomas se desdobraram, ficaram no meio do caminho e Oskar tropeçou e caiu de barriga na plataforma. Arranhou a palma das mãos ao tentar aparar a queda. Jonny sentou-se em suas costas.

— Está com pressa, hein?

— Me solta! Me solta!

— Por quê?

Oskar fechou os olhos e cerrou os punhos. Respirou fundo algumas vezes, fundo até onde dava com o peso de Jonny em cima dele, e disse com o rosto colado no cimento:

— Façam o que vocês quiserem. E me soltem depois.

— Cer-to.

Eles seguraram os braços de Oskar e o arrastaram para deixá-lo de pé. Oskar conseguiu avistar o relógio da estação. Duas e dez. O andar quebrado do ponteiro dos segundos pelo mostrador. Contraíu os músculos do rosto, da barriga, tentou fingir que era uma pedra, insensível a pancadas.

É só não demorar.

Foi só quando Oskar viu o que eles iam fazer que começou a lutar. Mas, como se tivessem um acordo tácito, os dois tinham virado seu braço de uma forma que cada movimento que ele dava parecia que ia quebrá-lo. Eles levaram Oskar para a outra beirada da plataforma.

Não vão ter coragem. Eles não podem...

Mas Tomas estava louco e Jonny...

Ele tentou resistir fincando os pés no chão. Os pés dançavam na plataforma enquanto Tomas e Jonny carregavam Oskar para a faixa branca de segurança em frente à descida para os trilhos.

O cabelo perto da têmpora esquerda de Oskar fez cócegas em sua orelha, esvoaçando com o golpe de ar do túnel quando o metrô foi chegando da cidade. Os trilhos cantaram e Jonny sussurrou: — Agora você vai morrer, está entendido?

Tomas deu um risinho, segurando ainda mais o braço dele. Tudo se apagou na cabeça de Oskar: *eles vão mesmo fazer isso*. Eles o seguravam à frente de modo que seu tronco ultrapassou a beirada da plataforma.

As lâmpadas do metrô que se aproximava atiraram uma flecha de luz fria nos trilhos. Oskar virou rapidamente a cabeça para a esquerda e viu o trem se lançar para fora do túnel.

bôôôôôô!

O apito do metrô rugiu e o coração de Oskar deu um salto mortal no peito, ao mesmo tempo que ele fez xixi nas calças e seu último pensamento foi...

Eli!

... antes de ser puxado para trás e seu campo visual ser tomado pela cor verde na hora que o trem passou em disparada, a uns dez centímetros dele.

Oskar estava caído de costas na plataforma, o vapor saindo da boca ofegante. O molhado lá embaixo no meio das pernas ficou mais frio. Jonny se agachou junto dele.

— Isso é só para você entender bem. As regras do jogo. Ouviu?

Oskar balançou a cabeça, instintivamente. Só queria pôr um fim naquilo. Os velhos impulsos. Jonny passou a mão com cuidado no ouvido machucado e sorriu. Depois pôs a mão na boca de Oskar, apertando suas bochechas.

— Grite que nem um porco se você entendeu.

Oskar gritou. Que nem um porco. Eles riram, os dois. Tomas disse: — Ele fazia melhor antes.

Jonny balançou a cabeça. — A gente vai precisar treiná-lo de novo.

O metrô veio do outro lado. Eles o deixaram.

Oskar ficou no chão por um tempo, vazio. Depois veio um rosto pairando acima dele. Uma senhora. Ela lhe estendeu a mão.

— Minha criança, eu vi tudo. Você precisa dar parte deles na polícia, o que houve aqui foi...

A polícia.

— ... tentativa de homicídio. Venha, que eu...

Sem se importar com a mão dela, Oskar se levantou. Enquanto ia aos tropeços para a porta, na escada, ouviu a voz da senhora atrás dele:

— Como é que você está...

O tira.

Lacke entendeu quando chegou ao pátio do seu prédio e viu a viatura lá em cima na ladeira. Dois policiais do lado de fora do carro, um deles escrevia alguma coisa num bloco. Lacke partiu do princípio de que eles procuravam a mesma coisa que ele, mas que a polícia estava mal informada. Os policiais não tinham notado sua hesitação, então ele continuou em direção ao primeiro prédio do bloco e entrou.

Nenhum dos nomes no quadro de moradores lhe dizia alguma coisa, mas Lacke já sabia: lá embaixo, à direita. Perto da porta do porão havia uma garrafa de álcool. Ele parou e olhou para o recipiente, como se a garrafa pudesse dar alguma dica de como devia agir agora.

Álcool pega fogo. Virginia pegou fogo.

Mas o pensamento parou por aí e ele sentiu apenas a ira seca e gritante de novo, continuou subindo as escadas. Uma mudança tinha ocorrido.

Agora era sua cabeça que estava alerta, mas o corpo se atrapalhava. Seus pés escorregavam nos degraus e ele teve de se apoiar no corrimão para

poder se deslocar escada acima, ao mesmo tempo que o cérebro raciocinou claramente:

Eu entro. Encontro o ser. Atravesso um troço em seu coração. Depois fico esperando os tiras.

Em frente à porta sem nome de morador, ele ficou parado.

E como é que eu vou entrar?

Como se fosse de brincadeira, ele estendeu rapidamente um dos braços e sentiu a maçaneta. E a porta abriu, deixando à mostra um apartamento vazio. Nada de móveis, tapetes ou quadros. Nada de roupas. Ele passou a língua nos lábios.

O ser se mandou. Não tenho nada que...

No chão do corredor do apartamento havia mais duas garrafas de álcool. Tentou entender o que isso significava. Que aquela criatura bebia... não. Que...

Isso só significa que alguém esteve aqui agora há pouco. Do contrário, a garrafa lá embaixo não estaria ali.

Isso.

Ele entrou, parou no corredor e aguçou os ouvidos. Não ouviu nada. Deu uma volta pelo apartamento, viu que havia cobertores pendurados na frente das janelas em vários cômodos, entendeu por quê. Que tinha chegado ao lugar certo.

Por fim, parou na frente da porta do banheiro. Apertou a maçaneta da porta. Trancada. Mas não era difícil abrir *essa* fechadura; só precisava de uma chave de fenda ou algo do gênero.

Mais uma vez passou a se concentrar nos *movimentos*. Em executar os *movimentos*. Não ia mais pensar. Não precisava mais pensar. Se começasse a pensar, ia vacilar, e vacilar ele não podia. Então: os movimentos.

Ele abriu as gavetas da cozinha. Achou uma faca. Foi para o banheiro. Enfiou a ponta da faca no parafuso do meio e girou, em sentido anti-horário. A fechadura cedeu, a porta foi aberta. Estava escuro que nem breu ali dentro. Ele procurou o interruptor E acendeu a luz.

Deus do céu! Mas o que é...

A faca caiu da mão de Lacke. Metade da banheira à sua frente estava cheia de sangue. No chão do banheiro havia garrações de plástico cuja superfície transparente mostrava listras vermelhas. O tilintar da faca ao bater no piso pareceu um sininho.

Sua língua grudou no palato quando ele se inclinou à frente para... para fazer o quê? Para... *sentir* aquilo... ou fazer outra coisa, algo mais primitivo; a fascinação diante de uma quantidade tão grande de sangue... molhar a mão nele, poder...

banhar as mãos no sangue.

Baixou os dedos em direção à superfície serena e escura e... afundou-os. Era como se os dedos tivessem sido mutilados, desapareceram e, com a boca aberta, ele afundou ainda mais a mão até que ela esbarrou...

Lacke deu um grito e recuou.

Arrancou a mão da banheira e gotas de sangue voaram fazendo arcos ao seu redor; aterrissaram no teto, nas paredes. Por puro reflexo, ele tapou a boca com a mão. Só percebeu o que tinha feito quando o doce e o viscoso foram registrados pela língua, pelos lábios. Cuspiu e limpou a mão nas calças. Pôs a outra mão, a limpa, na frente da boca.

Alguém está... lá embaixo.

É. O que ele sentiu na ponta dos dedos foi uma barriga. Ela cedeu com a pressão da sua mão, antes de Lacke arrancá-la de lá. Para distrair a mente do asco que sentia, seus olhos passaram a procurar pelo chão e encontraram a faca. Apanhou-a de novo e segurou firmemente o cabo.

Mas que diabos eu vou...

Se estivesse sóbrio, talvez saísse dali no mesmo instante, deixando esse laguinho escuro que podia abrigar qualquer coisa sob sua superfície novamente serena e cristalina. Um cadáver esquartejado, por exemplo.

Vai ver que a barriga é... vai ver que é só a barriga...

Mas a embriaguez o deixava abusado, até mesmo com seu próprio medo; assim, quando Lacke viu a corrente fina que descia do canto da

banheira para dentro do líquido escuro, estendeu a mão para puxá-la.

A rolha de banheira foi arrancada, a água começou a escorrer e a gorgolejar no cano e um redemoinho suave formou-se na superfície. Ele ficou de joelhos na frente da banheira e passou a língua nos lábios. Sentiu o gosto ruim na boca e cuspiu no chão.

A superfície afundava lentamente. Uma linha bem marcada de um vermelho mais escuro ficou visível no nível mais alto.

O sangue já devia estar aqui há muito tempo.

Depois de alguns minutos, veio à tona o contorno de um nariz num dos lados da banheira. No lado oposto, um conjunto de dedos do pé que, enquanto ele olhava, foi se revelando e virou a metade de dois pés. O redemoinho na superfície ficou mais compacto, mais forte, estava exatamente entre os dois pés.

Ele olhou de cima a baixo o corpo de criança que aos poucos ficou visível no fundo da banheira. Duas mãos, cruzadas em cima do peito. Rótulas de joelhos. Um rosto. O barulho de sucção diminuiu quando o restante do sangue escorreu pelo cano.

O corpo diante dele estava vermelho-escuro; manchado, lambuzado como o de um recém-nascido. Tinha um umbigo. Mas nenhum órgão sexual. Menino ou menina? Não importava. Ao estudar o rosto de olhos fechados, viu que o conhecia muito bem.

Quando Oskar tentou correr, suas pernas travaram. Recusaram-se.

Durante cinco segundos negros ele acreditara de verdade que ia morrer. Que iam empurrá-lo. Agora os músculos não queriam se desacostumar com a ideia.

No trecho entre a escola e o pavilhão de esportes a coisa desandou.

Ele quis se deitar. Cair de costas naqueles arbustos, por exemplo. O casaco e as calças acolchoadas não deixariam que elas pinicassem; os galhos apenas o receberiam suavemente. Mas ele tinha *pressa*. O ponteiro dos segundos; o andar quebrado do ponteiro pelo mostrador.

A escola.

A fachada avermelhada e angulosa feita de pedra sobre pedra. Em pensamento, ele voou como um pássaro pelos corredores e entrou na sala de aula. Jonny estava lá. Tomas. Sentados nas carteiras, rindo dele. Oskar baixou a cabeça e olhou para as botinas nos pés.

Os cadarços estavam sujos; um deles quase se soltando. Um gancho de metal lá perto do tornozelo tinha ficado torto e aberto. Andava com os pés um pouco virados para dentro; na região do tornozelo, a imitação de couro nos dois sapatos estava esgarçada, gasta. Mesmo assim, ele usaria esses sapatos durante todo o inverno, provavelmente.

Suas calças estavam frias, molhadas. Ele levantou a cabeça.

Eles não vão ganhar. Eles. Não vão. Ganhar.

Um líquido quente e espumante escorreu por suas pernas. As linhas retas do reboco da fachada da escola se inclinaram, ficaram embaçadas e desapareceram quando ele começou a correr. Esticou tanto os passos que o que estava no chão grudava e respingava nos pés. O chão corria debaixo dos seus pés e agora ele sentia o contrário: como se o globo terrestre girasse *rápido* demais e Oskar não conseguisse acompanhá-lo.

As pernas levaram-no aos tropeços quando o bloco de prédios, o supermercado Konsum e a fábrica de trufas de coco surgiram pelo caminho, e a velocidade em combinação com o hábito fizeram Oskar correr diretamente para dentro do pátio, passar pelo prédio de Eli e subir para o dele.

Ele quase esbarrou num policial que estava prestes a entrar em seu prédio. O policial abriu os braços e ficou na frente de Oskar.

— Ôôôpa! Estamos com pressa!

A língua enrijeceu. O policial deixou Oskar passar, olhou para ele... desconfiado?

— Você mora aqui?

Oskar assentiu. Nunca tinha visto esse policial antes. Parecia ser um sujeito legal. Não. Ele tinha uma cara que Oskar *normalmente* acharia que

era de uma pessoa legal. O policial deu uma fungada e disse:

— Bem, é bom você saber que... que ocorreu uma coisa aqui. No prédio ao lado. Agora estou perguntando para os moradores se alguém ouviu alguma coisa. Ou viu alguma coisa.

— Em qual... em qual prédio?

O policial fez um movimento com a cabeça para o prédio de Tommy e o pânico imediato saiu de Oskar.

— Aquele. Bem, não foi no prédio, foi no... porão. Por acaso você ouviu ou viu alguma coisa diferente por lá? Nos últimos dias?

Oskar sacudiu a cabeça negando. Os pensamentos giravam de um modo tão caótico em sua mente que, na verdade, ele não tinha pensado nem um pouco, mas achou que o medo devia transbordar dos seus olhos, estar bem visível para o policial. E, de fato, o policial inclinou a cabeça de lado e olhou perscrutador para ele.

— Tudo bem com você?

— ... tudo.

— Você não precisa ter medo. Agora já... passou. Você não precisa se preocupar. Seus pais estão em casa?

— Não. Minha mãe. Não.

— Certo. Mas eu vou aparecer por aqui de novo, então... você pode ir pensando se por acaso viu alguma coisa.

O policial segurou a porta do prédio para ele. — Você primeiro.

— Eu só vou...

Oskar se virou e fez um esforço para andar de um jeito *natural* ao descer a ladeira. No meio do caminho, deu meia-volta e viu o policial entrar em seu prédio.

Pegaram Eli.

Seu maxilar começou a tremer, os dentes começaram a estalar uma mensagem incompreensível em código morse através do esqueleto e, enquanto isso, ele empurrou a porta do prédio de Eli e subiu as escadas.

Será que eles tinham posto aquelas faixas em frente à porta de Eli, para bloquear a porta?

Diga que eu posso entrar.

A porta estava entreaberta.

Se a polícia esteve aqui, por que eles iam deixar a porta aberta? Não agiam desse modo, certo? Pôs os dedos na maçaneta, empurrou com cuidado a porta e entrou no corredor na ponta dos pés. Estava escuro ali dentro. Seu pé bateu em alguma coisa. Uma garrafa de plástico. Primeiro achou que havia sangue na garrafa, depois viu que era uma dessas coisas para fazer fogo.

Respiração.

Alguém estava respirando.

E se mexia.

O barulho veio do corredor perto do banheiro. Oskar prosseguiu, um passo cauteloso de cada vez, dobrou os lábios para dentro para calar os dentes e a tremedeira desceu para o queixo, para o pescoço, dava puxões em seu pomo-de-adão incipiente. Ele dobrou a quina da parede e olhou para dentro do banheiro.

Esse aí não é um policial.

Um homem vestido de roupas gastas estava de joelhos junto do canto da banheira com o tronco inclinado sobre ela, fora do campo de visão de Oskar. Ele viu apenas calças sujas na cor cinza, dois sapatos muito velhos com a ponta dos dedos virada para o piso de lajotas. A bainha de um sobretudo.

O coroa!

Mas ele... está respirando.

É. Um chiado de inspiração e expiração, quase igual a suspiros, vinha do banheiro e, sem pensar muito, Oskar foi de mansinho para mais perto. Pouco a pouco, ele foi vendo mais do banheiro e, quase lá dentro, Oskar viu o que estava acontecendo.

Lacke não aguentou.

O corpo no fundo da banheira parecia totalmente débil. Não respirava. Lacke tinha posto a mão no peito dele e constatado que o coração batia, mas apenas algumas batidas por minuto.

Ele tinha esperado algo... medonho. Algo que fosse na mesma medida do horror que vivera no hospital. Mas essa criaturinha ensanguentada parecia que nunca mais ia poder se levantar de novo, muito menos machucar alguém. Era só uma criança. Uma criança machucada.

Era como ver alguém que a gente ama definhando de câncer e depois ver uma célula cancerígena no microscópio. Nada. *Isso aí?* Foi *isso aí* que fez isso tudo? Essa coisinha.

Destrua meu coração.

Ele soluçou, a cabeça caiu e acabou batendo no canto da banheira, produzindo um baque surdo que fez eco. Ele não podia. Matar uma criança. Uma criança dormindo. Não dava. Independentemente de...

É assim que isso consegue sobreviver.

Isso. Isso. Não a criança. *Isso.*

Isso se jogara em cima de Virginia e... isso matara Jocke. Isso. A criatura que estava ali deitada na frente dele. A criatura que ia atacar de novo, outras pessoas. E essa criatura não era um ser humano. Ela nem sequer respirava e, mesmo assim, o coração batia como... se fosse o coração de um animal em hibernação.

Pense nas outras pessoas.

Uma cobra venenosa num lugar onde mora gente. Será que não vou matá-la porque ela no momento parece indefesa?

E, de qualquer jeito, não foi isso o que fez Lacke se decidir no final. Foi quando ele olhou para o rosto de novo; o rosto coberto por uma película de sangue e ele achou que a criatura exibia um... sorrisinho.

Sorria para tudo de ruim que tinha feito.

Basta.

Ele levantou a faca de cozinha no alto do peito da criatura, afastou um pouco as pernas para poder concentrar todo o peso dele na estocada e...

— aaaahhh!

Oskar gritou.

O cara não pulou de susto, só ficou petrificado, virou a cabeça para Oskar e disse lentamente: — Eu tenho que fazer isso. Entende?

Oskar reconheceu o homem. Um dos pés de cana que moravam no conjunto, costumava cumprimentá-lo de vez em quando.

Mas o que ele está fazendo aqui?

Não tinha importância. O que importava é que o cara tinha uma faca na mão, uma faca que apontava para o peito de Eli, nu e exposto na banheira.

— Não faça isso.

A cabeça do cara foi para a esquerda e para a direita, parecia mais estar procurando alguma coisa no chão que uma negação.

— Não...

Ele se virou de novo para a banheira, para a faca. Oskar queria ter podido explicar. Que aquele ali na banheira era o amigo dele, que era o... que ele tinha um presente para aquela pessoa ali na banheira, que... *que era Eli.*

— Espere um minuto.

A ponta da faca estava de novo em cima do peito de Eli, tão pressionada que quase furava a pele dele. Oskar não sabia na verdade o que estava fazendo quando enfiou a mão no bolso do casaco para apanhar o cubo e mostrou o brinquedo ao cara.

— Olhe!

Lacke viu o cubo apenas de soslaio e o brinquedo pareceu uma invasão súbita de cores no meio de todo aquele negro e cinza que o envolvia. Apesar da bolha de determinação em volta de Lacke, ele não pôde deixar de virar a cabeça para aquele lado, olhar o que era.

Esse cubo na mão do menino. Cores alegres.

Parecia uma coisa totalmente louca naquele meio. Um papagaio no meio de gralhas. Por um instante, ficou como que hipnotizado pela profusão de cores do brinquedo, depois voltou os olhos para a banheira de novo, para a faca que descia na direção das costelas.

Eu só preciso... furar...

Um raio.

Os olhos da criatura estavam abertos.

Ele contraiu o corpo para enfiar a faca e sua têmpera explodiu.

O cubo fez um estalo quando um dos cantos do brinquedo bateu na cabeça do cara voando da mão de Oskar. O sujeito caiu de lado, acabou em cima de um garrafão de plástico que deslizou e entrou pelo canto da banheira, produzindo um estrondo igual ao de um bumbo.

Eli sentou-se.

Da porta do banheiro, Oskar só conseguiu ver a parte de trás do corpo dele. Seu cabelo estava lambuzado e achatado na nuca e suas costas, cheias de feridas.

O homem tentou se levantar; mas Eli, que mais *caiu* do que saltou da banheira, acabou em seu colo; uma criança no colo do pai em busca de consolo. Eli passou os braços em volta do pescoço do homem e puxou-lhe a cabeça para mais perto como se fosse dizer alguma coisa carinhosa em seu ouvido.

Oskar saiu de costas do banheiro na hora em que Eli fincou os dentes no pescoço do homem. Eli não tinha visto Oskar. Mas o homem o viu. O olhar dele parou em Oskar, não o largava, enquanto o menino foi andando de costas para o corredor.

— Desculpe.

Oskar não conseguiu produzir o som mas os lábios formaram a palavra, antes de ele dobrar a quina da parede e o contato com os olhos do outro ser interrompido.

Ele estava com a mão na maçaneta da porta quando o homem gritou. Depois o som desapareceu subitamente, como se tivessem lhe tapado a boca.

Oskar hesitou. Depois fechou a porta. E trancou o banheiro.

Sem olhar para a direita, atravessou o corredor e entrou na sala.

Sentou-se na poltrona.

Começou a cantarolar baixinho para abafar o barulho do banheiro.

QUINTA PARTE

Deixa ela entrar

*Hoje em dia essa é
minha única chance de protestar...*

Bob Hund (grupo sueco de rock),
“*Ensom stretar emot*”

*Let the right one in
Let the old dreams die
Let the wrong ones go
They cannot do
What you want them to do*

Morrissey, “*Let the right one slip in*”

**TRECHO DO NOTICIÁRIO *DAGENS EKO*, ÀS 16H45,
SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 1981**

O chamado assassino ritual foi preso pela polícia na manhã de segunda-feira. O homem estava no porão de um prédio em Blackeberg, na parte oeste de Estocolmo. Com a palavra, o porta-voz da polícia, Bengt Lärn:

- A informação é correta, uma pessoa foi presa.
- Vocês têm certeza de que é a pessoa procurada?
- Bastante. No entanto, alguns fatores dificultam sua identificação.
- Que fatores são esses?
- Infelizmente não posso fazer nenhum comentário a respeito no momento.

Depois da prisão, o homem foi levado para o hospital. Seu estado é considerado muito grave.

Junto com o homem havia um menino de dezesseis anos. O menino não apresentava ferimentos no corpo, mas estava muito chocado e foi levado para o hospital, onde se encontra em observação.

A polícia investiga agora os arredores para coletar mais informação sobre como tudo aconteceu.

O rei Carl Gustaf inaugurou hoje a nova ponte que atravessa o estreito de Almö em Bohuslän. No discurso de inauguração...

**TRECHO DO RELATÓRIO DO PROFESSOR
DR. T. HALLBERG, SOLICITADO PELA POLÍCIA**

... exame preliminar foi dificultado... contrações musculares de natureza espasmódica... estímulo não localizável do sistema nervoso central... atividade cardíaca suspensa...

Os movimentos musculares cessaram às 14h25... a autópsia mostra sinais antes desconhecidos... órgãos internos extremamente deformados...

A enguia que morta e esquartejada pula na frigideira... nunca antes observado em tecido humano... solicito poder ficar com o corpo... atenciosamente...

TRECHO DO JORNAL
VÄSTERORT, SEMANA 46

quem matou nossos gatos?

— A única coisa que sobrou dela foi a coleira — diz Svea Nordström, e abre o braço para mostrar o prado coberto de neve derretida onde foram encontrados a gata dela e mais oito gatos de moradores das redondezas...

TRECHO DO NOTICIÁRIO *AKTUELLT*,
SEGUNDA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO, ÀS 21H

A polícia entrou agora à noite no apartamento que parece ter sido do chamado assassino ritual, que foi preso na manhã de hoje.

Uma informação da população ajudou a polícia a localizar por fim a moradia em Blackeberg, a uns cinquenta metros do lugar onde o homem foi preso.

Nosso repórter, Folke Ahlmarker, está agora no local:

— Os enfermeiros estão neste exato momento trazendo para fora o corpo de um homem que foi encontrado morto no apartamento. A identidade do homem ainda é desconhecida. Parece que, de resto, o apartamento está totalmente vazio. Pelo visto, há indícios de que mais pessoas estiveram no local recentemente.

— O que a polícia está fazendo agora?

— Percorremos os arredores o dia inteiro e batemos nas portas de moradores dessa área, mas ainda não sabemos se surgiu algum dado novo por esse método.

— Obrigado, Folke.

A ponte Tjörn, que ficou pronta seis semanas antes do prazo estipulado, já pôde ser inaugurada hoje pelo rei Carl Gustaf...

Segunda-feira, 9 de novembro

Uma luz pisca-pisca azul no teto do quarto.

Oskar está deitado com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

Debaixo da cama há duas caixas de papelão. Uma está com dinheiro, um monte de cédulas, e duas garrafas de álcool combustível; a outra está cheia de quebra-cabeças.

A caixa com roupas ficou para trás.

Para esconder as caixas, Oskar pôs o jogo de hóquei atravessado na frente delas. Amanhã ele as levará para o porão, se aguentar. A mãe está vendo televisão, exclama alguma coisa sobre o prédio deles, que está aparecendo no noticiário. Mas ele só precisa se levantar e ir até a janela para ver a mesma coisa, só que de um outro ângulo.

Oskar jogou as caixas da sacada de Eli para a sacada dele quando ainda estava claro lá fora, enquanto Eli se lavava. Quando ele saiu do banheiro, as feridas em suas costas estavam cicatrizadas e Eli parecia embriagado do álcool no sangue.

Ficaram deitados um ao lado do outro na cama, abraçados. Oskar contou o que acontecera no metrô. Eli disse:

— Desculpe. Por eu ter começado isso tudo.

— Tudo bem.

Silêncio. Bem longo. Em seguida Eli perguntou, com jeito:

— Você gostaria de... virar o que eu sou?

— ... não. Eu queria ficar com você, mas...

— É. É claro que você não quer. Eu entendo muito bem.

Quando estava anoitecendo, eles finalmente se levantaram e se vestiram. Estavam abraçados na sala quando ouviram a serra. Estavam serrando a fechadura.

Correram para a sacada, pularam a grade e aterrissaram suavemente nos arbustos lá embaixo.

De dentro do apartamento, ouviram alguém dizer:

— Mas que diabos...

Ficaram encolhidos embaixo da sacada. Mas não havia tempo.

Eli virou o rosto na direção do rosto de Oskar e disse:

— Eu...

Fechou a boca. Colou em seguida um beijo nos lábios de Oskar.

Durante alguns segundos, Oskar viu o que havia dentro dos olhos de Eli. E o que viu foi... ele mesmo. Só que muito mais bacana, mais bonito, mais forte do que ele mesmo achava que era. Visto com amor.

Durante alguns segundos.

Vozes no apartamento ao lado.

A última coisa que Eli fez quando eles tinham se levantado foi arrancar da parede a folha com o código morse. Agora sons de pés estranhos andando para lá e para cá no quarto onde Eli mandara as mensagens para ele.

Oskar encosta a palma da mão na parede.

— Eli...

Terça-feira, 10 de novembro

Oskar não foi à escola na terça. Ficou deitado ouvindo os barulhos do outro lado da parede, queria saber se eles tinham encontrado alguma coisa que pudesse levar até Eli. Lá pela parte da tarde, não ouviu mais nada e eles ainda não tinham chegado.

Então Oskar se levantou, vestiu-se e foi para o prédio de Eli. A porta do apartamento estava lacrada. Proibido entrar. Enquanto estava ali olhando, um policial subia pela escada. Mas ele era só um garoto curioso da vizinhança.

Quando estava escurecendo lá fora, Oskar carregou as caixas para o porão e pôs um tapete velho em cima delas. Precisava decidir mais tarde o que fazer com elas. Se algum ladrão arrombasse o depósito, com certeza ficaria feliz.

Oskar ficou bastante tempo no escuro do porão, pensando em Eli, em Tommy, no coroa. Eli contara tudo; não era sua intenção que as coisas

acabassem daquele jeito.

Mas Tommy estava vivo. Ia ficar bom de novo. A mãe dele dissera para a mãe de Oskar. Ele ia receber alta e ir para casa amanhã.

Amanhã.

Amanhã Oskar iria para a escola de novo.

Para Jonny, Tommy, para...

A gente vai ter que treiná-lo de novo.

Os dedos frios e rígidos de Jonny em sua bochecha. Apertando a carne macia no maxilar até a boca de Oskar se abrir contra a vontade.

Grite que nem um porco.

Oskar cruzou os dedos, ficou com o rosto encostado neles e olhou para o montinho que o tapete formava em cima das caixas. Levantou-se, arrancou o tapete e abriu a caixa com dinheiro.

Cédulas de mil, de cem, jogadas sem ordem, alguns maços. Enfiou a mão na caixa e revirou o dinheiro até achar uma das garrafas de plástico. Depois subiu para o apartamento e apanhou fósforos.

Um refletor solitário espalhava uma luz branca e fria no pátio da escola. Fora do alcance da luz, viam-se os contornos de brinquedos de parque. As mesas de pingue-pongue, tão rachadas que era impossível jogar algo ali além de bolas de tênis, estavam cobertas de neve derretida.

Algumas janelas da escola estavam com a luz acesa. Cursos noturnos. Por causa deles, uma das portas laterais também estava aberta.

Procurou pelos corredores sem luz e conseguiu achar sua sala. Ficou olhando para as carteiras por um tempo. A sala de aula parecia irreal assim de noite; como se os fantasmas sussurrando em silêncio a usassem para a aula *deles*, e sabe-se lá como era uma aula dessas.

Ele foi até a carteira de Jonny, abriu a tampa e borrifou nela alguns decilitros de álcool. A mesma coisa na carteira de Tomas. Depois foi se sentar em sua carteira. Deixou o líquido ser absorvido. Do jeito que se costuma fazer com carvão de churrasco.

Eu sou um fantasma. Buuu... buuu...

Abriu a tampa da carteira, apanhou o livro *A incendiária*, sorriu para o título e guardou-o na mochila. O livro de sueco onde ele escrevera uma história de que gostava. A caneta favorita. Para dentro da mochila. Depois se levantou, deu uma volta pela sala de aula e sentiu prazer em estar ali. Em paz.

Havia um cheiro de produto químico na carteira de Jonny quando Oskar levantou a tampa de novo. Apanhou os fósforos.

Não, espere aí.

Foi apanhar duas réguas grandes de madeira da prateleira lá no fundo da sala. Usou uma régua para deixar a tampa da carteira de Jonny levantada, usou a outra na carteira de Tomas. Senão o fogo se apagaria assim que ele largasse a tampa.

Dois animais pré-históricos, famintos, de boca aberta esperando comida. Dragões.

Ele acendeu um fósforo e o segurou até a chama ficar grande e clara. Soltou-o em seguida. Ele caiu da sua mão, uma gota amarela, e...

vrum

Merd...

Os olhos arderam quando uma caudinha de cometa saiu da carteira, lambeu o rosto dele. Ele recuou; tinha achado que ia pegar fogo que nem... que nem carvão de churrasco, mas a carteira se inflamou, virou uma labareda grande e solitária que subia para o teto.

Fogo demais.

A luz dançava, bruxuleava nas paredes da sala de aula, e uma guirlanda com letras de papel pendurada no alto da carteira de Jonny se soltou e caiu com o "P" e o "Q" em chamas. A outra metade da guirlanda balançou no ar fazendo um arco grande e as chamas caíram na carteira de Tomas, que se incendiou imediatamente.

vrum

Estampidos e Oskar correu para fora da sala com a mochila da escola batendo em seu quadril.

Imagine se a escola toda...

Quando chegou ao final do corredor, os sinais dispararam. Um grito metálico encheu o prédio e foi só quando ele já descera um bom pedaço da escada que entendeu que era o alarme de incêndio.

Lá fora, no pátio, o sinal grande tocou irritado, chamando os alunos que não estavam lá, reunindo os fantasmas da escola. O sinal acompanhou Oskar na metade do caminho para casa.

Oskar só relaxou quando chegou ao antigo supermercado Konsum e parou de ouvir o sinal. Prosseguiu calmamente para casa.

No espelho do banheiro, viu que as pontas dos seus cílios estavam crespas, queimadas. Quando passou o dedo nos cílios, as pontas caíram.

Quarta-feira, 11 de novembro

Oskar não foi à escola. Dor de cabeça. O telefone tocou por volta das nove horas. Ele não atendeu. De dia, da janela viu Tommy e a mãe dele passando lá fora. Tommy andava um pouco encurvado à frente, devagar. Igual a uma pessoa idosa. Oskar se agachou debaixo do parapeito da janela quando eles passaram.

O telefone tocava de hora em hora. Por fim, por volta do meio-dia, ele atendeu.

— Alô, aqui é Oskar.

— Olá. Meu nome é Bertil Svanberg e, como você já deve saber, sou o diretor da escola onde...

Ele bateu o telefone. O telefone tocou de novo. Oskar ficou olhando para o aparelho que tocou por um tempo, imaginou o diretor de terno quadriculado tamborilando os dedos, fazendo caretas. Depois se vestiu e desceu para o porão.

Ficou brincando com os quebra-cabeças e remexeu na caixinha branca de madeira onde brilhavam as centenas de pedacinhos do ovo de vidro. Eli só levava algumas cédulas de mil e o cubo. Ele fechou a caixa com quebra-

cabeças, abriu a outra, enfiou a mão lá dentro e remexeu nas cédulas que farfalhavam. Apanhou um punhado delas e as jogou no chão. Enfiou-as no bolso. Tirou uma por uma do bolso e brincou de “*Pojken med guldbyxorna*”^[15] até se cansar. Doze notas de mil amassadas e sete notas de cem estavam aos seus pés.

Empilhou as notas de mil e dobrou o monte. Guardou de novo as notas de cem e fechou a caixa. Subiu para o apartamento, procurou um envelope branco e guardou nele as notas de mil. Com o envelope na mão, ficou pensando em como faria. Não queria escrever; alguém podia reconhecer sua letra.

O telefone tocou.

Pare de tocar. Entenda que eu não existo.

Alguém queria ter uma conversa séria com ele. Alguém queria perguntar se ele entendia o que fizera. Entendia muito bem. Jonny e Tomas também entendiam. Muito bem. Isso não era assunto de conversa.

Ele foi para a escrivaninha e apanhou as letras de decalque. No meio do envelope colou um “T” e um “O”. O primeiro “M” ficou torto, mas o outro ficou direito. Assim como o “Y”.

Ao abrir a porta do prédio de Tommy com o envelope no bolso do casaco, ele estava com mais medo que na noite anterior na escola. Com cuidado e com o coração batendo forte, enfiou sem fazer barulho o envelope pela porta de Tommy de forma que ninguém ouvisse e fosse até a porta ou o visse pela janela.

Mas ninguém veio e, de volta ao apartamento, ele se sentiu um pouco melhor. Por um tempo. Até aquilo chegar de mansinho de novo.

Não devo... ficar aqui.

Às três horas a mãe chegou em casa, algumas horas antes do que o normal. Oskar estava então na sala ouvindo o disco dos Vikings. Ela apareceu na sala, levantou a agulha e desligou o toca-discos. Por sua cara, ele imaginou que ela já sabia.

— Como você está?

— Mais ou menos.

— É...

Ela deu um suspiro e sentou-se no sofá.

— O diretor da escola me ligou. No trabalho. Ele contou que... houve um incêndio ontem à noite. Na escola.

— É? Ficou tudo queimado?

— Não, mas...

Ela fechou a boca e ficou olhando o tapete da sala por uns segundos. Em seguida, levantou os olhos e encontrou os dele.

— Oskar. Foi você?

Ele olhou bem nos olhos dela e disse:

— Não.

Pausa.

— O.k., porque pelo visto muita coisa ficou destruída na sala de aula, mas... as carteiras do Jonny e do Tomas... parece que o incêndio começou nelas.

— Sei.

— E pelo visto *eles* tinham bastante certeza de que... de que foi você.

— Mas não fui eu.

A mãe continuou no sofá. Estavam sentados a um metro de distância um do outro, uma distância infinita.

— Eles querem... falar com você.

— Eu não quero falar com eles.

E a noite seria longa. Nada de bom na tv.

De noite, Oskar não conseguiu dormir. Saiu da cama e foi na ponta dos pés para a janela. Achou que havia alguém sentado no trepa-trepa lá embaixo no parquinho. Mas era só fruto da sua imaginação, é claro. Ainda assim, continuou olhando para a sombra lá embaixo até suas pálpebras ficarem pesadas.

Na cama de novo, mesmo assim, ele não conseguiu dormir. Com cuidado, bateu na parede. Nenhuma resposta. Apenas o som seco das próprias pontas dos dedos, do nó dos dedos no cimento batendo numa porta fechada para sempre.

Quinta-feira, 12 de novembro

Oskar vomitou de manhã e ficou em casa por mais um dia. Embora só tivesse dormido algumas horas de noite, não conseguiu descansar durante o dia. Era uma aflição constante no corpo que não deixava Oskar parar quieto, ficou andando de lá para cá no apartamento. Apanhava as coisas, olhava para elas e as punha de volta no lugar.

Era como se houvesse alguma coisa que ele tinha que fazer. Alguma coisa absolutamente necessária para ele fazer. Mas ele não conseguia entender *o que* era.

Ele tinha achado na hora que era *isso*, quando queimou as carteiras de Jonny e Tomas. Depois ele tinha achado que era *isso* quando deixou o dinheiro para Tommy. Mas não era *isso*. Era outra coisa.

Uma grande peça de teatro que agora chegara ao fim. Ele andava de lá para cá no palco apagado e vazio, catando o que tinha sido esquecido. Quando na verdade era *outra coisa...*

Mas o quê?

Quando o correio chegou por volta das onze, só veio uma carta. Seu coração pulou pela boca quando ele apanhou a correspondência e virou o envelope.

Era para a mãe. No canto superior direito do envelope estava carimbado “Diretoria das escolas de Södra Ängby”. Sem abrir a carta, ele a rasgou em mil pedaços, jogou-a no vaso sanitário e deu descarga. Arrependeu-se. Tarde demais. Ele não ligava para o que estava na carta, mas tudo ficaria *mais* complicado se ele se intrometesse daquele jeito do que se ele deixasse para lá.

Mas não tinha importância.

Ele se despiu e vestiu o roupão de banho. Ficou na frente do espelho do corredor se examinando. Fingiu que era outra pessoa. Foi à frente para beijar o vidro do espelho. No mesmo instante em que seus lábios tocaram a superfície fria, o telefone tocou. Sem pensar muito, ele levantou o fone. — Sou eu.

— Oskar? Oi, aqui é Fernando.

— Quem?

— Ávila. Professor Ávila.

— Tudo bem. Oi.

— Só liguei para saber se você... vem para o treino hoje à noite?

— Eu estou... um pouco doente.

Silêncio no outro lado da linha. Oskar podia ouvir a respiração do professor. Uma. Duas. Depois:

— Oskar, se você fez aquilo. Ou não fez. Isso não é da minha conta. Se você quiser conversar, nosotros conversamos. Se você não quiser conversar, todo bien. Mas quiero que você venha para o treino.

— Mas... por quê?

— Porque você não pode ficar sentado aí como un caracol. Na concha. Se você não está enfermo então você vai quedar enfermo. Você está enfermo?

— ... estou.

— Entonces hay que ejercitarse físicamente. Você vem hoy à noite.

— E os outros?

— Os outros? O que são os outros? Se eles fizerem alguma coisa, eu digo buuu e eles param. Mas eles não vão fazer nada. Vai ser treino.

Oskar não respondeu.

— Combinado? Vienes?

— Vou...

— Ótimo. Hasta más tarde.

Oskar pôs o fone no gancho e fez-se silêncio ao seu redor de novo. Não queria ir para o treino. Mas queria ver o professor. Podia chegar um pouco mais cedo, se o professor já estivesse lá. Depois iria para casa quando estivesse na hora.

Não que o professor fosse aceitar isso, mas...

Deu mais algumas voltas pelo apartamento. Preparou a sacola do treino, mais para ter alguma coisa que fazer. Que sorte que ele não pusera fogo na carteira de Micke, já que o menino podia aparecer no treino. Mas talvez a carteira dele tenha ficado destruída de qualquer jeito, já que ficava ao lado da carteira de Jonny. Afinal, quanta coisa ficou mesmo destruída?

Alguém a quem ele pudesse perguntar...

Às três horas o telefone tocou de novo. Oskar hesitou, mas, depois daquele raio de esperança que surgiu nele quando viu o envelope solitário, não conseguiu deixar de atender.

— Sim? Oskar.

— Oi, sou eu, Johan.

— Oi.

— Que tal?

— Mais ou menos.

— Quer fazer alguma coisa hoje de noite?

— De noite... quando?

— Bem... por volta das sete, por aí.

— Não dá. Eu vou para o... treino.

— Sei. Tudo bem. Uma pena. Tchau.

— Johan?

— Sim?

— Eu... fiquei sabendo que houve um incêndio. Na sala de aula. Foi... muita coisa que ficou destruída?

— Não. Só umas carteiras.

— Mais nada?

— Bem... uns papéis, coisas desse tipo.

— O.k.

— Sua carteira se salvou.

— O.k. Que bom.

— O.k. Tchau.

— Tchau.

Oskar pôs o fone no gancho com uma sensação estranha no peito. Tinha achado que *todos sabiam* que era ele. Mas não é o que parecia pela voz de Johan. E a mãe também dissera que *muita coisa* estava destruída. Mas ela podia ter exagerado, é claro.

Oskar resolveu acreditar em Johan. Pois ele tinha *visto* a sala, apesar de tudo.

— Argh...

Johan pôs o fone no gancho e olhou ao redor, perdido. Jimmy sacudiu a cabeça e soprou a fumaça da janela aberta do quarto de Jonny.

— Foi a pior coisa que já ouvi.

Fazendo voz de coitadinho, Johan disse: — Não é fácil.

Jimmy se virou para Jonny, que estava sentado na cama esfregando entre os dedos as franjas da colcha de cama.

— Como foi? Queimou a metade da sala de aula?

Jonny balançou a cabeça confirmando. — Todos da turma o odeiam agora.

— E você disse... — Jimmy virou-se para Johan de novo — disse que... o que foi mesmo que você disse? “Uns papéis.” Você acha que ele caiu nessa?

Johan baixou a cabeça envergonhado.

— Eu não sabia o que dizer. Achei que ele ficaria... desconfiado se eu dissesse que...

— O.k., tudo bem. Agora já está feito. Agora é só esperar que ele apareça.

Johan olhou para Jonny e Jimmy, Jimmy e Jonny. Os dois estavam com o olhar vazio, já viam na frente deles as imagens de logo mais à noite.

— O que vocês estão planejando fazer?

Jimmy se inclinou para a frente sentado na cadeira, limpou um pouco das cinzas que tinham caído na manga da sua camisa e disse devagar:

— Ele queimou. Tudo o que a gente tinha do nosso pai. Então você não precisa... se preocupar muito com o que a gente vai fazer. Certo?

A mãe chegou por volta da seis. A mentira, a falta de confiança da noite anterior ainda pairavam no ar como uma névoa fria entre eles. A mãe foi direto para a cozinha e começou a bater a louça sem necessidade. Oskar fechou a porta do quarto. Deitou-se na cama e ficou olhando para o teto.

Ele podia ir. Para o pátio lá fora. Descer para o porão. Ir para a praça. Pegar o metrô. Mas, mesmo assim, não havia nenhum lugar... nenhum lugar onde ele... nada.

Ele ouviu que a mãe foi para o telefone e discou um número com muitos algarismos. Provavelmente o do pai.

Oskar sentiu um pouco de frio.

Cobriu-se com o cobertor, sentou-se com a nuca encostada na parede, ficou ouvindo o som da conversa entre a mãe e o pai. Se ele pudesse falar com o pai. Mas ele não podia. Nunca adiantou.

Oskar se enrolou no cobertor. Fingiu que era um chefe apache, nada o abalava, enquanto a voz da mãe ficou mais alta. Depois de um tempo, ela começou a gritar e o chefe apache caiu na cama, apertou o cobertor e as mãos nos ouvidos.

É tão silencioso dentro da cabeça. É o... espaço sideral.

Oskar transformou os riscos, as cores, as bolinhas na frente dos olhos em planetas, sistemas solares distantes nos quais ele viajava. Aterrissou em cometas, voou um pouco com eles, saltou e ficou flutuando no espaço até alguém puxar o cobertor e ele abrir os olhos.

A mãe estava ali. Os lábios retorcidos. A voz entrecortada quando ela disse:

— Então é assim. Seu pai contou agora... que ele... no sábado... que ele... por onde você andou, hein? Onde foi que esteve? Você pode responder?

A mãe arrancou o cobertor, bem perto do rosto dele. Sua garganta tinha esticado e virado uma corda grossa e dura.

— Agora você não vai mais lá. Nunca mais. Está me ouvindo? Por que você não disse nada? Aquele... safado. Gente como essa não devia ter filhos. Ele não vai mais se encontrar com você. Assim ele pode ficar lá longe enchendo a cara como bem entender. Está me ouvindo? A gente não precisa dele. Estou tão...

A mãe se virou de supetão e se afastou da cama, bateu tão forte a porta que as paredes estremeceram. Oskar ouviu como ela discou rapidamente o número grande de novo, praguejou quando perdeu um algarismo e recomeçou. Alguns segundos depois de ela ter discado o último algarismo, começou a gritar de novo.

Oskar saiu de dentro do cobertor, pegou a sacola do treino e foi para o corredor onde a mãe estava tão ocupada em gritar com o pai que não percebeu quando ele calçou as botinas de mansinho e, sem amarrá-las, foi para a porta da rua.

Foi só quando ele já estava na escada que ela viu o filho.

— Oskar! Para onde é que você está indo?

Oskar bateu a porta e desceu correndo as escadas. Continuou correndo para a piscina municipal com as solas tamborilando no chão.

— Roger e Prebbe...

Jimmy apontou com o garfo plástico para os dois que tinham saído do metrô. A porção de salada de camarão que acabara de comer do *tunnbrödsrulle* ficou presa em sua garganta e ele foi obrigado a engolir mais uma vez para fazê-la descer. Lançou um olhar interrogativo para o irmão,

mas a atenção de Jimmy estava voltada para os dois que vinham com um andar gingado para a barraca de fast-food e cumprimentaram.

Roger era magro, tinha um cabelo comprido e bagunçado, usava casaco de couro. A pele do seu rosto era esburacada com centenas de crateras pequenas e parecia ter encolhido, já que os ossos debaixo dela eram nitidamente salientes e os olhos pareciam grandes demais.

Prebbe vestia uma jaqueta jeans com as mangas cortadas e debaixo dela uma camiseta e só isso, embora a temperatura estivesse apenas alguns graus acima de zero. Era gordo. Inchado por todos os lados, cabelo cortado rente. Um caçador de montanha que perdera a forma.

Jimmy lhes disse alguma coisa, apontou e eles foram na frente em direção à estação dos transformadores no alto dos trilhos do metrô. Jonny cochicou:

— Por que... eles vieram?

— Para ajudar, é claro.

— É necessário?

Jimmy deu um risinho e sacudiu a cabeça como se Jonny não entendesse nem um pouco como as coisas funcionavam.

— E o que você pensou em fazer com o professor?

— Com Ávila?

— É. Você acha que ele vai deixar a gente aparecer por lá... hein?

Para isso Jonny não tinha resposta, então foi com o irmão para trás da casinha de tijolos. Roger e Prebbe ficaram na sombra com as mãos nos bolsos batendo com os pés no chão, Jimmy tirou do bolso do casaco uma cigareira prateada, abriu-a e ofereceu o conteúdo para os dois.

Roger estudou os seis cigarros feitos à mão dentro dela e disse: — Já estão enrolados, a gente só pode agradecer — e apanhou para si com dois dedos finos o mais grosso deles.

Prebbe fez uma careta e ficou parecendo um daqueles bonecos que ficam na sacada nos Muppets. — Perdem o efeito se ficam guardados.

Jimmy meneou a cigareira convidativo e disse:

— Parece uma mulherzinha. Enrolei os cigarros há uma hora. E isso aqui não é esse lixo marroquino que você costuma usar. Isso aqui é material de primeira.

Prebbe bufou e pegou um dos cigarros, conseguiu fogo de Roger.

Jonny olhou para o irmão. O rosto de Jimmy era uma silhueta bem definida com a luz no fundo que vinha da plataforma do metrô. Jonny admirava o irmão. Ele se perguntava se algum dia ia ficar que nem ele e ter coragem de dizer “parece uma mulherzinha” para um cara que nem Prebbe.

O próprio Jimmy apanhou um cigarro e o acendeu. O papel enrolado na ponta do cigarro ficou queimando por um instante até virar brasa. Ele tragou profundamente e Jonny foi envolvido pelo cheiro adocicado que sempre estava nas roupas de Jimmy.

Fumaram em silêncio por um tempo. Depois Roger estendeu o cigarro para Jonny.

— Quer dar uma pitada?

Jonny estava prestes a estender a mão para apanhar o cigarro, mas Jimmy deu um tapa no ombro de Roger.

— Idiota. Você quer que ele fique igual a você, hein?

— Seria bacana.

— Para você. Não para ele.

Roger deu de ombros e retirou o convite.

Às seis e meia todos tinham acabado de fumar e, quando Jimmy falou, ele o fez com uma clareza exagerada, cada palavra uma escultura complicada que saíria da sua boca:

— O.k. Esse aqui é... Jonny. Meu mano.

Roger e Prebbe balançaram a cabeça mostrando que tinham entendido. Jimmy segurou o queixo de Jonny fazendo um movimento um pouco desajeitado, virou sua cabeça de perfil para mostrá-lo aos outros dois.

— Olhem o ouvido dele. Foi isso o que ele fez. É desse sujeito que a gente vai... cuidar.

Roger deu um passo à frente, espiou a orelha de Jonny e estalou língua:

— Que merda... Está um horror.

— A gente não precisa... da opinião... de especialistas. Agora prestem toda atenção. Vai ser assim...

Os portões no corredor entre as paredes de tijolos estavam destrancados. *Kaplof, kaplof*, faziam os sapatos de Oskar quando ele foi para a porta da piscina municipal e a abriu. O calor úmido envolveu seu rosto e uma nuvem de vapor invadiu o corredor frio. Ele se apressou para entrar e fechar a porta.

Tirou rapidamente os sapatos e foi para o vestiário. Vazio. Dos chuveiros, o som de água escorrendo, uma voz grave que cantava:

Besame, besame mucho

Como si fuera esta noche la última vez...

O professor. Sem tirar o casaco, Oskar sentou-se num dos bancos e ficou esperando. Depois de um tempo, acabaram tanto o barulho de água quanto a cantoria e o professor apareceu no vestiário com uma toalha enrolada no quadril. Seu peito era todo peludo, com cabelos pretos e crespos, um pouco grisalhos. Oskar achou que ele parecia um ser de outro planeta. O professor avistou Oskar e deu um amplo sorriso.

— Oskar! Então você salió de la concha.

Oskar assentiu.

— Já estava ficando um pouco... apertado.

O professor riu e coçou o peito; as pontas dos seus dedos desapareceram no meio da pelugem crespa.

— Você veio cedo.

— É, eu queria...

Oskar encolheu os ombros. O professor parou de se coçar.

— Você queria?

— Sei lá.

— Conversar?

— Não, eu só...

— Deixe-me olhar para você.

O professor deu alguns passos rápidos e ficou junto de Oskar, estudou o rosto dele e balançou a cabeça. — O.k. Certo.

— O... quê?

— Foi você. — O professor apontou para os olhos de Oskar. — Estou vendo. Suas sobrancelhas estão queimadas. Não, qual é o nome disso mesmo? Embaixo. Cí...

— ...lios?

— Cílios. Isso mesmo. Um pouco ali no cabelo também. Ahã. Se você não quiser que ninguém lo sepa com certeza, entonces você tiene que cortar un poco o cabelo. Los cí...lios crescem rápido. Na segunda-feira estará melhor. Gasolina?

— Álcool.

O professor fez um assobio silencioso e sacudiu a cabeça.

— Muito perigoso. Provavelmente... — O professor tocou a têmpora dele com o dedo. — ... você é um pouco loco. Não muito. Pero un poco. Por que álcool?

— Eu... achei a garrafa.

— Achou? Mas onde?

Oskar levantou os olhos para o rosto do professor; uma pedra úmida, cheia de boa vontade. E ele quis contar. Quis contar tudo. Só não sabia por onde começar. O professor estava esperando. Disse em seguida:

— Brincar com fogo é muito perigoso. Pode virar um costume. Não é um método bom. Atividade física é mucho mejor.

Oskar balançou a cabeça e a vontade desapareceu. O professor era legal, mas não ia entender.

— Agora você vai trocar de roupa e eu vou mostrar umas técnicas com a barra, certo?

O professor se virou para ir ao escritório. Parou do lado de fora da porta.

— E Oskar. Não te quedes preocupado. No voy decir nada se você no quer. Combinado? Podemos hablar más depois do treino.

Oskar mudou de roupa. Quando estava pronto, vieram Patrik e Hasse, dois garotos do 6º ano A. Cumprimentaram Oskar, mas o menino achou que os dois ficaram olhando um pouco demais para ele e, quando entrou no local do treino, ouviu que um começou a cochichar com o outro.

Ele sentiu-se mal. Arrependeu-se de ter vindo. Mas logo depois veio o professor, vestido de camisa e bermudas, e mostrou como ele conseguia levantar melhor a barra se a deixasse descansar na ponta dos dedos e Oskar conseguiu levantar vinte e oito quilos; dois quilos a mais do que na vez passada. O professor anotou o novo recorde em seu livro.

Chegaram mais garotos, entre eles Micke. Ele deu aquele sorriso enigmático, que podia significar tanto dar um presente bonito para alguém no próximo instante como fazer algo terrível com essa mesma pessoa.

Agora valia a última opção, mesmo que o próprio Micke não entendesse a amplitude da coisa.

No caminho para o treino, Jonny correu para alcançá-lo e pediu que Micke fizesse uma coisa, já que Jonny queria fazer uma brincadeirinha com Oskar. Micke achou que não havia nenhum problema. Gostava de brincadeiras. Além disso, toda a sua coleção de figurinhas de hóquei tinha virado cinza na terça-feira à noite, então ele ajudaria com o maior prazer a fazer uma brincadeirinha às custas de Oskar.

Mas, por enquanto, ele estava sorrindo.

O treino continuou. Oskar achou que os outros o olhavam de um jeito esquisito, mas, assim que ele tentava olhar em seus olhos, eles desviavam o olhar. Ele teria preferido ir para casa.

... não... ir...

Ir embora, só isso.

Mas o professor tomava conta dele e o incentivava; não havia jeito de ir embora. Além disso, estar aqui era melhor que estar em casa.

Depois de terminado o treino, Oskar estava tão exausto que nem tinha forças de se sentir mal. Foi para os chuveiros, um pouco depois dos outros, e tomou banho de frente para a parede. Não porque tivesse alguma importância. A gente toma banho pelado de qualquer jeito.

Ficou por um tempo junto da parede de vidro entre o compartimento dos chuveiros e a piscina, abriu com a mão um buraco para enxergar no vidro embaçado, ficou olhando para os outros que pulavam em volta da piscina, um correndo atrás do outro, jogando bolas. E aquilo veio de novo. Não na forma de um pensamento formulado com palavras, mas na forma de um sentimento avassalador:

Eu estou sozinho. Eu estou... totalmente sozinho.

Depois o professor o avistou e acenou para que ele entrasse, se jogasse na água. Oskar desceu bem devagar a escada curta, foi para a beira da piscina e olhou para a água de um azul químico. Não tinha ânimo nem esperança, então foi descendo a escada da piscina, um passo de cada vez, e deixou que a água bem fria o envolvesse.

Micke estava sentado na beira da piscina, sorrindo e acenando com a cabeça para ele. Oskar deu umas braçadas para o outro lado, na direção do professor.

— Ôôô!

Ele viu de soslaio a bola que veio voando um segundo mais tarde. Ela caiu dura na água bem na frente de Oskar e o cloro da piscina respingou em seus olhos. Ardeu tanto que eles lacrimejaram. Esfregou os olhos e, quando olhou para cima, Oskar viu por acaso que o professor olhava para ele com uma expressão de... compaixão?... no rosto.

Ou de desprezo.

Talvez fosse apenas fruto da sua imaginação, mas Oskar bateu na bola, que oscilou bem na frente dele e afundou. Afundou a cabeça na água, o cabelo esvoaçante lhe fazia cócegas nas orelhas. Estendeu os braços ao lado do corpo e ficou boiando com o rosto sob a superfície, o corpo oscilando com a água. Fingiu-se de morto.

Fingiu que podia ficar boiando eternamente.

Nunca mais ia precisar se levantar e encontrar os olhares daqueles que, no final das contas, só lhe desejavam coisas ruins. Ou fingiu que o mundo, quando ele levantasse a cabeça, não existiria mais. Fingiu que havia só ele e uma imensidão azul.

Mas, mesmo com os ouvidos debaixo d'água, podia ouvir o som distante, as batidas do mundo à sua volta e, quando tirou o rosto da água, é claro que o som estava ali; ecoando, gritando.

Micke tinha saído do lugar onde estava na beira da piscina e os outros estavam ocupados com uma espécie de voleibol. A bola branca voou no ar, bem nítida contra o negro das janelas foscas no fundo. Oskar foi remando com as mãos para um canto na parte mais funda da piscina e ficou ali apenas com o nariz fora d'água, olhando.

Micke veio rapidamente dos chuveiros na outra ponta do salão e exclamou: — Professor! O telefone está tocando na sua sala!

O professor resmungou alguma coisa e contornou com passadas firmes e largas a beira da piscina.

Acenou com a cabeça para Micke e desapareceu no vestiário. A última coisa que Oskar viu do professor foi uma silhueta vaga por trás do vidro embaçado.

Depois ele sumiu.

Assim que Micke deixou o vestiário, eles assumiram suas posições.

Jonny e Jimmy entraram discretamente na sala de ginástica; Roger e Prebbe ficaram encolhidos na parede ao lado do batente da porta. Eles ouviram o chamado de Micke lá dentro da piscina e ficaram preparados.

Passos macios de pés descalços que se aproximavam e passaram pela sala de ginástica e, alguns segundos mais tarde, o professor Ávila veio pela porta do vestiário e foi para a secretaria. Prebbe já enrolara na mão duas meias brancas cheias de moedinhas para ter mais firmeza. Quando Ávila

chegou à porta, de costas para ele, Prebbe deu um passo à frente e brandiu o peso em direção à nuca do professor.

Prebbe não era muito ágil e o professor deve ter ouvido alguma coisa. Enquanto ele ainda girava a meia, o professor virou a cabeça de lado e, em vez da nuca, o golpe acabou aterrissando acima da orelha dele. Mesmo assim, surtiu o efeito desejado. O professor foi atirado um pouco torto para a frente, bateu a cabeça no batente da porta e caiu mole no chão.

Prebbe sentou-se em cima do peito dele e enrolou o bolo pesado de moedas na palma da mão para poder dar uma pancada mais certa se assim fosse necessário. Parecia não ser o caso. Os braços do professor tremeram um pouco, mas ele não fez nenhuma menção de oferecer resistência. Prebbe não achava que ele estava morto. Não parecia que estava.

Roger se aproximou para ver o corpo caído como se nunca tivesse visto algo semelhante.

— Ele é turco, não é?

— Sei lá. Apanhe as chaves.

Enquanto Roger remexia na bermuda do professor para pegar as chaves, viu que Jonny e Jimmy tinham saído da sala de ginástica e foram para a piscina. Achou as chaves e experimentou uma a uma na porta da secretaria, olhando de esguelha para o professor.

— Parece um macaco de tanto cabelo que tem. Aposto que é turco.

— Ande logo.

Roger fez um muxoxo e continuou testando as chaves.

— Só estou falando isso por sua causa. A gente se sente um pouco melhor se...

— Esqueça isso agora. Ande logo.

Roger achou a chave certa e abriu a porta. Antes de entrar, apontou para o professor e disse:

— Você não devia ficar sentado nele desse jeito. Assim o cara não consegue respirar.

Prebbe saiu de cima do peito do outro e sentou-se ao lado do corpo caído com o peso a postos, caso Ávila fosse tentar alguma coisa.

Roger revirou os bolsos do casaco que encontrou na secretaria e achou uma carteira com trezentas coroas dentro. Numa gaveta da escrivaninha, cuja chave ele achara depois de procurar um pouco, havia dez cupons novos de tíquetes de metrô. Ele os apanhou também.

Nada que enchesse os olhos. Mas não se tratava disso. Mera troca de favores.

Oskar ainda estava no canto da piscina fazendo bolhas na água quando Jonny e Jimmy apareceram. Sua primeira reação não foi de medo, mas indignação.

É que eles estavam de roupa, casaco e tudo o mais.

É, não tinham tirado nem os sapatos, e o professor, que era tão severo com essas coisas...

Quando Jimmy foi para a beira da piscina e começou a reconhecer o terreno, então veio o medo. Encontrara Jimmy algumas vezes, só superficialmente, e já naquelas vezes Oskar achou que ele dava medo. Agora, além disso, havia alguma coisa com os seus olhos... o jeito como mexia a cabeça...

Como Tommy e aqueles caras quando...

Seus olhos se cruzaram e Oskar se deu conta, com um arrepio, de que estava... nu.

Jimmy estava com roupas, couraças. Oskar estava sentado na água fria e cada centímetro da sua pele estava exposto. Jimmy acenou com a cabeça para Jonny, fez um semicírculo com a mão e eles começaram a andar, um de cada lado da piscina, em direção a Oskar. Enquanto andava, Jimmy gritou para os outros:

— Fora daqui! Todo mundo! Saiam da água!

Os outros estavam parados ou batendo os pés na água, indecisos. Jimmy ficou na beira da piscina, tirou do bolso da jaqueta um canivete, abriu-o e

apontou-o como se fosse uma flecha para o ajuntamento de meninos. Deu uma investida com o canivete na direção da beira da piscina no outro lado.

Oskar estava sentado encolhido no canto, olhando congelado enquanto os outros meninos nadavam ou atravessavam rápido para o outro canto, deixando-o sozinho na piscina.

O professor... onde está o professor...

A mão de alguém segurou seu cabelo. Os dedos se entrelaçaram tanto no cabelo que fez arder o couro cabeludo; sua cabeça foi puxada para trás até o canto da piscina. No alto, ele ouviu a voz de Jonny.

— Aquele ali é meu irmão. Seu filho da puta.

A cabeça de Oskar foi puxada para trás algumas vezes e a água respingou no seu ouvido enquanto Jimmy foi para o canto da piscina e se agachou com o canivete na mão.

— Olá, Oskar.

Mergulharam a cabeça de Oskar e ele começou a tossir. Cada vez que a cabeça sacudia com a tosse o couro cabeludo ardia, no lugar onde os dedos de Jonny seguravam com mais força seu cabelo. Quando a tosse acabou, Jimmy fez a lâmina do canivete tilintar no ladrilho da beira da piscina.

— Oskar, eu pensei numa coisa. Que a gente podia fazer uma competiçãozinha. Fique bem quieto...

O canivete passou bem rente à testa de Oskar na hora em que Jimmy entregou a faca para Jonny e segurou seu cabelo no lugar do irmão. Oskar não ousava fazer nada. Ele tinha olhado durante alguns segundos nos olhos de Jimmy e eles pareciam totalmente loucos. Tão cheios de ódio que nem dava para olhá-los.

A cabeça de Oskar estava pressionada no canto da piscina. Seus braços se debatiam sem força na água. Não havia nada em que se segurar. Ele procurou os outros meninos. Todos estavam em pé na lateral da piscina, Micke era o mais afastado, ainda com aquele sorrisinho, na expectativa. Os outros pareciam estar com medo.

Ninguém ia ajudá-lo.

— Bem, é assim... é bem simples, o.k.? As regras são simples. Você vai ficar debaixo d'água... durante cinco minutos. Se você conseguir, então a gente só faz um arranhão em sua bochecha ou algo desse tipo. Só vai ser uma lembrancinha. Se você não conseguir, então... bem, quando você sair da água, eu furo um olho seu. Combinado? Entendeu as regras?

Oskar conseguiu tirar a boca da água. Golfadas de água saíram dos lábios quando ele disse com a voz entrecortada:

— ... não dá...

Jimmy sacudiu a cabeça.

— O problema é *seu*. Está vendo o relógio ali? Daqui a vinte segundos a gente vai começar. Cinco minutos. Ou o olho. Aproveite para respirar desde agora. Dez... nove... oito... sete...

Oskar tentou se projetar à frente usando os pés, mas precisava ficar na ponta dos pés para pelo menos conseguir permanecer com a cabeça inteira fora d'água e a mão de Jimmy segurava firmemente seu cabelo, impossibilitando todos os seus movimentos.

Se eu conseguir soltar o cabelo... cinco minutos...

Quando ele fizera sozinho, tinha conseguido três, no máximo. Quase.

— Seis... cinco... quatro... três...

O professor. O professor vai chegar antes de...

— Dois... um... zero!

Oskar só teve tempo de encher um pouco o pulmão de ar antes de a cabeça ser mergulhada. Perdeu o apoio dos pés e a parte inferior do corpo foi flutuando devagar para cima até ele ficar deitado com cabeça curvada no peito uns dez, vinte centímetros debaixo d'água, a pele da sua cabeça ardeu que nem fogo quando a água com cloro entrou nas feridas e fissuras do couro cabeludo.

Não devia ter passado mais de um minuto quando veio o pânico.

Arregalou os olhos e viu tudo azul-claro... véus de rosa que deslizavam da cabeça e passavam por seus olhos quando ele tentou resistir contraindo o corpo, embora não fosse possível, pois não havia nada em que pudesse se

segurar. Suas pernas se debatiam lá em cima na superfície e o azul-claro na frente dos olhos ficou encrespado, quebrou-se em ondas de luz.

Bolhas saíam da boca de Oskar e ele abriu os braços, ficou flutuando de costas e os olhos foram atraídos pelo branco, pelos raios oscilantes da luz fluorescente no teto. O coração pulsava igual a quando se cola a mão numa janela de vidro e, quando aconteceu de a água entrar por seu nariz, uma espécie de calma foi se espalhando pelo corpo. Mas o coração bateu mais forte, mais insistente, queria viver, e ele se debateu de novo desesperadamente, tentou segurar alguma coisa onde não havia nada em que se segurar.

E a cabeça foi empurrada mais fundo. E estranhamente ele pensou:

Melhor isso. Do que o olho.

Depois de dois minutos, Micke começou a se sentir mal com aquilo.

É que parecia que... que eles iam mesmo... Olhou ao redor para os outros garotos, mas ninguém parecia disposto a fazer alguma coisa e ele mesmo só falou meio para dentro:

— Jonny... mas que diabos...

Mas Jonny pareceu não ouvir o que ele disse. Estava totalmente imóvel, de joelhos na beira da piscina com a ponta do canivete virada para a água, para a forma branca e quebrada que se mexia lá embaixo.

Micke olhou para o compartimento dos chuveiros. Por que o professor não aparecia? Patrik tinha corrido para buscá-lo, por que ele não vinha? Micke se afastou ainda mais para o canto, junto da porta de vidro escura que dava para a noite, e cruzou os braços no peito.

De soslaio, ele achou que viu alguma coisa cair do teto lá fora. Alguém começou a socar tanto a porta de vidro que ela tremeu nos alicerces.

Ele ficou na ponta dos pés, espiou pela janela de vidro comum que estava lá no alto e viu uma garotinha. A menina levantou o rosto para ele.

— Diga “Entre”!

— O... quê?

Micke voltou a olhar para o que estava acontecendo na piscina. O corpo de Oskar tinha parado de se mexer, mas Jimmy ainda estava agachado na beira da piscina, empurrando na água a cabeça do outro. A garganta de Micke doeu quando ele engoliu a saliva.

Qualquer coisa. Contanto que isso acabe.

Socos na porta de vidro de novo, agora mais fortes. Ele olhou lá fora na escuridão. Quando a menina abriu a boca e gritou para ele, ele viu... que os dentes dela... e que alguma coisa pendia dos seus braços.

— Diga que eu posso entrar!

Qualquer coisa.

Micke balançou a cabeça e disse num tom quase inaudível:

— Pode entrar.

A menina se afastou da porta e desapareceu no escuro. Aquilo que pendia dos seus braços cintilou e ela desapareceu. Micke se virou de novo para a piscina. Jimmy tinha tirado a cabeça de Oskar da água e pegado de volta o canivete de Jonny. Desceu a faca na direção do rosto de Oskar e fez pontaria.

Uma mancha clara surgiu na janela escura do meio e, um milésimo de segundo mais tarde, a janela se estilhaçou.

O vidro de segurança se quebrou como se fosse vidro comum. Explodiu em centenas de fragmentos minúsculos arredondados que caíram tilintando na beira da piscina, voaram para o corredor, caíram na água, brilhavam como uma miríade de estrelas brancas.

Epílogo

Sexta-feira, 13 de novembro

Sexta-feira, 13 de...

Gunnar Holmberg estava na sala vazia da direção da escola, tentando organizar seus apontamentos. Passara o dia inteiro na escola de Blackeberg; olhara o local do crime, conversara com os alunos. Dois técnicos do centro e um perito em manchas de sangue do Laboratório Nacional de Ciência Forense ainda estavam trabalhando com a preservação dos vestígios lá na piscina.

Dois jovens tinham sido assassinados lá na noite anterior. Um terceiro... estava desaparecido.

Ele também falara com Marie-Louise, a professora responsável pela turma. Holmberg chegou à conclusão de que o menino que estava desaparecido, Oskar Eriksson, era o menino que levantara a mão e respondera à sua pergunta sobre heroína três semanas atrás. Gunnar se lembrava dele.

Bem, é que... eu leio muito, só isso.

Também lembrou que tinha achado que o menino seria o primeiro a sair para dar uma olhada na viatura. Então talvez ele levasse o menino para dar uma volta. Se possível, teria fortalecido um pouco sua autoestima. Mas o garoto não tinha aparecido.

E agora ele estava sumido.

Gunnar passou os olhos pelos apontamentos das conversas com os garotos que se encontravam na piscina na noite anterior. No geral, não havia discordâncias no testemunho deles e uma palavra aparecia o tempo todo: anjo.

Um anjo buscara Oskar Eriksson.

O mesmo anjo que, segundo os testemunhos, tinha arrancado as cabeças de Jonny e de Jimmy Forsberg e as deixado no fundo da piscina.

Quando Gunnar contou isso do anjo para o homem que fotografara com câmara de mergulho as duas cabeças no lugar em que foram encontradas, o fotógrafo da polícia dissera: “Muito improvável que seja um anjo celeste”.

É...

Olhou lá fora da janela, tentou achar uma explicação plausível.

Lá no pátio, a bandeira da escola oscilava a meio pau.

Dois psicólogos estiveram presentes durante as conversas com os meninos da piscina, já que vários deles mostraram sinais preocupantes ao falar do que tinha acontecido de um modo demasiado trivial, como se fosse um filme, alguma coisa que não ocorrera de verdade. E bem que era nisso que a gente queria acreditar.

O grande problema era que o perito em manchas de sangue tinha de certa forma confirmado o que os meninos disseram.

O sangue fizera percursos, deixara vestígios em lugares (teto, vigas do teto) que davam a impressão imediata que aquilo tudo tinha sido feito por alguma coisa que... voava. Era isso que eles tentavam esclarecer agora. Ou negar.

Mas certamente eles conseguiriam.

O professor dos meninos estava na **uti** com uma concussão cerebral grave e poderia ser interrogado a partir do dia seguinte. Nada indicava que ele fosse dizer algo novo.

Gunnar apertava tanto as têmporas que seus olhos ficaram puxados. Olhou para os apontamentos.

“anjo... asas... a cabeça arreventou... o canivete... tentou afogar Oskar... Oskar já estava azul... uns dentes iguais a dentes de leão... buscou Oskar...”

E a única coisa que ele conseguiu pensar foi:

Eu devia viajar para longe daqui.

— Essa aí é sua?

Steffan Larsson, fiscal de trem no trecho Estocolmo-Karlstad, apontou para a mala na prateleira de bagagens. Não se via mais um desses hoje em dia. Um genuíno... baú.

O menino na cabine balançou a cabeça e mostrou o bilhete de trem. Steffan furou a passagem.

— Alguém vai buscar você?

O menino sacudiu a cabeça.

— Não é tão pesado quanto parece.

— Não, é claro. Sem querer me intrometer, o que tem nela?

— Um pouco de tudo.

Steffan consultou o relógio e furou o ar com o alicate de furar bilhete.

— Já será noite quando a gente chegar.

— Ahã.

— E as caixas. Elas também são suas?

— São.

— Eu não estou querendo... Mas como é que você...

— Eu vou ter ajuda. Depois.

— Sei. Então tudo bem. Boa viagem.

— Obrigado.

Steffan fechou a porta da cabine e seguiu para a próxima. Parece que o menino ia se arranjar. Se ele próprio tivesse tanta coisa para carregar, não teria uma cara tão *alegre* assim quanto a dele.

Mas bem que é diferente quando se é jovem.

Se alguém for verificar as condições climáticas do mês de novembro de 1981, vai descobrir que foi um inverno bem mais brando que o normal. Tomei a liberdade de baixar mais um pouco a temperatura.

De resto, tudo o que está no livro é verdade, mesmo que tenha acontecido de outra forma.

Também gostaria de agradecer a algumas pessoas.

Eva Månsson, Michael Rübshagen, Kristoffer Sjögren e Emma Berntsson leram a primeira versão e fizeram comentários que foram valiosos.

Jan-Olof Wesström leu e não fez nenhum comentário. Mas ele é meu melhor amigo.

Aron Haglund leu e gostou tanto da história que fiquei com coragem de mandá-la para uma editora. Muito obrigado.

Agradeço também aos funcionários da Biblioteca de Vingåker que, pacientes e gentis, procuraram e pediram obras incomuns de que precisei enquanto escrevia o livro. Uma biblioteca pequena com um coração enorme.

E naturalmente: agradeço a Mia, minha esposa, que ouviu minha leitura do texto em voz alta enquanto ele estava sendo elaborado, incentivou-me a mudar o que estava uma porcaria e a desenvolver o que estava bom. Não ousei mencionar as cenas que ainda estariam no livro, se não fosse por ela.

A todos, obrigado.

John Ajvide Lindqvist

- [1] Documentário sueco de 1979 dirigido por Stefan Jarl. É a segunda parte de uma trilogia que acompanha a trajetória de Kenta e Stoffe, boêmios e usuários de drogas. Uma das cenas de *Ett anständigt liv* (Uma vida digna) foi filmada em Blackeberg. (N. T.)
- [2] Hino religioso escrito em 1906 por Paul Nilsson. “Veja, subimos para Jerusalém”, em português. (N. T.)
- [3] “Oi, luzinha do sol que pela janela da minha casa entra...” (N. T.)
- [4] “Um dia eu também quis ser grande e tão ajuizado quanto o pai e a mãe.” Canção ensinada nas aulas de catequese aos domingos. (N. T.)
- [5] Também conhecido como cubo mágico.
- [6] A piada se refere a um escândalo nos anos 1980 na Suécia com um empresário do ramo do petróleo chamado Malmberg Finns, que enganou a prefeitura de Växjö numa negociação de barris de petróleo. O sobrenome *Finns* tem a mesma grafia do verbo existir em sueco – *finns*. No original: “*Var finns oljan?, Var oljan Finns?*”. (N. T.)
- [7] *Bamse* é uma série de revistas em quadrinhos infantis muito conhecida na Suécia. (N. T.)
- [8] Música famosa de Evert Taube. (N. T.)
- [9] Mais um verso da música de Evert Taube. (N. T.)
- [10] “Väst” significa “oeste” em sueco, Västerort é o nome da região que fica a oeste em Estocolmo. (N. T.)
- [11] Verso da música “Fritiof Anderssons Paradmarsch”. (N. T.)
- [12] Romance policial de 1971 da autora sueca Maj Sjöwall.
- [13] “Hej” em sueco significa “oi”. (N. T.)
- [14] Referência à série educativa *Fem myror är fler än fyra elefanter*, muito popular na Suécia, principalmente nos anos 1970. (N. T.)
- [15] Programa infantil da televisão sueca. “O menino com as calças de ouro” (em português) conta a história de um garoto que descobre que pode tirar dinheiro dos bolsos das calças. (N. T.)